

BESTSELLER INTERNACIONAL

OS ILUMINATI

A HISTÓRIA DA SOCIEDADE SECRETA
MAIS PODEROSA DO MUNDO



A ideia de que um pequeno grupo de indivíduos
controla o mundo da política, das finanças e do comércio
a nível mundial é altamente sinistra.

Mas... e se for verdade?

JIM MARRS

«UM LIVRO FASCINANTE E INCRIVELMENTE BEM DOCUMENTADO!» AMAZON

alma
dos
livros

BESTSELLER INTERNACIONAL

OS ILUMINATI

A HISTÓRIA DA SOCIEDADE SECRETA
MAIS PODEROSA DO MUNDO



A ideia de que um pequeno grupo de indivíduos
controla o mundo da política, das finanças e do comércio
a nível mundial é altamente sinistra.
Mas... e se for verdade?

JIM MARRS

«UM LIVRO FASCINANTE E INCRIVELMENTE BEM DOCUMENTADO!» AMAZON

alma
livros

JIM MARRS

OS ILLUMINATI

alma
dos livros

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt

© 2020

Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros

Copyright © 2017 Visible Ink Press®

Título: *Os Illuminati*

Título original: *The Illuminati – The Secret Society that Hijacked the World*

Autor: Jim Marrs

Tradução: Francisco Silva Pereira

Revisão: Sónia Lopes

Paginação: Ana Seromenho

Capa: Vera Braga / Alma dos Livros

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-8999-46-7

1.^a edição em papel: setembro de 2020

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na Lei.

INTRODUÇÃO

Hesitante, o candidato avançava pelo longo e escuro corredor. Era o dia da sua iniciação e tanto o medo como a expectativa faziam-lhe despontar o suor na testa. A sua ansiedade não parara de aumentar à medida que se entranhava no imenso castelo medieval, com as suas características quatro torres e fosso circundante.

Ao entrar num imenso salão coberto de panos negros, descobriu que os elaborados candelabros estavam apagados. Sob a fraca luz dos candeeiros ao longo das paredes, apenas conseguia discernir o que pareciam ser cadáveres envoltos em mortalhas. Mas eles moviam-se. Em silêncio. Deixando um cheiro desagradável no ar.

No centro do salão escuro era visível um misterioso altar atarracado, feito de esqueletos humanos. O candidato encolheu-se quando duas das figuras amortalhadas se aproximaram dele e lhe amarraram na testa uma fita cor-de-rosa manchada de sangue. Penduraram-lhe um crucifixo e um amuleto à volta do pescoço. Retiraram-lhe a roupa e, no corpo nu, pintaram-lhe cruces com sangue. Ele estremeceu, sem se atrever a mexer-se, quando os seus órgãos genitais foram amarrados com um cordel.

Cinco outras figuras amortalhadas aproximaram-se, manchadas de sangue e a murmurar de modo incoerente. Prostraram-se em súplica, como que em oração. Surgiu uma luz repentina quando uma pira funerária foi acesa. De olhos arregalados, o candidato viu as suas roupas serem lançadas para o fogo. Enquanto a pira ardia, um grande vulto pareceu surgir das chamas. A voz estrondosa de um iniciador sacerdotal fez-se ouvir. Baixa, mas distintamente. Com grande autoridade. O iniciado não conseguiu determinar a sua origem, mas deu por si a repetir as palavras do juramento:

Em nome do crucificado, juro romper todos os vínculos que me unem a mãe, irmãos, irmãs, mulher, parentes, amigos, amante, reis, superiores, benfeitores ou qualquer outro homem a quem prometi fé, serviço ou obediência;

Nomeio o lugar em que nasci. Doravante, vivo noutra dimensão, que não

alcançarei até que renuncie ao globo do mal que foi amaldiçoado pelo Céu;

De agora em diante, revelarei ao meu novo chefe tudo o que ouvi ou descobri; e também procurarei e observarei coisas que de outra forma me poderiam ter escapado;

Honro a *aqua tofana* [um veneno desenvolvido por Giulia Tofana, executada em Roma em 1659 por matar os maridos de mulheres vítimas de abuso]: é um meio rápido e essencial de eliminar desta Terra, por meio da morte ou da privação do seu juízo, aqueles que se opõem à verdade e aqueles que tentam tirá-la das nossas mãos;

Evitarei Espanha, Nápoles e todas as outras terras amaldiçoadas e evitarei a tentação de trair o que agora escutei;

O raio não será tão rápido como a adaga que me atingirá, onde quer que eu esteja, se eu trair a minha iniciação.

Em seguida, um candelabro de sete braços, com sete velas negras, foi colocado diante do candidato, juntamente com uma tigela que continha sangue humano. O candidato lavou-se no sangue e chegou mesmo a beber uma parte dele. O cordel ao redor dos seus órgãos genitais foi retirado e ele foi colocado numa banheira para se sujeitar a uma ablução total, após o que lhe foi servida uma refeição de legumes de raiz.

Assim era descrita uma cerimónia de iniciação dos Illuminati no Château d'Ernonville, perto de Paris, num livro de 1789 intitulado *Essai sur la Secte des Illuminés* (Ensaio sobre a Seita dos Illuminati), de Jean-Pierre-Louis de Luchet.

Para uma aproximação visual a estes ritos sob um ponto de vista mais moderno e erótico, o leitor poderá ver o controverso filme de Stanley Kubrick *De Olhos Bem Fechados*. De particular interesse é o facto de este ter sido o último filme do realizador (morreu em 1999, antes do seu lançamento) e filmado em Mentmore Towers, um edifício construído nos arredores de Londres entre 1852 e 1854 como casa de verão de um empresário inglês, o barão Mayer de Rothschild. Muitos acreditam que os rituais sensuais representados refletem acontecimentos reais que têm lugar no seio dos Illuminati de hoje. Se a assustadora iniciação acima descrita parecer estranha e antiquada, pensemos nos escassos pormenores tornados públicos sobre a Ordem do Capítulo 322 da sociedade secreta Skull and Bones no *campus* da Universidade de Yale, que tem iniciado membros de um grupo nuclear com cerca de vinte e cinco famílias daquele a que foi

chamado o «Eastern Establishment liberal»¹. Incluem-se aqui nomes tão conhecidos como Harriman, Rockefeller, Payne, Davison, Whitney, Lord, Phelps, Wadsworth, Allen, Bundy, Adams e Bush. Consta que os iniciados jazem nus num caixão a masturbar-se enquanto revelam aos restantes membros os pormenores mais íntimos das suas proezas sexuais. Falaremos mais tarde sobre esta ordem.

A Ordem foi levada da Alemanha para Yale em 1832. Será que a Skull and Bones é uma moderna encarnação dos infames Illuminati da Baviera, que tiveram uma influência tão duradoura até aos dias de hoje?

«Escreva “Illuminati” num motor de busca da Internet e acabará com um conjunto de resultados impossível, demasiado numerosos e contraditórios para lhe serem de qualquer utilidade», observava o autor William H. McIlhany, que, depois de pesquisas no Museu Britânico e em Ingolstadt, Alemanha, escreveu uma «introdução» aos Illuminati para a revista *The New American*. «Uma busca em Ask.com gera 1,4 milhões de entradas, enquanto a mesma busca no Google produz 12 milhões e, no Yahoo!, resulta em 33 milhões! Uma pequena percentagem destes resultados refere-se a documentos históricos genuínos e investigações fiáveis de estudiosos respeitáveis, mas a maioria, infelizmente, não passa de ficção fantasiosa (dos géneros ficção científica ou aventura-mistério-ação) ou de informação errónea e desinformação intencional, sob a capa de factos e de erudição séria.»

Então, o que são exactamente os Illuminati?

Muitos investigadores e peritos da Internet continuam a encarar os lendários Illuminati da mesma forma que Robert Kiyosaki, o empresário e consultor financeiro estado-unidense, autor de *Rich Dad, Poor Dad*, que os descreve da seguinte forma:

Os Illuminati começaram como uma sociedade secreta sob a direcção de padres jesuítas. Mais tarde, um conselho de cinco homens, um por cada uma das pontas do pentagrama, formou aquilo a que se chamou Os Antigos e Iluminados Videntes da Baviera. Eram maçons luciferianos de alta ordem, completamente imersos no

misticismo e nas disciplinas mentais orientais, que procuravam desenvolver os superpoderes da mente. O seu alegado plano e objetivo é o domínio do mundo para o seu senhor — o caído Lúcifer. Os Illuminati são alegadamente a principal força motivacional que tenta impor uma governação global, uma religião unimundial e o controlo centralizado dos sistemas económicos do mundo. Organizações como as Nações Unidas, o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial e o Tribunal Penal Internacional são vistas como tentáculos dos Illuminati. Estes últimos são a força motriz por trás da lavagem ao cérebro das massas irracionais, de um controlo mental flagrante, da manipulação de crenças, da estupidificação científica da sociedade, do envenenamento químico dos alimentos, da água e do ar (cancros mundialmente conhecidos como os sais de alumínio, o aspartame, o fluoreto de sódio, a melamina, etc.); além disso, consta que os Illuminati detêm o controlo total dos média convencionais do mundo moderno, de todas as informações, todos os alimentos, todo o dinheiro, da maioria das forças militares do mundo. Os principais veículos dos Illuminati são os grandes bancos e a manipulação de todo o dinheiro e riqueza do planeta. Os Illuminati têm um conselho privado de elite, delegados ligados entre si que controlam os principais bancos do mundo. Criam inflações, recessões, depressões e manipulam os mercados mundiais, apoiando certos líderes e golpes de estado e sabotando outros para alcançar os seus objetivos. O propósito por trás da conspiração dos Illuminati passa por criar e depois gerir crises que convençam as massas de que o globalismo, com o seu controlo económico centralizado e ética religiosa unimundial, é a solução necessária para os problemas do mundo. Esta estrutura, geralmente conhecida como A Nova Ordem Mundial, será, obviamente, governada pelos Illuminati. Existem muitas profecias do fim dos tempos na Bíblia que são interpretadas pela maioria como apontando para um governo, sistema monetário e religião unimundiais. Muitos intérpretes das profecias bíblicas veem esta «Nova Ordem Mundial» como sendo controlada pelo Anticristo, o falso Messias do fim dos tempos. Todavia, todos os que acreditam em Cristo devem lembrar-se disto: Deus permitiu soberanamente todos estes desenvolvimentos, e eles fazem parte do Seu plano geral. É Deus quem controla, não os Illuminati.

Mas será que é realmente tudo isto?

Muitos não acreditam que os Illuminati fossem mais do que uns quantos intelectuais setecentistas a divertir-se com uma sociedade secreta só sua. Os céticos, como o jornalista britânico David Aaronovitch, autor de *Voodoo Histories: The Role of the Conspiracy Theory in Shaping Modern History*, escreveram que estas crenças numa conspiração mundial abrangente são «formuladas pelos politicamente derrotados e assumidas pelos socialmente derrotados». Por outras palavras, pelos falhados.

«Os Illuminati tornaram-se uma pedra de toque para todos os tarados pseudo-históricos, delirantes, direitistas, fundamentalistas, adeptos de milícias, e o termo é atualmente usado como sinónimo de toda uma variedade de fanatismo antissemita, racista, homofóbico e desagradável, mas isto simplesmente revela a pobreza intelectual do paranoico movimento da conspiração», proclamava o autor Joel Levy no seu pequeno volume de 2012 *The Little Book of Secret Societies: 50 of the World's Most Notorious Organizations and How to Join Them*. Levy, todavia, poderá não ter andado longe da verdade quando acrescentou: «Na realidade, os Illuminati da Baviera foram um grupo de curta duração, de pouca importância em termos práticos, embora as suas ideias e objetivos [...] possam ter exercido uma importante influência nos subsequentes desenvolvimentos intelectuais e sociais.»

A New England Skeptical Society (NESS) também encara os Illuminati como meros sonhos febris de reacionários obcecados com conspirações. Segundo esta sociedade: «Na mente paranoica, os Illuminati alcançaram os seus objetivos e encontram-se agora infiltrados em todos os governos e em todos os aspetos da sociedade. São responsáveis por todo o mal e por toda a injustiça que possa ocorrer seja onde for; o facto de não ser possível encontrar absolutamente nenhuma prova da sua existência apenas serve para os tornar mais fortes e assustadores. Eles são o demónio no armário e provavelmente nunca hão de desaparecer do mundo de fantasia paranoica dos direitistas defensores da teoria da conspiração.»

Num artigo para a NESS, o Dr. Steven Novella explicava que as teorias da conspiração existem porque «os seres humanos possuem uma bem documentada propensão para o reconhecimento de padrões. Procuramos padrões como uma forma de entender o mundo complexo que nos rodeia. Às vezes, vemos padrões que não existem. O ser humano possui igualmente uma paranoia natural e evolutivamente adaptativa».

Ele revela-se como um empenhado desmistificador da conspiração ao admitir que «uma sondagem do *New York Times* em 1992

[mostrava que] 77% dos americanos têm a crença claramente errada de que o assassinio de JFK foi fruto de uma conspiração». Segundo ele, «O homicídio de JFK teve consequências enormes; como tal, não pode ter sido o ato insano de um louco solitário. Deve ter tido uma causa igualmente enorme — uma conspiração. A maneira mais elegante de ver as coisas é que simplesmente vivemos num mundo maluco e, por vezes, as coisas acontecem».

Novella esqueceu-se de referir que uma sondagem da Gallup Poll realizada em 2003 indicava que 75% dos inquiridos ainda acreditam que a morte de Kennedy envolveu mais do que um indivíduo solitário. Hoje em dia, a maioria das pessoas reconhece a existência de uma conspiração naquela tragédia. A maior parte da sociedade estadunidense atual nunca ouviu falar dos Illuminati, exceto por meio dos média de entretenimento, e esta maioria não está minimamente interessada. Os suficientemente instruídos para já terem lido alguma coisa sobre os Illuminati enquadram-se de um modo geral em duas categorias distintas: na primeira estão aqueles que, como o Dr. Novella, se apegam a uma teoria da coincidência histórica. Argumentam que nada é planeado, as coisas más acontecem e, de um modo geral, não são mais do que o resultado de um mau planeamento, de ganância ou má-fé.

Quem acredita em coincidências é o historiador Mitch Horowitz, que se descreve a si mesmo como um estudante de longa data da espiritualidade esotérica e do oculto, e escreveu no início de 2016 sobre os teóricos da conspiração. Segundo ele: «Em vez de procurar políticas grosseiramente deficientes, governação negligente e repressiva, guerras fúteis e horríveis e incompetência administrativa, eles procuraram uma resposta mais fácil na existência de uma “mão oculta” — anti-igreja, antimonárquica e de alcance transnacional. Os defensores da teoria da conspiração tiveram poucas dificuldades em associar esta visão a antigas posturas antisemitas e xenófobas.

[...] Permitam-me que seja claro: A concentração de riqueza e de poder no mundo de hoje resulta de políticas corrompidas e de uma falta de responsabilização e de transparência — não de linhagens de

riqueza, cabalas clandestinas ou clubes secretos, um tema que nos leva necessariamente a muitos lugares escuros e a nenhum progresso político.»

Concluía deste modo: «Não, Virginia, as sociedades secretas não governam o mundo. A política fraudulenta e a apatia dos cidadãos são a causa dos nossos dilemas atuais. Não precisamos de desmascarar elites de capa e espada: precisamos de um público que exija uma responsabilização e que compreenda onde se encontram os verdadeiros problemas.»

A argumentação de Horowitz é muito bonita, mas um exame atento à segunda categoria daqueles que já ouviram falar sobre os Illuminati — aqueles que defendem a ideia de que o mundo está a ser rigidamente controlado por um punhado de poderosas personagens — não pode ser descartado com tanta ligeireza se tivermos em consideração um estudo realizado em 2011 na Suíça, que confirmou os piores receios dos teóricos da conspiração.

A ideia de que um pequeno grupo internacional de indivíduos interligados pode controlar o mundo das finanças e do comércio foi confirmada por cientistas do Instituto Federal Suíço de Tecnologia de Zurique. Combinando a matemática usada para a modelação de sistemas naturais com dados corporativos abrangentes, identificaram os proprietários de quarenta e três mil empresas transnacionais. Partindo de uma base de dados com 37 milhões de empresas e investidores, a equipa suíça construiu um modelo de quais empresas controlavam outras por meio de redes de participações, juntamente com as receitas operacionais de cada empresa, para assim mapear a estrutura do poder económico.

Na análise dos relacionamentos entre estas empresas transnacionais, a equipa identificou um grupo relativamente pequeno de empresas — principalmente bancos — com um controlo centralizado sem precedentes sobre a economia global.

O estudo suíço, publicado na edição de 19 de outubro de 2011 da *New Scientist*, revelava «um núcleo de 1318 empresas de propriedade interligada. Cada uma dessas empresas tinha vínculos

com duas ou mais empresas e, em média, estava ligada a 20. Além disso, embora representassem 20% da receita operacional global, estas 1318 pareciam possuir coletivamente, por meio das suas ações, a maioria das grandes empresas mundiais de alto rendimento e produção — a economia “real” —, representando outros 60% da receita global».

Um dos autores do estudo, o Dr. James B. Glattfelder, afirmava: «Quando a equipa desenredou ainda mais a rede de propriedade, descobriu que grande parte dela ia dar a uma “superentidade” constituída por 147 empresas ainda mais interligadas — nas quais toda a propriedade era detida por outros membros da superentidade — que controlavam 40% da riqueza total da rede. Efetivamente, menos de 1% das empresas conseguiam controlar 40% de toda a rede.» Os investigadores suíços limitaram o seu estudo apenas às empresas e nunca procuraram determinar as relações familiares, sociais, comerciais e de sociedades secretas entre proprietários e acionistas.

Glattfelder acrescentava: «A realidade é tão complexa que temos de nos afastar dos dogmas, sejam eles as teorias da conspiração ou o mercado livre. A nossa análise é baseada na realidade.»

A História tende a apoiar a visão conspiratória. Basta olhar para os acontecimentos mundiais e nacionais e colocá-los num contexto histórico para ver os sinais reveladores da conspiração. Um número crescente de indivíduos vê atualmente a história humana como uma longa série de conspirações. Os acidentes acontecem constantemente. Os aviões caem, os carros chocam ou despistam-se, os navios afundam-se e há quem caia de uma escada. Mas, se uma ação não pode ser atribuída a um acidente ou a uma catástrofe natural, então, alguém a planeou. É uma conspiração. O presidente Franklin D. Roosevelt observou certa vez: «Na política, nada acontece por acaso. Se acontece, podemos apostar que foi planeado dessa maneira.»

Outras figuras mundiais têm dado a sua opinião quanto às conspirações. Em 1856, o primeiro-ministro britânico Benjamin

Disraeli dizia à Câmara dos Comuns: «É inútil negar, porque é impossível ocultar, que grande parte da Europa — toda a Itália e França e uma grande parte da [então fragmentada] Alemanha, para não falar de outros países — se encontra coberta por uma rede dessas sociedades secretas. [...] E quais são os seus objetivos? Elas não tentam escondê-los. Elas não querem um governo constitucional [...] querem mudar a posse da terra, expulsar os atuais proprietários da mesma e acabar com os estabelecimentos eclesiásticos [igrejas].»

«Os acontecimentos mundiais não ocorrem por acaso ou acidente. São provocados, por motivos nacionais ou comerciais; e a maioria deles é encenada e gerida por quem segura os cordões da bolsa», explicava Denis Healey, ministro do Partido Trabalhista e ex-secretário de estado da Defesa britânico.

Já em 1922, o então presidente da Câmara de Nova Iorque, John F. Hylan, declarava: «A verdadeira ameaça à nossa república é o governo invisível que, qual polvo gigante, estende os seus tentáculos viscosos sobre a nossa cidade, estado e nação. [...] À cabeça deste polvo estão os interesses da Rockefeller-Standard Oil e um pequeno grupo de poderosas casas bancárias geralmente conhecidas como banqueiros internacionais [que] virtualmente dirigem o governo dos EUA de acordo com os seus objetivos egoístas.»

O presidente John F. Kennedy referiu a questão delicada do controlo das sociedades secretas num discurso perante a American Newspaper Publishers Association a 27 de abril de 1961, quando afirmou: «A própria palavra “secreto” é repugnante numa sociedade livre e aberta; e nós, enquanto povo, somos inerente e historicamente opostos às sociedades secretas, aos juramentos secretos e aos procedimentos secretos. Decidimos há muito tempo que os perigos da ocultação excessiva e injustificada de factos pertinentes superam largamente os perigos indicados para a justificar.»

Kennedy prosseguia deste modo: «Somos confrontados em todo o mundo com uma conspiração monolítica e implacável que se baseia principalmente em meios secretos para expandir a sua esfera de influência — infiltração em vez de invasão, subversão em vez de

eleições, intimidação em vez de livre escolha, guerrilhas noturnas em vez de exércitos diurnos. É um sistema que recrutou vastos recursos humanos e materiais para a construção de uma máquina extremamente coesa e eficaz que combina operações militares, diplomáticas, de informação, económicas, científicas e políticas. Os seus preparativos são ocultados, não publicados. Os seus erros são enterrados, não chegam às manchetes. Os seus dissidentes são silenciados, não elogiados. Nenhuma despesa é questionada, nenhum rumor é impresso, nenhum segredo é revelado.»

Na altura, eram muitos os que pensavam que Kennedy estava a falar apenas sobre a expansão do comunismo, mas, considerando as ligações entre comunismo e iluminismo, juntamente com a sua referência às sociedades secretas, parece que Kennedy talvez soubesse mais sobre o controlo no seio do governo dos EUA do que a maioria das pessoas poderia ter pensado.

Afinal, o seu pai, Joseph P. Kennedy, era citado na edição de 26 de julho de 1936 do *New York Times* como tendo dito: «Cinquenta homens dirigem a América, e isto é um número elevado. Cinquenta homens [...] têm em seu poder, em virtude da riqueza que controlam [...] [a capacidade de] paralisar todo o país, visto que controlam a circulação da moeda e podem criar o pânico sempre que o entenderem.» Aparentemente, a família Kennedy compreendia melhor do que a maioria as sociedades secretas e as irmandades existentes sob a superfície da vida americana.

Outro membro do governo que confirmou a existência de uma conspiração foi o primeiro Secretário de Defesa dos EUA, James Forrestal, que pode ter pago com a própria vida a sua franqueza. A partir de 1947, Forrestal começou a manifestar a sua preocupação com o facto de os líderes do governo estarem constantemente a tomar decisões que não eram do melhor interesse do país. «Estes homens não são incompetentes nem estúpidos. São astutos e brilhantes. A consistência nunca foi um sinal de estupidez. Se eles fossem meramente estúpidos, ocasionalmente cometeriam um erro a nosso favor», observou ele. Em 1949, Forrestal, alegadamente num

estranho torpor, foi enviado para o Hospital Naval de Bethesda por ordem do presidente Harry S. Truman. No dito hospital, caiu, saltou ou foi atirado de uma janela do décimo sexto andar, ao encontro da morte.

Mais recentemente, em 1973, o coronel L. Fletcher Prouty, que serviu como oficial de ligação entre o Pentágono e a CIA entre 1955 e 1963, teve a oportunidade de presenciar os mecanismos de controlo exercidos sobre os serviços de informação e os militares, e escreveu a respeito de uma «equipa secreta» que controlava os Estados Unidos como um «santuário interno de uma nova ordem religiosa» e apenas respondia a si mesma. «O poder desta equipa resulta da sua vasta infraestrutura secreta intragovernamental e da sua relação direta com grandes indústrias privadas, fundos mútuos e casas de investimento, universidades e meios de comunicação, incluindo editoras estrangeiras e nacionais», explicou Prouty, acrescentando: «Todos os verdadeiros membros da equipa permanecem no centro do poder, seja em cargos oficiais com a administração atual ou em posições oficiosas com o núcleo duro. Eles simplesmente alternam entre os cargos oficiais e o mundo dos negócios ou o agradável abrigo da academia.»

E não podemos esquecer o Dr. Carroll Quigley, um preeminente historiador — professor de História na Foreign Service School da Universidade de Georgetown e mentor académico do presidente Bill Clinton —, que escreveu no seu livro *Tragedy and Hope*: «Existe atualmente e há já uma geração uma rede anglófila internacional que atua, até certo ponto, exatamente como a direita radical acredita que os comunistas agem. Conheço as operações dessa rede porque a estudei durante 20 anos e, durante o início da década de 1960, foi-me permitido examinar os seus documentos e registos secretos. Não lhe tenho aversão nem à maioria dos seus objetivos e, durante grande parte da minha vida, movi-me nas suas proximidades e de muitos dos seus instrumentos. [...] Em geral, a minha principal diferença de opinião é que ela pretende permanecer desconhecida e eu acredito que o seu papel na História é suficientemente importante para ser

conhecido.»

James Paul Warburg, filho de Paul Moritz Warburg, primeiro presidente do Sistema da Reserva Federal e nascido na Alemanha, descaiu-se em 1950 quando declarou a uma comissão do Senado: «Teremos um governo mundial, quer nos agrade quer não. A única questão é se este governo mundial será alcançado por conquista ou por consentimento.»

Os indivíduos acima referidos são homens credíveis e estavam em posição de conhecer o tema sobre o qual falavam. Investigadores contemporâneos menos conhecidos também veem em marcha uma conspiração destinada a controlar o mundo.

Depois de considerar a progressão da história recente, Ken Adachi, editor do *site* Educate Yourself, via o termo «Nova Ordem Mundial» como sinónimo de «uma conspiração mundial orquestrada por um grupo extremamente poderoso e influente de *indivíduos geneticamente relacionados* [ênfase no original] (pelo menos nos níveis mais elevados), que inclui muitas das pessoas mais ricas do mundo, os principais líderes políticos e a elite corporativa, bem como os membros da denominada Nobreza Negra da Europa (dominada pela Coroa britânica), cujo objetivo é criar um Governo Único Mundial (fascista), destituído de fronteiras nacionalistas e regionais, que obedeça à sua agenda. Tem como intenção controlar completa e totalmente todos os seres humanos do planeta e reduzir drasticamente a população mundial para 500 milhões de pessoas». Poder-se-á referir que o termo «Nova Ordem Mundial» foi usado tanto pelo presidente George H. W. Bush como por Adolf Hitler.

Johnny Cirucci, um *marine* de carreira, publicou em 2015 um livro intitulado *Illuminati Unmasked: Everything You Need to Know about the “New World Order” and How We Will Beat It*. Cirucci seguiu a linhagem dos Illuminati desde a antiga Babilónia até ao presente. Também referiu algumas das acusações mais notórias contra os Illuminati modernos.

Cirucci descreve «como os Illuminati cooptaram os Estados Unidos em todos os níveis do governo; as chocantes ligações de Barack

Obama com esta Religião-Mistério — e não é o islão; como a política americana foi manipulada e quem tem o poder de controlar todos os níveis do seu governo; todas as ameaças externas aos EUA — imigração ilegal, pandemias, terrorismo — orquestradas pelas mesmas pessoas; quem esteve realmente por trás do 11 de Setembro e como planeia fazer muito pior; os principais líderes dos EUA, de ambos os partidos, vergam-se a este poder secreto; os dias mais negros dos EUA levam-nos direitos a eles. Patriotas americanos foram incriminados e assassinados por eles e o homicídio é a sua especialidade».

É fácil descartar como teoria da conspiração qualquer tema que se oponha às crenças nucleares de um indivíduo. No entanto, como foi referido, as crenças não são um argumento válido. Embora todos tenham direito às suas, tal não constitui conhecimento. Por exemplo, apesar das evidências de falsificação, Adolf Hitler acreditava que os muito difamados *Protocolos dos Sábios Anciãos de Sião* eram um documento genuíno. Em *Mein Kampf*, ele escreve: «São alegadamente uma “falsificação”; o *Frankfurter Zeitung* geme e clama ao mundo uma vez por semana; a melhor prova de que eles afinal são genuínos [...] a melhor crítica que lhes podemos apontar é a realidade. Quem examinar o desenvolvimento histórico dos últimos cem anos, do ponto de vista dos [*Protocolos*], também entenderá de imediato o clamor da imprensa judaica. Porque, assim que este livro se tornar propriedade comum de um povo, o perigo judaico deve ser considerado desfeito.»

Hitler pressentia uma conspiração real, mas no seu sistema de crença esta conspiração tinha a sua origem nos judeus. Alguns investigadores acreditam na existência de provas que indicam que Os *Protocolos* podem ter sido originalmente um documento dos Illuminati, apenas posteriormente forjados como propaganda antijudaica. Haverá mais a dizer sobre isto mais adiante.

Para contribuir para toda esta confusão, certos indivíduos na Internet parecem lá estar apenas para negar, denegrir e, de um modo geral, destabilizar conversas legítimas sobre sociedades secretas,

mas em especial sobre os Illuminati. Conhecidos como *trolls*, alguns são na realidade pagos por agências governamentais ou organizações privadas — fundações e entidades corporativas —, ao passo que muitos outros não passam de pessimistas tacanhos e argumentativos. Começemos por dar uma vista de olhos à palavra «conspiração».

Esta palavra vem do latim *conspirare*, que literalmente significa «respirar em conjunto». Numa edição de 1940 do *The Modern Webster Dictionary*, a palavra «conspiração» é definida simplesmente como «uma trama». Os termos «plano» ou «trama» são palavras essencialmente neutras. Uma festa-surpresa por ocasião de um aniversário é um plano que não é do conhecimento do homenageado. Mas não é sinistra nem maléfica.

Após o assassinio do presidente John F. Kennedy em 1963, muitas pessoas acreditaram que a sua morte resultara de uma conspiração e não de um assassino louco e solitário, como proclamado pela Comissão Warren do governo federal. Em resposta a esta crescente crença, em abril de 1967, um funcionário da CIA chamado Clayton P. Nurnad escreveu um despacho para os «chefes, certas estações e bases» da agência. O despacho foi classificado como «psych» e «CS» — o primeiro uma abreviatura de «operações psicológicas» ou «desinformação psicológica», e o segundo uma referência à unidade de «Serviços Clandestinos» da agência (documento da CIA n.º 1035-960). Este memorando revelava a intenção da CIA de classificar como teoria da conspiração irracional qualquer visão do assassinio que não estivesse de acordo com a versão oficial. Nurnad argumentava: «Só por causa do prestígio dos comissários [membros da Comissão Warren], os esforços para impugnar a sua retidão e sabedoria tendem a lançar dúvidas sobre toda a liderança da sociedade americana. Além disso, parece existir uma tendência crescente que sugere que o próprio presidente [Lyndon] Johnson, na qualidade de única pessoa que poderia ter beneficiado, foi de alguma forma responsável pelo assassinio. Uma insinuação de tal gravidade afeta não apenas o indivíduo envolvido, mas também toda a

reputação do governo americano. A nossa própria organização [CIA] está diretamente envolvida: entre outros factos, contribuímos com informações para a investigação. As teorias da conspiração levantam frequentemente suspeitas sobre a nossa organização, por exemplo, alegando falsamente que Lee Harvey Oswald trabalhava para nós.»

«O objetivo deste despacho é o de fornecer material de combate e desacreditar as alegações dos teóricos da conspiração, de modo a inibir a circulação de tais alegações noutros países», concluía Nurnad.

Um indicador da eficácia deste esforço da CIA é a primeira definição de conspiração do *Webster New Third International Dictionary* de 1986, como «um plano ilegal, traidor ou traiçoeiro para prejudicar ou destruir outra pessoa, grupo ou entidade». Atualmente, uma busca desta definição no Google produz como primeira resposta «um plano secreto de um grupo para fazer algo ilegal ou prejudicial».

Como tal, uma palavra relativamente neutra como «conspiração» — afinal, uma estratégia comercial exclusiva é uma conspiração — tornou-se um termo pejorativo usado contra qualquer um que ousasse questionar os pronunciamentos do governo quanto ao assassinio de JFK ou qualquer outra questão problemática. Até aos ataques do 11 de Setembro, que obviamente envolveram uma conspiração, o termo «teoria da conspiração» era associado pelos média corporativos a quaisquer declarações ou alegações que os ditos média considerassem antigovernamentais, talvez até antipatrióticas.

Há quem diga que «teórico da conspiração» é um termo atualmente usado como um insulto depreciativo para denegrir qualquer pessoa dotada de um raciocínio crítico.

Um desses pensadores críticos é Carl Oglesby, ativista político e autor do influente livro de 1976 *The Yankee and Cowboy War: Conspiracies from Dallas to Watergate*. Segundo ele: «A conspiração é a continuação normal da política normal por meios normais.»

Muitas teorias da conspiração, tais como alegações de uma base nazi na Lua ou de que todos os televisores estão a ser usados para nos espiar, têm falta de evidências sólidas. Outras, como questões

em torno da alunagem da *Apollo 11* ou de Adolf Hitler ter sobrevivido à II Guerra Mundial, embora não tenham sido levadas em consideração pelo público em geral, não deixam de conter aspetos persuasivos e intrigantes além da história oficial. Os críticos da versão oficial dos ataques do 11 de Setembro são por sua vez criticados como teóricos da conspiração, mas a narrativa oficial da Comissão do 11 de Setembro não refere, e muito menos explica, como é que dois aviões conseguem derrubar três edifícios separados — World Trade Center um, dois e sete (este último sendo também conhecido como Salomon Brothers Building), que ruíram às 17h25m (hora local) de 11 de setembro de 2001.

De facto, no seu livro de 2009, *The Ground Truth: The Untold Story of America under Attack on 9/11*, John Farmer, conselheiro da Comissão Nacional para os Ataques Terroristas aos Estados Unidos (mais conhecida como 9/11 Commission), escrevia o seguinte: «No decurso da nossa investigação sobre a resposta nacional aos ataques, os funcionários da 9/11 Commission apuraram que a versão oficial do ocorrido naquela manhã [11 de setembro de 2001] — ou seja, o que o governo e oficiais militares haviam dito ao Congresso, à Comissão, aos média e ao público sobre quem sabia o quê e quando — era na sua *quase totalidade, e inexplicavelmente, falsa* [itálico adicionado].»

Para se certificar de que não havia mal-entendidos na sua mensagem, Farmer afirmaria mais tarde: «Este livro conclui que em algum nível do governo, em dada ocasião, terá surgido a decisão de não contar a verdade sobre o que aconteceu.»

Este ceticismo, como expresso por Farmer, é saudável e deve ser encorajado. Todavia, a simples alegação de ceticismo não pode proteger sempre aqueles que se empenham em negar a conspiração. Como observou Jonathan Elinoff, ao escrever para Infowars.com: «Os céuticos são importantes para obtermos uma visão objetiva da realidade. Todavia, ceticismo não é o mesmo que reforçar a história oficial. Com efeito, uma teoria da conspiração pode ser defendida como uma alternativa à história oficial dos acontecimentos. Como tal,

quando os cétricos tentam ridicularizar uma teoria da conspiração ao usar a história oficial como meio de provar que a conspiração está errada, na verdade, estão apenas a reforçar a visão “*mainstream*” original da história e, na realidade, não estão a ser cétricos.»

Elinoff afirmou que é comum os «artigos detratores» ou «artigos de desmistificação» terem como alvo as teorias da conspiração mais marginais. «Isso, por sua vez, faz com que todas as teorias relativas a um tema pareçam loucas», escreveu ele. «As revistas *Skeptic* e *Popular Mechanics*, entre muitas outras, fizeram isto com o 11 de Setembro. Referiram menos de 10% das muitas e diferentes teorias da conspiração sobre o 11 de Setembro e escolheram as menos populares — na verdade, escolheram as questões marginais e extremamente improváveis que apenas algumas pessoas defendem. Isto foi usado como a “investigação definitiva” para examinar as teorias da conspiração. Conveniente, não?»

Elinoff juntou-se a muitos outros ao referir acontecimentos que em tempos apenas eram vistos como teorias da conspiração e que investigações posteriores revelaram ser verdadeiros. Apenas alguns exemplos incluem:

- O oficial de artilharia francês Alfred Dreyfus foi condenado por vender informações militares aos Alemães em 1894 e enviado para a Ilha do Diabo na Guiana Francesa. Dreyfus protestou a sua inocência e afirmou que estava a ser usado como bode expiatório porque era judeu. Muitas pessoas começaram a apoiá-lo, mas foram acusadas de embarcar numa teoria da conspiração. A discussão sobre o verdadeiro papel do oficial cresceu ao longo dos anos e dividiu a França. Um segundo julgamento resultou novamente num veredicto de culpado, mas, em 1906, tinham sido reunidas evidências suficientes para comprovar a sua inocência e demonstrar que oficiais militares graduados haviam mentido e fabricado provas contra ele. Dreyfus foi ilibado e reintegrado como major no exército. No entanto, o Exército francês apenas admitiria oficialmente a sua inocência em 1995.

- Após o incidente no Golfo de Tonquim em agosto de 1964, que levou o presidente Lyndon Johnson a fazer aprovar no Congresso uma resolução que lhe permitia continuar a Guerra do Vietname sem uma declaração formal de guerra, teóricos da conspiração alegaram que não houvera um ataque aos navios de guerra dos EUA (a desculpa oficial para a guerra). Foram menosprezados e apelidados de antipatrióticos. Todavia, em 2005, a Agência de Segurança Nacional (NSA) acabaria por divulgar um estudo interno no qual se demonstrava que, dos referidos dois ataques a navios estado-unidenses, um fora instigado pelos Estados Unidos e o outro não passara de imagens falsas captadas no radar. Em 1984, o *US News & World Report* descreveria o acontecimento como «a batalha-fantasma que deu origem a uma guerra».
- No final da década de 1960, investigadores da conspiração comentavam à boca pequena que a CIA estava a assassinar os seus inimigos em todo o mundo. Cidadãos irados alegaram que os Estados Unidos nunca se envolveriam em tais atividades, apenas vistas em lugares como a Alemanha nazi e a Rússia soviética. No entanto, em 1975, durante as audiências da U. S. Senate Select Committee to Study Governmental Operations with Respect to Intelligence Activities, liderada pelo senador Frank Church, ficou a saber-se que a CIA havia violado o seu estatuto, que apenas lhe permitia recolher informações fora dos Estados Unidos. A comissão tomou conhecimento do controverso «suicídio» de Salvador Allende no Chile em 1973 e da deposição (apoiada pela CIA) de Mohammad Mossadegh no Irão em 1967, bem como de outros líderes e revolucionários da América Central e do Sul. A comissão descobriu também que os agentes da CIA usavam uma variedade de métodos de homicídio essencialmente indetetáveis, como injeções cancerígenas e suicídios encenados, além de acidentes de automóvel, esqui e barco, e até uma «Arma de Ataque Cardíaco».
- Durante anos, investigadores afirmaram que os grandes meios de comunicação estado-unidenses estavam a ser infiltrados por

ativos da CIA que geriam, distorciam até, as notícias. Esta atividade, a Operação Mockingbird, seria documentada pelo comitê Church e, em 1977, o famoso repórter do Watergate Carl Bernstein revelou a conspiração numa bem documentada denúncia de 25 mil palavras na revista *Rolling Stone*, intitulada «A CIA e os Média».

- Alegações semelhantes, de má conduta do governo, surgiram durante as manifestações antiguerra do Vietname das décadas de 1960 e 1970. Os ativistas da paz afirmavam que agentes provocadores do governo estavam a infiltrar-se no movimento pela paz, para causar perturbações e violência. Foram rejeitados como *hippies* teóricos da conspiração. Um programa, exatamente como o descrito, seria mantido em segredo até 1971, altura em que um grupo denominado Comissão dos Cidadãos para Investigar o FBI invadiu uma delegação do FBI em Media, Pensilvânia, e encontrou ficheiros que revelavam o Programa de Contraineligência do FBI (COINTELPRO), um projeto secreto destinado a vigiar, infiltrar, desacreditar e perturbar grupos políticos domésticos. Mesmo com estas provas disponíveis, alguns dos grandes média recusaram-se a publicar a história.
- Desde os ataques do 11 de Setembro, um número crescente de pessoas tem afirmado que os acontecimentos daquele dia foram ações de «bandeira falsa» (ações destinadas a desviar a culpa dos verdadeiros autores), instigadas por indivíduos no seio do governo dos EUA para criar um pretexto para a guerra no Médio Oriente e desgastar as liberdades civis em casa. Rejeitando tudo isto como uma teoria da conspiração, muitos argumentaram que os líderes do governo nunca apoiariam um ataque aos seus próprios cidadãos. Todavia, os documentos da Operação Northwoods, descobertos e divulgados pela Assassination Records Review Board (ARRB) do Congresso, revelaram que em 1962 a Operação Northwoods tinha sido secretamente aprovada pelos chefes de Estado-Maior. Este plano implicava afundar navios nas Caraíbas, disparar contra barcos de refugiados

cubanos, desviar aviões, fazer explodir bombas em cidades americanas e até assassinar cidadãos de modo a culpar Fidel Castro e incitar um renovado apoio público a uma nova invasão de Cuba. Aparentemente, a Operação Northwoods foi interrompida apenas por ordem do presidente John F. Kennedy.

- Por falar em Kennedy, embora os meios de comunicação corporativos tenham passado anos a impingir a teoria do assassino solitário ao público estado-unidense, além de denegrirem como teóricos desmiolados aqueles que veem uma conspiração por trás da morte de JFK, sondagens nacionais iniciadas em 1964 e que se prolongaram pelo século XXI revelam que a maioria dos cidadãos não acredita na ideia do assassino solitário. Uma sondagem da Gallup em 1963 revelava que 52% pensavam que mais de uma pessoa estaria envolvida no assassinio. Em 2001, este número tinha atingido os 81%.

Já em 1928, o famoso escritor H. G. Wells juntava-se às fileiras dos teóricos da conspiração ao proclamar diversos esquemas por trás dos acontecimentos mundiais. Escrevendo no seu livro *The Open Conspiracy*, Wells afirmava:

Além de serem uma fragmentária confusão competitiva, nenhum dos atuais governos do mundo é tão simples quanto aparenta. Eles parecem simples porque têm chefes formais e formas definidas, conselhos, assembleias de voto e assim por diante, para tomar decisões. Mas os chefes formais, os reis, presidentes e outros que tais na verdade não são quem manda. São apenas figuras de proa. Eles não decidem. Apenas fazem gestos de potente e digna aquiescência quando as decisões lhes são apresentadas. Eles são farsantes que apenas complicam. Os conselhos e assembleias também não decidem na realidade. Eles registam, muitas vezes de maneira imperfeita e exasperante, os objetivos cumulativos de forças externas. Estas forças externas realmente decisoras são sem dúvida muito intrincadas no seu funcionamento; dependem em última instância de formas religiosas e educacionais e de vagas de sentimentos gregários, mas fingir que o processo da atividade humana coletiva é simples e criar símbolos e manequins sob a forma de governantes e ditadores que encarnem essa pretensão não o simplifica de modo algum.

Outrora um socialista fabiano em Inglaterra, Wells traçou um plano para uma Nova Ordem Mundial que sugeria a influência dos Illuminati:

Ora, esboçámos nestes planos os métodos pelos quais o radicalismo confuso e as forças construtivas da atualidade podem e provavelmente serão reunidos em torno de um núcleo de sentimento religioso modernizado, num grande e variado esforço criativo. [...] Sempre que possível, a Conspiração Aberta avançará com iluminação e persuasão. Mas tem de avançar, e, logo no início, onde não for permitido iluminar e persuadir, deve lutar. As suas primeiras lutas serão provavelmente pelo direito de difundir o seu sistema de ideias de forma clara e simples em todo o mundo.

Wells concluía: «Chegará o tempo em que os homens se sentarão com a História ou com algum jornal velho diante de si e perguntarão incrédulos: “Existiu um mundo assim?”»

Vemos nas palavras de Wells a sua sólida convicção de uma conspiração em curso, e elas ecoam a doutrina dos Illuminati para uma mudança do mundo, uma doutrina que inicialmente coincidiu com a criação dos Illuminati da Baviera em 1776, na Alemanha.

No entanto, embora muito se tenha escrito e produzido eletronicamente a respeito dos Illuminati, muito pouco chegou ao público cuja substância seja documentada.

As cortinas secretistas dos Illuminati abriram-se um pouco em 2009, quando a TrineDay publicou um livro com mais de 500 páginas do autor canadiano Terry Melanson, o qual estudou obras antigas em francês, alemão e italiano e apresentou aquela que pode bem ser a mais completa e autorizada visão da Ordem produzida até à data.

O editor da TrineDay, Kris Millegan, explicava do seguinte modo os resultados da falta de informação documentada sobre os Illuminati:

A escassez de material validado sobre este grupo secreto ajudou a criar um ferozmente adaptável fenómeno da «teoria-da-conspiração-do-dia», em que muitos utilizam os Illuminati como seu principal antagonista secreto, confundindo as águas da História e criando ondas de desinformação e de informações simplesmente erradas. Este estado de coisas, de um modo geral, serviu para ocultar a verdadeira natureza dos Illuminati e o seu lugar na História.

O falecido Robert Anton Wilson, um autor irreverente, falava, no seu livro de 1977 *Cosmic Trigger: Final Secret of the Illuminati*, sobre muitos dos mitos a respeito desta ordem da Baviera. Escreveu uma panorâmica sucinta da Ordem. Depois de apresentar uma breve sinopse da criação dos Illuminati por Adam Weishaupt em 1776 e da

sua supressão pelo governo da Baviera menos de dez anos depois, Wilson escrevia:

Tem sido dito que o Dr. Weishaupt era ateu, um mágico cabalista, racionalista, místico; um democrata, socialista, anarquista, fascista; um amoralista maquiavélico, um alquimista, um totalitário e um «filantropo entusiasta». (Este último era o veredicto de Thomas Jefferson, a propósito.) Também foi dito que os Illuminati tinham gerido as revoluções Francesa e Americana nos bastidores, assumido o controlo do mundo, que eram o cérebro por trás do comunismo, que tinham existido clandestinamente até à década de 1970, adorado secretamente o diabo e outras coisas que tais. Alguns afirmam que Weishaupt nem inventou os Illuminati, mas apenas os ressuscitou. Houve quem fizesse a Ordem dos Illuminati remontar aos Cavaleiros Templários, aos cultos iniciáticos gregos e gnósticos, ao Egito e até à Atlântida. A única generalização garantida que se pode fazer é que a intenção de Weishaupt de manter o sigilo funcionou: nunca dois estudantes dos Illuminati estiveram completamente de acordo a respeito do «segredo interior» ou de qual seria (ou é...) o objetivo da Ordem. Existe um espaço infinito para especulações assustadoras e para paranoias pedantes assim que alguém realmente entra na literatura dedicada a este tema; e tem-se registado uma vaga de sensacionais «denúncias» dos Illuminati em todas as gerações desde 1776. Se acreditássemos em toda esta literatura sensacional, os malditos conspiradores bávaros seriam responsáveis por tudo o que há de errado no mundo, incluindo as crises energéticas e o facto de nem sequer conseguirmos encontrar um canalizador ao fim de semana.

Aparentemente, o nome dos Illuminati tem significado muita coisa para muitas pessoas diferentes. Mas, independentemente da sua posição, a maioria concorda que os Illuminati — e aqueles que seguem a sua doutrina — tentaram obter um certo controlo sobre os seus semelhantes, bem como sobre as instituições políticas e religiosas do seu tempo. Esta necessidade de controlar os outros não se limita aos Illuminati da Baviera. Muitas pessoas ao longo da História, desde ditadores como Hitler e Estaline até aos líderes políticos e corporativos de hoje, seguiram os princípios do iluminismo — a doutrina fundacional dos Illuminati, segundo a qual apenas eles haviam desenvolvido uma iluminação pessoal não acessível ao resto da humanidade. Esta teologia incluía o desejo de controlar os outros, agir em segredo e a noção de que o fim justifica os meios. Assim sendo, a sombra dos Illuminati tem-se projetado até aos acontecimentos da atualidade. Como tal, consideramos que qualquer

referência aos Illuminati deve distinguir entre a antiga organização da Baviera, agora extinta, e a teologia do iluminismo, que se encontra bastante viva. Mas, para compreender devidamente o iluminismo, há que seguir os antecedentes desta filosofia através da História até às suas origens.

Eastern Establishment é o nome dado ao conjunto das universidades e instituições financeiras de elite das principais cidades do Nordeste dos Estados Unidos. (*N. do T.*)

ORIGENS

As conspirações e as sociedades secretas existem desde os primórdios da humanidade. Afinal, o ser humano é um animal social. Ele prefere, precisa até, da companhia de outras pessoas. Desde o início, os seres humanos têm-se juntado, primeiro como famílias, depois como tribos, comunidades e nações.

Mesmo nos sistemas educacionais, é importante pertencer a algum grupo. Pode ser uma organização popular, como a equipa de futebol da escola, o clube de ciências ou uma banda. Ou pode ser um grupo menos respeitável, como *hipsters*, góticos e ganzados. Até os solitários se juntam.

Depois da vida escolar, continua a existir a necessidade de companhia, de pertencer a alguma coisa. É este impulso que enche igrejas, toda a espécie de clubes, discotecas manhosas e bares desportivos.

Em algumas pessoas, o desejo de liderar é mais poderoso do que o desejo de simplesmente pertencer. No passado distante, os guerreiros mais poderosos tornavam-se chefes, ao passo que os membros mais intelectuais da tribo se tornavam adivinhos e xamãs. Unidos por experiências partilhadas e pela camaradagem, tanto os caçadores como os xamãs formavam grupos.

O segredo sempre teve o seu papel em qualquer grupo de seres humanos, desde os caçadores pré-históricos, que se sentiam superiores aos outros membros da tribo, até aos membros das câmaras de comércio, que mantêm a sua estratégia de negócio longe dos olhos da concorrência. Em quase todas as áreas da vida, existe a suspeita de que apenas quem tem bons conhecimentos consegue os melhores empregos. Já todos tivemos ocasiões em que nos sentimos excluídos, seja de um grupo social ou dos planos de terceiros.

«Seja uma criança no seu clube especial de dois ou três membros, seja um empresário na Maçonaria, não há nada de invulgar em querer pertencer a uma sociedade secreta», escreve David V. Barrett, um sociólogo britânico que trabalhou com a Agência de Segurança Nacional (NSA) dos EUA, na sua obra *A Brief History of Secret Societies*. «Pode ser divertido; existe o prazer de conhecer segredos que poucos conhecem; a satisfação de ser incluído no grupo; uma sensação de importância e, por vezes, de poder; e às vezes existe um poder genuíno por ser um dos decisores, um membro da elite.»

Barrett define uma sociedade secreta como tendo as seguintes características: ensinamentos cuidadosamente escalonados e progressivos, formação disponível apenas para membros seletos, ensinamentos que levam a algumas verdades ocultas, prática de rituais não acessíveis a não-membros, e uma afiliação que acarreta benefícios pessoais fora do alcance e até da compreensão dos não-iniciados.

Adam Parfrey, fundador da Feral House, uma editora de livros dedicados a temas geralmente ignorados pelos mais generalistas, define uma «sociedade secreta» como um grupo social que exige um juramento de lealdade. «Esta é a nossa perspetiva; sabemos que outros podem ter opiniões diferentes», disse o autor de *Apocalypse Culture*. «Algumas organizações orientadas para o serviço, como os Lions ou os Elks, têm muitos rituais secretos na sua estrutura. Os Rotários e os Kiwanis não tanto, mas estas organizações, como a Maçonaria, exigem juramentos de lealdade. Sem juramento, não há afiliação.»

Parfrey disse ter identificado mais de 600 sociedades secretas ativas na atualidade e que o número das mesmas apenas nos EUA nos dá um «retrato da América», uma vez que estas sociedades têm muitos e diferentes objetivos. Incluem-se aqui sindicatos, grupos empresariais, organizações rurais/agrárias, organizações religiosas e ocultistas, grupos de sobriedade, grupos dedicados às bebidas, e organizações de imigrantes e anti-imigrantes. Como todos sabemos, o ser humano era primitivo nos primórdios da História e só o homem

moderno é civilizado. Pelo menos é nisso que a grande maioria das pessoas acredita. «Todavia, esta é uma das falácias mais flagrantes que se possa imaginar», escreveu Brian Heatley, escritor irlandês da New Age que usa o pseudónimo Michael Tsarion. Segundo ele:

Uma segunda onda cataclísmica, por assim dizer, varreu do mapa os augustos colégios drúídicos que em tempos existiam em todo o mundo. Esses colégios estavam a restaurar, para o bem de todos, elementos de tecnologia de uma devastada era dos deuses de outrora. Esses colégios e os seus criadores encontram-se igualmente perdidos, enterrados e esquecidos. No lugar dos santuários primordiais do conhecimento e da cultura, surgiram instituições e ensinamentos que pretendem não melhorar e iluminar, mas confundir e enganar [...] Pode-se dizer que a História é a história do conflito entre os Servos da Verdade e os desvirtuados; entre magos e feiticeiros. A obliteração da gnose da casta primordial dos Anciãos foi um holocausto causado pelo Homem, hoje essencialmente desconhecido. Foi esta calamidade que prejudicou e oprimiu os povos do mundo mais do que qualquer série de desastres naturais, por mais terríveis que possam ter sido. Para os Anciãos de outrora, uma mente sombria e distorcida era um horror pior do que um mundo desfeito e sem luz.

Mas vestígios deste conhecimento perdido foram transmitidos no seio das sociedades secretas existentes em clãs e comunidades antigas, as quais continuaram a crescer à medida que as tribos nómadas se transformavam em cidades e estados, depois em nações e impérios. Em determinadas fases, mesmo as principais religiões como o cristianismo e o islamismo foram consideradas sociedades secretas, funcionando clandestinamente e banidas pelo regime então no poder.

Todos os segredos mais profundos das sociedades secretas parecem remontar à antiga Suméria, na Mesopotâmia. Esta foi a primeira grande civilização conhecida e situava-se entre os rios Tigre e Eufrates, a montante do Golfo Pérsico. Nos tempos bíblicos, chamava-se Caldeia ou Shinar. Atualmente, é conhecida como Iraque, cujo nome é derivado da antiga cidade suméria de Uruk. A cultura suméria pareceu surgir do nada há mais de seis mil anos e, antes de se extinguir, tinha influenciado enormemente a vida entre o rio Indo — que nasce nos Himalaias e atravessa o Paquistão até ao Mar da Arábia — e o Nilo dos subsequentes reinos do Egito. A

Suméria era uma civilização espantosa e perfeitamente evoluída que transmitiu as bases a todas as culturas ocidentais que se lhe seguiram: desde a linguagem e o direito à matemática, agricultura e astronomia.

Praticamente nada se sabia sobre os Sumérios até há cerca de 150 anos, altura em que os arqueólogos, estimulados pelos escritos do viajante italiano Pietro della Valle no início do século xvii, começaram a escavar os estranhos montes que pontuavam a paisagem meridional do Iraque. Começando com a descoberta do palácio de Sargão II, perto da atual Khorsabad, pelo francês Paul-Émile Botta em 1843, os arqueólogos encontraram cidades enterradas, palácios arruinados, artefactos e milhares de tabuinhas de barro que descreviam todas as facetas da vida suméria. No final do século xix, o sumério já fora reconhecido como um idioma original e estava a ser traduzido. Não obstante os conhecimentos de hoje, o público em geral continua a saber muito pouco sobre esta primeira grande civilização humana que de repente se materializou entre os rios Tigre e Eufrates.

Não deixa de ser fascinante a noção de que pode ser possível sabermos mais sobre esta civilização de há seis mil anos do que alguma vez venhamos a saber sobre os mais recentes Egípcios, Gregos e Romanos. A explicação encontra-se na escrita cuneiforme suméria. Ao passo que o papiro de outros impérios ancestrais se desintegrava ao longo do tempo ou era destruído pelas chamas da guerra, a escrita cuneiforme era inscrita em tabuinhas de barro húmido com um estilete, criando caracteres em forma de cunha (daí o seu nome). Depois, essas tabuinhas secavam, eram cozidas e guardadas em grandes bibliotecas. Cerca de 500 mil dessas tabuinhas de argila foram encontradas e permitiram aos investigadores modernos um inestimável conhecimento dos Sumérios, embora apenas cerca de 20% tenham sido traduzidas. Estas tabuinhas encontram-se guardadas em diversos museus de todo o mundo, essencialmente «escondidas» do grande público.

A História convencional diz-nos que a Suméria teve na sua origem

uma série de clãs de caçadores-recoletores que se juntaram para dar forma à primeira civilização humana no Vale do Tigre-Eufrates por volta de 4000 a. C. Estudos arqueológicos revelaram que, em 3300 a. C., por exemplo, os Sumérios já haviam desenvolvido uma sociedade incrivelmente avançada, a qual contava com pântanos drenados, longos canais, represas e diques, e construído um sistema de irrigação em grande escala nas redondezas de grandes cidades, que por sua vez continham enormes estruturas piramidais chamadas zigurates.

A Suméria foi invadida pelas tribos semíticas vindas do Norte e Ocidente por volta de 2400 a. C. e, cinquenta anos depois, encontrava-se nas mãos do guerreiro rei Sargão, o *Grande*, que fundou a dinastia semita acadiana, a qual se estenderia desde o Golfo Pérsico até ao Mediterrâneo. Após anos de guerra e movimentos populacionais, as terras da Suméria seriam unificadas sob Hamurabi da Babilónia, cujo famoso «Código» de leis poderá ter sido instituído para disciplinar as migrações em massa que tiveram lugar naquele tempo em virtude das guerras e catástrofes geofísicas. Atualmente, torna-se claro que o Código de Hamurabi foi elaborado a partir de leis estabelecidas pelos Sumérios séculos antes, em particular o mais antigo código de leis descoberto até à data, criado pelo rei sumério Ur-Nammu.

Além de um sistema legal, os Sumérios também nos deram a matemática baseada num sistema sexagesimal (com uma base de 60), com um método exato para medir grandes quantidades de área e volume. Este sistema foi transmitido aos Babilónios e ainda hoje é usado, com algumas modificações, para medir o tempo, os ângulos e as coordenadas geográficas. Os Sumérios também determinaram a relação entre a hipotenusa e os comprimentos dos outros dois lados de um triângulo retângulo, um teorema apenas muito mais tarde redescoberto por Pitágoras.

Alan Alford, autor de *Gods of the New Millennium: Scientific Proof of Flesh & Blood Gods*, considerava que os conhecimentos de astronomia dos Sumérios tinham tanto de surpreendente como de

intrigante. «Todo o conceito da astronomia esférica, incluindo o círculo de 360 graus, o zénite, o horizonte, o eixo celeste, os polos, a eclíptica, os equinócios, etc., tudo isto surgiu de repente na Suméria», diz ele. O conhecimento sumério dos movimentos do Sol e da Lua resultou no primeiro calendário do mundo, posteriormente usado durante séculos pelos Semitas, Egípcios, Gregos e pelos Illuminati.

Segundo Alford, são poucos os que têm noção de que devemos, não só a nossa geometria, mas também os nossos modernos sistemas de medição do tempo, ao sistema matemático de base 60 da Suméria. «A origem dos 60 minutos de cada hora e dos 60 segundos de cada minuto não é arbitrária, mas sim concebida em torno de um sistema sexagesimal (baseado no número 60)», diz Alford, acrescentando que o zodíaco moderno foi uma criação suméria baseada nos seus doze «deuses». Eles usaram-no para definir um grande ciclo precessional: a divisão de um campo de visão com 360 graus a partir do Polo Norte da Terra durante os doze meses de órbita à volta do Sol em doze partes iguais — ou casas — com 30 graus cada. Tendo em conta a ligeira oscilação da órbita da Terra, o movimento ao longo deste ciclo completo demora 25920 anos, um evento conhecido como Ano Platónico, que deve o seu nome ao estudioso grego Platão, inspiração de futuras sociedades secretas como os Cavaleiros Templários, os Illuminati e a Távola Redonda de Cecil Rhodes. Nas palavras de Alford: «A pergunta desconfortável que os cientistas têm evitado é a seguinte: como é que os Sumérios, cuja civilização apenas durou dois mil anos, poderiam ter observado e registado um ciclo celestial que demorava 25920 anos? E por que motivo esta civilização começou a meio de um período zodiacal? Será isto um indício de que a astronomia suméria era um legado dos deuses?» Antes do seu estranho desaparecimento, a cultura suméria tivera uma enorme influência na vida desde o rio Indo até aos povos da Palestina e aos posteriores reinos egípcios. O patriarca bíblico Abraão levou os conhecimentos da Suméria para o Egito por meio de informações habilmente codificadas que podem ser encontradas na Torá e noutros textos hebraicos antigos, como o *Sefer Yezirah* (Livro

da Criação) e o *Sefer HaZohar* (Livro da Luz).

Estes livros são anteriores ao Talmude, uma compilação de antigas leis e tradições judaicas escrita pela primeira vez no século v d. C., mas cuja origem remonta a séculos antes da época de Jesus. De acordo com o Livro da Luz, Deus deu a Adão os «mistérios da sabedoria» quando este ainda se encontrava no lendário Jardim do Éden. Esses segredos antigos foram então transmitidos pelos filhos de Adão a Noé e a Abraão muito antes de os Hebreus existirem como povo distinto. Segundo a Bíblia, Abraão era um nobre sumério de Ur da Caldeia, a antiga designação do Iraque. Outros sumérios eram grandes e frequentes viajantes e acredita-se que terão levado a sua avançada tecnologia de construção naval e cartografia aos primeiros Fenícios, que se estabeleceram ao longo da costa oriental do Mediterrâneo naquele que atualmente é o Líbano. Os historiadores ficaram a braços com a questão de saber como os primitivos seres humanos de há quase seis mil anos evoluíram repentinamente de pequenos grupos de caçadores-recoletores para uma civilização perfeitamente desenvolvida — avançada mesmo segundo os padrões de hoje. Até os redatores da *The New Encyclopedia Britannica* admitiram que se mantêm sérias interrogações quanto à história suméria, explicando cautelosamente que tais interrogações «seguem o ponto de vista da civilização do século xx e são em parte coloridas por conotações éticas, de modo que as respostas apenas podem ser relativas».

Uma vez que agora dispomos de milhares de tabuinhas sumérias traduzidas, bem como dos seus selos cilíndricos inscritos, talvez devêssemos permitir que os próprios Sumérios explicassem. A resposta é que, segundo eles, tudo o que haviam conseguido lhes fora dado por seres vindos dos céus. «Todos os povos antigos acreditavam em deuses que haviam descido dos céus e que para lá podiam voltar», explica o estudioso Zecharia Sitchin, do Azerbaijão, no prólogo do primeiro de uma série de livros no qual apresenta em pormenor as suas traduções e interpretações dos relatos sumérios no que respeita à sua origem e história. «Mas estes relatos nunca foram

considerados credíveis, tendo sido desde o início rotulados pelos académicos como mitos.»

Admitindo que até o mais instruído investigador anterior ao século xx não poderia sequer pensar em termos de conceitos que hoje em dia consideramos banais, Sitchin pensou: «Agora que astronautas poisaram na Lua e naves não tripuladas exploram outros planetas, já não é impossível acreditar que uma civilização de outro planeta mais avançado do que o nosso fosse capaz de trazer os seus astronautas ao planeta Terra algures no passado.»

Particularmente significativo é o facto de os Sumérios nunca se referirem aos seres que lhes deram o conhecimento como «deuses». Esta seria uma interpretação posterior dos Gregos e Romanos, que criaram os seus próprios «deuses» de acordo com as tradições orais anteriores.

A maioria das pessoas pensa nos antigos impérios dos Sumérios, Babilónios, Acadianos, Fenícios e Assírios como civilizações separadas. Todavia, uma inspeção atenta à História revela-nos que cada uma era uma versão degradada da sua antecessora. Primeiro, surge a Suméria com os seus incríveis zigurates, a agricultura (eles tinham quatro tipos de cerveja!) e a linguagem escrita. As tabuinhas cuneiformes sumérias, mais de meio milhão das quais ainda guardadas nas reservas de museus de todo o mundo, afirmam que a civilização lhes foi trazida por seres que podiam voar pelo ar. Estes seres divinos eram chamados Anunnaki, traduzido como «aqueles que vieram dos céus para a Terra». Muitos dos que seguem os escritos de Sitchin estão convencidos de que os Anunnaki eram visitantes extraterrestres.

«Uma surpreendente variedade de feitos científicos e tecnológicos é descrita nas tabuinhas sumérias, como engenharia genética e clonagem, viagens interplanetárias em redor do seu planeta nómada, comunicação instantânea à distância e o onnipresente recurso a *chips* tecno-mágicos chamados ME — erroneamente traduzidos como “fórmulas” antes de o especialista sumério e bíblico Zecharia Sitchin nos trazer uma perspetiva revolucionária sobre esta civilização *high-*

tech dos nossos antepassados», escreveu Chris H. Hardy, autora de *Wars of the Anunnaki: Nuclear Self-Destruction in Ancient Sumer*. No seu livro, ela apresenta descrições muito humanóides dos deuses do céu, bem como a evidência de ataques nucleares no nosso passado distante — desde cadáveres radioativos a pedras vitrificadas em diversos locais, indicando a possibilidade de terem sido fundidas por um imenso e súbito calor, muito provavelmente resultante de explosões atômicas.

Outros, como os autores Philip Gardiner e Gary Osborn no seu bem investigado livro *The Shining Ones: The World's Most Powerful Secret Society Revealed*, afirmam que estes seres iluminados podem ter, alternativamente, vindo do interior da Terra ou de alguma civilização anteriormente destruída, semelhante à lendária Atlântida. A tradição de deuses que agiam de forma muito humana — invejavam-se e odiavam-se, conspiravam contra os seus parentes, até travavam guerras entre si usando os seres humanos como peões — foi transmitida através das religiões dos Egípcios, Gregos e Romanos. Gardiner e Osborn tentaram determinar se sociedades secretas como os Illuminati, Maçonaria, Rosa-Cruz, Cavaleiros Templários, Cavaleiros de Malta, Opus Dei e outras poderiam girar em torno do mesmo centro. E concluíram que sim.

De acordo com Gardiner e Osborn: «Descobrimos que, ao longo dos tempos, muitas organizações, embora aparentemente diversas e contraditórias, tinham sido fachadas ou derivações dos Cintilantes. Era como se todas fizessem parte de uma roda. A orla exterior é a face do grupo ou da sociedade. Um lado dessa orla não consegue ver o que o outro lado está a fazer, ou sequer saber que ele existe. O centro pode ver o que está a acontecer em todas as direções, mas à distância, embora mantendo todos os raios em seu poder.

O mesmo acontece no mundo das sociedades secretas ou exclusivas. O mundo vê os grupos a partir desta orla, mas mais nada. Todavia, nós somos tal qual como aqueles que se encontram na orla — não conseguimos ver o centro da roda no local onde nos encontramos.»

Gardiner e Osborn concluem o seguinte: «Todas elas [as sociedades secretas] surgiram essencialmente do mesmo centro ou tronco: a Igreja Católica, que por sua vez, em nossa opinião, remonta à antiga Suméria e aos Cintilantes. [...] As doutrinas secretas dos Cintilantes vêm orientando o desenvolvimento da humanidade há possivelmente 50 mil anos, e continuam a fazê-lo atualmente.»

Um exame atento das surpreendentes semelhanças de caráter entre os deuses dos tempos antigos parece ser mais do que uma mera coincidência. Embora os nomes mudem com as diferentes línguas, as descrições são notavelmente semelhantes.

O deus que governava dos céus era Anu para os Sumérios, Amon-Rá para os Egípcios, Cronos para os Gregos e Saturno para os Romanos. A esposa do Pai Celeste para os Sumérios era Antu, para os Egípcios era Mut, para os Gregos era Hera, e para os Romanos era Juno. Quem governava a Terra era o deus sumério Enlil, o egípcio Set, o grego Zeus e o romano Júpiter. A esposa desta divindade era a suméria Ninhursag, a deusa egípcia Ísis e as deusas grega e romana Atena e Minerva. Um irmão e construtor de monumentos na Terra era o Enki sumério, o Osíris egípcio, o Apolo grego e o Vulcano romano, enquanto um deus guerreiro rival era o Marduk sumério, o Hórus egípcio, o Ares grego e o Marte romano. A deusa do amor era Asherah, Hathor, Afrodite e Vénus. Estes vários «deuses» poderiam estar a descrever os mesmos seres vivos, indivíduos que outrora viviam com os homens e durante muito mais do que os anos humanos? A memória racial da interação com seres reais poderia explicar o fervor e a durabilidade de algumas religiões. Os autores Gardiner e Osborn referem que, independentemente da origem destes seres, «[...] qualquer que fosse o conhecimento científico transmitido, este era originalmente baseado em princípios espirituais fundamentais e, o mais importante, *na obtenção dos mais elevados estados de consciência* [ênfase no original] — o despertar espiritual a que os antigos hindus chamavam *kundalini*».

«É claro que nem todos os que viviam nessa época agora esquecida [a época dos Anunnaki] entendiam este conhecimento»,

acrescentam os autores, «apenas aqueles que haviam conquistado a posição de “adepto” ou “mestre” o entendiam e utilizavam [...] uma espécie de clero xamânico que agora identificámos e cujos membros eram conhecidos como os Cintilantes.»

Gardiner e Osborn afirmam que a sua investigação aprofundada das civilizações e culturas mundiais os levou a acreditar que o conhecimento, ainda que imperfeito, desses antigos Cintilantes, constitui um fenómeno global no qual nomes diferentes mas descrições semelhantes foram aplicados a «certos seres inteligentes» que existiram em todo o mundo e surgiram em diferentes períodos da História. No Médio Oriente, vestígios do conhecimento dos Anunnaki/Cintilantes e alguns fragmentos da sua tecnologia foram transmitidos aos Acadianos, uma raça semita que se fundiu com os Sumérios, mas manteve a língua destes últimos porque era considerada como sendo dos deuses. O estado acadiano invadiu os impérios dos Hititas, Assírios e Babilónios. O conhecimento e as crenças do que havia sido o Império Sumério chegaram ao Egito, em grande parte por intermédio das viagens do patriarca bíblico Abraão, que era um caldeu, uma anterior designação dos habitantes do Sueste da Mesopotâmia, conhecidos pelo seu interesse e estudo da astronomia e astrologia. Em 3100 a. C., por exemplo, a tecnologia dos deuses antigos levaria o incipiente Império Egípcio a uma preeminência que duraria mais de trinta séculos. À grandeza do Egito seguir-se-iam as famosas civilizações da Grécia e, mais tarde, de Roma.

O Dr. Arthur David Horn, que renunciou ao cargo de professor de Antropologia Biológica na Universidade Estadual do Colorado depois de concluir que as explicações convencionais para as origens do Homem que ele ensinava eram «absurdas», escreveu no seu livro *Humanity's Extraterrestrial Origins*: «Deixemos bem claro, mais uma vez, que não acreditamos que a antiga história suméria e outras histórias da Mesopotâmia são uma História “absolutamente verdadeira”. Estas histórias que nos chegaram por meio de milhares de anos de tradição oral e escrita deverão estar algo distorcidas —

provavelmente em alguns casos intencionalmente distorcidas pelos Anunnaki. Mas penso que, atualmente, estas histórias antigas são provavelmente o mais próximo que alguma vez estaremos da verdade...»

Devemos considerar como serão vistos os acontecimentos atuais daqui a dois mil anos — a maior nação da Terra a bombardear algumas das mais pequenas e mais fracas sem motivos claros, gente que passa fome em certas partes do mundo enquanto noutras os agricultores são pagos para não plantar, tecnófilos sentados em casa a jogar golfe eletrónico em lugar do desporto real e forças policiais com ordens para prender quem simplesmente deseja consumir uma erva psicoativa. As pessoas de uma era futura provavelmente hão de encarar tudo isto como mitos fantásticos, assim como muitos de nós encaramos os «antigos» alienígenas.

Todavia, os que procuram a verdade não se podem dar ao luxo de rir dos relatos sumérios que se revelaram exatos em tantos dos seus registos. Do mesmo modo que não podem ser ignoradas as provas esmagadoras da existência de um controlo conspiratório no governo, nos negócios e nos média. Os progressos feitos na astronomia, antropologia, arqueologia e egiptologia apenas tendem a apoiar a tese de uma antiga intervenção não-humana.

Investigadores descobriram que os Anunnaki determinaram firmemente o domínio dos diversos cleros e o direito divino dos reis nas civilizações mais antigas. Por altura dos Antigos Egípcios, as religiões encontravam-se bem estabelecidas e tinham-se fundido com a estrutura política dominante. Sacerdotes ungidos que adoravam um deus exortavam os seus seguidores a demonizar os adoradores dos restantes. Qualquer um que não jurasse lealdade ao seu único deus verdadeiro era castigado como blasfemo, pagão, adorador do diabo ou coisa pior.

A dada altura, a Terra, ou pelo menos o Próximo Oriente, foi devastada por cataclismos naturais ou por alguma guerra pré-histórica. Os deuses Anunnaki retiraram-se de um contacto manifesto com os humanos. Quando estes deuses desapareceram, as religiões

por eles criadas tornaram-se metafísicas. O conceito de Deus evoluiu de um ser físico para uma entidade sobrenatural onnipresente, embora antropomórfica. Os conflitos entre os astronautas antigos, que comandavam exércitos de seres humanos, foram fielmente registados no Antigo Testamento. Estas guerras antigas tornaram-se a base metafórica da luta entre o novo Deus monoteísta e o seu equivalente maligno, Satanás.

O pastor batista e autor Paul Von Ward escreveu: «Aqui [na Mesopotâmia] as religiões que se desenvolveram a partir de cultos dos ausentes [Seres Avançados ou Anunnaki], que descreviam os seus deuses como seres mágicos e imortais, deram o passo seguinte em direção ao sobrenaturalismo.»

Consideremos historicamente de que modo as populações humanas têm sido controladas. Ao longo dos tempos, existiram dois métodos predominantes para controlar a humanidade: a religião e as finanças. De acordo com um número crescente de investigadores, estes bem aperfeiçoados mecanismos de controlo podem ser de origem extraterrestre. Os primeiros seres humanos sentiam instintivamente alguma força orientadora e invisível por trás da ordem da vida e desenvolveram a espiritualidade. Mas, com os progressos do conhecimento científico ao longo dos séculos, esta fé cega deveria ter desaparecido. Mas não foi o que aconteceu. Atualmente, a maioria da população mundial continua a seguir uma religião ou outra, o que muitas vezes dá origem a conflitos, guerras e genocídios. O que é que tornou a religião tão importante na mente de tantos?

Alguns acreditam que a maioria das religiões, certamente as crenças judaico-cristãs presentes nas nações ocidentais de hoje, pode ser retrospectivamente seguida até à Suméria, a mais antiga civilização registada do mundo e, curiosamente, um dos poucos lugares na Terra para onde os estado-unidenses não podem viajar com facilidade.

De acordo com as antigas tabuinhas sumérias, o Antigo Testamento, os papiros egípcios e os relatos dos Gregos e depois dos Romanos, tempos houve em que os seres humanos se

encontravam cara a cara com os seus deuses. Praticamente todas as culturas antigas deste mundo contêm lendas de deuses que vieram do céu e lhes ensinaram os fundamentos da civilização: linguagem, matemática, astronomia, química, direito e arquitetura. Incluem-se aqui as tribos ameríndias; os Maias, Astecas e Incas da América Central e do Sul; os antigos Chineses, Egípcios e Gregos; os aborígenes da Austrália; e certas tribos africanas como os Dogons. O historiador maçónico Walter Leslie Wilmshurst deu-nos pistas sobre a história oculta da Maçonaria quando escreveu sobre uma «Idade de Ouro», em que «os homens se encontravam em consciente conversação com o mundo invisível e eram orientados, ensinados e guiados pelos “deuses” [...]». Segundo ele, a humanidade perdeu-se após uma «queda» em consequência da sua tentativa de obter o mesmo conhecimento que os seus criadores, um conceito comparável ao bíblico «abandono da graça».

Este «abandono» da humanidade, segundo Wilmshurst, não se deveu a nenhuma transgressão individual, mas a «alguma fraqueza ou defeito na alma coletiva ou de grupo da raça adâmica», pelo que «nos conselhos divinos» foi decidido que «a humanidade devia ser redimida e devolvida ao seu estado primitivo», um processo que exigia «vastos ciclos de tempo para a sua concretização». Ele acrescenta que esta devolução também exigia «assistência científica especializada» dos «deuses e guardiões angélicos da raça caída em erro, aos quais todas as tradições antigas e escritos sagrados se referem».

As primeiras descrições presentes em escritos religiosos foram-se distorcendo ao longo dos séculos. Por exemplo, deve ser referido que, nos textos originais, os anjos nada tinham de espiritual. Nas traduções gregas de documentos originais, a palavra *angelos* (*angelus* em latim) significava simplesmente «mensageiro». Como tal, um anjo do Senhor torna-se um mensageiro do Senhor.

Foram muitos os que no passado viram um aspeto mais realista nos relatos antigos. No seu livro seminal *The Secret Teachings of All Ages*, Manly Palmer Hall, maçom de 33.º grau do Rito Escocês,

reconhecia o contacto inicial entre seres humanos e terceiros, escrevendo o seguinte: «No passado distante, os deuses caminhavam com os homens e escolhiam entre os filhos dos homens os mais sábios e os mais verdadeiros. Com estes filhos especialmente ordenados e iluminados, eles deixaram as chaves da sua grande sabedoria, que era o conhecimento do bem e do mal [...] esses iluminados fundaram aquilo que conhecemos como Mistérios Antigos.»

Como tal, um segredo interno dos Maçons é a consciência de «deuses» pré-históricos que concederam o seu conhecimento a certos seres humanos, iluminando-os. Este conhecimento foi transmitido por antigas Escolas de Mistérios aos fundadores das religiões judaica e cristã, cujas tradições foram aprendidas pelos Cavaleiros Templários e levadas para o núcleo interno da Maçonaria moderna e depois para os Illuminati.

Tanto na cultura oriental como na ocidental, os governantes obtinham poder e riqueza da religião. Todavia, com o advento da imprensa, o número dos que podiam ler a Bíblia cresceu, pelo que surgiu um entendimento mais sofisticado entre o público ao mesmo tempo que o controlo religioso diminuía, especialmente nos países altamente desenvolvidos.

Atualmente, o mecanismo de controlo preferido é o empréstimo de dinheiro. Ao juntar o empréstimo de dinheiro à religião, como se o próprio dinheiro fosse ordenado por Deus, criou-se uma classe internacional de corretores de ouro. Como tal, este continua a ser um poderoso mecanismo de controlo sobre a humanidade nos dias de hoje.

O poder que advém da troca de dinheiro pode ser seguido até ao Próximo Oriente, onde predominavam os chamados cambistas, trocando as moedas das várias cidades e nações por dinheiro aceitável pelos sacerdotes do templo. Como tal, o dinheiro ficou intimamente ligado aos templos da religião, que também serviam como centros para o estudo da astronomia e da astrologia. De recordar que foi apenas no templo de Jerusalém que Jesus, o

«Príncipe da Paz», se tornou violento — e contra os cambistas. O conflito entre os cambistas e a população humana tem-se mantido ao longo dos tempos.

Atualmente, um número crescente de pessoas começa a considerar seriamente a ideia de antigos astronautas: seres não-humanos que visitaram a Terra há milénios. Trata-se de um conceito que ganhou popularidade na década de 1970 com a publicação do *bestseller* do autor suíço Erich von Daniken, *Chariots of the Gods*. Mais pormenores sobre este tema, recolhidos da literatura suméria, seriam oferecidos pelo estudioso e escritor Zecharia Sitchin na sua série de múltiplos volumes sobre o décimo segundo planeta e os antigos astronautas chamados Anunnaki, ou «Aqueles que do Céu para a Terra vieram».

Qualquer estudo aprofundado desta questão revela que as provas de tais visitas alienígenas — encontradas em locais sagrados, na arte antiga e em artefactos anómalos — são bastante convincentes, quase esmagadoras. Com efeito, algumas das religiões mais antigas poderão ter-se baseado numa realidade há muito esquecida.

Embora este conceito possa parecer absurdo para muitos, até algumas mentes científicas apresentaram sugestões semelhantes. O biólogo molecular britânico Francis Crick, galardoado com o Prémio Nobel pela sua descoberta do código da estrutura do ADN na década de 1950, especulava no seu livro *Life Itself* que seres viajantes do espaço, vindos de outro sistema solar, teriam trazido num passado distante as sementes necessárias para a vida na Terra. Os nossos antepassados primitivos provavelmente terão sentido uma profunda reverência perante estes visitantes tecnologicamente avançados que vinham dos céus, podiam voar pelo ar e fazer coisas que só poderiam ter parecido magia. Estes visitantes eram originalmente considerados meros observadores ou mensageiros do céu. Tais relatos são encontrados nas antigas tabuinhas cuneiformes da Suméria, que antecedem a Bíblia em mais de dois mil anos e descrevem como os Anunnaki iniciaram o conceito de religião organizada e designaram governantes para a humanidade.

Em vez de lidar diretamente com a crescente população humana, os deuses antigos ordenaram um órgão administrativo ou clero, incumbido de transmitir editais e instruções, bem como de interpretar políticas. Assim que sentiu o gosto da riqueza e do poder, esse clero não quis abrir mão deles. A religião não tardou a transformar-se numa estrutura rígida de dogmas, catecismos, dízimos e obediência. «Aparentemente, estes extraterrestres terão realizado “grandes feitos” para serem adorados como “deuses”. O passo seguinte seria fornecer tecnologia a estes humanos da Terra, para que eles pudessem criar “ricas” estruturas de culto religioso com uma aparência impressionante, cobertas de ouro e de outros recursos minerais, destinadas ao culto destes “deuses” extraterrestres», escreveram os investigadores Peter Jiang e Jenny Li em *The Canadian*.

Acredita-se que muitas tradições esotéricas e ocultas — incluindo as dos Maçons e Rosacruceanos — terão tido a sua origem nas Escolas de Mistérios dos antigos Gregos e Egípcios. Muitos investigadores creem que estas Escolas de Mistérios continham segredos transmitidos pelos Anunnaki da Suméria. O Dr. Henry Makow, escritor que se dedica ao tema da conspiração, relatou que uma mulher que alegava ter sido um preeminente membro dos Illuminati dizia ter sido informada de que a Ordem remonta à antiga Babilónia e à Torre de Babel. «Quando os planos dos cabalistas para uma torre que chegasse ao céu foram frustrados por Deus, eles deram início à sua vingança secular contra Ele e juraram sequestrar a Sua Criação», escreveu Makow.

Talvez uma das mais cobiçadas tecnologias dos deuses celestes Anunnaki tenha sido a criação e o uso de ouro monatómico.

TECNOLOGIA ANTIGA

A descoberta acidental de elementos monatómicos por um cultivador de algodão da área de Phoenix na década de 1970 pode na realidade ter sido uma redescoberta da tecnologia usada pelos antigos astronautas. Isto envolve a manipulação de energia ao nível atómico

e pode ter aberto as portas a uma energia gratuita e ilimitada, curas para a sida e o cancro, longevidade, velocidades mais rápidas do que a luz, antigravidade e muito mais, talvez até viagens interdimensionais e intertemporais. Esta descoberta pode ter precipitado novas políticas governamentais e até uma guerra na luta pelo controlo desta nova tecnologia. E, embora tenha sido surpreendente para a ciência moderna, parece não ser nada de novo.

Como se pode ler no Eclesiastes 1:9: «Aquilo que foi é aquilo que será; aquilo que foi feito, há de voltar a fazer-se; e nada há de novo debaixo do Sol!»

Atualmente, vários estudiosos associaram esta descoberta surpreendente à mitologia e lendas de um passado distante, em especial aos Anunnaki da antiga Mesopotâmia. O interesse por esta nova tecnologia cresceu rapidamente e, em 2003, alguns investigadores chegaram a afirmar que a invasão do Iraque pelos EUA poderia estar mais relacionada com esta nova descoberta do que com o petróleo, armas de destruição maciça ou uma mudança de regime. A descoberta desta matéria monatómica e a sua ligação com narrativas do passado antigo, com o seu possível papel nos atuais acontecimentos mundiais, despertou um interesse crescente por parte dos investigadores. É como se estes segredos elementais se tivessem perdido há séculos, embora vestígios deste mesmo conhecimento pudessem ter sido transmitidos ao longo dos anos por uma série de sociedades secretas que culminaram nos Illuminati.

Esta história começou com David Hudson, um pretenso republicano conservador e produtor de algodão de Phoenix, Arizona. Em meados da década de 1970, Hudson chegara à conclusão de que a agricultura na terra dura e ressequida daquela área era uma atividade miserável. Começou a procurar outros meios de subsistência e, ao mesmo tempo, começou a injetar ácido sulfúrico no solo, num esforço para quebrar aquela crosta seca. Eis que descobriu que, ao borrifar as suas amostras de solo com uma solução de cianeto, conseguia extrair vestígios de metais do minério, incluindo ouro. «[Nós] tínhamos estado a analisar o solo [quando pensámos]

nesta ideia de literalmente empilhar minério num pedaço de plástico e borrifá-lo com uma solução de cianeto, que extrai seletivamente o ouro do minério», disse Hudson à sua assistência em Dallas, em 1995. «Este escorre pelo minério até chegar ao plástico e depois escorre do plástico para o decantador. É bombeado através de carvão ativado, onde o ouro adere ao carvão e, em seguida, a solução é devolvida à pilha [...] O conceito parecia bastante simples. Eu decidi, vocês sabem que muitos agricultores têm aviões, muitos agricultores têm cavalos de corrida, muitos agricultores têm carros de corrida [...] eu decidi que ia ter uma mina de ouro.»

Depois de inspecionar vários locais, incluindo minas de ouro abandonadas, Hudson encontrou o lugar que pretendia perto de Phoenix. «Eu tinha muitas escavadoras, camiões-cisterna, motoniveladoras e retroescavadoras e esse género de coisas na quinta, e tinha operadores para o equipamento, pelo que decidi que ia montar um desses sistemas de lixiviação com cianeto.»

Hudson obteve muito mais do que estava à espera.

«Começámos a recuperar o ouro e a prata e levávamos o carvão para a nossa quinta. A extração fazia-se com cianeto quente e hidróxido de sódio. Passávamos o produto por uma “célula de eletroextração” para extrair o ouro. E depois fazíamos aquilo a que se chama o “teste de fogo”, onde ele é passado por um cadinho redutor para obter uma gota de ouro e prata [...] Este é o antigo processo para extrair ouro e prata e, basicamente, há já 250-300 anos que se pratica. É o processo aceite nesta indústria», explicou ele.

Mas, juntamente com pequenas quantidades de ouro e prata, Hudson também obteve pequenas contas de um material que complicava as suas tentativas de análise. «Qualquer coisa estava a ser extraída com o ouro e a prata [que] não conseguíamos explicar», disse ele.

Esta «coisa» revelou ser elementos até então desconhecidos pela ciência moderna: elementos compostos por um único átomo. Esta matéria monatómica está presente em praticamente tudo o que nos rodeia, incluindo os alimentos que comemos e a água que bebemos.

Hudson descobriu que estes elementos podiam ser extraídos de metais nobres como ouro, prata, cobre, cobalto e níquel, bem como de platina, paládio, ródio, irídio, ruténio e ósmio.

Também descobriu que os núcleos desta matéria monatómica agiam de uma forma invulgar. Sob determinadas circunstâncias, começavam a girar e a criar configurações estranhamente deformadas. À medida que o faziam, aqueles núcleos começavam a desintegrar-se por si.

Verificou-se, por exemplo, que no elemento ródio 103, o núcleo se deformava numa proporção de dois para um, o comprimento sendo duas vezes maior que a largura — como uma garrafa de *Coca-Cola* —, e entrava num estado de alta rotação. «É uma coisa inerente», observou Hudson. «Não é algo que se possa fazer externamente.»

Após um estudo de dois anos com este material, um químico analítico do Arizona deu a saber a Hudson que o que ele tinha encontrado não era um dos elementos normais da tabela periódica. Referindo-se a uma amostra, o químico disse: «O que temos aqui é algo que eu sei que é ródio puro e, no entanto, nenhuma destas análises espectroscópicas me diz que é ródio.» Hudson explicou que o ferro podia formar um cloreto castanho-avermelhado, mas o silício, o alumínio e o cálcio não formam sais coloridos. «E se pegarmos no material que eles dizem ser silício e cálcio e o dissolvermos outra vez por meio de uma fusão e de ácido clorídrico, obtemos novamente o cloreto castanho-avermelhado. Ora, de onde foi que ele veio?» perguntou Hudson.

O químico disse-lhe: «Dave, isto não faz absolutamente sentido nenhum. Isto desafia tudo o que aprendi na faculdade, tudo o que aprendi na pós-graduação. Vou enviá-lo aos meus professores no Iowa.» Ele enviou os sais de cloreto castanho-avermelhado para a Universidade Estadual do Iowa, onde perguntou aos químicos: «Qual é o metal presente neste sal?» Os especialistas da universidade responderam que existia cloro nas amostras. «O cloro é um gás», observou Hudson. «Ora, muito bem, existe cloro, mas com que é que o cloro está a reagir para se transformar num material cristalino? E

eles responderam: “Existe cloro.” E nós perguntámos: “Sim, mas qual é o metal que está a reter o cloro?” Eles não nos souberam responder.»

«Então, decidimos que íamos ser muito sofisticados. [...] Quando fizemos a espectroscopia, eu disse-vos que aqueles elementos entravam em combustão em 70 segundos; bem, aos 68 segundos, interrompemos a combustão. *Okay?* Ora, não devia haver mais nada senão aqueles elementos, carbono e o elétrodo. Retirámos a bola de metal com um canivete e enviámo-la para os Laboratórios Harwell em Londres, que são do governo, vocês sabem, os laboratórios do governo em Londres, e eles ativaram os neutrões. Ora, a ativação de neutrões não se importa com o estado em que se encontram as orbitais dos eletrões, na realidade, analisa o próprio núcleo do elemento. Os resultados chegaram: “Nenhum elemento precioso detetado.” Eles viram algum carbono, mas nenhum elemento precioso foi detetado. Estão a ver, isto começa mesmo a ficar esquisito nesta fase. Tenho comigo provavelmente as melhores credenciais que o dinheiro pode comprar. Tenho um homem que trabalhou, ora, um total de nove anos e meio, ele é doutorado em química analítica, ele consegue separar e quantificar fisicamente tudo o que é conhecido pelo Homem. E ele diz-me: “Dave, não consigo explicar isto. Isto não é explicável.” Então, para rematar, encomendámos à Johnson Matthey material padrão puro de ródio e irídio, platina, paládio, ruténio e ósmio e aprendemos a fazê-lo desaparecer. Podíamos pegar no cloreto de ródio puro e analisá-lo como ródio puro e, por meio de um processo de evaporação repetida com sal, podíamos fazer o ródio desaparecer das análises instrumentais. Continua a ser um cloreto vermelho, ainda podemos fazer a química toda, ainda estava em solução, mas a análise dizia que não continha ródio. E aquilo era ródio padrão puro. O modo como desaparecia era um processo de desagregação.»

Resumindo, os professores da universidade do Iowa não conseguiam identificar o material na amostra e a análise de ativação de neutrões em Inglaterra também não conseguia identificar os

elementos.

Hudson acabou por encontrar uma fonte de informação na Academia Soviética de Ciências, na Rússia. Com recurso a equipamento especializado, os cientistas determinaram que a misteriosa substância branca era composta exclusivamente por metais do grupo da platina numa forma monatómica anteriormente desconhecida pela ciência moderna.

Algo completamente novo e invulgar estava a revelar-se.

Na United Technologies, o novo material de Hudson foi colocado em células de combustível que estavam a ser desenvolvidas naquelas instalações. Embora a análise indicasse que o material não continha ródio, quando montado em carbono e colocado numa célula de combustível, ele agia como apenas o ródio poderia agir.

Hudson ficou a saber que, se conseguisse explicar como obter o seu estranho pó branco a partir de material comercialmente disponível, poderia patentear o processo. Em 1988, foi exatamente isso que ele fez, registando as patentes estado-unidenses e mundiais de onze elementos monatómicos.

Ele criou o termo «Orbitally Rearranged Monatomic Elements» (ORME — Elementos Monatómicos Orbitalmente Rearranjados) para descrever esta matéria recém-descoberta. Num estado monatómico puro, este material forma uma substância pulverulenta, branca como a neve, com um aspeto não muito diferente da farinha de cozinha comum.

Então, o estudo deste estranho material deu uma reviravolta ainda mais estranha.

«O mais incrível disto tudo», explicou Hudson, «é o peso do material. Era muito difícil pesá-lo. [...] Eles querem coisas muito exatas no gabinete das patentes [mas] não conseguíamos resultados consistentes com o material. Ele não parava de ganhar peso.»

Utilizando uma análise termogravimétrica, verificou-se que, quando as amostras do material eram reduzidas ao estado de pó branco, perdiam 44% do seu peso original. O aquecimento ou arrefecimento do material levava-o a ganhar ou perder peso. «Com um recozimento

repetido, conseguíamos fazer com que o material pesasse menos do que o recipiente em que se encontrava», disse Hudson. «[...] Ou podíamos fazê-lo pesar 300-400 vezes mais do que o seu peso inicial, consoante o aquecêssemos ou arrefecêssemos. [...] Se pegarmos naquele pó branco e o colocarmos numa base de quartzo e o aquecermos até ao ponto em que ele se funde com o quartzo, ele fica preto e recupera todo o seu peso. Isto não faz sentido, é impossível, não pode acontecer. Mas era assim.»

No início da década de 1990, o Instituto Niels Bohr, o Laboratório Nacional de Argonne e o Laboratório Nacional de Oak Ridge publicaram artigos científicos que comprovavam a existência destes elementos monatómicos de *spin* elevado e a sua capacidade como supercondutores.

Hudson também se encontrou com o Dr. Hal Puthoff, diretor do Instituto de Estudos Avançados em Austin, Texas. Puthoff realiza pesquisas avançadas no campo da energia de ponto zero e da gravidade como força de flutuação de ponto zero. Ele e outros cientistas avançaram uma teoria segundo a qual, no espaço existente nos átomos no interior de uma chávena de café vazia, existe energia suficiente para ferver todos os oceanos da Terra, se esta for plenamente utilizada. Puthoff também teorizou que a matéria que reage em duas dimensões devia perder cerca de 44% do seu peso gravitacional, exatamente a perda de peso registada por Hudson.

Quando se descobriu que os elementos de Hudson, quando aquecidos, podiam atingir uma atração gravitacional menor do que zero, Puthoff concluiu que o pó era uma «matéria exótica» capaz de deformar o tempo e o espaço. As propriedades antigravitacionais do material foram confirmadas quando se demonstrou que, após a colocação do pó branco, o recipiente de pesagem pesava menos do que quando estava vazio. A matéria tinha transmitido as suas propriedades antigravitacionais ao recipiente.

Puthoff já publicou artigos que desenvolvem a teoria de Andrei Sakharov sobre a gravidade, a saber, que a gravidade não é um campo gravitacional. Pode ser que não exista um campo gravitacional

real, mas, em seu lugar, o que conhecemos como gravidade pode ser a inter-reação da matéria, prótons, nêutrons e elétrons com energia de ponto zero, ou vácuo. Nos cálculos de Puthoff e na sua matemática, quando a matéria se encontra conectada por ressonância em duas dimensões, ela já não interage em três dimensões, mas em duas. Puthoff chama a isto o «movimento *jitterbug*», que perde 44% do seu peso gravitacional, exatamente como no caso do trabalho de Hudson. Isto significa que o material é um oscilador quântico conectado por ressonância, que ressoa em duas dimensões, o que por acaso é a definição de um supercondutor. Hudson refere que, quando conheceu Puthoff, este lhe disse: «Dave, você sabe o que isto significa. Significa que, quando você consegue controlar o espaço-tempo, você controla a gravidade, e se você controla a gravidade, está a controlar o espaço-tempo. E, literalmente, o que estes átomos estão a fazer é deformar o espaço-tempo [...]» Puthoff acrescentou ainda: «Existem teorias na literatura publicada, literatura fiável, sobre um movimento mais rápido do que a velocidade da luz, de um lugar para outro. Mas, para isso, é preciso ter aquilo a que se chama matéria exótica, matéria que não tem nenhuma atração gravitacional.» O irídio, a 21 graus Celsius, não tem atração gravitacional; 21 graus Celsius ou mais é a temperatura do nosso corpo. Como tal, suspeita-se de que, à temperatura do corpo ou acima, o corpo humano se encha de luz. Referindo-se ao pó branco resultante do ouro, Hudson disse: «Podemos literalmente comê-lo até que o nosso corpo de luz exceda o nosso corpo físico, e então, supostamente, tornamo-nos seres de luz.»

Maior seria o espanto quando se descobriu que, quando o pó branco era aquecido até certo ponto, não só o seu peso desaparecia, como o próprio pó também desaparecia. Quando se usava uma espátula para mexer o recipiente, aparentemente não havia nada lá dentro. Não obstante, quando arrefecia, o material voltava a aparecer com uma configuração idêntica à que tinha ao ser colocado no recipiente. Esta matéria espantosa, que podia ser transformada de ouro sólido em pó branco, não tinha simplesmente desaparecido;

aparentemente, tinha passado para outro plano dimensional.

Como se tudo isto não fosse suficientemente espantoso, um parente sugeriu a Hudson que consultasse um livro sobre alquimia. Sendo um homem prático, agricultor e metalúrgico, Hudson desdenhava qualquer referência ao ocultismo. Mas não tardou a ficar intrigado com as semelhanças entre os seus elementos monatómicos recém-descobertos e os relatos do passado.

A alquimia é a tentativa secular de descobrir a relação entre um ser humano e o universo e de retirar benefícios da compreensão dos conceitos básicos da vida. A teoria alquímica defendia a existência de uma substância capaz de provocar a transmutação de certos metais. O principal desses metais era o ouro. Este misterioso catalisador por vezes era referido como «a tintura», mas mais frequentemente como «o pó». Este termo, ao passar da língua árabe para o latim, ficou conhecido como o «elixir da vida» e, mais comumente, como «pedra filosofal».

Segundo a *Encyclopedia Britannica*, esta pedra, «que não é uma pedra», era por vezes referida como o «remédio para a retificação de metais “básicos” ou “doentes” e, a partir daqui, seria um pequeno passo para a ver como uma droga para a retificação das doenças humanas».

Esta retificação pode ter sido confirmada. Investigadores monatómicos avançaram uma teoria segundo a qual quantidades cuidadosamente administradas do dito pó branco podem realmente trazer benefícios à saúde humana. «Eu não sou médico; portanto, não posso praticar medicina», disse Hudson a uma assistência em Dallas. «Qualquer coisa dada a alguém com o objetivo de curar uma doença é um remédio. Como tal, não posso dizer oficialmente o que foi feito com ele, o que os médicos que o deram fizeram com ele, mas posso dizer-vos que dois mg diários eliminaram por completo sarcomas de Karposi em doentes com sida. Dois mg por dia! Existem mil miligramas num grama: dois mg não é nada. E isto livra-nos do sarcoma de Karposi. Posso dizer-vos que, nas pessoas que o tomaram, em injeções de dois mg, no espaço de duas horas, o

número de glóbulos brancos passou de 2500 para 6500. Posso dizer-vos que os doentes com cancro de fase quatro o tomam oralmente e, passados 45 dias, já não têm cancro nenhum no corpo. Não vamos entrar em mais pormenores do que isto. Falo com vocês depois, quando as câmaras não estiverem a filmar.»

A ideia de que a famosa «pedra filosofal» é na realidade ouro monatómico foi atestada pelo alquimista seiscentista Thomas Vaughn, que assumiu o nome de Eugenius Philalethes. Vaughn escreveu: «A nossa pedra não é mais do que ouro digerido ao mais elevado grau de pureza e fixação subtil [...]» Dizia que lhe chamavam uma pedra por causa da sua natureza fixa e resistência ao fogo, mas que o seu aspeto era o de um pó muito fino.

Todos ouviram falar dos alquimistas em busca da fórmula para transformar metais comuns em ouro, mas poucos se terão interrogado quanto ao motivo que os levava a querer precisamente ouro. Presume-se que os alquimistas procuravam riquezas. Mas um estudo atento da alquimia e do ocultismo revela que estes homens e mulheres do passado estavam a tentar recuperar o conhecimento antigo dos deuses do céu, há muito perdido nas brumas do tempo.

Será que David Hudson encontrou a lendária pedra filosofal? O agricultor de Phoenix ficou ainda mais surpreendido quando perguntou a um rabino local: «Já ouviu falar do pó branco de ouro?»

«Ah, sim», foi a inesperada resposta, «mas, tanto quanto sabemos, ninguém sabe como fazê-lo desde a destruição do primeiro templo [Templo de Salomão]. O pó branco é a magia, que pode ser usada para magia branca ou magia negra.»

Numa das suas últimas aparições públicas, Hudson comentou: «Agora, se isto ainda não vos chega [...] eu descobri que o nome da árvore dourada da vida era *ORME*, *ormus*, ou *ormes*. E o nome da minha patente é Orbitally Rearranged Monatomic Elements [ORME]. No Livro de Isaías, diz que um David dos últimos dias, um descendente da linhagem davídica, será aquele que há de plantar a Árvore Dourada da Vida. A minha prima, Deus lhe dê o eterno descanso, aderiu à Igreja Mórmon, e eles mandaram-na investigar a

sua genealogia, e a minha tetravó era Hanna de Guise, filha de Christopher de Guise, irmão de Charles ou Claude de Guise, que, se vocês tiverem um exemplar de *O Sangue de Cristo e o Santo Graal*, vão ver que está lá o Charles ou Claude de Guise. Nostradamus trabalhou para a família De Guise e Nostradamus profetizou que em 1999 o ouro oculto seria conhecido pela ciência. Profecia muito específica, datas muito exatas, muito precisas. E eu não sabia disto quando registei a minha patente. E assim, quando percebemos o que isto é e percebemos o que isto faz, e percebemos porque é que está aqui, então, percebemos que não me compete ganhar dinheiro com isto. Eu não posso ganhar dinheiro com isto. Compete-me dizer às pessoas que estão preparadas para isto qual é o estado das coisas e quando é que isto estará disponível. Eu não o posso vender. Hei de pedir donativos para cobrir os nossos custos de produção. Mas tem de ser tornado acessível às pessoas que estão preparadas.»

Em 2004, David Hudson desaparecera por completo depois de prometer ao seu público que pretendia fabricar o seu pó branco monatómico para benefício de toda a humanidade. O seu desaparecimento da cena pública deu azo a muita especulação. Não tinha sido mais do que um vigarista que regressara às sombras antes de ser desmascarado? Ou aqueles que lucravam com tratamentos médicos e farmacêuticos e que tinham muito a perder com aquela descoberta teriam encontrado uma forma de o neutralizar? Ou teria ele ingerido um pouco do incrível pó de ouro e passado para outra dimensão?

Entretanto, a ligação entre o seu pó de ouro e as lendas antigas despertou a atenção de um número crescente de académicos e investigadores. Atualmente, o ouro monatómico é oferecido em muitos *sites*, mas o comprador deve ser alertado para o facto de ainda não existir uma forma conclusiva de garantir a pureza ou eficácia destas ofertas. Compradores, tenham cuidado. Até há quem afirme que o ouro monatómico é uma conspiração dos Illuminati para danificar a cadeia do ADN humano.

O autor britânico Laurence Gardner, no seu livro intitulado *Lost*

Secrets of the Sacred Ark, observava que o mais antigo livro completo do mundo — o egípcio *Livro dos Mortos* — refere que os faraós ingeriram «o pão da presença», também designado como «alimento de *schefa*», ao fazer a ritualista jornada rumo à vida depois da morte. Em cada fase, o faraó perguntava: «O que é?»

Isto foi comparado ao relato bíblico de Moisés e dos Israelitas no deserto depois do êxodo do Egito. A História egípcia está de acordo com a história de Moisés na Bíblia, mas com algumas diferenças significativas. Alguns investigadores afirmam que Moisés (Mosis) não é um nome, mas um título que significa «o legítimo herdeiro de Tutmés», o terceiro faraó da XVIII dinastia do Egito. Seguindo a tradição real egípcia, o filho de Tutmés casou-se com a sua irmã Sitamun para herdar o trono como Amenhotep III. Mais tarde, casou-se com Tiye, filha de um importante cortesão. Tendo sido decretado que nenhum filho de Tiye poderia herdar o trono, quando Tiye ficou grávida, foi ordenado que, se a criança fosse do sexo masculino, seria morta. Tiye deu à luz um filho e ela e as parteiras reais encontraram maneira de levar a criança, escondendo-a num cesto de junco que flutuou Nilo abaixo até aos parentes judeus de Levi, meio-irmão de Tiye. O menino foi criado por esta família judia e recebeu a educação real própria da sua posição de potencial faraó. À medida que crescia, Aminadab ou Amenhotep («Amon está satisfeito» em hebraico) mudou o seu nome para Akhenaton (servo de Aton, o único deus verdadeiro).

Entretanto, quando Amenhotep III adoeceu, Akhenaton casou-se com a filha de Sitamun, Nefertiti, para se poder candidatar a faraó. Com a morte do velho rei, Akhenaton tornou-se Amenhotep IV. Com a sua crença num só deus, resultado de uma educação hebraica, Akhenaton enfureceu o clero ao mandar encerrar os templos dos outros deuses egípcios, substituindo-os por templos dedicados a Aton. Após alguns conflitos, Akhenaton foi forçado a abdicar do trono a favor do seu primo Semenkhkare, ao qual mais tarde sucederia o jovem filho de Akhenaton, Tutankhaton. Uma vez que era considerado um deus, Akhenaton não podia ser morto, mas podia ser

exilado.

Ao deixar o Egito, Akhenaton, agora Moisés (herdeiro legítimo do trono), não levou os seus pais biológicos, mas os servos hebreus que o haviam criado. Ou por ter mudado de ideias quanto ao facto de deixar Moisés vivo para desafiar o seu direito ao trono, ou furioso porque os filhos de Israel tinham levado consigo tudo o que podiam carregar, o faraó reinante perseguiu Moisés com o seu exército, mas ficou atolado ou morreu no deserto do Sinai, perto do lago Timsah. Na realidade, este faraó é desconhecido, mas acredita-se que seja Ramsés II, essencialmente porque a Bíblia refere a construção da cidade de Ramsés, que teve lugar durante o seu reinado.

É interessante referir que tanto Akhenaton como Nefertiti seriam portadores de uma anormalidade genética, ou seja, teriam crânios alongados, como aqueles que vêm sendo descobertos no Peru. É frequente na História estes crânios alongados encontrarem-se cobertos por grandes chapéus ou capacetes cónicos. Há quem considere que tal será um indício de uma linhagem de astronautas antigos: os Anunnaki, também conhecidos como os bíblicos Nephilim.

Para se sustentarem durante a sua longa permanência no deserto, Moisés e o seu povo comiam uma substância branca e pulverulenta à qual chamavam maná. Este maná era moído e transformado em pequenos bolos que depois eram assados ou cozidos. Em hebraico, «maná» significa literalmente «O que é?», a mesma expressão usada pelos faraós.

Gardner considerou particularmente significativo o facto de — independentemente da extensa e dispendiosa investigação atual na área destes elementos monatómicos — os segredos deste pó misterioso serem conhecidos há milhares de anos. «Eles sabiam que existiam supercondutores inerentes no corpo humano», escreve Gardner. «Eles sabiam que tanto o corpo físico como o corpo de luz [o espírito ou alma] tinham de ser alimentados para aumentar a produção hormonal, e o alimento ideal para este último era denominado *shem-na-na* pelos Babilónios, *mfkzt* pelos Egípcios e maná pelos Israelitas. Este era produzido pelos mestres artesãos

sacerdotais dos templos (os guardiões da Casa de Ouro) com o expresso objetivo de deificar os reis.»

Moisés/Akhenaton terá construído um templo no monte Sinai, também conhecido como monte Horeb ou o monte de Moisés. Este monte situa-se na região meridional da Península do Sinai e abriga o templo egípcio de Serabit el Khadim, estabelecido como a Casa de Ouro real para as dinastias egípcias, embora nenhum ouro metálico lá tenha sido encontrado, apenas um enigmático pó branco.

De acordo com o *Holman Bible Dictionary*: «Toda a península assume a forma de um triângulo invertido cuja base tem 240 quilómetros de comprimento e é delimitada a oriente pelo extremo norte do Mar Vermelho e a ocidente pelo Golfo de Aqaba. A Faixa de Gaza situa-se diretamente a norte. Esta península tem 60714 quilómetros quadrados e uma população de aproximadamente 140 mil habitantes à data desta publicação [1991]. As regiões central e meridional são extremamente montanhosas, variando entre os 1500 e os 2700 metros de altitude, e a terra encontra-se atualmente valorizada pelos seus campos de petróleo e depósitos de manganês.»

Investigadores da teoria dos antigos astronautas afirmam que os Anunnaki tinham as suas instalações espaciais no Sinai, mas que estas foram destruídas num incêndio atômico por volta da mesma altura da destruição de Sodoma e Gomorra.

No centro da Península do Sinai existe uma enorme cavidade, juntamente com linhas de fratura. A área circundante encontra-se coberta de pedras enegrecidas, um indicador de vitrificação: a passagem de rochas para um estado semelhante ao vidro, geralmente encontrada apenas em locais de testes de bombas atômicas. Além disso, foi detetada uma radiação acima do normal no extremo meridional do Mar Morto, considerado por muitos o local das cidades destruídas de Sodoma e Gomorra.

No seu livro de 1975, *Footprints on the Sands of Time: The Truth from the Super Race from the Stars*, o autor L. M. Lewis argumentava que o sal endurecido que rodeia o Mar Morto é a prova de uma

explosão nuclear. «Quando Hiroxima estava a ser reconstruída, verificou-se que certas áreas de solo arenoso tinham sido atômicamente transformadas numa substância semelhante a um silício vidrado, permeado por um cristalóide salino», afirma Lewis, que acrescenta que, se os pilares de sal em redor do Mar Morto fossem sal comum, teriam sido dissolvidos pela chuva. Em vez disso, são um «sal especial, endurecido, criado apenas por uma reação nuclear, como uma explosão atômica».

O falecido Philip Coppens, autor de *The Ancient Alien Question: A New Inquiry on the Existence, Evidence, and Influence of Ancient Visitors*, referia o seguinte: «Outro candidato a uma explosão nuclear, até agora intocado pela maioria dos “defensores dos antigos astronautas”», é o vale do rio Indo, onde cidades como Harappa e Mohenjo Daro floresceram em 3000 a. C., mas foram rapidamente abandonadas. Uma resposta possível é que estas antigas cidades poderiam ter sido irradiadas por uma explosão atômica. A ser verdade, seria impossível ignorar a conclusão de que a civilização antiga possuía tecnologia avançada.

Passagens do *Mahabharata* hindu, um dos dois principais textos sânscritos da Índia antiga, além de descrições de máquinas voadoras denominadas *vimanas*, sugerem o uso de armas nucleares num passado distante. Esses trechos controversos incluem: «[a arma era] um único projétil carregado com todo o poder do Universo. Uma coluna incandescente de fumo e chamas, tão brilhante como os mil sóis, ergueu-se em todo o seu esplendor. Um trovão de ferro, um mensageiro gigantesco da morte, que reduziu a cinzas toda a raça dos Vrishnis e dos Andhakas [...] os cadáveres estavam tão queimados que eram irreconhecíveis. Os cabelos e as unhas caíram; a cerâmica partiu-se sem causa aparente, e os pássaros ficaram brancos [...] passadas algumas horas, todos os alimentos estavam infetados [...] para escapar a este incêndio, os soldados lançaram-se aos rios para se lavar, a si e ao seu equipamento.»

E é verdade que escavações efetuadas em Harappa e Mohenjo Daro (Monte dos Mortos) revelaram esqueletos humanos espalhados

pelas cidades, não sepultados, muitos deles de mãos dadas e caídos nas ruas como se uma morte repentina e horrível os tivesse surpreendido. Não havia uma causa aparente para a morte daquelas pessoas, nem se tinham decomposto ou sido consumidas por animais. O mais revelador era o facto de estes esqueletos figurarem entre os mais radioativos alguma vez encontrados, comparáveis aos de Hiroxima e Nagasáqui.

Uma notícia no *New York Herald Tribune*, de 16 de fevereiro de 1947, referia que arqueólogos em escavações no Vale do Eufrates tinham descoberto evidências de uma sociedade agrária que remontava a mais de 8000 anos. Por baixo, encontrava-se um nível de uma cultura dedicada à pastorícia e, sob este, evidências de homens das cavernas. Sob tudo isto, um nível de areia fundida em vidro verde, o que constituía a prova de um incêndio nuclear, uma vez que esta fusão também foi encontrada em Trinity, no Novo México, local usado para os testes da primeira bomba atômica.

Mas, guerras nucleares pré-históricas à parte, existem mais evidências de uma tecnologia esotérica utilizada no nosso passado distante. A história bíblica descrita no Livro do Êxodo conta como Moisés se enfureceu ao regressar da montanha, onde recebera as tábuas de Deus. Durante a sua ausência, os Israelitas haviam derretido a maior parte do ouro que tinham para fazer um bezerro, que depois passaram a adorar. Eles sabiam que havia algo de mágico no ouro, mas, à semelhança dos alquimistas que lhes sucederam, não conheciam os meios para o reduzir a pó.

O Livro do Êxodo 32:20 [Nova Versão Internacional] declara: «[Moisés] pegou no bezerro que eles tinham feito e destruiu-o no fogo; depois de o moer até o reduzir a pó, espalhou-o na água e fez com que os Israelitas a bebessem.» Uma vez que a ingestão de metal fundido seria letal, Moisés, que tinha sido educado no conhecimento esotérico egípcio, conhecia o segredo da criação do pó de ouro monatômico.

A confirmação de que terá sido isto que aconteceu surgiria em 1904, quando o arqueólogo inglês *sir* William Flinders Petrie

descobriu uma grande instalação destinada à fundição no templo do monte Horeb, que alguns estudiosos acreditam ser a verdadeira localização do monte de Moisés referido na Bíblia.

Curiosamente, monte Horeb, ou monte Sinai, foi interpretado como tendo o significado de «brilhante» — como no caso dos «Cintilantes». Pensa-se que o nome tenha derivado da palavra *sin*, o deus lunar babilónico que equivale a Nannar, o primeiro líder anunnaki nascido na Terra, filho do comandante anunnaki Enlil e da sua mulher, Ninlil.

Foi em Horeb que Petrie descobriu um templo composto por salões, santuários e câmaras adjacentes, todos eles cheios de esculturas, pilares e estelas que representavam a nobreza egípcia e referiam o misterioso *mfkzt*. Particularmente surpreendente seria a descoberta de um cadinho metalúrgico, juntamente com uma quantidade considerável de pó branco puro, inteligentemente escondido sob uma laje. Sem se preocupar com aquele pó intrigante, Petrie deixou que os ventos do Sinai o levassem.

David Hudson referia que, na Bíblia, o povo hebreu mencionava fogo e fumo no monte Sinai. «Era como se existisse uma forja no monte Sinai. Mas não podemos esquecer que Moisés já tinha estado lá e que na área do Sinai é onde o cobre era extraído e fundido. E, de facto, acredito que existia uma forja no monte Sinai, porque a 1160 graus o pó branco de ouro pode ser derretido e convertido num vidro transparente de ouro. Literalmente, torna-se um vidro tão transparente como o vidro das janelas, e ainda continua a ser ouro puro — não é um composto de ouro, é ouro puro. Podemos metê-lo num almofariz e triturá-lo até voltar a ser o pó branco [...] parece mesmo vidro», disse ele.

Vários relevos neste templo antigo retratam diversos governantes egípcios, entre eles Tutmés IV e Amenhotep III, juntamente com a deusa Hathor. Nestes relevos, várias pessoas estão a oferecer um pão cónico ao rei. Seria o lendário pó branco conhecido como *mfkzt*?

A resposta parece ser afirmativa, já que a figura que oferece o pó pode ser identificada como um tesoureiro egípcio chamado Sobekhotep, descrito noutra lugar como o homem que «levou a nobre

Pedra Preciosa a sua majestade».

Isto leva-nos à ligação com o Iraque. Hoje em dia, é mais do que óbvio para muitos investigadores e estudiosos que a civilização egípcia, longe de ser a primeira grande cultura do mundo como popularmente se acreditava, era na realidade um mero resquício de uma cultura muito mais antiga e fascinante: a da Suméria. Os Sumérios escreveram sobre os Anunnaki, que ofereceram aos seres humanos primitivos o conhecimento da escrita, agricultura, astrologia e até da política. Também terão provavelmente sido a fonte do conhecimento relativo ao milagroso ouro em pó branco.

Uma vez que algumas autoridades acreditam que o ouro em pó branco pode regenerar o ADN humano, existe igualmente a teoria de que também possa fornecer uma cura para doenças e até para a velhice. A ser verdade, as histórias bíblicas de um Matusalém que viveu quase mil anos podem não ser tão exageradas quanto alguns acreditam. Antigravidade, longevidade, a cura para a sida e o cancro, energia gratuita ilimitada, viagens espaciais mais rápidas do que a luz — não é de admirar que certas pessoas façam tudo o que estiver ao seu alcance para obter ou ocultar este conhecimento. Conforme referido em pormenor no «*bestseller* alternativo» *Rule by Secrecy* deste autor, os Estados Unidos são há muito governados por homens ligados a sociedades secretas como o Conselho de Relações Externas, a Comissão Trilateral, os Bilderbergers, os Illuminati e a Maçonaria. Todos estes grupos remontam a sociedades ainda mais antigas, todas com um particular interesse pela alquimia e pelo ocultismo. Pode muito bem ter sido este interesse e conhecimento que levou certos líderes estado-unidenses com ligações a sociedades secretas a querer enviar tropas para o Iraque em 2003.

Este interesse pode ter sido intensificado depois de a ABC News dar a saber que cerca de 400 artefactos sumérios antigos haviam sido descobertos em 1999 na cidade meridional iraquiana de Basmyiah, cerca de 160 quilómetros a sul de Bagdade. A Agência de Notícias do Iraque afirmava que os objetos variavam desde «brinquedos» com formas animais e humanas até tabuinhas cuneiformes e até mesmo

«armas antigas». Pelo menos um selo cilíndrico representava um indivíduo alto que se pensava ser o antigo rei Gilgamesh. As antiguidades datavam de cerca de 2500 a. C., afirmou o líder da equipa de escavação, Riyadh al-Douri. Outras descobertas no Iraque tiveram lugar em 2002 e no início de 2003, feitas por arqueólogos do Departamento de Monumentos Históricos da Baviera, de Munique, Alemanha, que recorreram à tecnologia de mapeamento digital. Segundo o porta-voz Jorg Fassbinder, foi utilizado um magnetómetro para localizar muros, jardins, palácios e uma surpreendente rede de canais que teriam feito de Uruk uma «Veneza no deserto». Este equipamento também localizou uma estrutura em pleno rio Eufrates, que a equipa de Fassbinder acreditava ser o túmulo de Gilgamesh, o antigo rei sumério que afirmava ter dois terços de divino e apenas um terço de humano. Um poema épico que descreve a busca do segredo da imortalidade por Gilgamesh foi inscrito em tabuinhas de argila mais de dois mil anos antes do nascimento de Cristo e é considerado um dos livros mais antigos da História.

Alegadamente, outras descobertas surpreendentes estavam a ser feitas durante este período pelas equipas arqueológicas alemãs e francesas autorizadas a escavar por Saddam Hussein. Vale a pena salientar que a Alemanha e a França foram as duas nações que mais se opuseram à invasão estado-unidense em 2003. As novas descobertas foram acrescentadas às que já se encontravam em depósito no Museu Nacional do Iraque, em Bagdade, o qual estava fechado ao público desde a primeira Guerra do Golfo, em 1991. Estudiosos de todo o mundo lastimaram a perda de antiguidades de valor incalculável naquele país por causa da Guerra do Golfo de 1991 e do subsequente embargo ao Iraque.

McGuire Gibson, do Instituto do Oriente da Universidade de Chicago, lamentava: «O rescaldo da guerra assistiu aos saques e, por vezes, ao incêndio de nove museus regionais e à perda de mais de 3000 artefactos, apenas alguns dos quais foram recuperados. A perda dos objetos, embora grave, não foi tão destrutiva como o impacto que os ataques a estes museus terão no futuro

relacionamento entre os museus e o povo do Iraque. É improvável que se volte a registar um esforço de educação pública no que respeita à arqueologia com uma escala que aqueles museus regionais representavam.» Gibson acrescentou que quase todas as pesquisas arqueológicas no Iraque tinham sido interrompidas por causa de guerras e de embargos subsequentes.

Além do bombardeamento de artefactos históricos pelos EUA, como aconteceu com o gigantesco zigurate de Ur, e das perdas resultantes das construções efetuadas por tropas dos EUA em Tell al-Lahm, as condições económicas resultantes dos embargos causaram um aumento do comércio ilegal de artefactos iraquianos.

É particularmente intrigante para alguns investigadores a ideia de que viajar para o Iraque — provavelmente o berço da civilização humana, se não o ponto de partida de toda a humanidade — seja atualmente proibido, a menos que os viajantes façam parte das forças armadas dos EUA.

Em meados de 2002, o presidente George W. Bush estava nitidamente empenhado em invadir o Iraque, apesar das garantias do inspetor-chefe das Nações Unidas Hans Blix, da Agência Internacional de Energia Atómica, e até de Scott Ritter, inspetor de armamento demissionário dos EUA, de que o Iraque não dispunha de armas de destruição maciça.

Manifestações de protesto tiveram lugar em quase todas as grandes cidades americanas e uma sondagem efetuada para o *New York Times* e a CNN no início de 2003 revelou que metade dos inquiridos se sentia desconfortável com a perspectiva de uma guerra com o Iraque.

Nada disto pareceu influenciar o presidente Bush, que declarou: «Não há negociações, já agora, para Saddam Hussein. Não há nada a discutir. Ou ele se livra das suas armas e as Nações Unidas livram-se das armas dele — ele pode livrar-se das suas armas e os Estados Unidos podem agir, ou os Estados Unidos hão de liderar uma coligação para desarmar este homem.»

A 20 de março de 2003, Bush cumpriu a sua palavra e enviou

forças estado-unidenses para o Iraque. Ao contrário de anteriores campanhas militares, em que os exércitos capturavam cidades e objetivos principais, depois consolidavam as suas forças antes de passarem ao objetivo seguinte, as forças estado-unidenses avançaram diretamente para Bagdade, ignorando a maior parte do país. Deixaram as forças militares iraquianas intactas com as suas armas; mais tarde, muitos desses soldados tornar-se-iam insurgentes. Quando a capital estava nas mãos dos EUA no fim de abril de 2003, saqueadores levaram do Museu Nacional do Iraque em Bagdade pelo menos 50 mil artefactos e tabuinhas de valor inestimável. As evidências indicavam que alguns daqueles saqueadores eram extremamente organizados e tinham objetivos bem definidos.

Não obstante as anteriores tentativas no sentido de avisar os oficiais militares estado-unidenses para o perigo da perda de artefactos com 7000 anos, as autoridades não souberam impedir o saque generalizado dos tesouros mais antigos da humanidade. «Estava convencido de que o Departamento de Defesa tinha adotado medidas para salvaguardar monumentos e museus», lamentou Maxwell Anderson, presidente da Associação de Diretores de Museus de Arte. Anderson fazia parte de um grupo que em janeiro de 2003 alertara as autoridades do Pentágono e do Departamento de Estado para a importância daquelas antiguidades.

Além disso, de acordo com um relatório da Associated Press, os ladrões tinham chaves do museu e dos respectivos cofres. McGuire Gibson disse que o que parecia ser uma pilhagem aleatória na verdade fora um roubo cuidadosamente planeado. «Parece que parte do roubo foi uma ação planeada e muito, muito deliberada», disse ele. «Eles conseguiram obter as chaves dos cofres algures e puderam retirar o material mais importante, o melhor. Suspeito de que tenha sido organizado fora do país. Na realidade, tenho a certeza de que foi.»

«Acredito que eram pessoas que sabiam o que queriam», concordou o Dr. Donny George, diretor do Museu Nacional de Bagdade. «Passaram pela cópia de gesso do Obelisco Negro. Isto

quer dizer que deviam ser especialistas. Não tocaram nas cópias.»

«Foram encontrados no museu cortadores de vidro que não estão disponíveis no Iraque e um enorme busto de bronze com um peso de centenas de quilos [...] [que] exigiria uma empilhadeira para o remover; isto indica que ladrões culturais profissionais bem organizados estavam misturados com a multidão», observou Christopher Bollyn no *American Free Press*.

O facto de algumas vitrinas estarem vazias sem terem sido quebradas revelava que alguns dos materiais preciosos poderiam ter sido retirados antes da chegada dos saqueadores. «Era quase como se os criminosos estivessem à espera de que Bagdade caísse para avançarem», comentou um escritor para a *BusinessWeek*. Tudo isto foi confirmado pelo coronel Matthew Bogdanos no início de 2004. Este coronel chefiou uma investigação dos saques na qualidade de vice-diretor do Grupo Conjunto de Coordenação Interinstitucional, originalmente designado para procurar armas de destruição maciça no Iraque. Depois de obter a permissão do general Tommy Franks, o grupo investigou a pilhagem do museu. Numa entrevista publicada na edição de janeiro/fevereiro da revista *Archeology*, perguntava-se ao coronel Bogdanos o que é que ainda estava em falta no Museu Nacional do Iraque. Ele respondeu: «Temos a galeria pública da qual foram originalmente tiradas 40 peças. Recuperámos 11. Passando às salas de depósito, foram levadas cerca de 3150 peças, e estas quase certamente por saqueadores ao acaso e indiscriminados. Dessas, recuperámos 2700. Portanto, são cerca de 400 dessas peças, peças retiradas de escavações, que estão em falta.

O grupo final é o da cave. A cave é aquela a que temos chamado um trabalho de dentro. E hei de dizê-lo para sempre, como um mantra: é inconcebível que a cave tenha sido aberta e as suas peças roubadas sem um grande conhecimento das pessoas que trabalhavam no museu. De lá, foram tiradas cerca de 10 mil peças. Recuperámos apenas 650, aproximadamente.»

Quando a pilhagem começou em 17 de abril de 2003, um arqueólogo iraquiano foi chamar tropas estado-unidenses para

proteger o museu nacional. Cinco *marines* acompanharam o homem até ao museu e expulsaram uns quantos saqueadores, disparando tiros acima das cabeças deles para os afugentar. Todavia, passados cerca de 30 minutos, os soldados receberam ordens para retirar e os saqueadores não tardaram a regressar. Aparentemente, o único edifício em Bagdade que recebeu total proteção dos EUA foi o Ministério do Petróleo.

«Nunca, desde que os talibãs embarcaram na sua orgia de destruição contra os Budas de Bamiyan e as estátuas do museu de Cabul — talvez nunca desde a II Guerra Mundial —, tantos tesouros arqueológicos foram sistematicamente desfeitos e destruídos», relatou o jornalista britânico Robert Fisk, que visitou o museu logo após o incidente.

Esta pilhagem evitável levou três membros da Comissão Consultiva para a Propriedade Cultural da Casa Branca a demitirem-se, indignados com o facto de os militares estado-unidenses atempadamente alertados não terem sabido proteger os tesouros da Mesopotâmia. «Esta tragédia não foi evitada por causa da inação do nosso país», escreveu o presidente da comissão, Martin E. Sullivan, na sua carta de demissão.

Antes da invasão do Iraque pelos EUA, fora amplamente divulgado que Saddam Hussein acreditava ser a reencarnação do rei Nabucodonosor, o monarca que levava a cabo maravilhosas proezas no campo da construção, como os Jardins Suspensos da Babilónia, numa tentativa de comunicar com os deuses da Mesopotâmia vindos dos céus. Para levar ainda mais além esta tentativa, o Livro de Daniel afirma que Nabucodonosor II construiu uma alta e estreita estrutura de ouro, com 27 metros de altura e 2,7 metros de largura, perto da Babilónia, mal traduzida como uma «fornalha ardente». Seria caso para dizer que Nabucodonosor produzira alguma espécie de campo de energia com base na tecnologia dos deuses do céu. O que quer que tenha criado, era perigoso. Ele ameaçou destruir qualquer um que não adorasse o seu bezerro de ouro, lançando-o na dita estrutura. Quando três sábios/sacerdotes hebreus que haviam sido

nomeados pelo profeta Daniel para administrar a Babilónia — Sadraque, Mesaque e Abede-Nego — se recusaram a servir os deuses de Nabucodonosor, foram atirados lá para dentro. Mas, depois de se vestirem com chapéus, casacos e «outras roupas», os três sobreviveram às chamas.

Estranhamente, quando foi ver se estavam mortos, Nabucodonosor disse: «Vejo quatro homens, soltos e ilesos, a andar pelo fogo, e o quarto assemelha-se a um filho dos deuses [Nova Versão Internacional].» Embora nenhuma outra referência seja feita a esta quarta pessoa divina, os três israelitas sobreviveram e foram honrados pelo rei. Prosperaram sob o seu reinado e ascenderam a posições de poder na Babilónia. Obviamente, esta estrutura de ouro tem muito mais que se lhe diga do que joias e riquezas ornamentais. Será que Nabucodonosor teria de alguma forma criado uma porta dimensional, um portal espaciotemporal ou um buraco negro?

Será que a corrida à guerra com o Iraque, a investida apressada contra Bagdade e o «trabalho de dentro» no museu teriam alguma relação com a obtenção do controlo sobre um conhecimento antigo recém-descoberto, e talvez até uma tecnologia, capaz de desfazer os monopólios modernos da ciência e até abalar enraizadas crenças religiosas?

Será que a milenar veneração do ouro está mais relacionada com o antigo conhecimento do seu poder intrínseco do que com o seu valor monetário? Saddam Hussein poderia estar a tentar desvendar os segredos do ouro em pó branco? A possibilidade de ele ser bem-sucedido terá contribuído para a corrida à guerra contra o Iraque? O Dr. Michael E. Salla, que lecionou na American University e na George Washington University em Washington, D. C., e na Australian National University de Camberra, acredita que este é realmente o caso. «Este estudo dá-nos uma análise exopolítica das dimensões políticas de uma presença extraterrestre histórica que é relevante para o Iraque e para um ataque preventivo por parte dos EUA. Poder-se-á dizer que organizações governamentais clandestinas concorrentes estão a defrontar-se indiretamente para controlar a

antiga tecnologia extraterrestre (ET) existente no Iraque, com o intuito de se prepararem para uma iminente série de acontecimentos correspondentes ao “regresso profetizado” de uma raça avançada de ET. O vaivém espacial *Columbia* pode muito bem ter sido uma vítima de grande visibilidade de uma guerra por procuração, com o objetivo de enviar uma mensagem às organizações clandestinas dos EUA a respeito da guerra preventiva contra o Iraque», escreveu ele num artigo de 2002. «Em vez de ser uma “teoria da conspiração” sem fundamento e com pouca relevância para questões políticas contemporâneas, como uma guerra preventiva dos EUA contra o Iraque, poder-se-á dizer que uma análise exopolítica nos pode dar uma compreensão mais abrangente dos motivos que levaram a administração Bush a lançar uma estratégia preventiva contra o Iraque.» Argumentando que as provas mais fortes da presença histórica de ET no Iraque são as numerosas tabuinhas cuneiformes que registam diretamente as crenças e atividades dos antigos Sumérios, Salla escreveu: «A maior parte destas tabuinhas cuneiformes relata histórias dos Sumérios em interação com os seus “deuses”. A maioria dos arqueólogos aceitou inicialmente que estes não eram mais do que mitos e atribui-lhes pouca importância além do facto de representarem uma visão das crenças míticas e religiosas dos antigos Sumérios.»

A recente descoberta de elementos monatómicos exóticos, a antiquíssima demanda do ouro e dos seus segredos alquímicos, textos antigos que falam de um pó que dá vida e a proximidade do Iraque em relação à fonte do conhecimento de tudo isto constituem sem dúvida um possível motivo para a invasão e pilhagem do Iraque.

A intensa demanda de um conhecimento exótico, ou até extraterrestre, que incluía a antigravidade talvez seja um fator a ter em conta na busca encoberta de uma tecnologia antiga, que poderá ter começado em pleno ainda antes da II Guerra Mundial.

Antes da guerra, os nazis organizaram expedições a diversos pontos do mundo: Tibete, Antártida, Egito, etc. Estavam à procura de relíquias e de conhecimentos antigos, como retratado no primeiro

filme da saga Indiana Jones, *Os Salteadores da Arca Perdida*. E não restam dúvidas de que a Alemanha foi responsável por uma série de progressos científicos na sua demanda de tecnologia bélica. As bombas V-1 Buzz (um antepassado dos atuais mísseis de cruzeiro), os foguetes V-2 que aterrorizaram Londres e o *Messerschmitt 262* (o primeiro jato de combate operacional do mundo) são três dos exemplos mais famosos.

Falaremos mais adiante sobre a influência dos Illuminati na ascensão dos nazis. Embora vários livros e documentários tenham sugerido que a hierarquia nazi se dedicava a práticas ocultistas, não há dúvida de que os Alemães estavam a fazer experiências com uma série de aeronaves e sistemas de propulsão inovadores no final da guerra e que, pelo menos, contemplavam a hipótese de construir um disco voador. Existem evidências tentadoras de que a Alemanha nazi teria realmente adicionado um disco voador ao seu inventário de superarmas secretas, embora não haja indícios do que terá sido feito dele.

A solução para este enigma pode ser encontrada se estudarmos o responsável pelos programas de armas de alta tecnologia da Alemanha: o Dr. Hans Kammler, *Obergruppenführer* da SS.

O general Dr. Hans Friedrich Karl Franz Kammler nasceu em Stettin, Alemanha, a 26 de agosto de 1901. Estudou engenharia civil na Technische Hochschule de Danzig entre 1919 e 1923 e doutorou-se em engenharia em novembro de 1932. Kammler entrou para o Partido Nazi nesse mesmo ano e ocupou vários cargos administrativos, principalmente no Ministério da Aviação. Em 1940, entrou para a SS (Schutzstaffel, ou Esquadrão de Defesa), onde, a partir de 1942, trabalhou em projetos de instalações para os campos de extermínio, incluindo câmaras de gás e crematórios. Não tardou a tornar-se administrador do Amtsgruppe D, que dirigia o sistema de campos de concentração. Após a revolta de 1943 no gueto de Varsóvia, Kammler foi encarregado da demolição do mesmo como retaliação. Alegadamente, também projetou e construiu instalações de cremação no campo de concentração de Auschwitz-Birkenau,

como parte da conversão do mesmo num campo de extermínio, embora nenhuma dessas instalações tenha sido encontrada no fim da guerra nem mencionada pelos milhares de sobreviventes de Auschwitz.

Em meados de 1943, o chefe da SS Heinrich Himmler enviou uma carta a Albert Speer, ministro do Armamento e Munições da Alemanha. «Com esta carta, informo que, na qualidade de *Reichsführer* da SS [...], assumo a produção do instrumento A-4», dizia a carta. O foguete A-4 seria posteriormente designado por Hitler como arma V-2 — «V» de Vingança —, sendo a bomba V-1 *Buzz* a primeira. O V-2 era o mais secreto sistema de armamento de alta tecnologia da Alemanha. Em seguida, Himmler atribuiu a Kammler o comando geral do programa de foguetes.

Segundo Speer, Kammler insinuou-se em todas as fases do programa V-2 até que Hitler acabou por colocá-lo à frente de todos os armamentos aéreos, incluindo qualquer possível disco voador secreto ou projeto de antigravidade. «Como tal — poucas semanas antes do fim da guerra —, ele tornara-se comissário geral de todas as armas importantes», escreveu Speer, que lamentava o facto de, já perto do final da guerra, a SS de Himmler ter gradualmente assumido o controlo total sobre o armamento, produção e investigação da Alemanha.

A trabalhar em estreita colaboração com Kammler no projeto V-2 estavam Wernher von Braun, diretor da NASA nos Estados Unidos entre 1960 e 1970, e o seu superior, o major-general da Luftwaffe Walter Dornberger, que mais tarde seria vice-presidente da Bell Aircraft Company e da Bell Aerosystems Company nos EUA.

Alarmado com o progresso dos foguetes V-2, o Comando Britânico de Bombardeiros enviou 597 bombardeiros, com início na noite de 16 de agosto de 1943, para atacar Peenemünde: a principal instalação secreta de foguetes na Alemanha, construída numa ilha na foz do rio Oder, perto da fronteira da Alemanha com a Polónia. Uma vez que na sua maior parte era subterrânea ou bem camuflada, Peenemünde ficou praticamente intacta. O autor Brian Ford descreveria os

resultados: «Mesmo assim, mais de 800 pessoas morreram naquela ilha [...] Depois disto, considerou-se que algumas das instalações deviam ser dispersas por toda a Alemanha; como tal, as de desenvolvimento teórico foram transferidas para Garmisch-Partenkirchen, o desenvolvimento foi para Nordhausen e Bleicherode, e o principal túnel de vento e equipamento auxiliar seguiram para Kochel, 38 quilómetros a sul de Munique. Este seria batizado como Wasserbau Versuchsanstalt Kochelsee (Centro de Investigação de Obras Hidráulicas de Kochelsee) e daria origem ao centro mais completo destinado ao desenvolvimento de foguetes de longo alcance que, na época, podia ser imaginado.» Tem sido referido que uma parte do desenvolvimento de armas ultrassecretas nazis foi transferida para uma região perto de Blizna, na Polónia — a mesma área em que as tripulações aliadas encontraram pela primeira vez os «*Foo-Fighters*», bolas de luz que os aviadores consideravam ser armas secretas nazis.

Enquanto Kammler, Von Braun, Dornberger e outros trabalhavam febrilmente para aperfeiçoar os V-2 e outras armas secretas, Himmler estava a tomar medidas para separar a sua SS do controlo normal do partido e do Estado. «Na primavera de 1944, Hitler aprovou a proposta de Himmler para construir uma instalação industrial propriedade da SS, com o intuito de esta última se tornar permanentemente independente do orçamento do Estado», escreveu Albert Speer.

Numa série de medidas que haviam de ser posteriormente copiadas pela Agência Central de Inteligência (CIA) dos EUA, os líderes da SS criaram várias frentes empresariais e outras organizações — muitas recorrendo à mão de obra dos campos de concentração — com o intuito de gerar rendimentos para sustentar as atividades da SS. Estes grupos altamente compartimentados, chefiados por jovens e ambiciosos oficiais da SS, não pretendiam, nem desejavam, qualquer ligação aos líderes superiores da Alemanha. O seu objetivo era prosseguir os objetivos nazis muito depois da derrota militar da Alemanha.

Speer faria referência a um esquema da SS em 1944 para uma fábrica de armas secretas que precisava de 3500 trabalhadores dos campos de concentração. «Os protocolos Führer não fazem nenhuma referência a esta nova arma», escreveu Speer. «(Mas) não seriam certamente os “discos voadores” que os círculos de extrema direita agora afirmam terem sido secretamente produzidos pela SS perto do fim da guerra e que teriam sido ocultados.» No entanto, admitiria que existiam programas de desenvolvimento de armas que ele desconhecia por completo.

Com a guerra quase no fim, Kammler foi encarregado dos projetos mais avançados e secretos do Reich, incluindo o programa dos foguetes V-2 e A-10 e as experiências da *Glocke* (o Sino). Estas experiências envolviam um objeto campaniforme que estava alojado numa câmara de betão a dezenas de metros de profundidade. Feito de metal muito duro, este sino cilíndrico tinha uma tampa semicircular e um gancho ou dispositivo de fixação no topo. Este Sino recebia enormes quantidades de eletricidade por meio de grossos cabos externos. No seu interior encontrava-se um tubo, semelhante a uma garrafa térmica, envolto em chumbo e preenchido com um líquido metálico. Durante o seu funcionamento, o Sino era coberto com um material cerâmico, aparentemente destinado a isolamento. No interior, dois cilindros em contrarotação cheios com uma substância semelhante a mercúrio e de cor violeta produziam um vórtice de energia, o qual emitia uma estranha luz azul fosforescente e produzia um som tão semelhante a um zumbido que os operadores lhe chamavam *Bienenstock*, ou Colmeia. Tendo em conta a luz fosforescente e os relatos de que os operadores sofriam de perturbações do sistema nervoso, dores de cabeça e ficavam com um gosto metálico na boca, especulou-se que o funcionamento do Sino envolvesse radiação de iodo, bem como campos de energia magnética muito fortes. Os cientistas que estavam a trabalhar com o Sino colocaram várias plantas, animais e tecidos de animais no seu campo energético entre novembro e dezembro de 1944. Quase todos os espécimes foram destruídos pela experiência. Foi possível

relacionar Kammler e o seu Sino nazi ultrassecreto com a Mina Wenzeslaus, situada 346 quilómetros a oeste de Varsóvia, na Baixa Silésia, perto da fronteira com a Checoslováquia. A mina encontra-se em Ludwikowice Klodzkie, anterior Ludwigsdorf, um local perfeito por questões de segurança, visto que se situava fora da Alemanha mas ainda no interior do Grande Terceiro Reich. Além disso, Kammler era fluente em checo. Com a ocupação da Polónia, a mina fora reconvertida pelos nazis num gigantesco centro de ciências. A área encontra-se num vale profundo, apenas acessível através de duas passagens nas montanhas. Restos de torres de vigia ainda podem ser vistos, e o vale, com cerca de 274 metros de largura, é cortado por linhas férreas. Também ainda são visíveis as ruínas de uma diversidade de estruturas, incluindo *bunkers* de betão e postos de guarda, muitos deles camuflados com terra e árvores. Hoje em dia, todo o local está coberto de árvores e vegetação.

Documentos soviéticos anteriormente secretos relatavam em pormenor o interrogatório feito no fim da guerra a Rudolf Schuster, que fora membro do Reichssicherheitshauptamt, ou Departamento Central de Segurança do Reich, a versão da Alemanha nazi do Departamento de Segurança Interna dos EUA. Schuster revelava que, em junho de 1944, fora transferido para um *Kommando* especial de evacuação, chamado «Plano Geral 1945», criado pelo secretário particular de Hitler, Martin Bormann, para evacuar a valiosa ciência e tecnologia do Reich. Schuster, que não estava a par da agenda geral do plano, situava muitas dessas atividades de evacuação na área da Mina de Wenzeslaus. Ali, foram encontrados vestígios do que antes havia sido a unidade secreta de ensaios e produção da SS, incluindo o que poderá ter sido um primeiro supercondutor gigante. Quase tudo o que se sabe sobre a Mina de Wenzeslaus e o Sino tem a sua origem no general Jakob Sporrenberg da SS, o oficial que comandava o «percurso norte» do Plano Geral 1945. O testemunho e depoimentos de Sporrenberg, a única descrição conhecida das estranhas experiências efetuadas naquela mina, foram registados durante um julgamento na Polónia durante o pós-guerra. Ele foi

considerado culpado de crimes de guerra e executado. Muito pouco se sabe ao certo sobre o Sino, exceto que lhe foi atribuído o nível secreto mais elevado — e talvez o mais exclusivo — do Terceiro Reich. Em alguns documentos capturados, afirmava-se que os investigadores do Sino estavam a trabalhar em algo *Kriegsentscheidend*, ou «decisivo para a guerra». A maioria das armas ultrassecretas alemãs, incluindo os foguetes V, era meramente classificada como *Kriegswichtig*, ou «importante para a guerra». Um dos principais motivos pelos quais tão pouco se sabe sobre o Sino seria a perda dos cientistas envolvidos no projeto. O investigador polaco Igor Witkowski explica: «Eles foram levados e fuzilados pela SS entre 28 de abril e 4 de maio de 1945. Os registos revelam que eram 62, muitos deles alemães. Não houve sobreviventes, mas isto não é de surpreender. [...] É bastante claro que alguém não se poupou a esforços para não deixar rasto.»

Considerando o novo conhecimento sobre elementos monatómicos, campos de energia de vórtices e a possibilidade de uma tecnologia não-humana num passado distante, é razoável avançar a teoria de que os nazis podiam estar a fazer experiências com novas formas de energia, o controlo da matéria ao nível atómico e até com viagens interdimensionais ou intertemporais. Não deixa de ser um conceito preocupante: nazis a brincar com os blocos de construção do universo.

Existem também muitas evidências que, contrariamente à crença convencional, sugerem que, nos dias finais da guerra, os cientistas nazis podem ter desenvolvido uma bomba atómica operacional. No início de 1945, o esforço estado-unidense para produzir urânio enriquecido por centrifugação estava a revelar-se lento e ineficiente. Os cientistas que trabalhavam no secreto Projeto Manhattan apenas tinham produzido urânio enriquecido suficiente para uma bomba e esta tinha de ser testada. Os cientistas também tinham um problema, visto que os fusíveis de proximidade estado-unidenses eram demasiado lentos para provocar uma explosão atómica.

Então, a 14 de maio de 1945, apenas seis dias após a rendição

militar alemã (nenhum membro do Partido Nazi estava presente neste acontecimento), o submarino nazi *U-234* foi capturado pelo *USS Sutton* ao largo da costa leste dos Estados Unidos, tendo atravessado zonas de guerra sem qualquer entrave. A bordo encontravam-se dois oficiais japoneses que se suicidaram, dois caças *ME-262* desmontados, cilindros revestidos de ouro que continham 560 kg de urânio e, talvez o mais importante, o Dr. Heinz Schlicke, o inventor dos fusíveis capazes de ativar uma bomba atômica.

A 16 de julho de 1945, apenas dois meses após a apreensão do *U-234*, os EUA detonavam a primeira bomba atômica em Alamogordo, Novo México, para provar que o conseguiam fazer e, mais tarde nesse mesmo dia, o *USS Indianapolis* zarpou de São Francisco rumo à ilha de Tinian, no Pacífico, com peças de bombas atômicas a bordo. Tendo lá chegado a 25 de julho, doze dias depois o *B-29 Enola Gay* partia de Tinian para largar a bomba em Hiroxima. De acordo com esta cronologia, parece que a «Little Boy», a primeira bomba atômica largada no Japão, não foi testada pelos EUA porque não havia necessidade: já o tinha sido pelos Alemães. Esta ideia é apoiada pelas declarações dos autores alemães Edgar Mayer e Thomas Mehner, segundo os quais J. Robert Oppenheimer, o «pai da bomba atômica», afirmava que a bomba largada no Japão era de «proveniência alemã».

De referir também que a Alemanha nazi tinha os meios, mas não a precisão necessária, para largar uma arma atômica. A Luftwaffe (Força Aérea nazi) dispunha de um estudo de viabilidade de uma explosão atômica em Manhattan em meados de 1943. A 27 de agosto de 1943, um gigantesco bombardeiro *Junkers 390* de seis motores, com uma tripulação de quatro elementos que incluía a piloto Anna Kreisling, o «Lobo Branco da Luftwaffe», partiu da Noruega para o Canadá e depois seguiu para sul a 6700 metros de altitude até ficar a 40 km da cidade de Nova Iorque. Depois de tirar fotografias, sobrevoou o Atlântico até a um campo de aterragem nos arredores de Paris, isto sem encontrar qualquer resistência. Aviadores alemães capturados numa base aérea gigante na Noruega, a qual albergava

alguns bombardeiros *JU-390*, disseram aos seus captores que estavam a preparar-se para «uma missão em Nova Iorque».

Então, porque é que os nazis não largaram uma bomba nuclear sobre os seus inimigos? Parece que não tinham um sistema apropriado para o fazer. A base aérea da Noruega não estava completa quando a guerra terminou; o foguete *A-10* de três fases não possuía um sistema de orientação fiável; mas, principalmente, com os Aliados a caminho de Berlim e os Russos a chegar à Alemanha Oriental, os líderes nazis perceberam que a guerra tinha terminado e que o lançamento de um ataque atómico acarretaria uma retaliação impensável, uma probabilidade que ninguém desejava. E, apesar de tudo isto, Hans Kammler tornou-se o último oficial da SS a obter o posto de *SS-Obergruppenführer* (algo equivalente a um tenente-general do Exército dos EUA). Até abril de 1942, esta era a patente mais alta da SS, suplantada apenas pelo próprio *SS-Reichsführer* Heinrich Himmler. O homem encarregado das superarmas nazis — foguetes, jatos, discos voadores, armas atómicas e o Sino — desapareceu depois de afirmar ao cientista aeroespacial Wernher von Braun que estava a pensar em negociar com os EUA a troca de segredos nazis pela sua vida. Os líderes nazis mais famosos escaparam, suicidaram-se ou foram julgados como criminosos de guerra. O general Hans Kammler, porém, era em grande parte desconhecido do público, embora sem dúvida se encontrasse no topo da lista dos criminosos de guerra nazis mais procurados, tendo em conta o seu envolvimento na construção dos campos de concentração e das suas câmaras de gás, bem como a participação na destruição do gueto de Varsóvia. «Ao contrário de Himmler», observou Nick Cook, ex-editor de aviação e consultor aeroespacial do *Jane's Defense Weekly*, «Kammler tinha algo de valor para negociar — algo tangível. No início de abril de 1945, Hitler e Himmler tinham colocado sob o seu controlo direto todo o sistema de armas secretas de alguma importância do Terceiro Reich — armas que não tinham equivalente nos inventários das três potências que agora se abatiam sobre a Alemanha central, vindas do Leste e do Ocidente.»

Com projetos secretos nas mãos da fanática SS e com fábricas e instalações de investigação espalhadas por todo o país, é perfeitamente concebível que um dispositivo atómico ou um disco voador que recorresse a novos sistemas de propulsão exóticos pudesse ter sido desenvolvido sem o conhecimento de ninguém a não ser Himmler, que se suicidou com uma cápsula de veneno a 23 de maio de 1945, depois de ser apanhado a tentar esgueirar-se por entre as linhas britânicas disfarçado de soldado raso do Exército alemão. É possível que, depois da guerra, certos círculos de direita com ligações à SS soubessem mais sobre discos voadores alemães do que Speer ou outros líderes nazis.

Com o fim da guerra a aproximar-se, Kammler não escondeu o facto de que pretendia usar os cientistas do V-2 e os foguetes sob seu controlo como moeda de troca para um acordo com os Aliados. A 2 de abril de 1945, por ordem de Kammler, um comboio especial escoltado por 100 soldados da SS partia para um reduto alpino na Baviera com foguetes e 500 técnicos e engenheiros a bordo. De acordo com Von Braun e Dornberger, Kammler planeava «negociar com os EUA ou um dos outros Aliados a sua própria vida em troca dos principais especialistas em foguetes alemães».

Todavia, a 4 de abril de 1945, quando Von Braun pressionou Kammler no sentido de retomar a investigação com os foguetes, o oficial da SS anunciou tranquilamente que estava prestes a desaparecer por «um período indeterminado». Fiel à sua palavra, ninguém voltou a vê-lo. Como todos sabem, Von Braun, Dornberger e outros cientistas, bem como muitos dos foguetes V-2, foram capturados pelos estado-unidenses, que os levaram para o seu país, onde viriam a ser os alicerces do moderno programa espacial.

O autor Jean Michel, ele próprio prisioneiro do campo de concentração Dora, que fornecia trabalho escravo para o programa de foguetes de Kammler, escreveu sobre este último: «O chefe do império das armas secretas da SS, o homem de confiança de Himmler, desapareceu sem deixar rasto. Ainda mais perturbador é o facto de o arquiteto dos campos de concentração, o construtor das

câmaras de gás, o carrasco de Dora, responsável por todos os mísseis da SS, ter caído no esquecimento. Existe o mistério Bormann, o enigma [Dr. Josef] Mengele; tanto quanto sei, até hoje ninguém se interessou muito pelo destino do SS *Obergruppenführer* Hans Kammler.» Michel, e não só, perguntava: «Porque é que o “frio e brutal calculista” descrito por Speer descartou tão abruptamente os trunfos que havia pacientemente acumulado?» Será que Kammler fugiu com planos de armas tecnologicamente ainda mais avançadas e secretas do que o foguete V-2? O Reich, ou uma sua extensão, tinha a capacidade de produzir um óvni ou um dispositivo antigravidade que lhe permitiria negociar vantajosamente com uma das nações aliadas? E será que alguma desta tecnologia exótica se deve aos conhecimentos dos antigos astronautas?

As informações, principalmente as fornecidas por Dornberger, sugeriam que Kammler se suicidara quando a resistência checa derrotara as forças da SS em Praga. Todavia, não se encontraram provas de tal facto e a questão continua por resolver.

Após um estudo intensivo das armas secretas nazis, o investigador inglês Mark Birdsall concluiu: «Sem dúvida, quase todos os relatos de *Foo-Fighters* e *Ghost Rockets* podem ser classificados como tecnologia avançada canalizada a partir dessas diversas instalações científicas alemãs da II Guerra Mundial.»

Citando documentos do Ministério da Aeronáutica italiano datados de 16 de setembro de 1946, os autores Renato Vesco e David Hatcher Childress afirmam que podem ter sido os Ingleses os beneficiados. Segundo eles, em agosto de 1946, a BBC dava a saber que ia ser construído em Bedfordshire um novo centro de investigação aeronáutica que produziria «máquinas que se espera serem capazes de atingir pelo menos 2400 quilómetros por hora». A BBC acrescentava: «Segundo alguns especialistas, estes aviões já foram construídos e testados e é provável que num futuro próximo estejam a sobrevoar a Grã-Bretanha. Se necessário, poderiam sobrevoar o mundo várias vezes sem escala, porque apenas precisam de combustível para descolar e aterrar. A Grã-Bretanha já

surpreendeu o mundo com os seus excelentes motores de turbojato, mas este novo desenvolvimento dos cientistas ingleses é o maior passo que a aeronáutica deu desde que o Homem começou a voar.»

Uma vez que nenhuma nave deste género alguma vez foi pilotada em Inglaterra, Vesco e Childress concluíram que os testes terão sido realizados noutros locais — talvez nas regiões ermas do Sudoeste do Canadá.

Eles referiam uma notícia no *Toronto Star*, segundo a qual C. D. Howe, ministro da Defesa, informara a Câmara dos Comuns de que um novo tipo de aeronave estava a ser construído pela Real Força Aérea Canadiana e pela AV Roe Ltd. (AVRO) em instalações perto de Malton, Ontário. O jornal comentava que as palavras de Howe teriam sido: «reforçando assim as notícias de que a AVRO se encontra neste momento a trabalhar no protótipo de um “disco voador” capaz de voar a 2400 quilómetros por hora e de se elevar na vertical».

Os Estados Unidos poderão ter partilhado esta nova tecnologia, conforme sugerido por outra notícia de Toronto, que afirmava: «Um modelo do disco voador canadiano, a aeronave extremamente secreta em cuja existência poucos acreditam, foi ontem apresentado a um grupo de 25 especialistas, oficiais militares e cientistas estado-unidenses.»

Esta parceria seria confirmada a 25 de outubro de 1953, quando o secretário da Força Aérea dos EUA, Donald Quarles, divulgou um comunicado no qual informava: «Estamos a entrar num período de tecnologia da aviação em que começarão a aparecer aeronaves de configuração e características de voo invulgares. [...] A Força Aérea divulgará o primeiro jato de descolagem vertical numa questão de dias. Temos outro projeto sob contrato com a AVRO Ltd. do Canadá que poderá resultar em aeronaves com a forma de um disco, algo semelhante ao conceito popular dos discos voadores. [...] Embora algumas delas possam assumir novas formas, como o projeto AVRO, trata-se de descendentes diretas das aeronaves convencionais e não devem ser consideradas supranaturais ou misteriosas.»

Em meados da década de 1950, outras vozes referiam um grande

progresso tecnológico na propulsão aeronáutica. Num artigo de 1956 intitulado «Os motores G estão a chegar!», o pioneiro da aviação Lawrence D. Bell era citado como tendo afirmado: «Já estamos a trabalhar em combustíveis e equipamentos nucleares para cancelar a gravidade.» George S. Trimble, diretor dos Programas Avançados da Martin Aircraft, afirmava que a conquista da gravidade «podia ser conseguida no mesmo tempo necessário para construir a primeira bomba atômica». Bill Lear, que desenhou o *Lear Jet*, mostrava-se efusivo em relação à antigravidade, afirmando: «Toda a matéria no interior da nave [*Gravity*] apenas seria influenciada pela gravitação da nave.»

Ainda não se sabe se as naves de gravidade discutidas por estes gigantes da aviação incluíam o projeto AVRO no Canadá ou projetos mais secretos. Os discos voadores da AVRO — existiam pelo menos duas versões, o AV-9 e o «AVRO-Car» AZ-9 — eram naves a jato com a forma de um disco, concebidas por John Frost para a AVRO Ltd., que alegadamente teriam voado pela primeira vez em 1959.

Quando os Estados Unidos começaram a trabalhar com os Canadianos, a ideia de uma aeronave circular não era nova. Eles já tinham produzido o seu próprio disco voador em 1942, quando Charles H. Zimmerman concebera a «Flying Flapjack» (Panqueca Voadora) V-173 para a Marinha dos EUA. Esta nave experimental em forma de disco chegara a ser construída e testada pela Chance-Vought Corp., mas supostamente fora abandonada em 1947 por ser impraticável. Uma V-173 original esteve em exposição na Smithsonian Institution durante vários anos. De forma idêntica, o projeto dos discos «AVRO-Car» teria sido considerado um fracasso e cancelado em 1960.

«Todavia», escrevia o autor W. A. Harbinson em 1991, «embora os governos do Canadá e dos EUA insistam que já não se encontram envolvidos em projetos de construção de discos voadores, muitos são os que acreditam que isto é uma mentira e que os governos canadiano, inglês, estado-unidense e até o soviético continuam a trabalhar em aeronaves supersónicas extremamente avançadas, em

forma de disco, baseadas no trabalho desenvolvido na Alemanha nazi.»

Dando mais peso a esta alegação, um memorando da CIA datado de 19 de outubro de 1955 afirmava: «O Sr. Frost (projetista do AVRO-Car) terá obtido a sua ideia original para a máquina voadora de um grupo de alemães logo a seguir à II Guerra Mundial [...]»

Uma estranha variante desta alegação viria do ex-tenente-coronel da Força Aérea dos EUA George Edwards, que afirmava ter trabalhado no projeto AVRO e ter percebido que se tratava de uma fachada destinada a testar uma «nave espacial alienígena verdadeira». Edwards disse: «O VZ-9 era uma “fachada” para que o Pentágono tivesse uma explicação sempre que alguém dissesse ter visto um disco voador.» Este tema seria retomado pelo escritor Robert Dorr, um veterano da Força Aérea que alegava ter ficado a saber de um disco voador alienígena recuperado num despenhamento na Costa Leste em 1953. Dorr afirmava que o uso do AVRO-Car como «cortina de fumo» para desviar a atenção pública do verdadeiro óvni respondia a muitas questões a respeito do programa AVRO, tais como: por que razão o sistema de armas nunca fora concebido para funcionar; por que razão, sendo o atual líder aeroespacial, os Estados Unidos se haviam associado a uma potência secundária como o Canadá; e por que razão o AVRO tinha sido tão divulgado aquando do anúncio inicial em 1955, mas não quando fizera o teste de voo em 1959.

Recentemente, surgiram relatos e fotografias de discos voadores mais sofisticados com marcas da USAF. Não se sabe se foram usados para propulsão nem se permanecem no inventário da Força Aérea.

No entanto, não deixa de ser intrigante que os primeiros avistamentos de óvnis altamente publicitados da América — os famosos incidentes «Kenneth Arnold» com discos voadores de junho de 1947 — tenham ocorrido no Noroeste dos Estados Unidos e que, em ambos os casos, os óvnis tenham rumado ao Canadá.

Será que algo muito mais avançado do que meros foguetes e jatos

já existia no arsenal do governo dos EUA, o qual no outono de 1947 se encontrava sob o controlo do Conselho de Segurança Nacional graças à apressada assinatura da Lei de Segurança Nacional pelo presidente Harry Truman, naquele mesmo ano?

Ao escrever sobre armamento avançado no seu livro *Winning the War*, de 2003, o coronel John Alexander dava voz ao pensamento predominante nos círculos científico e militar quando afirmava que, embora na década de 1950 tivesse começado uma investigação séria sobre a propulsão antigravitacional, altura em que muitas empresas e pequenos grupos de inventores estudavam associações anómalas entre forças eletromagnéticas e materiais especiais, ou forças eletromagnéticas e gravitacionais (também conhecidas como eletrogravítica), nada mais se ficara a saber e a questão tinha sido descartada.

Ou não? A antigravidade ter-se-á simplesmente afundado cada vez mais nos projetos «negros» dos Estados Unidos, onde se incluem as armas de impulso eletromagnético, tecnologia *laser*, modificação climática, pulverização bioquímica e até o controlo da mente?

No seu livro de 2001, *The Hunt for Zero Point*, o jornalista inglês Nick Cook, editor de aviação do *Jane's Defense Weekly*, argumenta convincentemente que Kammler e as experiências nazis com a antigravidade, localizadas pela última vez numa instalação ultrassecreta da SS na Polónia, na realidade terão sobrevivido à guerra e foram usados secretamente por um elemento clandestino, um «governo sombra» ao qual os ovnilogistas chamam Majestic12 ou simplesmente MJ-12. Várias centenas de documentos que vieram a público em meados da década de 1980 indicam que este programa existe e continua ativo.

A Boeing, a maior empresa aeroespacial do mundo, anunciou em 2003 que estava a trabalhar em sistemas de propulsão antigravitacional. De acordo com o repórter da CNN Nick Easen, «a GRASP, ou Gravity Research for Advanced Space Propulsion, apenas recentemente foi referida no *Jane's Defense Weekly*, mas as forças militares dos EUA podem já estar na posse desta tecnologia há

anos».

Alguns investigadores aeroespaciais afirmaram que naves militares dos EUA com tecnologia antigravitacional já se encontram em funcionamento desde pelo menos a década de 1980. Houve quem solicitasse que os militares revelassem a sua tecnologia secreta para benefício comercial. Todavia, obter informações sobre a tecnologia «negra» do governo é quase impossível, uma vez que, oficialmente, um programa negro pode ser classificado como «negável», o que significa que quem estiver a par do mesmo pode, sendo mesmo encorajado a, negar qualquer conhecimento sobre essa investigação. Ao contrário de outros países que possuem programas secretos, os Estados Unidos têm um programa de gastos com tecnologia negra cuidadosamente construído, rigidamente controlado e bem organizado, de acordo com Easen. Segundo o delator Edward Snowden, o orçamento dos EUA para projetos negros ou classificados era superior a 52,8 mil milhões de dólares em 2012.

Será que esta investigação sobre tecnologia negra pode ser o resultado de uma perturbadora combinação de tecnologia nazi e de antigos segredos sobre elementos monatómicos? Esta tecnologia poderá estar associada à busca continuada de uma energia subatômica ou de ponto zero? E a obtenção de tais segredos poderia ser uma razão subjacente à impetuosa invasão do Iraque pelos EUA?

Toda a fabulosa tecnologia desenvolvida na Alemanha nazi poderia ter sido transmitida por sociedades secretas cujas origens remontam aos antigos astronautas das lendas? Como veremos mais à frente, os Illuminati encontravam-se ligados a várias sociedades secretas mais antigas.

Mas, muitas outras questões permanecem. O que foi que aconteceu a David Hudson e à sua proclamada intenção de oferecer ao público os benefícios do pó de ouro monatómico?

Porque é que o Fundo Monetário Internacional foi acusado de manter artificialmente o preço do ouro em baixa para que certos compradores não identificados pudessem armazenar ouro barato? E porque é que as grandes empresas multinacionais anunciaram a sua

transição para energia de células de combustível, quando estas células dependem de metais elementais? Quem controla estes metais?

O público está prestes a obter benefícios inimagináveis com a redescoberta de segredos antigos relativos à manipulação de energia e ao fabrico de pó de ouro de *spin* elevado? Ou esta descoberta, como tantas outras, será escondida do público para manter os atuais monopólios?

Agora, vamos estudar algumas das sociedades secretas mais conhecidas e bem documentadas que podem ter tido um impacto na teologia dos Illuminati.

OS GNÓSTICOS

Um dos grupos místicos mais antigos e menos conhecidos é o dos gnósticos. O gnosticismo, derivado da palavra grega para conhecimento, *Gnosis*, terá sido fundado por Simão, o *Mago*, um contemporâneo de Jesus que depois viria a ser desprezado como o «Pai de Todos os Hereges». Ele promovia as ideias dos filósofos gregos, como Sócrates, os quais ensinavam que a alma humana existe fora do corpo físico e, como tal, tem acesso ao conhecimento universal, e que a sabedoria, ou gnose, era trazida à Terra vinda dos céus.

Espalhados entre as primeiras civilizações, os gnósticos afirmavam possuir uma compreensão intuitiva dos mistérios de Deus e da Terra. Eram antiautoritários e rejeitavam qualquer necessidade de figuras religiosas para interpretar a palavra de Deus. Os primeiros gnósticos cristãos afirmavam ser os guardiões do conhecimento secreto, como o que se encontra nos papiros gnósticos descobertos em Nag Hammadi em 1945. Foi esta descoberta que nos permitiu uma primeira visão do gnosticismo que não a da retórica condenatória da Igreja Católica. «Certos pormenores provam que os livros sagrados gnósticos (de Qumran e Nag Hammadi) devem ter uma data tão antiga que o próprio cristianismo pode ser encarado como nada mais

do que um “ramo do gnosticismo”», escreveu Andre Nataf, investigador do oculto.

Basilides, um gnóstico cristão egípcio inicial, fundou o culto alexandrino no século I d. C. Este grupo pretendia inserir os mistérios antigos no cristianismo. Os alexandrinos acreditavam que estranhos seres extraterrestres chamados «éones» agiam como mensageiros entre os céus e a Terra. O persa Zoroastro iniciou a sua própria forma de gnosticismo cerca de 500 anos antes da era de Jesus. Conhecido como zoroastrismo, este movimento teria uma ampla difusão até ser escorraçado pelos invasores muçulmanos no século VII.

Alega-se que o gnosticismo terá tido a sua origem na Mesopotâmia, primeiro na região do Irão e depois alastrando-se para a Ásia Menor, Síria e Babilónia, onde foi adotado pelos cativos israelitas e levado de regresso à Palestina e ao Egito.

Segundo o filósofo maçónico Manly P. Hall, o gnosticismo era uma parte integrante dos mistérios antigos, uma vez que ambos envolviam a crença de que apenas a iluminação interior pessoal poderia trazer o entendimento e a sabedoria. «Este conhecimento de como a constituição múltipla do Homem podia ser rápida e completamente regenerada até ao ponto da iluminação espiritual constituía a doutrina secreta ou esotérica da Antiguidade», escreveu Hall. O autor acrescentava que esta iluminação espiritual tinha de ser zelosamente protegida das pessoas «profanas» ou desrespeitosas que pudessem abusar desse conhecimento ou dar-lhe um uso indevido. Como tal, tinham sido instituídos longos períodos de iniciação e o conhecimento antigo mais sensível estava envolto em símbolos e alegorias. «O próprio cristianismo pode ser citado como exemplo», escreveu Hall. «Todo o Novo Testamento é de facto uma exposição engenhosamente oculta dos processos secretos da regeneração humana.»

O gnosticismo, outrora descrito como «existencialismo religioso», floresceu até ser declarado uma heresia por um concílio de bispos da Igreja Romana em 325 d. C. Mais tarde, seria a teologia básica dos cátaros, localizados no Sul de França, até estes serem exterminados

por um exército papal durante a Cruzada Albigense, iniciada em 1209. Certas crenças gnósticas acabariam por chegar aos Illuminati da Baviera.

A CABALA

A Cabala, também conhecida como Kabbalah ou Qabbalah, é uma escola de pensamento de origens hebraicas e significa «tradição». A Cabala ensinava uma forma de gnosticismo na qual os praticantes procuravam encontrar a divindade dentro de si. À semelhança da Bíblia, a Cabala contém alegadamente significados ocultos. Um conhecimento codificado semelhante pode ser encontrado na Torá e noutros textos hebraicos antigos, como o *Sefer Yezirah* (Livro da Criação) e o *Sefer HaZohar* (Livro da Luz).

Estes livros, produzidos séculos antes da era de Jesus, são anteriores ao Talmude, uma compilação de antigas leis e tradições judaicas escrita no século v d. C. Existem duas versões do Talmude, uma originária da Babilónia e a outra de Jerusalém. Segundo o Livro da Luz, Deus entregou «mistérios da sabedoria» a Adão enquanto este ainda estava no lendário Jardim do Éden. Pode ser significativo que o termo sumério *Edin* se refira à primeira «residência» dos Anunnaki no Sul da Mesopotâmia. Estes segredos mais antigos foram passados pelos filhos de Adão a Noé e depois a Abraão muito antes de os Semitas hebraicos, ou Israelitas, existirem como um povo distinto.

Muitos investigadores, incluindo estudiosos judeus, acreditam que a Cabala começou como uma tradição oral relativa aos antigos mistérios egípcios. Mais tarde, estes seriam transmitidos por Moisés aos líderes israelitas.

A ideia de Moisés ser o detentor de segredos antigos dos tempos primevos era fortemente apoiada por Eliphas Levi, um pseudónimo de Alphonse Louis Constant, um francês estudioso da Bíblia do século XIX. «Existe um enorme segredo que já virou o mundo de cabeça para baixo, como o mostram as tradições religiosas do Egito, que foram

simbolicamente resumidas por Moisés nos primeiros capítulos do Gênesis», escreveu Levi, o qual afirmava que a Cabala continha conhecimentos levados da Suméria por Abraão, «o herdeiro dos segredos de Enoque e pai da iniciação em Israel».

Dizia-se que Abraão, anteriormente chamado Abrão, possuía uma tabuinha de símbolos que representava todo o conhecimento da humanidade transmitido desde os tempos de Noé. Conhecida pelos Sumérios como a «Tábua do Destino», terá sido alegadamente esta tábua de conhecimento — conhecida pelos primeiros judeus como o Livro de Raziel — que transmitiu ao rei Salomão a sua vasta sabedoria. Dizia-se que quem possuía a Cabala também possuía *Ram*, a mais alta expressão do conhecimento cósmico. O próprio nome Ab-ram — ou Av-ram — significa «[Ele] que possui Ram». Esta expressão era usada na Índia, Tibete, Egito e no mundo celta dos Druidas (que tinham emigrado da Mesopotâmia), para denotar um elevado grau de sabedoria universal. Pensa-se que a «Tábua do Destino» suméria seja o mesmo que as «Tábuas do Testemunho» referidas no Livro do Êxodo, 31:18. Outros versículos da Bíblia — Êxodo 24:12 e 25:16 — deixam claro que estas tábuas não são os Dez Mandamentos. «Este arquivo antigo encontra-se diretamente associado à Tábua Esmeralda de Thoth-Hermes e, conforme pormenorizado nos registos alquímicos do Egito, o autor dos escritos preservados foi o bíblico Ham», explica o autor Laurence Gardner, genealogista internacionalmente famoso. «Este foi o fundador essencial do esotérico e arcano “fluxo subterrâneo” que fluía através dos tempos, e o seu nome grego, Hermes, estava diretamente relacionado com a ciência da construção de pirâmides, derivando da palavra *herma*, que se refere a um “monte de pedras” [...] Fora do Egito e da Mesopotâmia, a Tábua era conhecida por mestres gregos e romanos, como Homero, Virgílio, Pitágoras, Platão e Ovídio, ao passo que, em tempos muito posteriores, a seiscentista Stuart Royal Society of Britain viria a interessar-se profundamente pela análise e aplicação do conhecimento sagrado (em) conjunto com os Cavaleiros Templários e o movimento Rosa-Cruz [...]»

Uma parte da Cabala foi extraída das filosofias dos místicos mesopotâmicos e, muito à semelhança do nosso entendimento atual da história e da religião, as informações que se encontram na Cabala foram distorcidas ao longo dos séculos por interpretações errôneas e influências estrangeiras. Puro ou contaminado, o conhecimento místico da Cabala passou por via da Palestina da Mesopotâmia para a Europa medieval, onde surge pela primeira vez por escrito no final do século XIII. Foi redigida por um judeu espanhol chamado Moisés de Leão, que pode ter inventado o título *HaZohar*, uma liberdade literária que levou os críticos a acusá-lo de inventar toda a obra. Os lendários Cavaleiros Templários trouxeram o conhecimento cabalístico da Terra Santa para a Europa por altura das Cruzadas, e este seria transmitido por meio das guildas de pedreiros criadas pelos Templários. Os historiadores maçónicos reconhecem que a primeira evidência de «mistérios judaico-cristãos» introduzidos na Maçonaria surgiu durante este mesmo período. Foi igualmente documentado que o conhecimento oculto na Cabala tem sido utilizado ao longo dos séculos por quase todas as sociedades secretas, incluindo a Maçonaria, a Rosa-Cruz e, por intermédio dos Illuminati, por grupos modernos. «Desde a supressão dos Mistérios [...] as suas tradições e ensinamentos foram continuados em segredo e sob diversas ocultações, e é a esta continuação que o nosso atual sistema maçónico se deve», confirmou o historiador maçónico Walter L. Wilmshurst.

O grão-mestre maçõn Albert Pike atribuía uma grande importância à Cabala enquanto chave do esoterismo maçónico. Segundo ele: «Enchemo-nos de admiração ao penetrar no Santuário da Cabala, ao ver uma doutrina tão lógica, tão simples e ao mesmo tempo tão absoluta. A necessária união de ideias e sinais, a consagração das realidades mais fundamentais pelos caracteres primitivos; a Trindade de Palavras, Letras e Números; uma filosofia simples como o alfabeto, profunda e infinita como a Palavra; teoremas mais completos e luminosos do que os de Pitágoras; uma teologia que se resume ao contarmos os nossos dedos; um infinito que cabe na

concha da mão de uma criança; dez cifras e vinte e duas letras, um triângulo, um quadrado e um círculo — estes são todos os elementos da Cabala. Estes são os princípios elementares da palavra escrita, reflexo dessa palavra proferida que criou o mundo!»

O filósofo judeu e tradutor setecentista da Bíblia Moisés Mendelssohn, conhecido como «o Sócrates alemão», era um estudante da Cabala e mentor de Adam Weishaupt, o fundador dos Illuminati. Mendelssohn também poderá ter sido um elo entre Weishaupt e o banqueiro Mayer Rothschild. Outra ligação seria Michael Hess, seguidor de Mendelssohn e tutor dos filhos de Jacob Rothschild, que mais tarde havia de dirigir a Escola Filantrópica para crianças judias carenciadas criada por Mayer Amschel Rothschild em Frankfurt. A confirmação da fusão entre ensinamentos cabalísticos e sociedades secretas posteriores seria reforçada em 1984, quando mais de 500 artigos do poeta inglês John Byrom foram descobertos no Reino Unido. Byrom, que viveu entre 1692 e 1763, era um maçom, membro da Royal Society e líder do movimento jacobita que pretendia restaurar a monarquia dos Stuart. Fazia parte de um grupo chamado «Clube do Sol», também conhecido como «Clube da Cabala», cujos membros eram devotos da geometria e arquitetura sagradas, bem como dos símbolos cabalísticos, maçónicos, herméticos e alquímicos.

AS ESCOLAS DE MISTÉRIOS

A palavra «*illuminatus*», que significa «uma pessoa que foi esclarecida ou iluminada ao receber conhecimento de uma fonte superior», pode muito bem ter a sua origem nas antigas Escolas de Mistérios da Grécia e do Egito. O termo também era usado para descrever os primeiros cristãos batizados e os graus superiores de iniciação em algumas sociedades secretas. Com o intuito de incluir as Escolas de Mistérios do Egito e da Grécia, todas as sociedades primitivas procuravam penetrar nos segredos do passado. Com a ocupação da Mesopotâmia pelos Persas, o culto de Mitra cresceu e dominou até ao tempo do Império Romano. Segundo a lenda, Mitra

era filho de Ahura Mazda, o deus persa da luz e do esclarecimento. Descrito como um dos Anunnaki, Ahura Mazda era visto como o mais elevado espírito digno de adoração no zoroastrismo. Zoroastro era uma figura religiosa que teria tido um encontro com o seu deus Ahura Mazda, o qual, como com o bíblico Ezequiel, lhe aparecera sob a forma de uma luz brilhante vinda do céu. Ahura Mazda é geralmente representado como uma figura que voa num veículo alado. Alguns investigadores acreditam que este deus representava uma persistência do conhecimento dos sumérios Anunnaki e poderá ter influenciado as posteriores ideologias grega, romana e judaica. O zoroastrismo deu origem ao mitraísmo, e Mitra, sendo um poderoso guerreiro, agradava aos soldados romanos que levaram o seu culto para Roma. De um modo geral, os imperadores cristãos eliminaram o mitraísmo e muitas outras seitas, mas alguns conhecimentos básicos poderão ter passado para sociedades mais recentes, como a Rosa-Cruz, a Maçonaria e os Illuminati. A cada cinco anos, os antigos Gregos prestavam culto perto de Atenas numa cidade chamada Elêusis. Os ritos eram dedicados a Perséfone, filha de Deméter (conhecida como Ceres pelos romanos), a deusa dos cereais e da fertilidade; esta mesma Perséfone seria filha da principal divindade dos Gregos: Zeus. Quando Perséfone foi raptada por Hades e levada para o mundo inferior, Deméter amaldiçoou o mundo fazendo com que todas as plantas morressem. Zeus e Hades chegaram a um acordo, ditando que Perséfone poderia regressar, mas passando quatro meses do ano com Hades. Assim foram criados os meses do inverno. Este culto da deusa, com a sua crença na morte e ressurreição associada a um estrito voto de sigilo por parte dos iniciados, ficaria conhecido como os Mistérios Eleusinos. Seria proibido em 392 d. C. pelo imperador romano Teodósio após a cristianização do Império Romano com Constantino.

As tradições da Escola de Mistérios podem ser encontradas muito antes do Antigo Egito e da Grécia. A Escola de Mistérios da Babilónia envolvia praticamente tudo o que possa ser considerado «simbolismo dos Illuminati».

Um segredo antigo das Escolas de Mistérios é que os seus membros acreditavam que apenas existiam algumas mentes verdadeiramente amadurecidas no mundo e que eles se encontravam entre os poucos eleitos. Acreditavam que essas mentes lhes pertenciam exclusivamente, uma visão comum entre as sociedades secretas da humanidade. Os iniciados nos Mistérios consideravam-se capazes de raciocinar individualmente com base em factos, enquanto as massas eram encaradas como criaturas apenas um pouco melhores do que animais e que tinham de ser ensinadas com recurso aos termos mais simples. Jesus poderia fazer isto mesmo, conforme registado em Marcos 4:33-4 (Nova Versão Internacional): «Com muitas parábolas [histórias], Jesus transmitia-lhes a palavra, tanto quanto podiam entender. Não lhes dizia nada sem usar uma parábola. Mas quando estava sozinho com os seus discípulos, explicava-lhes tudo.»

Consta que os iniciados nos Mistérios podiam comunicar diretamente com os deuses e que recebiam respostas. Apenas as massas participavam em ritos sacrificiais nas proximidades de ídolos mudos de pedra. Os eleitos eram iluminados com o conhecimento dos Mistérios e, como tal, eram conhecidos como *illuminati* ou iluminados, os guardiões dos «Segredos das Eras». Mas a origem de todos estes segredos pode mais uma vez ser traçada até à civilização mais antiga: a Suméria. Até mesmo certas histórias e aspetos bíblicos como a trindade, a cruz, a ressurreição e o culto mariano podem ser encontrados nos escritos da Babilónia e da Suméria. Por exemplo, as antigas tabuinhas cuneiformes sumérias dão conta de um Grande Dilúvio que é surpreendentemente semelhante ao da Bíblia, mas ao mesmo tempo espantosamente diferente. Segundo elas, há cerca de 12 mil anos, os chefes dos Anunnaki aperceberam-se de que iriam ocorrer graves alterações climáticas com o iminente regresso do planeta Nibiru, que elas diziam orbitar a Terra em ciclos de 3600 anos. Foi então decidido permitir que a Natureza exterminasse os seres humanos enquanto os Anunnaki aguardavam em naves de evacuação em órbita.

Este relato conta como o oficial científico dos Anunnaki, a divindade suméria Enki, transmitiu este segredo letal a um dos seus assistentes humanos mais estimados, identificado como o Ziusudra ou Utnapishtim sumério.

Utnapishtim foi apelidado de «Noé sumério» e o relato bíblico do Dilúvio não passa, obviamente, de uma versão editada da versão suméria original com os seus vários deuses anunnaki condensados no Deus monoteísta da Bíblia. Os textos sumérios descrevem como Enki mandou Utnapishtim/Noé construir uma arca, incluindo o recurso a um betume já existente para a tornar impermeável. A versão de *Gilgamesh* apresentava alguns pormenores interessantes excluídos do relato bíblico. Enki também teria dito a Utnapishtim/Noé: «A bordo dessa nave, leva a semente de todas as coisas vivas...»

Esta instrução é muito fascinante porque, uma vez que Enki fora o oficial científico dedicado à engenharia genética, parece mais plausível que Utnapishtim/Noé recolhesse amostras de ADN de todos os seres vivos, em lugar de uma enorme quantidade de animais, insetos e plantas.

O relato acadiano deixa claro que o Grande Dilúvio não foi o resultado de grandes chuvas. Descreve antes uma escuridão acompanhada por ventos colossais, que aumentaram de intensidade, destruindo construções e rompendo diques. Estas condições seriam de esperar com a passagem próxima de um grande corpo planetário. Escavações arqueológicas dispersas ao longo de muitos anos indicam que aquilo que é considerado o Grande Dilúvio foi uma catástrofe que abarcou todo o planeta, embora nem todas as partes do mundo tenham ficado submersas. Mas, ainda hoje, a maioria das cidades originais dos Anunnaki na Mesopotâmia permanece sob a água e o lodo perto da foz dos rios Tigre e Eufrates.

Tanto no relato acadiano como no bíblico, após seis dias e noites a arca deteve-se no topo de uma montanha, identificada como o monte Ararat, no oriente da Turquia. Depois de enviar uma pomba, uma andorinha e um corvo da arca, apenas o corvo não regressou, indicando que a terra seca estaria perto.

Os ensinamentos destas escolas antigas, incluindo as da Índia, contêm lendas paralelas para explicar a história e a sociedade. Os exemplos incluem não só histórias do Grande Dilúvio, mas também uma virgem que gera um filho, uma divindade que morre e depois regressa, deuses que representam seres celestiais, novos deuses derivados de deuses mais antigos, e deuses do céu que ensinaram aos seres humanos as bases da cultura, direito, linguagem, palavra escrita, matemática, astronomia e agricultura. As Escolas de Mistérios, guardiãs das tradições antigas, espalharam os seus conhecimentos por toda a parte. O místico e preeminente maçom canadiano Manly P. Hall afirmava: «O tempo revelará que o continente hoje conhecido como América foi realmente descoberto e consideravelmente explorado mais de mil anos antes do início da era cristã. A verdadeira história encontrava-se sob a guarda das Escolas de Mistérios e destas passou para as sociedades secretas do mundo medieval. As ordens esotéricas da Europa, da Ásia e do Próximo Oriente mantinham uma comunicação pelo menos irregular com os cleros das nações ameríndias mais avançadas. Os planos para o desenvolvimento do Hemisfério Ocidental foram formulados em Alexandria, Meca, Deli e Lhasa [Tibete] muito antes de muitos estadistas europeus conhecerem o grande programa utópico.»

Alguns sugeriram que este conhecimento oculto também foi transmitido por intermédio de comunidades muçulmanas como os ismaelitas, intimamente ligados aos Cavaleiros Templários, conhecidos por trazerem ideais dos Illuminati para a Europa. De acordo com um *síte* ismaelita, «enquanto muçulmanos, os ismaelitas afirmam o testemunho islâmico fundamental da verdade, a Shahada, de que não existe Deus senão Alá e que Maomé (que a paz esteja com ele e a sua família) é o Seu Mensageiro. Eles acreditam que Maomé foi o último e derradeiro profeta de Alá, e que o Alcorão Sagrado, a mensagem final de Alá para a humanidade, foi por ele revelado. Os muçulmanos consideram esta revelação o culminar da mensagem que foi revelada por outros profetas da tradição abraâmica antes de Maomé, incluindo Abraão, Moisés e Jesus, todos os quais

os muçulmanos reverenciam como profetas de Alá».

Mais uma vez, vemos que foi Abraão, ou Abrão, patriarca dos Israelitas e também dos muçulmanos, quem trouxe o conhecimento antigo dos Anunnaki para a Palestina e o Egito, da sua cidade natal de Ur, na Mesopotâmia. O Antigo Testamento (Gênesis 12:1-2) conta como Abraão foi incentivado por uma conversa com o seu deus: «Então, o Senhor disse a Abraão: “Sai da tua terra, do meio dos teus parentes e da casa de teu pai, e vai para a terra que eu te mostrarei. Farei de ti um grande povo, e abençoá-lo-ei. Tornarei famoso o teu nome, e tu serás uma bênção.» [NVI]

E tendo em conta que foi calculado que Abraão viveu há cerca de quatro mil anos, atingindo os 175 anos de idade (Gênesis 25:7), e que a civilização suméria não se estabeleceu senão há cerca de seis mil anos, poder-se-á supor que Abraão, durante a sua vida inicial em Ur, situada na margem do rio Eufrates, perto do Golfo Pérsico, poderia ter tido acesso a informações em primeira mão sobre a tecnologia e o conhecimento dos Anunnaki. Tem sido especulado que o conhecimento trazido por Abraão terá ajudado a criar o miraculoso império que surgiu no Egito após 3100 a. C.

OS ESSÉNIOS

O gnosticismo e os ensinamentos místicos da Cabala tiveram um papel importante numa seita ascética judaica conhecida como os essénios. Os essénios provocaram um tal conflito com os líderes religiosos das outras duas principais seitas judaicas — os fariseus e os saduceus — que a seita acabou por deixar Jerusalém e estabelecer um mosteiro em Qumran, no extremo setentrional do Mar Morto, ao qual chamavam «o Deserto». A palavra «essénios» é uma derivação das palavras gregas *essaíoi*, que significa «secreto» ou «místico», e *essenoi*, que indica cura ou médico. Os essénios foram associados a um ramo posterior de uma Escola de Mistérios egípcia chamada Grande Irmandade Branca da Terapia, que praticava tradições curativas esotéricas. Foi proposto que os essénios, os

guardiões do conhecimento antigo e esotérico, também teriam iniciado e educado Jesus. O autor britânico Laurence Gardner observa o seguinte: «Seria nesta Fraternidade Branca de sábios terapeutas e curandeiros — os Rosacrucianos originais — que Jesus mais tarde seria iniciado para, assim, progredir através dos diversos graus, e foi a sua elevada posição neste domínio que lhe mereceu a tantas vezes usada designação de “Mestre”.»

Outros autores também afirmam que Jesus era um essénio, tal como os seus pais, Maria e José, e o seu irmão Tiago. A maioria dos fundamentalistas modernos tende a rejeitar essa ligação, porque associar Jesus ao gnosticismo e aos essénios perturba o seu rígido dogma. Todavia, não deixa de ser digno de nota que, no Novo Testamento, Jesus menospreza os fariseus e os saduceus, mas, estranhamente, não existe qualquer referência aos essénios, indicando que ele seria um membro e, como tal, não tinha necessidade de os repreender, ou que todas as referências a este grupo foram excluídas.

A Bíblia tende a confirmar que Jesus poderá ter estudado no mesmo templo de Melquisedeque onde Pitágoras estudara seis séculos antes. A Carta de S. Paulo aos Hebreus 6:20 afirma «onde Jesus, que nos precedeu, entrou em nosso lugar, tornando-se sumo sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque» [NVI]. Melquisedeque é uma das personagens mais misteriosas e menos compreendidas da Bíblia.

Gardner afirmava que o nome Melquisedeque era um composto de criação essénia, do arcanjo Miguel e do sumo sacerdote hebreu Zadok, de onde Miguel-Zadok. Outros acreditam que este «rei de Salém», um antigo nome da futura Jerusalém, era uma pré-encarnação de Jesus, enquanto alguns sugerem que Melquisedeque seria na realidade a divindade suméria Enki. É claro que, no tempo de Jesus, a noção da existência dos Anunnaki e da sua tecnologia havia sido largamente perdida. Os essénios, ativos no tempo de Cristo, têm sido referidos como os protetores do «cristianismo místico» baseado nos mistérios anteriores. Embora certamente conhecida pelos seus

vizinhos, a sua presença não foi registada no Novo Testamento ou foi posteriormente excluída.

Com efeito, pouco ou nada se sabia sobre os essénios até à descoberta dos Manuscritos do Mar Morto, em 1947, apenas dois anos depois de uma biblioteca gnóstica ter sido encontrada na cidade egípcia de Nag Hammadi. Aparentemente, quando os exércitos romanos avançaram durante a revolta judaica de 70 d. C., os essénios fugiram de Qumran depois de esconderem os seus pergaminhos sagrados em potes de barro enterrados em grutas próximas. A notícia desta descoberta acabaria por chegar aos ouvidos de Yigael Yadin, arqueólogo da Universidade Hebraica, que hipotecou a sua casa e partiu para perigosas regiões árabes em busca dos pergaminhos. Conseguiria guardar sete deles para a sua universidade, que não tardou a publicá-los.

«Não se pode dizer o mesmo dos pergaminhos restantes», refere a estudiosa da Bíblia e ex-analista de informações Patricia Eddy. «O Museu Arqueológico Rockefeller na Palestina depressa se envolveu na questão e conseguiu adquirir os restantes pergaminhos ao governo da Jordânia [...] que estipulou que nenhum estudioso judeu poderia ter acesso aos antigos textos judaicos. Atualmente, Israel controla os pergaminhos como resultado da invasão do local onde eles estavam armazenados, durante a Guerra dos Seis Dias de 1967 [...] estes pergaminhos encontram-se essencialmente por publicar nos dias de hoje (e) ninguém sabe se todos terão sido obtidos. Existe a possibilidade de outros estarem em posse de, ou terem sido destruídos por, beduínos [árabes].»

Os autores essénios dos Manuscritos do Mar Morto tiveram um efeito profundo nos primeiros cristãos de Jerusalém, que em breve se afastaram teologicamente de Paulo e dos seus seguidores fora da Palestina. Isto é evidenciado pelo facto de as interpretações do Antigo Testamento encontradas nos pergaminhos serem semelhantes às interpretações do irmão de Jesus, Tiago, e dos cristãos de Jerusalém.

Os conflitos dentro e fora do cristianismo foram resolvidos pelo imperador romano Constantino naquilo que Gardner descreveu como

«uma compra estratégica pelo inimigo». «Além de várias crenças celtas, os Romanos adoravam os imperadores na sua capacidade de deuses descendentes de outros deuses, como Neptuno e Júpiter», explicou Gardner. «No Concílio de Arles, em 314, Constantino manteve o seu próprio estatuto divino ao introduzir o Deus onipotente dos cristãos como seu patrocinador pessoal. Em seguida, resolveu as anomalias da doutrina por meio da substituição de certos aspetos do ritual cristão pelas familiares tradições pagãs de adoração do sol, juntamente com outros ensinamentos de origem síria e persa. Em suma, a nova religião da Igreja Romana foi construída como um “híbrido” para apaziguar todas as fações influentes. Desta maneira, Constantino obteve uma religião comum e unificada do mundo — católico significando universal — com ele próprio como chefe.»

Esta tentativa de cooptar o cristianismo foi selada no Concílio de Niceia, em 325 d. C. e, um ano depois, Constantino ordenou o confisco e destruição de todas as obras que questionavam a ortodoxia recém-instituída. Também abriu o Palácio de Latrão ao bispo de Roma, criando uma espécie de Vaticano inicial. Em 331 d. C., o imperador ordenou que se fizessem novas cópias dos textos cristãos, a maioria dos quais havia sido perdida ou destruída durante as anteriores perseguições. «Foi nesta altura que a maioria das alterações cruciais no Novo Testamento terá provavelmente sido feita e que Jesus assumiu o estatuto único do qual desfruta desde então», observaram os autores Michael Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln em *O Sangue de Cristo e o Santo Graal*.

Os essênios tinham um importante papel no tempo de Jesus, dando continuidade às tradições herméticas dos Gregos. No início de 1900, um engenheiro ferroviário nascido na Rússia, de seu nome Georgi Ivanovich Gurdjieff, alegou ter encontrado o manuscrito intacto de um mestre essénio num mosteiro indiano, o qual explicava a relação entre os ritmos musicais e o corpo humano, conforme ensinado no século VI a. C. pelo filósofo grego Pitágoras, uma grande influência para Platão, a Maçonaria e os Illuminati.

Pitágoras, conhecido pela precisão das suas profecias, pode ter sido o primeiro a prever uma «Nova Ordem Mundial», na altura considerada a chegada do Messias.

Foi referido que os seguidores de Pitágoras, bem como os posteriores Maçons, usavam a colher de pedreiro, um importante símbolo essénio, nas suas cerimónias e literatura. E, à semelhança dos Maçons e dos subsequentes Illuminati, os essénios usavam intrincados códigos e alegorias para proteger os seus conhecimentos dos não-iniciados e também das autoridades romanas. «O facto de tantos artífices [artesãos] serem referidos entre os seus números é responsável por a ordem ser considerada uma progenitora da Maçonaria moderna», escreveu Hall.

Os essénios também eram uma das mais eficientes antigas sociedades secretas. Alguns investigadores referiram-se aos essénios como os protetores do «cristianismo místico», a forma mais antiga do cristianismo baseada nos Antigos Mistérios.

Com base nas recentes descobertas que tornaram acessíveis textos antigos como O Evangelho da Verdade, O Evangelho de Tomé, O Testemunho da Verdade, O Evangelho de Maria e A Interpretação do Conhecimento, os investigadores têm atualmente um conhecimento dos tempos bíblicos muito mais amplo e completo do que alguma vez na História, embora muitas destas novas informações ainda não tenham chegado ao público em geral.

A autora Nesta Webster, uma cristã fervorosa que escrevia em 1924, muito antes das recentes descobertas, deplorava a ligação entre Jesus e os essénios, bem como a fonte do conhecimento destes. «Os essénios, como tal, não eram cristãos, mas sim uma sociedade secreta [...] obrigada por terríveis juramentos a não divulgar os mistérios sagrados que lhes eram confiados», afirmava ela. «E quais eram esses mistérios, senão os da secreta tradição judaica que agora conhecemos como Cabala? [...] Claramente, a verdade é que os essénios eram cabalistas, embora sem dúvida cabalistas de um nível superior [...] Os essénios são importantes [...] como a primeira das sociedades secretas das quais pode ser traçada

uma linha direta de tradição até aos dias de hoje.»

Outros argumentam que o atual conhecimento recém-adquirido no campo da astronomia e da filosofia poderia ser banal para os essénios gnósticos do tempo de Jesus. Além disso, Gardner observou: «Totalmente divorciada do cristianismo fabricado no Império Romano, a sua fé estava mais próxima dos ensinamentos originais de Jesus do que qualquer outra.»

Entre todas as fações cristãs, os essénios podem de facto ter tido a mais pura das tradições antigas da época, como reconhecido tanto pelos seus defensores como pelos seus críticos. Os segredos destes primeiros grupos deviam ser bastante profundos e convincentes, para levarem os seus membros a perseverar ao longo dos séculos nos seus esforços para proteger e propagar o seu conhecimento contra a censura e a opressão oficiais e clericais. É bastante claro que este conhecimento, transmitido em grande parte por meio de alegorias e símbolos rituais, é anterior aos Antigos Egípcios.

Uma sociedade mística que terá influenciado, se não mesmo criado, tanto os Cavaleiros Templários como os Illuminati é o Prieuré de Sion, ou Priorado de Sião, um grupo altamente controverso que se tornou popular graças ao sucesso editorial de *O Código Da Vinci* de Dan Brown, publicado em 2003, e de uma obra anterior, intitulada *O Sangue de Cristo e o Santo Graal*, que postulava que o Priorado protegia a linhagem secreta de Jesus e Maria Madalena. Atualmente, a maioria acredita que as histórias do Priorado são uma farsa inventada por Pierre Plantard, um francês que afirmava ser descendente direto da linhagem real merovíngia francesa e estava ligado a círculos ocultistas de direita. Segundo Plantard, o Priorado teria sido fundado por Godofredo de Bouillon (ou de Bulhão) no Monte Sião, no Reino de Jerusalém, em 1099, antes da Ordem dos Templários. Alegadamente, os seus grão-mestres incluíam Leonardo da Vinci e Isaac Newton e o seu principal objetivo era restaurar a linhagem merovíngia. Dizia-se também que o Priorado havia criado os Cavaleiros Templários como seu braço militar e financeiro.

Em processos judiciais envolvendo direitos autorais na década de

1980, Plantard foi forçado a confessar que tinha «fabricado» os documentos do Priorado. Em 2009, o investigador Terry Melanson escrevia: «Para os teóricos da conspiração que inventaram todo um edifício (livros, DVD, palestras, etc.) com base na noção de uma sociedade secreta tangível chamada Priorado de Sião, esta é uma pílula difícil de engolir. Lamento, mas o facto é que os autores [que perpetuaram a história do Priorado] foram enganados. Tudo isto não passa de um conto de fadas, uma farsa — do princípio ao fim.»

Todavia, não deixa de ser bastante significativo que na origem de tantas crenças esotéricas estejam o Egito, a Palestina e, mais especificamente, as antigas culturas da Mesopotâmia.

ROSHANIYA

Uma seita antiga que poderá ter sido uma precursora dos Illuminati é a dos Roshaniya do Afeganistão, referidos como «os iluminados». Este grupo levava a cabo ritos e rituais semelhantes aos dos posteriores Illuminati. Um dos principais luminares deste culto foi Bayazid Ansari, o qual afirmava que a sua família era descendente dos Ansar, os «ajudantes» que auxiliaram Maomé na sua fuga de Meca. As práticas dos Roshaniya não só são paralelas às dos Illuminati — tais como a autocomplacência, a obtenção de poder, o recurso a subterfúgios, a lealdade apenas ao culto e uma luta contra a ordem estabelecida (na altura, o Mogol Imperial) —, como o número e género de níveis atingidos eram estranhamente semelhantes aos dos Illuminati. «À semelhança dos Roshaniya, os Illuminati afirmavam ter como objetivo a obtenção de importantes conversos com o objetivo de melhorar o estado do mundo», escreveu Idries Shah, filho de uma família nobre afegã, que usava o pseudónimo Arkon Daraul.

A Casa da Sabedoria, fundada durante a Idade de Ouro do Islão (aproximadamente entre os séculos VIII e XIII), era um centro de aprendizagem situado em Bagdade que ensinava ciências, medicina, alquimia, geografia, zoologia e astronomia, e incluía cristãos e judeus. A dada altura, terá albergado as maiores coleções de livros do mundo

e possuía os seus próprios observatórios astronómicos, acabando por ser destruída em 1258 durante o saque de Bagdade pelos Mongóis. No interior desta Casa encontravam-se os registos dos Roshaniya. Os princípios fundamentais dos Roshaniya eram: a abolição da propriedade privada; a eliminação da religião; a eliminação dos estados-nação; a crença de que a «iluminação» emanava do Ser Supremo, o qual desejava que uma classe de homens e mulheres perfeitos se encarregasse da organização e direção do mundo; a crença num plano para remodelar o sistema social do mundo, assumindo primeiro o controlo de cada país, um a um; e a crença de que, depois de alcançar o quarto nível, era possível comunicar diretamente com os supervisores desconhecidos que haviam transmitido o conhecimento aos iniciados ao longo dos tempos. Eles acreditavam que os homens sábios haviam de voltar a reconhecer esta irmandade.

Os ideais deste culto, que se assemelham surpreendentemente à posterior agenda dos Illuminati, ainda podem ser encontrados nas filosofias políticas de hoje. Os Roshaniya, tal como os Illuminati, não seguiam nenhuma nação em particular, embora usassem o nacionalismo para promover os seus objetivos. O único propósito desta antiga irmandade era obter poder económico e político sobre o mundo inteiro, estando também determinada a eliminar todos os cristãos, judeus e ateus.

Os Roshaniya chegavam ao ponto de se denominar a Ordem. Como os posteriores Illuminati, os iniciados faziam um juramento que os absolvía de qualquer lealdade exceto à Ordem e prometiam: «Vinculo-me ao silêncio perpétuo e à lealdade e submissão inabaláveis à Ordem. [...] Toda a humanidade que não se possa identificar com o nosso sinal secreto é nossa legítima presa.» Este juramento permanece essencialmente inalterado até hoje em muitas sociedades secretas. Outra regra dos Roshaniya, copiada posteriormente pelos Illuminati, era a de nunca usar o próprio nome e nunca referir o nome da sua ordem ou pronunciar o nome «Illuminati». Alguns consideram que esta regra ainda hoje se

encontra em vigor e que pode muito bem ter sido a quebra da mesma, na ocasião em que as autoridades da Baviera tomaram conhecimento da Ordem, que resultou na queda de Adam Weishaupt.

O culto dos Roshaniya pregava a existência de um mundo espiritual separado do nosso mundo material. Após a morte, os espíritos podiam continuar a ter poder na Terra, mas apenas por intermédio de um membro da Ordem e somente se o espírito tivesse sido ele próprio um membro antes da sua morte. Os Roshaniya acreditavam que obtinham poder dos espíritos dos membros mortos.

Outra semelhança com os posteriores Illuminati era o procedimento dos Roshaniya que consistia em recrutar viajantes como iniciados e depois enviá-los para fundar novos capítulos da Ordem. Alguns investigadores acreditam que os Assassinos eram um ramo do culto dos Roshaniya. Alguns pretensos ramos dos Roshaniya ainda existem.

No entanto, qualquer discussão a respeito de filosofias, magia e religião vê-se rapidamente envolvida num pântano de definições, interpretações e crenças pessoais. Aqui, o facto incontestável é que existem significativas conotações pré-históricas nas doutrinas da Maçonaria e do rosacrucianismo.

Consideremos como as diversas linhas do conhecimento antigo se tornaram claras nas sociedades secretas modernas. Uma das principais fontes destes segredos antigos ficar-se-ia a dever às descobertas de um grupo de cavaleiros medievais: os lendários Cavaleiros Templários.

OS CAVALEIROS TEMPLÁRIOS

Ainda antes de serem banidos em 1785, os Illuminati tinham insinuado a sua teologia doutrinária (denominada iluminismo) na Maçonaria, ela própria uma descendente direta dos lendários Cavaleiros Templários.

Diz-se há muito que os Cavaleiros Templários trouxeram o conhecimento antigo da Cabala e das Escolas de Mistérios, da Terra

Santa para a Europa, por altura das Cruzadas e que esse conhecimento foi transmitido pelas guildas, ou corporações, de pedreiros criadas pelos Templários. Os historiadores maçónicos reconhecem que a primeira evidência da introdução de «mistérios judaico-cristãos» na Maçonaria teve lugar durante este mesmo período. Foi igualmente documentado que o conhecimento oculto presente na Cabala tem sido utilizado ao longo dos séculos por quase todas as sociedades secretas, incluindo a Maçonaria, os Rosacruzianos e os Illuminati, até aos grupos modernos.

Como tal, cabe a qualquer investigador sério dos Illuminati explorar os antecedentes e as crenças destes cavaleiros guerreiros. Até à queda de Constantinopla em 1453, a Igreja Romana reinava suprema como a autoridade do mundo ocidental. Por meio do empréstimo do seu dinheiro e também das suas bênçãos, o Vaticano dominava reis e rainhas e controlava a vida do cidadão comum que receava a excomunhão e a infame Inquisição.

Após sucessivas tentativas de invasão pelos exércitos islâmicos, a Europa cristã lançou cruzada após cruzada contra os muçulmanos, particularmente contra aqueles que detinham a Terra Santa (Palestina) no Médio Oriente. No Sul de França, certas famílias mantinham crenças doutrinárias que remontavam à supressão dos cátaros. Essas crenças diziam respeito a um Jesus mais humano, à sua mulher Maria Madalena e aos seus descendentes. Isto, obviamente, ia contra os ensinamentos da Igreja. As Cruzadas representavam um pretexto conveniente para tomar a Terra Santa e tentar verificar estas tradições. Alguns investigadores sugerem até que as Cruzadas poderão ter sido fomentadas por esta busca de conhecimento oculto. Pedro, o *Eremita*, juntamente com S. Bernardo, tutor pessoal do líder da Cruzada, Godofredo de Bouillon, seriam fundamentais na promoção da Primeira Cruzada. De Bouillon seria mais tarde associado à criação dos Cavaleiros Templários.

Após a queda de Jerusalém em 1099 durante a Primeira Cruzada, os Cruzados aparentemente encontraram alguma confirmação das ideias hereges que apoiavam as tradições mais antigas, em especial

aquelas originárias do Sul de França. Foi este conflito que levou à criação de sociedades que usavam o sigilo para se proteger da Igreja Romana.

Os Cavaleiros Templários trariam consigo mais do que boatos hereges: terão regressado à Europa com fortes evidências de erro e duplicidade no dogma da Igreja. Com o tempo, ficariam conhecidos como hereges e blasfemos e a Igreja tentaria exterminá-los. Todavia, as tradições templárias sobrevivem atualmente no seio da Maçonaria.

Os Templários, originalmente uma ordem religioso-militar com o nome de Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão, foram formados em 1118, altura em que nove cruzados franceses se apresentaram ao rei Balduíno de Jerusalém e pediram permissão para proteger os peregrinos que viajavam para a Terra Santa. Pediram também permissão para permanecer na ala leste do palácio, que era adjacente à recém-capturada Mesquita de Al-Aqsa, antigo local do Templo de Salomão. Os seus pedidos foram atendidos e a Ordem ficou conhecida como Cavaleiros do Templo, que mais tarde se transformaram nos Cavaleiros Templários.

À medida que os Templários cresciam em número e poder, a sua ordem foi assumindo um crescente número de ritos, muitos dos quais se refletiriam nos posteriores Maçons e Illuminati. Inicialmente, existiam três classes: os Cavaleiros, homens solteiros de famílias nobres; os Capelães, que faziam votos de pobreza, castidade e serviço obediente; e os Irmãos, homens talentosos e ricos que não tinham nascido em berço nobre. Todos os Cavaleiros e Capelães eram obrigados a passar por rigorosas cerimónias de iniciação. Pouca atenção foi dada aos Cavaleiros nos livros de história tradicionais e o seu papel na formação de acontecimentos futuros foi essencialmente relegado para notas de rodapé. Sabe-se que a Ordem floresceu, tornando-se extraordinariamente rica e poderosa, até 1307, altura em que foi esmagada por um invejoso rei francês e por um papa com medo dos seus segredos. Com a destruição dos Templários, a Igreja tentou apagar todas as evidências da Ordem e dos seus segredos, que envolviam os mistérios mais íntimos do

cristianismo — questões tão voláteis que os Templários tiveram de ser destruídos pela própria Igreja que os ordenara.

Graças ao esforço de vários estudiosos, atualmente o registo das origens e contribuições dos Templários encontra-se reconstituído e reavaliado. Estes cavaleiros eram liderados por Hugo de Payens, um nobre ao serviço de André de Montbard, tio de Bernardo de Clairvaux, mais tarde conhecido como o cisterciense S. Bernardo. Montbard também era vassalo do conde de Champagne. «Payens e os seus nove companheiros vinham de Champagne ou do Languedoque [regiões da França] e incluíam o conde da Provença, e é evidente que foram à Terra Santa com uma missão específica em mente», escreveram os autores Lynn Picknett e Clive Prince. A Provença é adjacente ao Languedoque e inclui Marselha, onde Maria Madalena terá desembarcado na Europa após a crucificação de Jesus Cristo.

S. Bernardo continuaria a apoiar os Templários depois de ganhar notoriedade.

Durante os primeiros nove anos da sua existência, os Templários não recrutaram novos membros e pouco fizeram para proteger as estradas de acesso a Jerusalém. A proteção dos peregrinos estava a cargo de outra ordem, os Cavaleiros do Hospital de São João de Jerusalém, também conhecidos como Hospitalários. Deixando a proteção para estes últimos, os Templários mantinham-se perto dos seus alojamentos e escavavam em busca de tesouros nas profundezas das ruínas do primeiro santuário hebraico permanente, o Templo de Salomão. Construído cerca de três mil anos antes no monte Moriá, em Jerusalém, o Templo de Salomão foi planeado pelo seu pai, o bíblico rei David, e era uma cópia exata de um templo sumério construído quase mil anos antes e dedicado a Ninurta, o mais destacado filho do chefe anunnaki Enlil. Muitos investigadores acreditam que Enlil é o deus vingativo do Antigo Testamento. O Templo de Salomão foi destruído durante a conquista da Babilónia por volta de 586 a. C. e depois reconstruído pelo rei Zorobabel quando os Judeus regressaram do cativeiro. Grande parte do novo projeto baseava-se numa visão do profeta Ezequiel, que no Antigo

Testamento descreve as suas experiências com engenhos voadores. No tempo de Jesus, o templo de Zorobabel foi profundamente reformulado para se tornar o palácio do rei Herodes, o *Grande*. Seria destruído apenas quatro anos após a sua conclusão, em 70 d. C., durante a revolta judaica contra os Romanos. Cientes de que os Romanos pretendiam conquistar Jerusalém, os Israelitas terão escondido o Tesouro de Salomão — amalhado durante a permanência deste povo no deserto e constituído por ouro, prata e joias, bem como documentos de conhecimento antigo — sob o templo, selando para tal diversos corredores e divisões. Atualmente, o que resta do templo judeu encontra-se encerrado no interior da mesquita da Cúpula da Rocha, um santuário islâmico sagrado cuja importância apenas é suplantada por Meca e Medina.

Não há dúvida de que as escavações dos Templários sob o templo de Herodes foram extensas. Em 1894, um grupo dos Royal British Engineers liderado pelo tenente Charles Wilson descobriu provas dos Templários ao cartografar caves sob o monte Moriá. Encontraram corredores abobadados com arcos de pedra angular, típicos das obras templárias. Também encontraram artefactos que consistiam numa espada, partes de uma espada e lança, e uma pequena cruz templária, ainda hoje em exposição na Escócia. De acordo com vários relatos, terá sido durante estas escavações que os Templários adquiriram pergaminhos de conhecimento oculto, muito provavelmente relacionados com a vida de Jesus e as suas associações com os essénios e os gnósticos. Também encontraram as lendárias Tábuas do Testemunho dadas a Moisés, bem como outras relíquias sagradas — talvez até a lendária Arca da Aliança e a Lança de Longino — que poderiam ter sido usadas para validar as suas pretensões como autoridade religiosa alternativa à Igreja Romana. O autor Laurence Gardner confirmou que, além do tesouro, os escavadores templários também recuperaram «uma abundância de livros manuscritos antigos em hebraico e siríaco [...] muitos deles eram anteriores aos Evangelhos, fornecendo relatos em primeira mão que não haviam sido editados por nenhuma autoridade eclesiástica.

Era amplamente aceite que os Cavaleiros possuíam uma visão que eclipsava o cristianismo ortodoxo, uma visão que lhes permitia a certeza de que a Igreja havia interpretado erroneamente a partenogénese e a ressurreição».

Estes relatos seriam solidamente apoiados pela descoberta de um documento gravado em cobre entre os Manuscritos do Mar Morto, encontrados em Qumran, na costa noroeste do Mar Morto, em 1947. Este «Manuscrito de Cobre», traduzido em meados da década de 1950 na Universidade de Manchester, não só referia um vasto tesouro de ouro e literatura, como na realidade descrevia o esconderijo do mesmo: o local das escavações dos Templários sob o Templo de Salomão. Aparentemente, tratava-se de uma de várias cópias, outra das quais pode ter chegado às mãos dos Templários. Com instruções pormenorizadas para encontrar objetos hebraicos ocultos de grande valor, o «Manuscrito de Cobre» era literalmente um mapa do tesouro.

A sua nova riqueza, bem como a posse de documentos perdidos, também poderia explicar a rápida aceitação dos Templários por parte dos atónitos chefes da Igreja. Com aquele conhecimento, os líderes templários, direta ou implicitamente, deviam ter fortemente intimidado as altas patentes da Igreja, um facto do qual resultou uma crescente riqueza e poder.

Alegadamente pobre, embora a maioria dos Templários fosse membro ou tivesse ligações às famílias reais — no seu selo original figuravam dois cavaleiros que partilhavam um cavalo —, a fortuna da Ordem cresceu repentinamente. Os seus líderes começaram a viajar, a recrutar membros e a obter a aceitação da Igreja e da realeza europeia.

A 31 de janeiro de 1128, os Mestres Templários partiram para o Concílio de Troyes, cerca de 120 quilómetros a sueste de Paris. Este concílio era composto por arcebispos, bispos e abades católicos, incluindo S. Bernardo, então à frente da poderosa Ordem Cisterciense. Com o apoio adicional do rei Balduíno, o concílio aprovou os Templários como uma ordem militar e religiosa oficial. Isto

resultou na aprovação de uma «Regra» ou constituição dos Cavaleiros Templários pelo papa Honório II, a qual sancionava contribuições para a Ordem.

Esta «Regra» foi preparada por S. Bernardo e copiava a estrutura da sua Ordem Cisterciense. Para apoiar o lado religioso da Ordem, a «Regra» ordenava entre outras coisas que todos os novos templários fizessem um voto de castidade e pobreza, o que incluía entregar todas as suas propriedades à Ordem. No lado militar, os Templários eram proibidos de recuar em combate, a menos que os seus adversários os excedessem em mais de três para um e o seu comandante aprovasse uma retirada.

A estrutura da Ordem seria uma precursora da Maçonaria. Cada ramo local tinha o nome de «Templo» e o seu comandante jurava e prometia obediência a um grão-mestre. No seio das fileiras existiam quatro classificações: cavaleiros, sargentos, capelães e servos. Como na posterior Maçonaria, era dada uma grande ênfase à ocultação de segredos, tanto do público como dos seus companheiros templários.

O poder e o prestígio da Ordem aumentaram rapidamente e, no auge da sua popularidade, esta contava com cerca de vinte mil cavaleiros. O distintivo manto branco com uma cruz vermelha usado apenas pelos Cavaleiros Templários era sempre visto no calor da batalha. Em meados do século XII, os Cavaleiros Templários tinham-se estabelecido como a instituição mais rica e poderosa da cristandade, à exceção do Vaticano.

As contribuições da realeza e dos nobres não consistiam apenas em dinheiro ou terras. Os membros da Ordem recebiam senhorios, baronias, estatuto terratenente e castelos. O grão-mestre Payens tinha muitas ligações ao mais alto nível. Era casado com Catherine de St. Clair, de uma importante família escocesa que doara terras a sul de Edimburgo, nas quais foi construído o primeiro centro de estudos ou preceptoria dos Templários fora da Terra Santa. S. Bernardo, que tanto havia apoiado os Templários em Troyes, e a sua Ordem Cisterciense também prosperaram. Em 1139, o papa Inocêncio II, um protegido de S. Bernardo, proclamou que os Templários não

responderiam a nenhuma outra autoridade além da sua. Esta licença para operar fora de qualquer controlo local significava uma isenção de impostos, o que aumentava consideravelmente a riqueza da Ordem. Inocêncio II também concedeu aos Templários o direito, mais invulgar, de construir as suas próprias igrejas. Terá sido para incentivar esta construção que os Templários criaram as primeiras guildas de pedreiros. Os pedreiros tornaram-se membros leigos da Ordem dos Templários e usufruíram de todas as suas vantagens, como a isenção do pagamento de impostos.

No século XIII, os Templários possuíam cerca de nove mil castelos e solares em toda a Europa, mas, sendo uma ordem religiosa, não pagavam impostos. Os seus investimentos incluíam as indústrias básicas, em particular a construção. Possuíam mais de cinco mil propriedades apenas em Inglaterra e no País de Gales. O seu império estendia-se da Dinamarca à Palestina. Os rendimentos destas propriedades seriam usados para construir uma enorme frota e como garantia de um vasto sistema bancário. O conceito de usar dinheiro para produzir mais dinheiro entrava assim em cena. Embora a História convencional situe o desenvolvimento do sistema bancário moderno nas primeiras instituições judaicas e italianas, os Cavaleiros Templários foram os verdadeiros predecessores dos famosos Rothschild e Médicis. Com base no antigo conhecimento financeiro das anteriores Escolas de Mistérios, os Templários aprenderam a desempenhar as mesmas funções de um banco moderno: armazenamento de riqueza, empréstimos e até um sistema de crédito. Na Idade Média, os cristãos estavam proibidos de praticar a usura, ou seja, de cobrar juros sobre empréstimos. Era considerado pecaminoso. Os Templários evitaram esta restrição ao realçar os aspetos militares e não religiosos da sua Ordem. Num caso, documentos antigos revelariam que os Templários cobravam juros de até 60% ao ano, uma taxa muito mais alta do que outros prestamistas da altura. À semelhança dos bancos suíços de hoje, mantinham fundos fiduciários privados de longo prazo, acessíveis apenas a quem abria a conta.

Parece igualmente que terão sido os primeiros a introduzir o cartão de crédito e os «pacotes turísticos» ao desenvolver transferências de fundos por nota, uma técnica muçulmana muito provavelmente obtida dos Assassinos e de outros contactos no Médio Oriente. Os peregrinos que iam à Terra Santa enfrentavam muitos perigos e obstáculos. Eram presa fácil de barqueiros, cobradores de portagens, carregadores e até das autoridades da Igreja que exigiam esmolas, sem falar dos larápios e ladrões de estrada. Para proteção contra tais infortúnios, os Templários desenvolveram um sistema graças ao qual o viajante podia depositar fundos junto do comandante do templo local em troca de um recibo especialmente codificado. Este recibo era emitido sob a forma de uma carta de crédito, remível em qualquer templo. No fim da sua jornada, o viajante recebia um reembolso em dinheiro do saldo da sua conta ou uma fatura para cobrir qualquer quantia a descoberto. Era um sistema em muito semelhante ao cheque bancário e ao cartão de crédito modernos. Muitas vezes, os Templários até faziam as vezes de cobradores de impostos. Coletavam impostos papais, dízimos e donativos para a Igreja, bem como impostos e receitas para o rei inglês. Também mediavam disputas que envolviam o pagamento de resgates, dotes e pensões. No auge do seu poder, os Templários administravam a maior parte do capital disponível na Europa Ocidental.

Juntamente com as práticas bancárias, os Templários trouxeram para a Europa os conhecimentos adquiridos em arquitetura, astronomia, matemática, medicina e técnicas médicas. Menos de cem anos após a formação da Ordem, os Cavaleiros Templários haviam-se transformado no equivalente medieval de uma corporação multinacional de hoje. O seu controlo sobre a indústria e as finanças era tremendo e tinham-se tornado uma temível potência militar, incluindo a sua própria armada com base no porto atlântico francês de La Rochelle. A bandeira desta armada era negra com uma caveira branca e ossos cruzados. As primeiras batalhas marítimas lançariam resquícios da armada dos Templários contra países católicos como a França e a Espanha. Apenas séculos depois os corsários haviam de

atacar navios ingleses e dar início à era da pirataria, já completamente esquecidas as origens simbólicas e espirituais da bandeira negra. Existem até relatos de templários que, liderados por Henry St. Clair de Rosslyn, terão partido da Escócia para a América do Norte em 1396, quase um século antes de Colombo. Esta pouca conhecida presença templária no Novo Mundo foi convincentemente pormenorizada no livro *Templars in America*, de 2004, da autoria de Tim Wallace-Murphy e Marilyn Hopkins.

Os Templários não se contentavam com a simples aquisição de castelos e outras estruturas existentes. Eles eram ávidos construtores, erigindo muitas propriedades fortificadas, particularmente no Sul de França e na Terra Santa. Muitas eram construídas em penínsulas ou no topo de montanhas, tornando-as praticamente inexpugnáveis. Com o privilégio de erigir as suas próprias igrejas, os Templários tornaram-se os principais impulsionadores da construção das grandes catedrais góticas da Europa.

Acredita-se que o termo «gótico» tenha sido derivado das tribos germânicas dos Godos que invadiram o Império Romano. Todavia, Gardner e outros argumentam que, pelo menos no que respeita à arquitetura, o termo poderá ter vindo do *goetik* grego, que significa «algo de mágico». E os Godos certamente não tinham nada que ver com a arquitetura mágica de uma incrível quantidade de catedrais construídas durante o século XII — logo após os Templários terem trazido os seus segredos para a Europa.

As gentes da época ficaram impressionadas com os impossivelmente elevados tetos abobadados e com os arcobotantes das novas catedrais. Arcos ogivais e abóbadas associadas a magníficos vitrais, tudo isto refletia novas técnicas inspiradas no conhecimento dos Templários sobre geometria sagrada e metalurgia. Um dos aperfeiçoadores do vitral gótico seria Omar Khayyam, mais uma vez associando os construtores templários ao conhecimento oriental dos Assassinos. S. Bernardo terá definido Deus como «comprimento, largura, altura e profundidade», uma clara evocação

do conhecimento geométrico maçónico de Pitágoras, Platão e das antigas Escolas de Mistérios.

Outra nítida ligação entre os Templários e o seu trabalho no Templo de Salomão pode ser encontrada na Capela Rosslyn, uma catedral em miniatura na pequena cidade escocesa de Roslin, a sul de Edimburgo. William Sinclair, descendente da preeminente família St. Clair e ligado pelo casamento ao grão-mestre Payens, fundou a capela em 1446, mas esta foi concluída em 1486 pelo seu filho Oliver. Pretendia ser a primeira parte de uma igreja maior que, todavia, nunca foi concluída.

A Capela Rosslyn reflete o simbolismo egípcio, celta, judeu, templário e maçónico. A única imagética garantidamente cristã seria acrescentada em alterações vitorianas posteriores. A planta da capela corresponde exatamente ao Templo de Salomão em Jerusalém, incluindo até duas importantes colunas na entrada. Estas colunas têm os nomes de Jachin e Boaz, nomes ligados aos mistérios antigos que ainda têm um significado mítico e místico para judeus e maçons. É interessante notar que, quando os Templários construíram as suas primeiras catedrais góticas, nenhuma delas continha uma representação da crucificação, uma anomalia muito estranha para uma ordem cristã, mas uma forte evidência de que eles realmente negavam a ortodoxia da Igreja. As sementes da heresia templária espalharam-se entre os cistercienses de S. Bernardo e refletiram-se na arquitetura simbólica das catedrais góticas. À medida que os Templários prosperavam, a Igreja mostrava-se-lhes cada vez mais antagónica, com o clero a começar a perceber a ameaça que o seu conhecimento representava. Os Templários, por sua vez, reforçavam o seu antagonismo em relação à Igreja, acreditando que a verdadeira Igreja — uma Igreja de misticismo, reencarnação e boas obras — havia sido tomada por forças das trevas. Os líderes templários viam a Igreja, «a única fé verdadeira», como uma atração irresistível para funcionários corruptos, biltres e vigaristas, bem como para os devotos, e que muitas vezes instigava massacres sangrentos contra os seus inimigos, o que acabava por ser equivalente a qualquer um

que não aceitasse a sua autoridade.

À medida que o poder e a riqueza dos Templários cresciam, aumentavam o seu orgulho e arrogância. Em 1215, o rei João de Inglaterra residia a meio tempo no Templo de Londres quando uma aliança de nobres — muitos deles templários — o forçou a assinar a Magna Carta, assegurando uma monarquia constitucional naquele país.

No final do século XIII, os Templários contribuiriam para a criação de outra ordem militar: os formidáveis Cavaleiros Teutónicos, esses heróis da infância de Adolf Hitler. Os Cavaleiros Teutónicos haviam criado um principado gigantesco chamado Ordenstaat, que se estendia da Prússia até ao Báltico e ao Golfo da Finlândia. O rei Filipe IV de França invejava cada vez mais a riqueza dos Templários e receava o seu poder militar. Em certa ocasião, Filipe procurara refúgio no Templo de Paris para escapar a uma turba de revoltosos. Por experiência pessoal, ele conhecia a riqueza dos Templários e estava-lhes fortemente endividado. Além da raiva que lhes tinha, havia o facto de lhe ter sido recusada a entrada na Ordem.

Em 1305, Filipe partiu para Roma e convenceu o papa Clemente V de que os Templários estavam, na realidade, a planear a destruição da Igreja Romana. O papa aceitou a palavra de Filipe, visto que o rei francês tinha sido o poder por trás da sua própria ascensão ao papado. Segundo o autor maçónico Albert Mackey, Filipe aceitara apoiar a pretensão de Clemente ao papado em troca de um secreto compromisso de esmagar os Cavaleiros Templários.

Além disso, como constava que os Templários estavam a tentar restaurar os antigos reis merovíngios em França e em outros estados, as acusações de Filipe encontraram ouvidos recetivos. Dizia-se que a linhagem merovíngia podia ser seguida até Jesus, o que representava um grave desafio à autoridade de Roma e apoiava a ideia de que os Templários haviam adquirido conhecimento secreto sobre os relatos bíblicos de Cristo.

Com a bênção do papa, o rei Filipe regressou a França e preparou uma lista de acusações contra os Templários que ia desde a

subversão à heresia. Filipe enviou ordens secretas a oficiais de todo o país, que não deveriam ser abertas antes de uma data predeterminada. Esta seria a alvorada de sexta-feira, 13 de outubro de 1307, uma data que a partir de então traria uma conotação sinistra a qualquer sexta-feira 13. As autoridades espalharam-se pelo país e rapidamente capturaram todos os templários que encontraram. Acusados de várias práticas, incluindo necromancia, homossexualidade, aborto, blasfêmia e exercício das artes negras, os cavaleiros capturados foram presos, interrogados, torturados e queimados. Testemunhas pagas prestaram depoimento contra a Ordem e desapareceram rapidamente. É evidente que muitas das acusações contra esta antiga ordem cristã eram falsas e inventadas. Mas existem também provas de que os círculos internos dos Templários viam com bons olhos, ou até defendiam, as heresias relativas a Maria Madalena, João Batista e a crucificação e ressurreição de Jesus. Alguns investigadores chegaram a especular que a bandeira dos Templários com a caveira e os ossos cruzados fosse uma alusão aos restos mortais de Maria, de João Batista, ou de ambos.

Não obstante a repentina detenção e o sigilo das ordens de Filipe, muitos templários foram avisados. Por exemplo, Jacques de Molay, o último grão-mestre dos Templários, reuniu muitos dos livros e regras existentes da Ordem e queimou-os. Muitos templários fugiram de França deixando na sua senda um grande mistério a respeito do desaparecimento da sua armada e do tesouro acumulado no Templo de Paris. A maioria dos investigadores acredita que a armada partiu com o tesouro desaparecido rumo à proteção da Escócia protestante, onde se encontrava a Capela Rosslyn. Robert the Bruce, rei dos Escoceses, ofereceu refúgio à Ordem, que não tardou a difundir-se fora de França. O rei Robert, ele próprio um templário por nascença, estava em guerra com o rei Eduardo II de Inglaterra e fora excomungado pela Igreja Romana por guerrear com Eduardo, que era genro do rei Filipe de França. Isolado da Igreja e dos seus vizinhos ingleses, Robert recebeu os templários fugitivos.

Alguns autores maçónicos até atribuem a vitória de Robert sobre os Ingleses na Batalha de Bannockburn a uma tardia intervenção dos Templários. Esta batalha, que garantiu à Escócia a independência da Inglaterra, foi travada em 24 de junho de 1314, dia de São João, um dos dias mais significativos do ano para os Templários, que veneravam este santo.

Por altura da Batalha de Bannockburn, os Templários supostamente já não existiam. Em 1312, a Ordem fora oficialmente dissolvida pelo papa por insistência do rei Filipe e, em 1314, o último grão-mestre oficial da Ordem, Jacques de Molay, morrera queimado na fogueira em Paris. Não obstante os seus esforços, o rei Filipe obviamente não conseguiu exterminar os Templários. Aqueles que se encontravam na Escócia, em Portugal e nalguns outros locais escaparam à perseguição, enquanto muitos simplesmente se livraram dos seus demasiado conspícuos mantos marcados com uma grande cruz de Malta vermelha e integraram-se noutras organizações descendentes dos Templários. Apenas tiveram de se juntar a outros grupos, como os Hospitalários, Cavaleiros de Malta, Cavaleiros de São João, Maçonaria e Rosacruzianos. A linhagem dos membros destes grupos perderia a sua nitidez à medida que eles se foram misturando com os Templários e entre si.

No seu livro de 2006, *Secret Societies: Their Mysteries Revealed*, o galardoado autor John Lawrence Reynolds explicava: «Os registos maçónicos seguem a ligação Templários-Maçonaria até uma frase proferida em 1737 na Grande Loja de França por um maçom chamado Chevalier Ramsay. Ramsay terá afirmado que a Maçonaria datava da “estreita associação da Ordem com os Cavaleiros de São João em Jerusalém” durante as Cruzadas, e que as “antigas lojas da Escócia” conservavam a genuína Maçonaria abandonada pelos Ingleses. Desta algo dúbia ligação histórica surgiria o Rito Escocês...»

Outra ordem criada especificamente para combater os inimigos do Vaticano e proteger os segredos da Igreja foi a dos Jesuítas. Esta ordem, oficialmente conhecida como a Companhia de Jesus, foi formada em 1540 por Inácio de Loyola, um soldado que se tornou

sacerdote e rapidamente transformou a organização numa força agressiva militante contra hereges e protestantes. Seria a estrutura dos Jesuítas que Adam Weishaupt usaria como modelo para os seus Illuminati.

Mas até os militantes Jesuítas se revelaram suscetíveis à atração do conhecimento secreto dos Templários, tendo-se aproximado demasiado das suas heresias. Compostos pelos melhores e mais inteligentes homens, os Jesuítas começaram a resistir à autoridade da Igreja Romana e ao poder desta sobre os governos, o que resultou numa proibição da Ordem pelo papa Clemente XIV em 1773. Mas o imperativo de proteger a Igreja obrigaria a um restabelecimento dos Jesuítas, incluindo todos os direitos e privilégios anteriores, pelo papa Pio VII em 1814. Talvez em virtude da pouca fiabilidade dos Jesuítas, a perseguição aos inimigos da Igreja acabaria por caber à infame Inquisição, que durou até 1820. O falecido Laurence Gardner, um grande genealogista de renome internacional, com acesso privilegiado aos registos de várias famílias reais europeias, serviu como prior da Igreja Celta e foi adido presidencial do Conselho Europeu de Príncipes. «Entretanto, aqueles que pertenciam à classe privilegiada que detinha genuínas capacidades esotéricas e conhecimento hermético viam-se obrigados a tratar dos seus assuntos no sigilo das suas lojas e clubes clandestinos», referia Gardner, acrescentando: «O outrora reverenciado conhecimento dos Templários levou à sua perseguição pelos selvagens dominicanos da Inquisição do século XIV. Foi nesta fase da história do cristianismo que o último vestígio de livre-pensamento se perdeu.»

Gardner afirmava que os Templários tinham realmente sobrevivido ao passar à clandestinidade, fundindo-se com outras sociedades secretas, especificamente os Rosacruzianos e os Maçons. «Atualmente, os livros de História e as enciclopédias são quase unânimes em declarar que os Cavaleiros Templários foram extintos no século XIV. Estão completamente enganados», declarou Gardner. «A Ordem Militar dos Cavaleiros do Templo de Jerusalém [um título atualizado dos Cavaleiros Templários] — diferente dos

posteriormente criados Templários Maçônicos — ainda floresce na Europa continental e na Escócia.»

Grande parte do saber interno dos Maçons e dos Illuminati pode ter resultado da estreita associação dos Cavaleiros Templários a uma seita islâmica fanática durante as Cruzadas pela Terra Santa.

ASSASSINOS

A seita conhecida como os Assassinos desenvolveu uma estrutura de comando idêntica a uma pirâmide ditatorial copiada por quase todas as sociedades secretas subsequentes, incluindo os Illuminati. Estes assassinos eram tão infames que ainda hoje o seu próprio nome é sinónimo de terror e morte súbita.

O nome teria sido derivado do canabinoide haxixe, que os membros fumavam como preparativo para matar. Os assassinos da seita, aos quais era ensinado que o homicídio era um dever religioso, ficaram conhecidos como *hashshasin* («fumador de haxixe» em árabe), o que, com o tempo, se tornou simplesmente «assassino». Esta é a origem popular do nome. No entanto, alguns investigadores sugerem que a sua origem poderá ser a palavra árabe *assasseen*, que significa «guardiões dos segredos».

Hasan bin Sabah, fundador dos Assassinos, fora um colega de escola do poeta persa Omar Khayyam e de Nizam ul-Mulk, que mais tarde se tornaria o grão-vizir do sultão turco da Pérsia. Hasan tinha os seus próprios segredos para guardar. Adquirira conhecimento esotérico do primeiro e privilégios reais do segundo. Depois de ser envolvido num escândalo de roubo de dinheiro, Hasan foi forçado a fugir da Pérsia para o Egito, onde seria ainda mais doutrinado nos segredos antigos, incluindo um conhecimento íntimo da Cabala hebraica.

Enquanto estava no Egito, Hasan pode ter traçado os planos para a formação da sua seita dos Assassinos enquanto estudava a organização e as práticas da *Dar ul Hikmat* (Casa do Conhecimento) ou Grande Loja do Cairo, criada em 1004. Esta loja era um repositório

do antigo conhecimento e sabedoria transmitidos desde os dias de Adão, Noé, Abraão e Moisés, e os seus membros aperfeiçoaram as técnicas que Weishaupt usaria séculos mais tarde para organizar os Illuminati. Foi ali que Hasan aprendeu táticas de duplicidade, visto que os membros alegavam ser muçulmanos e cristãos ao mesmo tempo, e sinais de reconhecimento, alguns dos quais ainda podem ser encontrados na Maçonaria do Grande Oriente. Como em todas as sociedades secretas, enquanto a maioria dos membros era constituída por simples adoradores fervorosos, a cúpula tinha outros objetivos.

O culto assassino de Hasan surgiu por volta de 1094, quando ele e alguns aliados persas tomaram a fortaleza montanhosa de Alamut, junto ao Mar Cáspio, Irão. Ele criou então a sua própria seita ismaelita, que passou a ser conhecida como Assassinos. Hasan, conhecido como o «Velho Homem da Montanha», criou um culto da personalidade centrado em si mesmo que espalhava o medo em virtude da violência letal da sua seita.

Aos iniciados superiores eram ensinadas as doutrinas secretas dos Assassinos, uma das quais era «Nada é verdade e tudo é permitido», uma frase estranhamente remanescente da Lei de Thelema, expressa como «Faz o que queres, este será o todo da Lei». Esta lei foi passada por meio dos Illuminati à Ordo Templi Orientis (OTO) de Aleister Crowley, ou Ordem dos Templários Orientais.

Os Assassinos também acreditavam que existe apenas um Deus e que tudo na criação, incluindo a humanidade, faz parte de um todo universal, um conceito que segue as linhas da teoria do campo unificado de Albert Einstein, que continua a ser seriamente estudada pelos cientistas modernos. Por fim, o dogma assassino de que o fim justifica os meios pode muito bem ter sido um precursor desta mesma filosofia que passou para os Illuminati e depois para a Maçonaria «Illuminada».

O poder dos Assassinos aumentou em meados do século XII, altura em que este culto possuía uma série de fortalezas que se estendiam por toda a Pérsia e Iraque. A sua influência pode até ter chegado à

sociedade secreta dos Thugs da Índia, dos quais se sabe que usavam sinais identificativos semelhantes aos dos Assassinos.

Na qualidade de grão-mestre, Hasan criou um sistema de aprendizes, companheiros da arte e mestres, que foi comparado aos posteriores graus maçónicos. O historiador maçónico Mackey admitiu que a «ligação dos Assassinos com os Templários, como historicamente comprovado, pode ter tido alguma influência sobre essa Ordem ao moldar, ou pelo menos sugerir, alguns dos seus dogmas e cerimónias esotéricas».

O sistema de grão-mestres, grão-priores, devotos religiosos e os seus graus de iniciação seriam posteriormente imitados pelos Templários, Maçons e Illuminati. Em 1129, o rei Balduíno II de Jerusalém pediu a Payens e aos seus Templários que o ajudassem num malfadado ataque à cidade muçulmana de Damasco. Esta operação um tanto precipitada e mal concebida colocaria os Templários em contacto com os famosos Assassinos. Segundo vários relatos, foi aqui que os Templários se uniram aos Assassinos em operações conjuntas durante as Cruzadas, proporcionando-lhes assim a oportunidade para aprender o seu antigo conhecimento esotérico. De notar que apenas existiam pequenas diferenças entre o combatente mediano dos Templários e dos Assassinos. Ambos os grupos estavam peçados de homens brutais, ignorantes e sedentos de sangue que simplesmente se limitavam a fazer o que lhes era dito. Assim como os futuros Illuminati, apenas os líderes conheciam as verdades subjacentes à sua ordem.

A natureza homicida dos Assassinos viria a ser a razão da sua queda. Hasan foi assassinado pelo seu filho Maomé, que por sua vez foi envenenado pelo filho, que soubera do plano de Maomé para o matar a ele. Em 1250, hordas de mongóis invasores haviam capturado a última fortaleza dos Assassinos, eliminando efetivamente a Ordem. Todavia, segundo alguns investigadores, ainda poderão existir atualmente algumas bolsas de Assassinos no Médio Oriente.

ROSACRUCIANOS

Os Rosacruceanos são outra das irmandades secretas que muitos consideram os progenitores da Maçonaria e dos Illuminati. Este grupo também possui um conhecimento e tradições secretas que remontam à Antiguidade. A Ordem da Rosa-Cruz foi fundada em 1188 por um templário pré-maçónico chamado Jean de Gisors, vassalo do rei inglês Henrique II. Alguns escritores recentes, todavia, acreditam que a Rosa-Cruz e a Maçonaria eram filosofias separadas que só se fundiram no final do século XVIII, com influência dos Illuminati. Seja qual for a verdade, permanece o facto, como reconhecido pelo historiador maçónico Mackey, de que «um elemento rosacruceano se encontrava largamente difundido nas *Hautes Grades* ou Altos Graus [da Maçonaria vinda] do continente europeu em meados do século XVIII».

Embora os Rosacruceanos pretendam ter uma linhagem que remonta ao Antigo Egipto e mais atrás, o nome só se tornou público entre 1614 e 1615 com a publicação de dois opúsculos. Um deles, intitulado *Fama Fraternitatis Rosae Crucis*, ou Manifesto da Irmandade da Rosa-Cruz, teria sido escrito por Christian Rosenkreutz (literalmente traduzido como Rosa-Cruz) e pormenorizava as suas viagens pela Terra Santa e pela região do Mediterrâneo enquanto adquiria conhecimentos esotéricos sobre o Oriente. Depois de estudar com os iluminados Alumbrados de Espanha, Rosenkreutz regressou à Alemanha, onde fundou a Ordem da Rosa-Cruz.

O nome tem sido sujeito a variadas interpretações, tais como um jogo de palavras baseado em Rosenkreutz; derivado do latim *ros*, ou orvalho, e *crux*, ou cruz; um símbolo químico de «luz» — ou seja, de conhecimento; uma referência à cruz coberta de sangue de Jesus; ou a cruz vermelha dos escudos dos Cavaleiros Templários. O conde Mirabeau, o maçónico líder da Revolução Francesa, alegava que os Rosacruceanos eram, na realidade, nada mais do que os banidos Cavaleiros Templários sob outro nome.

Os opúsculos ficcionais, conhecidos como «Manifestos Rosacruceanos», revelavam a existência desta irmandade secreta e prometiam uma vindoura era de iluminação, juntamente com a

revelação de segredos antigos. Muito provavelmente, terão sido escritos por Johann Valentin Andreae, um clérigo luterano alemão que viajou bastante pela Europa antes de se tornar conselheiro espiritual do iluminista duque de Brunswick, presidente da Convenção Maçônica de Wilhelmsbad e líder maçônico com ligações a Guilherme de Hesse e aos Rothschild.

Uma terceira publicação rosacruziana, a fantasia *Chemische Hochzeit* («O Casamento Químico»), de Christian Rosenkreutz, estava tão pejada de referências simbólicas aos banidos Cavaleiros Templários que a Igreja Católica a condenou juntamente com os Manifestos Rosacruzianos. Uma antiga sociedade rosacruziana alemã chamada Ordem do Ouro e da Rosa-Cruz tornar-se-ia a base da Loja de Estrita Observância da Maçonaria, da qual os Illuminati se apoderariam muitos anos depois.

Os Rosacruzianos eram vistos pela Igreja como satanistas e acusados de fazer pactos com o diabo e de sacrificar crianças. Outros viam-nos como os progenitores da investigação científica atual, bem como protetores dos segredos antigos. Parece óbvio que os Rosacruzianos — como os cátaros e os Templários antes deles — teriam acesso a um conhecimento antigo que continha mais substância do que qualquer coisa promulgada por Roma.

Mas a ascensão das ordens protestantes pouco contribuiu para diminuir a violência dirigida a qualquer um que se desviasse do catolicismo. Ironicamente, os cientistas, astrónomos, matemáticos, navegadores e arquitetos rosacruzianos também se tornaram vítimas religiosas. À semelhança da Igreja Romana, os clérigos anglicanos consideravam-nos pagãos e hereges. Os humanistas e racionais Rosacruzianos seriam forçados à clandestinidade pela Igreja, e líderes rosacruzianos como Christopher Wren e Elias Ashmole estabeleceriam a Maçonaria Especulativa de base rosacruziana aquando da formação da Grande Loja Mãe da Maçonaria em 1717. O autor maçônico do século XIX J. M. Ragon referia que os Rosacruzianos e os Maçons se fundiram durante este período, reunindo-se até na mesma sala do Masons' Hall, em Londres.

Em 1750, as anteriores distinções entre Maçons, Rosacrucianos e outras organizações que alegavam origens templárias haviam-se reduzido ao ponto de todas parecerem praticamente iguais. A teologia rosacruciana atual indica de facto um conhecimento que pode ser seguido por intermédio de Platão e Pitágoras até à egípcia Escola de Mistérios do faraó Tutmés III, cerca de 1500 anos antes de Cristo. Nesta Webster escrevia o seguinte: «O rosacrucianismo era uma combinação da antiga tradição secreta transmitida desde os patriarcas por intermédio dos filósofos da Grécia e da primeira Cabala dos judeus.»

Duas ordens concorrentes de Rosacrucianos ainda se encontram atualmente ativas nos Estados Unidos. Ambas afirmam guardar segredos do Antigo Egito e ambas são objeto do desprezo e escárnio dos fundamentalistas religiosos.

SOCIEDADES RECENTES

Atualmente, existe uma infinidade de sociedades secretas em todo o mundo, algumas bem conhecidas, outras nem tanto. Entre as mais conhecidas incluem-se:

- A Antiga Ordem dos Hibernianos, organizada em 1890 para proteger os católicos das forças anticatólicas e ajudar os imigrantes católicos irlandeses.
- Os Cavaleiros de Colombo, a maior rede mundial de homens católicos e suas famílias, foram fundados em 1882 tendo como principal modelo a Maçonaria.
- A Prelatura da Santa Cruz e Opus Dei, conhecida simplesmente como Opus Dei, é uma sociedade católica formada em 1928 por São Josemaría Escrivá de Balaguer em Espanha e atualmente ativa em oitenta países. A sociedade afirma que o seu objetivo é «contribuir para essa missão evangelizadora da Igreja, promovendo entre cristãos de todas as classes sociais uma vida totalmente consistente com a sua fé» durante a sua vida diária. A Opus Dei Awareness Net (ODAN) afirma que esta sociedade é «o

grupo mais controverso da Igreja Católica atual», tendo-se tornado a «prelatura pessoal» do papa João Paulo II que, em 1982, a libertou do controlo local dos padres e representantes da Igreja. «Como uma ordem religiosa livre do controlo dos bispos locais, a Opus Dei tornou-se alvo das mesmas pressões que antes se concentravam nos Cavaleiros Templários e Jesuítas, duas ordens mais antigas que outrora possuíam a mesma independência», explicou o autor John Michael Greer.

- A National Grange, formada em 1867 como uma sociedade secreta de homens e mulheres, largamente baseada na Maçonaria para promover a vida rural, particularmente no Sul (dos EUA) devastado pela guerra.
- A Antiga Ordem dos Druidas (AOD), uma organização fraterna fundada em Londres em 1781 para perpetuar as crenças dos druidas, antigos sacerdotes xamãs dos Celtas da Idade do Ferro.
- A Ordem Mística dos Profetas Velados do Reino Encantado (MOVPER), às vezes referida como The Grotto, uma organização fraterna da Maçonaria para angariar fundos destinados a auxiliar a investigação da paralisia cerebral.
- A Ordem Hermética da Aurora Dourada, também conhecida como Aurora Dourada, foi fundada em 1888 por três maçons imersos na tradição rosacruziana. A ordem, dedicada ao estudo da metafísica, paranormalidade e «magia» oculta, esteve ativa no Reino Unido durante os séculos XIX e XX e tem exercido uma grande influência no ocultismo ocidental.
- Os Cavaleiros de Pítias foram fundados em 1864 em Washington, DC, por Justus H. Rathbone, inspirado numa peça do poeta irlandês John Banim sobre a lenda de Dámon e Pítias. Foi a primeira organização fraterna a receber um alvará ao abrigo de uma lei do Congresso dos Estados Unidos.
- A Leal Ordem do Alce foi fundada em 1888 e dedica-se a prestar benefícios de saúde aos seus membros que atualmente atuam numa próspera rede de Lojas do Alce nos Estados Unidos.
- O Ku Klux Klan (KKK), ou Klan, é o nome de várias organizações

de direita do passado e do presente nos Estados Unidos que defendiam e defendem opiniões extremistas sobre a supremacia branca, o nacionalismo branco e anti-imigração. Encontrava-se mais ativo no início do século xx.

- Os Cavaleiros da Águia Dourada, uma sociedade fraterna fundada em Baltimore em 1873, atuavam em vinte estados até ao seu declínio entre 1943 e 1944, durante a II Guerra Mundial.

Outra ordem mais recente com um legado que remonta aos Cavaleiros Teutónicos medievais é a Thule-Gesellschaft, ou Sociedade Thule, em homenagem a um lendário país setentrional da mitologia grega. Os Cavaleiros Teutónicos eram uma ramificação da Ordem dos Templários no século xii que usava a suástica como seu emblema. A Sociedade Thule foi formada em 1918 em Munique para promover o regresso da Alemanha ao poder após a sua derrota na I Guerra Mundial e o fracasso do Tratado de Versalhes. Muitos membros preeminentes da Sociedade Thule tornaram-se líderes de um partido político derivado, o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (os nazis). Acredita-se também que a teologia dos Illuminati, ao espalhar-se entre os Maçons, lançou as bases para outras sociedades mais místicas, como a Ordo Templi Orientis (OTO), ou Ordem do Templo do Oriente. A OTO foi fundada no início do século xx como uma organização internacional fraterna e religiosa dedicada a tornar a Lei de Thelema («Faz o que queres, este será o todo da Lei») o seu princípio orientador. À semelhança da Maçonaria e dos Illuminati, a OTO prescreve um sistema iniciático seguido de uma série de dramáticos rituais secretos para introduzir ensinamentos esotéricos.

Muitas sociedades secretas modernas, como as aqui indicadas, foram buscar os seus rituais e crenças a ordens anteriores. Uma delas é a Ordem Internacional de Santo Huberto, que despertou a atenção do público em fevereiro de 2016 quando o juiz do Supremo Tribunal dos EUA Antonin Scalia foi encontrado morto no rancho de caça de um dos membros desta ordem no Texas.

A ordem, com raízes no catolicismo e cuja insígnia é a Cruz de Malta dos Cavaleiros Templários, recebeu o nome de Huberto, o santo padroeiro dos caçadores e pescadores. O grão-mestre do grupo é Istvan von Habsburg-Lothringen, arquiduque da Áustria, e inclui pessoas de destaque na Europa e nos EUA. O título de «grão-mestre» e a estrutura da ordem, juntamente com os seus membros da realeza europeia, associam-na à Maçonaria Iluminada. Em 1726, o fundador da Santo Huberto, o conde Franz Anton von Sporck, estabeleceu uma loja maçónica em Praga. O capítulo desta ordem nos EUA foi formado em 1966 durante um encontro do Bohemian Club em São Francisco, o qual tem ligações com o muito secreto e exclusivo Bohemian Grove que se reúne todos os meses de julho e inclui líderes corporativos e políticos estado-unidenses de alto escalão, como os antigos presidentes dos EUA Ronald Reagan, George H. W. Bush e Richard Nixon. De referir que o símbolo do Bohemian Grove é a coruja, o mesmo dos Illuminati originais.

Outra sociedade secreta dos dias de hoje à qual é atribuído um grande poder é conhecida como o Clube, Grupo ou Conferência de Bilderberg. Embora não existam ligações documentadas a sociedades anteriores, esta é composta por alguns dos homens e mulheres mais influentes do mundo, incluindo primeiros-ministros, presidentes e banqueiros internacionais. Reúnem-se uma vez por ano sob forte segurança e sigilo. É um grupo tão secreto que não tem um título oficial. Foi descoberto pela primeira vez em 1954 aquando de um encontro no Hotel Bilderberg, na Holanda, do qual recebeu o nome. Além do seu sigilo e exclusividade, apenas a sua direção decide quem pode ser um membro. Acredita-se que este grupo seja um ponto de encontro onde os líderes mundiais expõem os seus planos e reclamações e sincronizam as suas atividades.

Na sua edição de Natal de 1987, o *The Economist* descrevia o Bilderberg como «o clube privado mais poderoso do mundo. O seu poder certamente não diminuiu com o passar das décadas, nem o seu secretismo. Embora tenha começado com sindicalistas e pessoas poderosas que pretendia persuadir [...] [hoje] o Bilderberg resume-se

a um núcleo podre de banqueiros, realza, indústria do armamento, barões do petróleo e dos média, e Rory Stuart, deputado [britânico], na tradição de Kissinger, Blair, Cameron, Osborne e Balls, juntou-se a eles».

O Bilderberg é composto por muitos dos líderes centrais de outras sociedades modernas — o Conselho de Relações Externas e a sua organização irmã na Grã-Bretanha, o Real Instituto de Relações Internacionais, bem como um grupo mais recente, a Comissão Trilateral. O Conselho de Relações Externas, que segundo alguns dirige a política externa dos EUA desde antes da II Guerra Mundial, foi formado após a tentativa gorada de estabelecer um governo mundial durante a Conferência de Paz de Paris de 1919. Presentes na Conferência de Paz de Paris estavam o presidente Woodrow Wilson e os seus consultores mais próximos, o coronel Edward Mandell House (o título era honorário porque House nunca serviu nas forças armadas), os banqueiros Paul Warburg e Barnard Baruch e quase duas dúzias de outras figuras. Os participantes da conferência adotaram o plano de paz de Wilson, que incluía a formação de uma Liga das Nações. No entanto, de acordo com a lei estado-unidense, o pacto tinha de ser ratificado pelo Senado dos EUA, que não o fez.

Foi House, um autoproclamado socialista marxista, quem em 1921 escreveu um livro intitulado *Philip Drew: Administrator*, no qual descrevia uma «conspiração» nos Estados Unidos para estabelecer um banco central e um imposto progressivo e um plano para controlar ambos os partidos políticos. Dois anos após a publicação do seu livro, dois, se não todos os três, dos seus objetivos haviam sido concretizados.

Sem se deixar intimidar pelo voto do Senado, o coronel House e os delegados britânicos e estado-unidenses na Conferência de Paz reuniram-se no Majestic Hotel de Paris a 30 de maio de 1919 e decidiram formar um «Instituto de Assuntos Internacionais», com uma filial nos Estados Unidos e outra em Inglaterra. O ramo inglês tornou-se o Real Instituto de Relações Internacionais com uma organização irmã nos EUA. O objetivo declarado destas organizações era orientar

a opinião pública para a aceitação de um governo mundial, ou globalismo.

A filial dos EUA foi constituída a 21 de julho de 1921, como Conselho de Relações Externas (Council on Foreign Relations — CFR). Teve como base um clube já existente mas pouco visível de Nova Iorque, com o mesmo nome, criado em 1918 por banqueiros e advogados preeminentes para a discussão do comércio e das finanças internacionais. O Artigo II do estatuto do novo CFR declarava que todas as reuniões eram secretas e qualquer pessoa que revelasse pormenores das discussões em violação das regras e regulamentos do mesmo seria afastada. O financiamento inicial para o CFR veio de banqueiros e homens da finança como J. P. Morgan, John D. Rockefeller, Bernard Baruch, Jacob Schiff, Otto Kahn e Paul Warburg. Atualmente, o financiamento do CFR vem de grandes empresas como a Xerox, General Motors, Bristol-Meyers Squibb, Texaco e outras, além do German Marshall Fund, da McKnight Foundation, Dillon Fund, Ford Foundation, Andrew W. Mellon Foundation, Rockefeller Brothers Fund, Starr Foundation e Pew Charitable Trusts. O CFR encontra-se no centro da América corporativa.

Muitos dos seus membros pertencem a grupos sociais de nível superior, como a Century Association, o Links Club, o University Club e o Metropolitan Club de Washington. Num esforço para evitar a conotação de um clube de «Old Boys» controlado pelas corporações, o CFR tem alargado as suas fileiras durante os últimos anos, incluindo alguns negros e mais de uma dúzia de mulheres. Para ampliar a sua influência para lá da Costa Leste, o CFR criou Comissões de Relações Externas compostas por líderes locais em cidades de todo o país. Mais de trinta e sete comissões, com cerca de quatro mil membros, existiam no início da década de 1980.

A admissão no CFR é um processo muito discriminativo e penoso. Os candidatos devem ser propostos por um membro, apoiados por outro, aprovados por uma comissão de membros, escrutinados pela equipa profissional e, finalmente, aprovados pela direção.

Os críticos, referindo que o CFR esteve presente em todos os principais conflitos do século xx, veem-no como um grupo decidido a dominar o mundo por meio de negócios multinacionais, tratados internacionais e um governo mundial. O ex-conselheiro legal da Marinha dos EUA, almirante Chester Ward, um membro de longa data do CFR, afirmou certa vez: «O CFR, como tal, não redige as plataformas de ambos os partidos políticos nem seleciona os respetivos candidatos à presidência, nem controla a defesa e as políticas externas dos EUA. Mas os membros do CFR, enquanto indivíduos, agindo em conjunto com outros membros individuais do CFR, fazem-no.»

«Assim que os membros do CFR decidem que o governo dos EUA deve adotar uma política específica, os muito substanciais meios de pesquisa do CFR são postos em ação para desenvolver argumentos, intelectuais e emocionais, para apoiar a nova política e confundir e desacreditar, intelectual e politicamente, qualquer oposição», explicou Ward.

O CFR exerce um poder que o excede em muito. De acordo com o *Guide to Nonprofit Advocacy and Policy Groups* do Capital Research Center, os membros do conselho do CFR encontram-se associados a organizações tão influentes como o Committee for Economic Development, o Peterson Institute for International Economics, o Committee for a Responsible Federal Budget, o Business Enterprise Trust, o Urban Institute, a Business Roundtable, o U.S. Council on Competitiveness, a U.S. Chamber of Commerce, a agora extinta National Alliance of Business, a Brookings Institution, o Business-Higher Education Forum, o Washington Institute for Near East Policy, o Ethics and Public Policy Center, a Hoover Institution, o Center for Strategic and International Studies, a Wilderness Society e o American Council for Capital Formation.

A presença pública do CFR é a sua publicação *Foreign Affairs*, denominada, «informalmente, a voz do *establishment* da política externa dos EUA». Até a própria *Encyclopaedia Britannica* admitia: «Muitas vezes, as ideias apresentadas provisoriamente nesta

publicação, quando bem recebidas pela comunidade da *Foreign Affairs*, aparecem mais tarde como política ou legislação do governo dos EUA; as potenciais políticas que não passam neste teste geralmente desaparecem.»

Desde antes da II Guerra Mundial, os membros do CFR têm constituído um núcleo da política externa dos EUA. J. Anthony Lukas, jornalista galardoado com o Prémio Pulitzer, observou certa vez: «Desde 1945 até à década de 60, os membros do Conselho encontravam-se na vanguarda do ativismo globalista da América.» O dito conselho chegou mesmo ao ponto de sugerir uma reformulação do Departamento de Estado dos EUA. Em fevereiro de 2001, sete meses antes dos ataques do 11 de Setembro, o CFR divulgou um relatório que solicitava reformas no Departamento de Estado, no qual o acusava de estar «em profundo estado de degradação, com uma prolongada má administração, equipamentos antiquados e instalações inseguras e delapidadas».

O biógrafo da família Rockefeller, Alvin Moscow, escrevia o seguinte: «Tão importante tem sido a pertença a este conselho que o mesmo tem sido considerado em certos quadrantes como o centro do Eastern Establishment. Quando se trata de relações externas, ele é [ênfase no original] o Eastern Establishment. Com efeito, é difícil referir uma única política importante nos assuntos externos dos EUA que tenha sido estabelecida desde [Woodrow] Wilson e que fosse diametralmente oposta ao pensamento atual do Conselho de Relações Externas.»

No entanto, o jornalista Lukas rejeitava a noção «ingénua» de um controlo ditatorial direto do CFR ao observar: «Temos também de reconhecer que a influência também segue canais mais intrincados: os laços pessoais criados entre os homens cujos caminhos repetidamente se cruzam em vestiários, messes de oficiais, clubes de professores, salas de conferências de embaixadas, *garden parties*, campos de *squash* e salas de direção. Se o Conselho tem influência — e as evidências sugerem que sim —, então, trata-se da influência que os seus membros exercem através desses canais.»

Vários investigadores acusaram a CIA de servir como uma força de segurança não só para a «América corporativa», mas também para amigos, parentes e irmãos de fraternidade dos membros do CFR. O diretor do Chase Bank e ex-presidente do CFR John J. McCloy, que foi consultor de política externa de seis presidentes dos EUA, comentou certa vez: «Sempre que precisávamos de um novo homem [para uma posição no governo], só tínhamos que folhear o rol de membros do Conselho e fazer um telefonema para Nova Iorque.»

Uma vez que os críticos encaravam o CFR como um instrumento de controlo do «*liberal Eastern Establishment*», era conveniente expandir as atividades do mesmo. Isto foi feito em julho de 1973, quando a Comissão Trilateral foi fundada por David Rockefeller e pelo ex-consultor de segurança nacional dos EUA, Zbigniew Brzezinski, ambos luminas do CFR.

Inicialmente, o objetivo declarado da Comissão Trilateral era o de criar uma «Nova Ordem Económica Internacional». Todavia, em material recente, isto foi alterado para a mera promoção de uma «cooperação mais estreita entre estas principais áreas democráticas industrializadas do mundo, com responsabilidades partilhadas de liderança no mais vasto sistema internacional».

Em 1970, Brzezinski escrevia na publicação *Foreign Affairs* do CFR: «É necessária uma abordagem nova e mais ampla — a criação de uma comunidade das nações desenvolvidas que possa resolver de forma eficaz as principais preocupações que a humanidade enfrenta. [...] Um conselho que represente os Estados Unidos, a Europa Ocidental e o Japão, com reuniões regulares dos chefes de governo, bem como alguns aparelhos de pouca monta, seria um bom começo.» Mais tarde nesse mesmo ano, no seu livro *Between Two Ages: America's Role in the Technetronic Era*, Brzezinski declarava: «a soberania nacional já não é um conceito viável» e previa profeticamente uma sociedade «... cultural, psicológica, social e economicamente moldada pelo impacto da tecnologia e da eletrónica — particularmente na área dos computadores e da comunicação».

Os planos para uma comissão trilateral de nações foram

apresentados pela primeira vez por Brzezinski durante uma reunião do ultrassecreto grupo Bilderberg em abril de 1972, na pequena cidade de Knokke, na Bélgica. Com a bênção dos Bilderbergers e do CFR, a Comissão Trilateral começou a organizar-se a 23-24 de julho de 1972, na enorme propriedade dos Rockefeller em Pocantico Hills, uma subdivisão de Tarrytown, Nova Iorque.

Os membros da Comissão publicam os acessíveis ao público «Task Force Reports», ou «Triangle Papers», além de um boletim informativo, o *Trialogue*. «Muitos dos membros originais da Comissão Trilateral encontram-se agora em posições de poder onde podem implementar recomendações de políticas da Comissão; recomendações que eles próprios elaboraram em nome da Comissão», referiu o jornalista e investigador da Comissão Trilateral Robert Eringer. «É por este motivo que a Comissão adquiriu a reputação de ser o Governo Sombra do Ocidente.»

Numa referência às semelhanças entre as agendas Trilateral e dos Illuminati, o falecido senador e candidato à presidência Barry Goldwater escrevia: «O que os Trilaterais realmente pretendem é a criação de um poder económico mundial superior ao governo político dos estados-nação envolvidos. Na qualidade de gestores e criadores do sistema, eles hão de governar o mundo.»

Os porta-vozes da Comissão gostam de salientar que o grupo não recebe nenhum financiamento do governo. O financiamento inicial na década de 1970 vinha de fundações isentas de impostos, como o Rockefeller Brothers Fund, que, só em 1977, investiu 120 mil dólares. Também surgiram doações da Ford Foundation, da Lilly Endowment, do German Marshall Fund e de empresas como a Time, Bechtel, Exxon, General Motors, Wells Fargo e Texas Instruments.

Embora não sejam dados a símbolos secretos e práticas ocultistas, tanto o CFR como a Comissão Trilateral podem ser considerados sociedades secretas, porque nenhum membro do público se pode candidatar a nenhum dos dois. Os novos membros são cuidadosamente selecionados pelas suas opiniões globalistas e têm de ser aprovados por uma comissão de membros. Além disso,

ninguém pode divulgar o que se passa naquelas reuniões. É fácil entender por que motivo tantos acreditam que a política do governo dos EUA tem sido orientada por estas organizações secretas dominadas pelos Rockefeller. Um deles é Texe Marrs [nenhuma relação com este autor], ex-oficial da Força Aérea dos EUA e membro do corpo docente da Universidade do Texas, que gere dois ministérios cristãos a partir de Austin, Texas. «Entre os culpados a quem aponte o dedo ao longo dos anos, encontravam-se grupos globalistas antiamericanos como o Conselho de Relações Externas, a Comissão Trilateral, a Maçonaria e os Bilderbergers. Todos têm papéis importantes na conspiração em curso. Mas por trás de todos eles está a influência satânica e o poder dos sionistas. De facto, os sionistas são os verdadeiros autores, embora muitas vezes não proclamados, da conspiração globalista», disse ele. À semelhança de muitos outros, Marrs acredita que os objetivos unimundiais dos Maçons Iluminados, que não foram bem-sucedidos por intermédio de organizações políticas como a Liga das Nações e as Nações Unidas, encontram-se atualmente ativos por meio de controversos acordos comerciais internacionais, como o Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA), a Parceria de Segurança e Prosperidade (SPP) e a proposta Parceria Transpacífica (TPP, que foi rejeitada pela administração Trump).

«Agora, finalmente, este bando traiçoeiro de elitistas saiu das sombras para a luz. Já não têm de recear a desaprovação pública. A sua campanha psicológica de lavagem cerebral e de embrutecimento dos cidadãos tem sido tão eficaz que estes conspiradores arrogantes acreditam poder finalmente revelar-se e desafiar-nos. Evidentemente, pensam que ninguém é capaz de deter ou sequer protelar a sua ousada conspiração para assassinar — sim, assassinar — a América», alertava Marrs.

Além do seu boletim informativo *Dialogue*, a Comissão Trilateral publica regularmente vários «Task Force Reports» ou «Triangle Papers», acessíveis ao público. Há já algum tempo que certos boletins e blogues da conspiração, tanto de direita como de esquerda,

os usam para denunciar «segredos» trilaterais. Uma vez que estes segredos são, na sua maior parte, obtidos diretamente das publicações da Comissão, parece ser evidente que as mesmas não contêm nenhum segredo interno genuíno.

Um preocupante artigo publicado em 1975 pelo CFR tem como título «The Crisis of Democracy». Um dos seus autores, o cientista político de Harvard Samuel P. Huntington, afirmava que os Estados Unidos precisavam de «um maior nível de moderação na democracia». Segundo ele, as instituições democráticas eram incapazes de responder às crescentes crises e eram necessários líderes com «conhecimentos, antiguidade, experiências e talentos especiais» para «anular as pretensões da democracia».

Huntington devia saber que aqueles que defendem as políticas trilateralistas geralmente acabam por implementar essas mesmas políticas no governo, visto que, apenas três anos após a publicação do artigo em questão, foi nomeado coordenador de planeamento de segurança do Conselho de Segurança Nacional do presidente Jimmy Carter. Nesta capacidade, Huntington preparou em 1979 o Memorando de Revisão Presidencial 32, que daria origem à Ordem Presidencial de 1979 que criava a Agência Federal de Gestão de Emergências (FEMA), uma organização civil com o poder de assumir um controlo totalitário das funções do governo em caso de uma «emergência».

Outro trilateralista, o falecido CEO da Nature Conservancy, John Sawhill, escreveu um relatório inicial da Comissão intitulado «Energy: Managing the Transition», que apresentava recomendações sobre a forma de gerir a passagem para uma energia mais dispendiosa. Sawhill foi nomeado vice-secretário do Departamento de Energia. O trilateralista C. Fred Bergsten participou na preparação de um relatório da Comissão chamado «The Reform of International Institutions» e depois tornou-se secretário assistente do Tesouro para os Assuntos Internacionais.

Registou-se um arquear de sobrelance quando o presidente Jimmy Carter, seguindo instruções de David Rockefeller, nomeou o

banqueiro Paul Volcker para chefiar o poderoso banco central dos EUA: a Reserva Federal. Volcker tinha sido membro fundador da Comissão Trilateral e presidente emérito do secretista Conselho de Relações Externas, além de membro de longa data dos Bilderbergers. Durante a administração Reagan, foi substituído na liderança da Reserva Federal por Alan Greenspan, também ele membro da Comissão Trilateral, do CFR e dos Bilderbergers. Em 2006, o presidente George W. Bush substituiu Greenspan por Ben Bernanke, membro do Bilderberg, e, em 2014, Janet Yellen, protegida de Greenspan e também ela membro do CFR, tomou o lugar dele. Com tantas ligações desta natureza entre o mundo corporativo e o governo, não é de admirar que a Comissão Trilateral tenha sido denominada o Governo Sombra do Ocidente. Muitos investigadores veem esta organização como uma personificação moderna do comando e controlo central pretendido pelos Illuminati da Baviera.

Aparentemente, a Comissão Trilateral pode estar a seguir os passos de Weishaupt e dos seus Illuminati originais. Barry Goldwater observava: «O que os Trilaterais realmente pretendem é a criação de um poder económico mundial superior ao governo político dos estados-nação envolvidos. Na qualidade de gestores e criadores do sistema, eles hão de governar o mundo.»

As ligações incontestáveis entre a liderança dos EUA e a Comissão Trilateral, bem como o CFR, juntamente com o facto de o banqueiro globalista David Rockefeller ter sido um dos principais luminares dos dois grupos, despertaram alguma preocupação entre os escritores da conspiração, tanto da esquerda como da direita. É fácil perceber por que motivo tantos acreditam que a política do governo dos EUA tem sido dirigida por estas organizações dominadas pelos Rockefeller.

Não se pense que tudo isto pertence a um passado distante. Nos seus primeiros dez dias no cargo, o presidente Barack Obama tinha nomeado onze membros da Comissão Trilateral para cargos importantes no seu governo. David Rockefeller era o principal consultor de Obama no que respeitava à política externa. Uma vez que a lista oficial de membros da Comissão apenas refere oitenta e

sete membros estado-unidenses, isto significa que Obama nomeou mais de 12% desses membros para cargos de nível superior no governo. Com efeito, desde a administração Carter, mas antes do segundo mandato de Obama, todos os presidentes e vice-presidentes dos EUA — exceto Obama e Joe Biden —, juntamente com seis dos últimos oito presidentes do Banco Mundial e mais de metade de todos os secretários de Estado dos EUA, bem como três quartos dos secretários da Defesa, eram trilateralistas.

Esta situação foi considerada «influência indevida», uma vez que estes membros da Comissão que faziam parte da administração Obama controlavam algumas das questões mais importantes do país: crise financeira e económica, segurança nacional e política externa.

De acordo com um artigo do CFR publicado em 2017, os membros não estavam satisfeitos com a perspetiva de uma presidência de Donald Trump. «A administração Trump parece determinada a atrapalhar a sua política externa sem quaisquer princípios orientadores iniciais, parâmetros de progresso ou meios para decidir entre objetivos concorrentes, e isto com um estilo de liderança extremamente improvisado que não tem precedentes na história recente. Esta abordagem é perigosamente míope e apresenta um risco de fracasso excecionalmente elevado — não só para alcançar os seus escassos objetivos declarados de política externa, desde a derrota do Estado Islâmico até à contenção da China, como também para garantir paz e prosperidade básicas para a população estado-unidense», escreviam Micah Zenko e Rebecca Friedman Lissner.

Os bancos e corporações globais dominam atualmente os estados-nação, incluindo os Estados Unidos, sem qualquer respeito pelos processos devidos, pelos congressos e parlamentos ou pela vontade do povo. Adam Weishaupt sem dúvida aprovaria.

MAÇONARIA

Visto que as filosofias dos Illuminati se tornaram tão entrelaçadas com as da Maçonaria, justifica-se um estudo minucioso desta última.

A maioria das teorias da conspiração da atualidade acaba por ir dar à Maçonaria, uma das maiores e mais conhecidas sociedades secretas. A Maçonaria é uma organização fraterna estabelecida entre os séculos XVI e XVII como uma extensão da banida Ordem dos Cavaleiros Templários. Outros grupos secretos cujos membros estavam relacionados com os dos Templários incluíam os Hospitalários, os Cavaleiros de Cristo, os Cavaleiros de São João, os Cavaleiros Teutónicos e os poderosos Cavaleiros de Malta, que ainda hoje existem.

Com mais de seis milhões de membros em todo o mundo, principalmente na Europa, Reino Unido e EUA, e abertamente envolvida em obras de caridade, a Irmandade tem as suas origens nas Escolas de Mistérios da Grécia e do Egito e constitui o tecido conjuntivo entre as sociedades secretas antigas e as modernas. Já se tratava de uma organização formidável ainda antes de certas lojas, originalmente chamadas «Mistérios», se tornarem «iluminadas» no final do século XVIII. Zombando da onnipresença dos Maçons, o jornalista e autor estado-unidense Ambrose Bierce, no seu livro *The Devil's Dictionary*, descrevia a Maçonaria como «uma ordem com ritos secretos, cerimónias grotescas e indumentárias fantásticas, com as suas origens no reinado de Carlos II entre os trabalhadores artesãos de Londres, a que se têm juntado gerações ininterruptas de mortos de séculos passados até ao ponto de, agora, abranger todas as gerações humanas anteriores a Adão e estar a convocar ilustres recrutas entre os habitantes do Caos e do Vazio Disforme que precederam a Criação. A ordem foi fundada em diferentes épocas por Carlos Magno, Júlio César, Ciro, Salomão, Zoroastro, Confúcio, Tutmés e Buda. Os seus emblemas e símbolos têm sido encontrados nas catacumbas de Paris e de Roma, nas pedras do Pártenon e da Grande Muralha da China, entre os templos de Carnaque e Palmira e nas pirâmides do Egito — sempre por um maçom».

É nítido que as sociedades secretas — tanto naqueles tempos como agora — estavam preocupadas não só com questões políticas e comerciais, mas também com outras, respeitantes a linhagens

reais, religiões antigas e espiritualismo. O conhecimento oculto envolvia segredos de um passado distante que proporcionavam uma base para as teologias das sociedades secretas. Estes segredos continuam a atrair a atenção de líderes corporativos, membros da sociedade de alto nível, realeza europeia e até serviços de informações. Muito mais será dito adiante sobre a fusão da Maçonaria com os famosos Illuminati, a ordem secreta que tem acumulado mais mitos, desinformação e escrutínio dos teóricos da conspiração e dos média do que qualquer outra, com a possível exceção da própria Maçonaria.

O mais famoso dos símbolos maçônicos — a letra «G» entre um esquadro e um compasso — significa «geometria», de acordo com o historiador maçônico Albert Mackey, que acrescentou que os maçons ficam a saber que maçonaria e geometria são termos sinónimos. Os símbolos presentes na Maçonaria moderna dizem respeito aos segredos geométricos dos maçons medievais, agora considerados perdidos. A geometria oculta, por vezes denominada «geometria sagrada», há muito que utiliza símbolos geométricos, como o círculo, o triângulo e o pentagrama, como representações de conceitos metafísicos e filosóficos. Outros afirmaram que o «G» significava a palavra grega *Gnosis*, com o significado de conhecimento ou iluminação mística. Os autores Christopher Knight e Robert Lomas tinham uma visão interessante do conhecido símbolo maçônico do esquadro e compasso. Segundo eles, teria tido a sua origem como uma forma estilizada do antigo símbolo do poder de um rei: uma pirâmide que representa o poder terreno, sobreposta por uma pirâmide invertida que representa o poder celestial do sacerdote. Juntas, estas pirâmides de poder criam o símbolo que passou a ser conhecido como a Estrela de David. «Teve uma primeira utilização popular num grande número de igrejas cristãs da Idade Média», escreveram eles, «e os primeiros exemplos encontravam-se, para nossa grande surpresa, em construções erigidas pelos Cavaleiros Templários. O seu uso nas sinagogas viria muito mais tarde.»

Os críticos da Maçonaria têm alegado que o proeminente «G»

representa o gnosticismo, uma filosofia de seitas gnósticas como os anteriormente mencionados Alumbrados espanhóis, banidos pela Igreja primitiva.

Uma tradição maçónica afirmava que Abraão, o patriarca dos Hebreus, teria ensinado aos Egípcios um conhecimento especial sobre a construção de edifícios, anterior ao Grande Dilúvio. Mais tarde, este conhecimento — considerado como obra do lendário Hermes Trismegisto — seria coligido pelo filósofo grego Euclides, que estudou a dita obra sob o nome de geometria. Os Gregos, e mais tarde os Romanos, dariam a esta disciplina o nome de arquitetura.

Embora as autoridades discordem quanto à verdadeira origem da Maçonaria, todas reconhecem que ela é anterior ao Antigo Egito. O conhecimento maçónico remonta às origens da construção da torre bíblica de Babel e do Templo de Salomão em Jerusalém. Os Maçons, descendentes diretos das antigas guildas de pedreiros egípcias e gregas, utilizavam técnicas de construção esotéricas que haviam sido transmitidas pelas seitas e Escolas de Mistérios, algumas das quais continuam a desconcertar os construtores modernos.

Durante o final da Idade Média, a oposição à Igreja Universal (Católica) Romana foi forçada a retirar-se para a clandestinidade. Entre os únicos grupos organizados capazes de circular livremente por toda a Europa estavam as guildas de pedreiros, que tinham salas de reunião ou «lojas» em todas as grandes cidades e eram a principal força por trás da construção das igrejas e catedrais da Europa. Os pedreiros viriam a revelar-se um veículo ideal para o fluxo de informações e a distribuição secreta de ensinamentos anticlericais.

A maioria dos escritores faz passar os segredos maçónicos pelos Cavaleiros Templários, esses sacerdotes guerreiros das Cruzadas. Um escritor do século XVIII afirmava que a Maçonaria moderna fora fundada por Godofredo de Bouillon, o líder da Primeira Cruzada que conquistou Jerusalém.

Os segredos das origens da Maçonaria têm sido firmemente guardados, não obstante a publicação de numerosas obras sobre o assunto. Walter Wilmschurst, um preeminente maçom e autor de *The*

Meaning of Masonry, escreveu que «a verdadeira história oculta da Maçonaria nunca foi divulgada, nem sequer à própria Maçonaria». Muitos investigadores acreditam que até a maioria dos maçons perdeu de vista as verdadeiras origens e objetivos da Maçonaria.

Grande parte da confusão sobre as origens e o crescimento da Maçonaria data do cisma entre a Igreja Católica Romana e a Igreja Protestante de Inglaterra, altura em que muitos registos maçónicos se perderam. Guerras e revoluções afetaram as bibliotecas maçónicas de todas as nações. Ao cortar relações com Roma, o rei Henrique VIII não só interrompeu os programas de construção da Igreja em Inglaterra, dando assim origem a muito desemprego, como também saqueou os bens dos maçons a pretexto de impostos e tributos. Para sobreviver, as lojas começaram a abrir as suas portas a não-maçons. Estes comerciantes, proprietários de terras e outros vindos de fora — muitos deles com antecedentes templários — ficariam conhecidos como maçons «especulativos». Adotaram uma doutrina mística e esotérica baseada em tradições anteriores à Maçonaria e levadas para a Ordem pelos membros dos Cavaleiros Templários em fuga perante a perseguição movida pela Igreja. Quando quatro lojas de Londres formaram uma Grande Loja Unida em 1717, a Maçonaria Especulativa dominava por completo os originais pedreiros das guildas, ou maçons «operativos». Seria essencialmente da Maçonaria Especulativa que a Ordem havia de derivar o seu conhecimento esotérico. Segundo Nesta Webster:

A Maçonaria Especulativa pode ter derivado dos patriarcas [bíblicos] e dos mistérios dos pagãos. Mas a fonte de inspiração que não admite negação é a Cabala judaica. [...] O facto é que, quando o ritual e as constituições da Maçonaria foram elaborados em 1717, embora certos fragmentos das antigas doutrinas egípcia e pitagórica fossem retidos, a versão judaica da tradição secreta foi a escolhida pelos fundadores da Grande Loja como a base sobre a qual construíram o seu sistema.

O maçom alemão Karl Gotthelf, barão von Hund und Altengrotkau, membro da Loja de Frankfurt, admitia seguir as tradições dos Cavaleiros Templários forçados ao exílio na Escócia no início do século XIV. Outros membros da Ordem declaravam-se abertamente

«Cavaleiros do Templo». Em 1751, Hund formou uma extensão do Rito Escocês, denominada Ordem da Estrita Observância, em conformidade com o seu juramento de obediência inquestionável a misteriosos e invisíveis «superiores». Ele afirmava estar a cumprir as ordens desses superiores desconhecidos, que nunca foram identificados ou localizados. Esta Ordem teria um fim com a fusão dos Illuminati e da Maçonaria alemã durante o Congresso de Wilhelmsbad em 1782, como será explicado em pormenor mais adiante.

A grande maioria dos maçons estado-unidenses encara a sua irmandade como algo pouco diferente do Lion's Club, os Optimists, ou a Chamber of Commerce. E, segundo o ponto de vista deles, isto é verdade. A literatura maçónica deixa bem claro que apenas os iniciados que progridem para lá do 33.º grau são instruídos nos verdadeiros objetivos e segredos do grupo.

O autor maçónico e Grande Juiz Comendador Provincial Walter Wilmshurst explicava: «Sempre existiu uma doutrina externa, elementar e popular, que serviu para a instrução das massas que não estão suficientemente preparadas para o ensino mais profundo. Existe uma doutrina interna avançada, um conhecimento mais secreto, reservada para mentes mais maduras e na qual apenas candidatos proficientes e devidamente preparados, que voluntariamente procuraram participar nela, foram iniciados.» O maçom do 33.º grau Manly P. Hall apresentava mais pormenores:

A Maçonaria é uma fraternidade no seio de uma fraternidade — uma organização externa que oculta uma irmandade interna dos eleitos [...] uma visível e a outra invisível. A sociedade visível é uma esplêndida camaradagem de homens «livres e aceites», incentivados a dedicarem-se a questões éticas, educacionais, fraternas, patrióticas e humanitárias. A sociedade invisível é uma fraternidade secreta e mais solene, cujos membros se dedicam ao serviço de um [...] *arcanum arcandrum* [um segredo sagrado].

Albert Pike, um destacado maçom do século XIX, admitia que a Maçonaria tem «duas doutrinas, uma oculta e reservada aos Mestres, [...] a outra pública...». Wilmshurst confirmou que o «primeiro estágio», ou graus iniciais da Maçonaria, se «dedica apenas ao valor

superficial da doutrina» e que «a grande maioria dos maçons nunca ultrapassa esse estágio».

O autor A. Ralph Epperson fez a observação interessante de que todo e qualquer maçom nega a existência de um círculo interno e de outro externo na Ordem, visto que o «maçom médio» não tem conhecimento deste sistema, enquanto o «maçom iluminado» se compromete a não o revelar. «[Este] segundo nível encontra-se protegido por um juramento de sigilo, o que significa que quem soubesse da sua existência seria obrigado por juramento a não contar a ninguém», explicou ele.

Associando tanto os Maçons como os Illuminati a uma idêntica dualidade, Epperson considerava que o logro era concretizado ao apresentar tanto aos maçons iniciados como ao público curioso uma quantidade de informações, tradições e histórias contraditórias e confusas com que nem mesmo os estudiosos maçónicos conseguem estar de acordo no que respeita a muitas questões. O autor Mackey reconhece que os registos maçónicos estão «repletos de imprecisões históricas, anacronismos e absurdos até».

Wilmshurst explicava o motivo desta ofuscação nestes termos: «O crescimento [da Maçonaria] sincroniza-se com uma correspondente perda de interesse pela religião ortodoxa e pelo culto público [...] para alguns, os princípios de fé simples e os ideais humanitários da Maçonaria estão a tomar o lugar da teologia oferecida nas diversas Igrejas...»

Assim sendo, a Maçonaria, embora afirme não ser uma religião, não deixa de constituir um substituto para a mesma. Como tal, não admira que tivesse de ser prudente nos seus ensinamentos. Ainda está bem presente na memória recente que qualquer um que se refira a conceitos popularmente considerados sacrílegos ou blasfemos se arrisca a uma séria censura da comunidade, a lesões corporais ou mesmo à morte.

A transição das sociedades secretas antigas para as organizações secretas mais modernas foi revigorada pela introdução da Maçonaria «Iluminada» no final do século XVIII, ela própria uma mistura do

conhecimento esotérico mais antigo com as tradições cabalísticas. Estes segredos continuam ocultos no âmago da Maçonaria, enquanto os seus milhões de membros os desconhecem e desfrutam apenas da sua filantropia externa e comunhão.

Várias organizações modernas, embora não oficialmente maçónicas, baseiam-se não obstante na tradição maçónica. Incluem-se aqui organizações sociais ou «de diversão», como a Antiga Ordem Árabe dos Nobres do Santuário Místico (Shriners) e as Ordens da Estrela Oriental, DeMolay, Builders e Rainbow. Estes grupos são predominantemente estado-unidenses, visto que é expressamente proibida aos maçons britânicos a participação em tais afiliações.

Isso traz-nos uma questão muito importante que não deve ser esquecida: no início do século XIX, deu-se uma grande cisão entre a Maçonaria europeia e a estado-unidense. Atualmente, as crenças e atividades de uma não podem ser atribuídas à outra.

Desde o final do século XVIII, tem-se registado uma contínua preocupação e especulação quanto ao papel dos Maçons nas questões mundiais, começando com as revoluções Americana e Francesa e continuando até hoje. Para compreender esta suspeita, consideremos uma breve lista de maçons importantes, começando pelos presidentes estado-unidenses George Washington, James Monroe, Andrew Jackson, James K. Polk, James Buchanan, Andrew Johnson, James Garfield, William Howard Taft, Warren G. Harding, Harry S. Truman, Gerald Ford e Theodore e Franklin Roosevelt. Outros maçons estado-unidenses famosos incluem John Hancock, Benjamin Franklin, Paul Revere, Sam Houston, Davy Crockett, Jim Bowie, Douglas MacArthur, J. Edgar Hoover e Hubert Humphrey. Entre os maçons estrangeiros que ficaram na História incluem-se Winston Churchill, Cecil Rhodes, Horatio Nelson, o duque Arthur Wellington, sir John Moore, Simón Bolívar, Giuseppe Garibaldi, Franz Joseph Haydn (responsável pela melodia do *Deutschland über Alles*), Wolfgang Amadeus Mozart, Johann Wolfgang von Goethe, Voltaire (François-Marie Arouet), Giuseppe Mazzini, Mikhail Bakunin, Alexander Kerensky, Alexander Pushkin, Benito Juárez e José de San

Martin.

Esta grande variedade de personalidades poderia permitir o argumento de que qualquer consistência na teologia política e social maçônica é impossível. Mas consideremos as probabilidades de tantos líderes e artistas mundiais tão diversos serem originários da mesma fraternidade secreta. Para negar qualquer relação entre a Maçonaria e os acontecimentos mundiais, também se teria de ignorar a infusão da doutrina dos Illuminati na Maçonaria no final do século XVIII. Esta infusão incluía as filosofias de Georg Wilhelm Friedrich Hegel e de Weishaupt, que por sua vez incluía «o fim justifica os meios» e «a síntese requer duas forças opostas». É claro que os Maçons iluminados usaram toda e qualquer oportunidade para promover a sua causa, independentemente do lado que estivessem a apoiar na ocasião.

O famoso *slogan* maçônico *Ordo ab Chao* (Ordem a partir do Caos) é geralmente considerado uma referência à tentativa da Ordem de levar uma ordem de conhecimento ao caos das diversas crenças e filosofias humanas no mundo — uma nova ordem mundial.

O autor Texe Marrs sugeria uma interpretação mais sinistra, escrevendo que «*Ordo ab Chao* é uma “Doutrina Secreta dos Illuminati” baseada no conceito do filósofo alemão Georg Hegel de que a “crise leva à oportunidade”, geralmente posto em prática como “problema, reação, solução”. Eles empenham-se em inventar o caos, gerar a raiva e a frustração por parte dos seres humanos e, assim, tirar proveito da desesperada necessidade de ordem das pessoas», explicava Marrs.

Em 1826, a Maçonaria florescia nos novos Estados Unidos, com cerca de 50 mil membros, na sua maioria homens educados e profissionais. Mas um deles rompeu as fileiras.

O capitão William Morgan, de Batavia, Nova Iorque, desertor da Maçonaria aos 30 anos, anunciou que planeava publicar um livro em que revelava segredos maçônicos, alegando que a Ordem era «a desgraça das nossas instituições civis». Mas, antes da publicação, Morgan e o seu editor foram sequestrados. O editor acabaria por ser

resgatado, mas Morgan nunca mais foi visto. Os rumores de que Morgan havia sido raptado e assassinado pelos Maçons espalharam-se por Nova Iorque e pelos estados da Nova Inglaterra e Atlântico Médio, ao que se seguiu um grande escândalo.

O resultado seria uma reação pública contra o sigilo e exclusividade da Maçonaria. Mais de 45 mil membros abandonaram a ordem e mais de duas mil lojas foram encerradas. Em 1829, uma comissão do Senado do estado de Nova Iorque investigou a Maçonaria e declarou que maçons abastados e poderosos podiam ser encontrados em todos os níveis do governo e que os meios de comunicação, «essa autoproclamada sentinela da liberdade», se mantinham em silêncio depois de «sentir a força da influência maçônica...». Isto seria posteriormente confirmado por uma resolução da comissão do estado do Massachusetts que afirmava: «Foi apurado, no relatório da Comissão designada para indagar até que ponto a Maçonaria e o Iluminismo francês estão ligados, que existem provas de uma ligação íntima entre as ordens superiores da Maçonaria e do Iluminismo francês.»

Os opositores do presidente Andrew Jackson — ele próprio um maçom — aproveitaram o escândalo para formar o Partido Antimaçônico, a primeira vez que um terceiro partido foi criado nos Estados Unidos. A Maçonaria sofrera um rude golpe cujos efeitos se fariam sentir durante décadas. No seu processo de recuperação, a Maçonaria estado-unidense evoluiria para uma forma diferente da dos seus irmãos europeus, que conservavam os ritos e crenças mais tradicionais.

Mas, mesmo na Europa, as guerras, revoluções e mudanças sociais fizeram estragos na tradição maçônica original. Com efeito, de acordo com o falecido Laurence Gardner, um ex-mestre maçom da Grande Loja Unida de Inglaterra, «... pode-se dizer que o segredo mais bem guardado da Maçonaria moderna é que, na realidade, ela não guarda quaisquer segredos com qualquer substância genuína».

Gardner explicou que, quando em 1688 o rei Jaime II de Inglaterra se exilou em França, com ele foi também o conhecimento maçônico

tradicional dos Escoceses, beneficiários dos ensinamentos dos Cavaleiros Templários. Os seus seguidores eram conhecidos como jacobitas. «Embora nem toda a documentação relevante tenha sido levada para França pelos apoiantes do rei Jaime, muita coisa foi queimada e destruída», observou Gardner. «Intelectuais da época, como *sir* Christopher Wren (n. 1632) e *sir* Isaac Newton (n. 1643), fizeram o seu melhor com as informações de que dispunham. Eles sabiam que o conhecimento maçónico estava relacionado com a filosofia da sabedoria da Cabala. [...] Eles também sabiam que esta estava relacionada com a cultura dos reis bíblicos e estavam cientes de uma existência erudita anterior aos dias do Império Romano. Eles investigaram a tecnologia dos antigos Babilónios, as filosofias de Pitágoras e Platão e as tradições dos mistérios do Antigo Egito, completamente absortos na História que transcende os limites das escrituras bíblicas. Mas, apesar de tudo isto, e apesar das suas consideráveis conquistas científicas, eles também sabiam que apenas viviam na sombra do rei Salomão.»

Três anos depois de Jorge, eleitor de Hanôver, na Alemanha, ter sido levado para Inglaterra em 1714 e instituído como rei Jorge I, a Grande Loja de Londres foi formada e foi dela que emergiu a maior parte da Maçonaria moderna, misturada com a teologia rosacruziana. Os líderes rosacruzianos Christopher Wren e Elias Ashmole tinham firmemente estabelecido no seio da Ordem a Maçonaria Especulativa de base rosacruziana. Seria o rosacruziano confesso Ashmole quem definiria os três graus maçónicos básicos adotados pela Grande Loja. O autor maçónico oitocentista J. M. Ragon afirmava que os Rosacruzianos e os Maçons se teriam fundido durante este período, como demonstrado pelo facto de os dois grupos se reunirem na mesma sala do Masons' Hall, em Londres.

«Após a morte de *sir* Christopher Wren, em 1723, a vanguarda da Maçonaria hanoveriana começou a formular um cenário histórico para a sua Arte não operativa em evolução», observou Gardner. «Questões como a tolerância e a benevolência foram cimentadas como objetivos, enquanto sinais e insígnias eram estabelecidos,

juntamente com o objetivo de construir uma comunidade socialmente consciente.» Só em 1762 é que surgiria a primeira referência à bem conhecida história maçónica dos dois pilares do Templo de Salomão.

«Os rituais maçónicos eram construídos e ainda são apresentados como peças de teatro», disse Gardner. «Mas os seus guiões foram alterados e modificados. Assim, embora a encenação (quer se trate da morte de Hiram Abiff [o Filho da Viúva, que os Maçons dizem ser o arquiteto-chefe do Templo de Salomão] ou de qualquer outra coisa) se encontre superficialmente preservada, os significados mais profundos foram ignorados e esquecidos, se não mesmo completamente perdidos.» Segundo ele, os textos maçónicos de 1717 terão provavelmente sido produzidos por *sir* Francis Bacon, considerado por alguns o verdadeiro autor do material de Shakespeare, bem como a cabeça que idealizou e supervisionou a produção da versão da Bíblia do rei Jaime (KJV). Bacon tinha a seu cargo quarenta e cinco estudiosos que traduziram e compilaram a KJV, sendo ele o quadragésimo sexto. Para uma pista codificada a respeito das contribuições de Bacon, veja-se o Livro dos Salmos 46 — contam-se quarenta e seis letras desde o início para obter a palavra *shake* e quarenta e seis palavras a partir do fim para obter a palavra *spear*. O número quarenta e seis era a cifra de Bacon.

Com uma parte tão substancial do conhecimento maçónico criada de novo, parece que o único verdadeiro segredo maçónico é a consciência de «deuses» pré-históricos que iluminaram certos indivíduos com o seu conhecimento. Este conhecimento foi transmitido pelas antigas Escolas de Mistérios aos fundadores das religiões judaica e cristã, cujas tradições foram levadas para o núcleo interno da Maçonaria moderna pelos Cavaleiros Templários e pelos posteriores Illuminati.

ILLUMINATI

O nome «Illuminati» significa «os iluminados» e geralmente refere-se a alguém que foi esclarecido ou iluminado ao receber conhecimento

de uma fonte superior ou esotérica.

Alguns acreditam que terá vindo de um pequeno grupo de gnósticos dissidentes espanhóis, os chamados Alumbrados (esclarecidos ou iluminados), grupo este fundado pelo jesuíta espanhol Inácio de Loyola. Os Alumbrados ensinavam uma forma de gnosticismo, acreditando que o espírito humano podia alcançar o conhecimento direto de Deus e que o aparato da religião formal era desnecessário para aqueles que encontravam a «luz». Não é de admirar que a Inquisição Espanhola instituída pela Igreja Católica publicasse editais contra este grupo em 1568, 1574 e 1623.

Outros, como o filósofo polaco Józef Maria Hoene-Wronski, ativo durante o século XIX, acreditavam que a história dos Illuminati era muito anterior. «O nome Illuminati [...] parece ter sido introduzido apenas por volta de 1775 pela sociedade secreta fundada por Weishaupt e desenvolvida, segundo consta, pelo barão Knigge», escreveu ele. «Mas [...] já devia existir desde a maior antiguidade. E, na realidade, as afiliações místicas sob as pirâmides do Egito, a seita esotérica de Pitágoras, os astrólogos ou matemáticos de Roma na época de Domiciano, a Casa da Sabedoria do Cairo, os Ismaelitas ou Assassinos, os Companheiros do Velho da Montanha, os Templários, os Rosa-Cruz [...] parecem formar apenas uma cadeia ininterrupta destas afiliações superiores [...] sob o nome de Illuminés.»

Adam Weishaupt, fundador dos Illuminati da Baviera, foi grandemente influenciado por filosofias mais antigas e em particular por um comerciante conhecido apenas como Kolmer, um homem ligado ao gnosticismo. Alguns investigadores suspeitavam de que este seria o homem conhecido como Altotas, admirado e mencionado pelo revolucionário e ilusionista da corte francesa Alessandro Cagliostro. Ambos estavam imersos no conhecimento esotérico do Egito e da Pérsia. Kolmer pregava uma doutrina secreta baseada numa forma antiga de gnosticismo chamada maniqueísmo, que já usava o termo «Iluminado» antes do século III. Kolmer teria conhecido Cagliostro na ilha de Malta, o antigo bastião dos Cavaleiros Templários, quando se encontrava a caminho de França e da

Alemanha no início da década de 1770. Cagliostro, o futuro revolucionário francês, envolveu-se depois em atividades maçônicas com o famoso amante veneziano Giovanni Giacomo Casanova, bem como com o misterioso conde de Saint-Germain. Na Alemanha, Kolmer transmitiu os seus segredos a Weishaupt, que então passou vários anos a decidir como consolidar todos os sistemas ocultos na sua nova ordem «iluminada». A devoção de Weishaupt aos antigos mistérios da Mesopotâmia é evidenciada pelo facto de os Illuminati terem adotado o antigo calendário persa.

Embora alguns acreditem que o nome «Illuminati» possa ter a sua origem nas antigas Escolas de Mistérios do Egito e da Grécia, este também passou a descrever os primeiros cristãos batizados. Os Rosacruzianos usavam o termo para significar níveis superiores de iniciação. Originalmente, os objetivos declarados da Ordem dos Illuminati pareciam benévolos. Eles deviam tentar impedir e opor-se à superstição, ao preconceito, à influência religiosa sobre as massas, aos abusos de poder pelo governo e à desigualdade de géneros. Outros, todavia, viam os membros da Ordem como anarquistas ou descendentes dos Cavaleiros Templários e dos Assassinos de Hasan bin Sabah, e alguns como nada menos do que adoradores de Satanás que pretendiam dominar o mundo.

Tendo em conta as opiniões declaradas de Weishaupt contra a Igreja e a realeza, bem como o seu apoio à igualdade e à justiça, alguns investigadores suspeitam de que os Illuminati seriam alguma espécie de organização protocomunista dedicada a promover uma revolução proletária. Ninguém conhece os seus objetivos com toda a certeza, visto que qualquer verdadeiro objetivo dos Illuminati era secreto em virtude do seu extremo sigilo e da compartimentação da Ordem.

Menos de meia dúzia de pessoas estavam presentes na primeira reunião da Ordem, mas esta cresceu rapidamente e apenas alguns anos depois já tinha capítulos em toda a Alemanha, Áustria, França, Itália, Hungria e Suíça. Muitos homens influentes tornaram-se membros, incluindo nobres, intelectuais e políticos progressistas.

Durante a sua existência, os Illuminati da Baviera contaram com muitos homens destacados entre os seus membros, incluindo gigantes literários como Johann Wolfgang von Goethe e Johann Gottfried Herder e até nobres como os duques reinantes de Brunswick, Gotha e Weimar.

Outros importantes illuminati incluíam Carlos Augusto, grão-duque de Saxe-Weimar-Eisenach; Ernesto II, duque de Saxe-Gotha-Altenburg, bem como o seu irmão e sucessor, Augusto; o grão-duque de Frankfurt, Karl Theodor Anton Maria von Dalberg; o duque Ferdinand von Brunswick-Wolfenbüttel; o assistente deste mesmo duque, Johann Friedrich von Schwartz; o conde Franz Georg Karl von Metternich, embaixador imperial em Koblenz; o governador da Galiza, conde Joseph Brigido; o chanceler da Boémia, barão Franz Karl Sales Kressel, com o seu vice-chanceler, o conde Leopold Kolowrat, um grão-mestre maçónico; o chanceler da Hungria e Transilvânia, conde György Bánffy von Losoncz; o embaixador em Londres, conde Johann Philipp Karl Joseph von Stadion-Warthausen; e o embaixador em Paris, Varsóvia e Inglaterra, barão Gottfried von Swieten. Estes nomes pouco dizem ao leitor atual, mas bastará dizer que eram os pensadores mais instruídos do seu tempo e são os antepassados de muitos dos líderes europeus da atualidade, cujas linhagens também têm profundas ramificações na sociedade estado-unidense.

Os membros dos Illuminati aumentaram rapidamente, principalmente depois da fusão da Ordem com um grupo da Maçonaria denominado Ordem da Estrita Observância. Além disso, quando a Igreja e os jesuítas que restavam decidiram restaurar as limitações pré-iluministas à liberdade de expressão e pensamento, os descontentes revelaram-se alvos fáceis para os recrutadores dos Illuminati. Seria apenas nas últimas fases da Idade ou Século das Luzes que as filosofias e práticas das sociedades passadas, especialmente aquelas iniciadas nos tempos antigos, se reuniram nos Illuminati. Embora a imprensa já existisse desde meados do século xv, apenas a elite instruída sabia ler e escrever. Como somente os aristocratas e profissionais abastados tinham como pagar

uma educação, as grandes massas eram analfabetas e suscetíveis à superstição e manipulação por parte da Igreja e do Estado.

Caberia aos membros instruídos da Rosa-Cruz e da Maçonaria a formação de sociedades secretas para o estudo do material e do conhecimento banidos pela Igreja e pelo Estado. Alguns escritores recentes, todavia, argumentam que o rosacruzianismo e a Maçonaria começaram como filosofias separadas, apenas se fundindo no final do século XVIII com o advento dos Illuminati.

RESUMO

O ser humano é um animal de rebanho e, como tal, agrupa-se naturalmente por uma questão de segurança e companhia. Com o crescimento e a evolução das populações, os indivíduos foram formando sociedades baseadas em interesses mútuos no seio das comunidades.

Para se sentirem superiores aos seus companheiros e evitarem qualquer conflito com as autoridades, estas sociedades desenvolveram os seus conhecimentos e rituais e mantiveram-nos secretos.

Tais sociedades cresceram nas civilizações ocidentais mais antigas do mundo — na Babilónia, Acádia, Fenícia e Assíria. Frequentemente vistas como civilizações separadas, estas culturas eram apenas versões degradadas da primeira grande civilização conhecida, estabelecida na Mesopotâmia há mais de sete mil anos: a Suméria.

Os Sumérios registavam a sua história em escrita cuneiforme em tabuinhas de barro, que depois eram cozidas e acabaram por se petrificar. Ainda existe mais de meio milhão destas tabuinhas, mas apenas cerca de 20% foram traduzidas. A maioria encontra-se guardada longe do público, nas reservas de diversos museus de todo o mundo.

Os seus relatos da História começavam sempre com a ideia de que, milhares de anos antes, viajantes espaciais chamados Anunnaki vieram do céu e trouxeram conhecimentos de astronomia, linguagem,

escrita, direito e governação. As tabuinhas afirmavam que 432 mil anos antes do Grande Dilúvio, os Anunnaki tinham vindo da sua pátria em Nibiru (um planeta que gira em torno do nosso Sol numa órbita elíptica de aproximadamente 3600 anos), atravessando a Grande Pulseira (geralmente considerada a Cintura de Asteroides) até à Terra. Aqui, desembarcaram no Golfo Pérsico e começaram a colonizar e a procurar ouro. Em virtude das greves resultantes do trabalho árduo foi decidido criar uma raça escrava, manipulando para tal o ADN dos habitantes primitivos da Terra. Ao longo de muitos séculos, surgiram dinastias reais e, quando os diversos reis se incompatibilizaram, eclodiu a guerra (existem evidências de que terá sido atómica), causando uma destruição generalizada.

A história do processo de produção de um híbrido encontra-se pormenorizada na literatura suméria. Está escrito que o oficial científico Enki e o seu assistente Ninhursag pegaram na célula reprodutora ou óvulo de uma hominoide africana primitiva (vamos chamar-lhe Lucy?) e fertilizaram-na com o esperma de um jovem anunnaki. O óvulo fertilizado foi então inserido no interior de uma mulher anunnaki — supostamente a mulher de Enki, Ninki — que levou a gravidez até ao fim.

Embora fosse necessária uma cesariana aquando do nascimento, um saudável jovem híbrido, *Adama* — combinando o ADN dos Anunnaki e dos habitantes primitivos da Terra —, foi produzido pela primeira vez, passando milhões de anos por cima da evolução natural. Outros também seriam produzidos, mas ainda havia um longo caminho a percorrer. De acordo com um antigo texto sumério traduzido como *O Mito do Gado e do Cereal*, «Quando foi criada, a humanidade não sabia comer pão, não sabia vestir-se com roupas, comia plantas com a boca como as ovelhas, bebia água das valas...».

Existe pouca controvérsia quanto à tradução destas tabuinhas, mas o mesmo não se pode dizer da sua interpretação. Quando foram traduzidas pela primeira vez em meados do século XVIII, o estudioso mais erudito não tinha qualquer noção de naves espaciais, átomos, genética, ADN, nem sequer do voo de objetos mais pesados do que o

ar. Como tal, os relatos sumérios foram simplesmente encarados como histórias dos seus deuses. Era tudo mitologia. E isto continua a ser ensinado nas disciplinas de História convencionais de hoje. Mas um número crescente de investigadores passou a acreditar que estes relatos de extraterrestres que visitam a Terra e oferecem a sua sabedoria podem representar conhecimento histórico e não contos míticos.

Os relatos das tabuinhas sumérias até estabelecem uma boa correlação com as histórias da Bíblia, como a de um ser humano cujo deus o ensinou a construir uma arca para escapar ao Dilúvio (a história de Noé também é apresentada nas tabuinhas sumérias, mas o nome da figura principal é Utnapishtim), Ezequiel a ser levado numa roda de fogo, e as duas faces do deus do Antigo Testamento, Yahweh, que tão depressa se mostrava irado e vingativo, como bondoso e prestável. Também é claro no Antigo Testamento que o rei Nabucodonosor II da Babilónia teve acesso a tecnologia desconhecida com a sua estrutura de ouro que aparentemente era capaz de criar uma espécie de campo de energia. Os Anunnaki estabeleceram o domínio dos cleros juntamente com o direito divino dos reis para controlar as civilizações mais antigas. Estes cleros depressa aprenderam a controlar os seus seguidores por meio da administração e do empréstimo de dinheiro, e não lhes agradou abrir mão deste controlo quando os seus deuses se retiraram do mundo humano.

Foi por intermédio destes «amos» alienígenas que os seres humanos aprenderam tecnologia avançada. Partes deste conhecimento foram transmitidas por via de sociedades secretas e Escolas de Mistérios. Alguns desses conhecimentos estão a ser redescobertos agora, como as incríveis propriedades dos elementos monatómicos, que podem trazer uma cura para as doenças e até para o envelhecimento. O uso de Elementos Monatómicos Orbitalmente Rearranjados (ORME) para manipular energia básica pode até abrir-nos as portas para o voo espacial via buracos de minhoca, para uma energia abundante e gratuita, e até mesmo para

as viagens interdimensionais ou intertemporais.

Parece provável que o «maná» usado por Moisés para alimentar os Israelitas no deserto fosse na realidade o mesmo pó branco de ouro, ou ORME, usado pelos faraós egípcios em rituais na sua jornada rumo à vida depois da morte. Moisés, que pode realmente ter sido Akhenaton, possuía um grande conhecimento dos mistérios egípcios transmitidos pela Suméria.

Os nomes dos deuses mudavam consoante as línguas das civilizações, mas as suas características permaneciam as mesmas. Isto levou alguns investigadores a concluir que deuses como Enlil, Rá, Zeus e Júpiter poderão ser referências a indivíduos reais.

Suspeita-se que a precipitada invasão do Iraque pelos EUA em 2003 possa ter sido motivada por novas descobertas arqueológicas naquele país, e não pelo petróleo nem por armas de destruição maciça que não existiam. Ignorando os avisos de todo o mundo, as forças militares estado-unidenses ficaram impassíveis enquanto o Museu Nacional do Iraque era saqueado em Bagdade. Uma investigação posterior determinaria que esta pilhagem fora um trabalho de dentro com o objetivo de deitar a mão a artefactos recém-encontrados, provavelmente relacionados com a antiga tecnologia alienígena.

Esta tecnologia avançada do passado tem sido procurada ao longo da História, desde os alquimistas da Idade Média aos agentes militares e de informações da atualidade. Até os nazis alemães percorreram todo o mundo numa tentativa de obter conhecimento oculto.

A dada altura, a superciência nazi ficou sob o controlo do general Hans Kammler da SS, que desapareceu após a guerra e, em troca pela sua vida, pode ter facultado aos Aliados segredos nazis relativos aos voos a jato, foguetes, à bomba atómica, ao misterioso «Sino» e até a discos voadores. Encontra-se amplamente documentado que milhares de nazis não reconvertidos foram levados para os Estados Unidos e inseridos no complexo industrial-militar para colaborar na Guerra Fria contra a antiga União Soviética. Além do seu

conhecimento científico e militar, infelizmente também seríamos influenciados pelas suas doutrinas fascistas e illuminati.

A busca desta tecnologia — que incluiria a verdade sobre as origens da raça humana — começou com os gnósticos, indivíduos que consideravam ter uma relação direta com o espiritual e não precisavam de líderes religiosos para interpretar a vontade de Deus. A sua filosofia tinha como base um conhecimento que remonta à Suméria e que foi transmitido por intermédio de textos ocultistas como a Cabala judaica. Os livres-pensadores gnósticos seriam perseguidos e massacrados como hereges pela Igreja Romana inicial.

Os segredos mais antigos da Suméria foram transmitidos pelos filhos de Adão a Noé e a Abraão, muito antes de os Semitas hebraicos, ou Israelitas, existirem como povo distinto. Também poderá ter sido o Abraão bíblico — um importante sumério e o patriarca tanto dos judeus semitas como dos árabes palestinianos — quem levou resquícios do conhecimento anunnaki para o Egito, resultando assim nos primeiros grandes impérios egípcios.

Tanto o gnosticismo como os ensinamentos místicos da Cabala seriam o suporte das crenças de uma seita ascética judaica conhecida como os essénios. No Novo Testamento, Jesus prega contra as duas seitas religiosas judaicas dominantes: os fariseus e os saduceus. O facto de nunca atacar os essénios levou alguns investigadores da Bíblia a acreditar que o próprio Jesus seria um deles. Grande parte do conhecimento dos essénios, considerados os protetores do «cristianismo místico», só viria a ser conhecida depois da descoberta dos Manuscritos do Mar Morto, em 1947. Aparentemente, a referência aos essénios havia sido removida da Bíblia há muito tempo.

Outras sociedades secretas também detinham o conhecimento fragmentado dos velhos deuses do céu. Uma delas era a dos Roshaniya do Afeganistão. A sua ideologia — abolição da propriedade privada; eliminação da religião; eliminação dos estados-nação; a crença num plano para remodelar o sistema social do mundo; e a crença de que era possível comunicar diretamente com

os supervisores desconhecidos que haviam transmitido conhecimento aos iniciados ao longo dos tempos — era surpreendentemente próxima da dos posteriores Illuminati da Baviera. O conhecimento destas seitas e sociedades anteriores seria depois transmitido aos lendários Cavaleiros Templários durante a sua permanência no Médio Oriente. Oficialmente, cabia aos Templários guardar as estradas de acesso a Jerusalém e proteger os peregrinos. No entanto, após a conquista de Jerusalém pelos Cruzados em 1099, eles passaram mais de uma década em escavações sob o Palácio de Herodes, que tinha sido construído sobre o antigo Templo de Salomão, o local onde se encontrava um vasto tesouro de riqueza e conhecimento, escondido dos Romanos quando estes saquearam a cidade em 70 d. C. Mais tarde, os Templários levariam os seus conhecimentos e capacidades para a Europa, dando origem a uma nova era de cultura e esclarecimento.

Parte do conhecimento adquirido pelos Templários na Terra Santa chegou-lhes por via de uma sociedade secreta árabe, os Assassinos, assim conhecida pelas suas práticas assassinas após a ingestão de haxixe. A doutrina assassina de que o fim justifica os meios pode ter sido uma precursora desta mesma filosofia, presente nos Illuminati e mais tarde na Maçonaria «Iluminada». O sistema hierárquico dos Assassinos, com grão-mestres, grão-piores e devotos religiosos, bem como os seus graus de iniciação, seriam posteriormente copiados pelos Templários, Maçons e Illuminati.

Os Templários trouxeram para a Europa os métodos de ressuscitação, o uso de bússolas magnéticas para orientação no mar e os segredos da arquitetura, que resultaram nas magníficas catedrais góticas. Com a sua própria frota ou armada, viajaram por toda a parte, tendo aparentemente chegado à América do Norte muito antes de Colombo. Os Templários seriam os progenitores de várias outras sociedades secretas, como os Cavaleiros Teutónicos, Cavaleiros de São João, Cavaleiros de Malta e as guildas de pedreiros que, com o tempo, viriam a tornar-se a Maçonaria.

Os Templários também influenciaram bastante a Companhia de

Jesus, cujos membros são conhecidos como jesuítas. Os Jesuítas eram uma sociedade secreta formada no seio da Igreja Católica para proteger o seu dogma. Em virtude do seu crescente poder e influência, a Ordem dos Jesuítas foi temporariamente dissolvida por ordem papal em 1773, mas pouco depois foi restabelecida. Os Templários tornaram-se tão ricos e poderosos graças aos seus conhecimentos esotéricos que um invejoso rei francês, juntamente com o papa, sentiu ser sua obrigação detê-los. A 13 de outubro de 1307, sexta-feira, templários seriam detidos, torturados e punidos em toda a Europa. Todavia, muitos deles limitaram-se a esconder-se no meio da multidão ou fugiram para a Escócia, onde Robert the Bruce lhes ofereceu proteção, visto que havia sido anteriormente excomungado pela Igreja. Deste modo, as doutrinas templárias continuaram a florescer no seio das organizações maçônicas.

Em 1188, um templário chamado Jean de Gisors, vassalo do rei inglês Henrique II, formou outra sociedade esotérica chamada Ordem da Rosa-Cruz, que viria a ser a Sociedade Rosacruziana. À semelhança de outras sociedades, os Rosacruzianos afirmam ter conhecimento dos Mistérios Antigos. E, também como outras sociedades, foram atacados como hereges pela Igreja. Em meados do século XVIII, as distinções entre Maçons, Rosacruzianos e outras organizações que alegavam origens templárias haviam diminuído ao ponto de parecerem praticamente idênticas. Atualmente, inúmeras sociedades secretas encontram-se ativas em todo o mundo. Variam desde o benéfico e benigno ao oculto e satânico. São muitos os que consideram que a teologia dos Illuminati, difundida no seio da Maçonaria, lançou os alicerces de sociedades ainda mais místicas, como a infame Ordo Templi Orientis (OTO) ou Ordem do Templo Oriental, famosa graças a Aleister Crowley. Algumas sociedades, como o Ku Klux Klan, foram acusadas de pregar o ódio e a violência. Sociedades mais benevolentes, como a Ordem do Alce, os Cavaleiros de Pítias e a Grange, são em grande parte clubes sociais que defendem causas beneficentes. Existem também as organizações que, embora não sejam tão secretas, não deixam de

exercer considerável poder no mundo atual, com pouco ou nenhum conhecimento do público. Incluem-se aqui o Conselho de Relações Externas (CFR), a Comissão Trilateral e o famoso Grupo Bilderberg, criado por globalistas após a II Guerra Mundial e formado pela realeza europeia e por líderes políticos e corporativos que todos os anos se reúnem em segredo para discutir questões mundiais.

Uma loja maçónica fundada em 1726 em Praga é a base do Bohemian Club criado em 1966 em São Francisco. Este clube, por sua vez, criou o muito secreto e exclusivo grupo Bohemian Grove, que se reúne anualmente e inclui importantes líderes corporativos e governamentais estado-unidenses, incluindo os presidentes Nixon, Reagan e George H. W. Bush. O símbolo do Bohemian Grove é a coruja de Minerva, e as suas estranhas cerimónias, incluindo um sacrifício humano simulado, imitam rituais mais antigos dos Illuminati.

Embora não sejam dados a símbolos secretos e práticas ocultistas, o CFR e a Comissão Trilateral podem ser considerados sociedades secretas, uma vez que nenhum indivíduo do público se pode candidatar a membro. Os novos membros são cuidadosamente selecionados pelas suas visões globalistas e devem ser aprovados por uma comissão. Além disso, ninguém pode divulgar o que acontece nas suas reuniões. Muitos investigadores, tendo em conta a predominância de poderosos líderes governamentais e corporativos nestas sociedades secretas, veem sinais de conluio e conspiração. Veem provas de que os acontecimentos mundiais são orientados ou controlados por membros desta sociedade. A ideia de uma elite corporativa abastada que pretende governar o mundo deu origem à noção de uma tentativa de instilar um sistema socialista global de governação e finanças: uma Nova Ordem Mundial.

Mas qualquer tentativa de dissecar os segredos das sociedades secretas acaba por ir dar à Maçonaria, a maior destas sociedades no mundo, com mais de seis milhões de membros, principalmente na Europa, Reino Unido e América.

Os Maçons reivindicam conhecimentos e rituais trazidos da Terra Santa pelos Cavaleiros Templários e que remontam aos deuses pré-

históricos e às primeiras Escolas de Mistérios, e até mesmo à Torre de Babel e à era dos Anunnaki.

Quase todos os aspetos da Maçonaria estão impregnados de controvérsia, inclusive interna. Críticos da Maçonaria alegaram que o conhecido símbolo maçónico de um «G» no interior de um esquadro e um compasso representa o gnosticismo, enquanto outros dizem que significa «*God*», e outros ainda afirmam que representa a ciência da geometria, a base da arquitetura e da arte do pedreiro. Além disso, autores maçónicos revelaram que existem dois círculos no interior da Maçonaria — o grande círculo exterior de membros que apenas sabem o que lhes foi ensinado, e um outro, um círculo interior da elite de iniciados que tomaram conhecimento dos segredos internos da Ordem. No final do século XVIII, as doutrinas dos Illuminati foram infundidas em muitas lojas maçónicas, criando aquela que é conhecida como Maçonaria «Illuminada», uma mistura de estrutura maçónica e antigo conhecimento esotérico templário com tradições cabalísticas. Estes segredos permanecem ocultos no âmago da Maçonaria, enquanto milhões de membros, que os desconhecem, desfrutam apenas da sua filantropia externa e comunhão. Eles esqueceram-se de que o primeiro terceiro partido político viável nos Estados Unidos foi o Partido Antimaçónico, formado por pessoas desagradadas com o longo alcance desta Ordem na política, no governo e no sistema judicial. Com o restabelecimento da Maçonaria nos Estados Unidos, as lojas locais distanciaram-se das suas congéneres europeias, que ainda conservam as versões mais esotéricas e iluminadas da Maçonaria. As lojas dos EUA tornaram-se em grande parte centros de contactos sociais e comerciais, além de obras de caridade, como os hospitais Shriners Orthopaedic e Burn Center, que oferecem cuidados infantis gratuitos. O conhecimento antigo dos Anunnaki foi transmitido pelos Sumérios, Babilónios, Assírios e Egípcios até às Escolas de Mistérios dos Gregos e Romanos, e depois pelos Cavaleiros Templários, Assassinos e RosacruCIanos até à Maçonaria, acabando por ser reunido por um grupo de intelectuais alemães no final do século XVIII: os Illuminati da

Baviera. Fundados em 1776 por um acadêmico jesuíta chamado Adam Weishaupt, os Illuminati rapidamente ganharam um número considerável de membros que se espalharam pela Áustria, França, Inglaterra e até pela nova nação dos Estados Unidos. Nos seus escritos e correspondência, os Pais Fundadores George Washington e Thomas Jefferson demonstrariam estar a par dos Illuminati. Os Illuminati revelaram-se um cadinho de vários cultos, seitas e sociedades secretas que alegavam deter segredos transmitidos pelos deuses do céu da Antiguidade. Os membros que combinavam a sabedoria antiga e misteriosa com o conhecimento científico mais moderno seriam ainda mais estimulados pela conscientização que teve lugar durante o Século das Luzes. Além da estrutura e dos rituais dos Illuminati, temos as doutrinas e a teologia que precipitaram movimentos modernos como as revoluções Francesa e Americana, a Revolução Russa e a ascensão do comunismo, bem como de Adolf Hitler e o seu Terceiro Reich. Manifestações da doutrina illuminati podem até ser detetadas na atual política fraturante dos Estados Unidos.

Tudo começou na Alemanha.

II

ALEMANHA

Em 1776, ano em que os colonos britânicos da América do Norte começaram a dar forma aos Estados Unidos com a redação da Declaração de Independência, cinco estudantes universitários reuniram-se na Alemanha para formar a sua própria fraternidade, uma que havia de projetar uma sombra na História muito além de tudo o que eles poderiam ter imaginado: a infame Ordem dos Illuminati da Baviera. Há muito que aqueles que se dedicam ao estudo da conspiração encaram os Illuminati como uma das primeiras revelações públicas dos ideais que há muito permeiam diversas sociedades secretas. Uma vez que muitos grupos e indivíduos têm afirmado ser membros dos Illuminati ou ter alguma ligação com eles, cabe ao investigador sério estudar a Ordem em profundidade. Para começar a entender os misteriosos e esquivos Illuminati, é preciso primeiro considerar os seus antecessores históricos anteriormente apresentados e, então, examinar a Alemanha setecentista.

Ao período entre 1730 e 1780 foi dado o nome de Alto Iluminismo — a última parte da Idade ou Século das Luzes. Foi um período no qual muitos homens diferentes, de muitos países diferentes, conceberam uma grande variedade de ideias a respeito do significado da iluminação, ou esclarecimento. Embora diferindo em muitos aspetos, de um modo geral estavam de acordo com o principal tema desta era: o progresso humano por meio da inquirição racional e do discurso inteligente. Este foi o período do filósofo e teórico político inglês John Locke, do filósofo e ensaísta escocês David Hume, dos filósofos franceses Jean-Jacques Rousseau e François-Marie Arouet (mais conhecido como Voltaire) e dos filósofos e Pais Fundadores estado-unidenses Thomas Jefferson e Thomas Paine. Em meados do século XVIII, vários grupos e movimentos começaram a trocar ideias

que acabariam por se fundir numa vaga organização de intelectuais que se autodenominavam os «Filósofos». Estes homens de letras pretendiam libertar o mundo das restrições tanto da Igreja como do Estado — na prática, de toda a civilização cristã. «Os Illuminati da Baviera tiveram origem nesta época, a qual também originou uma crença crescente na aquisição da verdade por meio da observação e da experiência. A Era do Iluminismo estava em pleno andamento e, no final do século XVIII, uma explosão da filosofia natural e da ciência, o ressurgimento do hermetismo e da experimentação com o oculto, tudo competia diretamente com os ensinamentos tradicionais da Igreja e com o monopólio jesuíta nas universidades e faculdades», escreveu Terry Melanson, proprietário do *site* Illuminati Conspiracy Archive.

Na Alemanha, que ainda não se tornara uma nação unificada, os dísparos principados e estados faziam experiências com o seu próprio Iluminismo, ou *Aufklärung*, na altura em que Frederico, o *Grande*, depois de anos de guerra, começava a levar a Prússia para uma espécie de unidade. Em 1738, Frederico tornou-se maçom e apoiou as iniciativas do Iluminismo. O filósofo alemão Immanuel Kant explicava o iluminismo da seguinte forma:

Esta iluminação requer nada mais do que *liberdade* [ênfase no original] — e o mais inocente de tudo a que se possa chamar «liberdade»: liberdade de fazer uso público da razão em todos os assuntos. Agora, ouço o clamor de todos os lados: «Não argumente!» O oficial diz: «Não argumente — exercite-se!» O cobrador de impostos: «Não argumente — pague!» O pastor: «Não argumente — acredite!» Apenas um governante no mundo diz: «Argumente o quanto quiser, mas obedea!» Encontramos restrições à liberdade em toda a parte. Mas qual restrição é prejudicial à iluminação? Qual restrição é inocente e promove a iluminação? Eu respondo: o uso público da nossa razão deve ser sempre livre, e isso por si só pode trazer iluminação à humanidade.

Kant resumiu tudo num ensaio de 1784, intitulado «O que é a Iluminação?», citando o lema filosófico da época: «Atrevei-vos a saber! Tende a coragem de usar o vosso raciocínio!»

Tratou-se igualmente de um momento de inovação religiosa. Tanto os católicos como os protestantes procuraram redefinir a sua fé de

acordo com linhas mais racionais, enquanto os humanistas questionavam o envolvimento de Deus nos assuntos mundanos. Foi uma era tranquila para as sociedades secretas, como a Maçonaria, a Rosa-Cruz e os Illuminati da Baviera. Os Europeus, incluindo algumas mulheres, descobriam novas formas de associação, enquanto cafés, jornais e reuniões literárias constituíam locais para a circulação de tais conceitos inovadores.

Mas, enquanto os ideais do Iluminismo se espalhavam em Inglaterra, França e até nos Estados Unidos, a situação era muito diferente no eleitorado da Baviera, no Sul da Alemanha. Estatutos religiosos e relíquias sagradas eram abundantes, e suplicar aos sacerdotes e freiras era a ordem do dia para a gente comum.

A Companhia de Jesus tinha sido criada pelo Vaticano para travar o progresso da Reforma de Martinho Lutero, ocorrida em 1517. Embora não tenham conseguido eliminar o protestantismo, os Jesuítas conseguiriam deter o crescimento deste movimento no Sul da Alemanha e noutros países da Europa.

A Baviera era há muito um bastião do catolicismo e fortemente controlada pelos Jesuítas, os quais estavam decididos a erradicar o protestantismo, tanto por meio do mecanismo da confissão como pelo controlo do governo e do sistema educacional. A maioria das faculdades e escolas secundárias da Baviera fora fundada e era administrada por jesuítas. Qualquer currículo ou livro que apresentasse a menor sugestão de pensamento livre e liberal era proibido. O reduzido número de pessoas instruídas considerava este clericalismo insuportável. Seria nesta era iluminada — de novos pensamentos e ideais radicais que entravam em choque com as antigas instituições da Igreja e do Estado — que haviam de surgir os Illuminati, um ponto focal para o pensamento místico que remontava a um passado já quase esquecido. Como foi demonstrado, embora as origens dos conceitos dos Illuminati possam ser seguidas através da História até às primeiras seitas que alegavam ter conhecimentos antigos e esotéricos, a Ordem foi identificada publicamente pela primeira vez em 1776. A 1 de maio deste ano — um dia de festa pré-

cristão há muito estabelecido para homenagear a primavera e atualmente comemorado por socialistas e comunistas —, os Illuminati da Baviera foram formados por Johann Adam Weishaupt, professor de Direito Canônico na Universidade de Ingolstadt na Baviera, Alemanha.

Weishaupt nasceu a 6 de fevereiro de 1748, em Ingolstadt, hoje parte de Munique, então capital do estado alemão da Baviera. Por altura do seu nascimento, a nação alemã não existia, apenas uma coleção de principados, ducados, providências religiosas e estados governados pelo imperador Francisco I. O Sul da Alemanha era dominado pela Igreja Católica — mais especificamente, pelos Jesuítas — e a Inquisição ainda se encontrava muito ativa. Ninguém naquela época pensava em conceitos como liberdade de crença e de expressão.

Os pais de Weishaupt eram judeus. Há mesmo quem diga que o pai, Johann Georg Weishaupt, era um rabino cabalista. Após a morte deste, em 1753, Adam, então com cinco anos, foi entregue aos cuidados do seu padrinho, o barão Johann Adam Freiherr von Ickstatt. Pelo menos um investigador terá afirmado que este barão era o avô do jovem Adam, que havia mudado o seu nome de Weishaupt para Ickstatt após renunciar ao judaísmo. Ickstatt era professor de Direito na Universidade de Ingolstadt. Considerado radical por alguns, em 1745 o barão foi escolhido por Maximiliano José, eleitor da Baviera, para reorganizar a universidade, então com quase 300 anos, de acordo com linhas mais liberais. Apoiente do Iluminismo, Ickstatt permitia a Weishaupt o acesso à sua biblioteca particular. Foi nesta última que o jovem Weishaupt foi apresentado às obras de escritores franceses radicais, como Rousseau e Voltaire, e influenciado pelo idealismo e racionalismo. Aos sete anos, Adam seria matriculado numa escola jesuíta, onde muitas vezes daria por si em problemas com os professores à conta dos seus ideais juvenis e do seu amor pela liberdade de expressão.

Em 1768, então com 20 anos, formou-se na Universidade de Ingolstadt com um doutoramento em Direito. Não obstante a sua

formação católica, converteu-se por esta altura ao protestantismo. Graças à posição do seu padrinho, o jovem Weishaupt também tinha acesso aos livros da biblioteca da universidade que eram de um modo geral proibidos pelos Jesuítas, os quais na época controlavam rigidamente a Baviera. Esses tomos proibidos de mistérios antigos, cultos e paganismo tiveram uma grande influência em Weishaupt. Ele tornou-se um livre-pensador ao estudar as obras de importantes pensadores do Iluminismo, como o filósofo francês Denis Diderot, que escreveu frases como «O Homem só será livre quando o último rei for estrangulado com as entranhas do último sacerdote» e «O filósofo nunca matou nenhum sacerdote, enquanto o sacerdote matou muitos grandes filósofos».

Após os estudos, a educação de Weishaupt permitiu-lhe tornar-se tutor e, em 1772, apenas com 24 anos, tornou-se professor de Direito. Um ano depois, casava-se com Afra Sausenhofer de Eichstätt.

Em 1775, foi nomeado para o elevado cargo de professor de Direito Natural e Canónico, uma posição anteriormente ocupada apenas por jesuítas. Embora a Ordem dos Jesuítas tivesse sido dissolvida dois anos antes pelo papa Clemente XIV, que começara a sentir-se pouco confortável com o poder da mesma, esta ainda controlava os cordões das bolsas locais e, como tal, mantinha o controlo da universidade. Weishaupt era o único não-clérigo na universidade e frequente alvo de críticas, especialmente se e quando a faculdade considerava que ele estava a apresentar material liberal ou protestante.

Tanto o protestantismo como a promoção de Weishaupt enfureceram ainda mais as autoridades e colocaram o jovem idealista contra o corpo docente mais tradicional, em grande parte jesuíta. No entanto, apesar da sua franqueza e do seu desprezo pelas restrições ao pensamento político e religioso da época, Weishaupt encontrou apoiantes na loja e também entre alguns estudantes e professores da universidade, que o respeitavam pela sua abertura de espírito. Reuniam-se periodicamente nos seus alojamentos para discutir religião, filosofia e os assuntos correntes.

Os tópicos incluíam a religião e teologia clássicas, juntamente com os antigos mistérios dos cultos gregos de Elêusis e romanos de Mitra. Também estudavam as obras de Pitágoras, o filósofo e matemático grego cujo trabalho tanto influenciou o estudo da geometria. Segundo alguns relatos, estas reuniões eram semelhantes às dos modernos estudantes universitários, uma vez que, além de discussões profundas, havia bebidas, música e até o consumo de haxixe. Um artigo publicado numa revista em 1969 declarava que Weishaupt afirmava ter estudado os ensinamentos de Hassan bin Sabbah, fundador dos infames Assassinos muçulmanos (*Hashshashin*), e que alcançara a «iluminação» ao ingerir haxixe cultivado por ele mesmo. Um *slogan* posteriormente adotado pelos Illuminati, *Ewige Blumenkraft*, ou «Eterno Poder das Flores», seria um precursor do *slogan* psicadélico da década de 1960.

Iniciado na Maçonaria, Weishaupt, estudante do conhecimento esotérico antigo, apercebeu-se de que ninguém na sua loja parecia realmente entender o significado oculto das suas próprias cerimónias. Frustrado com os maçons e com o conservadorismo da faculdade em Ingolstadt, decidiu formar a sua própria organização, vagamente baseada nas estruturas da Maçonaria e dos Jesuítas.

«Todavia, ele em breve se veria desviado desta intenção original, em parte por causa da dificuldade em obter fundos suficientes para a admissão numa loja de maçons, em parte porque o estudo dos livros maçónicos que lhe chegavam às mãos o convenceu de que os “mistérios” da Maçonaria eram demasiado pueris e facilmente acessíveis ao público em geral para que valessem a pena», observou o Dr. Vernon L. Stauffer, ex-professor da Universidade de Colúmbia. «Como tal, considerou necessário lançar-se em linhas independentes. Ele havia de formar uma organização secreta modelo que incluísse “escolas de sabedoria”, escondida do olhar do mundo atrás de paredes de isolamento e mistério, na qual as verdades que o capricho e a loucura dos sacerdotes vedavam às cátedras da educação pública pudessem ser ensinadas com perfeita liberdade a jovens suscetíveis. Com a constituição de uma Ordem cuja principal função

seria ensinar, tornar-se-ia acessível um instrumento com o qual atingir a meta do progresso humano, a perfeição da moral e a felicidade da raça.»

Os Illuminati da Baviera de Weishaupt começaram com apenas cinco membros: o próprio Weishaupt e os alunos de Direito Franz Anton von Massenhausen, Max Edler von Merz, Andreas Suto e um homem chamado Bauhof ou Bauhoff.

Estes universitários, imbuídos do privilégio, da educação e do zelo juvenil do Século das Luzes, tentaram criar uma fraternidade de pensadores progressistas e até radicais que pudesse mudar as antigas convenções do seu mundo. A Ordem era inicialmente conhecida como Bund der Perfektibilisten, a «Ordem dos Perfectibilistas» ou Perfectibilistas. Mas este nome estranho foi substituído em abril de 1778 por Ordo Illuminati Bavarensis, ou Ordem dos Illuminati da Baviera. O objetivo da Ordem era a abolição de todos os governos monárquicos e religiões estatais na Europa e suas colônias e um regresso ao pensamento racional humanista e à razão.

Menos de um ano depois de formar os Illuminati, e apesar das suas anteriores dúvidas quanto à eficácia da Maçonaria, Weishaupt irritou ainda mais os Jesuítas ao ingressar na Loja Prudência, Theodor zum guten Rath (Teodoro do Bom Conselho), em Munique. Este era um grupo maçônico que se desviava da Maçonaria convencional ao dedicar-se a fundo às questões da ciência e do misticismo. Weishaupt foi admitido em fevereiro de 1777. Atualmente, alguns investigadores suspeitam de que Weishaupt possa ter sido um peão dos Jesuítas, sendo os Illuminati por eles secretamente incentivados como um estratagema para ficar a saber o que os seus oponentes estavam a fazer.

A loja de Weishaupt em Munique era uma das que praticavam o «Rito da Estrita Observância». Este rito foi iniciado em 1751 por um maçom alemão, o barão Karl Gotthelf von Hund, como uma extensão do Rito Escocês. Para Weishaupt, esta seria uma grande oportunidade para expandir a teologia dos Illuminati, uma vez que

Hund era simultaneamente grão-mestre dos Cavaleiros Teutónicos e conselheiro do imperador Habsburgo. Alguns autores acreditam que Weishaupt possa ter aderido à Maçonaria numa tentativa de adquirir ritos que pudesse copiar.

Tendo ficado a saber por intermédio de um tal abade Marotti que os segredos dos Maçons vinham do conhecimento das religiões mais antigas, Weishaupt decidiu trabalhar mais de perto com os Maçons e insinuar a sua própria Ordem nas lojas. Mas, quando tentou juntar o seu iluminismo à Maçonaria, não tardou a sentir-se frustrado com a loja de Munique, considerando que os respetivos membros não entendiam os significados secretos e ocultos por trás da sua ordem. O seu próprio progresso nos três graus da maçonaria da «Loja Azul» seria lento, não lhe parecendo que estava a aprender os segredos mais íntimos da Maçonaria. Tanto os Maçons como os Jesuítas poderão ter desconfiado deste novo membro: com efeito, Weishaupt sentia-se vigiado e seria citado como tendo dito: «Eu acreditava que estava sob a observação mais rigorosa de muitas pessoas que me eram desconhecidas; como tal, fiz por cumprir os meus deveres com a maior precisão, porque nada me parecia tão certo como o facto de nenhuma das minhas ações passar despercebida.»

Enquanto estudava em Munique, Massenhausen, membro dos Illuminati, estava a recrutar ativamente para a Ordem. Um mês após a fundação dos Illuminati, Massenhausen recrutou Franz Xaver von Zwack, um descendente da nobreza alemã e ex-aluno de Weishaupt. Massenhausen perdeu as boas graças de Weishaupt quando este ficou a saber que o seu amigo tinha interceptado a correspondência entre ele e Zwack e poderia ter desviado fundos da Ordem. Quanto a Weishaupt, passou a acreditar que os recrutas de Massenhausen não estavam à altura: para ele, certas tradições secretas encontravam-se «acima da compreensão das mentes comuns». Numa carta a Zwack, ele defendia a sua vontade de moldar os membros dos Illuminati à sua vontade, escrevendo: «Não podemos usar as pessoas como elas são, mas sim começar por remodelá-las.»

Zwack, cujo nome de código nos Illuminati era *Cato*, depressa se

tornou o braço-direito de Weishaupt e mais tarde viria a ocupar uma posição de poder, como secretário da Lotaria Nacional da Baviera. Em 1778, possivelmente com a ajuda de Weishaupt, Zwack também ingressou na Loja Maçónica Teodoro do Bom Conselho, em Munique, e não tardou a ascender a «Guardião dos Selos». Nesse mesmo ano, Massenhausen licenciou-se em Ingolstadt, deixou a Baviera e desligou-se dos Illuminati, que por esta altura já eram doze.

Zwack, um homem de berço nobre, assumiu funções de recrutamento e logo a quantidade e a qualidade dos membros da Ordem começaram a aumentar. Um dos seus melhores recrutas seria Jakob Anton Hertle (nome de código *Marius*), professor de Ingolstadt e cónego em Munique, e, posteriormente, um dos mais importantes Illuminati. No final de 1778, a Ordem contava com mais de duas dezenas de membros espalhados pelas cidades alemãs de Munique, Ingolstadt, Ravensberg, Freising e Eichstätt.

Em 1779, dois anos após a sua iniciação na Maçonaria, Weishaupt escreveu a Zwack e Hertel, sugerindo que a Ordem fosse renomeada como Sociedade das Abelhas. Esta referência às abelhas demonstra mais uma vez os estreitos laços entre os Illuminati e a Maçonaria, já que a colmeia tem sido um importante símbolo maçón. As lojas maçónicas de hoje eram outrora referidas como «Colmeias» e quaisquer disputas internas recebiam o nome de «Enxameações». Um ritual maçónico do século XVIII declarava: «A Colmeia ensina-nos que, se nascemos para o mundo como seres racionais e inteligentes, devemos também ser diligentes e não passivos, não devendo tão-pouco considerar com apática indiferença nem sequer o mais insignificante dos nossos semelhantes em estado de angústia, se estiver ao nosso alcance ajudá-lo sem nos prejudicarmos a nós ou às nossas ligações...»

O símbolo das abelhas também está ligado aos antigos Mistérios Eleusinos da Grécia, nos quais o mel era considerado um produto divino dos deuses e as sacerdotisas eleusinas eram denominadas *elissa*, ou abelhas.

Um recruta particularmente importante para os Illuminati seria o

conde Thaddäus von Thurn und Taxis, cuja família havia sido nomeada pelo imperador Maximiliano I para administrar o sistema postal imperial no Sacro Império Romano-Germânico. O conde era o correio-mor e, como tal, estava a par de toda a correspondência, visto que no fim do século XVIII todo o correio era aberto e inspecionado antes de ser entregue. «A família Thurn und Taxis tinha a vantagem do conhecimento prévio de políticas e negócios dos quais nenhuma outra casa dominante estava a par», referiu Melanson. «Isto permitia-lhe um conhecimento interno sem precedentes [que] os Rothschild estavam ansiosos por explorar...»

No final de 1779, os Illuminati de Weishaupt tinham adquirido o controlo total da loja maçónica de Munique e os recrutas estavam a aumentar nas outras lojas. O público não ouvira falar da Ordem, que alcançara uma aura de mistério e mito nos círculos maçónicos, especialmente entre os não-iniciados. «Em novembro, sem saber que Constantine, marquês de Costanzo, era de facto um membro dos Illuminati, [...] um Mestre da Cátedra da Real Loja de Iorque em Munique perguntou-lhe se conhecia uma “Sociedade dos Illuminati” cuja ambição era o domínio da Maçonaria», escreveu Melanson.

Em 1780, dois acontecimentos teriam um grande impacto na vida de Weishaupt. A sua mulher, Afra, morreu em fevereiro, e, em julho, ele iniciou o nobre Adolph Franz Friedrich Ludwig Knigge, um dos mais importantes maçons da Estrita Observância e um homem com excelentes ligações na corte de Hesse-Kassel e Weimar. Knigge não tardou a tornar-se um preeminente membro dos Illuminati, começando até a transformar alguns dos graus mais baixos da Maçonaria em ritos dos Illuminati. Também se revelaria particularmente eficaz no recrutamento para os Illuminati, uma vez que viajava muito, adicionando membros à Ordem da Estrita Observância.

Knigge, há muito fascinado pela teosofia, magia, alquimia e pela Rosa-Cruz, recrutava entusiasticamente para a Maçonaria da Estrita Observância, cujos membros alegavam uma descendência direta dos Cavaleiros Templários e dos Rosacruzianos. Também eles juravam

lealdade a «superiores desconhecidos», que seriam benfeitores anónimos, místicos controladores ou até entidades não-humanas. Tais crenças eram sustentadas por ritos que seriam anteriores à era moderna. Knigge e as lojas da Estrita Observância consideravam que a alegação de uma antiga e contínua descendência de anteriores sociedades secretas era muito mais apelativa do que as sociedades mais recentes. Weishaupt entendia isto bem, tendo inventado uma genealogia mítica própria, baseada nos seus anteriores estudos ocultistas. Admitiu isto mesmo a Knigge desde o início e este começou a acrescentar elementos aos mitos, incluindo até alguns de sua autoria, como a alegação de que o conhecimento dos Illuminati remontava aos tempos de Noé. Empenhou-se igualmente num vigoroso esforço de recrutamento. Há muito que Knigge vinha propondo, sem sucesso, reformas na Maçonaria. Quando se deparou com a força dos Illuminati de Weishaupt, aderiu e assumiu a causa. De acordo com Vernon L. Stauffer, autor de *New England and the Bavarian Illuminati*, o recrutamento do diplomata alemão setentrional Knigge não só permitiu à nova ordem o acesso a níveis mais elevados da sociedade alemã, como também lhe deu um «génio organizador».

«Duas importantes consequências resultaram rapidamente da entrada de Knigge na ordem. Os tão desejados graus superiores ficaram resolvidos, e uma aliança entre os Illuminati e a Maçonaria foi posta em prática», referiu Stauffer.

Seria o novo plano de «*marketing*» concebido por Knigge para os Illuminati — que preferia os profissionais com posses e bem estabelecidos aos jovens estudantes impressionáveis — que havia de transformar a Ordem numa força bem mais formidável.

Entre os membros mais destacados dos Illuminati incluíam-se o duque Fernando de Brunswick, o duque Ernesto II ou Gotha e o destacado escritor e poeta alemão Johann Wolfgang von Goethe, que era conselheiro e confidente próximo do duque Carlos Augusto de Saxe-Weimar-Eisenach. Os descendentes de Ernesto II incluem a família real Windsor de Inglaterra, cujo nome alemão Saxe-Coburg

und Gotha seria alterado pelo rei Jorge V em 1917 em virtude da I Guerra Mundial, a qual colocou a Inglaterra contra a Alemanha. Inicialmente bastante popular, a Ordem em breve contava com cerca de dois mil membros, entre eles alguns dos homens mais ilustres da Alemanha. O recrutamento no seio da elite abastada resultaria na rápida expansão da Ordem noutros países. Em breve, podiam-se encontrar lojas em França, na Bélgica, Holanda, Dinamarca, Suécia, Polónia, Hungria e Itália.

A preeminência de Knigge melhorou a imagem pública dos Illuminati e a Ordem cresceu. No ano de 1788, quase todas as lojas maçónicas da Europa, assim como a maioria dos tribunais e governos, tinham sido infiltradas por homens que subscreviam o iluminismo.

Weishaupt incentivava comunicações racionais e esclarecedoras entre os membros da Ordem, criando assim inadvertidamente o primeiro curso qualificado de correspondência. Os membros letrados da Ordem contribuíram com muitos livros, cartas eruditas e panfletos da época.

Knigge talvez seja mais lembrado por um livro escrito depois de deixar os Illuminati. Em 1788, quatro anos depois de abandonar a Ordem, Knigge publicou *Über den Umgang mit Menschen* (Sobre as Relações Humanas), um livro sobre os princípios fundamentais das relações humanas, não necessariamente etiqueta, mas simples boas maneiras. Com efeito, atualmente, a palavra alemã *Knigge* passou a significar boas maneiras.

Um dos primeiros recrutas de Weishaupt que ligaram os Illuminati à família Rothschild terá sido Guilherme IX. Guilherme tinha em Mayer Amschel Bauer Rothschild o seu agente geral e banqueiro.

Mayer Amschel Bauer, um judeu alemão, nasceu a 23 de fevereiro de 1744 em Frankfurt, à época um antro do antissemitismo decorrente das largamente divulgadas filosofias de Immanuel Kant e Johann Fichte. O seu pai era um comerciante de seda, embora os regulamentos vedassem esta prática aos judeus.

O jovem Mayer estudou para se tornar rabino. Recebeu particular

instrução no que respeitava à *Hashanah*, uma mistura de religião, lei hebraica e razão que alegadamente continha segredos da mística Cabala, um estudo que se tornara popular durante a «Idade das Luzes». A morte dos seus pais forçou Mayer a deixar a escola rabínica e tornar-se aprendiz numa casa bancária.

Tendo rapidamente aprendido o ofício, tornou-se agente financeiro de Guilherme IX, eleitor real ou administrador da região de Hesse-Kassel e preeminente maçom. Mayer caiu nas boas graças de Guilherme, que era apenas um ano mais velho do que ele, ao revelar um idêntico interesse pela Maçonaria e pelas antiguidades. Mayer localizava moedas antigas e vendia-as ao seu benfeitor. Também negociava em obras de arte e antiguidades diversas. Mayer vendia moedas e artefactos antigos a Guilherme a preços bastante reduzidos. Tendo em conta a sua formação rabínica, associada a um genuíno interesse por antiguidades, terá certamente desenvolvido um profundo conhecimento dos mistérios antigos, particularmente os da Cabala judaica. Foi durante este período que a metafísica da Cabala começou a fundir-se com as tradições da Maçonaria.

O jovem Mayer também acrescentou à sua lista de clientes a família real alemã dos Thurn und Taxis, um descendente da qual viria a ser executado como membro da secreta Sociedade Thule — responsável pela «criação» de Adolf Hitler. A preeminente família Thurn und Taxis administrava o serviço postal em todo o Sacro Império Romano. «Eles prosperaram porque recebiam antes dos seus rivais notícias sobre tendências de mercado, preços de bens e grandes acontecimentos políticos», observou o biógrafo dos Rothschild, Derek Wilson. Mayer pôde ver em primeira mão que as informações, especialmente quando obtidas rapidamente, muitas vezes significavam grande riqueza. Hoje, o axioma é «tempo é igual a dinheiro». Para evitar que olhos indiscretos «lessem a sua correspondência», a família escrevia toda a sua correspondência em *Judendeutsch*, alemão escrito em caracteres hebraicos, um código que impediria a maioria dos investigadores de compreender claramente os seus métodos e intenções.

Durante este período, de acordo com a *The New Encyclopaedia Britannica*, «Mayer estabeleceu o padrão que a sua família havia de seguir com tanto sucesso: negociar preferencialmente com casas reinantes e gerar o maior número possível de filhos que pudessem cuidar dos muitos negócios da família no exterior».

Segundo várias fontes, a fortuna da família Rothschild foi construída com dinheiro desviado de Guilherme IX, que recebeu uma avultada quantia do governo britânico por fornecer soldados hessianos para combater os colonos americanos durante a Guerra da Revolução. Guilherme entregou este dinheiro a Mayer para o investir, mas este tê-lo-á usado para estabelecer o seu filho Nathan como diretor da filial de Londres da casa bancária da família. Mayer acabaria por devolver o dinheiro, mas por essa altura Nathan já havia conquistado o controlo do Banco de Inglaterra e esta seria a origem da enorme fortuna dos Rothschild. O biógrafo Derek Wilson reconheceria isto mesmo ao escrever: «... foi o desvio temporário das avultadas quantidades de dinheiro originárias de Hesse-Kassel que permitiu que N. M. (como Nathan gostava que lhe chamassem) iniciasse a sua operação bancária, proporcionando-lhe liquidez e também prestígio.»

O biógrafo dos Rothschild, Niall Ferguson, escreveu: «Desde os primeiros dias, os Rothschild souberam dar valor à importância da proximidade com os políticos, os homens que determinavam não só a extensão dos défices orçamentais, mas também as políticas domésticas e estrangeiras. A influência dos Rothschild também se estendia à realeza. Nathan entrou em contacto com a realeza britânica pela primeira vez graças à aquisição, pelo seu pai, das dívidas pendentes de Jorge, o príncipe regente — mais tarde o rei Jorge IV — e dos seus irmãos.»

Entretanto, os outros quatro filhos de Mayer tinham sido incumbidos de se tornarem os banqueiros centrais da Europa: Amschel Mayer na Alemanha, James em França, Salomon Mayer na Áustria e Karl Mayer em Itália. Atuando em conjunto, a dinastia Rothschild promovia ascensões e quedas financeiras e até guerras

para garantir uma contínua obtenção de imensos lucros e controlo.

Mas seria Nathan quem mais tarde exerceria uma considerável influência sobre a inglesa rainha Vitória, o príncipe consorte Alberto e o filho de ambos. Os Rothschild britânicos também eram bastante próximos dos mais importantes políticos vitorianos, como os lordes John Russell e William Gladstone, Benjamin Disraeli, Arthur Balfour, Joseph Chamberlain e *sir* Randolph Churchill, pai de Winston.

Também seria sensivelmente por altura da chegada de Nathan a Londres que Mayer Bauer mudaria o seu nome para Rothschild (literalmente «escudo vermelho»), inspirado num emblema presente na casa do gueto dos seus antepassados. Esta mudança de nome foi sem dúvida uma tentativa de separar a sua família do violento antissemitismo que predominava na Alemanha na altura. Para isolar ainda mais a família desta discriminação, os Rothschild usavam toda uma série de agentes e testas de ferro na gestão dos seus extensos negócios. Na América do Norte, em meados do século XIX, quando o petróleo começava a ser reconhecido como um requisito fundamental para abastecer e lubrificar as máquinas da Revolução Industrial, foi o Bank of Cleveland, um banco registado dos Rothschild, que emprestou o dinheiro necessário para que John D. Rockefeller acabasse por comprar praticamente toda a indústria do petróleo, tornando-se o primeiro milionário conhecido no mundo.

Após a morte do pai, Guilherme IX herdou a maior fortuna privada da Europa. Foi comprovado que, por via da Maçonaria, os Rothschild e a realeza alemã também tinham ligações com os Illuminati. O biógrafo dos Rothschild, Niall Ferguson, escreveu que o filho de Rothschild, Salomon, era membro da mesma loja maçónica que o contabilista de Mayer, Seligmann Geisenheimer.

Muitos escritores que se dedicam à teoria da conspiração associam Weishaupt e os seus Illuminati a Rothschild. Alguns até afirmam que a criação da Ordem foi um projeto dirigido por ele. Segundo o autor Johnny Silver Bear (o seu nome índio adotado), do *site* da Internet The Silver Bear Café, Weishaupt era um admirador do filósofo e líder revolucionário francês Voltaire. «Acredita-se que, como resultado dos

escritos de Voltaire, Weishaupt tenha formulado as suas ideias sobre a destruição da Igreja. Em 1775, quando convocado pela Casa de Rothschild, ele abandonou imediatamente [a Igreja] e, a mando de Mayer, começou a organizar os Illuminati. O primeiro capítulo da Ordem teria como origem a sua cidade natal, Ingolstadt», escreveu Silver Bear.

Esta alegação seria apoiada por David Livingston, que escreveu: «Em 1773, Mayer Rothschild tinha convidado outros doze homens ricos e influentes, representando no total as treze linhagens dos Illuminati, para os convencer a juntar os seus recursos num plano destinado a criar uma nova ordem mundial. Deste modo, Adam Weishaupt foi incumbido de estabelecer os Illuminati.»

Segundo o comandante naval canadiano William Guy Carr, Adam Weishaupt abandonou o cristianismo e abraçou a ideologia luciferiana enquanto ensinava em Ingolstadt. Ele explica ainda: «Em 1770, os prestamistas (que haviam recentemente organizado a Casa de Rothschild) contrataram-no para rever e modernizar os antigos “protocolos” concebidos para conceder à Sinagoga de Satanás o domínio final do mundo para que eles pudessem impor a ideologia luciferiana ao que resta da Raça Humana, após o cataclismo social final, pelo recurso ao despotismo satânico. Weishaupt concluiu a sua tarefa no 1.º de maio de 1776. O plano exigia a destruição de TODOS [ênfase no original] os governos e religiões existentes. Este objetivo seria alcançado por meio da divisão das massas, a quem ele chamava Goyim (que significa gado humano), em campos opostos e em quantidades cada vez maiores, a respeito de questões políticas, raciais, sociais, económicas e outras. Os lados opostos seriam então armados, criando-se um “incidente” que os levaria a lutar e enfraquecer enquanto destruíam Governos Nacionais e Instituições Religiosas.»

Outro elo entre os Illuminati e os Rothschild seria Michael Hess, tutor dos filhos de Jacob Rothschild e um ávido seguidor de Moses Mendelssohn, o cabalista judeu que inspirou e orientou Weishaupt.

O historiador maçónico Albert G. Mackey, todavia, considerava ser

difícil acreditar que Knigge apoiasse os esforços anticristãos atribuídos aos Illuminati, uma vez que inicialmente se acreditava que o objetivo do iluminismo era a elevação da raça humana. «Knigge, que era um dos seus membros mais preeminentes em atividade e autor de vários dos seus graus, era um homem religioso e nunca se teria unido a ele se o seu objetivo fosse, como foi alegado, abolir o cristianismo», argumentava Mackey, que acrescentava cautelosamente: «Mas não se pode negar que, com o tempo, certos abusos se haviam infiltrado na instituição e que, por influência de homens indignos, o sistema se corrompeu.»

O evangelista cristão fundamentalista Dr. Gerald Burton Winrod, editor da *The Defender*, uma revista de direita publicada no Kansas que durante a década de 1930 atingiu uma circulação de mais de 120 mil exemplares, publicou em 1935 um livro intitulado: *Adam Weishaupt — um demónio humano*.

«As sociedades secretas, por vezes baseadas em elevados ideais e preceitos, são frequentemente prostituídas por homens de génio pernicioso que as controlam para seu próprio proveito e uso egoísta. Uma vez que existe sempre um elemento de mistério associado a uma loja, esta torna-se uma capa conveniente e um meio ideal para operações secretas, quando dominada por influências subversivas», escreveu Winrod.

Mas o que dizer de Adam Weishaupt enquanto pessoa? «É obviamente vantajoso para aqueles que hoje aplicam os planos de Weishaupt no mundo manter o seu nome e os seus princípios longe da vista do público. É impressionante como os seus seguidores conseguiram mantê-lo longe da vista», observava Winrod. «Na sua vida pessoal, este homem era um perverso moral. Vivia numa relação incestuosa com a cunhada. Quando se descobriu que ela ia dar à luz, ele deixou-se dominar pelo medo e planeou um aborto. Com base em documentos que caíram nas mãos do governo alemão, descobriu-se que a sua organização possuía venenos terríveis e não hesitava em usá-los quando tal pudesse servir para silenciar um inimigo ou promover a sua causa de outras maneiras.»

Winrod dizia também que Weishaupt escrevera numa carta a um médico e colega iluminista: «Nós já tentámos várias coisas para nos livrarmos da criança. Ela própria está disposta a ocupar-se de tudo. Mas *Euriphon* [um antigo médico grego, mas provavelmente indicando um médico complacente] é muito tímido.» O aborto falhou e a criança, do sexo masculino, nasceu a 30 de janeiro de 1784.

Knigge criou os escalões superiores da Ordem, conhecidos como Areopagitas, que agiam como um conselho judicial. Estes, por sua vez, haviam de criticar o estilo de gestão ditatorial de Weishaupt. Este nome, Areopagitas, refere-se a uma pequena colina a noroeste de Atenas, o Areópago, onde os líderes gregos se reuniam para exercer justiça. Dizia-se que o apóstolo Paulo teria lá discursado.

Muitos Areopagitas concordavam com muitas das mudanças propostas por Knigge para a Ordem, as quais, embora bem recebidas pelos membros, não o foram por Weishaupt. Knigge e Weishaupt discutiam constantemente. O resultado deste conflito interno seriam disputas entre o fundador e os membros, o que gerou alguma insubordinação. A constante falta de fundos, em grande parte por causa da noção altruísta de que os Illuminati não haviam sido criados para ganhar dinheiro, revelou-se outro revés para o crescimento da Ordem. Muitos projetos propostos, incluindo incentivos ao recrutamento, seriam frustrados por falta de fundos. A dissensão que se formava entre as fileiras dos Illuminati e o aumento das tensões causadas pela infiltração dos Illuminati entre os Maçons acabariam por resultar na convocatória de uma grande convenção para desanuviar os ares. Como tal, teve lugar o Congresso de Wilhelmsbad, realizado em julho de 1782 na casa de verão de Guilherme I de Hanau, que mais tarde se tornaria o rei Guilherme IX, landgrávio [um título alemão superior ao de conde] de Hesse-Kassel em 1785. O Congresso de Wilhelmsbad seria «provavelmente o acontecimento mais importante da época, tanto quanto possível para qualquer coligação oficial entre fações de sociedades secretas», referiu Melanson. Esta importante convenção será discutida mais tarde.

Foi no Congresso de Wilhelmsbad que a Ordem da Estrita Observância foi banida dos ritos da Maçonaria, ao que os Illuminati não perderam tempo para recrutar membros descontentes dessa ordem. Os membros dos Illuminati aumentaram significativamente, mas também a desconfiança pública e a cautela por parte das autoridades. Um dos primeiros avisos públicos a respeito dos Illuminati partiria dos Rosacruzianos que, em 1783, publicaram um panfleto, intitulado *Os Illuminati Desmascarados*, que dava a saber que a Ordem estava a usar a Maçonaria para minar a fé cristã e promover uma filosofia secular.

Mais tarde nesse mesmo ano, três professores da Academia Marianum, uma instituição católica, abandonaram a Ordem e enviaram uma carta à cunhada do eleitor Carlos Teodoro da Baviera, advertindo-a contra os Illuminati. Diziam que a Ordem estava a espalhar ensinamentos contra a religião e o patriotismo e até defendia que o suicídio e o envenenamento dos inimigos eram aceitáveis. O mais grave, afirmavam que os Illuminati estavam mancomunados com o governo da Áustria, que na época estava a tentar obter o controlo da Baviera, criando assim ansiedade na população.

Uma loja maçónica de Berlim declarou a sua oposição à Ordem e descreveu os Illuminati como uma «seita maçónica que prejudica a religião cristã e transforma a Maçonaria num sistema político». Armada com estas declarações públicas, a reação do governo da Baviera foi imediata e séria. Carlos Teodoro começou a redigir um decreto contra todas as sociedades secretas. Originalmente um defensor do Iluminismo, Teodoro tornara-se duque da Baviera em 1777, um ano após a formação dos Illuminati. Mas o poder dos seus cortesãos e o clero haviam-no levado a restabelecer a perseguição contra qualquer pensamento ou atividade liberal. Os homens instruídos não levaram a bem a reposição das restrições e muitos tornaram-se particularmente suscetíveis ao recrutamento dos Illuminati.

Na primavera de 1784, os membros dos Illuminati tinham aumentado para quase três mil, graças principalmente à influência e

às ligações dos amigos de Knigge. E, com o recrutamento de duas das figuras mais importantes da Maçonaria alemã — o duque Fernando de Brunswick-Lüneburg e o príncipe Carlos de Hesse —, parecia que a aquisição total da Maçonaria estava quase garantida. Mas o conflito entre Knigge e Weishaupt, causado por diferenças de opinião e, possivelmente, por inveja e desconfiança mútuas, atingiu um ponto crítico. Weishaupt, que tão humildemente procurara a ajuda de Knigge no início da Ordem, opunha-se cada vez mais às suas inovações e gestão. Irritado com a liderança autoritária e secretista de Weishaupt, Knigge chegou a acusar o fundador de ser um jesuíta latente. «Meu Deus, que homem este!», exclamaria Knigge. «Aonde nos leva a sua paixão desenfreada? Teria eu alguma vez acreditado que este homem era capaz de um comportamento tão baixo e ingrato? E era sob o seu estandarte que eu devia trabalhar para a humanidade! Ou seja, sob o jugo de um homem tão casmurro! Nunca mais!»

Em abril de 1784, Knigge renunciava à Ordem e, alguns meses depois, assinava um acordo para devolver todas as propriedades, rituais e iniciações pertencentes à Ordem. Mas também prometia não divulgar os segredos dos Illuminati. Com a partida de Knigge, o poder dos Illuminati começou a declinar rapidamente. A 22 de junho, Carlos Teodoro, aparentemente saturado de relatos de conspirações e maquinações de sociedades secretas, emitiria o primeiro de vários decretos que proibiam todas essas sociedades.

RESUMO

A 1 maio de 1776, uma data há muito comemorada como o «Dia Internacional do Trabalhador» pelos socialistas e comunistas, quatro estudantes universitários da Universidade de Ingolstadt, na Alemanha, incentivados pelo professor Adam Weishaupt, formaram uma fraternidade secreta.

Originalmente, o grupo tinha o nome de «Ordem dos Perfectibilistas», significando aqueles que alcançaram a perfeição.

Mas este nome pesado depressa seria substituído pelo da Ordem dos Illuminati da Baviera.

Estes jovens instruídos — «criado» pelos Jesuítas, Weishaupt tinha-se doutorado em Direito aos 20 anos — estavam imbuídos dos ideais utópicos do Século das Luzes e eram bem versados na literatura clássica e na mitologia dos Gregos e Romanos. Acreditavam realmente numa nova ordem mundial que não servisse os caprichos de monarcas onipotentes e de clérigos pomposamente devotos.

Estes homens eruditos dos Illuminati poderão ter sido os primeiros a coligir, estudar e interiorizar as crenças e práticas que há muito permeavam as sociedades secretas, transmitindo fragmentos do conhecimento antigo através dos tempos. Embora se diferenciasssem dos outros no seu entendimento e rituais, concordavam de um modo geral com o grande tema do Iluminismo: o progresso humano por meio de um questionamento racional e de um discurso inteligente. Conhecedores da História verdadeira, do casamento e dos ensinamentos de Jesus, bem como da informação, ainda que fragmentada, transmitida desde os deuses de antanho, os autoproclamados iluminados evitavam os ensinamentos da Igreja do seu tempo. A sua postura cínica viria depois a incluir os restritivos decretos emitidos pela realeza que liderava o Estado.

A teologia dos Illuminati encontrou ouvidos recetivos numa altura em que tanto homens como mulheres, contrariados com as restrições sociais, murmuravam a dissensão em reuniões literárias, cafés e boletins alternativos e muitas vezes subversivos — uma Internet nos seus primórdios.

Adam Weishaupt seria o catalisador perfeito para promover estes ideais novos e radicais. Nascido de pais judeus, em rapaz foi viver com o padrinho, o barão Johann Adam Freiherr von Ickstatt, professor de Direito na Universidade de Ingolstadt, cuja extensa biblioteca contava com muitos livros vedados ao público pelas autoridades jesuítas. O jovem Weishaupt tinha igualmente acesso à vasta biblioteca da universidade, que também continha obras proibidas. Foi durante o tempo que passou na universidade, onde sempre parecia

ter problemas com as autoridades jesuítas desagradadas com a sua conversão ao protestantismo, que o jovem Weishaupt, cheio de vontade de mudar o mundo para melhor, foi considerado um radical. O facto de em 1777 Weishaupt ter ingressado numa loja maçónica que, ao contrário de outras, se dedicava tanto à ciência como ao misticismo, também incomodou os seus superiores jesuítas.

Ele e os seus seguidores passavam noites nos seus alojamentos a discutir os antigos mistérios dos cultos gregos de Elêusis e romanos de Mitra, juntamente com as obras de Pitágoras, filósofo e matemático grego cuja obra influenciou bastante o estudo da geometria. Segundo alguns relatos, estas reuniões incluíam grandes bebedeiras, música e até o consumo de haxixe. Numa antecipação dos *hippies* da década de 1960, os Illuminati adotariam o *slogan* *Ewige Blumenkraft*, ou Eterno Poder das Flores.

Weishaupt depressa se desencantou com a sua afiliação maçónica na loja Teodoro do Bom Conselho, em Munique, que seguia um costume chamado Rito da Estrita Observância. Este rito, por sua vez uma extensão do Rito Escocês, formado quando os Templários haviam fugido com o seu conhecimento para a Escócia, tinha sido iniciado em 1751 pelo barão Karl Gotthelf von Hund, um maçom alemão. Segundo ele, o rito descendia do conhecimento dos Cavaleiros Templários e fora transmitido por «mestres invisíveis», possivelmente referindo-se aos antigos deuses do céu, embora o conhecimento e a compreensão dos mesmos já se tivessem perdido há muito.

Weishaupt acreditava que os Maçons haviam essencialmente perdido o verdadeiro significado dos seus ensinamentos e rituais e tentou infundir o seu conhecimento e as crenças dos antigos mistérios na Maçonaria, mas encontrou alguma resistência. Também lhe parecia que os Maçons não eram suficientemente radicais nos seus esforços para educar e elevar o público. As suas diligências começaram a dar fruto quando Franz Xaver Carl Wolfgang von Zwack, um descendente da nobreza alemã e ex-aluno de Weishaupt, foi recrutado para os Illuminati. Zwack era um conhecido alto

funcionário do governo da Baviera e um hábil recrutador. Começou a recrutar membros preeminentes da sociedade para a Ordem, além de aperfeiçoar e até inovar alguns dos rituais e graus da mesma. Em 1779, a Ordem tinha adquirido o controlo da loja maçónica de Munique e a sua doutrina começava a disseminar-se, embora ainda continuasse a ser largamente desconhecida pelo público.

A evolução dos acontecimentos seria rápida. Em 1780, a mulher de Weishaupt, Afra Sausenhofer, morreu, permitindo-lhe assim concentrar-se totalmente no seu trabalho, e ele iniciou o *Freiherr* (barão) Adolph Franz Friedrich Ludwig Knigge, importante maçom de Estrita Observância e um homem com boas ligações na corte de Hesse-Kassel e Weimar, nos Illuminati. Knigge, estudante de longa data de teosofia, magia, alquimia e dos Rosacrucianos, encontrava-se bem posicionado na sociedade e revelou ser um entusiástico recrutador para os Illuminati e a Maçonaria de Estrita Observância. Foi Knigge quem cimentou a mistura do iluminismo com os princípios da Maçonaria. No início da década de 1780, os membros dos Illuminati haviam aumentado para mais de dois mil, muitos com cargos profissionais ou governamentais, incluindo alguma realeza de mente aberta. Um desses membros da realeza associados aos Illuminati seria Guilherme IX, administrador real da região de Hesse-Kassel e preeminente maçom, que, por meio do seu consultor financeiro Mayer Amschel Rothschild, «alugou» soldados hessianos à Inglaterra para combater os colonos na Revolução Americana. Rothschild usou dinheiro desviado de Guilherme para posicionar os seus cinco filhos como os mais importantes banqueiros centrais da Europa. Igualmente envolvido com os Illuminati estava o contabilista de Mayer Rothschild, Seligmann Geisenheimer.

Com o financiamento do império bancário Rothschild por trás e uma série de Illuminati instruídos e progressistas a trabalhar para ele, o sonho de Weishaupt — um mundo livre do controlo do Estado e da Igreja — parecia estar a tornar-se realidade. Esta proeza concretizou-se não obstante uma vida pessoal turbulenta, na qual ele engravidou a cunhada e depois tentou abortar quimicamente o feto.

Com o tempo, Weishaupt e Knigge desentenderam-se, discutindo constantemente sobre filosofia, estilos de gestão e uma constante falta de fundos. Embora Knigge tenha sido um bom representante do ausente Weishaupt no Congresso de Wilhelmsbad de 1782, considerado «o acontecimento mais importante da época, tanto quanto possível para qualquer coligação oficial entre facções de sociedades secretas», o seu conflito com Weishaupt atingiu o auge em 1784, quando Knigge renunciou à Ordem. Considerava que Weishaupt se mostrava pouco grato em relação ao seu trabalho e ditatorial na sua liderança. Nesse mesmo ano, o destino virou-se contra Weishaupt e os seus Illuminati quando o príncipe eleitor da Baviera, Carlos Teodoro, persuadido pelas acusações dos Jesuítas e de outros contra os Illuminati, emitiu um decreto que proibia as sociedades secretas.

A existência dos Illuminati da Baviera aproximava-se do fim.

III

SIONISMO

Como se a mistura de catolicismo, protestantismo e misticismo oculto antigo no seio dos Illuminati não fosse suficiente para gerar conflitos e confusão, um sólido elemento de judaísmo radical, ou, mais especificamente, sionismo, pode ter tido um papel importante na criação, teologia e atividades subsequentes da Ordem. O sionismo é um tema delicado porque os líderes do movimento sionista, tanto judeus como gentios, há muito que usam a acusação de antissemitismo contra qualquer um que questione a agenda sionista. Atualmente, até opiniões racionais baseadas em factos podem ser rotuladas como um «discurso de ódio». Como tal, sejamos claros. Existem três intervenientes separados nesta questão: os Hebreus — tecnicamente, o hebraico é o idioma da raça semita que originalmente habitava a área da Palestina, mas «Hebreus» passou a significar semitas judeus (ironicamente, os Palestínianos árabes são semitas); os judeus — aqueles que seguem a religião do judaísmo; e os sionistas — aqueles que apoiam um movimento político iniciado por indivíduos distantes da Palestina.

Embora a maioria concorde que é impróprio discriminar alguém por causa da sua raça ou religião, qualquer empreendimento político deve estar aberto a exames e críticas. No campo da política, foi muita a confusão gerada quanto a este tema. Os defensores do sionismo atacam habilmente há anos os seus opositores com a acusação do «antijudaísmo», de tal maneira que muitos estado-unidenses, tanto judeus como gentios, e especialmente os média, nem se atrevem a questionar as políticas de Israel (liderado por sionistas), por mais odiosas que estas possam ser. Mas, como será visto, os judeus no seu todo foram as principais vítimas e não os instigadores de uma conspiração dos Illuminati.

Para entender o sionismo e a sua relação com os Illuminati, torna-se necessário relembrar períodos pouco conhecidos da história judaica. Entre os anos 652 e 1016, na região entre o Mar Negro e o Mar Cáspio que hoje é essencialmente a Geórgia, existiu o reino da Khazaria. Em 740, o rei da Khazaria converteu-se ao judaísmo e, à semelhança dos Romanos com o imperador Constantino, os seus súbditos seguiram-lhe o exemplo. Muitos khazares fugiram para ocidente quando, em 969, a Khazaria foi invadida por migrantes escandinavos chamados Rus, ao que esta área passou a ser conhecida como Rússia. Os deslocados descendentes do Império Khazar migraram para a Europa Ocidental. Na Holanda, estes khazares, ou judeus asquenazes, como viriam a ficar conhecidos, prosperaram e começaram a espalhar-se por toda a Europa e depois para a América. De referir que, embora em momento algum estes indivíduos estivessem ligados aos Hebreus da Palestina, foram eles quem, todavia, deram origem ao sionismo. Arthur Koestler, autor judeu de *The Thirteenth Tribe*, explicava: «No século XII, surgiu na Khazaria um movimento messiânico, uma tentativa rudimentar de uma cruzada judaica, visando a conquista da Palestina pela força das armas. O iniciador do movimento seria um judeu khazar, um tal Solomon ben Duji (ou Ruhi ou Roy), auxiliado pelo seu filho Menahem e por um escriba palestiniiano. Eles escreveram cartas a todos os judeus, próximos e distantes, em todas as terras em redor. [...] Diziam ser chegado o tempo em que Deus levaria o Seu povo de todas as terras para Jerusalém, a cidade santa, e que Solomon ben Duji era Elias e o seu filho o Messias.» Mais tarde, o movimento de Duji ficaria conhecido como sionismo.

O jornalista inglês Douglas Reed, autor do influente livro *Insanity Fair* de 1938, escrevia no seu volume de 1978, *The Controversy of Zion*: «A partir [da época de Napoleão], a seita dominante dos judeus envidou todos os esforços para reduzir a autoridade dos judeus sefarditas originais e aumentar a dos seus congéneres asquenazes no Oriente; desde então, os asquenazes começaram a mudar-se para a Europa (e mais tarde para a América), para assumir a liderança da

revolução mundial e levar com eles por toda a parte o ataque a todo e qualquer governo, religião e nação legítima.»

Para complicar a situação, em 1666, um rabino cabalista chamado Sabbatai Zevi proclamou-se o tão aguardado Messias judeu. Zevi nasceu em 1626 numa família de judeus ricos da Anatólia — que abrangia a Ásia Menor e a maior parte da Turquia. Líder carismático, em meados do século xvii os seus seguidores incluíam cerca de metade da população judaica do mundo. A sua popularidade também era um resultado do recurso à Cabala Luriana, em homenagem ao rabino Isaac Luria, um místico quinhentista que proclamara uma nova versão da Cabala que usava numerologia e códigos para prever a vinda de um Messias. Zevi e os seus seguidores passaram a ser conhecidos como sabatianos.

O historiador israelita de origem alemã Gershom Scholem, uma autoridade da Cabala, descreveu o movimento sabatiano como «o maior e mais importante movimento messiânico da história judaica».

Em virtude das suas opiniões pouco ortodoxas, Zevi foi expulso de Jerusalém por líderes rabínicos, mas encontrou o apoio do sultão do Império Otomano e a sua seita floresceu até que o mesmo sultão começou a inquietar-se com o seu crescente poder. Zevi terá sido forçado a escolher entre «a cabeça ou o turbante», ou seja: a morte ou a conversão ao islão. Era uma escolha fácil. Para consternação de muitos dos seus seguidores, Zevi tornou-se muçulmano e assumiu o nome de Aziz Mehmed Effendi (o Poder de Maomé). Alguns apoiantes desculpavam esta conversão ao acreditar que, como novo Messias, Zevi representava uma oportunidade de fundir as duas religiões.

Alguns estudiosos veem nas novas interpretações ensinadas na Cabala Luriana a justificação espiritual do sionismo proativo que acabaria por levar à criação de Israel.

Zevi e os seus sabatianos exerciam uma forma de prática religiosa contrária. Eles acreditavam que, ao violar as antigas leis judaicas, o novo Messias mais facilmente os poderia elevar à redenção. Banqueteavam-se em dias de jejum, comiam alimentos proibidos pela

lei judaica e acreditavam na transmigração das almas ou reencarnação. Outro aspeto da teologia dos sabatianos envolvia o sigilo.

O antropólogo e autor Robert Sepehr, no seu livro *1666: Redemption through Sin*, de 2015, explicava a visão sabatiana do sigilo: «Este tema de uma identidade secreta, dissimulada ou oculta tornou-se parte desta filosofia religiosa em evolução. Essencialmente, um ato verdadeiro não pode ser cometido publicamente, diante dos olhos do mundo. Como a fé verdadeira, o ato verdadeiro era ocultado, visto que só por meio da ocultação ele poderia negar a falsidade do que é explícito. Por intermédio de uma revolução de valores, o que antes era sagrado tornou-se profano e o que antes era profano tornou-se sagrado.»

Após a morte de Zevi em 1676, a liderança do movimento recaiu sobre Jacob Frank, nascido numa região da atual Ucrânia que na altura pertencia à Polónia, que alegava ser a reencarnação de Zevi, bem como do patriarca bíblico Jacob. Adotando a prática sabatiana de se fazer passar por algo que não era, Frank pregava aos seus seguidores que a única maneira de se preservarem era fazerem-se passar por cristãos. Segundo ele, a queda e destruição da sociedade eram a única maneira de salvar a humanidade. Os sabatianos, que passaram a incluir muitos membros da classe média judaica, depressa se tornaram conhecidos por praticar o frankismo — sendo também conhecidos como frankos iluminados ou sabatianos. Tratava-se de um sistema de crenças que desprezava as rígidas regras judaicas, incluindo as da modéstia, e até aprovava a troca de mulheres, as orgias sexuais e o incesto.

Praticando uma forma primitiva de «Faz o que queres», Frank pregava a visão gnóstica de que o Deus do Antigo Testamento era mau e que a forma mais apropriada de imitar o Deus verdadeiro era transgredir todos os velhos tabus. Afirmando que «nenhum homem pode escalar uma montanha sem que primeiro tenha descido ao seu sopé», ele explicava que, para sermos livres, temos primeiro que descartar todas as convenções. Praticava esta filosofia convertendo-

se tanto ao catolicismo como ao islamismo e dormindo com certos membros do seu rebanho, incluindo a sua filha Eva Frank. Talvez numa referência à ideologia frankista da endogamia, o professor de História Howard M. Sachar observava: «Além disso, ao fazer por proteger as suas vastas propriedades, estas dinastias judaicas [associados e parentes dos Rothschild] frequentemente consideravam útil nos Estados Unidos e na Europa Ocidental casarem-se entre si. Não esqueçamos que Solomon Loeb e Abraham Kuhn se casaram com as respetivas irmãs, e Jacob Schiff tornou-se um sócio imediato ao casar-se com a filha de Loeb. Por sua vez, Felix Warburg, descendente de uma distinta família bancária de Hamburgo, assegurou um lugar de topo na Kuhn, Loeb [& Co.], ao casar-se com a filha de Schiff, Frieda. O irmão de Felix, Paul, casou-se com a filha de Solomon Loeb, Nina — filha da segunda mulher —, e, assim, tornou-se tio do seu próprio irmão. Outro sócio, Otto Kahn, casou-se com Adelaide Wolff, filha de um dos investidores originais da empresa. Na Goldman, Sachs & Co., dois filhos de Sachs casaram-se com duas filhas de Goldman.»

As autoridades eclesiásticas polacas tentaram proibir o frankismo, a «heresia sabatiana», numa assembleia em Lwów, em 1722, mas isto teria um efeito marginal. Em 1786, Frank mudou-se para as redondezas de Frankfurt, na Alemanha, e é aqui que os seus contactos se tornam importantes para a nossa história. De repente, os seus anteriores problemas financeiros acabaram. De acordo com o rabino Marvin S. Antelman, um bioquímico de renome internacional e juiz do Supremo Tribunal Rabínico dos Estados Unidos, Frank ficou subitamente rico graças ao apoio do judeu alemão Meyer Amschel Bauer, que mais tarde assumiria o nome de Mayer Amschel Rothschild (Escudo Vermelho) e que estabelecera uma casa bancária em Frankfurt por volta de 1764. Um antigo escudo vermelho de Rothschild ostentava a estrela de seis pontas de David.

Os Rothschild são judeus asquenazes, ou seja, judeus originários da Europa Oriental. Muitos investigadores afirmam que, na realidade, serão descendentes dos Khazares. Por altura da II Guerra Mundial,

os judeus asquenazes representavam 92% dos judeus do mundo. Segundo a Universidade Hebraica de Jerusalém, existem atualmente mais de 10 milhões de judeus asquenazes em todo o mundo, incluindo 2,8 milhões em Israel.

No seu livro de 1976, Koestler referia: «Isto foi escrito antes que a verdadeira extensão do Holocausto fosse conhecida, mas não altera o facto de a grande maioria dos judeus sobreviventes ser do Leste da Europa — e, como tal, talvez principalmente de origem khazar. A ser esse o caso, tal significaria que os seus antepassados não vieram do Jordão, mas do Volga, não de Canaã, mas do Cáucaso, o qual era considerado o berço da raça ariana; e que geneticamente eles são mais intimamente aparentados com as tribos Hun, Uigur e Magiar do que com a semente de Abraão, Isaac e Jacob. A ser verdade, o significado do termo “antisemitismo” tornar-se-ia vazio, com base num equívoco partilhado pelos assassinos e pelas suas vítimas. A história do Império Khazar, à medida que lentamente vai emergindo do passado, começa a parecer o embuste mais cruel que a História alguma vez perpetrou.»

Um estudo de ADN realizado em 2014, financiado pelos National Institutes of Health e pela National Science Foundation dos EUA, juntamente com várias fundações privadas, apurou que os judeus asquenazes vieram da área da Mesopotâmia, Médio Oriente, há mais de vinte mil anos. Isto reforça a ideia de que poderão ser descendentes dos antigos Sumérios que fugiram para norte após a devastação da Suméria nos primeiros tempos bíblicos. A favor desta ideia, deve ser referido que, durante o século xx, os Rothschild foram os maiores mecenas financeiros de escavações arqueológicas na Mesopotâmia e na Palestina. A famosa escavação de Masada na década de 1950 tinha na realidade o nome de «Edmond de Rothschild Masada Dig». Várias fontes afirmam que os Rothschild acreditam ser descendentes do deus-rei sumério Nimrod, bisneto de Noé. De acordo com a prestigiada publicação genealógica *Burke's Peerage*, uma criança Rothschild nascida em 1922 recebeu o nome de Albert Anselm Salomon Nimrod Rothschild. Segundo a lenda,

Nimrod foi a primeira pessoa a procurar o poder para si própria e esse desejo de poder gerou crueldade e decadência.

Outros membros da elite abastada há muito que se associam à realeza do passado e aos deuses antigos. Não importa se alguém acredita em tais ligações. A questão é que eles acreditam. «Existem famílias importantes que se autodenominam Filhos de Marduk, os Bush e os *banksters*², algo que pode lançar um pouco de luz sobre o porquê de a Terra se encontrar na presente situação. Eles são os que lucram com a guerra e as doenças», escrevia em 2016 James Gilliland, autor do livro *Anunnaki Return, Star Nations and the Days to Come*.

Mayer Rothschild, talvez conhecedor da destreza dos banqueiros khazarianos que viviam ao longo da comercial Rota da Seda, desenvolveu o conceito da reserva fracionária, a prática de emprestar mais dinheiro do que um banco possui. Os seus cinco filhos exportaram a sua perspicácia financeira e acabaram por controlar os bancos centrais de Inglaterra, França, Alemanha, Áustria e Itália. Antelman explicava: «Na época, Frankfurt era a sede dos Jesuítas, de Adam Weishaupt, fundador dos Illuminati, bem como do império financeiro dos irmãos Rothschild. Vale a pena repetir: Frankfurt foi o berço dos Illuminati e do Império Rothschild. Quando Jacob Frank entrou na cidade, a aliança entre os dois já havia começado. Weishaupt forneceu os recursos conspiratórios da Ordem dos Jesuítas, enquanto os Rothschild contribuíram com o dinheiro. O que faltava era um meio para divulgar a agenda dos Illuminati...»

Esta peça em falta viria a ser Jacob Frank, que acrescentou o misticismo da Cabala judaica à estrutura dos Illuminati de Weishaupt, apoiada pelo suporte financeiro de Rothschild. Os frankistas também alargariam o alcance da Ordem com a sua rede de agentes nos mundos cristão e islâmico.

Segundo Antelman, Rothschild convenceu Weishaupt a aceitar a doutrina frankista, que incluía a subversão das religiões do mundo e a criação de um governo mundial com sede em Jerusalém. Esta seria uma tentativa inicial de criar um estado judaico na Palestina.

O jornalista canadiano Barry Chamish, formado pela Universidade Hebraica de Jerusalém e que lutou com a Força de Defesa Israelita (IDF) na Guerra do Líbano de 1982, escreveu: «Todos temos uma enorme dívida para com o rabino Marvin Antelman, o primeiro judeu a tentar decifrar a verdadeira conspiração para destruir os judeus e o judaísmo, que, como todos sabemos, se encontra atualmente em pleno andamento. Em 1974, antes de qualquer um de nós ter ouvido falar dos Illuminati ou do Conselho de Relações Externas (CFR), o rabino Antelman publicou o seu livro *To Eliminate the Opiate* e pôs a descoberto a guerra secreta contra a religião destes dois últimos, concentrando-se no seu plano de batalha para extinguir o judaísmo, mas também com grandes implicações para o cristianismo.

Este livro [...] foi elogiado pela sua profunda erudição, mesmo por investigadores que claramente não têm grande amor pelos judeus. A sua principal conquista foi provar que os judeus são as principais vítimas da Nova Ordem Mundial, não os seus principais promotores.»

O rabino Antelman escreveu que, embora os Illuminati estivessem a ser expostos e proibidos na Alemanha, Weishaupt já tinha posto em marcha a disseminação dos objetivos dos Illuminati noutras nações. Infiltrando agentes dos Illuminati nas lojas maçónicas de Inglaterra e da Escócia, os Illuminati não tardariam a ter centros de atividade tanto na Alemanha como na Grã-Bretanha. Segundo Chamish: «Foi da Alemanha para Londres que os judeus apóstatas Karl Marx e Friedrich Engels foram enviados para criar a podridão do comunismo. Logo após a conclusão desta tarefa, os Rothschild enviaram os seus agentes John Jacob Astor e Jacob Schiff da Alemanha para os Estados Unidos. Eles financiaram barões gatunos como Rockefeller e Morgan, que em 1922 fundaram o Conselho de Relações Externas (CFR), para derrubar a Constituição estado-unidense e transferir a diplomacia daquele país para o iluminismo.»

De acordo com Chamish, foram os sabatianos que iniciaram o sionismo — cujo nome se deve ao Monte Sião nos arredores de Jerusalém — com o objetivo final de criar um estado sabatiano na Palestina, a pátria histórica dos Hebreus semitas. Mas o progresso

sionista foi lento. As conferências de rabinos realizadas em 1845, 1869 e 1885 rejeitaram todas elas o apelo ao regresso à Palestina. Frustrados, os sionistas consideraram ser necessário um impulso que forçasse os judeus a voltar para a sua terra natal. Foi então que os sabatianos tomaram a iniciativa na Rússia, formando organizações socialistas e incentivando o governo czarista a aumentar os pogrons contra o povo judeu. «O acordo era simples: os Jesuítas forneciam os cossacos; os frankistas, os comunistas. E, naturalmente, os Rothschild forneciam a massa», explicou Chamish.

«Os frankistas estavam empenhados não apenas na erradicação e humilhação da maioria da comunidade judaica, que se recusava a aceitar os seus desvios [...], mas de todas as religiões, e tiraram partido dos ideais sionistas para dissimular a sua demanda do domínio mundial. Os frankistas acreditavam que [...] tudo o que havia sido proibido [pela Torá] era agora permitido, ou mesmo obrigatório. Isto incluía uniões sexuais proibidas, orgias e incesto...», escreveu David Livingstone, autor de *Terrorism and the Illuminati: A Three-Thousand-Year History*.

Um jornalista vienense chamado Theodore Herzl depressa se tornou o líder do sionismo com a publicação do seu livro *Der Judenstaat* (O Estado Judaico) em 1896. Foi referido que Herzl afirmava ter escrito o livro durante um verão em Paris. Todavia, também foi alegado que o livro teria sido escrito para ele pelos sabatianos. «Herzl não estava em Paris na altura em que supostamente escreveu o livro mais influente do sionismo», observou Chamish. «Só pode ter sido escrito por outros. Quem lê as pavorosas peças de teatro de Herzl só pode duvidar da sua repentina ascensão da mediocridade literária.»

Herzl tornou-se o rosto do sionismo, em especial com o seu «sionismo político», que defendia que qualquer área podia ser considerada território judeu. Partiu para a Grã-Bretanha em 1901, onde tentou encontrar um santuário judeu na África Oriental, controlada pelos Ingleses. «Se esta ideia vingasse, teria neutralizado o plano dos sabatianos [para um estado na Palestina]», disse

Chamish, acrescentando: «Herzl morreu pouco tempo depois e nenhuma biografia sua nos diz como. Deu entrada num sanatório de Paris por causa de um problema desconhecido e nunca de lá saiu.»

Os maçons ingleses, influenciados pela teologia dos sabatianos e dos Illuminati, escolheram um judeu de formação alemã chamado Chaim Weizmann para suceder a Herzl. Seria perto do fim da I Guerra Mundial que o objetivo do sionismo sabatiano/frankista seria concretizado. A Inglaterra estava em guerra com o Império Otomano, que controlava a Palestina. Weizmann reuniu-se com David Lloyd George, que em 1916 se tornara primeiro-ministro britânico, e com Arthur Balfour, que se tornara secretário dos Negócios Estrangeiros. Weizmann garantiu o apoio destes dois políticos-chave. O impulso final para o sionismo surgiria em 1917, quando, depois de passar pelo Parlamento britânico, o sionista e segundo lorde Lionel Walter Rothschild — filho mais velho de Nathan Rothschild, que em 1815 controlava o Banco de Inglaterra — recebeu uma carta do secretário Balfour, na qual este aprovava o plano de Rothschild para criar uma «pátria» para os judeus na Palestina. Mais tarde, esta carta ficaria conhecida como a Declaração Balfour. Em 1922, a Liga das Nações aprovou o mandato de Balfour na Palestina, abrindo assim caminho para a posterior criação de Israel. O barão Edmond de Rothschild, que construiu o primeiro oleoduto entre o Mar Vermelho e o Mediterrâneo para levar o petróleo iraniano para Israel e fundou o Israel General Bank, ficaria conhecido como «o pai do Israel moderno». Hoje, alguns escritores da conspiração acreditam que o plano de Rothschild para criar um estado israelita na Palestina era mais uma questão de consolidar uma posição no Médio Oriente, rico em petróleo, do que um genuíno desejo de construir uma pátria judaica. «A Declaração Balfour pode ter sido entregue por patrícios diplomatas britânicos no esplendor imperial de Whitehall, mas, sob muitos aspetos, tinha sido concebida 300 quilómetros mais a norte, entre os imigrantes judeus de segunda geração da industrial Manchester [onde] Chaim Weizmann e um bando de ambiciosos jovens intelectuais e empresários judeus lançaram uma campanha

inicial que culminaria na declaração de 1917», escreveu Josh Glancy numa edição de 2012 do *The Jewish Chronicle Online*.

Os sionistas levariam a sua agenda ainda mais longe durante a I Guerra Mundial com um audacioso esquema que tem sido larga e diligentemente mantido longe do conhecimento do público. Benjamin Harrison Freedman, um judeu estado-unidense coproprietário da Woodbury Soap Company, que quando jovem se convertera ao catolicismo romano, revelaria a seguinte história alternativa em 1961, durante um discurso no Willard Hotel em Washington, D. C.:

Mil novecentos e catorze foi o ano em que eclodiu a I Guerra Mundial. São poucas as pessoas aqui da minha idade que se lembram disso. Ora, essa guerra foi travada de um lado pela Grã-Bretanha, França e Rússia; e, do outro, pela Alemanha, Áustria-Hungria e Turquia [Império Otomano]. O que aconteceu?

No espaço de dois anos, a Alemanha tinha vencido a guerra: não só nominalmente, mas vencera-a de facto. Os submarinos alemães, que surpreenderam o mundo, tinham eliminado todos os comboios do Oceano Atlântico, e a Grã-Bretanha estava ali sem munições para os seus soldados, estava ali com uma semana de alimentos — e, depois disso, a fome.

Naquela época, o exército francês amotinara-se. Tinha perdido seiscentos mil da flor da juventude francesa na defesa de Verdun no Somme. O exército russo estava a desertar. Estavam a pegar nos seus brinquedos e a voltar para casa, já não queriam brincar à guerra, não gostavam do czar. E o exército italiano entrara em colapso.

Ora, na Alemanha — nenhum tiro tinha sido disparado em solo alemão. Nenhum soldado inimigo havia cruzado a fronteira para a Alemanha. Todavia, lá estava a Alemanha a oferecer condições de paz à Inglaterra. Ofereceu à Inglaterra uma paz negociada segundo aquilo a que os advogados chamam *statu quo ante*. Isto significa: «Vamos acabar com a guerra e deixar tudo como estava antes de a guerra começar.»

Bem, no verão de 1916, a Inglaterra estava a pensar nisto. A sério! Não tinha escolha. Era uma questão de aceitar aquela paz negociada que a Alemanha magnanimamente oferecia, ou continuar a guerra e ser completamente derrotada.

Entretanto, os sionistas da Alemanha, que representavam os sionistas da Europa Oriental, foram ao Departamento de Guerra britânico e — vou ser breve, porque esta é uma longa história, mas tenho todos os documentos para provar qualquer afirmação minha, se alguém aqui estiver curioso ou não acreditar que aquilo que estou a dizer seja de todo possível —, os sionistas em Londres foram ao Departamento de Guerra britânico e disseram: «Prestem atenção. Vocês ainda podem vencer esta guerra. Não têm de desistir. Não têm de aceitar a paz negociada que a Alemanha agora vos oferece. Podem vencer esta guerra se os Estados Unidos entrarem como vossos aliados.»

Os Estados Unidos não estavam na guerra naquela altura. Estávamos frescos;

éramos jovens; éramos ricos; éramos poderosos. Eles [os sionistas] disseram à Inglaterra: «Nós garantimos que trazemos os Estados Unidos para a guerra como vossos aliados, para lutar do vosso lado, se vocês nos prometerem a Palestina depois de vencerem a guerra.»

Por outras palavras, eles fizeram este acordo: «Nós metemos os Estados Unidos nesta guerra como vossos aliados. O preço que vocês têm de pagar é a Palestina, depois de ganharem a guerra e derrotarem a Alemanha, Áustria-Hungria e Turquia.»

Em todas as áreas dos Estados Unidos, os sionistas distribuíram informação em massa e propaganda antialemã para incentivar o Congresso e o público. Mas, como tantas vezes ao longo da História, seria necessária uma provocação para levar à guerra um público recalcitrante. Esta provocação foi o naufrágio do transatlântico *Lusitania*.

O britânico Winston Churchill, nomeado primeiro lorde do Almirantado em 1911, queria que os Estados Unidos se unissem à Inglaterra como aliados. Num livro posterior, *The World Crisis*, Churchill escreveu: «A manobra que traz um aliado para o campo é tão útil como a que vence uma grande batalha.»

Segundo as regras bélicas em vigor, os navios de guerra britânicos e alemães deviam dar à tripulação dos navios inimigos a oportunidade de se salvar antes de os afundar. Para os submarinos, isto significava vir à superfície e desafiar o inimigo. Em 1914, Churchill ordenou que os navios mercantes britânicos ignorassem qualquer desafio e até contra-atacassem se estivessem armados. Esta ordem forçava os comandantes dos submarinos alemães a lançar os torpedos enquanto submersos por uma questão de proteção. Churchill também ordenou que os navios britânicos removessem os seus nomes dos cascos e que usassem bandeiras de países neutros quando estivessem aportados. Churchill admitiu voluntariamente que as suas ordens eram uma manobra para fazer com que os Alemães atacassem navios neutros, o que envolveria outras nações na guerra. A sua manobra resultou. A 7 de maio de 1915, o comandante de um submarino alemão torpedeou o navio britânico *RMS Lusitania* na sua rota entre Nova Iorque e Liverpool. Quase duas mil pessoas foram ao fundo com o navio, incluindo 128

estado-unidenses. Este ato desencadeou uma tempestade de sentimentos antialemães nos Estados Unidos, tempestade essa alimentada pela imprensa dominada por Rockefeller e Morgan.

Apenas anos mais tarde os factos do afundamento do *Lusitania* viriam a público. Contrariamente às alegações de neutralidade dos EUA, o navio transportava 600 toneladas de algodão-pólvora, seis milhões de cartuchos de munição, 1248 caixas de projéteis de estilhaços, além de outro material de guerra. A Embaixada Imperial Alemã em Washington, ciente de que toneladas de material de guerra estavam a ser transportadas para a zona de guerra em redor da Inglaterra, além de protestar em vão junto do governo dos EUA, fez um esforço para evitar uma tragédia. Os funcionários da embaixada tentaram publicar anúncios em cinquenta jornais da Costa Leste.

O anúncio dizia: «AVISO! Relembra-se aos viajantes que pretendam embarcar na viagem atlântica que existe um estado de guerra entre a Alemanha e os seus aliados e a Grã-Bretanha e os seus aliados; que a zona de guerra inclui as águas adjacentes às Ilhas Britânicas; que, em conformidade com a notificação formal do Governo Imperial Alemão, os navios que arvoram pavilhão da Grã-Bretanha ou de qualquer um dos seus aliados estão sujeitos à destruição nessas águas e que os viajantes que navegam na zona de guerra em navios da Grã-Bretanha ou dos seus aliados o fazem por sua conta e risco.»

Dos cinquenta jornais previstos para publicar este aviso, apenas o *Des Moines Register* o fez na data solicitada, isto em virtude da intervenção do Departamento de Estado dos EUA. Representantes do governo intimidaram os editores a retirar os anúncios alegando que, face à possibilidade de ações por difamação, eles deviam primeiro obter a aprovação dos advogados do Departamento de Estado.

O presidente Woodrow Wilson foi alertado para a situação, mas não fez nada para impedir o embarque ou alertar a tripulação para o perigo. Numa confirmação para aqueles que acreditavam que o *Lusitania* fora conscientemente enviado ao encontro do seu fatídico destino, o comandante britânico Joseph Kenworthy, de serviço

quando o navio se afundou, revelaria mais tarde que a sua escolta militar tinha retirado no último instante e que o comandante recebera ordens para reduzir a velocidade numa área onde se sabia que um submarino alemão se encontrava ativo. Os sobreviventes e investigações posteriores revelariam que o torpedo alemão não afundou o *Lusitania*. A destruição foi causada por uma explosão interna secundária, provavelmente as toneladas de explosivos e munições armazenadas no navio. O Alto Comando Alemão, num diligente esforço para evitar antagonizar os Estados Unidos após o naufrágio de diversos navios mercantes, incluindo o *Lusitania*, suspendeu a guerra submarina irrestrita em setembro de 1915.

Se o naufrágio do *Lusitania* foi forçado ou não, o incidente não foi o suficiente para levar o cauteloso público estado-unidense a agir. Apesar de todas as manobras por parte de Wilson e Churchill, seriam os próprios alemães que finalmente empurrariam os Estados Unidos para a guerra. O acontecimento em questão envolveu o México e, mais especificamente, o homem que mais do que qualquer outro foi o responsável pelo desfecho da I Guerra Mundial. Tratava-se de Arthur Zimmermann, que em janeiro de 1917 havia sido nomeado ministro do Exterior da Alemanha. A 16 de janeiro, ele enviou um telegrama codificado ao embaixador alemão no México por meio do seu congénere em Washington, D. C., autorizando a proposta de uma aliança alemã com o México e o Japão — duas nações que tinham relações tensas com os Estados Unidos. Na época, o brigadeiro-general John «Black Jack» Pershing, que se tornaria o comandante da Força Expedicionária Americana em França, encontrava-se em perseguição do revolucionário mexicano Pancho Villa. Zimmermann avisou o presidente mexicano Venustiano Carranza de que a Alemanha estava prestes a retomar a guerra submarina irrestrita. No caso de guerra com os Estados Unidos, a Alemanha prometia ajudar o México a «recuperar pela conquista os seus territórios perdidos no Texas, Arizona e Novo México».

Embora esta promessa fosse, muito provavelmente, apenas uma das manobras diplomáticas habituais em tempo de guerra, foi

simplesmente o catalisador necessário para colocar os Estados Unidos na guerra. O telegrama sensacional foi interceptado por criptógrafos britânicos que passaram dias a decifrar o documento antes de este ser entregue ao embaixador americano a 25 de fevereiro. O telegrama foi tornado público a 1 de março e inicialmente recebido com grande ceticismo. Acreditava-se que o texto fosse um ardil criado pelos Franceses e Ingleses para levar os Estados Unidos a entrar na guerra.

Mas qualquer dúvida sobre a autenticidade do telegrama desapareceu a 3 de março numa conferência de imprensa em Berlim. Ali, um correspondente da Hearst, que mais tarde se viria a descobrir que era um agente alemão, deu a Zimmermann todas as oportunidades para negar o telegrama. «É claro que Vossa Excelência há de negar esta história», insistiu o correspondente. Então, inexplicavelmente, Zimmermann anunciou: «Não posso negar. É verdade.» Esta simples confissão produziu o efeito desejado nos EUA. Os editoriais lançaram-se contra o «Huno» e a pressão pública a favor da guerra contra o Kaiser [imperador] alemão tornou-se irresistível. Wilson, que tinha sido reeleito em 1916 com o lema «Ele manteve-nos fora da guerra», declarou guerra à Alemanha a 6 de abril de 1917. Oito dias depois, o dinheiro começou a fluir quando a aprovação da Lei dos Empréstimos de Guerra autorizou um crédito de mil milhões de dólares aos bancos vazios dos Aliados.

Em 1936, a Comissão Especial para a Investigação da Indústria de Munições do Congresso, mais conhecida como Comissão Nye — nome do seu presidente, o senador Gerald Nye —, deu a saber que enquanto os Estados Unidos haviam emprestado cerca de 27 milhões de dólares à Alemanha entre 1915 e 1917, durante o mesmo período, os empréstimos ao Reino Unido e seus aliados totalizavam 2,3 mil milhões de dólares. Segundo a mesma comissão, os Estados Unidos não entraram na guerra por causa do telegrama de Zimmermann, mas antes porque não se podiam dar ao luxo de a Inglaterra perder a guerra.

Com a chegada das novas forças expedicionárias estado-

unidenses no fim daquele ano, a guerra chegou realmente a um impasse, resultando no armistício de 1918 e no Tratado de Versalhes, que foi tão vexatório para os Alemães que apenas serviu para abrir caminho à ascensão de Hitler e dos seus nazis. Os únicos verdadeiros vencedores desta guerra foram os sionistas, visto que receberam a Palestina, «oferecida» pelos Ingleses após a derrota dos Turcos Otomanos. Mas ainda lhes restava um grande problema. Muitos judeus ortodoxos não subscreviam o sionismo, argumentando que, quando chegasse, o Messias havia de designar a sua nova pátria e que eles não deviam tirar terras a residentes autóctones. Além disso, a maioria dos judeus que viviam na Europa não estava propriamente desejosa de se mudar para o Médio Oriente. Para resolver este problema, Balfour recrutou o rabino de origem russa Abraham Isaac Kook na qualidade de primeiro rabino da Palestina, enquanto Weizmann era nomeado primeiro diretor da Agência Judaica. Kook, ao mesmo tempo que introduzia a ideia da «pureza da redenção da terra», não se coibia de se apropriar das terras e dos direitos políticos tanto dos Palestinianos como dos judeus ortodoxos.

Entretanto, na Europa, traçavam-se planos no seio dos sionistas sabatianos/frankistas para forçar os judeus a partir para a Palestina. Na Alemanha, Adolf Hitler chegava ao poder graças à ajuda de bancos e empresas estrangeiras, incluindo o Banco de Inglaterra, o City National Bank (atual Citigroup), a Union Banking Corp. (representada por Prescott Bush, pai do presidente George H. W. Bush), a Ford Motor Co., a Rockefellers' Standard Oil e a IBM.

Quando Hitler se tornou chanceler em 1933, menos de um por cento dos judeus alemães apoiavam o sionismo. Mas a vida dos judeus alemães foi piorando à medida que os nazis reforçavam a sua agenda antissemita. Segundo Barry Chamish, muitos tentaram escapar ao nazismo de barco, rumo aos portos da América do Sul e do Norte, mas as nações ocidentais não os aceitaram. «Qualquer judeu alemão que rejeitasse a Palestina como abrigo seria devolvido, ao encontro da sua morte», observou Chamish. «Em 1934, a maioria dos judeus alemães já percebera o recado e voltara-se para a única

organização judaica permitida pelos nazis, os sionistas trabalhistas.»

No início da sua carreira, Hitler apoiou os pontos de vista do economista alemão Gottfried Feder, que defendia o controlo monetário por meio de um banco central nacionalizado, e não de bancos privados, e propunha que os interesses financeiros haviam escravizado a população ao controlar a oferta de moeda. Uma das plataformas do Partido Nazi seria a quebra da «escravidão das dívidas», ou seja, o pagamento de juros. «Ao ouvir a primeira palestra de Gottfried Feder sobre “A Quebra da Tirania do Juro”, soube imediatamente que a questão envolvia uma verdade teórica que seria de enorme importância para o futuro do povo alemão», escreveu Hitler em *Mein Kampf*. «... o desenvolvimento da Alemanha já surgia diante dos meus olhos com demasiada clareza para eu não saber que a batalha mais difícil tinha de ser travada, não contra nações hostis, mas sim contra o capital internacional. [...] A luta contra a finança internacional e o capital de empréstimo tornou-se o ponto mais importante no programa de luta da nação alemã pela sua independência e liberdade.» Este ponto de vista de Hitler acabaria por se limitar apenas às finanças judaicas.

No seu esforço para se libertar dos banqueiros internacionais, Hitler não seguiu a vontade da elite endinheirada e não pediu dinheiro emprestado. Em vez disso, emitiu o seu próprio dinheiro livre de dívidas, os «Reichmarks», e pôs os Alemães a trabalhar de novo em projetos públicos, como o sistema de autoestradas, outras obras públicas e a produção de material de guerra.

Nos Jogos Olímpicos de Berlim de 1936, a Alemanha tinha-se tornado uma potência económica, praticamente sem desemprego e com um sistema monetário estável. A elite rica não podia permitir que o resto do mundo visse os benefícios do dinheiro sem juros, conforme almejado por Benjamin Franklin, Thomas Jefferson e muitos outros ao longo da História. Winston Churchill, membro da elite aristocrática e rica, resumiu a questão quando disse: «O crime imperdoável da Alemanha antes da II Guerra Mundial foi a tentativa de libertar o seu poder económico do sistema mundial de comércio e criar um

mecanismo de troca independente que negaria às finanças mundiais a sua oportunidade de lucrar.»

Para agravar os problemas dos judeus na Alemanha surgiria o Acordo de Transferência (*heskem haavara* em iídiche), assinado a 25 de agosto de 1933 entre o novo governo nazi e os judeus sionistas alemães, o qual facilitava a imigração dos judeus para a Palestina, mas apenas depois de estes serem forçados a desistir das suas posses em troca de mercadorias alemãs exportadas, que eles receberiam uma vez instalados na Palestina.

Conforme pormenorizado no livro premiado de Edwin Black, datado de 1983, *The Transfer Agreement: The Dramatic Story of the Pact between the Third Reich and Jewish Palestine*, o Acordo de Transferência, que permitiu a deslocação de cerca de 60 mil judeus e de cem milhões de dólares em bens para a Palestina, foi assinado em troca da suspensão de um boicote mundial às mercadorias alemãs iniciado pelos sionistas em resposta à eleição de Hitler. «O acordo funcionava assim», explicou Chamish. «Primeiro, os judeus alemães eram doutrinados no bolchevismo nos campos sionistas trabalhistas e depois, com aprovação britânica, eram transferidos para a Palestina. A maioria já lá estava quando os Ingleses publicaram o Livro Branco que proibia mais imigração judaica. Os sionistas trabalhistas obtiveram os judeus que queriam, e, sem fazer qualquer esforço pela sua sobrevivência, deixaram que milhões de judeus religiosos e outros não-frankistas morressem na Europa.»

Ele acrescentava ainda: «A esta trama contra os judeus acrescentamos os Jesuítas, que desejavam fervorosamente destruir a terra que produziu Lutero [Alemanha] [...] [e] os Estados Unidos, onde a liderança judaica usou todos os seus contactos e recursos para garantir que os indesejados judeus não-sabatianos da Europa nunca mais veriam a luz do dia.»

De acordo com Ralph Schoenman, ex-secretário pessoal do filósofo e socialista britânico Bertrand Russell, foram de facto os sionistas que romperam o boicote aos bens alemães após a eleição de Hitler em 1933. Ele escreveu: «Em 1933, [o] Congresso da

Organização Mundial Sionista [WZO] anulou uma resolução que solicitava a ação contra Hitler, isto com uma votação de 240-43. Durante este mesmo Congresso, Hitler anunciou um acordo comercial com o Banco Anglo-Palestino da WZO, quebrando assim o boicote judaico ao regime nazi, numa época em que a economia alemã se encontrava extremamente vulnerável. Estávamos no auge da Depressão e as pessoas carregavam carrinhos de mão cheios de marcos alemães que não valiam nada. A Organização Mundial Sionista rompeu o boicote judaico e tornou-se o principal distribuidor de mercadorias nazis no Médio Oriente e no Norte da Europa. Estabeleceu o *Ha'avara*, que era um banco na Palestina concebido para receber dinheiro da burguesia judaico-alemã, com o qual foram compradas mercadorias nazis em quantidades muito substanciais.»

Henry Makow, ele próprio judeu, seria ainda mais contundente quando escreveu em «The Half-Jewish Conspiracy» em 2015:

A praga satânica que devora a humanidade teve origem no culto sabatiano/frankista, um movimento satânico judeu baseado na Cabala que absorveu metade dos judeus da Europa no século XVII/XVIII. Eles eram camaleões. Fingindo converter-se, estes judeus satanistas infiltraram-se e subverteram todas as religiões, organizações e governos importantes. São os progenitores dos Illuminati, do sionismo, do comunismo, do fascismo e controlam a Maçonaria. A NWO [Nova Ordem Mundial] é o seu objetivo. Em 1988, o rabino Gunther Plaut descrevia nestes termos o fundador dos Illuminati, Jacob Frank, e dava a entender que os nazis eram uma criação sabatiana/frankista.

O escritor Livingstone também via os sionistas sabatianos/frankistas como a força por trás dos Illuminati, dos nazis e de movimentos mais modernos. Ele afirmava ter traçado a genealogia das linhagens khazarianas, as quais incluem os Rothschild, os Habsburgo, os Sinclair, os Stuart, os Merovíngios, os Lusignan e os Windsor. «O grande segredo da História é esta história da ascensão dos cabalistas hereges ao poder mundial», escreveu Livingstone. «Os judeus comuns e as pessoas em geral não fazem ideia de como estão a ser manipulados.»

Ele acrescentava ainda: «É fácil reconhecer a origem do comunismo e do anarquismo nesta filosofia demente. É fácil

reconhecer o terror das revoluções Francesa e Bolchevique, os *gulags* soviéticos e os campos de concentração nazis, os campos de extermínio do Camboja e da China, o “Choque e Pavor” do Iraque e a poeira do World Trade Center. É fácil reconhecer que esta seita judaica degenerada é a razão pela qual todos os judeus foram manchados pela suspeita de imoralidade e subversão. Muitos judeus foram enganados pela promessa comunista (frankista) de justiça económica e propriedade pública. (É isto que os cabalistas querem dizer com “magia” — engano e mentira.) No entanto, os judeus comuns têm sido lentos a distanciar-se deste movimento pernicioso e das suas manifestações sionistas, neoconservadoras e maçónicas (que não são o que fingem ser).»

Um dissidente judeu do sionismo é Josef Antebi, um rabino judeu ortodoxo nascido na Palestina, mas transferido para Amesterdão. Ele disse à Jewish Telegraphic Agency (JTA) que tinha sido torturado e exilado da sua pátria em Israel porque, como muitos judeus ortodoxos, rejeitava o sionismo. No verão de 2013, então com 50 anos, foi agredido nas ruas de Amesterdão. Disse a um repórter alemão: «O culpado é o estado sionista, que está a fazer muitas coisas más às pessoas.»

Antebi é um dos *Neturei Karta* (Guardiões da Cidade) que se consideram «verdadeiros judeus», opõem-se ao sionismo e acreditam que uma terra prometida lhes será dada pelo Messias judeu quando ele vier. Ignorados pelos grandes média e vistos como um culto pela Liga Anti-Difamação (ADL), um ramo ativista do sionismo, o rabino Antebi e o seu grupo acreditam que Israel está a criar problemas em todo o mundo e devia ser «desmantelado» pacificamente. Estas ideias encontrariam eco no autor Henry Makow, que escreveu:

A maioria dos judeus não tem conhecimento da agenda dos Illuminati. [...] Os Illuminati escondem-se atrás das saias dos judeus comuns. O culto que sequestrou o mundo é o minúsculo núcleo de banqueiros e maçons cabalistas, com sede em Londres e dirigido pela Casa de Rothschild.

Eles governam por intermédio do seu subtil controlo das grandes corporações (cartéis — especialmente finanças, petróleo, defesa, produtos farmacêuticos, média); governo, meios de comunicação social, sociedades secretas, agências de

informações, militares, direito, igrejas, fundações, grupos de reflexão, ONG e educação. A Chatham House em Londres (Real Instituto dos Assuntos Internacionais) e a Pratt House em Nova Iorque (Conselho de Relações Externas) são dois grandes mecanismos de controlo. O poder dos Illuminati é onnipresente, mas as massas nem sabem que ele existe.

Esta tese seria mais desenvolvida num *site* chamado The Judeo-Masonic Conspiracy:

O caso é que é verdade que a trama teve as suas origens na usura praticada por alguns judeus europeus e que alguns indivíduos de origem judaica e sociedades secretas como a Maçonaria foram fundamentais para o sucesso da conspiração. Mas também é verdade que nem todos os judeus praticavam a usura, que nem todos os judeus que praticavam a usura tinham algo que ver com a conspiração, nem com os banqueiros internacionais, e também é bastante provável que até os indivíduos judeus e as sociedades secretas envolvidos diretamente na trama não soubessem que estavam envolvidos, nem que existia uma conspiração mundial. Por outras palavras: eles foram simplesmente usados pelos banqueiros internacionais e para o benefício dos banqueiros. O caso é que nenhum destes indivíduos judeus ou sociedades secretas trabalhou conscientemente em prol da agenda dos banqueiros. Em vez disso, foram os banqueiros que escolheram, financiaram e apoiaram as causas, sociedades, grupos ou indivíduos que acabariam por ajudá-los a alcançar os seus objetivos enquanto seguiam a sua própria agenda, como no caso dos Illuminati de Weishaupt contra a Igreja e o Estado, ou dos bolcheviques contra o czar. Esta tática ainda hoje é usada por alguns governos, que apoiam revolucionários e grupos terroristas contra os seus inimigos, mesmo que os seus objetivos finais sejam diferentes. Por exemplo: o financiamento e apoio dos EUA aos Mujahidin contra os Soviéticos — apesar de não partilharem a mesma ideologia — e, assim que se livrassem dos Soviéticos, os Mujahidin seriam «tratados» pelos EUA.

Embora possa ser verdade que organizações secretas no passado assentassem em bases raciais e religiosas, tentar trazer a raça ou a religião para uma discussão das sociedades secretas e conspirações modernas apenas serve para complicar o problema e afastar investigadores conscienciosos. Ainda que muitos financeiros internacionais sejam descendentes de judeus, acusar todos os judeus de uma conspiração internacional não é mais justo do que culpar todos os cristãos pelos atos dos nazis de Hitler.

Um comentarista resumiu a questão do seguinte modo: «Ao culpar “os judeus” pela NWO, os patriotas estão a cair numa armadilha dos

Illuminati. Tanto os patriotas como os judeus precisam de um novo paradigma. O povo judeu e de facto todas as religiões e nações são liderados por satanistas frankistas (Illuminati), pelos seus lacaios e brinquetes.»

RESUMO

O sionismo é um movimento político que envolve predominantemente judeus, mas também muitos cristãos fundamentalistas que acreditam na infalibilidade da Bíblia. Este movimento tem como objetivo o estabelecimento de uma nação predominantemente judaica no Médio Oriente. Ironicamente, começou na Rússia no século XIX com povos bem distantes da Palestina. Trata-se de uma questão separada do judaísmo, da religião ou dos Hebreus, um termo atualmente utilizado para identificar a raça semita que habitava a Terra Santa no passado.

Embora a maioria considere impróprio discriminar alguém por causa da sua raça ou religião, qualquer empreendimento político deve estar aberto a exames e críticas. Todavia, os defensores do sionismo têm difamado de forma bastante eficaz qualquer um que critique Israel chamando-lhes antissemitas. Uma resposta adequada à acusação de antissemitismo pode perfeitamente ser: «De todo, eu gosto dos árabes palestinianos!» Afinal, tanto os palestinianos semitas como os israelitas semitas têm ironicamente na origem da sua linhagem o patriarca bíblico Abraão, o qual, como foi demonstrado, não era judeu nem árabe, mas sim um nobre sumério. A verdadeira base bíblica do sionismo pode ter começado com os primeiros escritos da tribo de Judá, que não só lutara com as outras tribos hebraicas, como fora derrotada pelos Assírios, Babilónios e Egípcios. Cerca de 621 a. C., os sacerdotes levitas produziram um texto intitulado Deuteronómio. Esta obra tornou-se a base da Torá (a Lei) e do posterior Pentateuco, uma versão inicial do Talmude. Sendo alegadamente a palavra direta transmitida por Moisés — embora esta ideia seja controversa —, o Deuteronómio lançou as bases para a alteração da anterior lei judaica e até defendia a intolerância racial e

religiosa e a total destruição dos inimigos.

O conceito da destruição enquanto artigo de fé deve ter derivado do Deuteronómio, argumentava o jornalista britânico Douglas Reed no seu livro *The Controversy of Zion*, em 1985: «... porque não existem outras fontes que possam ser descobertas», escreveu ele, acrescentando: «o Deuteronómio é para o judaísmo e sionismo formais o que o *Manifesto Comunista* foi para a revolução destrutiva do nosso século [xx]. É a base da Torá... do Pentateuco... do Talmude... que no seu conjunto constituem a “lei” judaica.» Reed referia também que, desde que foi rejeitada pelos Israelitas, a tribo de Judá foi governada por um clero que ensinava que a destruição era o principal mandamento de Jeová e que esta era a tribo eleita para a concretizar. Reed, um autor prolífico e elogiado pelos seus escritos incisivos, acabaria por ser evitado pelas editoras após a sua denúncia do sionismo.

A maioria dos judeus que vivem atualmente em Israel não tem a sua origem no Médio Oriente, sendo antes judeus asquenazes da Europa Oriental que migraram para ocidente do Império Khazar, o qual existiu entre os anos 652 e 1016 d. C. na região entre o Mar Negro e o Mar Cáspio, no que hoje é essencialmente a Geórgia. Os líderes khazarianos tinham um problema. Encontrando-se em plena Rota da Seda, o principal eixo comercial entre o Oriente e o Ocidente, construíram o seu império com base na pilhagem das caravanas que por ali passavam. Mas esta era uma ocupação perigosa, visto que era frequente os guias das caravanas oferecerem resistência. Foi então decidido que uma forma muito mais segura e lucrativa de aumentar a sua riqueza seria entrar no negócio do câmbio e empréstimo de dinheiro. Mas surgiu um novo problema: um terço da população khazariana era cristão e outro terço muçulmano, e ambos consideravam que emprestar dinheiro a juros era pecaminoso e inaceitável. Apenas o restante terço da população, os judeus, considerava apropriado cobrar juros por um empréstimo, especialmente a não-judeus. Assim sendo, em 740 d. C., o rei da Khazaria proclamou que se havia convertido ao judaísmo e, à

semelhança dos Romanos com o imperador Constantino, os seus súbditos seguiram-lhe o exemplo. Em 969 d. C., a Khazaria foi invadida por migrantes escandinavos conhecidos como Rus e dissolvida. A região passou a chamar-se Rússia. Os agora judaicos Khazares fugiram para ocidente, para a Europa, assumiram o nome de asquenazes e prosperaram à medida que se espalhavam pela Europa e depois pela América. Mais tarde, seriam eles os criadores do sionismo, apesar de não terem nenhuma ligação com os Hebreus da Palestina. Segundo o autor Reed, «quando os Khazares se converteram, o Talmude estava concluído e, após o colapso do seu reino (cerca de 1000 d. C.), permaneceram como súbditos políticos do governo talmúdico, toda a sua resistência à Rússia sendo regida pela lei talmúdica e anticristã [...] Embora não tivessem sangue de Judá, [...] as áreas onde se congregaram, sob direção talmúdica, tornaram-se os centros da revolução antirrusa que viria a tornar-se “a revolução mundial”; nestas regiões, e por intermédio destas pessoas, foram criados novos instrumentos de destruição, especificamente para a destruição do cristianismo e do Ocidente».

Pode muito bem ter sido a exortação talmúdica à destruição de tudo o que não fosse seu que levou as massas a entregarem-se à histeria da França revolucionária, ao comunismo da Rússia e ao nacional-socialismo da Alemanha.

Para agravar todo este conflito e confusão, dá-se em 1666 a ascensão de um rabino cabalista chamado Sabbatai Zevi, que se proclamou o tão esperado Messias judeu. Embora expulsos de Jerusalém pelos líderes rabínicos, Zevi e os seus seguidores, chamados sabatianos, espalharam o conflito no seio do judaísmo com a sua crença de que, se rejeitassem todas as leis judaicas, podiam promover a vinda do seu messias. Sob grande sigilo, banquetearam-se em dias de jejum, comiam alimentos proibidos pela lei judaica e acreditavam na transmigração das almas, ou reencarnação. Após a morte de Zevi em 1676, a liderança do movimento recaiu sobre o polaco Jacob Frank, que alegava ser a reencarnação de Zevi, bem como do patriarca bíblico Jacob. Frank adotou a prática sabatiana de

se fazer passar por algo que não era. Além disso, pregava que a única forma de sobreviver era passar por cristão e que a queda e destruição da sociedade era a única maneira de salvar a humanidade. Os sabatianos depressa se tornariam conhecidos pela prática do frankismo, ficando também conhecidos como frankistas iluminados ou frankistas sabatianos. Frank pregava também a visão gnóstica de que o Deus do Antigo Testamento era mau e que a forma mais apropriada de imitar o Deus verdadeiro era a transgressão de todos os velhos tabus.

Ao apresentarem-se como algo que não eram e ao casarem com judeus e gentios, os subversivos frankistas tornaram-se difíceis de localizar e definir. Mas algum do conhecimento dos antigos deuses do céu permanecia no seio do movimento sabatiano e frankista. Os Rothschild creem ser descendentes do rei-deus sumério Nimrod, o bisneto de Noé. De acordo com a prestigiada publicação genealógica *Burke's Peerage*, uma criança Rothschild nascida em 1922 recebeu o nome de Albert Anselm Salomon Nimrod Rothschild. Segundo consta, Nimrod foi a primeira pessoa a procurar o poder para si própria e desse desejo de poder surgiu a crueldade e a decadência. Não faz diferença se acreditamos nestas coisas. O que importa é que alguns dos que ocupam posições superiores e poderosas acreditam nestas questões ocultistas. Também é fundamental perceber que, imediatamente antes da viragem do século XIX, sentimentos antijudaicos haviam-se associado aos ideais do iluminismo, apesar de muitos judeus estarem a ser recrutados pela Maçonaria e pelas suas lojas «iluminadas». Partindo das lojas maçónicas iluminadas alemãs para Londres, os socialistas judeus Karl Marx e Friedrich Engels conceberam o plano do comunismo. Seriam os judeus sabatianos quem daria início ao sionismo, nome inspirado no Monte Sião nos arredores de Jerusalém. O seu objetivo final era a criação de um estado sabatiano na Palestina, a pátria histórica dos Hebreus semitas. Todavia, as conferências rabínicas realizadas em 1845, 1869 e 1885 rejeitaram todas elas o apelo ao regresso à Palestina. Frustrados, os sionistas decidiram forçar os judeus a voltar, pelo que

os sabatianos presentes na Rússia pressionaram o governo czarista a aumentar os pogrons contra o povo judeu. Os Jesuítas encorajaram os Cossacos, enquanto os frankistas/sabatianos incitavam os comunistas. O resultado seria um tumulto contínuo na Rússia, o que levou muitos judeus a fugir. Um jornalista vienense chamado Theodore Herzl tornar-se-ia o rosto do sionismo com a publicação do seu livro *Der Judenstaat* (O Estado Judeu) em 1896. Em 1901, Herzl mudou-se para Inglaterra e exigiu uma pátria judaica na África Oriental, então controlada pelos Ingleses. Isto não agradou aos líderes sionistas, que estavam de olho na Palestina, e Herzl não tardou a desaparecer. Os maçons ingleses, influenciados pela teologia sabatiana e dos Illuminati, escolheram um judeu de formação alemã chamado Chaim Weizmann para suceder a Herzl.

Na I Guerra Mundial, a Inglaterra também estava em guerra com o Império Otomano, que controlava a Palestina. Weizmann obteve o apoio de David Lloyd George, que em 1916 se tornou primeiro-ministro britânico, e de Arthur Balfour, que depois se tornou secretário dos Negócios Estrangeiros. O impulso final para o sionismo teria lugar em 1917, quando, depois de passar pelo Parlamento britânico, o sionista segundo lorde Lionel Walter Rothschild — filho mais velho de Nathan Rothschild, o qual, em 1815, controlava o Banco de Inglaterra — recebeu uma carta do secretário dos Negócios Estrangeiros Balfour, o qual expressava a sua aprovação do plano de Rothschild para estabelecer uma pátria para os judeus na Palestina. Mais tarde, esta carta ficaria conhecida como a Declaração Balfour.

Em 1922, a Liga das Nações aprovou o mandato de Balfour na Palestina, abrindo assim o caminho para a posterior criação de Israel. O barão Edmond de Rothschild, que construiu o primeiro oleoduto entre o Mar Vermelho e o Mediterrâneo para levar o petróleo iraniano para Israel e fundou o Israel General Bank, seria apelidado de «o pai do Israel moderno». Atualmente, alguns investigadores acreditam que o plano de Rothschild para criar o estado israelita na Palestina era mais uma questão de consolidar uma posição no Médio Oriente, rico em petróleo, do que um desejo sincero de uma pátria judaica. Além

disso, alguns investigadores históricos acreditam que foram os sionistas que convenceram os líderes britânicos a não assinar um armistício com a Alemanha em 1916, prometendo que a sua influência nos Estados Unidos poderia trazer esta nação neutra para a I Guerra Mundial e inclinar a balança a favor dos Aliados. É verdade que a Alemanha, apesar de sofrer tremendas perdas, não tinha sido invadida nem perdera nenhum território significativo. Encontrava-se numa posição negocial muito melhor do que a França ou a Inglaterra. Com efeito, nos Estados Unidos, juntamente com provocações como o afundamento do *Lusitania* e o escândalo do telegrama de Zimmerman que defendia uma invasão alemã a partir do México, os sionistas fizeram circular um pouco por todo o país propaganda antialemã destinada a agitar o público. E, em abril de 1917, o presidente Woodrow Wilson, um democrata que se comprometera a manter o país fora da guerra, declarou guerra à Alemanha com a aprovação do Congresso.

Com a entrada das forças expedicionárias estado-unidenses em 1917, a guerra chegou a um impasse e terminou com o armistício de 11 de novembro de 1918. O subsequente Tratado de Versalhes, além de duro e injusto, resultaria na ascensão de Hitler e do seu Terceiro Reich, que culminaria na II Guerra Mundial.

Na Alemanha da década de 1930, Adolf Hitler estava a consolidar o seu poder graças à ajuda de bancos e empresas estrangeiros, incluindo o Banco de Inglaterra, o City National Bank (atual Citigroup), a Union Banking Corp. (representada por Prescott Bush, pai do presidente George H. W. Bush), da Ford Motor Co., da Rockefellers' Standard Oil e da IBM. Os fervorosos sionistas continuavam a ver frustrados os seus esforços para fazer com que os judeus europeus se mudassem para a Palestina.

Seria a liderança judaica ortodoxa quem revelaria a maior oposição à ideia do sionismo, alegando que não era correto tirar a terra aos seus atuais ocupantes e que, quando o Messias finalmente chegasse, ele lhes mostraria a sua nova pátria. Além disso, a maioria dos judeus, mesmo na Alemanha, não estava desejosa de fazer as malas

e trocar a sua casa pelos desertos do Médio Oriente. Uma saída forçada seria conseguida por meio do Acordo de Transferência de 1933, entre a liderança sionista e os nazis. Com a eleição de Hitler, os líderes judeus tinham proclamado um boicote mundial aos produtos alemães. Isto punha em risco as exportações alemãs quando o país estava a passar por uma crise económica, do mesmo modo que os Estados Unidos se viam a braços com a Grande Depressão. Quando os nazis começaram a perseguir os judeus, os socialistas sionistas trabalhistas firmaram um Acordo de Transferência com o regime nacional-socialista de Hitler que permitia a emigração de cerca de 60 mil judeus alemães. Todavia, as nações ocidentais dos Estados Unidos, Inglaterra e França recusaram-se a aceitá-los, pelo que eles se viram forçados a ir para a Palestina. Mas antes tiveram de deixar para trás quaisquer bens valiosos e, uma vez na Palestina, deram por si transferidos para quintas comunitárias (os *kibutz*), doutrinados no socialismo e obrigados a comprar apenas produtos de fabrico alemão. Foi uma dupla vitória: para os nazis, que tiveram enormes lucros, e para os sionistas, que obtiveram colonos judeus para o Médio Oriente. Como tal, parece que o verdadeiro Holocausto terá sido mais uma questão de destruir a ortodoxia judaica, e em especial a sua liderança, para promover os objetivos do sionismo. Atualmente, alguns investigadores culpam os sionistas sabatianos/frankistas pela discriminação contra os judeus, que por vezes são caracterizados como imorais e subversivos. Estes investigadores acreditam que os judeus foram manipulados pelos sionistas (judeus e gentios) com as suas cintilantes promessas de socialismo, justiça económica e propriedade pública. É certamente verdade que os judeus, longe de serem os principais instigadores, foram em grande parte as principais vítimas de movimentos iniciados pelos Illuminati, como o comunismo, o nazismo e a atual Nova Ordem Mundial. E as doutrinas dos Illuminati infiltrar-se-iam no sionismo, assim como na Maçonaria, a maior sociedade secreta do mundo.

IV

MAÇONARIA

Em apenas onze breves anos de existência, os Illuminati não só se infiltraram em quase todas as cortes do Sacro Império Romano, como também conseguiram penetrar na Maçonaria, uma das sociedades mais antigas e secretas do mundo.

Weishaupt decidiu que os Illuminati deviam infiltrar-se na Maçonaria porque, sendo esta uma sociedade secreta, os seus membros eram obrigados por juramento a não divulgar nada do que pudessem ouvir ou aprender. Era uma cobertura perfeita para a subversão dos Illuminati. Weishaupt misturaria a sua «marca» de iluminismo com a Maçonaria depois de se tornar membro da loja Teodoro do Bom Conselho, da Ordem Maçónica, em 1777.

Mirabeau, líder revolucionário francês e membro dos Illuminati, referia nas suas memórias: «A loja Teodoro do Bom Conselho de Munique, onde havia alguns homens com cérebro e coração [...] resolveu enxertar no seu ramo outra associação secreta à qual deu o nome de Ordem dos Iluminados. Tinha como modelo a Companhia de Jesus [os Jesuítas], embora propusesse pontos de vista diametralmente opostos.» Seria nesta loja maçónica que Mirabeau e os Illuminati formulariam a agenda anticlerical e antigovernamental proposta na Assembleia Constituinte de França, doze anos depois.

Também recrutaram muitos dos homens mais destacados do Iluminismo. Por exemplo, o maçom alemão Karl Gotthelf, barão von Hund und Altengrotkau, então já membro da Loja Maçónica de Frankfurt, que em 1751 formou uma extensão do seu Rito Escocês, chamada Ordem da Estrita Observância. Os membros da Estrita Observância chegavam ao ponto de se proclamar «Cavaleiros do Templo», cuja linhagem remontaria aos Cavaleiros Templários. Hund ficara a saber que esta Ordem se baseava num anterior rito

rosacruziano chamado Ordem do Ouro e da Rosa-Cruz quando visitara Paris em 1743. Seria para esta ordem que entrariam Weishaupt e os seus Illuminati.

O Rito da Estrita Observância pretendia atrair mais membros não nobres para a Maçonaria, apelando ao orgulho nacional alemão. Também pretendia reformar a Maçonaria por meio de uma rigorosa disciplina e da regulamentação dos ritos, em especial da eliminação do ocultismo, na altura desenfreado, em muitas lojas. Curiosamente, apesar deste objetivo, o Rito da Estrita Observância implicava um juramento de obediência inquestionável a misteriosos e invisíveis «superiores».

Hund alegava estar a cumprir as ordens de «superiores desconhecidos» que nunca eram identificados ou localizados. A maioria dos investigadores acredita que provavelmente seriam apoiantes jacobitas da linhagem real Stuart que teriam morrido ou perdido a fé após a derrota do rei inglês Jaime II, o «Jovem Pretendente», mas outros alegam que esses «superiores» não eram humanos. Quem ou o que quer que fossem, esses superiores forneceram a Hund uma lista com nomes de então grão-mestres dos Cavaleiros Templários, supostamente extintos em meados do século XVI. Uma lista quase idêntica descoberta recentemente foi associada ao misterioso Priorado de Sião sediado em Rennes-le-Château, no Sul de França, por intermédio de um historiador austríaco chamado Leo Schidlöf e dos seus *Dossiers secrets*, ou ficheiros secretos. Esta lista, com a exceção da grafia de um único apelido, correspondia exatamente à lista de Hund, constituindo um sólido apoio tanto à crença de que o Priorado poderá ter existido — tal como afirmava o maçom Hund —, como à sua direta ligação com os Cavaleiros Templários e à sua alegação de possuir conhecimento dos deuses antigos.

Aspetos ainda mais preocupantes do Rito da Estrita Observância começaram a despertar a atenção. Críticos afirmavam que membros maçónicos do Rito tentavam apoderar-se de orfanatos com fins lucrativos, além de fundarem academias militares com o fim de se

infiltrar em governos e depois controlá-los. Tais acusações, juntamente com o mistério relativo a superiores invisíveis e as reivindicações de um legado templário, levariam ao descontentamento entre os Maçons e acabariam por culminar no Congresso de Wilhelmsbad de 1782.

O Congresso de Wilhelmsbad teve lugar na residência de verão de Guilherme I de Hanau a 16 de julho de 1782. Seria sensivelmente por esta altura que os judeus seriam autorizados a entrar na Maçonaria. Mais tarde, Guilherme tornar-se-ia Guilherme IX, landgrávio de Hesse-Kassel, e acabaria por nomear Mayer Rothschild para cuidar dos seus assuntos financeiros. Segundo vários autores, a fortuna da família Rothschild teve como base dinheiro desviado de Guilherme IX, que recebera uma avultada quantia do governo britânico em troca de 17 mil soldados hessianos para combater os colonos americanos durante a Guerra da Revolução. Guilherme entregou esse dinheiro a Mayer para que o investisse, mas, em vez disso, este usou-o para colocar o seu filho Nathan à frente da filial londrina da casa bancária de Rothschild. Mayer acabaria por restituir o dinheiro, mas, como o próprio Derek Wilson, biógrafo dos Rothschild, admite: «... foi o desvio temporário das avultadas quantidades de dinheiro originárias de Hesse-Kassel que permitiu que N. M. (como Nathan gostava que lhe chamassem) iniciasse a sua operação bancária, proporcionando-lhe liquidez e também prestígio.»

De acordo com Albert Mackey, ex-secretário-geral do Conselho Supremo do Antigo e Aceite Rito Escocês para a Jurisdição Meridional dos Estados Unidos, o Congresso de Wilhelmsbad foi «o mais importante congresso maçónico do século XVIII». À frente do contingente dos Illuminati no congresso encontrava-se o barão Franz Dietrich von Dittfurth, juiz assistente no conselho da corte de Brunswick e na corte imperial. Um dos primeiros assuntos do congresso foi determinar os verdadeiros objetivos da Estrita Observância. Liderados por Dittfurth, os Illuministas levaram a melhor ao alegar que as lojas da Estrita Observância não eram descendentes dos Cavaleiros Templários. Afirmaram igualmente que as lojas da

Estrita Observância eram controladas por «superiores desconhecidos» que, segundo eles, não eram mais do que jesuítas disfarçados.

O contingente dos Illuminati no congresso revelou o poder da sua incipiente Ordem ao derrotar em votação os partidários da Estrita Observância. O Rito da Estrita Observância foi abolido, pelo menos temporariamente, e a noção de «superiores desconhecidos» foi declarada uma fraude. O autor maçónico Mackey escreveria: «Vencida pelo poderoso rival, a Estrita Observância deixou de existir temporariamente e o iluminismo tomou posse do campo.»

Outro organizador do Congresso de Wilhelmsbad era um francês fabricante de seda chamado Jean-Baptiste Willermoz, que se movia nos mesmos círculos que Mayer Rothschild. Um místico cristão, Willermoz é por muitos considerado o fundador do espiritismo moderno. Aderiu aos Maçons em 1750, rapidamente ascendendo à posição de mestre venerável aos 23 anos. A sua loja francesa aceitava o Rito da Estrita Observância e Willermoz entrou em contacto com Hund. Juntos, definiram vários sistemas de graus maçónicos superiores e reformas em França e na Alemanha.

No congresso, Willermoz ajudou a criar o Rito Escocês Retificado para substituir a dissolvida Estrita Observância e convenceu muitos maçons presentes a aceitar as suas reformas, não obstante a oposição dos Illuminati.

Depois de se esconder durante a Revolução Francesa, Willermoz tornou-se novamente ativo na Maçonaria, à qual se dedicou até à sua morte aos 94 anos, em 1824. Embora Ditfurth estivesse no comando no Congresso Maçónico de Wilhelmsbad, Knigge encontrava-se ativo na ausência de Weishaupt, seduzindo os maçons presentes com promessas de revelar os segredos da Ordem se eles se juntassem aos Illuminati. Convenceu muitos delegados alemães e franceses a aderir, sendo estes o meio pelo qual o iluminismo se infiltraria nas suas lojas. Os principais líderes da Maçonaria alemã foram recrutados por Knigge, deixando-a assim sob o controlo dos Illuminati.

Com a perda do Rito da Estrita Observância, muitos ex-membros

aderiram aos Illuminati, dilatando as suas fileiras. O autor Melanson também referiu: «Tanto o landgrávio Carlos von Hessen-Kassel como o duque Fernando de Brunswick, os dois chefes da Estrita Observância e, na verdade, toda a Maçonaria alemã, seriam recrutados para os Illuminati pouco depois; e foi graças aos contactos feitos (e à boa impressão causada) no congresso de Wilhelmsbad que os Illuminati realmente se tornaram um formidável poder em toda a Europa.»

Embora Weishaupt estivesse ausente, Knigge e Ditfurth foram particularmente eficazes como representantes dos Illuminati. Knigge, com o nome de código *Philo*, viajara pela Alemanha pregando a reforma da Maçonaria. Em Wilhelmsbad, e com a autoridade de Weishaupt a apoiá-lo, conseguiu atrair para os Illuminati uma série de altos funcionários, incluindo magistrados, cientistas, clérigos, académicos e ministros de Estado.

Embora Knigge e Weishaupt mais tarde se viessem a desentender e afastar, o barão revelou-se fundamental na fusão dos Illuminati com os graus mais elevados da Maçonaria.

Segundo o autor William T. Still, no mesmo ano do Congresso de Wilhelmsbad, «a sede da Maçonaria Iluminada foi transferida para Frankfurt, o bastião das finanças alemãs sob o controlo dos Rothschild». E acrescenta ainda: «Pela primeira vez, foram admitidos judeus na Ordem. Anteriormente, os judeus apenas haviam sido admitidos numa divisão da Ordem denominada “o pequeno e constante Sinédrio da Europa”.»

No seu livro *Jews and Freemasonry in Europe*, Jacob Katz escreveu que entre os fundadores da Loja Maçónica de Frankfurt se incluíam o rabino de Frankfurt Zvi Hirsch Kalischer, o secretário-geral de Rothschild, Sigismund Geisenheimer, e, na prática, todos os principais banqueiros da cidade. Seria a dinastia banqueira Rothschild quem mais tarde viria a financiar os Rockefeller, os Morgan e o britânico Cecil Rhodes, que fundaria os grupos da Távola Redonda, um precursor do Conselho de Relações Externas e da sua ramificação, a Comissão Trilateral.

Embora a Ordem da Estrita Observância tivesse desaparecido oficialmente após o Congresso de Wilhelmsbad, os autores Lynn Picknett e Clive Prince afirmariam que o Rito Escocês Retificado ali aceite não era mais do que a Estrita Observância com um nome diferente. Mason Waite confirmaria que, após o Congresso de Wilhelmsbad, a Estrita Observância tinha sido «transformada» noutros ritos e «Graus Ocultos».

Com as questões fraturantes aparentemente resolvidas e os Illuminati escondidos em segurança no seio da Maçonaria, o Congresso de Wilhelmsbad revelar-se-ia um ponto de viragem para a Ordem. Em 1921, a autora anti-Illuminati Nesta Webster escrevia: «O que aconteceu neste terrível congresso nunca será conhecido pelo mundo exterior, uma vez que mesmo aqueles que foram inconscientemente atraídos para o movimento, e ficaram pela primeira vez a par dos verdadeiros desígnios dos líderes, estavam sob um juramento de não revelar nada.»

Mas a verdade é que um participante, o conde de Virieu, membro de uma loja maçónica ocultista de Lyon, pode ter revelado mais do que devia. Ao regressar a Paris, alguém lhe terá pedido pormenores do congresso. Aparentemente abalado, ele respondeu: «Não vo-los confiarei. [...] Apenas vos posso dizer que tudo isto é muito mais grave do que pensais. A conspiração que está a ter lugar encontra-se de tal modo montada que será praticamente impossível que a Monarquia e a Igreja lhe escapem.»

Num comentário às observações de Virieu, o jornalista William T. Still escreveu: «Com base na Loja de Frankfurt, o gigantesco plano de uma revolução mundial foi levado adiante. Os factos demonstram que os Illuminati e a sua câmara baixa, a Maçonaria, eram uma sociedade secreta no seio de uma sociedade secreta.»

Eufórico com o sucesso da Ordem no congresso, Weishaupt escreveria sobre os seus planos: «Que teremos a nossa própria loja maçónica. Que a consideraremos como o nosso viveiro. Que a alguns destes maçons não revelaremos de imediato que temos algo mais do que os Maçons. Que em todas as oportunidades nos ocultaremos

com ela (a Maçonaria). Todos aqueles que não são adequados ao trabalho devem permanecer na Loja Maçónica e nela progredir sem nada saber sobre o outro sistema.»

Outros expressaram opiniões semelhantes. «Embora os Illuminati tenham tentado subverter a Maçonaria, deve ser referido que a Maçonaria em si não deixa de ser suspeita, apesar da gente de bem que tem nas suas fileiras», alertava o rabino Marvin S. Antelman. «Os maçons de grau inferior foram levados a pensar que os símbolos de construção da Maçonaria estavam relacionados com o Templo de Salomão. Muitos maçons judeus pensam erroneamente que existe alguma espécie de elemento ou tradição judaica na Maçonaria por causa disto. Se soubessem a verdade, ficariam com os cabelos em pé. Na realidade, a Maçonaria apoia os conceitos islâmicos da conquista do judaísmo e da sua destruição, conforme ensinado no Alcorão, e hoje a Cúpula da Rocha é um símbolo perpétuo da destruição do Templo.»

Antelman acrescentaria: «Embora nos concentremos nos Illuminati judeus apóstatas, há que reiterar que os bundistas-Illuminati eram predominantemente cristãos, tanto entre os membros como na liderança. Todavia, eles consideraram mais apropriado para os seus fins, à semelhança dos comunistas ou dos elitistas do CFR [Conselho de Relações Externas] de hoje, utilizar os talentos intelectuais destes judeus apóstatas. Estes foram especialmente colocados em posições de maior visibilidade, de modo a garantir uma espécie de vitória caso não tivessem sucesso — polarizando assim entre as massas aqueles que fossem suficientemente estúpidos para culpar os judeus pelo iluminismo, pela revolução, pelo bundismo [um movimento socialista judeu secular], pelo socialismo ou comunismo.»

No seu livro de 1871, *Morals and Dogma of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry*, o mestre maçom Albert Pike explicava a sequência desde o conhecimento antigo até às sociedades secretas da era moderna:

A Ciência Oculta dos Antigos Magos foi ocultada sob as sombras dos Mistérios Antigos: foi imperfeitamente revelada ou bastante desfigurada pelos gnósticos: é vista

sob as obscuridades que cobrem os pretensos crimes dos Templários; e encontra-se envolta em enigmas que parecem impenetráveis, nos ritos da Mais Alta Maçonaria. O Magismo era a ciência de Abraão e Orfeu, de Confúcio e Zoroastro. Foram os dogmas desta ciência que foram gravados nas tábuas de pedra por Enoque e Trismegisto. Moisés purificou-os e velou-os de novo, porque este é que é o significado do verbo revelar. Ele cobriu-os com um novo véu, quando fez da Santa Cabala o legado exclusivo do povo de Israel e o Segredo inviolável dos seus sacerdotes. Os mistérios de Tebas e Elêusis preservaram entre as nações alguns dos seus símbolos, já alterados, e a chave misteriosa da mesma perdeu-se entre os instrumentos de uma superstição sempre crescente. Jerusalém, a assassina dos seus profetas, e tantas vezes prostituída pelos falsos deuses dos Sírios e Babilônios, havia por sua vez perdido a Palavra Sagrada, quando um Profeta anunciado aos Magos pela consagrada Estrela da Iniciação [Sirius] veio rasgar o véu desgastado do velho Templo, a fim de dar à Igreja um novo tecido de lendas e símbolos, que ainda e para sempre ocultam dos Profanos, e para sempre preservam para os Eleitos as mesmas verdades.

No entanto, outro historiador maçónico, Arthur Edward Waite, tentou distanciar a Maçonaria dos Illuminati ao escrever: «A ligação dos Illuminati com a instituição mais antiga é simplesmente que eles adotaram alguns dos seus graus e os forçaram a servi-los.»

Da mesma forma, Laurence Gardner, um prestigiado mestre maçom, menosprezava qualquer ligação entre os Illuminati e a Maçonaria. Embora reconhecesse que os membros dos Illuminati «influenciaram o pensamento de muitas pessoas e possivelmente contribuíram para a mentalidade da Revolução Francesa», afirmava ele, «eles nunca influenciaram nenhum governo, a não ser contra si mesmos».

«Quanto à sua associação à Maçonaria», acrescentava, «também era inexistente. Weishaupt fundou o grupo especificamente porque não estava impressionado com a Maçonaria alemã. É impossível presumir que, no contexto de tudo isto, os Illuminati conseguiram inventar uma poderosa Nova Ordem Mundial e, desde então, têm gerido uma rede conspiratória global durante os últimos 200 anos. Os Illuminati simplesmente não existem, nem nos níveis superiores da Maçonaria, nem em nenhum outro lugar.»

Embora possa ser verdade que a Maçonaria não estivesse totalmente «iluminada», esta organização secreta sem dúvida

providenciou um mecanismo feito à medida para promover as agendas dos Illuminati junto dos elementos mais sinistros da sociedade europeia — impenitentes cavaleiros templários, primeiros sionistas, banqueiros calculistas e aspirantes a revolucionários. Todos os maçons conhecem esta história sórdida? Não de acordo com Joseph «Doc» Marquis, um ex-médico do Exército dos EUA e escritor cristão, que afirma ter sido membro dos Illuminati. Segundo Marquis: «Cerca de 95% de todos os maçons não fazem ideia do que realmente se passa nas suas próprias lojas. Apenas os maçons de 30.º grau e superiores podem conhecer esses segredos. Desses maçons do 30.º grau ou superior, apenas 5% conhecem toda a verdade, porque já foram iniciados nos Illuminati. Na maioria das vezes, um iluminista entra nas fileiras da Maçonaria apenas para dar seguimento ao processo de infiltração. Com o tempo, este iluminista poder-se-á tornar um maçom de alto escalão e, como tal, poderá controlar melhor o mundo maçónico graças ao seu grau e poder. [...] Na verdade, a Maçonaria é uma série de longos corredores de fumo e espelhos, concebidos para desorientar todos, exceto um punhado de maçons, e enganar 100% de todos os não-maçons. Nenhuma organização que se dedica à mentira intencional pode ser considerada cristã.»

O venerável autor maçónico Albert Pike apoiaria a alegação de Marquis — de que os maçons ignoram o que se passa na sua própria ordem — ao escrever em *Morals and Dogma*: «Os Graus Azuis não são mais do que o pátio exterior ou o pórtico do Templo. Uma parte dos símbolos é ali apresentada ao Iniciado, mas ele é intencionalmente enganado por falsas interpretações. Não se pretende que ele os entenda, mas sim que ele imagine que os entende. A verdadeira explicação dos mesmos é reservada para os Adeptos, os Príncipes da Maçonaria. [...] É mais do que suficiente para a massa daqueles a quem se chama Maçons imaginar que tudo se encontra contido nos Graus Azuis; e quem tentar desenganá-los trabalhará em vão. [...] A Maçonaria é uma verdadeira Esfinge, enterrada até à cabeça em areias amontoadas em seu redor ao longo

dos séculos.»

RESUMO

Desencantado com a sua experiência com a loja maçónica de Munique e talvez encorajado pelos seus companheiros, como Knigge, Zwack e outros, Weishaupt começou não só a infiltrar a dita loja com as suas filosofias, mas também a alterar alguns dos seus rituais e tradições. Embora muitos maçons se mantivessem fiéis à sua educação, confiando e respeitando a Igreja e o Estado, outros eram suscetíveis aos ideais revolucionários dos seus irmãos Illuminati. Até sentiam um dever de lealdade aos proclamados «superiores invisíveis», embora ninguém soubesse se estes eram jesuítas dissimulados, líderes secretos dos Illuminati ou talvez até entidades sobrenaturais ou não-humanas.

As controvérsias no seio dos Maçons, as mais importantes sendo as questões relativas à ligação da Ordem com os banidos Cavaleiros Templários ou os ritos iniciados por membros «iluminados», resultaram no congresso de 1782 de Wilhelmsbad, uma reunião de alguns dos mais ilustres maçons da Europa. Embora Weishaupt estivesse ausente, aparentemente com medo de ser detido após o édito do regente Teodoro, foi aqui que a poderosa Ordem da Estrita Observância foi eliminada, bem como as referências oficiais aos Templários. Os representantes dos Illuminati apressaram-se a recrutar para as suas fileiras os membros desiludidos do Rito da Estrita Observância, aumentando assim consideravelmente os seus números.

Knigge e outros Illuminati revelaram-se especialmente eficazes no congresso, recrutando muitos franceses e outros delegados, incluindo importantes funcionários do governo, magistrados, cientistas, clérigos, académicos e até ministros de Estado. Durante este período, a sede da Maçonaria Iluminada mudou-se para Frankfurt, na Alemanha, centro financeiro controlado pelos Rothschild, e finalmente os judeus tiveram permissão para ingressar na Maçonaria, para um grupo

conhecido como «Pequeno e Constante Sinédrio da Europa». Nem todos ficaram satisfeitos com esta secretista infusão de iluminismo na Maçonaria. Um preocupado delegado francês, o conde de Virieu, regressaria a casa com este alerta: «A conspiração que está a ter lugar encontra-se de tal modo montada que será praticamente impossível que a Monarquia e a Igreja lhe escapem.» Após o congresso, Weishaupt escreveria que o plano dos Illuminati para uma revolução mundial estava agora protegido pelo disfarce da Maçonaria, e que os membros das lojas que não estavam a par do plano não saberiam de nada. No final do século XIX, o mestre maçom Albert Pike descreveria o plano da seguinte forma: «A Ciência Oculta dos Antigos Magos foi ocultada sob as sombras dos Mistérios Antigos: foi imperfeitamente revelada ou bastante desfigurada pelos gnósticos: é vista sob as obscuridades que cobrem os pretensos crimes dos Templários; e encontra-se envolta em enigmas que parecem impenetráveis, nos ritos da Mais Alta Maçonaria.» Por engano ou intencionalmente, não mencionava a infusão do iluminismo, embora seja claro que estava a referir-se aos antigos mistérios. Apesar de alguns escritores maçónicos tentarem desassociar a Maçonaria dos Illuminati, parece bastante claro que a teologia dos Illuminati se espalhou amplamente pelas lojas europeias dos séculos XVIII e XIX. Até o próprio Pike, autor da bíblia maçónica *Morals and Dogma*, reconhecia: «Os Graus Azuis não são mais do que o pátio exterior ou o pórtico do Templo. Uma parte dos símbolos é ali apresentada ao Iniciado, mas ele é intencionalmente enganado por falsas interpretações. Não se pretende que ele os entenda, mas sim que ele imagine que os entende. A verdadeira explicação dos mesmos é reservada para os Adeptos, os Príncipes da Maçonaria.»

Tendo efetivamente conquistado o controlo da Maçonaria na Europa, os hereges Illuminati voltaram a sua atenção para a Igreja, que se tornara um alvo fácil em virtude da sua tirania e transgressões passadas, bem como de um crescente descontentamento espiritual, graças ao conhecimento difundido pela Idade das Luzes e à proliferação de Bíblias impressas desde 1454. Com uma sempre

crescente proporção da população a ler a palavra de Deus, o clero era cada vez mais visto como irrelevante.

V

A IGREJA

A Maçonaria, antes e depois da sua fusão com a teologia dos Illuminati, constituiu um importante elo entre os ensinamentos encobertos dos Mistérios Antigos e a era moderna. Isto causaria a ira e a ofensa no seio da Igreja Católica, que ainda se debatia com a Reforma Protestante iniciada a 31 de outubro de 1517 quando Martinho Lutero, segundo a lenda, pregara as suas 95 Teses na porta de uma catedral em Vitemberga, Alemanha.

Manly P. Hall confirmaria esta ligação ao dizer: «A Maçonaria é, como tal, mais do que uma mera organização social com alguns séculos e pode ser considerada uma perpetuação dos mistérios filosóficos e das iniciações dos antigos.»

O historiador maçónico W. L. Wilmshurst também confirmou esta ligação aos mistérios mais antigos. Segundo ele: «Quando o cristianismo se tornou uma religião estatal e a Igreja uma potência mundial, a materialização da sua doutrina progrediu rapidamente e apenas tem aumentado com o passar dos séculos. Em vez de se tornar a força unificadora que os seus líderes pretendiam que fosse, a sua associação aos “bens mundanos” fez dela uma força desintegradora. Os abusos levaram a cismas e sectarismos [...] embora as comunidades protestantes e as chamadas igrejas “livres” infelizmente se tenham separado por completo da tradição original, a sua liberdade e independência imaginadas sendo, na realidade, nada mais do que um cativo das suas próprias ideias, não tendo qualquer relação com a primitiva gnose e nenhum entendimento dos Mistérios que sempre devem ser mais profundos do que a religião popular exotérica de um determinado período. [...] Desde a sua supressão no século VI, a tradição e o ensino dos Mistérios continuaram em segredo e sob vários disfarces, sendo a esta

continuação que se deve o nosso atual sistema maçônico.»

Outro segredo dos Maçons e dos posteriores Illuminati é que os dois grupos têm transmitido conhecimento hostil e perigoso para a religião organizada, com a sua rígida estrutura de crenças e tradições, todas elas vindas da Igreja Católica Romana. Embora defendam os ideais cristãos do amor fraterno, da caridade e da verdade, até mesmo os autores maçônicos deixam bem claro que a Maçonaria não é um complemento das religiões formais cristãs. Os segredos mais íntimos da Ordem, alguns dos quais parecem ser a antítese do cristianismo, têm suscitado considerável desconfiança e preocupação ao longo dos anos, incluindo uma proibição por parte da Igreja. A 28 de abril de 1738, apenas um ano depois de o maçom Andrew Michael Ramsay, conhecido como *Chevalier*, associar publicamente a Maçonaria aos Cavaleiros Templários, o papa Clemente XII emitia a sua famosa bula *In Eminentissimis*. Nela, condenava a Maçonaria como pagã e ilegal e ameaçava com a excomunhão qualquer católico que a ela aderisse. Alguns escritores da conspiração ainda veem os Maçons como subversores da religião organizada.

Todavia, após um longo estudo, o jornalista William T. Still encontraria uma visão pública ambivalente quanto à religião, tanto na Maçonaria como nos Illuminati. Segundo ele: «Todos os aspetos da Maçonaria parecem ter um lado bom e um lado mau — uma interpretação má e uma interpretação benigna. Aqueles que desejam encontrar uma interpretação cristã nos seus símbolos podem encontrar vastas justificações maçônicas publicadas. Aqueles que pretendem mostrar que a Maçonaria é realmente uma forma de deísmo — construída para todas as religiões e crenças — podem facilmente fazê-lo.»

O autor Laurence Gardner explicou que, para controlar uma população, há que instilar um clima de medo e ansiedade e criar um inimigo comum. «A Igreja tem Satanás ou o estranhamente definido Anticristo, mas, para serem eficazes na sua missão, os alarmistas têm de ignorar a Igreja porque ela prometeu a salvação e isto

derrotaria o seu objetivo», referia ele. «Tem de existir um adversário que esteja para lá do confronto clerical — alguém ou algo que seja tão poderoso a um nível secular que seja insuperável. Para tal, foi ressuscitado o nome de uma há muito defunta organização setecentista bávara, de seu nome Illuminati [...] esses emissários da perdição mundial...»

Nesta Webster, autora e crítica maçã, observava em 1924: «A verdade é que a Maçonaria, num sentido genérico, é simplesmente um sistema que une homens para uma qualquer finalidade, uma vez que é óbvio que as alegorias e os símbolos, como o x e o y da álgebra, podem ser interpretados de centenas de maneiras diferentes.»

Mas os próprios autores maçônicos revelam que a Ordem não deixa de ter um pensamento metafísico, sendo até muito dedicada à compreensão do divino. «Livre das limitações do credo e da seita (o maçã) é o mestre de todas as fés», escreveu Manly P. Hall. «A Maçonaria [...] não é um credo ou doutrina, mas uma expressão universal da Sabedoria Divina [...] revelando-se por intermédio de uma hierarquia secreta de mentes iluminadas.»

Embora tenha escrito na década de 1920, Wilmshurst parece refletir as ideias «New Age» dos dias atuais. Escreveu sobre «energia positiva», reencarnação ou regeneração do espírito, bem como sobre a «aura» do ser humano, que ele explicava como a «túnica longa» do bíblico José. Chegou mesmo ao ponto de afirmar que: «Assim como a nossa organização tem as suas assembleias e conselhos mais elevados [...] também no poderoso sistema da estrutura universal existem graus de vida superior, hierarquias de seres celestes que trabalham e cooperam [...] além do nosso conhecimento.»

Wilmshurst afirmava que os «segredos» da Maçonaria dizem respeito à introspeção da alma humana, mas que «além desta breve referência ao assunto, é inoportuno dizer aqui mais». Obviamente, apesar da quantidade de material publicado, nem todos os segredos maçônicos estão acessíveis ao público.

Podemos ver facilmente por que razão autores cristãos como Still,

Epperson e Webster viam na Maçonaria e nos Illuminati uma insidiosa tentativa de subverter o cristianismo. Still afirmava que os ritos de iniciação maçónica «constituem um sistema para realinhar gradual e suavemente as crenças religiosas de um homem. Assim, um cristão é lentamente encorajado a tornar-se deísta (alguém que não acredita em nenhum aspeto sobrenatural de Deus); um deísta torna-se ateu; o ateu passa a satanista».

Noutro trecho, o jornalista afasta-se da alegação de que os Maçons são satanistas. Afirmava que o deus da Maçonaria é, na realidade, Lúcifer, definido como «o Iluminado» ou o «Portador da Luz». Ele explica que a diferença é que «os luciferianos pensam que estão a fazer o bem [enquanto] os satanistas sabem que são maus».

O autor anticomunista Carr afirmava que aqueles que ele via como responsáveis pela conspiração luciferiana revelavam nos seus escritos que o seu objetivo era escravizar «absoluta, física, mental e espiritualmente todos os seres humanos inferiores, e forçá-los a aceitar a ideologia luciferiana pela aplicação de um despotismo satânico». E acrescentava: «Sendo isto um facto, aqueles que afirmam que o WRM [World Revolutionary Movement — Movimento Revolucionário Mundial] é uma conspiração judaica, católica romana, comunista, nazi, maçónica ou de qualquer outro tipo, estão a dizer um perfeito disparate, porque as evidências no [meu] livro irão provar como os conspiradores pretendem destruir todas as formas de governo e religião.

Esta VERDADE [ênfase no original] é abundantemente esclarecida nos escritos de Adam Weishaupt e Albert Pike. Eles dizem que quando a conspiração luciferiana for finalmente imposta ao que resta da Raça Humana, o Rei-Déspota será servido por uns QUANTOS milionários, economistas e cientistas, que são comprovadamente devotos da Causa Luciferiana, com a ajuda de soldados e polícias suficientes (a Polícia Internacional das Nações Unidas?) para impor a vontade do ditador às massas (*Goyim*)», explicava Carr. «Todos os *Goyim*, sem exceção, devem ser reduzidos ao estado de gado humano por um processo de integração de escala internacional.

Depois de a raça humana ter sido transformada num vasto conglomerado de humanidade, a procriação será limitada a tipos e números considerados suficientes para satisfazer os requisitos do Estado (Deus). A inseminação artificial será usada para atingir esse objetivo. Menos de cinco por cento dos homens e trinta por cento das mulheres serão selecionados e usados para fins de reprodução.»

De referir que, embora a palavra hebraica *goyim* tenha sido usada como um nome pejorativo para os não-judeus, o seu significado original era simplesmente o de uma «nação de gente». Tracey Rich, que se descreve como «apenas uma judia tradicional e cumpridora» tem um *site* chamado jewfaq.com. Segundo ela: «A palavra mais usada para não-judeu é *goy*. [...] Não existe nada de inerentemente insultuoso na palavra *goy*. Com efeito, a Torá refere-se ocasionalmente ao povo judeu usando o termo *goy*.»

O autor e mestre maçónico do 33.º grau Albert Pike explicava tanto a duplicidade como a crença fundamental dos Maçons quando escreveu a respeito da Doutrina Luciferiana a representantes maçónicos em julho de 1889:

O que devemos dizer a uma multidão é: adoramos um Deus, mas é o Deus que se adora sem superstição. A vós, Soberanos Grandes Inspectores Gerais, dizemos isto, que podeis repetir aos Irmãos dos 32.º, 31.º e 30.º graus: a Religião Maçónica devia ser, por todos nós os iniciados nos graus superiores, mantida na pureza da Doutrina Luciferiana. Se Lúcifer não fosse Deus, Adonai, cujas ações provam a sua crueldade, perfídia e ódio ao homem, barbárie e repulsa pela ciência, Adonai e os seus sacerdotes caluniá-lo-iam? Sim, Lúcifer é Deus, e infelizmente Adonai também é deus. Porque a lei eterna é que não existe luz sem sombra, beleza sem fealdade, branco sem preto, porque o absoluto só pode existir como dois deuses: a escuridão sendo necessária à estátua e o travão à locomotiva. Assim, a doutrina do Satanismo é uma heresia; e a verdadeira e pura religião filosófica é a crença em Lúcifer, o igual de Adonai; mas Lúcifer, Deus da Luz e Deus do Bem, luta pela humanidade contra Adonai, o Deus das Trevas e do Mal.

Os luciferianos acreditam que Deus tem uma natureza dual — o lado amoroso de Lúcifer e o lado maléfico de Adonai, ambos iguais em poder, mas opostos na intenção. Este conceito é simbolizado pelo circular *yin-yang* dos budistas ou pelo padrão quadriculado preto e

branco no chão das lojas maçónicas. Esta crença em dois deuses separados mas iguais concede um apoio significativo àqueles que associam a Maçonaria e o iluminismo diretamente aos antigos cátaros de França e aos anteriores gnósticos, ambos impiedosamente exterminados pela Igreja Católica. Ambas as seitas eram conhecidas dualistas: aqueles que acreditam no igual poder do bem e do mal, da luz e da escuridão.

Seria de pensar que as filosofias presentes no seio dos Illuminati, como as dos Maçons, não eram apenas uma simples questão de Deus contra Satanás. Até o autor antimaçónico Epperson referia que o livro de Pike, *Magnum Opus*, afirmava que: «Todos admitiram dois deuses com diferentes ocupações, um que faz o bem e o outro o mal, presentes na natureza. O primeiro foi denominado “Deus” e o segundo “Demónio”. Os Persas ou Zoroastro chamavam ao primeiro Ormuzd e ao segundo Ahriman; dos quais diziam que um era da natureza da Luz e o outro da Escuridão. Os Egípcios chamavam ao primeiro Osíris e ao segundo Typhon, seu eterno inimigo.»

Alguns escritores antimaçónicos viam nos símbolos maçónicos do Antigo Egito um regresso à adoração do pagão deus solar. No entanto, Pike, no seu livro *Morals and Dogma of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry*, destinado apenas ao núcleo interno da Maçonaria, deixava claro que a adoração do sol era uma adulteração de uma crença anterior. «Há milhares de anos, os homens adoravam o sol. [...] Originalmente, eles olhavam para lá do orbe [o sol do nosso sistema solar] para o Deus invisível. [...] O culto do Sol [o Deus invisível] tornou-se a base de todas as religiões da antiguidade», escreveu ele.

A mitologia egípcia, centrada no culto solar, apresenta ligações óbvias entre o mito maçónico de Hiram Abiff (conhecido como o Filho da Viúva), o arquiteto-chefe do Templo do Rei Salomão, e o do deus egípcio Osíris. Como acontece na história de Osíris, Abiff é morto e o seu corpo é escondido. Segundo Pike, os antigos «personificavam o sol e adoravam-no sob o nome Osíris. [...] A lua tornou-se Ísis, a esposa de Osíris; e o inverno, bem como o deserto ou o oceano ao

encontro do qual o sol descia, tornou-se Typhon, o Espírito ou Princípio do Mal, que lutava contra Osíris e o destruía». Osíris foi associado ao deus sumério dos Anunnaki, Enki.

Os Illuminati também se apropriaram da visão maçônica de um ser criativo supremo, conhecido como o Grande Arquiteto do Universo (*Great Architect of the Universe* — GAOTU). O mestre maçônico Pike descrevia o lugar da humanidade em tudo isto: «Satanás criou e governa o mundo visível. Mas a alma do homem emanou de Deus e é a mesma substância de Deus. Seduzida pelos espíritos malignos, ela passa por vários corpos, até que, purificada e reformada, eleva-se a Deus e é fortalecida pela Sua luz. Os poderes do mal mantêm a humanidade como penhor; e, para resgatar este penhor, o Salvador, Cristo Redentor, veio e morreu na cruz da expiação, cumprindo assim a obrigação escrita.»

Muitos autores fazem uma distinção entre o «sol» celeste e o Deus «Sol» que, segundo eles, é o portador da luz. O dom da luz — sendo esta geralmente interpretada como conhecimento — é largamente venerado nos rituais maçônicos sob o nome Lúcifer. Curiosamente, as denominações «Estrela da Manhã» e «Portador da Luz» foram às vezes aplicadas a Jesus.

De acordo com o conferencista e médium David Wilcock, «as crenças secretas dos Illuminati incluíam a ideia de que existe um “Grande Arquiteto” do Universo dividido em duas polaridades — o Deus cristão, a quem eles chamavam Adonai, e Lúcifer. Neste sistema, Lúcifer não é visto como “o mau da fita”, mas apenas como um dos dois aspetos Divinos do Grande Arquiteto. A ideia de Lúcifer cair e tornar-se “Satanás” é rejeitada nos ensinamentos internos desta filosofia. Na Bíblia, Lúcifer surge originalmente como o anjo mais alto e mais brilhante de todos. Os Illuministas acreditam que Lúcifer foi expulso porque, na realidade, o Deus cristão era o vilão. Os seus argumentos têm como base a supressão da liberdade, sexualidade e investigação científica — a sabedoria — por parte da Igreja. A Igreja era o governo naquela época, e exigia obediência».

Os cabalistas, por outro lado, acreditavam que o nome de Satanás

era simplesmente o nome de Yahveh invertido e que o Diabo não é um deus das trevas, mas apenas a personificação do ateísmo, a ausência de Deus. Outros acreditam que Deus representa uma força de liberdade ou livre-arbítrio que, embora criada para o bem, pode ser usada para o mal.

Como tal, descobrimos que um segredo maçónico não é mais do que um eco da crença dos antigos gnósticos, cátaros e cabalistas, ou seja: apenas existe um grande Deus cósmico criativo referido na literatura maçónica como o Grande Arquiteto do Universo, mas esta divindade pode assumir dois aspetos opostos. Um aspeto oculto desta convicção é o da crença em «deuses» antigos, poderosos seres não-humanos — referidos na Bíblia hebraica e em lendas babilónicas e sumérias ainda mais antigas — que trouxeram a civilização e a ciência aos seres humanos. Os investigadores da teoria dos astronautas antigos veem o conflito entre Adonai e Lúcifer como uma possível representação da inimizade entre os comandantes anunnaki, e também meios-irmãos, Enlil e Enki.

Os Illuminati de grau superior entendiam quer os princípios científicos, quer os metafísicos, como o exemplifica a sua veneração pela coleção de escritos gregos à qual os discípulos de Platão chamavam *Hermes Trismegisto*. Estes escritos deviam o seu nome ao deus grego Hermes, que estabeleceu a alquimia e a geometria, e ao filósofo grego Pitágoras. Tanto Pitágoras, que afirmou que a Terra se movia em volta do Sol, como os escritos herméticos, teriam alegadamente recorrido à «ciência» secreta que sobrevivera ao Dilúvio de Noé. Hermes, deificado como Thoth pelos Egípcios e Ninurta pelos Sumérios, e considerado possuidor de um grande conhecimento dos deuses e das estrelas, dava voz ao princípio «Assim como acima, também em baixo». Isto indicava um conhecimento da unidade universal, comparando-se favoravelmente à teoria do campo unificado de Albert Einstein. «Da menor célula à mais ampla extensão das galáxias, prevalece uma lei geométrica repetitiva e isto era entendido desde os primórdios dos tempos», explicou o autor Laurence Gardner.

A alquimia, conhecida como a «ciência hermética», à semelhança da Maçonaria e dos Illuminati, contém ramos e ritos herméticos. A prática mítica e mágica da alquimia foi transmitida pelos Egípcios. Desde a filosofia e o hermetismo à geometria e cosmologia sagradas, estas filosofias permeavam as sociedades secretas.

«Não pode haver dúvida de que em alguns dos chamados Graus Superiores [no Iluminismo e na Maçonaria] existe uma infusão muito palpável de um elemento hermético. Isto não pode ser negado», escreveu o historiador maçónico Mackey. Esta filosofia também pode ser encontrada na competitiva sociedade dos Rosacruzianos.

Um estudo cuidadoso descobrirá que todas as religiões são uma coleção de verdades, lendas, parábolas que ensinam moral, história tanto real como imaginária, filosofias e advertências para viver uma vida feliz e produtiva. Mas a origem da maior parte destes contos admonitórios pode ser seguida até às mitologias dos Romanos, Gregos, Egípcios e Sumérios, todos eles ligados aos relatos originais dos Anunnaki que vieram dos céus para a Terra.

Quando deixaram de ser vistos pelos seres humanos, a recordação dos mesmos seria a base das religiões mais antigas, cujas crenças elementares — reunião para prestar culto, pagamento do dízimo à Igreja, cuidar da Terra, converter e, principalmente, obedecer aos dogmas da Igreja — ainda hoje estão connosco.

RESUMO

Durante o tempo dos Illuminati da Baviera, a Igreja Católica Romana ainda era poderosa, exercendo a sua influência por meio do empréstimo de dinheiro e da concessão de uma generosidade espiritual à realeza europeia, além de manter um olhar atento sobre o quotidiano dos camponeses graças ao sistema confessional dos seus padres, que se revelaria como uma espécie de incipiente Agência de Segurança Nacional.

Nas profundezas da Igreja encontravam-se ocultos muitos dos segredos dos antigos, transmitidos ao longo dos séculos, primeiro de

boca em boca, depois em tabuinhas de barro e, finalmente, escritos em pergaminhos e papiros. Muitas das informações contidas nesses escritos foram mantidas longe do conhecimento do público, considerado demasiado ignorante para compreender, e muito menos para aceitar, as suas mensagens.

Depois de se tornar uma religião mundial após o decreto do imperador romano Constantino, o clero e a hierarquia religiosa tornaram-se zelosamente possessivos dos seus conhecimentos e da sua posição privilegiada na sociedade. Muito antes da chegada dos Illuminati, o papa Clemente XII emitiu em 1738 um decreto papal que condenava a Maçonaria como culto pagão ilegal e proibia os católicos de aderir à ordem. Este decreto manteve-se em vigor até ao início de 1983, altura em que o papa João Paulo II publicou um Código de Direito Canónico que, embora ainda se opusesse à adesão, não referia especificamente os Maçons, apenas exigindo a excomunhão de apóstatas e hereges. Embora todos os Maçons admitam reconhecer um Grande Arquiteto do Universo, as interpretações dos símbolos e das tradições maçónicas podem ser usadas para dar a ideia de que os Maçons apoiam o Deus cristão ou prestam homenagem a Lúcifer, o Portador da Luz. Um historiador maçónico, Manly P. Hall, descreveu a Maçonaria simplesmente como «não é um credo ou doutrina, mas uma expressão universal da Sabedoria Divina [...] revelando-se por intermédio de uma hierarquia secreta de mentes iluminadas».

No entanto, o líder maçón Pike declarava claramente uma crença dualista na Maçonaria quando escreveu: «Sim, Lúcifer é Deus, e infelizmente Adonai também é deus. Porque a lei eterna é que não existe luz sem sombra, beleza sem fealdade, branco sem preto, porque o absoluto só pode existir como dois deuses: a escuridão sendo necessária à estátua e o travão à locomotiva.»

Os críticos têm afirmado que a ordem foi concebida para transformar a crença religiosa em Deus gradualmente em deísmo, depois em ateísmo e, finalmente, em satanismo. Outros ainda afirmam que muitos maçons são seguidores de Lúcifer, que significa

«o Portador da Luz» ou, na versão da Bíblia do Rei Jaime, um «Iluminado». Afinal, não podemos saber o que é a luz sem a escuridão, nem o que é o bem sem o mal como comparação. Muitos negam a crença frequentemente referida de que Lúcifer é o mesmo que o Diabo ou Satanás. O jornalista William T. Still explicava a diferença com o facto de os luciferianos pensarem que estão a fazer o bem, enquanto os satanistas sabem que estão a praticar o mal. Assim sendo, as sociedades secretas estão a expressar uma crença num deus duplo, ou será que, sub-repticiamente, entendem que a divindade do Antigo Testamento realmente se refere a dois seres separados — o deus vingativo e ciumento (o Enlil dos Anunnaki?) e o deus de amor e misericórdia (Enki)? Este conceito adapta-se bem às referências e imagens conhecidas que encontramos na Maçonaria. E nada neste «erro de interpretação» exclui a existência de uma força criativa universal onnipotente e onisciente que corresponde à atual perceção de Deus de um crescente número de pessoas.

VI

METODOLOGIA

Os métodos utilizados pelos Illuminati para manter os seus membros sob controlo e em silêncio eram variados, mas muito eficazes.

Uma estratégia consistia em apresentar uma imagem pública dos Illuminati como uma organização filantrópica e de caridade. Esta imagem atraía muitos académicos e clérigos, visto que estavam convencidos de que o objetivo da Ordem era um esforço cristão para unificar toda a sociedade numa grande família feliz. Este objetivo tem sido defendido por muitos movimentos, desde o nacional-socialismo (nazis) ao socialismo comunista.

Weishaupt explicava: «Estes poderes [do governo] são déspotas quando não se regem pelos princípios [da Ordem]; e, como tal, é nosso dever cercá-los com os membros da Ordem, para que os profanos [pessoas não iluminadas] não possam ter acesso a eles. Assim, somos capazes de promover de forma mais eficaz os interesses [da Ordem]. Se qualquer pessoa está mais interessada em dar ouvidos a príncipes do que à Ordem, ela não é apropriada para esta e não deve subir mais. Devemos fazer o possível para garantir o avanço dos Illuminati em todos os cargos civis importantes.»

O autor McIlhany referia o seguinte: «Muitos destes [cargos importantes] eram ministros, advogados, médicos e até alguns príncipes. Nenhum era membro das classes mais baixas, das massas trabalhadoras agrícolas ou dos servos. A influência da Ordem na educação alemã e no clero alemão foi devastadora. Em 1800, muitos sacerdotes alemães já não acreditavam nos princípios mais básicos da doutrina cristã. Tinham sido convertidos ao culto da “razão”.»

A crítica dos Illuminati Nesta Webster via um esquema insidioso no recrutamento de novos membros para a Ordem. «Os seguidores de Weishaupt eram recrutados com os métodos enganosos mais subtis e

conduzidos a um objetivo que lhes era totalmente desconhecido. [...] É aqui que [...] reside toda a diferença entre as sociedades secretas honestas e desonestas.

A arte do iluminismo consistia em recrutar tanto os ingênuos como os adeptos, e, ao incentivar sonhos de visionários honestos ou esquemas de fanáticos; ao lisonjear a vaidade de egoístas ambiciosos; ao influenciar cérebros desequilibrados ou ao jogar com paixões como a ganância e o poder, fazer com que homens com objetivos totalmente divergentes servissem os propósitos secretos da seita. As pessoas endinheiradas eram bem-vindas, mas mantidas na ignorância de quaisquer segredos. O objetivo era ganhar poder e riqueza. Minar o governo secular ou religioso e alcançar o domínio do mundo», escreveu ela.

Com uma formação católica, E. Michael Jones é um professor do St. Mary's College of Notre Dame que foi demitido por causa das suas opiniões contrárias ao apoio desta escola à pró-escolha, ao secularismo e ao feminismo. Atualmente editor da revista *Culture Wars*, Jones fez o seguinte comentário sobre o que ele vê como o resultado das práticas dos Illuminati:

Por muito que as publicações dos Illuminati apelassem ao derrube do trono e do altar, a importância do iluminismo não residia na exortação. Antes [...], o iluminismo parecia propor um sistema especialmente eficaz que concretizaria estes objetivos. Weishaupt não tinha apenas publicado um manifesto que exortava à revolução, ele tinha concebido um sistema de controlo que criaria células disciplinadas que haviam de cumprir as ordens dos seus mestres revolucionários, assim parecia, sem a menor ideia de que estavam a receber ordens para o fazer. As intenções de Weishaupt eram claramente revolucionárias, mas o mais chocante nos Illuminati era o mecanismo por meio do qual ele punha estas intenções em prática, controlando a mente dos membros da sociedade secreta. Weishaupt tinha criado um instrumento de controlo psíquico que era eficaz precisamente porque não derivava da filosofia mecanicista do Iluminismo.

No seu livro, Jones afirmava que o desenvolvimento de tecnologias de comunicação, reprodução e controlo psíquico, incluindo psicoterapia, comportamentalismo, publicidade, formação psicossocial, pornografia e até a pura e dura chantagem, «permitiu que o Iluminismo e os seus herdeiros virassem do avesso os

ensinamentos de [Santo] Agostinho e criassem mestres com os vícios dos homens». Santo Agostinho foi um dos primeiros teólogos cristãos a separar o ato de amar (a Deus) da luxúria (materialismo).

Como tal, vale a pena estudar a estrutura dos Illuminati da Baviera, visto que ainda pode estar a ser utilizada atualmente.

ESTRUTURA

Weishaupt criou uma estrutura organizacional que lhe garantia um controlo total sobre a Ordem. Tratava-se de uma organização piramidal em que ele próprio ocupava o topo. Abaixo dele existiam dois subordinados imediatos, que por sua vez tinham dois homens sob o seu controlo. E assim sucessivamente. Em qualquer ocasião, todos os membros dos Illuminati poderiam conhecer — e identificar se interrogados — apenas dois outros. Weishaupt descrevia o seu sistema numa carta a Zwack. Segundo ele: «Imediatamente abaixo de mim, tenho dois [subordinados] nos quais infundo todo o meu espírito; esses dois por sua vez correspondem-se com outros dois, e assim por diante. Desta maneira, e com os meios mais simples possíveis, levarei mil homens a agir. Analogamente, este é o mesmo método pelo qual as sociedades secretas necessariamente operam no seio da esfera política.»

Nenhum membro, exceto um punhado dos Areopagitas imediatamente abaixo de Weishaupt, conhecia os nomes de outros. Estas células eram mantidas separadas, os líderes sabendo apenas os nomes dos superiores imediatos e dos seus subordinados. Nos tempos modernos, esta tática foi observada na estrutura das células comunistas que operavam fora da antiga União Soviética, bem como nas células de terroristas da atualidade. Para incrementar o secretismo, nomes de código eram usados em toda a correspondência. Para os seus companheiros illuminati, Weishaupt era conhecido pelo seu nome de código *Spartacus*, em homenagem ao escravo que liderou uma sangrenta revolta contra os Romanos em 73 a. C. Todos os outros nomes de código vinham da literatura

clássica ou da mitologia, como Alexandre, Cato, Bruto, Pitágoras, Sócrates, Aníbal, Hércules, Adónis, Sula, Ódin, Confúcio e Osíris. Sem dúvida, os nomes dos deuses dos Anunnaki sumérios também teriam sido usados se fossem conhecidos no tempo de Weishaupt: as tabuinhas e os frisos sumérios só seriam descobertos e traduzidos em meados do século XIX. Até as cidades e locais tinham nomes de código. Por exemplo, o nome de código de Viena era *Roma*, o da Áustria era *Egito*, o de Frankfurt am Main era *Tebas*, o de Munique era *Atenas* e o de França era *Ilíria*.

Os recrutadores dos Illuminati procuraram especialmente jovens instruídos, com idades entre os 18 e os 30 anos, de famílias ricas e bem relacionadas.

Os poucos membros que se mostraram especialmente dedicados à Ordem recebiam todos os benefícios materiais e sensuais disponíveis, pois, como Weishaupt escrevera certa vez: «O poder da Ordem deve ser usado para vantagem dos seus membros. Todos devem ser ajudados. Eles têm de ser preferidos a quaisquer outros de igual mérito. Dinheiro, serviços, honras, bens e sangue devem ser gastos em favor dos Irmãos plenamente comprovados.»

Apesar da sua inimizade para com os Jesuítas, a estrutura piramidal de Weishaupt para a Ordem era largamente baseada na configuração organizacional da Companhia de Jesus, acrescentando as estruturas dos Maçons ao sistema jesuíta de modo a incluir um idêntico sistema de graus, instrução esotérica e métodos secretos de reconhecimento. Na Maçonaria, os iniciados encontram três lojas básicas — a Loja Azul, que se divide em três estágios ou graus; o Rito de Iorque, composto por mais dez graus; e o Rito Escocês, com um total de trinta e dois graus. O trigésimo terceiro grau representa a cabeça humana no topo das trinta e três vértebras da coluna vertebral. Este é o mais alto grau conhecido publicamente. Todavia, a literatura maçónica deixa claro que apenas os iniciados que ultrapassam o estatuto dos trinta e três graus são instruídos nos verdadeiros objetivos e segredos do grupo.

Em 1827, era revelado no livro do capitão Morgan, *Illustrations of*

Masonry, by One of the Fraternity Who Has Devoted Thirty Years to the Subject, que o iniciado no Primeiro Grau da Loja Azul se comprometia a «sujeitar-me a uma pena não menor do que ver a minha garganta cortada, a minha língua arrancada pela raiz e o meu corpo enterrado nas rudes areias do mar, na maré baixa, onde a maré enche e vaza duas vezes em 24 horas...». As penalidades nos graus mais elevados tornavam-se progressivamente mais arrepiantes.

Da mesma forma, a estrutura dos Illuminati encontrava-se dividida em três classes principais: o Viveiro (*Pflanzschule* — viveiro de plantas), a Maçonaria e os Mistérios. Qualquer candidato considerado inadequado para graus mais elevados era denominado *Sta Bene* e eram-lhe atribuídas tarefas inconclusivas que lhe impediam qualquer progresso adicional.

A classe do Viveiro encontrava-se dividida em quatro graus: Preparação, Noviciado, Minerval e Illuminatus Minor. Os três primeiros eram concedidos sem consideração especial por qualquer ordem específica. A Preparação era simplesmente a fase inicial de recrutamento de um novo membro, com especial ênfase no apuramento das opiniões do iniciado sobre a Igreja e o Estado. O candidato conhecia apenas o nome do seu recrutador, chamado Insinuator, e desconhecia por completo a existência dos espiões da Ordem, chamados Scrutators, cujo trabalho era vigiar constantemente os novos membros. Ao passar para a fase do Noviciado, o iniciado tinha de assinar um acordo de não-divulgação denominado «Silentio» e recebia um caderno no qual se esperava que escrevesse as suas observações a respeito de tudo o que via e sentia durante as suas experiências diárias. De acordo com o abade Augustin Barruel, um autor anti-Illuminati, o Noviço, cujo período de estágio podia durar de um a três anos, consoante a sua idade, recebia instruções para registar as fraquezas, preconceitos, ações, situação financeira, interesses e paixões de todos aqueles que conhecia, incluindo a sua própria família, amigos e até estranhos. Como qualquer verdadeiro espião, tinha instruções para anotar as suas impressões sobre qualquer acontecimento ou atividade local ou nacional. Era

igualmente obrigado a escrever uma história do seu superior imediato, geralmente o seu recrutador, designado como «Irmão Insinuator», na esperança de que o visse como um modelo, ajudando-o assim a compreender o que se esperava dele enquanto membro da Ordem. Devia estudar a vida e os escritos de autores históricos, filósofos e heróis mitológicos para melhor entender as referências nos documentos dos Illuminati.

O professor Vernon L. Stauffer reconhecia que: «Uma parte importante das responsabilidades do Noviço consistia na elaboração de um relatório pormenorizado (para os arquivos da Ordem), com informações completas sobre a sua família e carreira pessoal, incluindo aspetos tão remotos como os títulos dos livros que ele possuía, os nomes dos seus inimigos pessoais e a ocasião da sua inimizade, os pontos fortes e fracos do seu próprio carácter, as paixões dominantes dos pais, os nomes dos seus pais e íntimos. Também eram necessários relatórios mensais, incluindo os benefícios que o recrutado havia recebido e os serviços que ele prestara à Ordem.» Esta partilha de conhecimento íntimo seria posteriormente adotada pela Skull & Bones Society.

Os Noviços também estavam condicionados à obediência. Deviam receber ordens dos seus superiores sem questionar. Eram também instruídos no sentido de ocultar todas as atividades da Ordem dos «profanos», os membros da população secular que desconheciam e não se interessavam pelas questões religiosas e espirituais. O Noviço que obtinha a aprovação do irmão Insinuator avançava e tornava-se um Minerval. De acordo com o *Dicionário Maçónico*, no seio dos Illuminati, «qualquer indivíduo qualificado podia ser recebido no grau de Noviço aos dezoito anos; e após um período de estágio não inferior a um ano, era admitido no Segundo e Terceiro Graus, e assim por diante até aos graus avançados; embora poucos tenham alcançado o Nono e o Décimo Graus, nos quais estavam contidos os mais secretos desígnios da Ordem, e, de facto, consta que estes últimos graus nunca foram completamente elaborados».

«Esperava-se que a cerimónia de iniciação pela qual o Noviço

passava para o grau Minerval dissuadisse a mente do candidato de qualquer suspeita persistente de que a ordem tinha como objetivo supremo a subjugação dos ricos e poderosos, ou o derrube do governo civil e eclesiástico», escreveu Stauffer. «Também comprometia o candidato a ser útil à humanidade; manter um silêncio eterno, uma fidelidade inviolável e uma obediência implícita em relação a todos os superiores e regras da ordem; e a sacrificar todos os interesses pessoais aos da sociedade.»

Os Minervais deviam o seu nome a Minerva, a deusa romana da sabedoria, simbolizada pela coruja minerval. Segundo o autor Melanson, «a classe minerval era relativamente baixa no esquema das coisas. No entanto, era a alma da Ordem e funcionava como uma espécie de linha de montagem de recrutas. Os candidatos avançavam do nível de Noviço até ao Minerval, onde eram devidamente examinados, escrutinados e doutrinados. [...] O Superior Minerval — um Illuminatus Minor ou Major — recebia o código: *Nosce te ipsum; Nosce alios* [Conhece-te a ti mesmo; Conhece os outros]».

Os Minervais que se mostravam preparados para um compromisso mais profundo com a Ordem avançavam para o nível de Illuminatus Minor. Aqui, ficavam a saber que a única obstrução ao objetivo de felicidade universal da Ordem era o poder que a Igreja mantinha junto dos governos do mundo. Isto significava, é claro, que os líderes destas instituições tinham de ser colocados sob o controlo da Ordem ou destruídos. Se esta perspetiva amedrontasse ou horrorizasse o incipiente Illuminatus Minor, este via-se impedido de avançar até que a sua ética pudesse ser modificada. Como Weishaupt escrevia numa carta a Zwack em 1778: «Não podemos usar as pessoas como elas são, mas sim começar por remodelá-las.»

Barruel escreveu que, durante as reuniões dos iniciados Minervais, estes eram obrigados a ler uma grande variedade de obras clássicas de homens como Séneca, Marco Aurélio e Confúcio. O facto de esta instrução incluir a Bíblia enfurecia Barruel, que afirmava que tal «faria com que os alunos vissem a Bíblia de forma análoga às obras dos filósofos pagãos». Segundo Barruel, os Minervais eram incentivados

a doar livros às suas assembleias, comprar livros em lojas e até «roubar secretamente esses livros ou manuscritos e colocá-los em posse da seita».

«São denominados os Irmãos de Minerva e encontram-se sob a direção dos Illuminati Major ou Minor», escrevia Barruel ao descrever uma reunião de Minervais. «A academia, assim apropriadamente designada, é composta por dez, doze e por vezes quinze Minervais, sob a direção e instrução de um Illuminatus Major. No calendário da seita, os dias em que a academia se reúne são chamados *Santos*, e as suas sessões têm geralmente lugar duas vezes por mês, sempre na lua cheia. O local onde se reúnem é chamado, na língua deles, *uma Igreja* [ênfase no original]. Deve sempre ser precedido de uma antecâmara, com uma porta forte e armada com ferrolhos, que fica fechada durante a reunião; e todo o apartamento deve encontrar-se organizado de tal maneira que seja impossível aos intrusos ver ou ouvir qualquer coisa que esteja a acontecer.»

A iniciação dos Minervais era sempre realizada à noite, altura em que o candidato era deixado sozinho numa sala escura para meditar no seu destino. À luz de três lanternas, representando os três graus principais dos Illuminati, o candidato prometia lealdade total à Ordem, obediência cega aos seus superiores e silêncio total quanto ao seu conhecimento dos Illuminati, concordando com qualquer punição que a Ordem impusesse à quebra deste silêncio. Só então o candidato, agora chamado «Discípulo de Minerva», recebia a frase necessária para participar nas assembleias e academias dos Minervais: «Para trás, para trás, profano.» Na última fase do Viveiro, Illuminatus Minor, o candidato era gradualmente apresentado à estrutura e aos objetivos da Ordem. Era neste grau que o membro do Viveiro recebia a senha, o aperto de mão e o sinal de reconhecimento, juntamente com um medalhão. O iniciado era instado a acompanhar de perto e a participar tudo o que os seus companheiros faziam, tornando-se assim um delator, ou Scrutator. Aqueles que se saíssem bem nesta capacidade poderiam ser transferidos para o grau de Illuminatus Major.

A classe da Maçonaria tinha um total de cinco graus, divididos em duas partes: a Simbólica, que incluía os graus de Aprendiz, Companheiro, Mestre e Illuminatus Major; e a Escocesa, composta pelos Illuminatus Dirigens, ou Cavaleiros Escoceses.

Ao passar para os graus simbólicos, o candidato era iniciado numa sala escura, toda revestida com tecido preto, com os participantes também vestidos de preto. Era aqui que ele era apresentado ao equivalente dos graus maçônicos. Aqui, ficava a saber que os Illuminati controlavam secretamente todas as lojas maçônicas. Era igualmente apresentado a uma atividade que alargava o seu papel de Scrutator. Denominada «Conhece os outros», exigia que o membro descrevesse em pormenor os seus colegas, até às suas características físicas, traços faciais, expressões, educação, uso da linguagem, emoções e até hábitos de sono.

No grau Illuminatus Major, o membro era obrigado a escrever um esboço biográfico completo de si mesmo, chamado *Pensum*, que era comparado com as opiniões do seu Irmão Insinuator e dos seus colegas iniciados. Se as suas anotações autobiográficas estivessem de acordo com os dados dos outros, o iniciado avançava para um nível mais alto, onde começava a aprender os segredos mais profundos da Ordem. Caso contrário, esta era mais uma medida para eliminar os candidatos indesejáveis. Estranhamente, o Illuminatus Major era obrigado a aprender a escrever com as duas mãos.

A senha do Illuminatus Major era *Nosce te ipsum* (Conhece-te a ti mesmo). Depois dos graus simbólicos, vinha o grau de Cavaleiro Escocês, que incluía os Illuminatus Dirigens ou Cavaleiros Escoceses, onde se desenvolviam os administradores da Ordem. Estes homens cuidadosamente escrutinados eram colocados à frente das lojas maçônicas iluminadas, criando assim uma sociedade secreta no seio de uma sociedade secreta. Realizada em salas decoradas de verde, a iniciação dos Illuminati Dirigens por vezes era seguida de uma receção, conhecida como Agape.

A classe final, a dos Mistérios, também se encontrava dividida em duas partes com um total de quatro graus: os Mistérios Inferiores com

os graus de Príncipe e Sacerdote, e os Mistérios Superiores, compostos pelos graus de Mago e Rei. O grau de Príncipe dos Mistérios Inferiores era reservado aos principais administradores da Ordem. Durante a iniciação, o candidato tinha as mãos atadas, significando a escravidão do Estado e a tirania da Igreja. Depois de professar que queria ser um homem livre, o candidato era levado para a sala principal, onde recebia os atavios do seu grau: um uniforme, um gorro vermelho que representava a liberdade, um ramo de oliveira, um cajado de pastor e uma coroa.

A senha de um Príncipe era *Redemptio* (Redenção). Os Sacerdotes, que se reuniam uma vez por ano no que era conhecido como um Sínodo, eram levados de olhos vendados numa carruagem para manter em segredo o local da sua iniciação. O ritual era presidido por um Sacerdote chamado Decano. Os Sacerdotes dos Illuminati recebiam a opção de dirigir uma destas ciências: física, medicina, matemática, história natural, política, artes ou ciências ocultas. Aos Sacerdotes também era ensinado o desprezo pelos bens materiais e que a posse dava origem à desigualdade e à perda de liberdade. Era-lhes também ensinado que a grande riqueza só podia ser obtida à custa dos outros. O candidato a Sacerdote recebia uma variedade de coisas, incluindo ouro, joias, uma espada, uma coroa ou uma tosca túnica de lã. Se ele escolhesse esta última, avançava. A palavra de código do Sacerdote era «I-N-R-I», que representava *Iesus Nazareus Rex Iudaeorum* (Jesus Nazareno Rei dos Judeus).

Os Graus dos Mistérios Inferiores e Superiores eram secretos, mesmo para os outros membros da Ordem, e oficiados pessoalmente por Weishaupt. Apenas muito poucos membros alcançavam estes graus, que eram derivados do conhecimento das Escolas de Mistérios gregas e egípcias, bem como dos Mistérios Eleusinos. Era aqui que o membro Mago finalmente aprendia alguns dos segredos mais íntimos dos Illuminati, sem dúvida aqueles transmitidos pelos deuses antigos.

Um candidato cuja devoção absoluta à Ordem tivesse sido comprovada era autorizado a entrar no círculo de iniciados de nível superior como Mago, uma posição que apenas era suplantada pela

de Rei, ocupada por Weishaupt. «Por esta altura, todo o idealismo convencional havia sido eliminado do candidato, e ele era informado sobre o verdadeiro objetivo da Ordem: o domínio do mundo, a ser alcançado após a destruição de todos os governos e religiões existentes. Agora, ele era obrigado a prestar um juramento que vinculava todos os seus pensamentos e ações, e o seu destino, à administração dos seus superiores na Ordem», explicava o autor McIlhany.

O papel de Illuminati Rex, ou Rei, estava reservado apenas para Weishaupt, cuja primeira lei e palavra de ordem para os seus Illuminati era o sigilo. Numa carta de 1794 a um colega illuminatus, Weishaupt afirmava: «A grande força da nossa Ordem reside na sua ocultação. Que nunca apareça em nenhum lugar em seu próprio nome, mas sempre dissimulada por outro nome e outra ocupação. Nada é mais adequado do que os três graus inferiores da Maçonaria: o público está acostumado e pouco espera deles, e, como tal, mal dá por eles. Em seguida, a forma de uma sociedade erudita ou literária [a Sociedade Thule] é a mais adequada ao nosso objetivo. [...] Ao estabelecer sociedades de leitura e bibliotecas de subscrição [...] podemos transformar a mente do público consoante desejarmos. De igual modo, devemos tentar obter influência em [...] todos os cargos que tenham qualquer efeito, seja na formação, na administração ou até na direção da mente do homem.»

Weishaupt não só se propunha enganar o público, como recordava aos principais líderes que deviam esconder as suas verdadeiras intenções dos seus próprios iniciados, «falando às vezes de uma maneira, às vezes de outra, para que o nosso verdadeiro objetivo permaneça impenetrável para os inferiores».

Até a correspondência entre os membros da Ordem devia ser codificada. Segundo Weishaupt: «... ele [o membro] deve tornar-se mestre nessa cifra, que lhe deve servir até que seja iniciado nos graus superiores, altura em que lhe serão confiados os hieróglifos da Ordem.»

Em setembro de 1785, os académicos desertores Utzschneider,

Grünberger e Cosandey, num depoimento conjunto enviado ao duque Carlos Teodoro, descreviam o funcionamento interno dos Illuminati da seguinte forma:

O objetivo dos primeiros graus do Iluminismo consiste em treinar os seus jovens e, simultaneamente, ficar a saber de tudo o que se passa por meio de um sistema de espionagem. Os Superiores fazem por obter dos seus inferiores atos diplomáticos, documentos e escritos originais. É com prazer que os veem cometer traições ou atos traiçoeiros, porque não só usam os segredos traídos para sua própria vantagem, como também têm o poder de manter os traidores num receio perpétuo, não vão os seus malefícios, se alguma vez mostrarem algum sinal de teimosia, ser dados a conhecer. — *Oderint dum metuant* — eles que odeiem, desde que temam — é o princípio do seu governo.

Os Iluminados destes primeiros graus são educados nos seguintes princípios:

I. O Iluminado que deseja ascender ao mais alto grau deve estar livre de toda a religião; porque um *religionista* (o que eles chamam a todo o homem que tem alguma religião) nunca será admitido nos graus superiores.

II. A *Patet Exitus*, ou doutrina do Suicídio, é expressa nos mesmos termos do depoimento anterior.

III. *O fim santifica os meios* [ênfase do autor]. O bem-estar da Ordem será uma justificação para calúnias, envenenamentos, assassínios, perjúrios, traições, rebeliões; em suma, para tudo o que os preconceitos dos homens os levam a chamar crimes.

IV. Há que ser mais submisso aos Superiores do Iluminismo do que aos soberanos ou magistrados que governam o povo; e aquele que dá preferência aos soberanos ou governadores do povo é-nos inútil. Honra, vida e fortuna, tudo deve ser sacrificado aos Superiores. Os governadores das nações são déspotas quando não são dirigidos por nós. Eles não podem ter autoridade sobre nós, que somos homens livres.

V. O amor ao príncipe e ao país é incompatível com visões de imensa extensão, com os fins últimos da Ordem, e há que brilhar com ardor pela consecução deste fim.

Os Superiores do Iluminismo devem ser encarados como os homens mais perfeitos e iluminados; nenhuma dúvida deve ser alimentada nem sequer quanto à sua infalibilidade.

É nestes princípios morais e políticos que os Iluminados são educados nos graus inferiores; e [...] depois admitidos nos graus mais elevados.

Eles usam todos os artifícios possíveis para garantir que os diferentes correios de todos os países sejam confiados aos cuidados dos seus adeptos. Também se gabam de possuir o segredo de abrir e fechar cartas sem que a circunstância seja notada.

«O logro e a chantagem eram os meios da Ordem para atingir os seus objetivos, aconselhava Weishaupt aos seus irmãos illuminati mais próximos», refere a Biblioteca Pleyades, um *site* dedicado aos

«muitos cientistas, estudiosos, filósofos e buscadores da verdade que confirmam repetidas vezes [...] que não estamos sozinhos no universo, que seres de outros planetas e galáxias, bem como de outras dimensões, estão e sempre estiveram em contacto com a humanidade, partilhando a nossa Verdadeira História, além de fazerem a nossa realidade atual».

Em notas confiscadas no Castelo de Sandersdorf (propriedade de um líder dos Illuminati, o barão Dominikus de Bassus) na Alemanha, Weishaupt escrevia: «Dedicaei-vos à arte do engano, à arte do disfarce, da máscara, de espiar os outros e perceber os seus mais íntimos pensamentos.» Para garantir que os segredos da Ordem não eram divulgados, Weishaupt criou no seio da Ordem um corpo policial secreto ao qual chamou «irmãos insinuantes». Estes funcionavam da mesma maneira que a Cheka dos bolcheviques e as suas sucessoras: denúncia, provocação, chantagem e terrorismo. De acordo com um *site*, «os “irmãos insinuantes” agiram com plena força durante o reinado de terror ao qual se deu o nome de Grande Revolução Francesa, que foi em grande parte obra de agentes dos Illuminati».

Assim como os Jesuítas, cuja estrutura Weishaupt tentou imitar, a Ordem dos Illuminati seguia linhas rígidas e militares. Esperava-se que os membros entregassem a sua vontade e pensamentos individuais contra a promessa da sabedoria antiga, caso atingissem graus e níveis mais elevados. Quanto mais ascendessem nas iniciações, mais segredos lhes seriam confiados.

O conhecimento divulgado no interior dos Illuminati era apenas o considerado estritamente necessário, e os membros eram exortados a espiar-se uns aos outros, além de comunicar as suas experiências no exterior da Ordem. Eram obrigados a apresentar regularmente relatórios selados ao seu superior imediato. Esses relatórios seguiam depois para Weishaupt e para os seus confidentes mais próximos.

SIMBOLOGIA

Os símbolos são coisas materiais — sejam eles desenhos, ícones, objetos ou marcas não figurativas — que representam outra coisa, muitas vezes uma ideia abstrata. Os símbolos, como a águia americana, a suástica nazi, o cifrão e os diversos ícones que caracterizam produtos comerciais, são utilizados há séculos para transmitir mensagens ao público. Os símbolos podem ser extremamente eficazes na comunicação de ideias.

Os Illuminati depressa aprenderam a usar símbolos para transmitir secretamente informações aos seus membros. A origem de muitos dos símbolos usados pela Ordem e outras sociedades secretas pode ser seguida, por intermédio dos Cavaleiros Templários, Assassinos e Escolas de Mistérios da Grécia e do Egito, até à Escola de Mistérios da Babilónia, que supostamente guardava segredos retidos dos antigos Anunnaki. Exemplos deste simbolismo incluem a cruz de Malta, outrora usada para representar o deus Baal, e depois pelos Templários cristãos; a águia bicéfala, usada pelos Antigos Egípcios, Cavaleiros Templários e Romanos, até à Maçonaria e aos Illuminati; e o caduceu, uma vara entrelaçada por serpentes que era usada pelos Sumérios e ainda hoje é o símbolo dos médicos. De referir que a águia também tem uma presença destacada nas armas da família Rothschild, além de ser a ave nacional dos Estados Unidos.

Um símbolo-chave dos Illuminati é o olho-que-tudo-vê de Hórus, também conhecido como o olho do deus solar Rá, um símbolo repetidamente observado desde os tempos dos faraós. Trata-se de um antigo símbolo egípcio de poder real, boa saúde, sacrifício, cura, restauração e proteção, e refere-se tanto a Hórus, deus do céu e da realeza, como a Osíris, deus da vida, da morte e da ressurreição.

De acordo com Isaac Weishaupt («que obviamente não é o meu nome verdadeiro. Uso-o porque este é o meu passatempo, não o meu trabalho a tempo inteiro. Sou um profissional que trabalha e tenho de manter o anonimato»), que dirige o *site* Illuminatiwatcher.com, «... uma das interpretações mais antigas do olho e do conceito de uma divindade que olha por nós [é] a ideia de um ser onnipresente que olha por nós, conforme várias vezes referido na Bíblia (1 Pedro 3:12 e

Provérbios 22:12), e isto também inclui a referência bíblica aos Vigilantes, também conhecidos como Nephilim. Estes eram os descendentes híbridos dos extraterrestres que são chamados “filhos de Deus” no Gênesis e das filhas dos homens que então viviam na Terra. [...] Dizia-se que os Nephilim eram gigantes, com aproximadamente 300 côvados ou 200 metros de altura, com base na tradução da Bíblia hebraica e do Livro de Enoque».

Segundo o autor maçônico Albert Mackey, «[o] olho-que-tudo-vê [é] um importante símbolo do Ser Supremo, tomado de empréstimo pelos Maçons às nações da Antiguidade. Tanto os Hebreus como os Egípcios parecem ter derivado o seu uso da inclinação natural da mente figurativa para escolher um órgão como símbolo da função a que se destina. [...] Com base no mesmo princípio, o olho aberto foi escolhido como símbolo de vigilância e o olho de Deus como símbolo da vigilância Divina, bem como da preocupação do universo».

Muitos estudantes do ocultismo acreditam que o Olho de Hórus na realidade se refere à glândula pineal, ou terceiro olho, localizada no centro da testa. Acredita-se que o terceiro olho, um símbolo concetual usado pelos Antigos Egípcios e Hindus em referência à glândula pineal, seja a porta de entrada para uma maior consciência e iluminação. O terceiro olho tem sido frequentemente associado a visões religiosas, à clarividência (visão remota), à capacidade de observar os chacras (considerados por alguns como os sete centros de poder espiritual no interior do corpo humano) e as auras, à precognição e às experiências extracorpóreas. Com efeito, o único regulador da consciência no cérebro, o tálamo, assemelha-se surpreendentemente ao antigo símbolo do olho de Hórus.

Uma autoproclamada desertora moderna dos Illuminati, conhecida apenas como Svali, afirmava: «A pirâmide e o “olho de Hórus” no reverso da nota de dólar são simbologia dos Illuminati. A pirâmide é uma forma antiga, baseada na santidade do número três das antigas religiões de mistério (este, e não o seis, é considerado o número mais espiritual), e uma pirâmide era uma estrutura usada especificamente para invocar o demoníaco, ou oculto, um ponto de atividade psíquica.

O olho é o olho-que-tudo-vê de Hórus (lembram-se da ênfase nas práticas mágicas religiosas egípcias? Do livro dos mortos-vivos, etc.?) e o facto de que ninguém pode escapar ao seu alcance mágico. Este olho é considerado um olho demoníaco no grupo, ou o olho da divindade, e na mitologia dos Illuminati encontra-se aberto ou fechado, dependendo da época espiritual do ano e do estado psíquico da pessoa. As crianças pequenas são objeto de uma “cirurgia psíquica” em que o olho é colocado no interior, e é-lhes dito que Hórus lhes leva a alma se tentarem sair, ou se contarem, ou que o olho há de explodir. Para qualquer criança dos Illuminati que o vê, o símbolo na nota de dólar é um reforço, uma advertência de que está a ser vigiada.»

Outro símbolo importante dos Illuminati é a coruja de Minerva (ver o capítulo «A Igreja»). Uma insígnia original dos Illuminati da Baviera, a coruja de Minerva simbolizava a sabedoria e estava empoleirada num livro aberto. A coruja minerval encontra-se num panfleto dos Illuminati impresso por volta de 1776, o ano da formação da Ordem. Era proeminente nos graus inferiores da Ordem e representava a deusa romana Minerva, a deusa grega Atena, conhecida pelos Egípcios como Ísis e pelos Sumérios como Ninhursag. Os iniciados dos Illuminati eram chamados Irmãos de Minerva e reuniam-se em Assembleias Minervais.

Alguns fervorosos investigadores da conspiração até afirmam que a coruja minerval pode ser encontrada escondida nos pormenores de uma nota de dólar. Veem isto como uma prova de que alguma forma dos Illuminati ainda se encontra ativa, sendo suficientemente poderosa para colocar os seus símbolos na moeda americana.

Alguns até detetam o contorno da coruja minerval em vistas aéreas do Capitólio dos EUA.

Os investigadores interrogam-se se será mera coincidência que a coruja minerval, símbolo dos Illuminati, também seja o símbolo do misterioso e secreto Bohemian Club de São Francisco, que patrocina as reuniões anuais no Bohemian Grove, uma propriedade com mais de mil hectares de extensão. Ali, alguns dos homens (não existem

mulheres como membros permanentes desde o seu início em 1872) mais poderosos e preeminentes do mundo reúnem-se anualmente no mês de julho para participar em rituais que envolvem ostentação, pirotecnia e indumentárias exóticas. Além da coruja, outro lema do clube é «as aranhas tecedeiras não entram aqui», que pode ser interpretado como uma proibição de conspirar ou simplesmente que as preocupações diárias do comércio e da política devem ser deixadas à porta.

Uma coruja de betão com dez metros de altura, supostamente simbolizando o conhecimento, tem vista para o lago Grove e é o pano de fundo da cerimónia anual da Cremação dos Cuidados, realizada como «um exorcismo do Demónio para garantir o sucesso das duas semanas seguintes» e que os críticos afirmam ser uma reencenação de um ritual de sacrifício humano.

O segredo, os atavios e o nível de preeminência dos seus membros, para não falar da coruja minerval, resultaram em acusações de que as festividades do Bohemian Club e do Bohemian Grove são ramificações dos velhos Illuminati.

Os símbolos que mais atenção têm despertado encontram-se no reverso da nota de dólar, que é abundante em símbolos maçónicos e, como tal, em alguns illuminati. O número treze surge com frequência na literatura ocultista. Em numerologia, o número treze é considerado um número cármico de grande poder, refletindo convulsões e abrindo caminho para novos começos. Segundo o *site* Biblestudy.org, «o número 13 é símbolo de rebelião e ilegalidade. Nimrod, o poderoso caçador que esteve “diante do Senhor” (significando que tentou tomar o lugar de Deus — Génesis 10:9), era o 13.º na linhagem de Cam (Cam era um dos três filhos de Noé que sobreviveram ao Dilúvio). Treze representa todos os governos criados pelos homens e inspirados por Satanás, em total rebelião contra o Eterno».

O autor ocultista e maçom do 33.º grau Manly P. Hall escrevia o seguinte: «O misticismo europeu não estava morto na época em que os Estados Unidos da América foram fundados. A mão dos Mistérios controlou o estabelecimento do novo governo, uma vez que a

assinatura dos Mistérios ainda pode ser vista no Grande Selo dos Estados Unidos da América.»

O olho-que-tudo-vê e a pirâmide no reverso do selo foram propostos pelo Congresso em 1782. Após seis anos e três comissões separadas, que incluíram os Pais Fundadores Thomas Jefferson, John Adams e Benjamin Franklin, o selo foi finalmente aprovado pelo Congresso em 1789. Como veremos, Jefferson e Franklin tinham mais do que um ligeiro conhecimento dos Illuminati.

A explicação oficial para a pirâmide é que ela significa apenas força e duração. O vértice inacabado indica que ainda era necessário trabalho para completar o destino dos Estados Unidos. O olho-que-tudo-vê e o lema «*Annuit coeptis*» pertencem à ideia de que Deus, a Providência ou o Grande Arquiteto do Universo abençoa a causa americana. Os números romanos na base da pirâmide indicam supostamente a data da assinatura da Declaração de Independência.

A influência dos Illuminati no Grande Selo foi sugerida pelo ocultista maçónico Manly P. Hall, que escreveu: «Muitos dos fundadores do governo dos Estados Unidos não só eram maçons, como também receberam a ajuda de *um secreto e augusto corpo existente na Europa* [ênfase adicionada], que os ajudou a estabelecer este país para um propósito específico e particular, conhecido apenas pelos poucos iniciados. O Grande Selo é a assinatura deste elevado corpo — invisível e, em grande parte, desconhecido — e a pirâmide inacabada no seu reverso é uma prancha de cavalete [um suporte para símbolos ou desenhos] que define simbolicamente a tarefa a cuja concretização o governo dos Estados Unidos foi dedicado desde o dia da sua criação.»

Ainda mais direto seria Emanuel Josephson, um fervoroso anticomunista que em 1955 publicou um ataque ao falecido presidente Franklin D. Roosevelt, intitulado *Roosevelt's Communist Manifesto*. Nesta obra, Josephson argumentava que o New Deal de Roosevelt para combater a Grande Depressão se baseava nos planos de Adam Weishaupt para os Illuminati.

A respeito do Grande Selo, Josephson escreveu: «A insígnia da

Ordem dos Illuminati foi adotada por Weishaupt na altura em que ele fundou a Ordem, a 1 de maio de 1776. É esse acontecimento que é comemorado pelo MDCCLXXVI [1776 em algarismos romanos] na base da pirâmide, e não a data da assinatura da Declaração de Independência, como têm suposto os desinformados.»

Embora o ano esteja correto, a data está em falta. Todos sabemos que o documento foi assinado a 4 de julho, Dia da Independência. Mas isto também não está correto.

Segundo o *site* History.com: «A Declaração de Independência não foi assinada a 4 de julho de 1776. A 1 de julho de 1776, o Segundo Congresso Continental reuniu-se em Filadélfia e, no dia seguinte, doze das treze colónias votaram a favor da moção de Richard Henry Lee pela independência. Os delegados passaram os dois dias seguintes a debater e a rever a linguagem de uma declaração redigida por Thomas Jefferson. A 4 de julho, o Congresso adotou oficialmente a Declaração de Independência e, como resultado, a data é comemorada como o Dia da Independência. Todavia, quase um mês se passaria antes da assinatura do documento. Primeiro, os delegados de Nova Iorque só deram oficialmente o seu apoio a 9 de julho, porque a sua assembleia local ainda não os havia autorizado a votar a favor da independência. Em seguida, foram necessárias duas semanas para que a Declaração fosse “transcrita” — escrita em pergaminho com uma caligrafia legível. A maioria dos delegados assinou a 2 de agosto, mas vários — Elbridge Gerry, Oliver Wolcott, Lewis Morris, Thomas McKean e Matthew Thornton — assinaram posteriormente. Dois outros, John Dickinson e Robert R. Livingston, nunca chegaram a assinar...»

Josephson explicou o significado do desenho do Grande Selo da seguinte forma: «[A] pirâmide representa a conspiração para a destruição da Igreja Católica (Universal Cristã) e o estabelecimento de uma ditadura unimundial, o “segredo” da Ordem; o olho que irradia em todas as direções é o “olho que tudo espia”, que simboliza a agência de espionagem terrorista, semelhante à Gestapo, que Weishaupt fundou sob o nome de “Irmãos Insinuantes”, para guardar

os “segredos” da Ordem e, por meio do terror, levar a população a aceitar o seu governo. Esta “Ogpu” [polícia secreta inicial da União Soviética] teve o seu primeiro treino no Terror da Revolução Francesa, em cuja organização se revelou fundamental. É um motivo de espanto que o eleitorado tolere a continuação do uso desta insígnia como parte do Grande Selo dos EUA.»

«ANNUIT COEPTIS significa “a nossa empresa (conspiração) foi coroada de êxito”», explicava também Josephson. «Abaixo, NOVUS ORDO SECLORUM explica a natureza da empresa: e quer dizer “uma nova ordem social” ou “New Deal”. [...] Benjamin Franklin, John Adams (parente de Roosevelt) e Thomas Jefferson, iluminista fervoroso, propuseram o acima exposto como reverso do selo, na face do qual estava o símbolo da águia. [...] Isto só pode querer dizer que, com o advento do New Deal, os conspiradores iluministas-socialistas-comunistas, seguidores do professor Weishaupt, consideraram que os seus esforços começavam a ser coroados de êxito.»

A forma de uma pirâmide é triangular, uma figura geométrica usada na Maçonaria para representar o Grande Arquiteto do Universo. Henry A. Wallace, que foi secretário da Agricultura, vice-presidente e secretário do Comércio de Roosevelt, admitiu na década de 1950 como este presidente, um maçom do 32.º grau e membro da Holland Lodge N.º 8, em Nova Iorque, ajudou a alterar os símbolos do Grande Selo:

Reparei na reprodução colorida do reverso do Selo. A frase latina *Novus Ordo Seclorum* pareceu-me significar *New Deal of the Ages*.

Fiquei impressionado com o facto de o reverso do Selo nunca ter sido usado. Como tal, levei a publicação ao presidente Roosevelt e sugeri que fosse lançada uma moeda com ambos os lados do Selo.

Roosevelt, ao olhar para a reprodução colorida do Selo, ficou inicialmente impressionado com a representação do «olho-que-tudo-vê», uma representação maçónica do Grande Arquiteto do Universo. Em seguida, ficou impressionado com a ideia de a fundação da nova ordem das eras ter sido lançada em 1776, mas que apenas seria concluída sob o olhar do Grande Arquiteto. Como eu, Roosevelt era um maçom do 32.º grau.

Ele sugeriu que o Selo fosse colocado na nota de dólar e não numa moeda e levou

a questão ao secretário do Tesouro. Ele referiu-a numa reunião do gabinete e perguntou ao James Farley [diretor-geral dos Correios e católico romano] se achava que os católicos teriam alguma objeção ao «olho-que-tudo-vê», que ele, como maçom, considerava um símbolo maçónico da Divindade. Farley respondeu que «não, não haveria objeção». As novas notas, que eram certificados de prata, foram emitidas no verão de 1935.

A pirâmide era um símbolo bastante destacado dos Illuminati da Baviera, e o facto de estar incluída no Grande Selo fez com que muitos investigadores suspeitassem da influência da Ordem no desenho do mesmo.

Oficialmente, a pirâmide de treze degraus significa força e duração, além das treze colónias originais. A pirâmide está inacabada e falta-lhe o vértice, o que significa que os EUA ainda são uma nação incompleta. Todavia, a pirâmide também representava a própria Ordem dos Illuminati da Baviera, as pedras diante dela representando a ideia de que o trabalho da Ordem ainda não estava concluído. A pirâmide era um elemento destacado em todas as assembleias minervais da Ordem.

O lema de treze letras *Annuit coeptis* significa «Deus favoreceu o nosso empreendimento», uma referência à satisfação de Deus com a causa americana. Curiosamente, as letras D e P visíveis na pirâmide dos Illuminati significavam *Deo Proximo*, ou «perto de Deus», uma comparação estreita com *Annuit coeptis*. E o ano em latim MDCCLXXVI [1776] pode representar o ano em que os Illuminati foram formados, mais do que a fundação dos Estados Unidos. Afinal, a Revolução Americana já estava em andamento quando a Declaração de Independência foi adotada pelo Segundo Congresso Continental, e as queixas contra o domínio britânico remontam a pelo menos 1763, quando a proibição do rei Jorge à expansão para oeste foi vista como uma interferência nos assuntos das colónias. O famoso Massacre de Boston teve lugar em 1770, o Primeiro Congresso Continental em 1774, e as batalhas de Lexington e Concord em 1775.

Segundo o investigador dos Illuminati e evangelista Texe Marrs, alguns aspetos do Grande Selo foram instigados por um representante dos Rothschild. «... em 1772, Haym Salomon, um

agente europeu dos Rothschild e homenageado no clássico *A History of Jews in America* como o “Financeiro da Revolução Americana”, chegou às colônias americanas e usou o dinheiro dos Rothschild para influenciar ainda mais os líderes coloniais americanos», observou Marrs. «Mais tarde, Salomon fez com que o símbolo do olho-que-tudo-vê dos Illuminati fosse convertido no reverso do Grande Selo dos Estados Unidos. Atualmente, esse olho ocultista e misterioso encontra-se na nossa nota de um dólar, logo acima da pirâmide dos Illuminati.»

De acordo com Johnny Silver Bear, «os serviços de informações estado-unidenses e ingleses possuem provas documentadas de que a Casa de Rothschild financiou os dois lados de todas as guerras, desde a Revolução Americana. O financeiro Haym Salomon, um agente dos Illuminati, apoiou os patriotas durante a Revolução Americana e depois fez empréstimos a James Madison, Thomas Jefferson e James Monroe».

O lema do Grande Selo, *Novus ordo seclorum*, também tem sido tema de muita controvérsia. Traduzido oficialmente como «Uma nova ordem dos tempos», muitos ainda o veem como uma versão da «Nova Ordem Mundial». A frase foi aparentemente retirada das *Éclogas* do poeta romano Virgílio, nas quais uma criança vem dos céus e inicia uma nova ordem dos tempos. Embora a identidade da criança não seja clara, considera-se geralmente que se refere a Cristo, o que pode explicar por que motivo os primeiros cristãos não destruíram esta obra, como fizeram com tantas outras publicações romanas. Existe até controvérsia sobre a águia americana, o preeminente símbolo dos Estados Unidos. Os investigadores têm referido que a ave representada na primeira versão do Grande Selo tem um pescoço muito mais comprido e um perceptível tufo de penas na parte de trás da cabeça. O corpo é muito mais delgado, com asas mais curtas. Acredita-se que o pássaro originalmente representasse a fénix, a mitológica ave grega que nasce das cinzas da sua predecessora, a ideia sendo que os estados que compõem os Estados Unidos se ergueram das cinzas da colonização do Velho

Mundo.

A fénix é há muito um símbolo ocultista. Aparentemente, alguém terá pensado que a fénix estava demasiado associada a sociedades secretas como os Illuminati — que estavam a tentar derrubar os antigos sistemas religiosos e estatais e substituí-los por algo de novo. Como tal, a ave mítica seria substituída pela águia em versões posteriores. Não deixa de ser interessante que, durante algum tempo, a ex-primeira-dama e secretária de Estado Hillary Clinton tenha sido vista com um alfinete de lapela que, observado com mais atenção, parecia ser uma fénix no topo de um globo. Nenhuma explicação foi dada quanto ao motivo que a teria levado a usar um emblema dos Illuminati.

O Pai Fundador Benjamin Franklin, membro do pagão Hell Fire Club de Londres e, sem dúvida, amigo de membros ou simpatizantes dos Illuminati, numa carta à sua filha menosprezava a águia nestes termos: «Pela parte que me toca, preferia que a Águia não tivesse sido escolhida como representante do nosso País. Trata-se de uma ave de mau carácter moral. Não ganha a vida honestamente. Podemos vê-la empoleirada numa árvore morta perto do rio, onde, demasiado preguiçosa para pescar, observa o labor da águia-pesqueira; e quando aquela ave diligente finalmente apanha um peixe e o leva para o ninho para sustento da sua companheira e dos filhotes, a Águia persegue-a e rouba-lhe o peixe.

Como tal, não estou descontente com o facto de a figura não ser conhecida como uma Águia, mas mais parecer um peru. Na verdade, o peru é, em comparação, uma ave muito mais respeitável e, além disso, uma verdadeira nativa original da América. [...] Além do mais, embora um pouco vaidoso e pateta, o peru é uma ave de coragem, e não hesitaria em atacar um granadeiro da Guarda Britânica que se atrevesse a invadir o quintal da sua quinta com uma casaca vermelha.»

Vários autores maçónicos têm associado a águia ao antigo deus solar egípcio Amon Rá, visto que consegue voar mais perto do Sol do que qualquer outra criatura.

«Alguns maçons criaram o Grande Selo em 1782, e outros maçons colocaram-no no reverso do dólar americano em 1935», observou A. Ralph Epperson. «E parece que todos os envolvidos conheciam o significado dos símbolos ocultos ali retratados. Existe uma abundância de evidências de que os Maçons estiveram fortemente envolvidos na fundação dos Estados Unidos e na concepção do Grande Selo.» Como já vimos, os Maçons encontravam-se amplamente infiltrados pela doutrina dos Illuminati.

OS PROTOCOLOS

Os Protocolos dos Doutos Anciãos de Sião, por vezes referidos como *Os Protocolos dos Sábios de Sião*, é uma lista de procedimentos para usurpar governos nacionais e obter o domínio do mundo. Este documento pode ter causado mais estragos do que praticamente qualquer outra peça de literatura da história recente.

Uma versão d'*Os Protocolos* apareceu pela primeira vez em 1864 em França, num livro intitulado *Dialogue aux enfers entre Machiavel et Montesquieu*. Este fora escrito anonimamente por um advogado francês chamado Maurice Joly e era visto como uma sátira política contra as maquinações de Napoleão III, inspiradas em Maquiavel. Joly era membro dos Rosacrucianos, o que influenciou a sua escrita. Em 1921, uma denúncia de Lucien Wolf, jornalista judeu inglês, revelava a obra de Joly como nada mais do que um plágio grosseiro de dois livros anteriores. Um desses livros fora escrito em 1859 por Jacques Crétineau-Joly, jornalista católico francês, que alegadamente teria recebido documentos do papa Gregório XVI. Os documentos haviam sido retirados de uma sociedade secreta italiana conhecida pelo nome de Haute Vente Romaine (Alta Vendita), encabeçada por um príncipe italiano iniciado por Knigge, então íntimo de Weishaupt. Acreditava-se que essa sociedade não passasse de uma reencarnação dos Illuminati, o que reforça o argumento de que *Os Protocolos* teriam a sua origem nesta Ordem.

Quando a sua identidade foi descoberta, Maurice Joly recebeu uma

sentença de quinze meses de prisão pela sua impertinência e a sua obra foi quase esquecida.

Em meados da década de 1890, o obscuro livro de Joly foi reescrito e reeditado com material antissemita sob ordens da russa Ochrana, a polícia secreta do czar. Seria acrescentado ao trabalho de um escritor religioso chamado Sergei Nilus e publicado de modo a coincidir com a fundação da primeira assembleia oficial sionista no Congresso Mundial do Judaísmo de 1897 em Basileia, Suíça. Os *Protocolos* foram incluídos como um apêndice do livro de Nilus, parcialmente intitulado *O Anticristo Está Próximo*. O objetivo era reduzir a pressão pública sobre o czar ao retratar os revolucionários russos como meros peões de uma conspiração judaica internacional. Sem referir os Illuminati, o livro de Nilus afirmava que um grupo de judeus e maçons unira forças para criar um governo mundial baseado no liberalismo e no socialismo, uma teoria da conspiração ainda viva na atualidade. Por exemplo, a 13 de junho de 2013, durante um discurso no Museu Judaico e Centro da Tolerância de Moscovo, o presidente russo Vladimir Putin, referindo-se ao antigo governo comunista, disse: «A decisão de nacionalizar esta biblioteca foi tomada pelo primeiro governo soviético, cuja composição era 80-85% judaica.» Putin acrescentou que os políticos do predominantemente judeu governo soviético «eram guiados por falsas considerações ideológicas e apoiavam a prisão e repressão dos judeus, cristãos ortodoxos russos, muçulmanos e membros de outras religiões. Eles agrupavam todos na mesma categoria. Felizmente, esses antolhos ideológicos e percepções ideológicas defeituosas ruíram».

Putin talvez soubesse do que estava a falar. O primeiro governo soviético, o Conselho dos Comissários do Povo, foi formado em 1917 e compreendia dezasseis líderes, incluindo Vladimir Lenine e Leon Trotsky, ambos judeus, e Josef Estaline. Segundo o *site* antissionista Jew Watch, o verdadeiro nome de Estaline era Ioseb David Jugashvili, um típico nome judeu que indica uma herança judaica. Além disso, Estaline teve três mulheres — Ekaterina Svanidze, Kadya Allevijah e Rosa Kaganovich — que eram todas judias. O *site* também

afirmava que a filha de Estaline, Svetlana, que desertou para os Estados Unidos em 1967, teve quatro maridos, três deles judeus.

São estas alegações de conspiração judaica que mantêm *Os Protocolos* em circulação desde o seu início. Hoje, muitos escritores modernos da conspiração veem uma «verdade histórica» n'Os *Protocolos*, acreditando que representam um programa real que precede o nazismo ou o comunismo. Alguns investigadores da conspiração afirmaram que o francês Joly simplesmente incluiu no seu livro conceitos que aprendera enquanto membro dos Illuminati. Igualmente provável é a ideia de que *Os Protocolos* tiveram origem na sociedade secreta italiana liderada por um príncipe iniciado nos Illuminati. Alguns viram uma notável semelhança entre *Os Protocolos* e documentos confiscados aos Illuminati que continham inúmeras referências maçónicas. Michael Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln, os autores de *O Sangue de Cristo e o Santo Graal*, eram desta opinião. Segundo eles, a edição original de Nilus continha referências a um Rei e a um «reino maçónico», conceitos claramente de origem não-judaica. Além disso, terminava com a declaração: «Assinado pelos representantes de Sião do 33.º grau.» Estes autores defendem que Nilus produziu um «texto radicalmente alterado» com base num original legítimo criado por «alguma organização maçónica ou sociedade secreta de orientação maçónica, que incluía a palavra “Sião”» e, de facto, podia ser um plano para uma infiltração na Maçonaria e obtenção do domínio global.

Os Protocolos podem, de facto, refletir uma conspiração mais profunda que ia mais além do que o seu uso previsto como incentivo ao antissemitismo, uma conspiração oculta no seio dos secretos níveis superiores dos Illuminati e da Maçonaria. Ainda conseguem arrepiar os leitores com a sua descrição profética da metodologia de uma tirania exercida por uns quantos. A mensagem d'Os *Protocolos* coaduna-se perfeitamente com a teologia dos Illuminati, bem como com a visão da abastada elite global da atualidade:

Nós somos os eleitos, somos os únicos homens verdadeiros. As nossas mentes emitem o verdadeiro poder do espírito; a inteligência do resto do mundo é meramente

instintiva e animal. Eles podem ver, mas não podem prever; as suas invenções são meramente físicas. Não se segue que a própria natureza nos tenha predestinado para dominar o mundo inteiro? Externamente, todavia, nas nossas declarações «oficiais», adotaremos um procedimento oposto e faremos sempre o possível para parecermos honrados e cooperantes. As palavras de um estadista não têm de concordar com os seus atos [uma premonição dos políticos de hoje?]. Se seguirmos estes princípios, os governos e os povos que assim tivermos preparado apenas hão de ver a face que lhes apresentarmos. Um dia, aceitar-nos-ão como benfeitores e salvadores da raça humana. Se algum Estado se atrever a resistir-nos, se os seus vizinhos se aliarem a ele contra nós, desencadearemos uma guerra mundial.

Os Protocolos explicam que o objetivo do domínio mundial será alcançado ao controlar o que o público pensa por meio do controlo do que ele vê e ouve; da criação de novos conflitos ou da restauração de ordens antigas; da disseminação da fome, miséria e peste; da sedução e distração dos jovens. «Por meio de todos estes métodos, desgastaremos de tal modo as nações que elas serão forçadas a oferecer-nos o domínio mundial.»

Estes mesmos sentimentos encontrariam eco durante a década de 1980 num general de quatro estrelas, ex-presidente dos Chefes do Estado-Maior e embaixador no Vietname durante o conflito local: o general Maxwell Davenport Taylor. Taylor disse que seria necessário reduzir a população mundial, principalmente nos países do Terceiro Mundo, recorrendo a métodos como doenças, a fome e guerras regionais. E concluía nos seguintes termos: «Já excluí mais de mil milhões de pessoas. [...] A crise populacional e a questão do fornecimento de alimentos exigem que não devamos sequer tentar. É uma perda de tempo.»

Alguns dos vinte e quatro protocolos incluem um breve resumo. A acreditar em qualquer parte que seja dos mesmos, então, apresentam-nos uma clara ligação com os Illuminati, a Maçonaria e os Mistérios Antigos, bem como um incrível roteiro para a conquista do mundo. Uma vez que *Os Protocolos* foram reescritos e atribuídos aos judeus antes da I Guerra Mundial na Rússia, com a intenção de incitar sentimentos antijudaicos, o uso do termo *goyim*, uma palavra judaica para «não-judeus», foi substituído pelo termo «massas». O

restante é fiel ao documento. Os pontos pertinentes incluem:

- O plano do Protocolo «permanecerá invisível até ao momento em que tiver ganhado tanta força que nenhuma astúcia o possa minar». [Protocolo 1]
- «As guerras, tanto quanto possível, não devem resultar em ganhos territoriais.» [Protocolo 2]
- «[As] mentes [das massas] devem ser desviadas para a indústria e para o comércio. Assim, todas as nações serão engolidas pela busca de lucro e [...] não se darão conta do seu inimigo comum.» [Protocolo 4] «Criaremos uma centralização intensificada do governo», [Protocolo 5] «... temos de desenvolver [um] Supergoverno, apresentando-o como Protetor e Benfeitor de todos aqueles que voluntariamente se submeterem. [...] Em breve começaremos a estabelecer enormes monopólios [isto foi escrito antes da ascensão das grandes corporações multinacionais]...» [Protocolo 6] «A intensificação do armamento, o aumento das forças policiais... [para que] em todos os Estados do mundo, além de nós mesmos, apenas [existam] as massas do proletariado, alguns milionários dedicados aos nossos interesses, polícias e soldados.» [Protocolo 7]
- «Colocaremos [o poder do governo] nas mãos de pessoas cujo passado e reputação sejam tais que entre eles e o povo exista um abismo, pessoas que, em caso de desobediência às nossas instruções, tenham de enfrentar acusações criminais...» [Protocolo 8]
- «Enganámos, confundimos e corrompemos os jovens das [massas], criando-os segundo princípios e teorias que sabemos serem falsas...» [Protocolo 9] «Destruiremos entre as [massas] a importância da família e o seu valor educacional.» [Protocolo 10]
- «Inventámos toda esta política e insinuámo-la nas mentes das [massas] [...] para obter de uma forma indireta o que é [...] inatingível pela estrada direta. [...] É isto que tem servido como base da nossa organização de Maçonaria secreta que não é do

conhecimento, e cujos objetivos nem sequer são imaginados por esse [...] gado, atraído por nós por meio do exército de Lojas Maçônicas “de Fachada”, com o intuito de lançar poeira nos olhos dos seus companheiros.» [Protocolo 11]

- «Qual é o papel da imprensa hoje? [...] Serve fins egoístas [...] muitas vezes é insípida, injusta, mentirosa e a maioria do público não faz a menor ideia dos objetivos que ela realmente serve. Havemos de selá-la e arreá-la com uma rédea bem curta. [...] Nenhum anúncio chegará ao público sem o nosso controlo.» [Protocolo 12]
- «A necessidade do pão diário força as [massas] a ficarem caladas e a serem nossas humildes servas. [...] Para que as próprias massas não possam adivinhar o que são, distraímo-las ainda mais com divertimentos, jogos, passatempos, paixões, o palácio do povo [não havia TV nem filmes na altura]. Por intermédio da imprensa, começaremos em breve a propor competições de arte, de desportos de todos os tipos...» [Protocolo 13]
- «Será indesejável para nós que exista qualquer outra religião além da nossa. [...] Devemos, como tal, eliminar todas as outras formas de crença.» [Protocolo 14] «A liberdade de consciência foi declarada em todos os lugares, de modo que, agora, apenas alguns anos nos separam do momento da destruição completa dessa religião cristã; quanto às outras religiões, teremos ainda menos dificuldade em lidar com elas.» [Protocolo 17]
- «Quando por fim entrarmos definitivamente no nosso reino com a ajuda de golpes de Estado preparados em todos os lugares para o mesmo dia [...], será nossa tarefa garantir que, contra nós, tais coisas como conspirações deixem de existir. Com este propósito, mataremos sem piedade todos os que pegarem em armas para se opor à nossa vinda [...] qualquer coisa semelhante a uma sociedade secreta também será punida com a morte...» [Protocolo 15]
- «No nosso programa, um terço das [massas] manterá os restantes sob observação por uma noção de dever, segundo o

princípio do serviço voluntário ao Estado. Não será uma desgraça ser um espião e um informador, mas sim um mérito [...] de que outra forma [poderíamos] aumentar [...] as desordens?» [Protocolo 17] «O tráfico de sedições nada mais é do que o latido de um cachorro de colo diante de um elefante. [...] Para destruir o prestígio do heroísmo, como um crime político, enviá-lo-emos a julgamento na mesma categoria do roubo, assassinio e de todo o género de crime abominável e imundo. A opinião pública, então [...] marcá-lo-á com o mesmo desprezo.» [Protocolo 19] «Enquanto eles [os dissidentes] não cometerem algum ato público, não lhes tocaremos nem com um dedo, limitando-nos antes a introduzir no seu seio elementos de observação...» [Protocolo 18]

Os protocolos seguintes tratam de finanças. O Protocolo 20 pedia uma tributação geral, «o confisco legítimo de toda a espécie de importâncias para a regulamentação da sua circulação no Estado». A isto seguir-se-ia «um imposto progressivo sobre a propriedade» e, finalmente, um imposto graduado sobre os rendimentos, um «aumento de impostos sobre uma percentagem do capital», bem como impostos sobre vendas, «recebimento de dinheiro», heranças e transferências de propriedades. Havia uma discussão sobre «a substituição de papel-moeda com juros», uma vez que «As crises económicas foram produzidas por nós [...] por nenhum outro meio que não a retirada do dinheiro de circulação». Os *Protocolos* discutem extensamente empréstimos que «pendem como uma espada de Dâmocles sobre a cabeça dos governantes, os quais, em vez de retirar aos seus súbditos um imposto temporário, vêm implorar com a palma estendida aos nossos banqueiros».

Quem produziu *Os Protocolos* compreendia claramente os segredos da banca. Numa passagem que poderia perfeitamente chamar-se «A Dívida Nacional dos Estados Unidos», o Protocolo 20 declarava: «Um empréstimo é uma emissão de letras de câmbio do governo com uma obrigação percentual (juros) proporcional ao valor

do capital emprestado.» Em seguida, explicava: «Se o empréstimo incorrer numa taxa de cinco por cento [juros consideráveis naqueles tempos], então, em 20 anos o Estado terá pago em vão, em juros, uma importância igual à que lhe foi emprestada, em 40 anos terá pago o dobro da importância, em 60 o triplo, e entretanto a dívida continua a ser uma dívida por pagar.»

O autor também determinava que ninguém havia de descobrir o que estava a acontecer. «Seremos tão rigorosos no nosso sistema contabilístico que nem o governante nem o funcionário público mais insignificante estarão em posição de desviar sequer a menor quantia do seu destino sem serem detetados, nem orientá-la para outra direção.»

Os Protocolos também demonstram uma ligação com os Mistérios Antigos, referindo-se a linhagens como «a semente de David», «mistérios secretos» e até a «Serpente Simbólica», um ícone dos cultos mais antigos.

Pese embora a sua origem duvidosa, *Os Protocolos* foram levados a sério por muitas pessoas poderosas. Adolf Hitler já foi referido. Outros seriam o Kaiser Guilherme II da Alemanha, o czar Nicolau II da Rússia e o industrial americano Henry Ford, que os usou para ajudar a convencer os senadores estado-unidenses a não aderir à Liga das Nações do presidente Woodrow Wilson.

Todavia, na Rússia, o plano da Ochrana terá tido o resultado oposto. Inflamada pela propaganda czarista, deu-se uma contrarrevolução que levou à instituição de pogrons contra os judeus russos, levados a cabo por vigilantes chamados «A Guarda Negra». A instabilidade e a violência contínuas acabariam por resultar numa Revolução Russa em 1905, durante a qual *Os Protocolos* foram novamente usados por elementos pró-czaristas para inflamar o público.

O autor Konrad Heiden, um contemporâneo antinazi de Hitler, embora recusasse a autenticidade d'*Os Protocolos*, não deixava de detetar neles uma certa realidade. «Hoje, a falsificação encontra-se comprovada de forma incontestável; todavia, algo de infinitamente

importante permaneceu: um livro sobre o domínio mundial [...] o grande princípio das lutas desiguais para preservar um governo; a filosofia da classe dominante, de uma hierarquia natural, de diferenças inatas entre os homens. Assim que é expresso sob a forma de acontecimentos históricos, este princípio não tarda a assumir também o aspeto da conspiração. [...] O espírito d'*Os Protocolos*, como tal, contém a verdade histórica, embora todos os factos apresentados sejam falsificações.»

No verão de 1917, um jovem judeu estoniano chamado Alfred Rosenberg era estudante em Moscovo, onde um estranho lhe deu um exemplar d'*Os Protocolos*. Mais tarde naquele ano, depois da Revolução Russa, o antibolchevique Rosenberg fugiu para a Alemanha, onde usou o livro para entrar na sociedade secreta de Munique, uma iniciativa que teria efeitos de longo alcance para o mundo.

No final de 1918, Rosenberg apresentou *Os Protocolos* a um velho editor de jornais de Munique chamado Dietrich Eckart. Apreciador de álcool e da boa vida, Eckart era na altura um dos poetas mais conhecidos da Alemanha e ficou encantado com aquele plano de domínio mundial. Apresentou Rosenberg a outros membros da Thule Gesellschaft, ou Sociedade Thule, um grupo de «discussão literária» fundado pelo «barão» Rudolf von Sebottendorff. Esta sociedade revelaria ser apenas a fachada de uma sociedade mais secreta, a Germanenorden, ou Ordem Alemã. Ambas eram organizações nacionalistas antisemitas, influenciadas por crenças sobrenaturais e por mais do que alguns Illuminati. Sebottendorff, Eckart e outros membros da Sociedade Thule estariam diretamente ligados à ascensão de Hitler e dos seus nazis, que eram muito mais do que simplesmente um movimento político: dariam por si a liderar um movimento quase religioso, nascido de organizações secretas cujos objetivos eram os mesmos que os dos Illuminati e da Maçonaria, como será pormenorizado mais adiante. Mais parecendo que era Adam Weishaupt quem falava, Hitler reconheceria isto mesmo ao dizer: «Qualquer um que interprete o nacional-socialismo apenas

como um movimento político não sabe praticamente nada sobre ele. É mais do que religião: é a determinação de criar um novo homem.»

Esta ideia de criar um novo tipo de ser humano não era novidade. O conceito já existia há séculos em diversas sociedades ocultas e esotéricas. Mas, desde os tempos do Império Romano, tais ideias de liberdade e autodeterminação haviam sido continuamente suprimidas pela Igreja Católica.

«Illuminati simplesmente significa “Detentores da Luz”, assim como a palavra “Protocolos” significa “Rascunho escrito original de um plano projetado para alcançar um objetivo definido”», referia o autor Carr. «Os Illuminati existem desde que Caim abandonou Deus. Os Protocolos foram escritos assim que o homem dominou a arte de expressar os seus pensamentos e registrar os seus planos futuros ao escrever em material que pudesse ser preservado. Os Protocolos foram escritos muito antes sequer de se ouvir falar em Sião. [...] Os meus estudos convenceram-me de que o iluminismo, sob o nome de “perfeccionismo”, era praticado no seio da Ordem dos Jesuítas muito antes de Weishaupt ter abandonado Deus para se tornar um luciferiano. Ambos os movimentos, iluminismo e perfeccionismo, foram iniciados para incentivar os seres humanos a tornarem-se o mais aproximados possível da perfeição. Existe um velho ditado: “O caminho para o inferno está pavimentado com as boas intenções daqueles que não as conseguiram pôr em prática.”»

Muitos dos que estudaram extensivamente *Os Protocolos* acreditam que estes foram originalmente escritos no século XVIII como um documento dos Illuminati e só posteriormente apropriados pelo francês Joly. A sua relevância pode ser demonstrada pela simples comparação dos esquemas propostos n'Os *Protocolos* com as manchetes da atualidade.

O autor Douglas Reed, embora admitisse que *Os Protocolos* não tinham como origem as atas de uma reunião secreta de anciãos judeus, não deixava de afirmar que «em todos os outros aspetos, são uma obra de importância inestimável, visto que está demonstrado pelo teste conclusivo (o dos acontecimentos subsequentes) que este

é um documento autêntico da conspiração mundial divulgada pela primeira vez por meio dos documentos de Weishaupt».

Se *Os Protocolos* eram realmente um plano dos Illuminati para a conquista do mundo, qual a teologia usada como seu suporte?

TEOLOGIA

Mergulhados na teologia dos Illuminati, era com prazer que os membros se deixavam doutrinar com o antigo conhecimento esotérico e se consideravam superiores àquilo que encaravam como a tirania da Igreja Católica e dos governos nacionais que esta apoiava. «O homem não é mau», escrevia Weishaupt, «exceto quando se deixa influenciar por uma moralidade arbitrária. Ele é mau porque a religião, o Estado e os maus exemplos o pervertem. Quando por fim a razão se tornar a religião dos homens, o problema estará resolvido.» Weishaupt também evocava uma filosofia que tem sido usada com terríveis resultados ao longo dos anos por Hitler e muitos outros tiranos. «Eis o nosso segredo. Ter presente que o fim justifica os meios», escreveu ele, «e que, para fazer o bem, os sábios devem usar todos os meios que os ímpios usam para fazer o mal.» Assim sendo, para os esclarecidos ou iluminados, qualquer meio é aceitável para alcançar os seus objetivos — até o recurso à mentira, ao logro, roubo, homicídio ou guerra.

Além disso, segundo os documentos dos Illuminati encontrados no castelo do barão Bassus, os membros da Ordem encontravam-se vinculados por este juramento: «Levarei a cabo uma ação, se assim me for solicitado pela Ordem, com a qual possa não estar de acordo, na medida em que (considerada no seu todo) realmente seria algo de errado. Além disso, mesmo que assim parecesse sob um certo ponto de vista, deixaria de ser imprópria e errada se servisse como meio para alcançar a bem-aventurança ou o objetivo final do todo.»

Tal juramento deixava em aberto as possibilidades de atividades imorais ou ilegais por parte dos Illuminati. Apesar da sua retórica contra a Igreja e o Estado, muitas pessoas, incluindo Thomas

Jefferson, acreditavam que Weishaupt estava longe de ser ateu, sendo antes um homem profundamente religioso à sua maneira. Mas, como tantas vezes já se viu ao longo da História, boas intenções iniciais no seio de organizações supostamente benevolentes podem ser contaminadas e apropriadas por indivíduos com más intenções. Este desvio dos objetivos originais pode ser visto na ascensão dos bolcheviques na Rússia e dos nacional-socialistas na Alemanha antes da guerra.

Mas, independentemente dos verdadeiros motivos de Weishaupt ou das melhores intenções dos Illuminati, documentos originais da Ordem incluíam instruções pormenorizadas para fomentar o ódio e o derramamento de sangue entre diferentes grupos raciais, religiosos e étnicos, e até entre os sexos. «Foi introduzida a ideia de promover o ódio entre os filhos e os seus pais. Havia até instruções quanto aos tipos de edifícios a queimar nas insurreições urbanas. Em suma, praticamente todas as táticas empregadas pelos subversivos do século xx foram planeadas e redigidas por Adam Weishaupt há mais de 200 anos», escreveu William H. McIlhany.

Weishaupt expressava abertamente a sua intenção de ocultar os Illuminati no seio da Maçonaria quando escreveu: «Devemos considerar como podemos começar a trabalhar sob outra forma. Se o objetivo for alcançado, não importa sob que disfarce tal acontece, e um disfarce é sempre necessário. Porque é na ocultação que reside grande parte da nossa força. Por este motivo, devemos sempre disfarçar-nos com o nome de outra sociedade. Entretanto, as lojas que se encontram sob a alçada da Maçonaria são a capa mais adequada para o nosso elevado objetivo, porque o mundo já está acostumado a não esperar nada de bom deles que seja digno de atenção. [...] Assim como nas Ordens espirituais da Igreja Romana a religião era, infelizmente, apenas uma presença, também a nossa Ordem deve, de forma mais nobre, tentar esconder-se atrás de uma sociedade instruída ou de algo do género. [...] Uma sociedade assim ocultada não pode ser combatida. No caso de uma acusação ou traição, os superiores não podem ser descobertos. [...] Estaremos

envoltos nas trevas impenetráveis dos espiões e emissários de outras sociedades.»

A ideia de um domínio hostil dos Illuminati era fortemente defendida pelo historiador maçónico Albert G. Mackey, que escreveu: «O Iluminismo, é verdade, teve a sua abundância de erros e ninguém lamentará a sua dissolução. Mas o seu fundador tinha esperanças de fazer muito bem; o facto de se ter desviado do seu objetivo original foi da responsabilidade, não dele, mas de alguns dos seus discípulos, cujos defeitos ele não teve pejo em condenar nos seus escritos.» E, em sua própria defesa, Weishaupt escreveu certa vez:

Quem não fecha os ouvidos às lamentações dos miseráveis, nem o coração à piedade bondosa; quem é amigo e irmão dos infelizes; quem tem um coração capaz de amor e de amizade; quem quer que seja firme na adversidade, incansável na execução do que quer que se tenha comprometido a fazer, destemido na superação de dificuldades; quem não zomba dos fracos nem os despreza; cuja alma é suscetível de conceber grandes desígnios, desejosa de se elevar acima de todos os motivos básicos e de se distinguir por atos de benevolência; quem evita a ociosidade; quem considera que nenhum conhecimento que possa ter oportunidade de adquirir é inessencial, encarando o conhecimento da humanidade como o seu principal tema de estudo; quem quer que, quando a verdade e a virtude estão em questão, desprezando a aprovação da multidão, é suficientemente corajoso para seguir os ditames do seu próprio coração — esse é um candidato adequado.

Mackey chegaria mesmo ao ponto de escrever: «A verdade, penso eu, é que Weishaupt foi mal interpretado pelos escritores maçónicos e caluniado pelos não-maçónicos. O seu sucesso inicial como reformador deveu-se ao seu sincero desejo de fazer o bem. O seu fracasso no final pode ser atribuído à perseguição eclesiástica e às falhas e loucuras dos seus discípulos. O mestre trabalha para elevar a natureza humana; os estudiosos, para a degradar. O lugar de Weishaupt na História deve ser entre os reformadores malsucedidos e não entre os aventureiros libertinos.»

Mas o que alguns poderiam ver nas palavras de Weishaupt como um humanismo incipiente era encarado por outros como satanismo, visto que, na Bíblia, Adão e Eva foram informados pela serpente de que, se utilizassem a maçã da Árvore do Conhecimento, poderiam ser

como deuses, mas, no Livro do Êxodo 20:3, o Senhor decretava: «Não haverá para ti outros deuses na minha presença.» Depois de ser assegurado na Bíblia de que apenas existe um Deus verdadeiro, o Livro do Génesis 1:26 citava o Deus singular como dizendo: «Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança...»

Aqueles que estudaram os relatos dos antigos Anunnaki consideram muito interessante que o Deus monoteísta do Antigo Testamento fale no plural e sobre outros deuses. Tais versículos podem ter duas explicações: primeiro, que o plural *Eloim* do Antigo Testamento, interpretado como «Deus» pelos monoteístas que escreveram o Génesis, na verdade se pudesse referir à Assembleia dos Anunnaki, que aprovou a criação do Homem, e, segundo, que a ideia de criar o Homem «à nossa imagem» significava simplesmente a manipulação genética de uma espécie existente, não a criação de uma nova raça. Como referido anteriormente, esta alteração de ADN produziu o *Adama*, ou Adão, o primeiro híbrido nascido na Terra. Não se tratava de um caso de criação, mas apenas de melhoramento da raça, assim como o ser humano faz com os animais há séculos. A verdadeira chave do controlo dos Illuminati era o seu sigilo. Num documento de 1794, *Die neuesten Arbeiten des Spartacus und Philo in dem Illuminaten-Orden* (Os Mais Recentes Trabalhos de Espártaco e Philo na Ordem dos Illuminati), Weishaupt afirmava:

A grande força da nossa Ordem reside na sua ocultação. Que nunca apareça em nenhum lugar em seu próprio nome, mas sempre dissimulada por outro nome e outra ocupação. Nada é mais adequado do que os três graus inferiores da Maçonaria: o público está acostumado e pouco espera deles, e, como tal, mal dá por eles. Em seguida, a forma de uma sociedade erudita ou literária [a Sociedade Thule?] é a mais adequada ao nosso objetivo. [...] Ao estabelecer sociedades de leitura e bibliotecas de subscrição [...] podemos transformar a mente do público consoante desejarmos. De igual modo, devemos tentar obter influência em [...] todos os cargos que tenham qualquer efeito, seja na formação, na administração ou até na direção da mente do homem.

O anti-Illuminati John Robison escreveria o seguinte sobre os esforços de relações públicas dos Illuminati:

À semelhança deles, contrataram um Exército de Escritores; diligentemente, introduziram os seus escritos em todas as casas e casinhas. Esses escritos eram igualmente calculados para inflamar o apetite sensual dos homens e perverter o seu discernimento. Eles faziam todos os possíveis para obter o controlo das escolas, particularmente daquelas destinadas às classes mais baixas; e montavam e administravam um número prodigioso de Bibliotecas Ambulantes e Sociedades de Leitura. [...] Assumiam o nome de ECONOMISTAS e simulavam estar constantemente ocupados com planos para melhorar o Comércio, as Manufaturas, Agricultura, Finanças, etc. e proclamavam de tempos a tempos respeitáveis desempenhos nestas questões. Mas o seu ousado projeto era destruir o cristianismo e toda a religião e provocar uma total mudança de governo. Contratavam escritores para redigir livros corruptos e ímpios — estes eram revistos pela Sociedade e corrigidos até que se adequassem ao seu objetivo. Uns quantos eram impressos de maneira bonita, para justificar as despesas; e depois um número muito maior era impresso da forma mais barata possível, e entregue a troco de nada, ou a preços muito baixos, a vendedores ambulantes e que tais, com ordens formais para os distribuir secretamente pelas cidades e aldeias. Eles até contratavam indivíduos para os ler nas assembleias daqueles que não tinham aprendido a ler.

No seu desejo de trazer a mudança, Weishaupt não só se propunha enganar o público, como recordava aos seus principais líderes que deviam esconder as suas verdadeiras intenções dos seus próprios iniciados, «falando às vezes de uma maneira, às vezes de outra, para que o nosso verdadeiro objetivo permaneça impenetrável para os inferiores».

Nesta Webster escreveu: «Os seguidores de Weishaupt eram recrutados com os métodos enganosos mais subtis e conduzidos a um objetivo que lhes era totalmente desconhecido. [...] É aqui que [...] reside toda a diferença entre as sociedades secretas honestas e desonestas.»

Ao contrário dos anarquistas, que pretendem o fim de todo e qualquer governo, Weishaupt e os seus Illuminati pretendiam um governo mundial baseado na sua filosofia de um racionalismo centrado no Homem. Naturalmente, este governo mundial seria administrado por eles. Weishaupt proclamava: «Os alunos (dos Illuminati) estão convencidos de que a Ordem governará o mundo. Como tal, todos os membros se tornam governantes.»

Também culpava o nacionalismo por muitos dos problemas do

mundo. «Com a origem das nações e dos povos, o mundo deixou de ser uma grande família. [...] O nacionalismo ocupou o lugar do amor humano», escreveu ele.

Aos membros da Ordem, Weishaupt confidenciava: «Compreendeis suficientemente o que significa governar — governar numa sociedade secreta?», perguntava ele. «Não apenas os menos ou mais importantes da população, mas os melhores homens, homens de todas as classes, nações e religiões, governar sem força externa, uni-los indissoluvelmente, incutir o nosso espírito e alma em homens distribuídos por todas as partes do mundo?»

Ao articular este objetivo, Weishaupt pode ter revelado uma agenda básica presente em algumas sociedades secretas até aos dias de hoje: o desejo de um poder supremo e absoluto.

É fundamental, neste ponto, entender que o iluminismo é um «ismo» — não muito diferente do nacional-socialismo (nazis), comunismo, capitalismo e socialismo. É um sistema de crença que não pode ser relegado para nenhum indivíduo ou grupo num determinado período de tempo.

Os objetivos benéficos dos Illuminati, como a libertação do dogma da Igreja e da tirania do governo, mantiveram-se vivos até aos tempos modernos em França, nos Estados Unidos e na Rússia. Mas os aspetos mais sinistros da Ordem, como o sigilo inerente, a duplicidade, a violência (não esquecer as fórmulas para venenos) e a busca do poder absoluto, também perduraram em homens sem escrúpulos. Robert Anton Wilson diria: «A única generalização garantida que se pode fazer é que a intenção de Weishaupt de manter o sigilo resultou; nunca dois estudantes da iluminologia estiveram completamente de acordo a respeito do “segredo interior” ou de qual seria (ou é...) o objetivo da Ordem.»

Como Wilson certa vez disse num programa de rádio: «Talvez o segredo dos Illuminati seja não sabermos que somos membros até que já seja tarde de mais para sair.»

RESUMO

A liderança dos Illuminati recorreu a uma variedade de métodos para garantir o silêncio e a conformidade no seio da Ordem. Ironicamente, embora desprezasse a Ordem Jesuíta, seria à estrutura organizacional desta última que, todavia, Weishaupt iria buscar os traços gerais nos quais baseou os seus Illuminati. Também copiaria grande parte do sistema de graus da Maçonaria para a sua Ordem. Por exemplo, a Loja Azul Maçónica divide-se em três estágios ou graus; já o Rito de Iorque é composto por dez ou mais graus e o Rito Escocês conta com um total de trinta e dois graus. O trigésimo terceiro grau representa a cabeça humana no topo das trinta e três vértebras da coluna. Graus semelhantes seriam instaurados para a incipiente Ordem dos Illuminati, outros sendo-lhes acrescentados à medida que a organização se tornava maior e mais forte. Nenhum recruta tinha conhecimento de graus superiores ao seu, sendo obrigado a aceitar ordens de «superiores desconhecidos» acima dele.

Todos os membros eram cuidadosamente condicionados a uma obediência cega, quer as ordens viessem do seu Insinuator imediato ou dos invisíveis.

Inicialmente, a Ordem encontrava-se dividida em três classes: o Viveiro para os recém-chegados; a Maçonaria para os membros em geral; e os Mistérios para os mais dotados. Cada classe continha graus:

- O Viveiro — Ensaio Literário Preparatório, Noviço, Minerval, Illuminatus Minor.
- O Maçónico — Aprendiz, Companheiro, Mestre (Illuminatus Major Escocês e Illuminatus Dirigens Escocês).
- Os Mistérios — Inferiores (Presbítero, Sacerdote ou Eopt e Príncipe ou Regente) e Superiores (Mago e Rex ou Rei).

O lugar de Illuminati Rex ou Rei era, obviamente, reservado para Weishaupt. Todas as classes eram mantidas na linha pelos recrutadores, chamados Insinuators, e por uma rede de espiões e informadores conhecidos como Scrutators. Além deste intimidante sistema de espionagem, cada membro era constantemente instado a

produzir um relatório por escrito onde descrevia as suas atividades diárias, mas também as dos seus colegas, amigos e conhecidos. Este tipo de espionagem era bastante eficaz e teria sido muito bem recebido na Gestapo nazi.

O simples conhecimento de que a Ordem detinha informações tão íntimas constituía um forte motivo para manter os membros calados e submissos. Incentivos adicionais, tais como presentes dispendiosos, o progresso na Ordem e até mulheres, eram oferecidos àqueles que se mostrassem eficazes e leais à Ordem. Aqueles que não conseguiam corresponder às expectativas eram expulsos ou ficavam a marcar passo.

O segredo absoluto era a ordem do dia. Como Weishaupt escreveu certa vez a um colega illuminatus: «A grande força da nossa Ordem reside na sua ocultação. Que nunca apareça em nenhum lugar em seu próprio nome, mas sempre dissimulada por outro nome e outra ocupação.» A forma mais aparente de preservar o sigilo era apresentar uma imagem pública em desacordo com o verdadeiro trabalho interno dos Illuminati. Fazendo-se passar por uma organização de caridade de base cristã, os membros recebiam instruções para se infiltrar em cargos profissionais e governamentais, incluindo os militares, com recurso a qualquer explicação que surtisse efeito. Em anos posteriores e perante a perseguição pelas autoridades, os membros encontrar-se-iam atrás da fachada de uma sociedade literária, um grupo de discussão política ou até de uma reunião social.

Os recrutadores dos Illuminati tinham o cuidado de escolher homens mais novos, de preferência entre os dezoito e os trinta anos. Procuravam especialmente candidatos de famílias abastadas, com boas ligações com a realeza, o governo ou a classe profissional. Um potencial membro com estas características poderia conduzi-los a outros de idêntico calibre.

Os potenciais membros eram bajulados e louvados como recrutas valiosos. Os seus instintos mais básicos ou sonhos mais fantasiosos eram tratados como objetivos alcançáveis pelos adeptos dos

Illuminati. Os novos membros nunca eram informados da verdadeira agenda da Ordem. Muitos deles serviriam durante anos sem a mínima ideia dos objetivos que Weishaupt e os seus principais tenentes tinham em mente.

Este controlo mental revelar-se-ia bastante eficaz, visto que a maioria dos membros, homens instruídos e profissionais, já se encontrava condicionada ao processo da razão incentivado pela Idade das Luzes. O pensamento racional era a ordem do dia e era sempre possível apresentar razões aparentemente benéficas para todas as atividades solicitadas pela Ordem.

A estrutura piramidal dos Illuminati reforçava o fluxo da informação e também o comando no interior da Ordem. Instalado no topo desta estrutura, Weishaupt detinha o controlo total da organização. Esta estrutura assegurava que a autoridade residia no vértice e as ordens seguiam para baixo, uma configuração posteriormente copiada por autoritários como os comunistas soviéticos e os nazis de Hitler.

Como um precursor das células terroristas de hoje, Weishaupt certificava-se de que um illuminatus apenas controlasse e conhecesse a identidade de outros dois. Cada um deste dois poderia controlar outros dois e assim sucessivamente. Deste modo, se uma célula fosse descoberta pelas autoridades, apenas três pessoas seriam comprometidas. O resto da Ordem estaria seguro. Ninguém, com exceção de Weishaupt e alguns dos seus oficiais superiores, conhecidos como Areopagitas, sabia os nomes dos líderes das células.

Contribuindo para o secretismo geral dos Illuminati existia o uso de palavras-código, não apenas nomes falsos para cidades e estados, mas também para identidades pessoais. Os membros usavam pseudónimos conhecidos como «Nomes da Ordem», geralmente retirados da literatura clássica grega ou romana, como Péricles, Teseu, Cassiodoro, Zenão, Anacársis e Tamerlão. Apenas o escalão superior dos Areopagitas conhecia as verdadeiras identidades dos membros. Os nomes falsos, bem como as palavras-código atribuídas aos lugares, eram sempre usados em relatórios e cartas, juntamente

com cifras e códigos, o que causava considerável consternação entre as autoridades, que penavam para entender a correspondência confiscada durante as rusgas aos Illuminati.

Outro método utilizado para confundir as autoridades era o uso do calendário persa na sua correspondência. Para Weishaupt, o recurso ao calendário persa celebrava a morte do rei persa Yazdegerd III, que representava o fim do milênio de Zoroastro. Este calendário de 360 dias desenvolvia-se em torno de observâncias e festas religiosas, garantindo assim o uso constante dos nomes das principais divindades. Cada noviço dos Illuminati era ensinado a usar o calendário persa e os códigos da Ordem.

Os seguidores de Zoroastro, chamados pársis, fugiram do Irão para a Índia por volta do século x, para escapar à perseguição movida pelos muçulmanos. Ainda hoje, continuam a usar o mesmo sistema de datas. O noviço dos Illuminati era ensinado a datar a sua correspondência com este calendário, que começa no ano 630 d. C. O autor Terry Melanson citava a explicação do abade Augustin Barruel: «O ano começa para os Iluminados no primeiro dia de *Pharavardin*, que corresponde a 21 de março. O primeiro mês deles tem nada menos do que quarenta e um dias; os meses seguintes, em vez de se chamarem maio, junho, julho, agosto, setembro e outubro, são *Adarpahascht*, *Chardad*, *Thirmeh*, *Mervedmeh*, *Shaharimeh*, *Meharmeh*; novembro e dezembro são *Abenmeh*, *Adameh*; janeiro e fevereiro, *Dimeh* e *Benmeh*. O mês de março tem apenas vinte dias e é chamado *Asphandar*.»

Além dos códigos secretos, calendários e cifras, a compartimentação tinha um enorme papel na manutenção dos segredos dos Illuminati, tanto em relação ao público como entre eles. Todas as informações eram estritamente transmitidas apenas a quem as devia saber. Na maioria das vezes, a mão esquerda não sabia o que a mão direita andava a fazer. Além disso, eram impostas duras penalidades aos membros apanhados em falta. O logro tinha como alvo o público, ao passo que a chantagem, com recurso a informações obtidas por meio da leitura regular de relatórios e diários,

mantinha os membros na linha. Os membros dos Illuminati tinham de renunciar à sua vontade individual. Era-lhes prometida a iniciação nos mistérios mais elevados e no conhecimento antigo se cumprissem obedientemente as suas tarefas e as expectativas dos seus superiores. Nesta atmosfera cultista, muito pouca informação sobre a Ordem tinha chegado ao público até que as autoridades começaram a fazer rusgas às casas dos membros assim que a agenda dos Illuminati se tornou conhecida.

O uso de símbolos era outra forma eficaz de transmitir mensagens e ideias aos Illuminati, ao mesmo tempo que deixava as autoridades e o público na ignorância quanto ao significado dos ditos símbolos, como a cruz de Malta, a águia bicéfala e o caduceu, que ainda hoje são usados. A origem destes e de muitos outros códigos pode ser seguida, por intermédio dos Cavaleiros Templários, Assassinos e Escolas de Mistérios da Grécia e do Egito, até à Escola de Mistérios da Babilónia, a qual detinha resquícios do conhecimento transmitido pelos Anunnaki. Um ponto no interior de um círculo, aparentemente representando o sol que irradia luz (ou conhecimento) para a figura circundante, era um símbolo importante para os Illuminati e estava presente em todas as comunicações. Outro símbolo importante era o olho-que-tudo-vê de Hórus, que remonta ao tempo dos faraós e representava poder e saúde. Pensa-se também que representa o olho do Ser Supremo que vigia toda a Terra. Uma explicação mais mundana é que este olho, por vezes chamado o terceiro olho, representa a glândula pineal humana, situada no centro da testa e que alguns acreditam ser o centro da consciência e iluminação mais elevadas. Interessa referir que o olho simbólico apresenta uma notável semelhança com o tálamo humano, uma massa em forma de noz no cérebro anterior que, ao que parece, controla os sinais sensoriais e motores, além de regular a consciência, o sono e a atenção. O olho-que-tudo-vê no interior de uma pirâmide era um símbolo destacado nos Illuminati e ainda pode ser encontrado no reverso da nota de dólar, juntamente com a data 1776 em numeração romana. Embora alguns suspeitem de que esta se refira ao ano de

fundação dos Illuminati, a maioria argumenta que representa o ano em que a Declaração de Independência foi redigida e aprovada. Alguns investigadores até afirmam ter encontrado uma pequena coruja minerval, um símbolo dos Illuminati, nos enrolamentos que decoram a face principal da nota de dólar, mas isto está longe de ser conclusivo.

O que é certo é que a coruja minerval desempenha um papel preeminente no secreto Bohemian Club de São Francisco, o patrocinador dos encontros anuais do Bohemian Grove que têm sido objeto de teorias da conspiração depois de nomes de famosos participantes, como George H. W. Bush, Warren Christopher, Joseph Coors, David Gergen, Bobby Ray Inman, Henry Kissinger, George Shultz, Caspar Weinberger e muitos outros terem vindo à tona. As atividades no Bohemian Grove incluem cerimónias à luz de tochas realizadas sob a estátua de uma coruja de dez metros, que é o logótipo do grupo. O segredo, os atavios e o nível de destaque dos seus membros, para não falar na coruja minerval, resultaram em acusações de que as festividades do Bohemian Club e do Bohemian Grove não são mais do que reencarnações dos velhos Illuminati.

Esta especulação é reforçada por outros sinais e símbolos na nota de dólar, particularmente a abundância do número treze — presente nas estrelas, camadas de tijolos, folhas, flechas e, é claro, as treze colónias originais. Alguns afirmam que o número treze representa rebelião e anarquia. É de salientar que a pirâmide inacabada de treze níveis encimada por um olho-que-tudo-vê, presente na nota de dólar, era outro preeminente símbolo usado pelos Illuminati. O lema *Annuit coeptis*, interpretado como «Deus favoreceu os nossos empreendimentos», contém treze letras. Um simbolismo oculto associado aos Illuminati também é atribuído ao Grande Selo dos Estados Unidos. O olho-que-tudo-vê e o lema *Annuit coeptis* dizem respeito à ideia de que Deus, a Providência ou o Grande Arquiteto do Universo abençoa a causa americana. Alegadamente, os numerais romanos na base da pirâmide indicam o ano da assinatura da Declaração de Independência, embora também sejam o ano em que

os Illuminati foram fundados.

O maçom e ocultista Manly P. Hall poderá ter estabelecido uma ligação entre os maçons que fundaram os Estados Unidos e os banidos Illuminati quando escreveu: «... [eles] receberam a ajuda de um secreto e augusto corpo existente na Europa, que os ajudou a estabelecer este país para um propósito específico e particular, conhecido apenas pelos poucos iniciados.» Até o lema do Grande Selo, *Novus ordo seclorum*, geralmente traduzido como «Uma Nova Ordem dos Tempos», tem sido tema de controvérsia, alguns encarando-o como uma versão da «Nova Ordem Mundial».

Até a respeito da águia como símbolo dos EUA se registaram controvérsias. Segundo parece, originalmente esta distinção caberia à ave mitológica fénix, que renascia das suas próprias cinzas. Mas, aparentemente, terão sido muitos os que estabeleceram a ligação com os revolucionários europeus, em especial os Illuminati. Como tal, a honra viria a caber à águia, embora Benjamin Franklin tenha argumentado que um peru seria mais relevante, visto ser uma ave nativa americana e não uma necrófaga como a águia.

Toda a cidade de Washington, D. C., está pejada de símbolos maçónicos, que vão desde o traçado das ruas às estátuas e aos inúmeros zodíacos que se podem encontrar na cidade, indicando assim um interesse pela astrologia. Nenhuma discussão sobre os Illuminati e a sua teologia estaria completa sem uma referência a essa obra tão caluniada: *Os Protocolos dos Doutos Anciãos de Sião*, por vezes também referida como *Os Protocolos dos Sábios de Sião*.

Embora geralmente rejeitado como uma falsificação grosseira usada para incitar o ódio e a violência contra os judeus, um exame mais atento revela aspetos mais profundos deste extraordinário documento que pode ter tido a sua origem nos Illuminati. Popularmente considerado uma criação da mente satírica do francês Maurice Joly, uma denúncia em 1921 revelava que a obra de Joly se baseava em livros anteriores, um dos quais tinha como base documentos de uma sociedade secreta italiana ligada aos Illuminati. A verdade é que o livro de Joly foi reescrito e preenchido com material

antissemita na década de 1890 pela polícia secreta do czar russo, a Ochrana. O objetivo era aliviar a pressão pública sobre o czar, retratando os revolucionários russos como peões de uma conspiração judaica internacional.

Os Protocolos, com acréscimos de um escritor religioso chamado Sergei Nilus, foram publicados de modo a coincidir com a fundação da primeira assembleia sionista oficial no Congresso Mundial do Judaísmo de 1897 em Basileia, Suíça. O documento enumera várias práticas que poderiam ser usadas para assumir o controlo de governos e sociedades inteiras. Estas práticas indicam como alcançar o domínio mundial, orientando a forma de pensar do público, direcionando o que este vê e ouve (controlo dos média); criando novos conflitos ou restaurando ordens antigas (terrorismo); espalhando a fome, a destruição e a peste; escravizando uma população por meio de uma sociedade baseada nas dívidas; e seduzindo e distraindo os jovens (educação e entretenimento estupidificantes). «Por meio de todos estes métodos, desgastaremos de tal modo as nações que elas serão forçadas a oferecer-nos o domínio mundial», proclamam *Os Protocolos*.

Muitas pessoas, incluindo Adolf Hitler e Henry Ford, acreditavam que *Os Protocolos* refletiam um plano genuíno para dominar o mundo simplesmente porque muitos deles já se haviam concretizado em diversos países. A audácia d'*Os Protocolos* manteve-se viva durante décadas em virtude de muitos deles referirem o dinheiro como mecanismo de controlo, bem como do facto de muitos dos revolucionários comunistas russos serem judeus. Mas é tão injusto culpar todos os judeus pelo comunismo como culpar todos os católicos pelo nazismo. *Os Protocolos* originais partilham mais ideologia com os Illuminati do que com a liderança judaica, embora as ligações entre os dois — que começam com a expansão do Iluminismo em Frankfurt, a «sede» dos Rothschild — não devam ser esquecidas. Após a I Guerra Mundial, *Os Protocolos* reapareceram na Alemanha, onde Dietrich Eckart, um editor de jornais de Munique, os apresentou à secreta Thule Gesellschaft, ou Sociedade Thule, e à

sua predecessora, Germanenorden, ou Ordem Alemã. Ambas as sociedades seriam fundamentais para a ascensão de Hitler e dos seus nazis. Os *Protocolos* poderão ter encorajado o antissemitismo de Hitler.

Os *Protocolos* refletiam realmente a teologia dos Illuminati. Weishaupt escreveu que o ser humano não nasce mau, mas adquire este atributo por intermédio da moral arbitrária imposta pela religião e pelo Estado. Segundo ele, livre desta moralidade convencional, o ser humano poderia alcançar a iluminação por meio da razão.

A nossa visão de Weishaupt depende de como vemos o mundo. Aqueles que se sentem confortáveis com as restrições da Igreja, do Estado e da sociedade vê-lo-iam como um radical ou dissidente, na melhor das hipóteses, ou como um revolucionário ou anarquista, na pior. Os livres-pensadores poderão ver Weishaupt como um primeiro Henry David Thoreau, à procura de uma vida pacífica e equilibrada em Walden Pond. É tudo uma questão de percepção. Weishaupt, embora tivesse noção da grande responsabilidade das mudanças que pretendia, vivia provavelmente num estado de conflito interno. Foram os homens que o rodeavam que transformaram os seus Illuminati numa força de mudança, para melhor ou para pior. Seria mais um exemplo de uma busca de poder que se transforma numa força orientada para o mal. Nas palavras do historiador inglês John Dalberg-Acton, «o poder tende a corromper e o poder absoluto corrompe absolutamente. Os grandes homens são quase sempre homens maus, mesmo quando exercem influência e não autoridade; ainda mais quando se acrescenta a tendência da certeza da corrupção pela autoridade».

Um princípio básico dos Illuminati, expresso por Weishaupt, causou estragos incalculáveis ao longo dos anos: «Eis o nosso segredo. Ter presente que o fim justifica os meios.» Assim sendo, desde que alguém possa justificar o fim dos seus desejos, então, segundo este princípio, qualquer coisa pode ser usada para alcançar esse fim, seja mentir, enganar, roubar e até matar. E, de acordo com a doutrina dos Illuminati, tal ato pode ser ocultado por trás de qualquer desculpa ou

razão. Aldous Huxley, o futurista autor de *Admirável Mundo Novo*, estava certo ao observar: «A natureza do universo é tal que os fins nunca podem justificar os meios. Pelo contrário, os meios sempre determinam o fim.»

Um exemplo claro deste princípio dos Illuminati levado ao extremo é a morte de tantos seres humanos no Holocausto dos nazis, que a sangue frio decidiram que o método mais conveniente para eliminar os indesejáveis da sua sociedade era matá-los. Embora o número de mortos do Holocausto seja discutível, qualquer assassinio em grande escala tolerado por um governo estabelecido deve ser considerado um holocausto. Foi esta crença — de que o fim justifica os meios — que foi distorcida pelos homens e transformada em atos negros, e a responsabilidade poderá não ser toda de Weishaupt. Muitas pessoas, incluindo Thomas Jefferson, consideravam-no um homem verdadeiramente religioso, com as melhores das intenções. Mas quando homens e mulheres começam a aceitar este princípio, as consequências podem ser terríveis. A pura razão intelectual nem sempre deve prevalecer. Por exemplo, os nazis passaram de uma crença intelectual de que alguns segmentos da sociedade eram indesejáveis à perseguição direta e, finalmente, à morte. Os bolcheviques na Rússia e Pol Pot no Camboja assassinaram milhões na esperança de produzir um futuro utópico. Há que entender que o iluminismo é um «ismo» — não muito diferente do nacional-socialismo (nazis), comunismo, capitalismo e socialismo. É um sistema de crença que não pode ser relegado para nenhum indivíduo ou grupo num determinado período de tempo. Foi o iluminismo que guiou as rebeliões das revoluções Francesa, Americana e Russa por intermédio da ascensão do comunismo e do nacional-socialismo. É o sonho de poder e de controlo dos Illuminati que ainda continua vivo em certas pessoas sem escrúpulos. E foi a propensão dos Illuminati para o sigilo e para as mudanças abruptas que inevitavelmente os levou à sua queda.

VII

SUPRESSÃO

Sexta-feira, 13 de outubro de 1307, foi o dia em que as autoridades francesas iniciaram uma campanha destinada a exterminar os Cavaleiros Templários. A partir de então, qualquer sexta-feira 13 passou a ter uma conotação sinistra. O número treze também se revelaria aziago para Weishaupt e os seus Illuminati, visto que, treze anos após a sua fundação, a Ordem deu por si com grandes problemas.

Tudo começou a 22 de junho de 1784. Na sequência de vários rumores negativos que corriam a respeito dos ensinamentos anticlericais e antigovernamentais dos Illuminati e dos Maçons, o duque Carlos Teodoro da Baviera emitiu um decreto que proibia todas as sociedades secretas oficialmente não autorizadas.

Em parte, o dito decreto declarava: «Atendendo a que todas as comunidades, sociedades e associações sem a aprovação de uma autoridade pública e confirmação do monarca são ilegais, proibidas por lei, suspeitas e perigosas por si mesmas, Sua Alteza Eleitoral decidiu não as tolerar no seu Estado...»

Esta proibição total de todas as sociedades secretas na Baviera também incluía severas penalizações para quem não a acatasse. De repente, Weishaupt descobriu que o poder que obtivera sobre a Maçonaria não incluía um poder político concreto. Embora se tenham visto forçados a passar à clandestinidade na Baviera, os Illuminati limitaram-se a transferir os seus esforços revolucionários para outros locais. Fora isso, o édito pouco contribuiu para deter a Ordem. Muitos membros, em especial homens preeminentes e profissionais, consideraram que o decreto era tão geral que não os incluía especificamente. O número de membros continuou a crescer, espalhando-se pela França, enquanto a Ordem esperava que a

situação acalmasse e as atividades normais fossem retomadas.

Alguns membros tentaram abordar Carlos Teodoro para lhe apresentar explicações e desculpas para as críticas contra os Illuminati, mas foram rejeitados. Carlos Teodoro terá depois tomado conhecimento da sua intransigência em não obedecer ao seu decreto anterior, visto que, a 2 de março de 1785, emitiu um segundo, desta feita especificando os Illuminati e certas lojas maçónicas. Carlos Teodoro escreveu que se encontrava «profundamente chocado e descontente ao saber que várias lojas dos chamados Maçons e Illuminati que ainda existem nos nossos Estados deram tão pouca atenção à nossa Proibição Geral emitida a 22 de junho do ano passado contra todas as sociedades fraternas clandestinas e não aprovadas, não se limitando a continuar a efetuar reuniões secretas, como também a arrecadar fundos e a recrutar novos membros, procurando assim aumentar ainda mais o já grande número de adeptos. Havíamos considerado esta Sociedade, muito degenerada e de instituição primitiva, demasiado suspeita, tanto no que concerne a questões religiosas como do ponto de vista social e político, pelo que não podíamos continuar a tolerá-la nos nossos Estados».

Neste severo decreto, sem deixar espaço para qualquer evasão, Carlos Teodoro também ordenava que «todo o dinheiro e quaisquer fundos coletados ilegalmente» pelos grupos fossem confiscados e partilhados entre os pobres e quem se apresentasse para denunciar a sociedade, mesmo que fosse um membro.

Este decreto, mais assertivo e específico do que o primeiro, levou os Illuminati a uma clandestinidade ainda mais pronunciada. Alguns membros começaram febrilmente a queimar ou destruir muitos documentos incriminatórios dos Illuminati.

Entretanto, Weishaupt terá provavelmente sido alertado para o segundo decreto de Carlos Teodoro, visto que abandonou subitamente a Baviera em fevereiro, duas semanas antes da entrada em vigor do dito decreto. Mais tarde, apresentaria como fraca desculpa para a sua partida uma discussão com o bibliotecário da Universidade de Ingolstadt, a respeito de alguns livros dos quais

precisava para as suas aulas. Outra versão afirmava que ele estava com problemas por tentar introduzir livros revolucionários na biblioteca de Ingolstadt.

O autor Melanson apresentaria esta interessante descrição da sua partida: «Ao tentar deixar Ingolstadt, ele percebeu que havia guardas postados em toda a cidade com ordens para o prender. Weishaupt escondeu-se em casa de um mestre serralheiro, o seu companheiro illuminatus Joseph Martin, e conseguiu escapar alguns dias depois, disfarçando-se com as roupas de um artesão.»

Depois de uma breve paragem em Nuremberga, em abril, Weishaupt seguiu para Regensburg, onde foi recebido pelo duque Ernesto II de Saxe-Gotha-Altenburg, membro dos Illuminati, que lhe ofereceu trabalho no serviço público com uma pensão. Foi aqui que ele iniciou uma prolífica carreira de escritor, produzindo muitas cartas e panfletos nos quais defendia o iluminismo e atacava os seus inimigos.

Além disso, em abril, um dos principais Illuminati enviava aos membros uma circular na qual se podia ler: «Estais isentados de todas as obrigações, exceto apenas do sigilo, que aceitastes ao entrar na nossa Ordem.» Todavia, esta circular nem de perto pretendia dissolver a Ordem.

Com efeito, muitos ramos da Ordem ainda estavam ativos em 1788, embora as comunicações — especificamente, a entrega de relatórios e de novos protocolos — aparentemente tivessem cessado. A 9 de setembro de 1785, os três professores que haviam abandonado a Ordem em 1783 e enviado a carta difamatória à cunhada de Carlos Teodoro — Joseph von Utzschneider, Georg Grünberger e Johann Sulpitius, marquês de Cosandey — assinaram um revelador depoimento. Esta seria uma das primeiras descrições dos segredos e intenções dos Illuminati a chegar ao público. O depoimento afirmava:

Em consequência da nossa familiaridade com esta doutrina dos Iluminados, com a sua conduta, os seus modos e os seus incentivos à traição, e estando plenamente convencidos dos perigos da Seita, nós [...] deixámos a Ordem [...] embora os

Iluminados tentassem vergonhosamente garantir o seu ascendente ao assegurar-nos que sua Alteza Eleitoral era um membro da sua Ordem. Vimos claramente que um Príncipe conhecedor dos seus próprios interesses, e totalmente dedicado ao cuidado paterno para com os seus súbditos, nunca aceitaria uma Seita que se espalhasse por quase todas as províncias sob o manto da Maçonaria; porque semeia a divisão e discórdia entre pais e filhos, entre Príncipes e os seus súbditos, e entre os amigos mais sinceros. [...] A experiência tinha-nos convencido de que em breve conseguiriam perverter toda a juventude bávara. A característica principal da generalidade dos seus adeptos era a irreligião, a depravação da moral, a desobediência ao seu Príncipe e aos seus pais e a negligência de todos os estudos úteis. Vimos que a consequência fatal do Iluminismo seria a criação de uma desconfiança geral entre o príncipe e os seus súbditos, o pai e os seus filhos, o ministro e os seus secretários, e entre os diferentes tribunais e conselhos. Não nos deixámos intimidar por essa ameaça tão repetida, *Que nenhum Príncipe poderá salvar aquele que nos trai*. Abandonámos, um após o outro, esta seita, a qual *sob nomes diferentes*, como assim fomos informados por vários dos nossos anteriores Irmãos, já se espalhou *em Itália e, particularmente, em Veneza, na Áustria, na Holanda, na Saxónia, no Reno, particularmente em Frankfurt, e até nos Estados Unidos* [ênfase no original]. Os Iluminados intrometem-se o máximo possível nos assuntos estatais e instigam problemas onde quer que a sua Ordem possa ser beneficiada por eles.

Os desertores alegavam nunca ter conhecido os superiores invisíveis referidos nos ritos dos Illuminati, mas suspeitavam de que seriam homens de graus mais altos. Também alegavam ter sido ameaçados e assediados pelos membros após a sua deserção da Ordem.

O marquês de Cosandey chegou ao ponto de revelar que uma doutrina inquietante dos Illuminati — *Patet Exitus* (Larga Passagem) — determinava que um membro devia cometer o suicídio em vez de trair a Ordem.

Utzschneider admitia que o objetivo do Iluminismo era «introduzir um regime moral mundial que ficaria sob o seu controlo em todos os países».

Aumentando ainda mais os problemas dos Illuminati, em junho de 1785, o papa Pio VI enviou uma carta ao bispo de Freising, na Baviera, informando-o de que a participação na Ordem era perigosa e incompatível com as tradições da Igreja.

Então, em julho, Weishaupt e um seu companheiro illuminatus, o

frei Johann Jakob Lanz (nome de código *Sócrates*), estavam a passear de cavalo perto das Portas de Regensburg quando Lanz foi fulminado por um raio. Alguns viram nisto uma retribuição divina, uma vez que o padre Lanz sem dúvida estava a par da postura anticlerical do iluminismo. Miraculosamente, Weishaupt não ficou ferido. Segundo um relato, Lanz havia parado em Regensburg a caminho de uma missão de observação para os Illuminati na Silésia.

Seguiu-se uma disputa a respeito do corpo de Lanz, que acabaria por ser devolvido à sua diocese em Freising, onde ele cofundara a loja illuminati/maçónica Augusta zu den Drei Kronen (Augusta no Três Coroas) em 1781. Costurados no forro das suas roupas, foram encontrados documentos secretos dos Illuminati, incluindo uma lista de membros e um folheto escrito por Weishaupt que desenvolvia o plano da Ordem para criar uma Nova Ordem Mundial por meio da revolução. Outra versão dizia que Lanz era um mensageiro dos Illuminati, que ele e o seu cavalo tinham morrido e que as mensagens da Ordem tinham sido encontradas nos alforjes intactos. Dois anos mais tarde, o impenitente Weishaupt escreveria: «Quando o meu falecido amigo Lanz foi atingido por um raio a meu lado no ano de 1785 em Regensburg, que oportunidade tal me poderia ter dado para fazer de contrito e hipócrita arrependido, e assim conquistar a confiança dos meus perseguidores.» Mas, em lugar de se mostrar contrito pelos seus ataques contra a Igreja e o Estado, Weishaupt manteve o seu rumo. Fizeram-se tentativas para o prender em ligação com a morte de Lanz, mas ele permaneceu em liberdade porque Regensburg era uma cidade imperial livre e as autoridades não tinham jurisdição, em especial porque Weishaupt se encontrava sob a proteção do duque Ernesto II.

O material encontrado com Lanz, indicando assim que a Ordem ainda estava ativa, enfureceu Carlos Teodoro, que emitiu novo decreto, desta feita exigindo que todos os Illuminati se arrependessem e se registassem junto do governo ou enfrentassem punições ainda mais severas.

Em Ingolstadt, as autoridades judiciais de uma comissão especial

para investigar os Illuminati intensificaram a sua atividade. Os membros que tiveram o azar de cair nas mãos dos inquisidores apresentaram confissões formais. As investigações revelaram que muitos membros das forças armadas estavam envolvidos com os Illuminati ou a sua doutrina, além de funcionários do Estado, professores universitários, professores e estudantes. Muitos perderam as suas posições ou foram exilados. Alguns viram nisto um esforço dos Jesuítas e Rosacruceanos para finalmente exterminar os Illuminati.

Apesar da proteção do duque Ernesto em Regensburg, que enviou cartas a Carlos Teodoro informando-o de que Weishaupt era membro do seu conselho privado e, como tal, imune a qualquer mandado de prisão, Weishaupt encontrava-se sob a vigilância constante de agentes de Munique.

O duque, receando que ele pudesse ser sequestrado e devolvido a Munique, encontrou forma de o enviar para Gotha. Mesmo ali, Weishaupt ver-se-ia forçado a esconder-se numa chaminé durante três dias quando cartazes com ordens para a sua prisão foram distribuídos por toda a cidade.

Outros problemas surgiriam em outubro de 1786, quando a polícia invadiu a casa de Franz Zwack em Landshut. Lenta mas meticulosamente, as autoridades estavam a procurar os membros dos Illuminati. Os documentos encontrados em Lanz acabariam por levá-las a Zwack. A rusga em casa deste seria um verdadeiro achado, visto que aquela era um repositório de documentos importantes dos Illuminati.

Além das comunicações secretas entre os Adeptos dos Illuminati, a polícia encontrou descrições dos símbolos da Ordem e do calendário persa que eles usavam. Além disso, de acordo com Melanson, «... listas de membros, estatutos, instruções para os recrutadores, cerimónias de iniciação e impressões das insígnias da Ordem; um elogio do ateísmo e uma cópia de um manuscrito intitulado *Melhor do que Hórus*; uma proposta de um ramo do Iluminismo para mulheres; várias centenas de impressões de selos do governo (com uma lista

dos seus proprietários — príncipes, nobres, clérigos, comerciantes, etc.) destinadas à falsificação; instruções para a confeção do veneno *Aqua Tofana*, de gás tóxico e tinta secreta; “uma máquina infernal” para a salvaguarda de documentos secretos: aparentemente, uma caixa-forte que explodiria, destruindo o seu conteúdo; e receitas para provocar o aborto e uma fórmula para fazer um chá para induzir o procedimento [abortivo]».

Foram recuperadas mais de duzentas cartas trocadas entre Weishaupt e os Areopagitas dos Illuminati, muitas tratando dos assuntos mais sensíveis. Havia também tabelas com os símbolos secretos da Ordem e os termos geográficos por ela usados, além de instruções para as cerimónias de iniciação primária. Os líderes ou adeptos dos Illuminati cujos nomes constavam nos documentos de Zwack seriam reunidos e interrogados. «Pela boca dos seus amigos, as acusações que os inimigos haviam feito contra a ordem haviam de ser substantiadas», observou o autor Stauffer. «Segundo as confissões dos seus líderes, o sistema dos Illuminati tinha a aparência de uma organização dedicada ao derrube da religião e do Estado, um bando de envenenadores e falsificadores, uma associação de homens de moral repugnante e gostos depravados. A publicação destes documentos não foi nada menos do que uma sensação.»

Antes sequer que o ano tivesse terminado, Weishaupt produziu rapidamente pelo menos nove panfletos em defesa dos Illuminati. Entre eles estavam *Apologie der Illuminaten* (Apologia dos Illuminati) e *Vollständige Geschichte der Verfolgung der Illuminaten in Bayern* (História Completa da Perseguição aos Illuminati na Baviera). As suas obras pró-Illuminati foram amplamente divulgadas, mas com fracos resultados. Weishaupt tentava ressuscitá-los, mas não há registo de que tenha sido bem-sucedido.

Um ano depois, mais material dos Illuminati ficaria disponível após uma busca no Castelo de Sandersdorf, que pertencia a um dos líderes da Ordem, Thomas Maria, barão de Bassus, um Superior com o nome de código *Aníbal*.

O barão tornara-se amigo íntimo de Weishaupt enquanto estudava

em Ingolstadt. Aderira aos Illuminati em 1778 e fora «promovido» a Areopagita no ano seguinte. Como parte do seu trabalho para os Illuminati, De Bassus obtivera uma prensa bávara que depois tinha enviado para a sua cidade natal de Poschiavo, um pequeno município suíço no qual passou a viver. Com a ajuda do impressor Giuseppe Ambrosini, outro illuminatus, De Bassus também abriu uma livraria onde os dois vendiam os seus livros que criticavam a Igreja e o papa. Publicaram igualmente a primeira edição da versão italiana do romance autobiográfico *A Paixão do Jovem Werther*, de Johann Wolfgang von Goethe, também ele um alegado membro dos Illuminati. Segundo o historiador italiano Franco Venturi, esta operação também seria uma das primeiras a divulgar ideais revolucionários às vésperas da Revolução Francesa.

O castelo do barão de Bassus foi confiscado e, em virtude da crescente animosidade contra os Illuminati, ele e a sua família regressaram à Baviera, onde ele morreria pacificamente em 1815.

Depois da rusga, as autoridades bávaras publicaram em dois volumes os documentos encontrados no castelo do barão, com o título de *Einige Originalschriften des Illuminaten Ordens* (Alguns Escritos Originais da Ordem dos Illuminati). Mas registou-se algum trabalho de edição. «Quando reproduziam cartas e relatórios oficiais, os editores geralmente censuravam a identidade real de qualquer nobre ou outro indivíduo de elevado estatuto ali referido, dificultando desde o início a obtenção de uma imagem completa da Ordem», explicou Melanson.

Uma imagem surgia com toda a clareza: a de uma organização dedicada a uma revolução mundial, ou, como descrito por Weishaupt nos documentos em questão: «Com este plano, havemos de orientar toda a humanidade desta maneira. E, pelos meios mais simples, deixaremos tudo em movimento e em chamas. As ocupações devem ser de tal modo distribuídas e concebidas que nos permitam, secretamente, influenciar todas as transações políticas.»

Estes volumes foram enviados aos governos de Inglaterra, França e Rússia, mas com pouco efeito. Os nobres estrangeiros, tendo sido

expostos à propaganda dos Illuminati, ainda os encaravam como maçons honestos e de espírito elevado.

Mas, agora, o público começava a aperceber-se dos verdadeiros objetivos dos Illuminati. Nos documentos apreendidos havia planos para uma revolução global e ficava bem claro que esta devia ser levada a cabo por grupos clandestinos recorrendo ao sigilo e ao logro. Ficava igualmente claro que este trabalho deveria caber apenas aos indivíduos mais esclarecidos (instruídos) e bem colocados. O comum trabalhador estava dispensado. Era por causa dos muitos membros profissionais e altamente colocados dos Illuminati que o trabalho da polícia da Baviera tinha de ser lento e cuidadoso, entediante até. Mas as informações escandalosas sobre a Ordem começaram a acumular-se — acusações que iam desde a simples sedição à adoração de Satanás e ao sacrifício humano.

O último prego para o caixão da Ordem surgiria quando se descobriu que os Illuminati haviam pensado em abrir as suas portas às mulheres, uma proposta absurda no século XVIII. Nas rusgas a Zwack e De Bassus, foram encontradas cartas e notas que delineavam tais planos. Segundo Arkon Daraul:

O famoso memorando que pormenoriza o plano para conquistar as mulheres [...] afirma que as mulheres são o melhor meio de influenciar os homens. Elas deviam ser recrutadas e na sua mente devia ser inculcada a esperança de que, com o tempo, seriam libertadas da «tirania da opinião pública». Outra carta perguntava como as mulheres jovens podem ser influenciadas, já que as suas mães não consentem que elas sejam deixadas ao cuidado dos Illuminati para a sua instrução. Cinco mulheres eram sugeridas por um membro, para começar. Eram quatro enteadas de um dos Illuminati, que seriam colocadas sob os cuidados da mulher de outro iluminado. Por sua vez, estas alargariam a sociedade por intermédio das suas amigas. Era referido ainda que as mulheres não são consideradas realmente adequadas para este empreendimento, porque são «volúveis e impacientes».

Com a extensão das chocantes atividades da Ordem cada vez mais documentada, o duque Carlos Teodoro promulgaria um terceiro e último édito contra os Illuminati a 16 de agosto de 1787. Era literalmente uma sentença de morte para a Ordem, visto que previa a pena capital para qualquer um que recrutasse para os Illuminati.

Segue-se um excerto:

À medida que o tempo passa, melhor se percebe quão danosa e perigosa a Ordem dos Illuminati será para o Estado e a religião, caso lhe seja permitido florescer aqui e mais além. [...] Como tal, Sua Alteza Eleitoral não só reitera no presente texto a defesa contida nos Éditos anteriores, como a reforça; as suas ordens são de prosseguir com acusações criminais e executá-las, independentemente da pessoa, dignidade, posição ou estatuto, contra qualquer um que tenha permitido o recrutamento nos seus Estados ou além: o recrutador será privado da vida pela espada e o recrutado será condenado ao confisco das suas propriedades e ao banimento para sempre de todos os Estados de Sua Alteza Eleitoral, com a promessa de nunca mais poder regressar. Sob as mesmas penalidades de confisco e expulsão, as Lojas proibidas dos Illuminati, seja qual for o nome com que se possam ocultar e cuidadosamente apresentar, em todos os lugares, serão sujeitas a uma rigorosa vigilância. Quem apresentar indumentária das Lojas será considerado e tratado como se tivesse participado em reuniões secretas, em locais suspeitos, tais como hotéis ou casas particulares, e não permitiremos a desculpa fútil geralmente apresentada — uma sociedade honesta de bons amigos —, especialmente quando os presentes já foram suspeitos de impiedade e iluminismo.

Os Illuminati foram destruídos enquanto organização, mas não silenciados. Os seus membros e ensinamentos perduraram. À semelhança das «guerras de chamas» da Internet de hoje, Weishaupt e os seus detratores trocaram rajadas atrás de rajadas de alegações e contra-alegações em panfletos e cartas, atacando-se veementemente.

Em escritos separados, em 1787, Weishaupt defendia os Illuminati com esta descrição de um membro ideal:

Quem não fecha os ouvidos às lamentações dos miseráveis, nem o coração à piedade bondosa; quem é amigo e irmão dos infelizes; quem tem um coração capaz de amor e de amizade; quem quer que seja firme na adversidade, incansável na execução do que quer que se tenha comprometido a fazer, destemido na superação de dificuldades; quem não zomba dos fracos nem os despreza; cuja alma é suscetível de conceber grandes desígnios, desejosa de se elevar acima de todos os motivos básicos e de se distinguir por atos de benevolência; quem evita a ociosidade; quem considera que nenhum conhecimento que possa ter a oportunidade de adquirir é inessencial, encarando o conhecimento da humanidade como o seu principal tema de estudo; quem quer que, quando a verdade e a virtude estão em questão, desprezando a aprovação da multidão, é suficientemente corajoso para seguir os ditames do seu próprio coração — esse é um candidato adequado.

Não obstante as leis contra esta Ordem, os membros dos Illuminati simplesmente continuaram a esconder-se entre as fileiras da Maçonaria. Tendo sido bem-sucedidos na sua fusão com a Maçonaria continental no início daquela década, simplesmente entranharam-se ainda mais na clandestinidade.

Os seus ideais continuariam a ser promovidos até às secretas Távolas Redondas de Cecil Rhodes no século xx, apoiadas pelo poder da Loja de Frankfurt, que se encontrava sob o controlo da realeza hessiana, dos Rothschild e dos seus associados.

Em 1790, os Illuminati pareciam ter-se dissolvido, mas muitos membros, aqueles que não se haviam escondido nos Maçons, limitaram-se a fugir para outros países, mantendo a sua lealdade aos ideais da Ordem. Seria caso para dizer que a filosofia dos Illuminati foi involuntariamente disseminada pela repressão do governo bávaro. Quando as autoridades viram os Illuminati como uma ameaça direta à ordem estabelecida e proibiram esta organização, isto levou muitos membros a fugir da Alemanha, o que apenas serviu para levar mais longe as suas filosofias. Secretas e sombrias Ordens dos Illuminati surgiram em França, Itália, Inglaterra e até nas novas terras da América.

Alguns ex-membros viraram-se contra a Ordem. Leopold Alois Hoffmann, um maçom que aderiu brevemente aos Illuminati, seria influenciado pelo material rosacruziano que se opunha à Ordem. Os Rosacruzianos tinham-se infiltrado na Ordem e criado um sistema de espionagem dentro da mesma. Hoffmann escreveria mais tarde: «Uns quantos de nós comprometeram-se a trabalhar em prol do derrube do Iluminismo, e eu fui escolhido como porta-voz do grupo. Os meus novos conhecimentos entregaram-me documentos secretos cujo conteúdo estimulou o meu zelo e indignação.»

Ludwig Adolph Christian von Grolman, um amigo de Knigge e membro da Ordem Maçónica da Estrita Observância, foi recrutado para os Illuminati em 1782. Todavia, depois de atingir a posição de Perfeito, travou amizade com um homem chamado Johann August von Starck, um virulento anti-Illuminati, e começou a ter dúvidas sobre

a sua presença naquela Ordem, da qual acabaria por ser expulso, talvez por ter tomado conhecimento, por intermédio de Knigge, dos planos para a conquista do mundo. Em 1795, Grolman e Starck começaram a publicar um jornal intitulado *Eudaimonia* (Eudemonia), o qual postulava que os Illuminati não só haviam gerado a Revolução Francesa, como tinham ignóbeis desígnios tanto para a política como para a religião mundial. Outros membros suspeitavam de que forças sinistras se haviam apropriado da Ordem. O duque Fernando de Brunswick, um grão-mestre da Maçonaria alemã que fora iniciado nos Illuminati em 1783 e ascendera à posição de Regente, chegaria ao ponto de recomendar a dissolução de toda a Maçonaria numa carta de 1794 aos seus confrades maçons, advertindo:

Estou convencido de que nós, enquanto Ordem, ficámos sob o poder de alguma Ordem ocultista muito maléfica, profundamente versada na ciência, oculta e não só, embora não infalível, os seus métodos sendo a magia negra, ou seja, o poder eletromagnético, o hipnotismo e a sugestão poderosa. Estamos convencidos de que a Ordem está a ser controlada por alguma Ordem do Sol, de acordo com a natureza dos Illuminati, se não pela própria Ordem. Vemos o nosso edifício [...] ruir e cobrir o chão com ruínas, vemos a destruição que as nossas mãos já não detêm [...] surgiu uma grande seita, que, assumindo como lema o bem e a felicidade do homem, trabalhou nas trevas da conspiração para fazer da felicidade da humanidade uma presa sua. Esta seita é conhecida por todos, os seus irmãos são tão conhecidos como o seu nome. São eles que têm minado os alicerces da Ordem, ao ponto de uma derrocada total; é por eles que toda a humanidade tem sido envenenada e transviada há várias gerações. [...] Eles começaram por lançar o ódio à religião. [...] Os seus mestres tinham em vista nada menos do que os tronos da Terra, e os governos das nações deveriam ser dirigidos pelos seus clubes da noite [...] o uso indevido da nossa ordem [...] produziu todos os problemas políticos e morais que hoje enchem o mundo [...] devemos, a partir deste momento, dissolver toda a Ordem.

Num esforço para mostrar que a sua agenda para a Ordem se mantinha inalterada, Weishaupt escrevia desafiadoramente: «Previ tudo e preparei tudo. Deixai que toda a minha Ordem se arruíne; daqui a três anos, responderei pela sua restauração, e para um estado mais poderoso do que o atual. [...] Erguer-me-ei mais forte do que nunca. [...] Posso sacrificar províncias inteiras; a deserção de alguns indivíduos, como tal, não me há de alarmar.»

O abade jesuíta Augustin Barruel ensinava gramática em França até que os sentimentos contra os Jesuítas o forçaram a mudar-se para leste, para o Império Austro-Húngaro. Regressaria a França em 1773, quando os Jesuítas foram banidos pelo papa. Nos últimos dias da Revolução Francesa, Barruel publicou um livro intitulado *Mémoires pour servir à l'Histoire du Jacobinisme*. Estes Jacobinos eram os membros do Clube Jacobino — dedicado a proteger a revolução da reação aristocrática — e não tardaram a ganhar a reputação de uma atividade política radical e de um zelo revolucionário.

Entre 1797 e 1799, apenas dez anos após o banimento dos Illuminati, Barruel publicou quatro volumes deste livro, que imediatamente se tornaram bastante populares, foram traduzidos para várias línguas e lançaram as bases para muitos dos atuais escritores da conspiração. Esta foi uma das primeiras grandes obras a demonizar os Illuminati.

No seu terceiro livro, Barruel associava os Illuminati e os Maçons e afirmava que, coletivamente, eles perfaziam mais de 300 mil membros, «todos zelosos pela Revolução, e todos prontos para se erguer ao primeiro sinal e chocar todas as outras classes do povo».

Ele atribuía a Revolução Francesa a uma conspiração illuminati/maçónica. Afirmava igualmente que os Illuminati, ao apropriarem-se das estruturas secretas dos Maçons, tiveram de radicalizar o movimento contra a Igreja e o Estado e preparar a população para os seus desígnios ocultos. Dizia ele que, depois de estudar os mistérios maçónicos, concluía que esta ordem mantinha há muito crenças ateístas e antigovernamentais.

Barruel também confirmava que, mesmo depois de os Illuminati serem proibidos na Baviera, muitos membros haviam sobrevivido e continuado a missão da Ordem com pouca oposição. Segundo ele:

Se excluirmos Weishaupt, nenhum adepto na Baviera tinha sido condenado a uma punição mais severa do que o exílio ou um breve encarceramento. Em outras partes [...] nem uma única investigação fora feita a respeito das suas lojas. Muitos daqueles adeptos que haviam sido condenados pela culpa mais extrema encontraram proteção em vez de indignação nos diferentes tribunais. Embora tenham sido apresentadas as provas mais profundas da sua culpa, vemos Zwack, poucos dias depois, a produzir

certificados de probidade e fidelidade ao seu príncipe. [...] O próprio *Spartacus* [Weishaupt] desfrutava tranquilamente o seu asilo e pensão numa corte, embora tivesse conspirado para aniquilar todos os príncipes. Nunca foi descoberta nem denunciada publicamente uma conspiração tão monstruosa; todavia, nunca os conspiradores foram tão generosamente supridos com os meios para continuar as suas conspirações por aqueles contra os quais estavam a conspirar.

Nos seus escritos, Barruel foi um dos primeiros críticos a nomear membros conhecidos da Ordem. Dos sessenta e sete nomes publicados por Barruel, dez eram professores, treze eram nobres, sete pertenciam à Igreja, três eram advogados, e os restantes vinham da classe média emergente, a maioria dos quais sendo funcionários do governo e comerciantes, além de alguns oficiais militares. Também associou os Illuminati aos Assassinos, aos Cavaleiros Templários e a uma conspiração sionista mundial, e acreditava que a Ordem apenas se reagrupara sob diferentes nomes desde 1785 e que a sua teologia ainda perdurava. A obra de Barruel continua a ser influente, embora controversa. Mas alguns ainda a apoiam. O autor Jones referia o seguinte:

O ataque da Maçonaria a Cristo foi inspirado pela literatura talmúdica na Cabala. O livro de Barruel reunia vigorosamente material anteriormente desconhecido em três áreas importantes: os escritos dos filósofos, dos Maçons e dos Illuminati. A ausência de uma explicação coerente de como estas partes se encaixam não nos deve cegar para a sua genialidade: antes de Barruel, ninguém tinha publicado nada que se aproximasse deste volume de material. Ninguém tão-pouco havia chegado às raízes teológicas da revolução no judaísmo talmúdico, porque ninguém tinha estudado os textos maçónicos com tanto pormenor. Barruel testemunhou em primeira mão o ataque a Cristo que teve início na Loja...

O autor Douglas Reed concordava, escrevendo que a filosofia talmúdica fora adotada por alguns judeus russos «embora não tivessem sangue de Judá» e que «as áreas onde eles se reuniam, sob direção talmúdica, se tornaram o centro dessa revolução antirrusa que se havia de tornar “a revolução mundial”».

Finalmente, temendo a violência da Revolução Francesa, Barruel procurou refúgio em Inglaterra. Curiosamente, nas suas obras subsequentes, ele parece absolver a Maçonaria inglesa dos crimes

que atribuía aos Illuminati, inclusive a instigação da Revolução Francesa. Isto talvez se deva ao facto de terem sido os Ingleses, em particular o filósofo de origem irlandesa Edmund Burke, quem lhe concedeu asilo e apoio financeiro enquanto escrevia os seus volumes.

Outro crítico importante dos Illuminati foi John Robison, físico e matemático escocês e professor de filosofia na Universidade de Edimburgo no final do século XVIII. Destacou-se depois de inventar a sirene e trabalhar com o inventor James Watt, que desenvolveu o motor a vapor. Watt certa vez descreveu Robison como «o homem com a mente mais clara e a maior ciência entre todos que já conheci».

Robison desencantou-se com o que considerava um excesso do Iluminismo e, sendo um maçom, foi convidado a aderir aos Illuminati. Após alguma investigação, recusou e, em vez disso, escreveu um livro em 1797, com o extenso título *Proofs of a Conspiracy against all the Religions and Governments of Europe, Carried on in the Secret Meetings of Freemasons, Illuminati and Reading Societies* (Provas de Uma Conspiração contra Todas as Religiões e Governos da Europa, Levada a Cabo nas Reuniões Secretas dos Maçons, dos Illuminati e das Sociedades de Leitura). Esta laboriosa obra acusava essencialmente Weishaupt e os seus Illuminati de se infiltrarem maliciosamente na Maçonaria e fomentarem a Revolução Francesa.

Robison tinha lido um periódico alemão, *Religions Begebenheiten* (Ocorrências da Religião), que chegara ao seu conhecimento em 1795. Ficara tão fascinado com os rituais e graus maçónicos nele descritos que decidiu partilhar as suas descobertas com o público, ao que escreveu:

Descobri que a fachada de uma loja maçónica havia sido empregada em todos os países para divulgar e propagar sentimentos na religião e na política, os quais não poderiam ter circulado em público sem expor o autor a um grande perigo. Descobri que esta impunidade havia gradualmente encorajado homens de princípios licenciosos a tornarem-se mais ousados e a ensinar doutrinas subversivas de todas as nossas noções de moralidade — de toda a nossa confiança no governo moral do universo — de todas as nossas esperanças de melhoria num futuro estado de existência — e de

toda a satisfação e contentamento com a nossa vida atual, desde que vivamos num estado de subordinação civil. Consegui identificar estas tentativas, feitas, ao longo de cinquenta anos, sob o pretexto ilusório de iluminar o mundo com a tocha da filosofia e de dissipar as nuvens da superstição civil e religiosa que mantêm as nações da Europa nas trevas e escravidão. Tenho visto estas doutrinas gradualmente se disseminarem e misturarem com todos os diferentes sistemas da Maçonaria; até que, finalmente, foi criada uma associação com o objetivo declarado de erradicar todos os estabelecimentos religiosos e derrubar todos os governos existentes na Europa. Vi esta Associação esforçar-se zelosa e sistematicamente, até se tornar quase irresistível: e vi que os líderes mais ativos da Revolução Francesa eram membros desta Associação e conduziram os seus primeiros movimentos de acordo com os princípios da mesma, e por meio das suas instruções e assistência, formalmente solicitavam e obtiam. E, finalmente, vi que esta Associação ainda existe, ainda funciona em segredo, e que não só vários indícios entre nós revelam que os seus emissários estão empenhados em propagar as suas detestáveis doutrinas, mas que a Associação tem lojas na Grã-Bretanha que se correspondem com a loja-mãe em Munique desde 1784. [...] A Associação da qual venho falando é a Ordem dos Illuminati, fundada, em 1775 [sic], pelo Dr. Adam Weishaupt, professor de Direito Canônico na Universidade de Ingolstadt, e abolida em 1786 pelo eleitor da Baviera, mas renascida imediatamente depois, sob outro nome, e com uma diferente forma, em toda a Alemanha. Foi novamente detetada e aparentemente desmantelada; mas já se havia enraizado tão profundamente que ainda subsiste sem ser detetada e disseminou-se por todos os países da Europa.

As «provas» referidas por Robison têm sido atacadas até aos dias de hoje. O autor Stauffer comentava: «Realçando com grande relevo as expressões mais malignas e brutais das declarações anticlericais e anticristãs de Voltaire e do seu amigo, bem como todas as provas disponíveis de uma engenhosa estratégia por parte dos conspiradores para evitar a deteção do seu plano, Barruel sentiu-se encorajado a confirmar um plano desesperado para derrubar todos os altares onde Cristo era adorado, seja em Londres, Genebra, Estocolmo, Petersburgo, Paris, Madrid, Viena ou Roma, sejam eles protestantes ou católicos.»

O autor maçónico Mackey, no seu *Masonic Dictionary*, também criticava Barruel, embora admitisse: «Mas não se pode negar que, com o tempo, os abusos se haviam infiltrado na Instituição [Maçonaria] e que, pela influência de homens indignos, o sistema se corrompeu; todavia, é sabido que as acusações grosseiras de

escritores como Barruel e Robison são exageradas e algumas completamente falsas.»

«Nem Robison nem Barruel negam que o objetivo declarado da Ordem era ensinar as pessoas a serem felizes, tornando-as boas — fazer isto iluminando a mente e libertando-a do domínio da superstição e do preconceito», observava Trevor W. McKeown num *site* maçónico. «Mas eles recusaram-se a aceitar isto pelo seu valor nominal. Onde Weishaupt e Knigge promoviam a libertação do domínio da Igreja sobre a filosofia e a ciência, Robison e Barruel viram um apelo à destruição da Igreja. Onde Weishaupt e Knigge queriam libertar-se dos excessos da opressão estatal, Robison e Barruel viram a destruição do Estado. Onde Weishaupt e Knigge queriam educar as mulheres e tratá-las como intelectualmente iguais, Robison e Barruel viram a destruição da ordem natural e adequada da sociedade.»

O autor Steven Luckert explicava a disseminação da literatura anti-Illuminati do seguinte modo:

Em 1798, a tese da conspiração dos Illuminati tornara-se realmente internacional. Robison e Barruel tinham adotado esta teoria da conspiração nascida na Alemanha, haviam-na sistematizado e feito circular entre as grandes audiências de todo o mundo ocidental. [...] Embora nem Barruel [nem] Robison tenham sido os criadores da teoria da conspiração dos Illuminati, os seus nomes [...] ficaram indelevelmente ligados a esta teoria da conspiração. No fim, esta grandiosa visão conspiratória sobreviveria a todos os que a promoveram, mantendo-se viva com algumas alterações até ao século XX.

É realmente irónico que os livros anti-Illuminati de Barruel e Robison espalhem as doutrinas da Ordem muito mais do que Weishaupt alguma vez poderia ter sonhado. Ambos os livros foram traduzidos para dezenas de línguas e conquistaram leitores em todo o mundo. De referir que nem Barruel nem Robison tiveram um acesso completo aos documentos dos Illuminati. Muitos documentos originais dos Illuminati da Baviera foram traduzidos para inglês apenas nos últimos anos. Tanto Barruel como Robison disseram desconhecer a existência um do outro até que os seus escritos foram publicados.

Argumentaram que ambos investigaram a Ordem independentemente, mas chegaram a muitas das mesmas conclusões e confirmaram a legitimidade das suas alegações contra os Illuminati. Barruel explicaria mais tarde: «Há de ser entendido que não devemos ser colocados numa competição um com o outro; o Sr. Robison assumindo uma visão geral, enquanto eu tentava descer aos pormenores: quanto à substância, estamos de acordo.»

Os escritos de Barruel e Robison eram bem conhecidos dos Fundadores dos EUA, como George Washington, James Madison, Thomas Jefferson, entre outros. Falaremos sobre os seus pensamentos mais tarde.

Até muito recentemente, os investigadores dos Illuminati que não sabiam ler alemão ou francês dependiam dos escritos de Barruel e Robison, ambos os quais tinham acesso a material de origem primária. No entanto, tanto um como o outro eram críticos cristãos da Ordem e escreveram segundo esta perspetiva, à semelhança de outra crítica notória, Nesta Webster.

Filha de um dos sócios do Barclays Bank de Inglaterra, Nesta Helen Webster nasceu em 1876, estudou no Westfield College e viajou bastante antes de se casar com o capitão Arthur Templer Webster, um superintendente da polícia britânica na Índia.

Em 1920, ela e outros escreveram uma série de artigos para o *London Morning Post* intitulados «The Jewish Peril», amplamente baseados nos controversos *Protocolos dos Sábios de Sião*, cuja autenticidade era uma «questão em aberto».

Webster é mais conhecida pelo seu livro *World Revolution: The Plot against Civilization*, o qual defendia que os ideais dos Illuminati, sob muitas formas diferentes, continuavam a atormentar a humanidade até ao século xx. Ela via os membros da Ordem como ocultistas que conspiravam para dominar o mundo.

«Weishaupt [...] sabia extrair de todas as associações, passadas e presentes, as partes que lhe interessavam e usá-las a todas num sistema que funcionava com uma terrível eficiência», escreveu Webster. «... as doutrinas desintegrantes dos gnósticos e maniqueus,

dos filósofos e enciclopedistas modernos, os métodos dos Ismaelitas e dos Assassinos, a disciplina dos Jesuítas e dos Templários, a organização e o sigilo dos Maçons, a filosofia de Maquiavel, o mistério dos Rosacruzianos — ele sabia, além disso, como recrutar os elementos certos de todas as associações existentes, bem como indivíduos isolados, e usá-los a seu favor.»

Webster também referia: «A extravagância do esquema [dos Illuminati] [...] tornava-o inacreditável, e os governantes da Europa, recusando-se a levar o Iluminismo a sério, rejeitavam-no como uma quimera.» Muitos investigadores afirmam que esta mesma atitude incrédula tem ajudado a proteger os descendentes dos Illuminati, ainda hoje.

Os escritores Pauli Poiso e M. Asher Cantrell, num *site* intitulado Cracked, tipificam algumas opiniões antagónicas de Webster, escrevendo que

Nesta Webster era uma historiadora britânica, escritora, propagandista e simpatizante nazi da década de 1920, que tinha uma vendeta nada secreta contra os judeus. [...] Quem já leu *The Sun Also Rises*, ou uma biografia de Henry Ford, sabe que, juntamente com as calças de aparência estúpida e o Charleston, o antissemitismo estava no topo no que respeita às coisas com as quais os brancos ricos perdiam a cabeça.

Webster era casada com um superintendente da polícia britânica, o que a tornava praticamente intocável, e era muito próxima de Winston Churchill algumas décadas antes de ele ganhar juízo. [...] Webster deu com uma mina de ouro quando propôs um elaborado culto histórico de bandidos que trabalhava em aliança com os judeus e era responsável por todo o mal que já havia acontecido. Ela estava a estudar uma teoria da conspiração marginal, segundo a qual a Revolução Francesa teria sido secretamente orquestrada por uma minúscula e extinta sociedade secreta conhecida como os Illuminati da Baviera, quando decidiu: «E que tal *isto*, mas com os judeus também envolvidos!?!»

Todavia, outros pensavam que Webster talvez tivesse encontrado alguma coisa. Um deles era ninguém menos do que Winston Churchill, criticado pelos escritores acima por causa do seu apoio a Webster. Num artigo de 1920, Churchill escrevia: «Este movimento [revolucionário] entre os judeus não é novo. [...] Ele desempenhou, como a escritora moderna, Mrs. Webster, demonstrou com tanta

habilidade, um papel definitivamente identificável na tragédia da Revolução Francesa. Foi a principal fonte de todos os movimentos subversivos durante o século XIX.»

Mais recentemente, o autor Ralph Epperson secundaria a preocupação de Churchill quando escreveu em *The Unseen Hand*: «O facto de os governantes da Europa não quererem acreditar nos objetivos dos Illuminati é um problema recorrente em todo o mundo atual. É difícil para o observador acreditar que existe uma conspiração tão gigantesca e bem organizada, e que os objetivos que esta tem para o mundo são reais. Esta descrença do público é o que alimenta o seu sucesso e cabe à conspiração planear os seus movimentos de tal maneira que a verdade se torne tão incrível e tão absurda que ninguém queira acreditar que foram intencionalmente criados.»

Outro escritor mais moderno também encontrou validade nas primeiras críticas. O evangelista Texe Marrs afirmou que, após uma extensa pesquisa, agora pode inequivocamente afirmar que «existe uma organização secreta de homens iluminados. É o Poder Monetário da América, Europa e Ásia. Eu chamo aos homens que a lideram a *Irmandade Secreta*. Os membros deste grupo clandestino acreditam ser homens de uma raça e linhagem superiores. Estão convencidos de que o seu destino é serem servidos. *Cabe-nos tornarmo-nos os seus escravos económicos* [ênfase no original]. Ao longo dos séculos, estes homens diabólicos, agentes de um submundo mágico conhecido apenas por poucos, uniram-se em sociedades secretas, acumulando incontáveis riquezas e tesouros materiais. Mas, como a ganância nunca é saciada, o seu apetite faminto por mais e mais dinheiro — e por um poder cada vez mais absoluto e incontestável — cresce diariamente».

E acrescenta: «[Este grupo] colocou Woodrow Wilson e Franklin D. Roosevelt na presidência e protegeu Bill Clinton durante os processos de destituição. Esta corja odiava Richard Nixon e expulsou-o do cargo. [...] Os líderes illuminati da Mystery Babylon colocaram os seus fantoches nos cargos mais altos. Alan Greenspan, [ex-]

presidente da Reserva Federal, é um deles. O mesmo acontece com o presidente russo Vladimir Putin, o presidente da França... e o primeiro-ministro do Reino Unido. [...] Agentes secretos desta cabala cruel e calculista financiaram revoluções em todo o mundo. Apoiaram financeiramente Karl Marx e usaram o Movimento Sionista para fundar a nação de Israel. Há muito tempo que usam o comunismo e o sionismo como martelos gémeos para destruir os seus inimigos, depor líderes políticos e derrubar governos. [...] A verdade terrível e impressionante tem de ser revelada. Já não somos um povo livre. A *Illuminati Mystery Babylon* está a atingir o auge do seu poder, e as nossas vidas encontram-se agora em risco.»

«A História está a desenrolar-se de acordo com o plano a longo prazo dos Illuminati. As guerras são planeadas com décadas de antecedência e orquestradas de modo a garantir a destruição de nações e elites naturais, o despovoamento, a desmoralização e, claro, o poder e o lucro», escreveu o comentador Henry Makow. «Os super-ricos organizaram-se num culto satânico para atacar a humanidade e estabelecer a sua hegemonia permanente. Ponham-se no lugar dos banqueiros centrais. As nações do mundo devem-vos milhares de milhões com base em dinheiro que vocês imprimiram pelo custo de papel e tinta. A única maneira de proteger este “investimento” é estabelecer uma ditadura subtilmente dissimulada, utilizando métodos sofisticados de controlo social e mental. Este é o verdadeiro significado da “Guerra ao Terror”. Não é dirigida contra os “terroristas muçulmanos”. É dirigida contra todos nós.»

Essa visão negativa da Ordem persiste até hoje. Podem ser encontrados inúmeros *sítes* e folhetos anónimos que identificam uma nebulosa elite mundial como a mais recente reencarnação dos Illuminati da Baviera. Eles veem os Illuminati como uma sociedade secreta no interior de sociedades secretas, apoiada por uma elite bancária liderada pela dinastia Rothschild, promovendo um plano para abolir a religião e derrubar os governos civis e, assim, centralizar tudo sob o seu controlo — essencialmente, a Nova Ordem Mundial.

Outros escritores, como o historiador maçónico Trevor W.

McKeown, veem os Illuminati como dignos de pouca ou nenhuma referência no longo prazo da História. «As evidências sugerem que os Illuminati da Baviera não passam de uma curiosa nota de rodapé histórica. Esta é, sem dúvida, a opinião dos escritores maçônicos. Os teóricos da conspiração, porém, não são conhecidos pelo uso da navalha de Occam e decidiram que existem ligações entre os Illuminati, a Maçonaria, a Comissão Trilateral, o imperialismo britânico, o sionismo internacional e o comunismo [...] indo tudo isto dar ao Vaticano (ou, a acreditar em David Icke, à britânica Casa de Windsor e aos alienígenas-lagartos) numa tentativa de dominar o mundo. Acredite-se no que se quiser, mas não existem provas de que algum illuminati tenha sobrevivido aos seus fundadores.»

Com efeito, parece que os maçons tentaram absolver a Maçonaria de qualquer responsabilidade na história dos Illuminati. O *Dicionário Maçônico* afirmava que, após os éditos do eleitor Carlos Teodoro, «[a] Ordem entrou em declínio, de tal modo que, no fim do século XVIII, deixara de existir. Adotando a Maçonaria apenas como um meio para uma propagação mais bem-sucedida, e usando-a apenas como algo de secundário à sua própria organização, a Ordem, enquanto prosperou, não exerceu nenhuma influência favorável sobre a Instituição Maçônica, nem qualquer efeito desfavorável aquando da sua dissolução».

Muitos viram o Iluminismo de Weishaupt como a manifestação pública de uma luta centenária entre dogmas religiosos organizados e um humanismo baseado no antigo conhecimento esotérico, tanto teológico como secular. Tal conhecimento exigia um grande sigilo por causa dos implacáveis ataques da Igreja e das monarquias.

Em 1785, com os seus Illuminati em desordem, Weishaupt foi demitido pela Universidade de Ingolstadt e afastado com uma pequena pensão, que ele, todavia, recusou, atribuindo a sua demissão às maquinações dos Jesuítas. Mudou-se para Regensburg, onde procurou refúgio junto de Ernesto II, duque de Saxe-Gotha-Altenburg. Mais tarde, foi nomeado professor na Universidade de Göttingen, onde permaneceu até à sua morte em 18 de novembro de

1830, alegadamente um homem algo amargo e amplamente esquecido. É isto que a História convencional regista. Hoje, são muitos os que acreditam que os ideais dos Illuminati continuam vivos e alguns teóricos até conjecturam que ele partiu incógnito para os Estados Unidos e tomou o lugar de George Washington. Falaremos sobre isto mais tarde.

RESUMO

Uns meros treze anos após a sua fundação, em 1784, os Illuminati foram objeto de um édito do duque Carlos Teodoro da Baviera que proibia qualquer sociedade secreta não oficialmente autorizada. Era este o resultado dos rumores que circulavam a respeito dos escritos e discursos anticlericais e antiestatais de alguns membros da Maçonaria e dos Illuminati.

Essencialmente, o édito seria ineficaz, visto que muitos illuminati acreditavam que o mesmo não lhes era especificamente dirigido nem que seria vigorosamente aplicado. Mas a verdade é que esta proibição levou muitos membros a mudarem-se para outros principados e países, disseminando ainda mais a teologia dos Illuminati e aumentando assim o número dos seus membros.

Furioso com a ineficácia do seu decreto, Carlos Teodoro promulgou um segundo nove meses depois, desta vez especificando certas lojas maçónicas e os Illuminati. Afirmando que estava «profundamente chocado e descontente ao saber que várias lojas dos chamados Maçons e Illuminati que ainda existem nos nossos Estados deram tão pouca atenção à nossa Proibição Geral...», Carlos Teodoro ordenou a suspensão de todas as atividades da sociedade e até ordenou o confisco de «todo o dinheiro e quaisquer fundos arrecadados ilegalmente» por tais grupos.

Este novo decreto não deixava pontos menos claros e assinalaria o fim de qualquer demonstração pública da atividade dos Illuminati. Possivelmente avisado com antecedência, Weishaupt encontrava-se convenientemente ausente quando o decreto entrou em vigor, tendo

deixado Ingolstadt disfarçado de artesão.

Acabaria em Regensburg, onde recebeu trabalho do duque Ernesto II de Saxe-Gotha-Altenburg, um membro dos seus Illuminati. Além de trabalhar, Weishaupt aproveitou a oportunidade para escrever muitas cartas e panfletos em que defendia o iluminismo e atacava os seus inimigos.

Embora os membros da Ordem estivessem agora divididos e forçados a operar em segredo, os Illuminati não se dissolveram. A Ordem apenas fora forçada a assumir a clandestinidade. Embora todas as manifestações externas da Ordem tivessem cessado, alguns ramos continuaram a funcionar até 1788.

Todavia, à medida que os membros foram sendo presos e obrigados a falar, e que os documentos dos Illuminati começaram a tornar-se públicos, a Ordem ficou ainda mais desacreditada. Delatores descontentes acusaram a liderança dos Illuminati de ser irreligiosa, depravada, imoral, desobediente às autoridades e negligente no que tocava a trabalho e deveres. Alguns desertores alegaram ter sido ameaçados e perseguidos por terem deixado a Ordem e até descreveram a doutrina illuminati da *Patet Exitus*, que defendia o suicídio em vez da traição à Ordem.

Além de todos estes problemas, em 1785, o papa Pio VI enviou uma carta ao bispo de Freising, na Baviera, fazendo saber que a participação nos Illuminati era perigosa e incompatível com as tradições da Igreja.

Em julho do mesmo ano, o illuminatus frei Johann Jakob Lanz foi atingido e morto por um raio enquanto montava a cavalo com Weishaupt perto das Portas de Regensburg. No corpo de Lanz encontravam-se documentos dos Illuminati, incluindo uma lista com os nomes de membros preeminentes de toda a Europa. Os documentos também indicavam que os Illuminati ainda estavam bastante ativos, não obstante a legislação bávara.

Um furioso príncipe eleitor Carlos Teodoro foi levado a proclamar mais um decreto, exigindo especificamente que todos os Illuminati se registassem junto do governo e se arrependessem das suas

transgressões ou enfrentassem severas punições. Em Ingolstadt, uma comissão especial convocada para investigar os Illuminati intensificou as suas diligências. Membros conhecidos foram detidos e interrogados enquanto as suas casas e locais de trabalho eram minuciosamente revistados. Carlos Teodoro pretendia ver Weishaupt detido e devolvido à Baviera para ser presente a julgamento, mas seria impedido pelo duque Ernesto II, que o deu como membro do seu conselho privado e, como tal, imune.

Numa rusga à casa de Franz Zwack, as autoridades encontraram um verdadeiro achado de documentos dos Illuminati, incluindo listas de membros, estatutos, instruções para recrutadores, cerimónias de iniciação, várias insígnias, uma proposta de recrutamento de mulheres, selos oficiais do governo usados para falsificação, instruções para preparar um chá abortivo, venenos, gases letais e tinta secreta, e até uma caixa-forte que explodiria destruindo o seu conteúdo caso a tentassem abrir. Também foram recuperadas centenas de cartas sobre assuntos sensíveis dos Illuminati, bem como tabelas com os símbolos secretos da Ordem, palavras de código geográficas e os procedimentos para as cerimónias de iniciação. As revelações sobre os Illuminati causaram uma grande sensação na época, uma vez que o teor dos documentos dava a impressão de uma organização composta por envenenadores e falsificadores, homens de moral repugnante e gostos depravados, dedicados ao derrube da religião e do governo.

Em sua casa no exílio, Weishaupt produziu vários panfletos que tentavam defender a Ordem, mas com pouco êxito. O estrago já estava feito. Após rusgas adicionais que reuniram ainda mais provas contra a Ordem, as autoridades da Baviera publicariam dois volumes de documentação dos Illuminati sob o título de *Einige Originalschriften des Illuminaten Ordens* (Alguns Escritos Originais da Ordem dos Illuminati). Estes volumes foram enviados aos governos de Inglaterra, França e Rússia, mas sem grandes resultados, visto que os estrangeiros expostos à propaganda dos Illuminati ainda encaravam a Ordem como honestos maçons com nobres intenções. Simplesmente

não podiam acreditar que os seus verdadeiros objetivos incluíam planos para uma revolução global, levados a cabo por grupos clandestinos a coberto do sigilo e do logro. Os nobres estrangeiros também desdenhavam da ideia de qualquer mulher tomar parte em esforços masculinos de revolta e sedição.

Em 1787, Carlos Teodoro promulgou um édito final onde decretava a pena de morte para quem recrutasse para os Illuminati, considerados uma Ordem «danosa e perigosa».

Embora a Ordem fosse destruída enquanto organização formal, as suas doutrinas e religião não foram erradicadas. Weishaupt e outros continuaram a publicar ideais do iluminismo em jornais e panfletos, enquanto muitos illuminati simplesmente se escondiam entre as fileiras dos Maçons. Afinal, o iluminismo é uma forma de ver a vida. Não é facilmente aparente, como um uniforme, uma braçadeira ou um emblema.

A repressão pelas autoridades da Baviera poderá ter tido o efeito oposto ao pretendido, uma vez que muitos Illuminati fugiram para outros países, disseminando a sua doutrina de uma revolução mundial. Secretas e sombrias Ordens dos Illuminati surgiram em França, Itália, Inglaterra, Rússia e até nas novas terras da América. E ninguém tinha como controlar os indivíduos que estavam a promover o iluminismo. «Estou convencido de que nós, enquanto Ordem, ficámos sob o poder de alguma Ordem ocultista muito maléfica, profundamente versada na ciência, oculta e não só...», alertava o duque Fernando de Brunswick, um grão-mestre da Maçonaria alemã que havia sido recrutado para os Illuminati em 1783.

Tais sentimentos seriam expressos por escritores anti-Illuminati anos após o decreto final de Carlos Teodoro, como é o caso do abade jesuíta Augustin Barruel e do físico John Robison. Ambos os autores, tendo como base a religião, só conseguiam ver os aspetos anticlericais da Ordem e atacaram-na em conformidade. Não deixa de ser bastante irónico que a popularidade das obras anti-Illuminati de Barruel e Robison possa ter disseminado as doutrinas da Ordem muito além de tudo o que Weishaupt pudesse ter imaginado.

Uma crítica mais moderna dos Illuminati também tinha uma estrita herança religiosa e escreveu prolificamente sobre os perigos do iluminismo. Nesta Helen Webster, começando com uma série de artigos de jornal na década de 1920, pregava contra o que ela via como ocultistas illuminati que planeavam dominar o mundo. Este tema seria continuado no seu persuasivo livro de 1921, intitulado *World Revolution: The Plot Against Civilization*. Webster seria criticada pelos seus detratores como antissemita e pró-nazi, embora Winston Churchill a apoiasse.

Webster afirmava que a pura audácia e extravagância do esquema dos Illuminati para um controlo global o tornavam inacreditável aos olhos dos líderes mundiais, que se recusavam a levá-lo a sério. «Weishaupt [...] sabia extrair de todas as associações, passadas e presentes, as partes que lhe interessavam e usá-las a todas num sistema que funcionava com uma terrível eficiência», escreveu ela.

Atualmente, alguns escritores, como o evangelista Texe Marrs e o investigador da conspiração Ralph Epperson, ainda veem os Illuminati e os seus descendentes como pertencentes a uma organização secreta, baseada na riqueza, raça e linhagem, que continuam a tentar transformar a raça humana numa raça de escravos económicos. Marrs escreveu: «Agentes secretos desta cabala cruel e calculista financiaram revoluções em todo o mundo. Apoiaram financeiramente Karl Marx e usaram o Movimento Sionista para fundar a nação de Israel.»

Outros comentadores veem a História desenrolar-se de acordo com um plano a longo prazo dos Illuminati. Consideram que as guerras são «planeadas com décadas de antecendência e orquestradas de modo a garantir a destruição de nações e elites naturais, o despovoamento, a desmoralização e, claro, o poder e o lucro».

O que é inegável é que as doutrinas dos Illuminati tiveram o seu papel nas revoluções do futuro.

VIII

REVOLUÇÃO

Embora os Illuminati possam ter emergido das sombras no final do século XVIII para fomentar a revolução nas colónias britânicas da América, este envolvimento não se encontra claramente estabelecido. Seria em França que o espírito revolucionário da Ordem emergiria com mais clareza, acompanhado de uma violência incontável.

FRANÇA

Ao contrário de algumas descrições convencionais, a Revolução Francesa não foi uma revolta espontânea do público oprimido. Antes da verdadeira sangria ocorrida entre 1787 e 1799, a monarquia francesa havia permitido uma reforma política e social considerável. A vida dos plebeus tinha realmente melhorado. A violenta revolução que se seguiu à tomada da Bastilha não foi um acaso, mas sim um esforço orquestrado para criar uma nova ordem política. E por trás disto estava a sombra dos Illuminati. Outrora popularmente considerada como tendo começado com uma sublevação por causa da falta de comida e de representação no governo, hoje é bastante claro que a revolução foi instigada por células da Maçonaria francesa e dos Illuminati alemães, muitas vezes misturadas. Tratou-se claramente de um grande acontecimento mundial inspirado por maquinações de sociedades secretas. A *New Encyclopaedia Britannica* referia que em França «surgiu um sistema político e uma perspectiva filosófica que já não viam o cristianismo como um dado adquirido, que, na realidade, se opunham explicitamente a ele. [...] A irmandade ensinada por grupos como os Maçons, membros de secretas sociedades fraternas, e os Illuminati, uma sociedade secreta racionalista, constituía um rival para o católico sentido de

comunidade».

Num discurso pouco antes do início da Revolução Francesa, Weishaupt proclamava: «A salvação não se encontra onde tronos fortes são defendidos por espadas, onde o fumo dos turíbulos sobe ao céu ou onde milhares de homens fortes percorrem os ricos campos da colheita. A revolução que está prestes a eclodir será estéril se não for total.»

O aventureiro italiano Giuseppe Balsamo, estudante da Cabala judaica, maçom e rosacruziano, ficaria conhecido como conde Alessandro di Cagliostro, o «ilusionista» da corte de Luís XVI. Segundo ele, os Illuminati alemães haviam-se infiltrado nas lojas maçónicas francesas há anos e: «Em março de 1789, as 266 lojas controladas pelo Grande Oriente estavam todas “iluminadas” sem o saber, visto que os maçons em geral desconheciam o nome da seita que lhes trouxera esses mistérios, e apenas um número muito pequeno fora realmente iniciado no segredo.»

Nesta H. Webster seria ainda mais contundente, escrevendo em 1924 que o livro maçónico *A Ritual and Illustrations of Freemasonry* continha a seguinte passagem: «Os Maçons [...] originaram a Revolução com o infame duque de Orleães à cabeça.»

Os principais instigadores da Revolução Francesa foram Luís Filipe II, duque de Orleães, outrora grão-mestre do Grande Oriente de França da Maçonaria francesa, e Marie-Joseph Paul Yves Roch Gilbert du Motier, marquês de Lafayette, iniciado na Maçonaria por ninguém menos que George Washington e que desempenhou um importante papel nas revoluções Americana e Francesa. Também tem sido referido que o Clube Jacobino, o núcleo radical do movimento revolucionário francês, terá sido fundado por destacados maçons.

O *site* The Judeo-Masonic Conspiracy apresentava a seguinte explicação para o envolvimento dos Illuminati e da Maçonaria na Revolução Francesa: «A Ordem dos Illuminati desapareceu, embora não seja claro o que foi feito dos mais de 2000 adeptos recrutados durante um período de dez anos na Europa. O facto é que nem todos

os membros foram presos; nem sequer na Alemanha (por exemplo, Ernesto II e o próprio Weishaupt). A verdade é que, em termos da Revolução Francesa, não faz diferença se eles ainda se encontravam ativos, já que todas as figuras-chave da Revolução Francesa (maçons ou fundadores do Clube Jacobino) já conheciam bem a filosofia revolucionária de Weishaupt e acabariam por pôr em prática os seus planos (ou seja, Lafayette, Robespierre, Voltaire, Luís Filipe II, duque de Orleães, etc.).» Mais explicações viriam do professor Stauffer, que refere o seguinte:

No início de 1789, as lojas do Grande Oriente haviam recebido os segredos dos Illuminati. O duque de Orleães, que tinha sido «iluminado» por Mirabeau e cujas ambições políticas pessoais foram bastante realçadas por Robison, deu um forte apoio ao empreendimento; e assim, em muito pouco tempo, as lojas maçónicas de França foram convertidas num conjunto de sociedades secretas afiliadas, todas elas se correspondendo com as lojas-mãe de Paris, e prontas para se erguer instantaneamente e derrubar o governo assim que o sinal fosse dado.

Com Weishaupt escondido na corte de Saxe-Gotha, a liderança dos Illuminati passou para Johann Joachim Christoph Bode em 1786. No ano seguinte, Bode fundava a Loja dos Illuminati Philalèthes em Paris. Um documento de 1789 encontrado mais tarde afirmaria que a Philalèthes fora a grande responsável pela revolução iniciada naquele ano. De acordo com o Dr. Dennis L. Cuddy, professor universitário e ex-funcionário do Departamento de Educação dos EUA, «é perfeitamente lógico que os Illuminati fossem dos principais instigadores da Revolução Francesa, visto que as teorias do filósofo francês Jean Jacques Rousseau, que tanto influenciou Weishaupt, inspiraram a revolução».

Outro líder destacado da revolução foi Honoré Gabriel Riqueti, conde de Mirabeau, aclamado como um herói do povo, mas mais tarde considerado um agente de estrangeiros inimigos da França. Ele teria feito um discurso no Congresso de Wilhelmsbad no qual afirmava ser membro de uma organização ligada à Ordem dos Templários, cujo objetivo era a destruição tanto da Igreja como do Estado. Segundo Stauffer: «Mirabeau, durante a sua residência em

Berlim nos anos de 1786 e 1787, entrou em contacto com os Illuminati daquela cidade e foi recebido como adepto da Ordem. Ao regressar a Paris, tentou introduzir o iluminismo naquele ramo específico da Maçonaria do qual também era membro, os Philalèthes ou Amis Réunis. Para o ajudar neste propósito, pediu aos Illuminati de Berlim que lhe enviassem dois representantes talentosos e influentes da Ordem. Os homens escolhidos pelo círculo berlinense dos Illuminati, Bode e Von dem Busche, chegaram a Paris no início do verão de 1787. [...] Entretanto, as lojas dos Philalèthes, e por seu intermédio as lojas maçónicas francesas em geral, foram inoculadas com os princípios do iluminismo. Seria assim que a Maçonaria francesa se empenharia no projeto de forçar o derrube de tronos e altares.»

Todavia, Stauffer, cuja obra se encontra publicada no *site* da Grande Loja da Colúmbia Britânica e Yukon, também tentaria minimizar a ideia de um envolvimento dos Illuminati na revolução ao escrever: «A muito mais importante alegação de que os Illuminati foram fundamentais para o arranque da Revolução Francesa revela uma falta de perspetiva histórica que desconsidera ou obscurece a importância das causas económicas, sociais, políticas e religiosas, tangíveis e evidentes, embora complexas, que tornaram a revolução inevitável.»

O autor E. Michael Jones também tentou afastar dos Illuminati a responsabilidade pela revolução. Segundo ele:

Ao fazer do iluminismo alemão a «prova conclusiva», Barruel livrou a Maçonaria de qualquer responsabilidade. Também desviou as atenções da Inglaterra, que todos então viam como a fonte histórica e geográfica da Loja. Mesmo se eliminarmos a sombria irmandade da Rosa-Cruz da década de 1620, a Maçonaria escocesa tinha agentes no continente na década de 1650. Lojas controladas pelos *whigs* foram fundadas durante as primeiras três décadas do século XVIII, e os seus números aumentaram dramaticamente em França até ao início da Revolução Francesa. É perverso desconsiderar esta atividade ao transferir a responsabilidade para uma organização que surgiu em 1776 e que, nos primeiros anos da sua existência — até à iniciação do prussiano barão von Knigge —, era pouco mais do que uma fraternidade universitária. Barruel afirmou que os Illuminati assumiram o controlo das lojas existentes, mas esta explicação não é convincente, dado o número de lojas que teriam

de ser subvertidas e o tempo que tal levaria. Se o iluminismo alemão é responsável pela Revolução Francesa, Weishaupt e Von Knigge tiveram de concluir esta apropriação nos seis anos que se seguiram à convenção maçónica de 1781 em Wilhelmsbad.

Embora a fome entre a gente comum tenha provocado a sublevação francesa, a investigação revela que foi o duque de Orleães quem supostamente comprou todos os cereais em 1789 e os vendeu no estrangeiro ou os escondeu, deixando assim o povo quase morto de fome. Galart de Montjoie, um coetâneo, atribuía a culpa da revolução quase exclusivamente ao duque de Orleães e dava a entender que os Illuminati estavam por trás dele, alegando que o duque «foi movido por essa mão invisível que parece ter criado todos os acontecimentos da nossa revolução para nos levar a um objetivo que atualmente não vemos...».

Os problemas económicos que contribuíram para a revolta também foram causados pelo papel principal que a França desempenhou na Revolução Americana. O apoio do rei Luís XVI foi amplamente incentivado pelo embaixador das colónias, Benjamin Franklin. Um grande instigador da Revolução Francesa seria o infame Clube Jacobino, que se tornou o núcleo radical do movimento revolucionário e foi fundado por maçons preeminentes.

Membros pró-revolucionários da Assembleia Nacional Constituinte de França tinham formado um grupo que ficou conhecido como Société des Amis de la Constitution, ou Sociedade dos Amigos da Constituição. Depois de a Assembleia se mudar para Paris, este grupo passou a reunir-se num salão alugado ao convento jacobino dos frades católicos dominicanos. Este grupo, que jurava proteger a revolução dos aristocratas, não tardaria a ficar conhecido como o Clube Jacobino. Desde então, os revolucionários são conhecidos como jacobinos. O escritor anti-Illuminati John Robison diria o seguinte sobre eles: «Os inteligentes viam no sistema aberto dos Jacobinos o sistema oculto dos Illuminati.»

Os maçons franceses estavam fortemente envolvidos nos acontecimentos políticos da época. Todos os revolucionários da

Assembleia Constituinte eram iniciados no terceiro grau da Maçonaria Iluminada. Incluíam-se aqui líderes revolucionários com nomes conhecidos, como o duque de Orleães, Valance, Lafayette, Mirabeau, Garat, Rabaud, Marat, Robespierre, Danton e Desmoulins.

Com efeito, o líder revolucionário Mirabeau defendia ideais idênticos aos de Adam Weishaupt. Em documentos pessoais, Mirabeau instava ao derrube de toda a ordem, todas as leis e todo o poder para «deixar o povo em anarquia». Dizia que ao público devia ser prometido «poder para o povo» e impostos mais baixos, mas nunca concedido um poder real, «porque o povo enquanto legislador é muito perigoso, visto que apenas estabelece leis que coincidem com as suas paixões». Afirmava que o clero devia ser destruído «ridicularizando a religião».

Mirabeau rematava a sua tirada com estas palavras: «O que importam os meios desde que se chegue ao fim?» — a mesma filosofia de o-fim-justifica-os-meios pregada desde Weishaupt a Lenine e Hitler.

Em fevereiro de 1787, os nobres franceses foram convocados para uma assembleia pelo controlador-geral das Finanças, que propôs um aumento de impostos para os ricos com o intuito de reduzir a dívida nacional. Desnecessário será dizer que os nobres abastados rejeitaram esta ideia e, em seu lugar, pediram uma assembleia dos Estados Gerais: os três estados compostos pela nobreza, o clero e o terceiro estado (a restante população). Ora, os Estados Gerais — o parlamento francês — não eram convocados há quase 200 anos. Os três estados reuniram-se em Versalhes a 5 de maio de 1789 e ficaram imediatamente divididos quanto à forma como a votação devia ser contabilizada. O voto popular favoreceria a maioria, principalmente os plebeus, enquanto uma votação por «estados» favoreceria a nobreza e o clero. Os plebeus do terceiro estado, com o apoio de alguns padres, venceram, e um relutante Luís XVI convocou uma Assembleia Nacional Constituinte para elaborar uma nova constituição francesa, enquanto secretamente reunia tropas.

A notícia destes movimentos militares espalhou-se e, durante o

Grande Medo de julho de 1789 que se seguiu, uma multidão invadiu a prisão principal do rei em Paris, a Bastilha, onde libertou apenas sete prisioneiros — a maioria eram doentes mentais —, mas adquiriu as muito necessárias armas e pólvora. Há muito que este acontecimento tem sido deturpado e romantizado. Apenas um em cada mil habitantes de Paris tomou parte no acontecimento. Os guardas da Bastilha apresentaram uma defesa frouxa e apenas um dos quinze canhões disponíveis foi disparado contra a multidão.

Segundo alguns, este ataque não terá sido a ação espontânea de uma multidão oprimida. «Que salteadores do Sul foram intencionalmente chamados a Paris em 1789, empregados e pagos pelos líderes revolucionários, é um facto confirmado por autoridades demasiado numerosas para as citar por extenso. [...] Por outras palavras, a importação do contingente de salteadores a soldo refuta conclusivamente a teoria de que a revolução foi uma sublevação irreprimível do povo», escreveu Webster.

Entretanto, mensageiros a cavalo enviados pelas sociedades secretas seguiam de cidade em cidade, avisando os receosos camponeses de que conspiradores contra a nação estavam escondidos nos castelos e *châteaux* dos aristocratas. Foi dito aos camponeses que o rei planeava atacá-los. Não tardando a alastrar, o caos e a violência seriam encarados como uma revolução.

«Vemos na Revolução Francesa a primeira vez em que agravos foram sistematicamente criados para deles tirar partido», escreveu o autor Still.

Esta operação começara com os Maçons já em 1772, quando a Loja do Grande Oriente se encontrava firmemente estabelecida em França, contando com 104 lojas. Este número crescera para 2000 lojas por altura da revolução, contando com 447 representantes entre os 605 membros dos Estados Gerais. Segundo vários investigadores, as lojas do Grande Oriente eram o núcleo da penetração dos Illuminati na Maçonaria.

A Maçonaria francesa depressa se dividiu em duas fações: a Grande Loja de França, com a sua tradição templária infundida pelo

iluminismo, e a banida Grande Loja La Corne, que em 1772 se tornou a Grande Loja do Oriente com o futuro duque de Orleães à cabeça. Em 1786, as lojas combinaram-se sob a liderança do duque «iluminado» e a base da revolução estava formada. Os oficiais desta loja combinada agiriam como uma comissão central que, já em 1776, começara a instruir os seus representantes nas lojas de toda a França, dizendo-lhes que preparassem os irmãos para a insurreição.

Alarmada com o caos crescente, a Assembleia Nacional introduziu às pressas em 1789 uma Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, proclamando liberdade, igualdade, a inviolabilidade da propriedade e o direito de resistir à opressão — todos eles princípios de longa data da Maçonaria.

Quando o rei se recusou a aprovar esta declaração, uma turba parisiense marchou para Versalhes e levou-o para Paris, onde a Assembleia continuava a debitar novas leis e políticas. Uma delas era a nacionalização das propriedades da Igreja Católica Romana para pagar a dívida nacional. Esta ideia criou uma barreira entre os plebeus e os seus apoiantes no clero, aumentando a hostilidade de ambos os lados. A Assembleia ainda ponderou a criação de uma monarquia constitucional semelhante à de Inglaterra, mas o fraco e medroso Luís xvi tentou abandonar o país em junho de 1791. Capturado em Varennes, voltaria para Paris sob escolta. Entretanto, incentivados pela turbulência em França, surgiram clubes revolucionários de inspiração maçónica noutros países, incluindo a Inglaterra, Irlanda, os Estados alemães, a Áustria, Bélgica, Itália e Suíça. A tensão entre as outras nações e a França escalaria até 1792, altura em que esta última declarou guerra à Áustria e à Prússia.

Confrontada com uma guerra e uma revolução, a França degeneraria no Terror, durante o qual o rei Luís XVI, Maria Antonieta e muitos milhares, principalmente aristocratas, seriam executados. Numa jogada semelhante à de Hitler 150 anos depois, os Jacobinos encerraram todas as lojas maçónicas em 1791, ironicamente por recearem que o poder organizacional da Maçonaria se pudesse voltar contra eles.

Depois de um estudo exaustivo do assunto, o autor Epperson escreveria o seguinte: «A mão invisível que guiou toda a Revolução Francesa foram os Illuminati, com apenas 13 anos de existência, mas suficientemente poderosos para causar uma revolução num dos principais países do mundo.»

Talvez seja digno de nota o facto de os revolucionários franceses usarem o barrete frígio vermelho, símbolo dos Illuminati e dos gregos Mistérios Frígios, comparáveis aos Mistérios Eleusinos, bem como a presença de um símbolo dos Illuminati — o olho no interior de um triângulo — em muitos documentos revolucionários.

Guerras, motins e golpes suceder-se-iam em França até que o jovem general Napoleão Bonaparte finalmente assumiu o controlo total em 1799. Embora tenha exercido a sua própria espécie de terror na Europa durante anos, Napoleão proclamou o fim da revolução. A França estava de rastos. Centenas de milhares haviam morrido em virtude da fome, da guerra, da violência e da guilhotina. O sonho dos Illuminati concretizara-se: o poder da monarquia e da monolítica Igreja havia sido amplamente destruído. Depois da Revolução Francesa, os Illuminati enfrentariam mais problemas como resultado das reacções de pânico por parte da realeza europeia. Aterradas com a violência contra o trono de França, outras casas reais uniram-se a Carlos Teodoro na proibição de todas as sociedades secretas, sendo que os ataques contra estas últimas foram incrementados. Em 1792, um membro dos Illuminati seria linchado em Versalhes por uma multidão enfurecida quando começaram as perseguições aos Maçons e Rosacruceanos. As dúvidas sobre estas sociedades tinham aumentado bastante com a publicação de *Proofs of Conspiracy*, o livro de John Robison, em 1798.

As lojas maçónicas e outras sociedades secretas seriam infiltradas por agentes de Napoleão, que estava decidido a eliminar todas as organizações subversivas para proteger a sua autoridade e poder. «Em vez de lucrar com a revolução, os Maçons sofreram bastante com os excessos da mesma sob o terror que a revolução desencadeou», observou o historiador cristão e veterano da Guerra

do Vietname S. R. Shearer. «Foram perseguidos sem piedade e guilhotinados às centenas pelos Jacobinos.»

Os Illuminati pareciam ter finalmente sido esmagados para sempre.

AMÉRICA

A confiança para iniciar uma grande revolta como a Revolução Francesa poderá ter sido adquirida nas novas terras da América. Embora a Revolução Americana, que terminou seis anos antes da sublevação em França, não fosse a única base para a criação de sociedades secretas como acontecera em França, existia, não obstante, a clara tendência subjacente de uma agitação promovida por sociedades secretas, com base em ideias religiosas e filosóficas trazidas da Europa.

Os Illuminati já tinham vários capítulos na América e, tanto então como agora, seriam acusados de conspirar para fazer acontecer a Revolução Americana de 1776. É sem dúvida verdade que muitos dos colonos mais destacados eram maçons e partidários do iluminismo. Como observado pelo autor David Livingston, «a própria Constituição americana foi inspirada pela Revolução Francesa e pelos ideais da Maçonaria. Ela consagrava a “Liberdade”, significando a libertação do jugo da moralidade cristã, regras que ela tentou substituir por “direitos inalienáveis”, um conceito originalmente discutido no seio das reuniões secretas dos Illuminati».

Quase todas as guerras e revoluções parecem ter como base as finanças. Um fator pouco conhecido que precipitou a Revolução Americana foi o facto de, em 1764, o rei Jorge III da Inglaterra, pressionado pelo Banco de Inglaterra controlado por Nathan Rothschild, ter proibido a criação do *colonial script*, o dinheiro usado pelas colónias com base nos bens e serviços disponíveis. Isto forçou os colonos a vender títulos de dívida ao Banco de Inglaterra e usar as notas bancárias deste. «As colónias teriam aceitado sem problemas o pequeno imposto sobre o chá e outras questões, se a Inglaterra não lhes tivesse tirado o seu dinheiro, o que criou desemprego e

insatisfação», escreveu Benjamin Franklin.

Os Illuminati e os homens que seguiam a sua doutrina de combate à tirania política e religiosa poderão ter usado a indignação relativa aos impostos para incitar ainda mais a rebelião. Afinal, muitos dos Pais Fundadores da América poderiam ser considerados Illuminati, visto que eles defendiam, como exemplificado pela Constituição, garantias de liberdade pessoal, política e religiosa. E certamente é verdade que, no período que antecedeu a Revolução Americana, foi o secretismo das lojas maçônicas que proporcionou aos patriotas coloniais a oportunidade de se reunirem e planearem a sua estratégia. A Boston Tea Party foi totalmente maçônica, levada a cabo por membros da Loja de St. John depois de uma reunião. Outros identificaram a loja como sendo a de St. Andrew, mas o nome não é o que importa aqui. Não existe documentação que nos permita determinar se estas lojas tinham sido «iluminadas». Dos 56 signatários da Declaração de Independência, apenas um não era maçom. O escritor maçônico Manly P. Hall, no seu livro *The Secret Teachings of All Ages*, faz referência a um incidente muito misterioso por altura da assinatura deste documento histórico. Quando o debate sobre o futuro do novo país chegava a um ponto crítico e muitos hesitavam em assinar a declaração, cientes de que estariam a pôr a sua vida em risco, um desconhecido alto e de cara pálida falou inesperadamente. Ninguém sabia quem ele era nem de onde vinha, mas a intensidade do seu discurso era paralisante. As suas emocionantes palavras terminaram com o grito: «Deus deu-nos a América para que fosse livre!» Entre aplausos emocionados, todos os homens correram a assinar a declaração, exceto o desconhecido. «Ele tinha desaparecido», escreveu Hall, «e nunca mais foi visto nem a sua identidade foi estabelecida.» Hall considerava que este episódio se assemelha a incidentes idênticos na história do mundo, quando estranhos homens desconhecidos aparecem de repente, mesmo a tempo de criar uma nova nação. «São coincidências», perguntava ele, «ou demonstram que a sabedoria divina dos Mistérios Antigos ainda está presente no mundo, servindo a humanidade como antes?»

Em *Proofs of Conspiracy*, John Robison referia que a proibição dos Illuminati na Baviera em grande parte não passara de uma formalidade, muitos membros reaparecendo em sociedades de leitura conhecidas como a Deutsche Union (União Alemã). Segundo ele, Weishaupt teria dito: «Previ tudo e preparei tudo. Deixai que toda a minha Ordem se arruíne; daqui a três anos, responderei pela sua restauração, e para um estado mais poderoso do que o atual.» Claramente, ele suspeitava de maquinações da Ordem na América.

Após a supressão do Iluminismo em 1788, Karl Bahrdt e o barão von Knigge tentaram recuperá-lo sob o nome de uma sociedade de leitura chamada Deutsche Union, um híbrido dos Illuminati que não tardaria a controlar as empresas de publicação e venda de livros na Alemanha. Este controlo assegurava que apenas os livros sobre religião, filosofia e política que a Ordem considerava aceitáveis fossem acessíveis ao público. Embora o controlo do material de leitura tivesse mantido o Iluminismo vivo, seria apenas em 1808 que se registaria uma tentativa declarada de reavivar a Ordem na agora estabelecida nação da Alemanha. Receberia o nome de Tugendbund, ou Liga da Virtude, sendo fundada na Prússia pelo que foi descrito como uma «sociedade secreta quase maçónica» num esforço para recuperar o orgulho prussiano após a derrota infligida por Napoleão. Aparentemente, a Tugendbund era demasiado identificável com os Illuminati, visto que foi banida passado apenas um ano por decreto napoleónico e por Frederico Guilherme III. Um esforço semelhante seria feito com a criação da Bund der Gerechten (Liga dos Justos), com filiais em Londres, Bruxelas, Paris e Suíça. Voltaremos depois a esta questão.

O público não encarou estes esforços com bons olhos, visto que fora a reunião de um grupo de leitura que despertara a atenção das autoridades e as levava a casa do illuminatus Zwack, onde haviam sido descobertos documentos secretos da Ordem. Um desses documentos era uma lista de lojas dos Illuminati existentes antes de 1786, um ano antes do início da Revolução Francesa. A dita lista identificava cinco lojas em Estrasburgo; quatro em Bona; catorze na

Áustria; «muitas» na Livónia, Curlândia, Alsácia, Hesse, Polónia, Suíça e Holanda; duas em Varsóvia; oito em Inglaterra; duas na Escócia; e até «várias» na América do Norte.

«Mas, embora não possa considerar a União Alemã como um ressurgimento formal da Ordem sob outro nome, devo considerar que esses *Unidos* e os membros dessas Sociedades de Leitura eram *Illuminati* e *Minervais* [ênfase no original]. Devo até considerar a União [Alemã] como parte da obra de *Spartacus*», concluía Robison.

Também pode ser que os ideais de liberdade dos Illuminati, iniciados na Europa, tenham sido levados pelos oficiais e soldados franceses e hessianos que combateram na Revolução Americana. Segundo Robison, «os seus oficiais e soldados que regressaram da América importaram os princípios americanos e, em qualquer companhia, encontravam quem escutasse com prazer e pesar a sua fascinante história de independência americana».

Pode até ser que os ideais dos Illuminati tenham sido importados para as colónias americanas muito antes da revolução. Texe Marrs explicava:

No ano de 1760, o agente maçónico dos Illuminati Stephen Morin partiu de França para o Novo Mundo. Ao canalizar subornos para políticos dos EUA e das Índias Ocidentais, Morin conseguiu abrir dezenas de capítulos maçónicos iluminados nas Américas. Nestas lojas clandestinas, milhares foram iniciados na Ordem Secreta. Então, em 1772, Haym Salomon [...] usou o dinheiro dos Rothschild para influenciar ainda mais os líderes coloniais americanos. O resultado foi a Guerra Revolucionária Americana contra a Inglaterra do rei Jorge.

Os avisos contra os Illuminati vinham de muitos quadrantes. O professor Robison, utilizando os documentos internos da própria Ordem, via claramente na sua mente que a organização fora criada com o «objetivo expresso de erradicar todos os estabelecimentos religiosos e derrubar todos os governos existentes na Europa». O reverendo Jedidiah Morse, um fervoroso federalista, citava o livro de Robison nos seus sermões e alertava para uma conspiração dos Illuminati na América. A 9 de maio de 1798, num sermão na New North Church de Boston, Morse referia-se aos Illuminati nestes

termos: «Praticamente todas as estruturas civis e eclesiásticas da Europa já foram abaladas até aos seus alicerces por esta terrível organização; a própria Revolução Francesa encontra-se indiscutivelmente ligada às suas maquinacões; os sucessos dos exércitos franceses podem ser explicados do mesmo modo. Os Jacobinos nada mais são do que a manifestação visível do sistema oculto dos *Illuminati*. A Ordem tem as suas filiais estabelecidas e os seus emissários a trabalhar na América. As sociedades jacobinas afiliadas na América, sem dúvida, tiveram como objetivo estabelecer a propagação dos princípios do clube-mãe iluminado de França...»

No seu último sermão sobre os *Illuminati*, Morse assemelhar-se-ia bastante ao senador Joe McCarthy 150 anos depois, ao alegar que tinha «... uma lista oficial e autenticada de nomes, idades, locais de nascimento, profissões, etc., dos oficiais e membros de uma Sociedade de *Illuminati* (ou *Iluminados* [ênfase no original], como eles são agora mais geral e apropriadamente denominados), constituída por cem membros, instituída na Virgínia pelo *Grande Oriente* de França». Veio-se a ver que a sua prova da infiltração dos *Illuminati* era uma mera carta de congratulações da Loja da Sabedoria N.º 2660 de Portsmouth, Virgínia, certificada pelo Grande Oriente de França, destinada à recém-constituída Loja da União N.º 14 de Nova Iorque, certificada pelo Grande Oriente de Nova Iorque. A carta havia sido fornecida por um funcionário do Partido Federalista que pretendia desacreditar os republicanos.

As alegações de Morse eram controversas, mesmo na época, e, quando não teve como as provar, foi ridicularizado e nunca mais se ouviu falar dele até à ascensão do Partido Antimaçónico. No entanto, o medo dos *Illuminati* persistia, inabalável, na nova nação.

Segundo o autor Duane L. Wildie, mesmo após a fundação dos Estados Unidos, os *Illuminati* tentaram exportar uma revolução de estilo jacobino para os Estados Unidos. «Os EUA foram estabelecidos como uma república constitucional em 1789, no mesmo ano em que começou a devastação de França pelos *Illuminati*. Pouco depois, agentes dos *Illuminati*, como o agitador francês Edmond-Charles

Genêt [o embaixador francês nos EUA], começaram a organizar movimentos de insurreição e secessão para destruir a República Americana. Os seus esforços seriam protelados por uma ampla denúncia pública, graças em grande parte a George Washington, que condenou “o plano nefasto e perigoso, e as doutrinas dos Illuminati...”» Segundo alguns investigadores, o verdadeiro objetivo de Genêt era obter o favor político para França enquanto espalhava o iluminismo por meio do estabelecimento de «clubes democráticos».

John Quincy Adams, que mais tarde se tornou presidente dos EUA, terá alegadamente organizado as lojas maçónicas da Nova Inglaterra. Por volta de 1807, Adams escreveu três cartas ao coronel William C. Stone, um maçom bem posicionado, nas quais acusava Thomas Jefferson de usar as lojas maçónicas para fins subversivos dos Illuminati. David Allen Rivera, autor de *Final Warning: A History of the New World Order*, afirmava: «Segundo consta, estas cartas encontravam-se na biblioteca de Rittenburg Square, Filadélfia, mas desapareceram misteriosamente. Adams [escrevera anteriormente] a Washington, dizendo que Jefferson e Alexander Hamilton estavam a usar indevidamente as lojas maçónicas para fins dos Illuminati e para o culto de Lúcifer [como referido em *The Adams Chronicles*].»

Em 1798, o reverendo G. W. Snyder enviou o livro de Robison ao ex-presidente George Washington, solicitando a opinião do mesmo sobre o assunto das atividades da Ordem. Numa carta de resposta, Washington escreveu:

Não era minha intenção duvidar de que as doutrinas dos Illuminati e os princípios do jacobinismo não se haviam espalhado nos Estados Unidos. Pelo contrário, ninguém está mais convencido desse facto do que eu. A ideia que eu pretendia transmitir era que não acreditava que as lojas de Maçons deste país, enquanto sociedades, se tivessem empenhado em propagar os princípios diabólicos dos primeiros, ou os princípios perniciosos dos segundos (caso seja possível separá-los). Que Indivíduos de ambos o possam ter feito ou que o fundador, ou o instrumento empregado para fundar as Sociedades Democráticas nos Estados Unidos, pudesse ter esses objetivos; e, na verdade, tivesse em vista uma separação entre o Povo e o seu Governo, é por demais evidente para ser questionado. Ouvi falar muito sobre o plano nefasto e perigoso, e as doutrinas dos Illuminati, mas nunca vira o Livro até que tiveste o prazer de mo enviar. [...] O facto é que eu não presido a nenhuma, nem

estive numa mais do que uma ou duas vezes, nos últimos trinta anos. Creio, não obstante, que nenhuma das Lojas deste País está contaminada com os princípios atribuídos à Sociedade dos Illuminati.

Washington, embora não negasse que as doutrinas dos Illuminati se haviam espalhado na nova nação, aparentemente acreditava que se tratava apenas da obra de algumas pessoas e não da agenda oficial de clubes ou partidos, incluindo os seus colegas maçons. Mas se parecia que Washington estava a tentar distanciar-se dos Illuminati, tal não era o caso do Pai Fundador e autor da Declaração de Independência Thomas Jefferson. Numa carta de 1800, Jefferson escrevia uma defesa de Weishaupt, afirmando: «Uma vez que vivia sob a tirania de um déspota e sacerdotes, Weishaupt sabia que era preciso cautela, até na divulgação de informações e dos princípios da pura moralidade. Tal deu um ar de mistério às suas opiniões, foi a base do seu banimento. [...] Se tivesse escrito aqui, onde nenhum segredo é necessário nos nossos esforços para tornar os homens sábios e virtuosos, Weishaupt não teria pensado em nenhum mecanismo secreto para tais fins.»

Jefferson, maçom e Pai Fundador, que se tornaria presidente no ano seguinte, escreveria em 1800 ao bispo James Madison, de Filadélfia, sobre o que pensava a respeito do livro anti-Illuminati de Barruel. Quase parece admirar Weishaupt ao escrever:

Recentemente, por acaso, vi um único volume (o 3.º) da «Conspiração Antissocial» do abade Barruel, o qual me dá a primeira ideia que alguma vez tive a respeito do que se entende pelo iluminatismo contra o qual o «iluminado Morse», como agora lhe chamam, e os seus associados eclesiásticos e monárquicos têm feito tanto alarido.

As partes do livro escritas pelo próprio Barruel são nitidamente os delírios de um bedlamita [nome dados aos internados no infame manicómio de Bedlam, em Londres]. Mas ele cita amplamente Weishaupt [sic], a quem considera como fundador do que ele chama a Ordem. Como podeis não ter tido oportunidade de formar um juízo sobre este grito de «cão louco» que tem sido levantado contra as suas doutrinas, vou dar-vos a ideia que formei a partir de apenas uma hora de leitura das citações de Barruel, as quais, podeis ter a certeza, não são as mais favoráveis. Weishaupt [sic] parece ser um filantropo entusiasta.

Ele encontra-se entre aqueles [...] que acreditam na perfeição indefinida do homem. Ele considera que, com o tempo, o homem poderá tornar-se tão perfeito que

será capaz de se governar em todas as circunstâncias de modo a não prejudicar ninguém, fazer todo o bem que puder, não deixar ao governo nenhuma oportunidade de exercer os seus poderes sobre ele, e, é claro, tornar inútil o governo político. Isto, sabeis, é [...] aquilo a que Robinson [sic], Barruel & Morse chamam uma conspiração contra todo o governo. Wishaupt [sic] acredita que promover esta perfeição do caráter humano era o objetivo de Jesus Cristo. Que a sua intenção era simplesmente restabelecer a religião natural, e, ao difundir a luz da sua moralidade, ensinar-nos a governarmos-nos a nós mesmos. Os seus preceitos são o amor a Deus e o amor ao próximo. E, ao ensinar a inocência da conduta, ele esperava devolver os homens ao seu estado natural de liberdade e igualdade. Ele diz que nunca ninguém estabeleceu um alicerce mais seguro para a liberdade do que o nosso grão-mestre, Jesus de Nazaré. Ele acredita que os Maçons possuíam originalmente os verdadeiros princípios e objetivos do cristianismo, e ainda preservam alguns deles por tradição, mas muito desfigurados.

Os meios que ele propõe para efetuar esta melhoria da natureza humana são «esclarecer os homens, corrigir a sua moral e inspirá-los com benevolência. Seguros do nosso sucesso», disse ele, «abstemo-nos de violentas comoções. Prever a felicidade da posteridade e prepará-la por meios irrepreensíveis é o suficiente para a nossa felicidade. A tranquilidade das nossas consciências não é perturbada pela censura de visar a ruína ou o derrube de estados ou tronos».

Uma vez que vivia sob a tirania de um déspota e sacerdotes, Wishaupt [sic] sabia que era preciso cautela, até na divulgação de informações e dos princípios da pura moralidade. Ele propôs, como tal, levar os Maçons a adotar esse objetivo e tornar os objetivos da sua instituição a difusão da ciência e da virtude. Ele propôs iniciar novos membros no seu corpo por meio de gradações proporcionais aos seus receios dos trovões da tirania.

Tal deu um ar de mistério às suas opiniões, foi a base do seu banimento, da subversão da ordem maçônica, e é a cor dos delírios contra ele, de Robinson [sic], Barruel & Morse, cujos verdadeiros temores são que a ordem seja posta em perigo pela disseminação de informação, razão & moralidade natural entre os homens.

Os federalistas de Alexander Hamilton espalharam o boato de que Thomas Jefferson e o seu Partido Democrata-Republicano eram fantoches dos Illuminati europeus e, a julgar pela carta de Jefferson, ou este não tinha conhecimento dos ensinamentos internos dos Illuminati, o que é difícil de acreditar, ou os federalistas estavam certos ao acusá-lo de ser um membro secreto da Ordem. Embora não tenha sido publicamente divulgada nenhuma prova concreta de que Jefferson era um illuminatus, com base nos seus escritos e nos de Franklin, torna-se evidente que ambos estavam bastante

familiarizados com os ideais dos Rosacrucianos e, como tal, dos Illuminati.

Na tomada de posse de George Washington, em 1789, a ajuramentação esteve a cargo de Robert Livingston, grão-mestre da Grande Loja de Nova Iorque. A 18 de setembro de 1793, Washington consagrou o Capitólio dos EUA. O autor David Livingstone descreveu esta cerimónia maçónica do seguinte modo: «Vestido com avental maçónico, o presidente colocou uma placa de prata na primeira pedra e cobriu-a com os símbolos maçónicos do milho, óleo e vinho. A própria planta da cidade de Washington, D. C., foi desenhada pelo maçom e arquiteto Pierre Charles L'Enfant [sic] com a forma de um pentagrama ou estrela de cinco pontas. Em 1848, numa cerimónia maçónica, foi lançada a primeira pedra do Monumento a Washington, um obelisco ou pilar, como aqueles anteriormente dedicados aos deuses moribundos do antigo Médio Oriente. E todos os presidentes dos Estados Unidos desde a Independência têm supostamente sido maçons do 33.º grau.» A pergunta que ficou por responder é esta: «Quantas lojas maçónicas envolvidas na revolução e no seu bem-sucedido resultado haviam sido iluminadas?»

Alguns «humoristas» chegaram mesmo a propor que a identidade de Washington tivesse sido apropriada por ninguém menos do que Adam Weishaupt. É verdade que as atividades de Weishaupt depois de 1790 são motivo de controvérsia, existindo várias versões da sua vida após a ilegalização da sua Ordem. Na sua trilogia *Illuminatus!*, Robert Shea e Robert Anton Wilson sugeriam que Weishaupt partira para a América, assassinara George Washington e assumira a sua identidade... Na Parte I, citavam «um pequeno jornal de esquerda em Chicago» ao afirmar que: «Nenhum historiador sabe o que foi feito de Adam Weishaupt depois de ser exilado da Baviera em 1785. [...] A possibilidade de Adam Weishaupt matar George Washington e ocupar o seu lugar, servindo como nosso primeiro presidente durante dois mandatos, está agora confirmada. [...] As duas cores principais da bandeira americana são, excluindo um pequeno pedaço de azul num canto, o vermelho e o branco: estas também são as cores

oficiais do haxixismo [os Assassinos]. A bandeira e a pirâmide dos Illuminati têm treze divisões horizontais: o treze é, obviamente, o código tradicional da marijuana [...] e ainda é usado nesse sentido pelos Hell's Angels, entre outros. Ora, "Washington" formou o Partido Federalista. O outro grande partido da altura, os Republicanos Democratas, foi formado por Thomas Jefferson [e] existem motivos para aceitar o testemunho do reverendo Jedediah [sic] Morse de Charleston, que acusava Jefferson de ser um agente dos Illuminati. Como tal, já nos alvares do nosso governo, ambos os partidos eram fachadas dos Illuminati. [...] Embora a sua cara apareça em milhões de selos e notas de dólar, e o seu retrato esteja pendurado em todos os edifícios públicos do país, ninguém conhece ao certo a aparência de Washington [...] os retratos contemporâneos do primeiro presidente [...] nem parecem ser o mesmo homem. [...] Alguns dos retratos podem ser encontrados na *Encyclopaedia Britannica* e a semelhança com os retratos de Weishaupt é inegável.»

Um crítico desta teoria da substituição de Washington observaria sagazmente: «Washington assumiu o comando [do Exército Continental] a 3 de julho de 1775 e a guerra durou cinco anos. Os Illuminati da Baviera foram supostamente fundados em 1776. Ou George ganhou asas e rapidamente voou até à Alemanha durante um intervalo nas manobras táticas, ou Weishaupt, recém-chegado da Alemanha, recebeu, sabe-se lá por que motivo, o comando do Exército Continental. George teria sido o primeiro general até então a cruzar o oceano e voltar (o que demora algum tempo em cada sentido) enquanto geria um exército revolucionário que enfrentava um inimigo relativamente superior.»

Shea e Wilson acabariam por pôr cobro à sua teoria de Weishaupt a ocupar o lugar do Pai dos EUA. Corretamente, haviam de referir que, enquanto Washington cuidava das suas colheitas de cânhamo, «Adam Weishaupt definitivamente ainda estava na Baviera, a ensinar Direito Canónico na Universidade de Ingolstadt».

Em sintonia com a psicadélica década de 1960, Shea e Wilson associaram Washington aos Illuminati pelo facto de que ambos teriam

fumado marijuana pelos seus benefícios medicinais e alucinatórios. Segundo eles, a separação das plantas masculinas e femininas do cânhamo «não é necessária para a produção das cordas de cânhamo, mas é absolutamente necessária se alguém quiser usar as extremidades em flor da planta feminina para a marijuana». Com efeito, no diário de Washington, pode-se ler em 7 de agosto de 1765 que: «Comecei a sepear [sic] o macho da fêmea do cânhamo em Do... demasiado tarde.» Isto indicava que ele pretendia separar os dois géneros para aumentar a potência antes da fertilização.

Alguns investigadores sugeriram que os Ingleses saquearam e queimaram Washington, D. C., na Guerra de 1812 para destruir documentos incriminatórios que expunham a traição contra os Estados Unidos por agentes dos Illuminati infiltrados no governo.

Os seguidores de Thomas Jefferson, conhecidos como republicanos jeffersonianos, eram antimonárquicos e antifederalistas. Separaram-se em 1796 quando alguns membros — aqueles que defendiam os direitos dos estados, os interesses agrícolas e procedimentos mais democráticos — se tornaram republicanos-democratas. Em 1826, ficariam simplesmente conhecidos como democratas e, em 1854, os nacional-republicanos abreviariam o seu nome para republicanos. Este sistema de dois grandes partidos permanece até hoje.

Por altura da Guerra da Secessão, grande parte das maquinações das sociedades secretas havia sido esquecida pelo público americano, graças ao Movimento Antimaçónico do início do século XIX.

É um facto histórico que, durante alguns anos, os Rothschild, apoiantes financeiros dos Illuminati, tinham financiado grandes projetos nos Estados Unidos em ambos os lados da Linha Mason-Dixon. Nathan Rothschild, proprietário de uma grande fábrica têxtil de Manchester, comprava o seu algodão no Sul e financiava a importação de algodão sulista antes da guerra. Ao mesmo tempo, escreveu Wilson, biógrafo dos Rothschild: «Tinha feito empréstimos a vários estados da União, havia sido durante algum tempo o banqueiro

européu oficial do governo dos EUA e era um apoiante do Banco dos Estados Unidos.»

O interesse dos Rothschild na América do Norte remontava a pelo menos 1837, altura em que um representante deste império bancário (nascido na Alemanha) chegara aos Estados Unidos e mudara o seu nome de August Schoenberg para August Belmont. Dizia-se que o próprio era um filho ilegítimo de Rothschild. Seja qual for a verdade, Belmont mantinha uma correspondência diária com os Rothschild e tornou-se seu representante reconhecido nos Estados Unidos.

Sem aparente capital próprio, Belmont não tardou a adquirir títulos do governo e, passados poucos anos, criara uma das maiores firmas bancárias do país, a August Belmont & Company. Graças às agressivas táticas negociais de Belmont, os Rothschild em breve tinham investimentos na indústria, bancos, caminhos de ferro, títulos federais e estaduais, tabaco, algodão, e, claro, no ouro americano. Belmont seria fundamental no posterior financiamento do Norte e do Sul durante a rebelião. Influenciou fortemente os banqueiros tanto em Inglaterra como em França para que apoiassem o esforço de guerra da União por meio da compra de títulos do governo. Ao mesmo tempo, comprava silenciosamente e com grandes descontos os títulos bancários do Sul, que valiam cada vez menos, com a ideia de que este seria forçado a honrá-los integralmente depois da guerra.

Salomon Rothschild, um dos membros mais jovens da família, visitou a América no início da guerra e era tão abertamente pró-confederado como o seu agente Belmont era pró-União. Rothschild menosprezaria o presidente Lincoln nestes termos: «Ele rejeita todas as formas de compromisso e apenas pensa na repressão pela força das armas. Parece um camponês e só sabe contar histórias de bar.»

A ideia de que as maquinações por trás da guerra seccional americana foram instigadas pela elite financeira europeia seria confirmada pelo chanceler alemão Otto von Bismarck. «A divisão dos Estados Unidos em federações de igual força foi decidida muito antes da Guerra Civil pelas altas potências financeiras da Europa. Estes banqueiros receavam que os Estados Unidos, se permanecessem

num bloco e como uma nação, alcançassem a independência económica e financeira, o que perturbaria o domínio financeiro dos primeiros sobre o mundo. A voz dos Rothschild prevaleceu. [...] Como tal, eles enviaram os seus emissários para explorar a questão da escravatura e abrir um abismo entre as duas secções da União», declarou o chanceler.

Se a ideia era de facto dividir a república em duas e recuperar a América do Norte para os banqueiros europeus, o aspirante a presidente Abraham Lincoln viu-o claramente. Era frequente ele tentar explicar que o seu objetivo era salvar a união americana, e não emancipar os escravos. Durante os seus famosos debates com Stephen Douglas, em 1858, Lincoln deixou bem clara a sua posição pessoal a respeito da raça: «Direi, então, que não sou, nem nunca fui, a favor de promover, seja de que maneira for, a igualdade social e política das raças branca e negra. [...] Eu, como qualquer outro homem, sou a favor de ter a posição superior atribuída à raça branca.»

Os antiesclavagistas do Norte e do Sul perceberam que os progressos tecnológicos significavam que o fim da escravatura era apenas uma questão de tempo. Mas, incentivados por agentes dos financistas europeus, extremistas de ambos os lados alimentavam continuamente as chamas do descontentamento.

Um líder desta agitação viria de outra sociedade secreta, os Cavaleiros do Círculo Dourado (Knights of the Golden Circle — KGC), fundada pelo cirurgião e autor George W. L. Bickley, que em 1854 construíra o seu primeiro «castelo» cavaleiresco em Cincinnati, Ohio. Bickley inspirou-se liberalmente nos ritos e rituais da Maçonaria. Os Cavaleiros têm senhas, apertos de mão e templos idênticos que servem como sala de reuniões dos seus conselhos menores, maiores e supremos. Segundo o autor G. Edward Griffin, o KGC «tinha estreitas ligações com uma sociedade secreta em França chamada Societé des Saisons, ela própria um ramo dos Illuminati».

O nome Cavaleiros do Círculo Dourado derivava de um grandioso plano para criar um imenso império esclavagista, com 3862

quilómetros de circunferência e a ilha de Cuba como ponto central. Essa nova nação deveria incluir o Sul dos Estados Unidos, o México, parte da América Central e as Índias Ocidentais, com o objetivo de obter o monopólio do fornecimento mundial de tabaco, açúcar, arroz e café. O historiador Shelby Foote usava o termo «jacobinos» para se referir aos secessionistas da altura — perturbadores da ordem social, religiosa e política estabelecida —, que operavam nos Estados Unidos desde o final do século XVIII. Os Jacobinos, e a sua forma de Maçonaria «Iluminada», eram o tecido conjuntivo que ligava as sociedades secretas do Velho Mundo à manipulação oculta no Novo Mundo.

Eles tinham atravessado o Atlântico depois do seu sucesso na destruição da «Velha Ordem Mundial» em França e estavam à procura de novos mundos para conquistar. Estes fugitivos eram ex-membros e descendentes de membros de sociedades secretas mais antigas, incluindo os banidos Illuminati da Baviera, cujas origens alegadamente remontavam aos primórdios da humanidade.

Até o assassinato do presidente Lincoln, o pró-sulista John Wilkes Booth, era um conhecido membro dos Cavaleiros do Círculo Dourado (juntamente com o famoso fora da lei Jesse James e Sam Houston). Vários investigadores da conspiração associaram Booth aos Illuminati, aos Carbonari italianos, e, por intermédio de um outro Cavaleiro, Judah Benjamin — que era o secretário de Estado da Confederação —, à Casa de Rothschild. Depois da guerra, Benjamin, muitas vezes apelidado de «o poder sinistro por trás do trono» do presidente confederado Jefferson Davis, fugiu para Inglaterra, onde se tornou um advogado de sucesso, representando os Rothschild. O mentor de Benjamin era o senador norte-americano John Slidell, do Luisiana, cuja sobrinha se casou com August Belmont, o agente dos Rothschild. A ligação de Benjamin a Slidell associava-o igualmente aos bancos europeus, que financiavam a Confederação. Como referido anteriormente, os Rothschild tinham estabelecido um sistema de bancos centrais nas principais nações europeias desde o final do século XVIII. No Congresso Continental de 1781, a ideia de um banco

central que providenciasse crédito barato e dinheiro para interesses comerciais seria avançada pelo congressista Robert Morris, um financeiro de Filadélfia nascido em Inglaterra que inicialmente votara contra a Declaração de Independência, mas cuja empresa, Willing & Morris, lucrava bastante com o comércio de armas e os empréstimos ao incipiente governo americano.

Juntamente com o federalista Alexander Hamilton, conhecido como o «jovem discípulo de Morris», esta parilha seria fundamental para a rasura dos velhos Artigos da Confederação em favor de uma nova constituição, que essencialmente estabelecia um sistema americano de mercantilismo e de «Grande Governo» copiado do inglês, contra o qual os colonos tinham acabado de se rebelar. Morris viria a criar o primeiro banco central da América, o Bank of North America. Quando este empreendimento fracassou passados apenas três anos, seria Hamilton, então secretário do Tesouro, quem criaria um segundo banco central, o First Bank, ao qual Jefferson e os seus seguidores fortemente se opuseram.

O banco de Hamilton, como o de Morris, seguia de perto o modelo do Banco de Inglaterra, controlado pelos Rothschild, e criava uma parceria entre o governo e os interesses bancários. Vinte por cento do capital do banco era obtido através do governo federal, sendo os restantes 80% prometidos por investidores privados, incluindo estrangeiros como os Rothschild. «Sob a superfície, os Rothschild tinham há muito uma poderosa influência na definição das leis financeiras americanas. Os registos legais revelam que eram eles o poder no antigo Banco dos Estados Unidos», escreveu o autor Gustavus Myers.

Embora não possa ser encontrada nenhuma prova direta de que Hamilton era um agente dos Rothschild, o facto de ter contribuído para estabelecer um banco privado nos Estados Unidos certamente indica a sua lealdade ao sistema bancário europeu. Sendo um defensor de um banco federal e fundador do Partido Federalista em 1791, é evidente que estava a servir os interesses da elite bancária. Hamilton estava contra os ideais dos Pais Fundadores. Tanto hoje

como na altura, muitos consideravam a política monetária de Hamilton inconstitucional e baseada em declarações fraudulentas. Franklin, Jefferson, Madison e outros apoiantes do governo republicano combateriam o sistema bancário de Hamilton e o seu federalismo. Uma vez que parece evidente que os banqueiros europeus ligados aos Illuminati e os seus associados do Novo Mundo estavam a tentar obter o controlo do dinheiro em circulação na América, é particularmente fascinante o facto de a primeira tentativa de assassinio de um presidente dos EUA ter sido dirigida contra Andrew Jackson, que em 1836 pôs um fim ao esforço para estabelecer um banco central, alegando que era inconstitucional e «uma maldição para uma república; na medida em que se destina a criar em torno da administração uma aristocracia endinheirada e perigosa para as liberdades do país».

Esta primeira tentativa de assassinio teve lugar em Jackson, em 1835, sendo o autor um homem chamado Richard Lawrence, cujas pistolas falharam. Lawrence afirmaria estar «em contacto com os poderes da Europa». Dois presidentes dos EUA que emitiram moeda «livre de dívidas» — Lincoln em 1862 e John F. Kennedy em 1963 — também seriam assassinados em circunstâncias controversas. De referir que Jackson era um maçom, o que indica que a sua Maçonaria, diferente da dos Maçons europeus iluminados, não se encontrava sob o domínio da elite bancária internacional que usara a Maçonaria como cobertura para os seus ideais illuminati.

Se, de facto, foi uma conspiração de sociedades secretas com o apoio dos europeus Rothschild para dividir os Estados Unidos, como alegado por um folheto dos Cavaleiros do Círculo Dourado publicado em 1861, a Guerra da Secessão quase conseguiu o seu objetivo. No outono de 1863, a França e a Inglaterra, ambas muito necessitadas do algodão do Sul para as suas fábricas têxteis, estiveram perigosamente perto de reconhecer e ajudar militarmente o Sul: seria o czar Alexandre II da Rússia, a favor do Norte, quem faria a diferença. Depois de receber informações de que a Inglaterra e a França, uma vez resolvida a rebelião na América do Norte,

planeavam uma guerra para dividir o Império Russo, Alexandre II ordenou o envio de duas das suas armadas para os Estados Unidos. Uma ancorou ao largo da Virgínia, enquanto a outra se ficou por São Francisco. Ambas estavam perfeitamente posicionadas para atacar as linhas comerciais britânicas e francesas. Nenhuma ameaça ou ultimato foi tornado público, mas ficou claro que, se a guerra viesse, a Marinha russa estava preparada para causar estragos.

Perante a possibilidade de uma I Guerra Mundial, meio século antes de estarem preparados, os líderes da França e da Inglaterra hesitaram, e o Sul, sem dinheiro, mão de obra e materiais, foi devastado. Agravando o insulto desta derrota, as duras políticas de reconstrução do governo republicano fariam com que o Sul pensasse sob punitivas políticas económicas até à década de 1960. A reconstrução daria azo a um ódio e uma amargura que haviam de durar até ao século xx, bem como ao crescimento de outras sociedades secretas no Sul, como o Ku Klux Klan. Vale a pena lembrar que, até à década de 1960, não havia republicanos, apenas democratas, no «Sólido Sul». Os homens que criaram sociedades como o Klan, os Cavaleiros do Círculo Dourado, a Sociedade Thule e os Grupos da Távola Redonda de Cecil Rhodes inspiraram-se numa longa história de organizações europeias clandestinas. Eric Dubay, um professor de ioga americano que vive na Tailândia, é autor de *The Atlantean Conspiracy*. Depois de investigar a «Nova Ordem Mundial», concluiu:

Antes da Guerra Revolucionária, ao «Novo Mundo» da América faltava a unidade e a identidade autónoma. Durante quase 300 anos, não existiram forças armadas, constituição ou governo federal. Então, em dois breves anos, com um estalar de dedos histórico, os Estados Unidos tinham *marines*, um Congresso e os Artigos da Confederação. Com a Declaração de Independência, os colonialistas britânicos (ou «americanos») separaram-se oficialmente dos nacionalistas. O general maçom George Washington tornou-se o primeiro presidente dos agora Estados Unidos da América, e o governo régio da América passou de evidente a secreto. As regras do governo régio ou das sociedades secretas não mudaram, apenas a perceção de governança mudou enquanto o mesmo ADN permanecia no cargo. Em lugar de camponeses perfeitamente cientes da sua situação, sabendo que os monarcas/imperadores os oprimiam, tornámo-nos camponeses que realmente acreditavam que nascemos num

sistema livre e aberto.

RÚSSIA

A Revolução Russa — de facto, a própria criação do comunismo — teve a sua origem em conspirações ocidentais que envolviam teologia dos Illuminati muito antes da I Guerra Mundial. «Um dos maiores mitos da História contemporânea é que a Revolução Bolchevique na Rússia foi uma sublevação popular das massas oprimidas contra a odiada classe dominante dos czares», escreveu o autor Griffin. O planeamento e financiamento da revolução vieram do exterior, especialmente de financiadores na Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos, que seguiam a teologia dos Illuminati.

No entanto, de acordo com o autor Douglas Reed, ex-correspondente do *London Times*, o comunismo deriva diretamente dos Illuminati. «Quando Weishaupt morreu em 1830», escreveu ele, «a sua ordem encontrava-se provavelmente mais forte do que nunca, mas estava prestes a mudar de nome; a mesma organização com os mesmos objetivos, no final da década de 1840, emergiria como comunismo.» Reed concluía que uma «organização permanente de conspiradores secretos em todas as terras» provocou o «aparecimento da revolução mundial enquanto ideia e ambição permanentes».

Reed afirmava igualmente que o comunismo e a Revolução Russa também eram o «maior triunfo e vingança judaica de que há registo», visto que foram «organizados, dirigidos e controlados por judeus que cresceram nas áreas controladas pelo Talmude» da Rússia. Segundo este autor, ao seguir a lei do Talmude, «reinarás sobre todas as nações...» e «o Senhor teu Deus te colocará no alto, acima de todas as nações da terra», os líderes judeus da revolução organizaram-se como uma força destrutiva permanente com um centro de governo e uma força armada permanentes, pronta para conquistar outras nações.

No entanto, alguns bolcheviques e os seus descendentes

comunistas identificam as suas origens nos revolucionários italianos do século XIX chamados Carbonari, ou queimadores de carvão. Sendo uma sociedade secreta, a sua verdadeira origem não se encontra documentada. Todavia, o autor sufi indiano Idries Shah, que escreve sob o pseudónimo de Arkon Daraul, sugeriu que os Carbonari teriam a sua origem na Escócia, mais tarde o refúgio dos foragidos Cavaleiros Templários. Espalhando-se no continente, seguiam uma vida comunitária nas florestas e queimavam madeira para fazer carvão. Sob o pretexto da venda do carvão que produziam, viajavam sem entraves, comunicavam com outros membros e recrutavam seguidores.

No início do século XIX, os Carbonari encontravam-se estabelecidos em França, na Alemanha, Polónia e Itália. Praticavam uma forma primitiva de maçonaria que incluía sinais secretos, símbolos e lojas regidas por uma loja superior dirigida por um grão-mestre.

O socialismo antiautoritário dos Carbonari, da Maçonaria Iluminada e de outros grupos racionalistas e humanistas que floresceram durante o Século das Luzes contribuiu para a crispação da Igreja Católica Romana.

«Nos dias de hoje, se a Maçonaria não funda jacobitas ou outros clubes, ela origina e alimenta movimentos igualmente satânicos e perigosos. O comunismo, assim como o carbonismo, não é senão uma forma da Maçonaria Iluminada do (fundador Illuminati) Weishaupt», advertia o monsenhor George Dillon em 1885.

Um desses movimentos seria a Associação Internacional dos Trabalhadores — mais conhecida como Primeira Internacional —, precursora direta do comunismo, reunida em Londres em 1864 e em breve liderada por Karl Marx.

Marx nasceu como Moisés Levi Mordecai em 1818, em Tréveris, Alemanha, filho de Heinrich e Henrietta Marx, ambos descendentes de uma longa linhagem de rabinos judaicos e, como tal, sem dúvida familiarizados com as tradições místicas da Torá e da Cabala. Para evitar o antissemitismo, Karl e o seu pai seriam batizados na Igreja Evangélica Estabelecida, sendo ambos bastante influenciados pelo

humanismo da Idade das Luzes.

Depois de se formar na Universidade de Bona, Marx matriculou-se na de Berlim em 1836, onde ingressou numa sociedade secreta chamada Doktorklub (Clube dos Doutores), pejada de devotos do filósofo e professor alemão Georg Hegel e das suas ideias. Embora antes tivesse expressado devotos ideais cristãos, Marx juntar-se-ia a estes hegelianos ao passar da crença de que os Evangelhos cristãos eram «fantasias humanas decorrentes de necessidades emocionais» para o ateísmo total. Alguns escritores da conspiração modernos afirmam que Marx acabou por se tornar satanista, baseando-se para tal na sua eventual crítica a Hegel (acusando-o de não ser suficientemente material no seu pensamento), nas sociedades antissociais nas quais ele se movia, e numa obra por ele escrita enquanto estudante, que afirmava: «Se existe um algo que devora, eu vou saltar para dentro dele, nem que deixe o mundo em ruínas [...] isso seria realmente viver.» Tais visões metafísicas de Marx indicam o seu conhecimento das teorias dos Illuminati. Richard Wurmbrand, sacerdote cristão de ascendência hebraica que passou catorze anos numa prisão comunista da sua Roménia natal, afirmava em 1986, no seu livro *Marx and Satan*: «O principal objetivo de Marx era a destruição da religião. O bem dos trabalhadores era apenas um pretexto.»

Os objetivos dos comunistas russos e de Karl Marx eram basicamente os mesmos dos Illuminati e da Maçonaria continental. Eram também quase idênticos aos principais objetivos da plataforma dos nacional-socialistas (nazis) de Hitler, o que indica que todos tinham uma fonte comum.

Primeiro, consideremos os objetivos básicos dos Illuminati:

1. Estabelecimento de uma nova ordem mundial.
2. Abolição de todos os governos nacionais instituídos.
3. Abolição da herança.
4. Abolição da propriedade privada.
5. Abolição da soberania nacional e do patriotismo.

6. Abolição do lar individual e da vida familiar.
7. Abolição de todas as religiões estabelecidas.

Agora, consideremos os dez passos para criar um «estado ideal», conforme apresentados por Karl Marx no seu *Manifesto Comunista*:

1. Abolição da propriedade privada.
2. Um imposto progressivo ou graduado sobre o rendimento.
3. Abolição de toda a herança.
4. Confisco de bens de dissidentes e imigrantes.
5. Criação de um banco central monopolista.
6. Centralização de toda a comunicação e transportes.
7. Controlo de todas as fábricas e produção agrícola.
8. Propriedade central do capital e criação de «exércitos» de mão de obra.
9. Diluição da diferença entre país rural e urbano.
10. Educação pública gratuita para doutrinar todas as crianças.

Finalmente, vemos estes mesmos objetivos refletidos nos principais pontos da plataforma do Partido Nazi, além da sua segregação racial:

1. Um governo central forte, com autoridade inquestionável.
2. Criação de uma nova ordem mundial.
3. Exigência da colonização da propriedade alheia.
4. Controlo da alocação da mão de obra.
5. Proibição da imigração para a Alemanha.
6. Abolição da herança.
7. Confisco de lucros de guerra.
8. Nacionalização de todas as empresas.
9. Criação de planos nacionais de reforma.
10. Expropriação de terras, sem compensação, para fins públicos.
11. Educação pública gratuita.
12. Melhoramento da saúde nacional por meio de treino físico obrigatório.
13. Criação de um exército nacional.

14. Legislação contra a arte e a literatura que têm um efeito destrutivo na nossa vida nacional.
15. Permissão apenas de religiões que não ponham em risco o Estado nem os seus conceitos morais.

Parece claro que os objetivos originais do iluminismo, embora permanecessem substancialmente os mesmos, foram adaptados ao longo dos anos de modo a corresponder aos desejos de qualquer movimento atual.

Estes objetivos são todos eles um modelo «real» da teoria dialética de Hegel, que propõe que um lado de um conflito (tese) seja posto contra o outro (antítese) para criar um compromisso (síntese). Esta fórmula — com o elemento adicional de realmente criar o conflito — tem sido usada com sucesso pelos estudantes de Hegel, que incluem os Illuminati, as Távolas Redondas de Cecil Rhodes, os nazis de Hitler e membros das sociedades secretas modernas. O próprio Hegel também estava ligado aos Illuminati por meio da sua imersão na tradição hermética.

De facto, muitos investigadores afirmam que o comunismo foi criado por homens iluminados como a antítese perfeita à tese ocidental do capitalismo, de modo que a síntese resultante (a Guerra Fria) acabasse por originar a sua Nova Ordem Mundial.

O próprio termo «comunismo» remonta ao autor francês Nicolas-Edme Restif que, em 1785, quatro anos antes da Revolução Francesa, usou esta palavra numa crítica literária. À semelhança de Weishaupt, Restif foi bastante influenciado pelo filósofo francês Rousseau. Também colaborou em publicações de Nicolas de Bonneville, homenageado por Marx por ter iniciado o movimento revolucionário moderno. O autor cristão e ex-satanista/iluminado Joseph «Doc» Marquis afirma enfaticamente que lhe foi ensinado que o comunismo tinha sido criado pelos Illuminati. Com efeito, ele disse que o próprio nome «comunismo» era simplesmente outra maneira de expressar o iluminismo.

No auge do «susto comunista» de McCarthy, um relatório da

Comissão de Educação do Senado do Estado da Califórnia declarava:

Comunismo e Rússia não são de forma alguma sinónimos. A Rússia apenas ocupa a infeliz posição de ser a primeira vítima do comunismo. O comunismo é sinónimo de revolução mundial e pretende a destruição de todas as nações, a abolição do patriotismo, religião, casamento, família, propriedade privada e todas as liberdades políticas e civis. [...] O chamado comunismo moderno é aparentemente a mesma conspiração mundial hipócrita e mortal que pretende destruir a civilização, que foi fundada pela ordem secreta dos Illuminati na Baviera a 1 de maio de 1776 e que ergueu a sua encanecida cabeça aqui nas nossas colónias em períodos críticos antes da adoção da nossa Constituição federal.

Esta visão encontraria eco em Gary Allen e no seu livro de 1971 *None Dare Call It Conspiracy*. Ele escreveu: «O “comunismo” não é um movimento das massas oprimidas, mas um movimento criado, manipulado e usado por bilionários em busca de poder para obter o controlo do mundo [...] primeiro, estabelecendo governos socialistas nas diversas nações, e depois consolidando-os todos por meio de uma “Grande Fusão” num Superestado Socialista mundial todo-poderoso, provavelmente sob os auspícios das Nações Unidas.»

Ao longo do século xx, muitas pessoas viram os sinais reveladores da conspiração, a abrangência do domínio mundial, tanto na Europa como na América, mas atribuíram a culpa primeiro aos judeus internacionais e depois ao comunismo. Não souberam ver a mão oculta do iluminismo que puxava os cordelinhos dos líderes que defendem um governo único mundial. Um desses líderes foi Karl Marx, que em 1843 se casou e mudou para Paris, um viveiro do socialismo e de grupos extremistas já conhecidos como comunistas. Foi em Paris que Marx travou amizade com o filósofo alemão Friedrich Engels. Marx e Engels tornaram-se comunistas confirmados e colaboraram na redação de diversos panfletos e livros revolucionários, os mais famosos sendo os três volumes que discutem o capital, *Das Kapital*. Ironicamente, seria Engels, filho de um capitalista rico, que subsidiaria financeiramente Marx, defensor da classe trabalhadora, durante a maior parte da sua vida.

Durante muito tempo um hegeliano dedicado, Engels tinha sido

convertido ao humanismo socialista por Moritz Moses Hess, conhecido como o «rabino comunista», e por Robert Owen, um socialista utópico e espiritualista declaradamente hostil à religião tradicional.

Owen, fortemente influenciado pelo illuminatus Johann Heinrich Pestalozzi, organizou o primeiro movimento socialista em Inglaterra e depois foi para os Estados Unidos. Em New Harmony, Indiana, em 1825, Owen estabeleceu a primeira comuna dos EUA. Ali, em palavras reminiscentes da teologia dos Illuminati, Owen proclamou: «Vim para este país para introduzir toda uma nova ordem da sociedade; para a mudar de um sistema egoísta ignorante, para um sistema social iluminado, que gradualmente unirá todos os interesses num só e eliminará todas as causas de disputa entre os indivíduos.»

Alguns afirmam que foi o rabino Hess quem apresentou Marx e Engels aos Illuminati. Foi em Londres, em 1847, que Marx e Engels entraram para outra sociedade secreta, a já referida Liga dos Justos, composta principalmente por emigrantes alemães, muitos dos quais seriam membros exilados dos Illuminati. Foi Hess quem defendeu a mudança do nome da Liga dos Justos para Partido Comunista. Simultaneamente, Marx e Engels eram maçons do 31.º Grau. William Josiah Sutton, no seu livro de 1983, *The Illuminati 666*, explicava:

Quando chegou ao poder, Napoleão recusou-se a tolerar as atividades dos clubes jacobinos com a sua oposição independente, pelo que os suprimiu por completo. Todavia, os Illuminati apenas passaram a operar sob outros nomes. Foi sob o nome de A Liga dos Justos que Karl Marx se tornou membro. Foi contratado para atualizar a obra de Adam Weishaupt, escrita setenta anos antes. Weishaupt morrera em 1830, mas os seus planos revolucionários seriam levados adiante por uma lista de seus sucessores. Em 1842, Karl Marx começou a escrever propaganda revolucionária para a Liga dos Justos, na esperança de instaurar um espírito de desassossego. Em 1844, em colaboração com Friedrich Engels, e sob a supervisão da Liga dos Justos, Marx começou a escrever o infame *Manifest der Kommunistischen Partei*, hoje conhecido como *O Manifesto Comunista*, que apareceu no início de 1848. Mais tarde, os Illuminati que operavam sob o nome de A Liga dos Justos mudaram o seu nome para A Liga dos Comunistas.

Uma confirmação adicional da ligação entre comunistas e Illuminati

surgiria nos dias que se sucederam à Revolução Russa, quando os revolucionários socialistas na Alemanha se organizaram e se autodenominaram Espartaquistas, de acordo com o pseudônimo de Adam Weishaupt nos Illuminati. Seriam liderados por Rosa Luxemburg, fundadora da Spartakusbund (Liga Espartaquista), e levariam a uma revolta dos trabalhadores no início de 1919, a chamada revolta espartaquista. Mais tarde, na Rússia, ficariam conhecidos como bolcheviques e depois como comunistas. Há quem diga que comemoram o 1.º de maio como o nascimento do seu movimento revolucionário porque era o aniversário dos Illuminati.

É interessante referir que, em 1851, Marx era um correspondente do *New York Herald Tribune* de Horace Greeley. O jornal elogiava o alemão Marx como «um dos escritores mais claros e vigorosos que aquele país produziu — não importa qual seja o julgamento dos críticos sobre as suas opiniões públicas na esfera da filosofia política e social». Greeley, juntamente com Clinton Roosevelt, estava a ajudar financeiramente a Liga Comunista em Londres com a sua publicação do *Manifesto Comunista*. Aparentemente, Marx também estava a receber apoio dos Rothschild, já que dois cheques pagos a Marx por Nathan Rothschild se encontram expostos no Museu Britânico em Londres.

Num discurso de 1961, o presidente John F. Kennedy comentava a carreira jornalística de Marx nestes termos: «Dizem-nos que o correspondente estrangeiro Marx, sem um tostão e com uma família doente e malnutrida, pedia constantemente a Greeley e ao editor-chefe Charles Dana um aumento do seu generoso salário de cinco dólares por artigo, um salário que ele e Engels ingratamente rotulavam como a “mais manhosa vigarice pequeno-burguesa”. Mas, quando todos os seus apelos financeiros foram recusados, Marx procurou outros meios de subsistência e fama, terminando o seu relacionamento com o *Tribune* e dedicando os seus talentos em tempo integral à causa que deixaria ao mundo as sementes do leninismo, estalinismo, da revolução e da Guerra Fria. Se este jornal capitalista de Nova Iorque o tivesse tratado com mais gentileza; se

Marx tivesse continuado a ser um correspondente estrangeiro, a história poderia ter sido diferente. E espero que todos os editores tenham em mente esta lição da próxima vez que receberem um apelo de um jornalista obscuro, motivado pela pobreza, que se traduza num pequeno aumento na conta de despesas.»

«Enquanto Karl Marx escrevia o *Manifesto Comunista* sob a direção de um grupo de iluministas, o professor Karl Ritter da Universidade de Frankfurt escrevia a antítese sob a direção de outro grupo, para que aqueles que dirigiam a conspiração no topo pudessem usar as diferenças nestas duas ideologias para começarem a dividir um número cada vez maior da raça humana em campos opostos, para que estes pudessem ser armados e depois obrigados a lutar e a destruir-se um ao outro, juntamente com as suas instituições políticas e religiosas», escreveu o autor Carr. «O trabalho que Ritter iniciou foi continuado pelo alegado filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900), que fundou o nietzschianismo. Este seria transformado no fascismo e mais tarde no nazismo, e usado para permitir que os agentes dos Illuminati fomentassem a I e II Guerras Mundiais.»

O autor estoniano Juri Lina, que considerava o comunismo soviético «uma catástrofe social», referia que em «17 de novembro de 1845, Karl Marx tornou-se membro da loja Le Socialiste. Em fevereiro de 1848, Marx publicou o seu *Manifesto Comunista* por ordem da liderança maçónica».

O autor William H. McIlhany também argumentava que em 1815 os Illuminati haviam começado a alargar a sua influência em muitas partes do mundo, além da Baviera e da França. Segundo ele:

Entre as personagens e organizações responsáveis pelo alargamento da infiltração e do poder dos Illuminati em toda a Europa estavam Filippo Michele Buonarroti e os seus Sublimes Maîtres Parfaits [Sublimes Mestres Perfeitos], e Louis Auguste Blanqui e a Société des Saisons [Sociedade das Estações]. Estes dois ramos dos Illuminati seriam a origem da Liga dos Justos. [...] Os Iluministas seriam a mão invisível por trás das encenadas revoltas comunistas de 1848, que abalaram a França, a Áustria, a Hungria e a Rússia. Isto inaugurou a era da subversão comunista, da infiltração e controlo de governos em todo o mundo — uma era que não terminou, contrariamente

às opiniões mais «cultas».

O manifesto de Marx definia as medidas imediatas para criar um estado comunista ideal. Como demonstrado anteriormente, estas apresentam uma impressionante semelhança com *Os Protocolos dos Sábios de Sião* e com os objetivos dos Illuminati. As propostas de Marx eram de tal modo idênticas às medidas destinadas a criar a sociedade ideal proposta pelos Illuminati da Baviera que sugerem uma origem comum. «De facto, a Internacional [comunista] dificilmente pode ser vista como algo que não a Maçonaria Iluminada sob um novo disfarce», comentou o autor Still.

Em 1848, Marx não conseguiu instigar uma revolução socialista na Prússia e, depois de fugir da prisão, regressou a Londres. Conflitos de personalidade e discussões mesquinhas e violentas sobre a ideologia impediam a Liga Comunista de se tornar uma força efetiva. As fações militantes repreendiam Marx por se preocupar mais com discursos do que com revoluções e ele, gradualmente, retirou-se para o isolamento, que só terminaria com a sua participação na Primeira Internacional de 1864. Morreu de bronquite e pleurisia a 14 de março de 1883, deprimido com o suicídio das suas duas filhas e apenas dois meses após a morte da mulher.

Depois de uma revolução abortada em 1905, milhares de ativistas russos tinham sido exilados, incluindo Leon Trotsky, cujo nome hebraico era Lev Davidovich Bronstein, e Vladimir Ilyich Lenin, um intelectual revolucionário que adaptou as teorias de Hegel, Fichte, Ruskin e Marx à situação política e económica da Rússia. Após anos de tentativas reformistas, o czar foi forçado a abdicar a 15 de março de 1917, após tumultos em São Petersburgo (então Petrogrado) que muitos acreditavam ter sido instigados por agentes ingleses. O czar e toda a sua família seriam assassinados pelos bolcheviques um ano depois, em julho de 1918, em Ecaterimburgo, na Rússia central. Quando se viram forçados a fugir à pressa de Ecaterimburgo, os bolcheviques não tiveram tempo para destruir todas as fitas de telégrafo. Nikolai Sokolov, que participou numa investigação dos «Russos Brancos» em 1919, relatou que o líder anticomunista

Alexander Kolchak encontrou e guardou as fitas de telégrafo, que mais tarde seriam decifradas por especialistas em Paris, em 1922. As fitas revelaram que as ordens recebidas pelos comunistas tinham a sua origem no exterior da Rússia.

«A ordem de matar o czar e a sua família veio de Nova Iorque. Lenine praticamente não teve voto na matéria», observou o escritor judeu canadiano Henry Makow. «O presidente do Comité Executivo Central [comunista], Yakov Sverdlov, enviou uma mensagem a Yakov Yurovsky onde referia que, depois de ter informado Jacob Schiff, em Nova Iorque, a respeito da aproximação do Exército Branco, tinha recebido ordens do mesmo Schiff para liquidar o czar e toda a sua família imediatamente. Esta ordem foi entregue a Sverdlov pela Representação Americana, que se situava na cidade de Vologda.»

Como tal, torna-se claro que o comunismo não emergiu espontaneamente das massas pobres e oprimidas dos trabalhadores, sendo antes o resultado de esquemas e intrigas de longo alcance de refugiados illuminati e adeptos do iluminismo. O autor Douglas Reed afirmava que as revoltas de trabalhadores em vários países europeus após a publicação do *Manifesto* indicavam que as sociedades secretas estavam envolvidas numa conspiração conjunta destinada a promover a revolução mundial dos Illuminati. Segundo ele: «Karl Marx e o seu *Manifesto Comunista* foram os sinais exteriores e visíveis de um acontecimento histórico significativo: o judaísmo talmúdico apoderara-se da revolução mundial.»

Citando a acusação do autor Lina, segundo o qual cerca de 150 milhões de pessoas morreram como resultado da Revolução Bolchevique, alguns investigadores viam o comunismo resultante como sendo subsidiado pelos Illuminati e pelo cartel bancário por trás deles. É irónico, e em grande parte desconhecido do público, que os líderes ocidentais, guiados pela elite bancária, se tenham comprometido a deter os bolcheviques, quando, na realidade, os defenderam e financiaram. Traíram os Russos Brancos que foram nossos aliados na I Guerra Mundial e, por meio da sua intervenção, garantiram uma vitória bolchevique.

É verdade que, em janeiro de 1917, Leon Trotsky estava a viver na cidade de Nova Iorque, onde trabalhava como jornalista do *The New World*, um jornal comunista. Trotsky escapara a uma anterior tentativa falhada de revolução na Rússia e fugira para França, de onde tinha sido expulso pelo seu comportamento revolucionário. «Ele depressa descobriu que havia banqueiros ricos em Wall Street que estavam dispostos a financiar uma revolução na Rússia», escreveu o jornalista Still.

Um desses banqueiros era o já referido Jacob Schiff, cuja família vivera com os Rothschild em Frankfurt. Outro era Elihu Root, advogado da Kuhn, Loeb & Company, de Paul Warburg. Segundo o *New York Journal-American*, «John Schiff, neto de Jacob, calcula que o velho gastou cerca de 20 milhões de dólares para garantir o triunfo final do bolchevismo na Rússia». Root, membro do Conselho de Relações Externas, contribuiria com outros 20 milhões, de acordo com o *Congressional Record* de 2 de setembro de 1919.

De acordo com o *site* The Reformation Online, «Em Wall Street e na Revolução Bolchevique, observamos que os financeiros relacionados com a revolução se encontravam concentrados num único endereço da cidade de Nova Iorque, o Equitable Building. Em 1917, a sede do Distrito N.º 2 do Sistema da Reserva Federal, o mais importante dos distritos da Reserva Federal, situava-se no 120 Broadway [endereço do Equitable Building]; dos nove diretores do Banco da Reserva Federal de Nova Iorque, quatro encontravam-se fisicamente no 120 Broadway e dois deles estavam simultaneamente no conselho da American International Corporation. Esta última [AIC] fora fundada em 1915 pelos interesses de Morgan e com uma participação entusiástica dos grupos Rockefeller e Stillman. Os escritórios gerais da AIC situavam-se no 120 Broadway. Os seus diretores estavam fortemente interligados com outros importantes interesses financeiros e industriais de Wall Street, e foi determinado que a American International Corporation teve um papel significativo no sucesso e na consolidação da Revolução Bolchevique de 1917».

Entre os diretores da AIC incluíam-se nomes como Rockefeller (em

representação de interesses dos Rothschild), Lovett e Stillman, e Frank Vanderlip, um dos conspiradores de Jekyll Island que criaram a Reserva Federal, e George Herbert Walker, cuja filha se casou com Prescott Bush, pai e avô dos dois presidentes Bush. Gary Allen, autor de *None Dare Call It Conspiracy*, concluía: «Na Revolução Bolchevique, temos alguns dos homens mais ricos e poderosos do mundo a financiar um movimento que afirma que a sua própria existência se baseia no conceito de privar da sua riqueza homens ricos como os Rothschild, Rockefeller, Schiff, Warburg, Morgan, Harriman e Milner. Mas, obviamente, estes homens não receiam o comunismo internacional. Será apenas lógico supor que, se o financiaram e não o temem, deve ser porque o controlam. Pode existir outra explicação que faça sentido?»

Também é um facto que praticamente todos os líderes comunistas que assumiram o controlo da Rússia entre 1917 e 1920 eram judeus ou tinham familiares judeus no seu passado. Não é difícil suspeitar que alguns, se não a maioria, tivessem sido «iluminados» com teologia esotérica e cabalística. Até Vladimir Ilyich Ulyanov, conhecido simplesmente como Lenine, tinha um avô judeu por parte da mãe. De acordo com Ruth Wisse, do *site* myjewishlearning.com: «O levantar do segredo oficial de certos documentos desde o colapso da tirania comunista soviética em 1991 trouxe-nos provas irrefutáveis de que o bisavô materno de Lenine era um judeu *shtetl* chamado Moshko Blank. Se o próprio Lenine estava ciente ou não desta informação é incerto, mas, quando morreu, em 1924, a sua irmã estava na posse dos factos — e, por ordem do Comité Central do Partido Comunista, foi obrigada a guardar segredo. Esta ordem manter-se-ia firme até à dissolução da União Soviética no início da década de 1990.»

David R. Francis, o último embaixador dos EUA na Rússia pré-comunista, alertava para o aspeto internacional dos revolucionários num despacho enviado para Washington em janeiro de 1918: «Aqui, os líderes bolcheviques, a maioria dos quais é judaica e 90% são exilados retornados, pouco se importam com a Rússia ou qualquer outro país, sendo antes internacionalistas que estão a tentar iniciar

uma revolução social em todo o mundo.»

Esta visão conspiratória encontraria eco em ninguém menos do que Winston Churchill, que num artigo de 8 de fevereiro de 1920 no *Illustrated Sunday Herald*, intitulado «Sionismo versus Bolchevismo», escrevia o seguinte: «Este movimento entre os judeus não é novo. Desde os dias de *Spartacus*-Weishaupt aos de Karl Marx, e passando por Trotsky (Rússia), Bela Kun (Hungria), Rosa Luxembourg (Alemanha) e Emma Goldman (Estados Unidos), esta conspiração mundial que visa o derrube da civilização e a reconstituição da sociedade com base no bloqueio do desenvolvimento, na malevolência invejosa e numa impossível igualdade, tem crescido constantemente. Ele desempenhou, como a escritora moderna, Mrs. Webster, demonstrou com tanta habilidade, um papel definitivamente identificável na tragédia da Revolução Francesa. Foi a principal fonte de todos os movimentos subversivos durante o século XIX; e agora, finalmente, este bando de personalidades extraordinárias do submundo das grandes cidades da Europa e da América agarrou o povo russo pelos cabelos e tornou-se praticamente o senhor indiscutível desse enorme império.»

Há que explicar claramente que estas revoluções mundiais não podem ser atribuídas a todas as pessoas de fé judaica. Com efeito, seja na França revolucionária ou na Rússia, e certamente na Alemanha, a maioria das vítimas seria judaica. O problema parece ter resultado apenas daqueles profundamente envolvidos no movimento sionista, que teve a sua origem na Rússia. De facto, nas revoluções Francesa e Russa, o ateísmo foi declarado a religião nacional.

A existir um único fator motivador por trás da tragédia e do horror vividos no século XX, é certamente o anticomunismo. A animosidade entre as chamadas democracias do Ocidente e o comunismo do Leste produziu uma agitação contínua desde 1918 até ao final do século.

A fuga da elite privilegiada ao comunismo — na Rússia em 1918 e na China em 1949 — produziu ondas de choque que atingiram as capitais da Europa e da América, provocando uma reação que durou

décadas. O anticomunismo tornou-se a base de grande parte do horror e da tragédia do século xx. O grito de «Trabalhadores do mundo, uni-vos!» instaurou o medo entre os capitalistas da indústria, da banca e do comércio ocidentais que não estavam por dentro da questão. Este medo infiltrou-se em todos os seus representantes políticos, funcionários e em praticamente todos os lares. Indivíduos ponderados ficariam intrigados com a forma como capitalistas de tão alto nível como os Morgan, Du Pont, Warburg, Schiff e Rockefeller podiam tolerar, quanto mais apoiar, uma ideologia que abertamente ameaçava a sua posição e riqueza.

Para compreender esta aparente dicotomia, é preciso entender que os Illuminati operavam largamente com base na dialética hegeliana, tão bem utilizada por Weishaupt, Marx e Hitler. A aplicação desta dialética poderia explicar como os capitalistas ocidentais criaram o comunismo (tese), encarado como um inimigo pelas nações democráticas (antítese). O conflito que se seguiu produziu enormes mercados para as finanças e o armamento e, por fim, um nivelamento de ambos os lados (síntese). Durante os últimos cinquenta anos, seria frequente ouvir-se que os Estados Unidos estavam a ficar mais parecidos com a Rússia e a Rússia estava a ficar mais parecida com os Estados Unidos.

Tanto os ativistas sociais como os burocratas aprenderam bem este estratagema de ambos-os-extremos-contra-o-meio, seja por experiência, intuição ou estudo. Exigimos mais do que realmente precisamos (tese) à nossa oposição (antítese) e, após alguns compromissos, geralmente acabamos com o que queríamos em primeiro lugar (síntese).

«Este método revolucionário — o trabalho sistemático da tese *versus* antítese = síntese — é a chave para entender a história do mundo», declarou o autor da conspiração Texe Marrs. Outros descreveram esta dialética hegeliana como problema, reação, solução.

Trotsky, munido de um passaporte autorizado pelo presidente Woodrow Wilson e acompanhado por quase 300 revolucionários, bem

como por fundos fornecidos por Wall Street, foi enviado para a Rússia a 27 de março de 1917, poucos dias antes de os Estados Unidos entrarem na I Guerra Mundial. Trotsky revelou abertamente o seu plano num discurso antes de deixar Nova Iorque: «Vou regressar à Rússia para derrubar o governo provisório e acabar com a guerra com a Alemanha», proclamou.

Enquanto Trotsky seguia para a Rússia com um passaporte americano e o financiamento de Wall Street, Lenine também deixava o exílio. Ajudado pelos Alemães e acompanhado por cerca de 150 revolucionários treinados, Lenine foi colocado num «comboio selado» na Suíça, juntamente com pelo menos cinco milhões de dólares. O comboio atravessou a Alemanha em guerra sem quaisquer dificuldades, conforme organizado por Max Warburg e pelo Alto Comando alemão. Warburg era irmão de Paul Warburg, um dos criadores da Reserva Federal e responsável pelas finanças da I Guerra Mundial no que respeitava aos Estados Unidos. Temos aqui um exemplo clássico de internacionalistas/globalistas — neste caso, dois irmãos — a gerir lados opostos da mesma guerra.

Lenine e Trotsky foram rotulados como agentes alemães por Alexander Kerensky, à frente do segundo governo provisório criado após a abdicação do czar. Com o apoio dos fundos ocidentais, os dois haviam de instigar uma revolta bem-sucedida em novembro de 1917, apoderando-se do governo russo em nome dos bolcheviques.

Mas o controlo comunista da Rússia não estava seguro. A disputa interna entre os «Vermelhos» e os «Brancos» durou até 1922 e custou cerca de vinte e oito milhões de vidas russas, várias vezes as perdas sofridas na guerra. Lenine morreu em 1924 na sequência de uma série de acidentes vasculares cerebrais depois de ajudar a formar a Terceira Internacional ou Comintern, uma organização destinada a exportar o comunismo para todo o mundo. Quando Estaline assumiu um controlo ditatorial, Trotsky fugiu da Rússia e, em 1940, seria assassinado no México por um agente estalinista.

A Revolução Russa não se limitou a retirar a Rússia da guerra, libertando milhões de soldados alemães na Frente Oriental que foram

transferidos para a Frente Ocidental em França: ao nível globalista dos Illuminati, o comunismo encontrava-se agora entrincheirado e pronto para instilar o medo em todo o mundo, bem como a desconfiança na relação comunismo *versus* capitalismo *versus* fascismo.

Aparentemente, até o próprio Lenine acabaria por entender que estava a ser manipulado por forças mais poderosas. «O Estado não funciona como desejávamos», escreveu ele. «Está um homem ao volante e parece conduzi-lo, mas o carro não segue na direção desejada. Desloca-se segundo os desejos de outra força.»

Esta outra «força» poderia muito bem ser membros das sociedades secretas que operavam na sombra dos Illuminati, os quais se encontravam por trás da génese do próprio comunismo. Lenine descreveu-os como «capitalistas financeiros monopolistas».

William Guy Carr, um ex-oficial de informações da Real Marinha Canadana que ficou a par das teorias bolcheviques quando se encontrava a bordo de um navio com destino à Ásia em 1909, escreveu no seu livro *Pawns in the Game*: «Assim que cumpriram o seu objetivo, a maioria destes revolucionários [que puseram Lenine no poder] foi condenada ao exílio ou à morte. Demorou relativamente pouco tempo até que todos os membros originais da Primeira Internacional estivessem mortos, presos ou exilados. A história das ditaduras de Lenine e Estaline deve convencer qualquer pessoa imparcial de que as massas da população mundial, independentemente da sua cor ou credo, foram usadas como peões no xadrez internacional jogado pelos banqueiros internacionais “vermelhos” e pelos líderes militares nazis arianos “negros”, conforme as instruções dos Illuminati.»

Segundo Carr, com a subjugação da Rússia pelos comunistas, os líderes do Movimento Revolucionário Mundial entraram em ação. Eis o que ele escreve:

O Comité Central [dos comunistas] recebeu ordens para preparar os Templos e Lojas do Grande Oriente para a ação. Os membros deviam tornar-se ativos, espalhar a sua ideologia revolucionária e ateísta. A Orientação do Partido consistia em unir

todos os órgãos revolucionários com o objetivo de lançar todos os grandes países capitalistas numa guerra entre si, para que as terríveis perdas sofridas, a elevada tributação imposta e as dificuldades suportadas pelas massas da população fizessem com que a maioria das classes trabalhadoras reagisse favoravelmente à sugestão de uma revolução para acabar com as guerras. Quando todos os países tivessem sido soviéticos, os Poderes Secretos formariam uma Ditadura Totalitária e a sua identidade não teria de continuar a ser secreta. É possível que apenas Lenine estivesse a par das ambições e objetivos secretos dos Illuminati que moldaram a ação revolucionária ao sabor dos seus propósitos.

Um desses objetivos secretos era a preparação para uma Grande Guerra, a qual estava a ser planeada no seio dos grupos de inspiração illuminati antes ainda da Revolução Russa.

RESUMO

Embora, como veremos, existissem impressões digitais do iluminismo na Revolução Americana, se não mesmo membros da Ordem envolvidos, seria mais tarde em França que uma ligação definitiva entre a rebelião e os Illuminati poderia ser encontrada.

Acredita-se popularmente, e por vezes ensina-se, que a Revolução Francesa foi causada por uma sublevação pública resultante da falta de comida e de uma representação desigual no governo. Todavia, um exame atento revela que esta convulsão foi o resultado da agitação promovida pelas células da Maçonaria francesa e dos Illuminati alemães, que muitas vezes se misturavam. Até a volumosa *New Encyclopaedia Britannica* referiria que o espírito revolucionário fora incentivado por uma «irmandade ensinada por grupos como os Maçons, membros de secretas sociedades fraternas, e os Illuminati, uma sociedade secreta racionalista».

Um observador da cena, um italiano que adotou o nome de Cagliostro e era ilusionista na corte do rei Luís XVI, escreveria que, em 1789, quando a revolução estourou, cerca de 266 lojas maçónicas do Grande Oriente de França se encontravam imbuídas da filosofia illuminati, muitas delas sem o saber. Apenas um pequeno número de maçons franceses era iniciado nos segredos e rituais dos Illuminati.

Além de os líderes preeminentes da revolução — como o duque de Orleães e o marquês de Lafayette — serem maçons de nível superior, o infame Clube Jacobino, que forneceu a maior parte dos radicais que estariam no centro da revolta, era também ele uma criação dos Maçons Iluminados. Outro líder revolucionário notável, o conde Mirabeau, obteve o estatuto de Adepto dos Illuminati enquanto vivia em Berlim. De referir também que tinham sido as teorias do filósofo francês Rousseau que haviam inspirado Weishaupt. As lojas iluminadas encontravam-se em estreita comunicação com a Loja do Grande Oriente em Paris e estavam preparadas para se erguer assim que o sinal fosse dado.

Ao contrário dos relatos populares, na década anterior à revolução, a monarquia francesa havia permitido consideráveis reformas políticas e sociais, melhorando assim a vida do povo. Uma teoria que circulava na época era que o duque de Orleães, influenciado pelos Illuminati, teria comprado todos os cereais em 1789 para causar a fome entre o povo.

Enquanto os três estados discutiam os direitos de voto em Versalhes em maio de 1789, o rei Luís xvi solicitou uma Assembleia Nacional ao mesmo tempo que, secretamente, convocava tropas para impedir a mesma. A notícia dos movimentos militares espalhou o medo entre a população e, em julho, uma turba parisiense tomou de assalto a prisão do rei, a Bastilha, onde libertou uns míseros sete prisioneiros, na sua maioria doentes mentais, mas apoderou-se das muito necessárias armas e pólvora. A tomada da Bastilha tem sido muito romantizada, se tivermos em conta que apenas um em cada mil parisienses estava presente e que a defesa foi frouxa, apenas um dos quinze canhões disponíveis sendo disparado contra a multidão. Até mesmo este acontecimento seria atribuído à agitação e instigação de *agents provocateurs* enviados do Sul.

Entretanto, emissários das sociedades secretas seguiam de cidade em cidade, avisando os receosos camponeses de que o rei pretendia atacá-los. Informados de que os seus inimigos se escondiam em casa dos aristocratas, a violência não tardou a espalhar-se.

A insurreição foi inspirada pela fusão de duas grandes lojas maçónicas numa grande assembleia em 1786, liderada pelo duque de Orleães, que começou a prepará-la para a revolução.

Enquanto o caos crescia em 1789, a Assembleia Nacional de Versalhes introduzia a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, que proclamava liberdade, igualdade, o direito à propriedade e à resistência à opressão. Quando se recusou a assinar esta declaração, o rei Luís xvi deu por si levado para Paris. Encorajados pelo êxito da revolta francesa inspirada pelos Illuminati, surgiram clubes revolucionários em Inglaterra, Irlanda, Áustria, Bélgica, Itália, Suíça e Estados alemães. As tensões entre as nações continuaram a aumentar até 1792, altura em que a França declarou guerra à Áustria e à Prússia. A guerra e a violência resultantes degeneraram no Terror, no qual o rei Luís xvi, Maria Antonieta e muitos milhares de aristocratas acabaram guilhotinados. O caos manteve-se até 1799, quando um jovem Napoleão Bonaparte assumiu o controlo e proclamou o fim da revolução. Interessa referir que, após o seu sucesso no desencadear de uma revolução, os Jacobinos fecharam todas as lojas maçónicas francesas, aparentemente com medo de que o poder organizacional da Maçonaria se pudesse voltar contra eles. De igual modo, o que restava dos Illuminati da Baviera não se saiu muito bem após a revolução. Os aristocratas que fugiram para os países vizinhos lançaram o alarme sobre as maquinações dos Illuminati e não tardou para que outras nações se juntassem ao eleitor alemão Carlos Teodoro na proibição de todas as sociedades secretas. Tanto os Maçons como quaisquer outros identificados como Illuminati seriam perseguidos e executados, principalmente pelos Jacobinos franceses. Parecia ser o fim dos Illuminati, até que consideramos a sua influência noutra revolução, esta nas novas terras da América. Embora a Revolução Americana tenha terminado seis anos antes do início da violência em França, muitas das mesmas influências de sociedades secretas seriam acusadas de fomentar a insurreição nas treze colónias. Os documentos dos Illuminati descobertos durante a

rusga à casa de Zwack referiam a existência de «vários» capítulos ou lojas dos Illuminati na América do Norte antes da revolução e até na época em que eram acusados de terem promovido a insurreição. Estes capítulos incluíam frequentemente maçons preeminentes e ávidos defensores do Iluminismo. O *slogan* da Revolução Americana — Liberdade e Igualdade — inspiraria o da Revolução Francesa. O conceito dos «direitos inalienáveis» do indivíduo fora discutido pela primeira vez no seio dos Illuminati. A maioria dos Pais Fundadores da América apoiava o conceito da liberdade do indivíduo face à tirania política e religiosa, pelo que também apoiava os objetivos dos Illuminati. E, acima de tudo, a maioria dos patriotas era constituída por maçons praticantes, nos quais fluíam as correntes da doutrina dos Illuminati.

Embora alguns maçons tivessem sido «iluminados» em lojas europeias antes de imigrarem para a América, outros receberiam a sua formação como membros de lojas recém-formadas nas colónias. Seria o secretismo inerente às lojas maçónicas da América que daria cobertura ao planeamento necessário para a revolução. Há também quem considere que os ideais dos Illuminati — de liberdade individual face à Igreja e ao Estado — poderão ter sido absorvidos pelos oficiais e soldados franceses e hessianos enviados para o outro lado do Atlântico durante a revolução. Estas tropas teriam ficado encantadas e intrigadas com o que ouviram dizer sobre a independência americana, levando o descontentamento para a Europa.

Nem os Pais Fundadores ficariam imunes à divisão quanto aos Illuminati. De recordar que John Quincy Adams acusava Thomas Jefferson de subverter lojas maçónicas com o iluminismo. George Washington, em resposta a um amigo que lhe enviara o livro anti-Illuminati de John Robison em 1798, escreveria: «Não era minha intenção duvidar de que as doutrinas dos Illuminati e os princípios do jacobinismo não se haviam espalhado nos Estados Unidos. Pelo contrário, ninguém está mais convencido desse facto do que eu.»

Jefferson, sempre um livre-pensador e defensor da liberdade individual, já em 1800 escreveria em defesa de Weishaupt,

observando que fora «a tirania de um déspota e de sacerdotes» que causara o grande segredo dentro dos Illuminati, sendo o principal motivo da sua cruzada contra a Igreja e o Estado. Também caracterizava a investida anti-Illuminati de Barruel como «os delírios de um bedlamita». A sua defesa de Weishaupt levaria os seus inimigos políticos, em especial o federalista Alexander Hamilton, a acusar o autor da Declaração de Independência de ser um fantoche dos Illuminati europeus. Embora não tenha sido divulgada publicamente nenhuma prova concreta de que Jefferson era um illuminatus, tanto pelos seus escritos como pelos de Benjamin Franklin, parece óbvio que ambos estavam familiarizados com os ideais dos Rosacrucianos e, como tal, dos Illuminati. E é sabido que os Maçons, iluminados ou não, tiveram um papel importante na fundação dos Estados Unidos. Quando consagrou o Capitólio dos EUA, Washington usou o seu avental maçónico. Investigadores afirmaram que, desde Washington, todos os presidentes têm sido maçons do 33.º grau, pelo menos. Uma teoria da conspiração contestada chegaria a afirmar que Weishaupt partira secretamente para a América, onde assassinara Washington e ocupara o seu lugar como presidente.

Uma outra teoria, que se revelou verdadeira com base nas cartas dos Pais Fundadores, é que muitos deles, incluindo Washington e Jefferson, cultivavam cânhamo de cânabis (marijuana) e o fumavam pelas suas propriedades medicinais e alucinatórias, tal como acontecia entre os Illuminati. Sabe-se que a Boston Tea Party foi inteiramente uma operação maçónica levada a cabo por membros de uma loja de Boston, identificada por alguns como St. John e por outros como St. Andrew. Todos os signatários da Declaração de Independência, exceto um, eram conhecidos maçons. Após a revolução, o embaixador francês na América, Edmond Charles Genet, tentou organizar uma insurreição contra a nova República Americana e estabelecer o iluminismo, mas seria impedido por patriotas, incluindo George Washington, que condenava «o plano nefasto e perigoso, e as doutrinas de Illuminati...». Entretanto, as tentativas de

reavivar os Illuminati na Alemanha por meio de uma reorganização como sociedades de leitura revelou-se um fracasso, e algumas delas, como a Tugendbund, ou Liga da Virtude, seriam proibidas por decreto napoleónico. Tentativas noutras nações europeias teriam destinos semelhantes. Com a exceção da Maçonaria, as sociedades secretas tiveram dificuldades em estabelecer-se na nova nação dos Estados Unidos, onde os homens se orgulhavam da sua liberdade individual perante o governo e a religião. O individualismo tinha uma forte influência nos homens e mulheres que domaram as regiões selvagens. A atenção do público seria novamente atraída para as sociedades secretas no início do século XIX, com um escândalo que envolveu maçons, iluminados ou não. Após o desaparecimento e suposto assassinio do capitão William Morgan, em 1826, que ameaçara revelar segredos maçónicos, associado a uma falta de investigação por parte das autoridades maçónicas, a indignação pública deu origem a uma reação antimaçónica que culminaria no encerramento de mais de duas mil lojas, acompanhado pela «demissão» de mais de 45 mil maçons. Pela primeira vez, formou-se um terceiro partido político nos Estados Unidos: o Partido Antimaçónico. Foi um duro golpe para a Maçonaria. O partido era formado por adversários do presidente Andrew Jackson, ele próprio um maçom, mas que se opunha aos banqueiros internacionais e às suas tentativas de criar um banco central. Muitos dos Pais Fundadores argumentavam que um banco central seria prejudicial para a nova nação. John Adams, em 1811, escrevia o seguinte: «Todos os bancos de desconto, todos os bancos aos quais tenham de ser pagos juros ou que lucrem com qualquer espécie de empréstimo são uma corrupção total. Trata-se de tributação do público para benefício e lucro de indivíduos.»

O First Bank dos Estados Unidos, criado pelos esforços de Robert Morris, mentor de Alexander Hamilton, tinha como principal modelo o Banco de Inglaterra. Criava uma parceria entre o governo e os interesses bancários. O novo governo federal fornecia 20% do capital do banco e os restantes 80% cabiam a investidores privados,

incluindo estrangeiros como os Rothschild. Parecia que banqueiros europeus conspiradores e os seus associados no Novo Mundo estavam a tentar obter o controlo do dinheiro em circulação nos EUA. Este banco também causaria a inflação pela criação de notas de reserva fracionária. Os financeiros prosperavam, mas o cidadão médio saía a perder. Em 1811, chegada a altura de renovar o alvará de vinte anos do banco, a moção seria derrotada por um voto no Senado e na Câmara.

O Second Bank dos Estados Unidos foi criado por Alexander Hamilton em 1816 para combater as condições bancárias caóticas após a Guerra de 1812. Este banco central terminou em 1836, depois de o presidente Jackson vetar um projeto de lei do Congresso para prolongar o seu alvará, precipitando assim o que ficaria conhecido como a «Guerra dos Bancos». Jackson, o primeiro presidente oriundo do oeste dos Apalaches, denunciou o banco central como inconstitucional e também como «uma maldição para uma república; na medida em que se destina a criar em torno da administração uma aristocracia endinheirada e perigosa para as liberdades do país».

Interessa referir que a primeira tentativa de assassínio presidencial nos EUA foi levada a cabo contra Jackson em 1835 por um homem chamado Richard Lawrence, cujas pistolas falharam. Lawrence alegou estar «em contacto com os poderes da Europa». Jackson, ferido, mas furioso, retirou os fundos do governo do «ninho de víboras» e Nicholas Biddle, presidente do Second Bank, retaliou com uma redução do crédito a nível nacional, causando um amplo pânico económico. Segundo alguns investigadores, Biddle era um agente de Jacob Rothschild em Paris. Jackson seria censurado pelos amigos de Biddle no Senado por não garantir a autorização congressional para levantamento de fundos, mas a censura seria anulada em 1837. Biddle saiu de cena e o *Old Hickory* (alcunha pela qual era conhecido Andrew Jackson), herói da Batalha de Nova Orleães, conseguiria acabar com a dívida nacional até ao fim dos seus dois mandatos. Registaram-se outras tentativas para ressuscitar um banco central, mas nenhuma seria bem-sucedida até à criação do Sistema da

Reserva Federal em 1913. Com o escândalo antimaçónico e a debandada dos seus membros, criou-se uma brecha muito nítida entre as lojas da América do Norte — as quais, na confusão, perderam a noção de um conhecimento misterioso e se tornaram mais semelhantes a clubes sociais — e as suas congéneres europeias, que ainda se apegavam a algumas das tradições e conhecimentos mais antigos. Uma perda idêntica tivera lugar em Inglaterra quando o rei Jaime II partira para o exílio em França, em 1688, levando consigo o conhecimento maçónico tradicional adquirido pelos Escoceses, beneficiários dos ensinamentos dos Cavaleiros Templários. Os seus seguidores ficariam conhecidos como jacobitas, o nome Jaime sendo derivado de Jacob.

Os que ficaram para trás tentaram restaurar as tradições maçónicas, mas sabiam que muitas das informações originais transmitidas ao longo dos séculos se tinham perdido. Em 1714, depois de o alemão Jorge, eleitor de Hanôver, ser colocado no trono de Inglaterra e declarado rei Jorge I, a Grande Loja de Londres foi formada e dela surgiu a maioria das tradições da Maçonaria moderna. O autor e estudioso maçónico inglês Laurence Gardner escreveu que os textos maçónicos redigidos por volta de 1717 terão provavelmente sido produzidos por *sir* Francis Bacon, considerado por alguns o verdadeiro autor do material de Shakespeare, bem como a cabeça por trás dos quarenta e cinco eruditos que produziram a Bíblia do Rei Jaime. Uma pista codificada quanto às contribuições de Bacon pode ser encontrada nessa versão, no Livro dos Salmos 46: contam-se quarenta e seis letras desde o início para obter a palavra *shake* e quarenta e seis palavras a partir do fim para obter a palavra *spear*. O número quarenta e seis era a cifra de Bacon.

Após o movimento antimaçónico do início do século XIX, muitas das maquinações de sociedades secretas durante a revolução tinham sido esquecidas pelo público americano. Mas os banqueiros europeus não se haviam esquecido da América. Em 1860, os Rothschild, apoiantes financeiros dos Illuminati, tinham financiado grandes projetos em ambos os lados da Linha Mason-Dixon. Nathan

Rothschild, dono de uma grande fábrica têxtil em Manchester, comprava o seu algodão ao Sul e financiava a importação do algodão sulista antes da guerra. Simultaneamente, tinha feito empréstimos a vários estados da União, servindo como banqueiro oficial europeu do governo dos EUA e apoiante garantido do Banco dos Estados Unidos. Nathan também era representado nos Estados Unidos por August Schoenberg, um agente dos Rothschild que chegara aos Estados Unidos em 1837 e mudara o seu nome para August Belmont, vindo a ser fundamental para o financiamento tanto do Sul como do Norte antes da rebelião confederada. Salomon Rothschild, um dos membros mais jovens da família, visitou a América no início da guerra e era tão abertamente pró-confederado quanto Belmont era pró-União. Novamente, temos aqui um exemplo das maquinações não-partidárias dos internacionalistas.

A ideia de que os banqueiros europeus, liderados pelos Rothschild, estavam por trás da guerra seccional dos EUA seria confirmada pelo chanceler alemão Otto von Bismarck, que disse que os banqueiros receavam que a independência económica dos Estados Unidos perturbasse «o domínio financeiro dos primeiros sobre o mundo». «A voz dos Rothschild prevaleceu», diria Bismarck. «Como tal, eles enviaram os seus emissários para explorar a questão da escravatura e abrir um abismo entre as duas secções da União.» Aparentemente, o homem que viu claramente esta tentativa de dividir a República Americana e, assim, recuperar o domínio dos Franceses e Ingleses foi Abraham Lincoln, que muitas vezes explicava que o seu objetivo era salvar a união americana, não emancipar os escravos.

Uma sociedade secreta que fez por dividir a nação antes da Guerra da Secessão foi a dos Cavaleiros do Círculo Dourado (KGC), fundada pelo cirurgião e autor Dr. George W. L. Bickley, que em 1854 construíra o seu primeiro «castelo» cavaleiresco em Cincinnati, Ohio. Bickley inspirou-se liberalmente nos ritos e rituais dos Maçons e, supostamente, tinha estreitas ligações com um ramo francês dos Illuminati, a Société des Saisons. O respeitado historiador Shelby Foote descrevia os secessionistas do Sul como «Jacobinos» que

tinham atravessado o Atlântico depois do seu sucesso na destruição da «Velha Ordem Mundial» em França. John Wilkes Booth, o assassino de Lincoln, era membro do KGC, assim como o secretário de Estado confederado Judah Benjamin, ele próprio ligado aos Rothschild. A conspiração das sociedades secretas para dividir os Estados Unidos, como alegado por uma publicação dos Cavaleiros do Círculo Dourado de 1861, quase seria bem-sucedida. No outono de 1863, a França e a Inglaterra, ambas muito necessitadas do algodão do Sul para as suas fábricas têxteis, estiveram perigosamente perto de reconhecer e ajudar militarmente o Sul.

Seria o czar Alexandre II da Rússia, favorável ao Norte, depois de saber que a Inglaterra e a França planeavam dividir o Império Russo assim que acabasse a guerra na América, quem havia de alterar o curso da História. Ordenou o envio de duas armadas russas para os Estados Unidos, uma para a Virgínia e a outra para São Francisco, onde ficaram em perfeita posição para atacar as linhas britânicas e francesas de navegação comercial. Nenhuma ameaça ou ultimato foi tornado público, mas ficou claro que, se a guerra viesse, a Marinha russa estava preparada para causar estragos. Perante a possibilidade de uma I Guerra Mundial meio século antes de estarem preparados, os líderes da França e da Inglaterra hesitaram e o Sul, sem dinheiro, mão de obra e materiais, foi devastado. As duras políticas de reconstrução do governo republicano, que fizeram com que o Sul sofresse sob punitivas políticas económicas até à década de 1960, geraram um ódio e uma amargura que haviam de durar até ao século xx e estimularam o crescimento de outras sociedades secretas, como o Ku Klux Klan. Mas, se o plano das sociedades secretas para dividir os Estados Unidos se viu frustrado, o seu objetivo de revolução mundial manteve-se. O planeamento e financiamento da revolução na Rússia vieram de financiadores da Alemanha, Grã-Bretanha e Estados Unidos que seguiam a teologia dos Illuminati

Tem sido dito que os Illuminati apenas mudaram de nome no fim da década de 1840. Tendo nos queimadores de carvão, ou Carbonari, as origens do seu socialismo antiautoritário, os radicais levariam em

frente os ideais illuminati de uma revolução mundial sob o nome de comunismo. Um grupo que abriu o caminho do socialismo foi a Associação Internacional dos Trabalhadores, chamada Primeira Internacional. Esta precursora direta do comunismo reuniu-se em Londres em 1864 e em pouco tempo dava por si sob a liderança de Karl Marx, nascido na Alemanha e descendente de uma longa linhagem de rabinos judeus. Marx, sem dúvida, estava familiarizado com as tradições místicas da teologia da Torá, Cabala e dos Illuminati. Os objetivos básicos dos comunistas russos de Marx eram essencialmente os mesmos dos Illuminati e da Maçonaria continental, o que indica uma origem comum. Estes objetivos incluíam o estabelecimento de uma Nova Ordem Mundial e a abolição de todos os governos nacionais instituídos, heranças, propriedade privada, soberania nacional e patriotismo, lar individual e vida familiar, e todas as religiões estabelecidas. Estes mesmos objetivos dos Illuminati, que apresentam uma impressionante semelhança com *Os Protocolos dos Sábios de Sião*, também podem ser encontrados na plataforma do posterior Partido Nazi. São, todos eles, um modelo real da teoria dialética do filósofo alemão Georg Hegel, a qual propõe que um lado de um conflito (tese) seja colocado contra o outro (antítese) para criar um compromisso (síntese). Esta fórmula — com o elemento adicional de realmente criar o conflito — tem sido usada com sucesso pelos Illuminati, por Hitler e pelos membros das sociedades secretas modernas.

Hegel estava ligado aos Illuminati por meio da sua imersão na tradição hermética. Um seguidor dedicado de Hegel, Friedrich Engels, que redigiu com Marx as teorias do comunismo marxista, havia sido convertido ao humanismo socialista por Moritz Moses Hess, o «rabino comunista», e por Robert Owen, um socialista utópico e espiritualista. Fortemente influenciado pelo illuminatus Johann Heinrich Pestalozzi, Owen organizou o primeiro movimento socialista em Inglaterra e depois levou o seu socialismo para os Estados Unidos.

Em 1847, Marx e Engels, ambos maçons, aderiram a uma sociedade secreta em Londres chamada a Liga dos Justos, composta

principalmente por emigrantes alemães, muitos dos quais se pensava serem membros exilados dos banidos Illuminati. Por sugestão do rabino Hess, o nome da Liga foi alterado para Partido Comunista. Um investigador afirmou que Marx terá escrito o seu *Manifesto Comunista* sob as ordens da liderança maçónica.

Em 1917, quando a I Guerra Mundial conhecia um recrudescimento, a revolta na Rússia forçou a abdicação do czar, o qual, mais tarde, juntamente com toda a sua família, seria assassinado pelos bolcheviques, que assumiram o controlo da Rússia e se retiraram da guerra, libertando assim milhões de soldados alemães para a Frente Ocidental. Estes bolcheviques, os precursores do comunismo, foram financiados por banqueiros de Londres e Nova Iorque.

Com efeito, quando a Revolução Russa eclodiu, os futuros líderes do movimento comunista — Leon Trotsky e Vladimir Lenine — nem estavam na Rússia. Lenine, que estivera exilado na Suíça, atravessou a Alemanha durante a guerra com a ajuda dos serviços secretos alemães, nos quais se encontrava Max Warburg, irmão de Paul, que emigrara para os Estados Unidos em 1902 e ajudara a criar o Sistema da Reserva Federal e o Conselho de Relações Externas, tendo sido fundamental para garantir o financiamento dos EUA ao esforço de guerra. Os dois irmãos dirigiram a guerra em lados opostos.

Trotsky estava a viver em Nova Iorque e, munido de um passaporte americano e de fundos de Wall Street, partiu para a Rússia com um navio cheio de revolucionários. Um dos seus financiadores era Jacob Schiff, cuja família vivera com os Rothschild em Frankfurt. John Schiff, seu neto, calcularia que o avô teria gastado cerca de 20 milhões de dólares para garantir o triunfo final do bolchevismo na Rússia.

Uma importância idêntica seria fornecida por Elihu Root, advogado da Kuhn, Loeb & Company de Paul Warburg, e membro do Conselho de Relações Externas.

Como referido por Gary Allen, autor de *None Dare Call It*

Conspiracy, o facto de alguns dos homens mais ricos e poderosos do mundo financiarem um movimento que exigia que pessoas como eles fossem privadas da sua riqueza revelava uma total ausência de medo do comunismo. Ora, se não o temiam, só o podiam controlar.

Além disso, o Partido Comunista na Rússia era em grande parte composto por sionistas judeus, que se viam como internacionalistas e defensores de uma revolução social mundial. A ligação entre sionismo, iluminismo e comunismo seria salientada num artigo de 1920 de Winston Churchill.

Mas é óbvio que as revoluções do passado não podem ser atribuídas a todas as pessoas de fé judaica. De facto, seja na França revolucionária ou na Rússia, e certamente na Alemanha, a maioria das vítimas seria judaica. Com efeito, nas revoluções Francesa e Russa, o ateísmo foi declarado a religião nacional. A Revolução Russa não só retirou a Rússia da guerra, como, ao nível globalista dos Illuminati, permitiu que o comunismo se entrincheirasse, instilando o medo entre os povos do Ocidente. Hoje, o anticomunismo pode ser identificado como a principal motivação por trás das subsequentes guerras do século xx. Foi a aplicação da dialética hegeliana pelos capitalistas ocidentais que criou o comunismo de um lado (tese), encarado como um inimigo pelas nações democráticas (antítese) do outro. A síntese que se seguiu, conhecida como Guerra Fria, produziu enormes mercados para as finanças e o armamento e, por fim, um nivelamento de ambos os lados. Durante os últimos cinquenta anos, era frequente ouvir-se dizer que os Estados Unidos estavam a ficar mais parecidos com a Rússia e a Rússia estava a ficar mais parecida com os Estados Unidos.

Na II Guerra Mundial, vimos o mesmo estratagema em ação quando a Rússia socialista foi lançada contra a Alemanha socialista, as populações de ambas meros peões num jogo viciado cujos intervenientes são globalistas iluminados. As doutrinas, sintetizadas pela primeira vez pelos Illuminati com base em tradições e grupos mais antigos, continuariam a espalhar-se até aos nossos tempos modernos.

IX

ILLUMINATI MODERNOS

A sombra do iluminismo continuaria a estender-se por todo o mundo muito tempo depois do fim da Ordem dos Illuminati da Baviera original. Depois de as revoluções na América e na França terem terminado, assim como a vida de Adam Weishaupt, os princípios do iluminismo continuariam a prosperar na Maçonaria e em outras sociedades secretas derivadas.

Weishaupt revelava um nítido entendimento do iluminismo, aplicado para o bem ou para o mal. Dirigindo-se a novos *dirigens* da Ordem, perguntou certa vez: «Compreendeis suficientemente o que significa governar — governar numa sociedade secreta? Não apenas os menos ou mais importantes da população, mas os melhores homens, homens de todas as classes, nações e religiões, governar sem força externa, uni-los indissolúvelmente, incutir o nosso espírito e alma em homens distribuídos por todas as partes do mundo?»

Em 1829, teve lugar em Nova Iorque uma reunião secreta na qual uma iluminista britânica chamada Frances «Fanny» Wright se dirigiu à assembleia. Associada do socialista Robert Dale Owen, filho do já referido socialista utópico Robert Owen, esta mulher escocesa tinha-se mudado para Nova Iorque e, com Owen, iniciado uma publicação chamada *Free Enquirer*.

Segundo o autor David Allen Rivera: «Na reunião, ela falou de direitos iguais, ateísmo e amor livre, enquanto promovia um ramo Auxiliar Feminino dos Illuminati. Os presentes foram informados de que estava a ser desenvolvido um movimento internacional de subversivos que seguia os princípios dos Illuminati, o qual seria usado para fomentar futuras guerras. Haviam de ser conhecidos como “comunistas”. Este movimento seria usado para tornar mais atraente a ideia de um governo mundial, trazendo o caos ao mundo por meio

da guerra e da revolução, para que os Illuminati pudessem intervir para estabelecer a ordem.»

De acordo com o comandante naval canadiano William Guy Carr, os líderes do Movimento Revolucionário Mundial (World Revolutionary Movement — WRM) de inspiração illuminati, juntamente com altos representantes da Maçonaria Iluminada da Europa, reuniram-se na Suíça em 1912 e ordenaram o assassinio do arquiduque Francisco Fernando da Áustria para provocar a I Guerra Mundial.

Tal como hoje, os estados dos Balcãs encontravam-se presos num ciclo de guerra, revolução e conflito étnico. Uma vez que as tensões políticas vinham escalando na Europa há vários anos, acompanhadas por uma corrida ao armamento, o assassinio de Francisco Fernando não seria a causa da guerra, mas sim o gatilho que a espoletou.

Segundo o autor William T. Still, uma publicação maçónica de 1952 afirmava que o sérvio bósnio Gavrilo Princip, que em 28 de junho de 1914 matou Francisco Fernando e a sua mulher Sofia em Sarajevo, na Bósnia, era maçom. De facto, outro sérvio chamado Milan Ciganovic era líder de uma sociedade secreta conhecida como «Mão Negra», responsável pelo atentado. Durante os julgamentos dos membros da sociedade, ficou-se a saber que Ciganovic também era maçom e tinha dito a um dos assassinos que os Maçons haviam recorrido à Mão Negra porque não tinham conseguido encontrar nenhum maçom disposto a levar a cabo o homicídio do arquiduque.

O governo austro-húngaro exigiu que os assassinos fossem enviados para Viena para julgamento, mas o primeiro-ministro da Sérvia recusou, alegando que tal seria uma violação da Constituição da Sérvia. Três dias depois, a Áustria-Hungria declarava guerra à Sérvia, desencadeando assim uma reação em cadeia de ultimatos e mobilizações que acabaria por levar a guerra dos Balcãs a toda a Europa.

Num interessante aparte, tem sido largamente afirmado que Albert Pike, um mestre maçom, autor do livro maçónico *Morals and Dogma* e ex-general confederado, não só estava ligado aos Illuminati, como teria previsto numa carta três guerras mundiais. «As evidências

documentais provam que Pike não era apenas um falso Cristo: antes de morrer, ele era o sumo sacerdote da ideologia luciferiana nesta Terra e, como tal, controlava a sinagoga de Satanás», acusava o comandante Carr. «O seu projeto militar exigia três guerras mundiais e três grandes revoluções para levar a versão revista de Weishaupt da ancestral conspiração luciferiana à sua fase final. Existem registos de que, na década de 1860, ele terá dito que o seu programa militar podia demorar cem anos ou um pouco mais para trazer o dia em que aqueles que dirigem a conspiração NO TOPO [ênfase no original] hão de coroar o seu líder rei-déspota do mundo inteiro e impor uma ditadura luciferiana totalitária sobre o que resta da raça humana.»

Giuseppe Mazzini, um revolucionário italiano do século XIX e maçom do 33.º grau, tem sido referido como um líder dos Illuminati pós-Weishaupt. Quando precisavam de dinheiro, os revolucionários de Mazzini assaltavam bancos, extorquiam negociantes a troco de proteção e raptavam em troca de um resgate, o que daria origem à frase *Mazzini Autorizza Furti, Incendi e Attentati* (Mazzini Autoriza Roubos, Incêndios e Raptos), cujo acrónimo é MAFIA. Trabalhando em prol da unidade italiana, Mazzini encarava a expansão da Maçonaria como um meio de destruir a Igreja Católica Romana.

Em janeiro de 1870, Mazzini entrou em contacto com Pike, explicando-lhe como insinuar a teologia dos Illuminati na Maçonaria, nos seguintes termos: «Devemos permitir que todas as federações [maçónicas] continuem exatamente como estão, com os seus sistemas, as suas autoridades centrais e os seus diversos modos de correspondência entre os graus superiores do mesmo rito, organizadas como se encontram no presente, mas devemos criar um super-rito, que permanecerá desconhecido, para o qual chamaremos aqueles maçons de grau superior que escolhermos. No que respeita aos nossos irmãos da Maçonaria, esses homens devem assumir o mais estrito segredo. Por meio deste rito supremo, governaremos toda a Maçonaria, que se tornará o único centro internacional, o mais poderoso porque a sua direção será desconhecida.»

No ano seguinte, Pike publicava *Morals and Dogma of the Ancient*

and Accepted Scottish Rite of Freemasonry, um manual maçônico que pormenorizava os graus inferiores desta ordem. De acordo com Michael Haupt, que em 2003 iniciou o *site* threeworldwars.com, «após a morte de Mazzini a 11 de março de 1872, Pike nomeou Adriano Lemmi (1822-1896, maçom do 33.º grau), um banqueiro de Florença, Itália, para gerir as suas atividades subversivas na Europa. Lemmi era um defensor do patriota e revolucionário Giuseppe Garibaldi, e poderá ter sido ativo na Sociedade Luciferiana fundada por Pike. Por sua vez, Lemmi teria como sucessores Lenine e Trotsky, seguindo-se Estaline. As atividades revolucionárias de todos estes homens eram financiadas por banqueiros internacionais ingleses, franceses, alemães e estado-unidenses; todos eles dominados pela Casa de Rothschild».

Este *site* também refere a história que Albert Pike teria profeticamente previsto três guerras mundiais: «Entre 1859 e 1871, Pike elaborou um plano militar para três guerras mundiais e diversas revoluções em todo o mundo, as quais segundo ele levariam a conspiração ao seu estágio final no século xx.» Segundo textos publicados por Haupt, Pike previu que:

Uma Primeira Guerra Mundial seria iniciada para permitir que os Illuminati derrubassem o poder dos czares na Rússia e fizessem daquele país uma fortaleza do comunismo ateu. As divergências causadas pela *Agentur* (agentes) dos Illuminati entre os impérios britânico e germânico serão usadas para fomentar esta guerra. No fim desta, o comunismo será construído e usado para destruir os outros governos e enfraquecer as religiões.

Uma Segunda Guerra Mundial seria fomentada tirando partido das diferenças entre os fascistas e os sionistas políticos. Esta guerra seria travada para que o nazismo fosse destruído e o sionismo político se tornasse suficientemente forte para criar um estado soberano de Israel na Palestina. Durante a Segunda Guerra Mundial, o comunismo internacional tem de se tornar suficientemente forte para contrabalançar a cristandade, que seria então restringida e mantida sob controlo até ao momento em que precisássemos dela para o cataclismo social final.

Uma Terceira Guerra Mundial tem de ser fomentada tirando proveito das divergências causadas pelos agentes dos Illuminati entre os sionistas políticos e os líderes do mundo islâmico. A guerra deve ser conduzida de tal forma que o Islão (o mundo árabe muçulmano) e o sionismo político (o Estado de Israel) se destruam mutuamente. Entretanto, as outras nações, divididas nesta questão, ver-se-ão

forçadas a lutar até ao ponto de uma total exaustão física, moral, espiritual e económica.

O autor Carr chega mesmo a citar Pike como tendo previsto os resultados da III Guerra Mundial, escrevendo o seguinte: «Vamos libertar os niilistas e ateus, e provocaremos um formidável cataclismo social que, com todo o seu horror, mostrará claramente às nações o efeito do ateísmo absoluto, origem da selvajaria e da turbulência mais sangrenta. Então, em todos os lugares, os cidadãos, obrigados a defender-se da minoria mundial dos revolucionários, exterminarão os destruidores da civilização, e a multidão, desiludida com o cristianismo, cujos espíritos deístas a partir desse momento ficarão sem bússola ou direção, ansiosos por um ideal, mas, sem saber a quem prestar a sua adoração, receberá a verdadeira luz por meio da manifestação universal da pura doutrina de Lúcifer, finalmente trazida à vista do público. Esta manifestação resultará do movimento reacionário geral que se seguirá à destruição do cristianismo e do ateísmo, ambos conquistados e exterminados ao mesmo tempo.»

À semelhança de tantas outras revelações que podemos encontrar na Internet, as alusões às palavras de Pike, por mais assustadoramente prescientes que possam parecer, levam-nos em círculos, um escritor citando outro e este voltando ao primeiro. Embora frequentemente citada na Internet, ninguém encontrou provas conclusivas de que esta carta alguma vez tenha existido. O diligente investigador Terry Melanson acabaria por seguir as citações de Pike por intermédio de várias publicações, incluindo as do autor canadiano Carr, até a um livro francês de 1892 intitulado *Le Diable au XIXe siècle* de um tal Dr. Bataille, que posteriormente se descobriria ser Gabriel Jogand-Pagès. Este livro alegava que Pike e Mazzini pertenciam a uma secreta e satanista Sociedade Palladista, com sede em Charleston, Carolina do Sul. Nesta obra não havia referência a guerras mundiais. Em 1897, Bataille/Jogand-Pagès acabaria por admitir que a sua história era uma farsa.

«Exatamente o que William Guy Carr estava a tentar fazer, nunca o hei de saber», diria Melanson. «... talvez estejam desiludidos por não

ter encontrado nada sobre a previsão de três guerras mundiais, comunismo, nazismo e Illuminati sionistas — ou qualquer coisa do género. [...] O que isto realmente representa são as fantasias injuriosas e o anticatolicismo militante do seu autor...»

Mas outras alegações de ações revolucionárias atribuíveis à influência dos Illuminati não podem ser tão facilmente descartadas. As provas atualmente disponíveis indicam que a II Guerra Mundial foi provocada por agentes e membros de sociedades secretas ligadas aos Illuminati e à Maçonaria na Alemanha e na Inglaterra. Foi nesta «guerra boa» que as sociedades místicas mais antigas que procuravam libertar-se da Igreja e do Estado se fundiram com as sociedades secretas modernas, preocupadas essencialmente com a riqueza, o poder e o controlo. «O próprio *sir* Winston Churchill [...] insistia que o ocultismo do Partido Nazi não fosse, de maneira alguma, revelado ao público em geral», escreveu o autor Trevor Ravenscroft, que alegava ter trabalhado em estreita colaboração com o Dr. Walter Johannes Stein, consultor confidencial de Churchill. «O fracasso dos Julgamentos de Nuremberga em identificar a natureza do mal em ação por trás da fachada externa do nacional-socialismo convenceu-o de que seriam necessárias outras três décadas para que um número suficientemente grande de leitores estivesse em condições para entender os ritos de iniciação e as práticas de magia negra do núcleo interno da liderança nazi.»

Esta impressionante afirmação seria corroborada por Airey Neave, um dos promotores de justiça de Nuremberga no pós-guerra, segundo o qual o aspeto ocultista dos nazis fora considerado improcedente porque o tribunal temia as implicações psicológicas e espirituais nas nações ocidentais. Considerava-se também que estas crenças, tão contrárias ao racionalismo público, poderiam ser usadas para fundamentar uma defesa de insanidade para os líderes nazis.

Uma confirmação adicional do misticismo por trás de Hitler e dos seus nazis viria da investigadora do nazismo e autora Ethel K.«Dusty» Sklar, que escreveu: «Estes cultos, daqueles ligados aos [ocultistas] George Ivanovitch Gurdjieff, Madame Helena Petrovna

Blavatsky e Rudolf Steiner até às suas presentes reencarnações, partilhavam certas características: uma obediência autoritária a um líder carismático e messiânico; secretismo; lealdade ao grupo acima de todos os outros vínculos; uma crença em possibilidades sobrenaturais acessíveis apenas aos membros; uma crença na reencarnação; iniciação em fontes de poder sobre-humanas; aceitação literal do mito de antigos “gigantes” ou super-homens que transmitiram uma tradição oral a um povo eleito e que estavam agora a guiar-nos; e, em casos invulgares, práticas satânicas.»

Muitos têm sido os livros, artigos e programas televisivos que documentam as ligações entre os nazis de Hitler e sociedades ocultas, mas poucos têm deixado claro que Hitler era uma criação destas últimas. Os nazis de Adolf Hitler eram muito mais do que simplesmente um movimento político. Eles viam-se como líderes de um movimento quase religioso nascido de organizações secretas cujos objetivos eram os mesmos que podemos encontrar nos Illuminati e na Maçonaria Iluminada. «[Eles] eram um culto... [e] como qualquer culto típico, os seus principais inimigos eram outros cultos», observou o autor Peter Levenda num bem investigado livro sobre os nazis e o oculto.

Este culto nazi cresceu a partir de uma variedade de organizações, teologias e crenças presentes na Alemanha no final da I Guerra Mundial — todas elas decorrentes dos mistérios de grupos mais antigos, como os Illuminati da Baviera de Weishaupt, a Germanenorden, a Maçonaria e os Cavaleiros Teutónicos.

«A lógica por trás de muitos projetos nazis posteriores pode ser seguida [...] até às ideias popularizadas pela primeira vez por Blavatsky», escreveu Levenda, que descreveu em pormenor as ligações com outras organizações secretas europeias. «[Temos] a Sociedade Teosófica, a OTO (Ordo Templi Orientis ou Templários Orientais), a Sociedade Antroposófica [do Dr. Rudolf Steiner] e a [Ordem da] Aurora Dourada entrelaçadas num abraço incestuoso.»

Depois da I Guerra Mundial, Munique deu por si inundada por refugiados russos anticomunistas, e as sociedades ocultas

começaram a fundir-se com o ativismo político, particularmente no Sul da Alemanha.

Dietrich Eckart, o jornalista e político que fundou o Partido dos Trabalhadores Alemães, que mais tarde se tornaria o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, ou Nazi, encontrou n'Os *Protocolos* algo que considerou ser a prova final da conspiração mundial judaico-maçónica-bolchevique. Depois de assegurar a sua publicação imediata, o livro difundiu-se rapidamente por toda a Alemanha, Europa e até nos Estados Unidos. «A história da circulação d'Os *Protocolos dos Sábios de Sião* parece indicar a existência de uma rede internacional de ligações secretas e de forças cooperantes [...] descritas com bastante clareza nos próprios *Protocolos*», comentou o autor Konrad Heiden, que escreveu um livro sobre Hitler durante a guerra.

Como referido anteriormente, uma das mais importantes sociedades secretas que apoiaram a ascensão de Hitler ao poder foi a Sociedade Thule. «O núcleo interno do Grupo Thule eram todos eles satanistas que praticavam magia negra», escreveu Trevor Ravenscroft, autor do livro *The Spear of Destiny*. «Ou seja, apenas lhes interessava elevar, por meio de rituais, a sua consciência ao nível de uma consciência do mal e das Inteligências não-humanas no Universo, e obter um meio de comunicação com as Inteligências. E o Adepto-Mestre deste círculo era Dietrich Eckart.»

Encontra-se documentado que, no período que se seguiu à I Guerra Mundial, registaram-se em Munique várias centenas de homicídios e sequestros «políticos» não resolvidos. Ravenscroft alega que os alvos, principalmente judeus ou comunistas, eram «vítimas sacrificiais» em ritos de «Magia Astrológica» realizados por Dietrich Eckart e pelo círculo interno da Sociedade Thule. Segundo ele, era um «facto bem conhecido» que os Thulistas eram uma «Sociedade de Assassinos», o que os ligaria aos Assassinos de Hasan bin Sabah e, como tal, aos Cavaleiros Templários e aos Illuminati. Assassinos ou não, a verdade é que, a 7 de abril de 1919, quando os revolucionários comunistas se apoderaram de Munique durante um

breve período e proclamaram uma República Soviética da Baviera, as únicas pessoas que detiveram e executaram como subversivos perigosos foram os membros da Sociedade Thule, incluindo o seu jovem secretário, o príncipe Von Thurn und Taxis. Surgiram até acusações de que Hitler era um agente dos Illuminati. Em 2005, o autor Greg Hallett publicou um livro intitulado *Hitler Was a British Agent*, no qual citava vários oficiais de informações aposentados, os quais alegavam que Hitler fora recrutado para a British Intelligence quando visitara a sua cunhada inglesa, Bridget Hitler, em 1912-1913. Esta questão seria confirmada pelo sobrinho inglês de Hitler, William Patrick Hitler, que lhe acrescentou um comentário surpreendente. No final da década de 1930, William deu a entender aos jornalistas que o Führer alemão tinha antecedentes judaicos ligados aos Rothschild. Hans Frank, advogado pessoal de Hitler, teria confirmado estas informações escandalosas, mas com o nome Frankenger no lugar de Rothschild. Quando não foi encontrado nenhum registo de um Frankenger em Viena, o assunto foi discretamente deixado cair por todos, menos por Hitler. Há muito que os historiadores referem que a questão de uma possível ascendência judaica assombrou Hitler ao longo da sua vida. Não deixa de ser espantoso que o sangue judeu de Hitler possa estar ligado a um Rothschild.

O Dr. Walter C. Langer, psicólogo responsável por uma psicanálise de Hitler efetuada pelos serviços de informações dos EUA, referiu que relatórios secretos da polícia austríaca anteriores à guerra provavam que o pai de Hitler era filho ilegítimo de uma camponesa chamada Maria Anna Schicklgruber, a qual, na altura em que teve o seu filho, estava «empregada como criada em casa do barão Rothschild» em Viena. Ao saber da sua gravidez em 1837, ela deixara Viena e dera à luz Alois, o pai registado de Adolf. Cinco anos depois, ter-se-ia casado com um moleiro itinerante chamado Johann Georg Hiedler. Todavia, Alois usaria o nome da mãe, Schicklgruber, praticamente até aos 40 anos, altura em que o irmão do moleiro Hiedler, Johann Nepomuk Hiedler, lhe oferecera a legitimidade. Em virtude da caligrafia ilegível do pároco que alterou o registo de nascimento, o

nome Hiedler tornou-se Hitler, por engano ou para confundir as autoridades. Alois Hitler levou uma vida triste e sombria como burocrata do governo e casou-se com uma prima em segundo grau, Klara Poelzl, em 1885, depois de obter uma dispensa episcopal especial. Adolf nasceria em Braunau, na Áustria, em 1889, quando Alois tinha 52 anos.

A incrível história da ascendência de Hitler pode ser considerada propaganda fantasiosa do tempo de guerra, exceto pelo facto de os serviços secretos dos EUA nunca a terem divulgado, indicando que a mesma podia associar Hitler aos principais barões das finanças globalistas e, como tal, fora considerada demasiado sensível para vir a público.

Para o caso de alguém duvidar de que um Rothschild considerasse «envolver-se» com a criadagem, não deixa de ser instrutivo que o biógrafo dos Rothschild, Ferguson, afirmasse que o filho de um dos escrivães mais antigos de Salomon «recordava que, na década de 1840, [os Rothschild vienenses] haviam desenvolvido um entusiasmo algo imprudente por raparigas novas».

O falecido Philippe Rothschild publicaria em 1984 memórias que revelavam a sua «escandalosa vida amorosa». Segundo ele: «Eu era um tremendo sucesso [...] a saltar de cama em cama como um cabrito-montês. [...] Sempre acreditei (que o meu pai) tinha ganho as suas esporas a montar as camareiras da minha avó.»

O autor Epperson ponderava: «É possível que Hitler tenha descoberto a sua origem judaica e a sua relação com os Rothschild e, consciente do enorme poder destes últimos para fazer ou desfazer governos europeus, tenha restabelecido o contacto com a família. Isto explicaria parcialmente o imenso apoio que ele recebeu da irmandade bancária internacional, estreitamente ligada à família Rothschild [e a sociedades iluminadas como a Thule], quando chegou ao poder.»

A alegação do autor Hallett de que «Hitler era um agente britânico» foi amplificada por Henry Makow, um escritor que se dedica à Nova Ordem Mundial: «Quando Hallett diz “britânico”, ele quer dizer illuminati, do culto maçónico de banqueiros super-ricos que controlam

uma rede interligada de cartéis. Este culto tem como base a cidade de Londres, mas usa a Inglaterra e a maioria das nações como fantoches num teatrinho chamado História.»

Esta alegação de Hallett poderia esclarecer os muitos acontecimentos improváveis da II Guerra Mundial, como os 335 mil soldados aliados que Hitler deixou escapar em Dunquerque. Esta ação tem sido explicada como uma iniciativa de paz, mas a maioria dos historiadores acredita que a Inglaterra teria reagido melhor a uma paz negociada se o seu exército fosse prisioneiro dos nazis. Makow esclarece: «A hipótese de Hallett explica (1) Porque é que Hitler foi capaz de se aventurar na Renânia, etc., sem receio de retaliação. (2) Porque é que a máquina de guerra nazi foi financiada e construída pelo Banco de Inglaterra e por uma série de sonantes corporações anglo-americanas controladas pelos Illuminati. (3) Porque é que Hitler nunca fechou o Mediterrâneo em Gibraltar; e porque é que o ditador espanhol Franco se manteve neutro, apesar da avultada quantia que devia aos nazis por causa da Guerra Civil. (4) Porque é que a sede da I. G. Farben em Frankfurt nunca foi bombardeada. Depois, seria a sede da CIA. (5) Porque é que o Banco de Inglaterra recompensou Hitler pela tomada de Praga, entregando-lhe as reservas de ouro checas que se encontravam em Londres.»

Makow via a elite extremamente rica como tendo-se organizado num «culto satânico» para atacar a humanidade e estabelecer a sua hegemonia permanente em todo o mundo. «Ponham-se no lugar dos banqueiros centrais», dizia ele. «As nações do mundo devem-vos milhares de milhões com base em dinheiro que vocês imprimiram pelo custo de papel e tinta. A única maneira de proteger este “investimento” é estabelecer uma ditadura subtilmente dissimulada, utilizando métodos sofisticados de controlo social e mental. Este é o verdadeiro significado da “Guerra ao Terror”. Não é dirigida contra os “terroristas muçulmanos”. É dirigida contra todos nós.»

Segundo vários autores da conspiração, a II Guerra Mundial cumpriu os objetivos dos Illuminati: as nações da Alemanha, Itália e Japão, juntamente com as suas economias, foram devastadas; a

população mundial diminuiu com a morte de cerca de 60 milhões de pessoas, principalmente civis; o Holocausto judeu levou ao estabelecimento da sede do governo mundial dos Rothschild em Israel; libertários e defensores da paz de ambos os extremos do sistema político foram mortos; e todas as nações envolvidas, sufocadas por dívidas, foram facilmente levadas para as recém-formadas Nações Unidas.

Numa nota bizarra, até o cenário musical de hoje pode ser o produto de um plano nazi/iluminista anterior à II Guerra Mundial, destinado a alterar a música para substituir a tranquilidade e harmonia pelo descontentamento e agressividade. E não estamos a falar exclusivamente de música «pesada» ou de *rap*. É tudo música e a história é a seguinte: por volta de 1939, os nazis alteraram fundamentalmente a música de forma a produzir um impacto negativo na nossa vida, no modo como nos sentimos e interagimos com o nosso meio.

Até 1939, o tom mais preferido na música eram os 432 hertz (Hz). Esta frequência foi encontrada nas flautas mais antigas do mundo, algumas remontando ao tempo dos neandertais. De acordo com Gary Vey, na revista *Viewzone*: «Uma história interessante afirma que as liras dos templos da Grécia eram parte integrante das cerimónias que cultuavam Ísis e outras chamadas escolas de mistérios. Os membros do culto eram transportados a estados de êxtase pelos sons dessa música de 432 Hz que, no caso dos Mistérios Eleusinos, os deixava plenos de compaixão e altruísmo. Por este motivo, de acordo com a tal história, o bélico estado de Esparta mandou reafinar todas as suas liras para uma frequência mais alta, anulando assim os sentimentos antiguerra.»

Sabe-se há já algum tempo que uma alteração das frequências musicais pode causar uma mudança nas reações humanas, tanto físicas como psicológicas.

Em 1962, o Dr. T. C. Singh, chefe do Departamento de Botânica da Universidade Annamalai na Índia, estudou o efeito dos sons musicais no ritmo de crescimento das plantas. Ele descobriu que as plantas de

balsamina expostas à música cresciam 20% mais depressa do que o normal e desenvolviam 72% mais biomassa. Singh experimentou primeiro a música clássica, mas depois mudou para a música *raga*, composta por ritmos e notas tocados em flauta, violino, harmónio e *reena*, um instrumento indiano, onde descobriu que a música criava efeitos semelhantes.

A música cria ondas sonoras que percorrem o ar em diferentes frequências. Quando estas frequências atingem os nossos tímpanos, o cérebro interpreta-as como som e música. Quando uma planta é exposta à música, ela também recebe as mesmas ondas sonoras, que criam uma vibração que pode ser captada por ela. A planta não «ouve» a música. Sente a vibração da onda sonora.

Curiosamente, verificou-se que músicas diferentes produzem resultados diferentes nas plantas. Em 1973, enquanto fazia experiências com três grupos de plantas expostas a vários tipos de música, Dorothy Retallack reproduziu a nota fá durante um período de oito horas para um grupo. Um segundo grupo «ouviu» a mesma nota durante três horas, enquanto o terceiro grupo, de controlo, não teve direito a nota nenhuma. O primeiro grupo morreu passadas duas semanas, enquanto o segundo grupo se mostrava muito mais saudável do que o grupo de controlo.

Singh também descobriu que, quando as sementes eram expostas à música, depois de germinar produziam mais folhas, atingiam um tamanho maior e exibiam outras características melhoradas. A música parecia alterar a composição genética da planta.

Outros experimentaram diferentes tipos de música. Plantas expostas à música clássica (ainda na faixa dos 432 Hz) de compositores como Haydn, Beethoven, Brahms e Schubert, cresceram ao ponto de se entrelaçarem nos altifalantes. Mas, quando era reproduzido *rock* moderno, outro grupo de plantas afastava-se dos altifalantes, como se tentasse fugir da música. A música *rock* foi experimentada em diferentes variedades de plantas, concluindo-se que produzia um crescimento anómalo e folhas menores. Descobriu-se que, independentemente da direção em que estivessem voltadas,

as plantas se inclinavam para longe da fonte da música *rock*. Experiências semelhantes produziram efeitos idênticos aos descritos no livro de 1973 *The Secret Life of Plants*, de Peter Tompkins e Christopher Bird.

Curiosamente, a música *country* não parecia afetar as plantas. Elas não apresentavam uma reação de crescimento invulgar. O *jazz*, por outro lado, parecia ter efeitos benéficos com um crescimento melhorado. Os efeitos de diferentes formas de música nas plantas podem ser explicados pelas diversas frequências das ondas sonoras que emitem variados graus de pressão e vibração. A música mais «ruidosa», como o *rock*, contém maior pressão, promovendo efeitos negativos nas plantas. Após algumas experiências, os apresentadores do programa de televisão *MythBusters* concluíram que as plantas reagem praticamente da mesma maneira a qualquer tipo de música, mas a sua metodologia foi questionada e os seus resultados contestados. Com a noção de que as frequências musicais podem alterar o comportamento das plantas e dos seres humanos, voltamo-nos para John Calhoun Deagan, um músico que, praticamente sozinho, alterou o mundo da música ao aumentar o histórico tom de 432 Hz para 440 Hz. Deagan, que morreu em 1934, desenvolveu muitos dos instrumentos de percussão atualmente ainda utilizados — incluindo o xilofone, carrilhões de órgão e de alumínio, harpas de alumínio, carrilhões de orquestra e marimbas.

O trabalho de Deagan começou verdadeiramente depois de ele ter ouvido em Londres uma série de palestras proferidas pelo físico alemão Hermann von Helmholtz, as quais lhe despertaram um interesse pela ciência da música. Em meados do século XIX, Helmholtz publicara uma obra intitulada *Die Lehre von den Tonempfindungen als physiologische Grundlage für die Theorie der Musik* (O Ensino das Sensações Sonoras como Base Fisiológica da Teoria da Música). Ao estudar esta obra, Deagan desenvolveu o primeiro *glockenspiel* cientificamente afinado.

Em 1910, Deagan convenceu a Federação Americana de Músicos, durante a sua convenção anual, a adotar a nota musical lá a 440 Hz

como tom universal padrão para orquestras e bandas. Também foi aceite pelo governo dos EUA e na generalidade do mundo.

Nos anos seguintes, o apoio popular às invenções de Thomas Edison — o rádio e as imagens em movimento — cresceria enormemente. As audiências foram questionadas para determinar quais os efeitos gerados pelas bandas sonoras dos filmes, especialmente depois de os *talkies* (filmes em que os espectadores podiam ouvir os atores falar e cantar) entrarem em cena no final da década de 1920. Verificou-se que os filmes de propaganda eram mais eficazes quando usavam a frequência de 440 Hz.

Segundo Vey: «No início da década de 1930, o potencial dos 440 Hz para combater o altruísmo e estimular o nacionalismo, o narcisismo e a agressão foi alimentado pela nova ciência da psicologia. A psicanálise de Freud na Europa destinava-se essencialmente à elite, mas as suas teorias da histeria de massas chegaram à América através do seu sobrinho, Edward Bernays, que usaria com sucesso as teorias de Freud e as técnicas de controlo da mente na publicidade e na política. Ele foi o primeiro a reparar que apenas era necessário convencer 8-10% da população a respeito de uma nova ideia para que esta acabasse por ser aceite por unanimidade. Este fenómeno receberia o nome de “solução dos 10%”.» Vey explicou que a Fundação Rockefeller e o sindicato bancário dos Rothschild estavam particularmente interessados nestas técnicas de controlo da mente. Os seus representantes procuraram o ministro da Propaganda nazi, Dr. Joseph Goebbels, que lhes deu bastante atenção, visto que já usava muitos dos métodos de propaganda de Bernays para promover o Partido Nazi.

«Com o apoio deles e com a noção de que os Ingleses deviam muito dinheiro aos seus bancos, os Illuminati incentivaram Goebbels a promover a adoção do padrão de 440 Hz pelo Instituto Britânico de Padrões, que se aplicaria a todos os músicos que tocavam na Europa. Esta medida foi aprovada com relutância em 1939, embora Hitler tivesse invadido a Polónia há apenas três meses», disse Vey, acrescentando: «Tecnicamente, a Alemanha tinha iniciado a II Guerra

Mundial e era um eixo [inimigo] da Inglaterra, mas isto teve pouco impacto na sua decisão final.»

Vey empenhou-se em descobrir por que razão os 432 Hz, a frequência intuitiva de afinação usada desde o início da música humana, era tão indesejável para os Rockefeller, Rothschild (Illuminati) e nazis.

A resposta pode ser encontrada no argumento dos defensores dos 432 Hz, que afirmam que esta frequência estimula os melhores atributos do cérebro direito, ressoa com o chacra do coração (um dos sete centros de poder espiritual do corpo humano descritos na literatura indiana), repara o ADN e restaura a saúde espiritual e mental.

Os críticos do sistema de 440 Hz dizem que este não é natural e, como tal, cria uma desarmonia subtil nos ouvintes, causando irritação, desconforto, ira e agressividade. Este argumento é apoiado por experiências da Cymatics, nas quais areia ou água é colocada sobre uma placa e exposta a várias frequências. Com tons de 432 Hz, surgem padrões distintos, indicando que a frequência ressoa com o mundo natural. A frequência de 440 Hz cria padrões indistintos, revelando uma falta de coerência. Como cerca de 78% do corpo humano é constituído por água, é evidente que as ondas sonoras podem afetar tanto a saúde do corpo físico como a cognição.

Poucos artigos científicos foram escritos sobre os efeitos dos 432 Hz *versus* 440 Hz, mas, em janeiro de 2014, um artigo intitulado «Melhoria de sintomas psiquiátricos por meio da exposição à música individualmente adaptada a distúrbios do ritmo cerebral — um ensaio clínico aleatório com base em pesquisas fundamentais» foi publicado na revista *Cognitive Neuropsychiatry*. Depois de submeter cinquenta pacientes psiquiátricos a música clássica em CD durante mais de dezoito meses, os investigadores descobriram que «os doentes do grupo experimental apresentaram valores de BSI [Brief Symptom Inventory] significativamente reduzidos em comparação com os doentes de controlo. Curiosamente, este efeito foi observado não apenas para sintomas de psicose e paranoia, mas também para

ansiedade, ansiedade fóbica e somatização».

A parte principal desta experiência seria o facto de a mesma ser levada a cabo com «música adaptada», a frequência de 432 Hz. «Este “efeito Mozart” pode ser intensificado se reproduzirmos a composição musical um pouco mais devagar (como era prática nos tempos de Mozart). Além disso, os instrumentos são afinados segundo o antigo tom francês de 432 Hz, que corresponde à proporção harmónica dos ritmos naturais do corpo...», observava o artigo.

Estudos posteriores descobriram que os não-músicos apreciam a melodia e a harmonia porque são processadas no hemisfério direito do cérebro, mas os músicos treinados detetam-nas no hemisfério esquerdo, provavelmente porque assim foram condicionados. «Os músicos têm redes [auditivas] diferentes das dos não-músicos», explicou Vey, «e aqueles que ouvem um tipo específico de música podem desenvolver redes específicas para esse género.» Vey concluía que uma pesquisa realizada com fundos da Rockefeller Foundation determinou que a música de 440 Hz era «boa para fazer as pessoas trabalharem mais e promover características de personalidade mais de acordo com a personagem Spock, da série, e também dos filmes, *Star Trek*. Estas características são típicas do cérebro esquerdo e sufocam o pensamento criativo e anulam as emoções. É óbvio por que motivo estas características eram desejáveis no Terceiro Reich. Também pode explicar porque é que a música moderna, que passou para o padrão de 440 Hz em 1939, teve um efeito tão negativo na cultura atual».

Os primeiros sintomas da psicose, como depressão, ansiedade e paranoia, são comuns na sociedade atual. Este desconforto apenas pode beneficiar os gigantes farmacêuticos que cobram milhões por medicamentos que alegam aliviar estes sintomas.

Quando a população compreender este longo e insinuante esforço para alterar a nossa música e o nosso comportamento, nunca mais voltará a ouvir música em locais públicos, num concerto ou no seu telemóvel da mesma maneira.

De referir que a música concebida para alterar a consciência não é a única técnica de controlo mental usada atualmente. Além dos programas de modificação de comportamento desenvolvidos pela CIA que usam a hipnose e drogas, como o MK-Ultra e o Projeto Monarch, basta-nos apenas olhar para a nossa sociedade atual com a sua constante programação de televisão e rádio que promove o consumismo, a hipersexualidade (indústria pornográfica), o consumo de álcool e drogas, e a chacina virtual diária via videojogos — tudo isto para dessensibilizar a alma. Atualmente, empresas privadas com contratos com o Departamento de Defesa dos EUA estão envolvidas numa variedade de programas «negáveis», com recurso a psicotrónica sofisticada, como torres de antena de telemóvel, micro-ondas de feixe pulsado, ELF, ondas escalares, *gang-stalking*, sofisticadas drogas e produtos químicos administrados secretamente a «indivíduos-alvo», bem como agentes «adormecidos». Estas táticas são concebidas para encarrilarem pensamentos, emoções, atitudes e ações na mente, que por sua vez moldam a consciência e as ações das massas de modo a que estas se adaptem aos objetivos operacionais dos Illuminati.

Os cientistas espaciais nazis que foram levados para os Estados Unidos logo depois da guerra ao abrigo do Projeto Paperclip, facilitado pelo então diretor da CIA Allen Dulles e pelo seu mentor, o alto-comissário da Alemanha John J. McCloy, foram acompanhados pelos especialistas nazis em controlo mental.

A guerra terminou com a destruição atómica em Hiroxima e Nagasáqui, no Japão. Os globalistas iluminados regressaram ao seu plano pré-I Guerra Mundial, de obter poder, controlo e lucros ao colocar um Leste socialista contra um Ocidente capitalista. Seria a chamada Guerra Fria.

Após as guerras infrutíferas promovidas pelos EUA na Coreia e no Vietname e a invasão russa do Afeganistão na década de 1980, a filosofia socialista extrema do comunismo acabaria por ceder em virtude dos seus encargos financeiros. Em 2008, os Estados Unidos entraram numa depressão inflacionária após vários fracassos

corporativos.

James H. Billington, bolsheiro da Fundação Rhodes e bibliotecário emérito do Congresso, escreveu em 1980 um livro intitulado *Fire in the Minds of Men: Origins of the Revolutionary Faith*. Nesta obra, ele afirma que «a tradição revolucionária moderna» deriva do «Iluminismo da Baviera». O autor William H. McIlhenny acrescentaria: «Entre os movimentos subversivos e revolucionários do século XIX e início do século XX criados pelos Illuminati (principalmente por intermédio do Grande Oriente da Maçonaria europeia, e não da Maçonaria britânica e americana) encontravam-se os movimentos socialistas marxistas e “utópicos”; o anarquismo; o sindicalismo; o pan-eslavismo; o “nacionalismo” irlandês, italiano e alemão; o imperialismo alemão; a comuna de Paris; o “novo imperialismo” britânico; o socialismo fabiano e o bolchevismo leninista.»

Atualmente, nos Estados Unidos, programas socialistas com os mesmos objetivos adotados por marxistas, comunistas e nacional-socialistas são apregoados sob novos nomes, como «liberais», «esquerdistas», «progressistas» e até «neocons» ou «neoconservadores», que não é mais do que um rótulo inovador para os nacional-socialistas. Onde antes se uniram e celebraram o seu americanismo, os estado-unidenses estão agora a ser divididos em ideologias de esquerda e de direita. A política não pode ser definida por uma linha reta, mas sim por um círculo onde a extrema esquerda e a extrema direita acabam por se unir.

Embora todos estes movimentos pareçam ser filosofias distintas, após um exame mais atento, todos parecem derivar das doutrinas do iluminismo.

DELATORES

Embora a Ordem dos Illuminati da Baviera já não exista oficialmente, ainda hoje são muitos os que afirmam ter estado em contacto ou sido membros de um grupo que pretende reproduzir os ideais do iluminismo.

Há mais de dez anos, Gaylon Ross, um investigador do Texas que fez um considerável trabalho de pesquisa sobre as sociedades secretas modernas, foi autorizado a reproduzir algo que pretende ser um cartão de membro dos Illuminati, de um tal R. J. Higgins, datado de 17 de dezembro de 1903. Ross disse que não sabe mais nada quanto à autenticidade ou à proveniência do cartão. Será isto uma prova de que ainda existe alguma forma de sociedade dos Illuminati?

Um *site* particularmente inacreditável surgiria em dezembro de 2005, da responsabilidade de Mimi L. Eustis, filha de Samuel Todd Churchill, alegado membro superior de uma sociedade secreta de Mardi Gras de Nova Orleães com ligações aos Illuminati. As suas informações terão sido obtidas com gravações e apontamentos que ela tomou enquanto o pai morria penosamente com um cancro pulmonar. Ela só aceitou publicar as informações do pai depois de lhe ter sido diagnosticado um cancro da mama em fase terminal.

Segundo Eustis, agentes dos Illuminati envenenaram fatalmente os presidentes William Henry Harrison e Zachary Taylor. Também envenenaram o presidente James Buchanan em 1857, mas este sobreviveu. Segundo ela, estes três homens estavam a obstruir os planos de guerra civil dos Illuminati e da Casa de Rothschild.

«Por trás da fachada da Cowbellion de Rakin Society [que deve o seu nome aos chocalhos de vaca usados no festival de Mardi Gras] que teve a sua origem em 1835 como desfiles de foliões pelas ruas de Nova Orleães, estes homens eram na realidade banqueiros ianques da Nova Inglaterra. Usaram a ideia desta Cowbelli[o]n Society para criar uma fachada para um cartel bancário internacional, a Casa de Rothschild, com sede na Europa, bem como para a Skull and Bones, um ramo dos Illuminati alemães fundado por William Russell em 1832 na Universidade de Yale. O nome deste grupo secreto recém-formado era Mystick Krewe of Comus», escreveu Eustis. Esta sociedade de Nova Orleães, que se reorganizou durante as festividades do Mardi Gras em 1857, era um capítulo da Skull and Bones, escreveu ela. Pensa-se que terá começado como uma fachada para as atividades dos maçons Albert Pike, Judah Benjamin

e John Slidell, que se tornariam líderes da Confederação. «Em 1857, Judah Benjamin era um agente da Casa de Rothschild que vivia em Nova Orleães. O seu trabalho consistia em financiar a Confederação e ajudar a promover uma guerra civil devastadora», escreveu Eustis. «Judah Benjamin começou no governo confederado como procurador-geral e depois tornou-se secretário de Estado. Judah Benjamin também viria a ser o chefe do serviço de informações dos Confederados e teria um importante papel no assassinio de Abraham Lincoln.» «A Casa de Rothschild receava que a nova República dos Estados Unidos começasse a imprimir o seu próprio dinheiro e tivesse um banco central não vinculado à Casa de Rothschild, o que enfraqueceria o controlo desta última sobre as moedas do mundo. Eles já tinham estabelecido uma sociedade elitista secreta que incluía treze das famílias mais ricas do mundo, para, em última instância, estabelecer uma Nova Ordem Mundial com controlo sobre a economia mundial», explicou Eustis. Estas palavras trazem à memória uma declaração de semelhante teor do chanceler alemão Otto von Bismarck.

Vários indivíduos já declararam publicamente pertencer aos Illuminati, à elite interna, ou seja qual for o nome que lhe queiram dar. Na sua maioria são personagens duvidosas com poucas ou nenhuma credenciais ou provas concretas. Todavia, as suas histórias tendem a apoiar os relatos de vários investigadores da conspiração e são surpreendentemente consistentes. Estes delatores oferecem-nos fascinantes perspetivas do funcionamento de uma tal elite.

Bill Ryan, inicialmente à frente de um projeto de ciências sociais chamado Projeto Camelot, entrevistou um destes autoproclamados membros da elite. «No verão de 2010, fui abordado por um homem muito invulgar», explicou Ryan. «Chamei-lhe *Charles*. Ele passou muitos anos a trabalhar para o grupo de elite que considera sua responsabilidade administrar o planeta. Não é um académico, historiador ou cientista, mas queria comunicar algumas informações importantes sobre a visão do mundo e a filosofia deste grupo.»

Segundo Ryan, a sua fonte terá explicado: «Eles são um grupo de controlo de 33 indivíduos que se reúnem com frequência para tomar decisões estratégicas sobre a humanidade e o planeta. Não são os “Illuminati”, que é uma sociedade secreta de nível inferior — das quais existem muitas, como os Cavaleiros de Malta, os Rosacruzianos, os Skull and Bones, o Priorado de Sião, numerosos grupos maçónicos e muito mais. Os 33 podem ser comparados a um Conselho de Administração de uma corporação global muito grande. Como num Conselho de Administração, existe um “Homem Número Um” que toma as decisões finais sobre políticas, após consultar os seus colegas, todos com experiência e com direito a participar. Por vezes existem diferenças de opinião — e personalidades diferentes, como em qualquer grupo de pessoas —, mas basicamente encontram-se bastante alinhadas com o objetivo geral, que é (usando esta analogia) garantir que a Corporação Planeta Terra continua a expandir-se e a prosperar. Tudo alinhado com a “declaração de missão” da Corporação — que é a otimização do genoma humano.»

Charles explicou que cada um destes representantes das 33 linhagens é tão poderoso, e controla tanta riqueza e tantos bens, que eles poderiam ser considerados quase como estados-nação em si mesmos. Consideram ser sua responsabilidade «gerir» o planeta Terra. Disse também que eles estão a par de uma grande parte da história oculta por meio da posse privada de documentos e artefactos antigos, muitos dos quais se encontram na Biblioteca do Vaticano.

«A história e linhagem da raça humana não são — *de maneira alguma* — aquilo que chegou ao conhecimento do público. Foi decidido há muito tempo que a raça humana não seria capaz de lidar com estas verdades. Esta informação é considerada uma espécie de “conhecimento sagrado”. A salvaguarda deste conhecimento é levada extremamente a sério e, como *Charles* explicou, existe muita tradição e cultura histórica — remontando a milhares de anos — que se encontra quase inextricavelmente interligada com a forma como o grupo funciona», disse Ryan. «Como *Charles* também tentou explicar, eles não veem o tempo como você e eu. Atrasar qualquer coisa um

ano, ou uma década, ou cem anos, significa muito pouco. Eles não funcionam segundo um calendário. Apenas segundo o desenrolar dos acontecimentos.»

Fritz Springmeier, o controverso autor de *Bloodlines of the Illuminati*, afirma que os Illuminati modernos são liderados por 13 famílias preeminentes. Apresenta os nomes Astor, Bundy, Collins, DuPont, Freeman, Kennedy, Li, Onassis, Rockefeller, Rothschild, Russell, Van Duyn e os Merovíngios, bem como outros, por exemplo, Reynolds, Disney, Krupp e McDonald, enquanto famílias alargadas casadas entre si. Segundo ele: «Com início no antigo Médio Oriente, algumas famílias foram parar a Veneza. De Veneza, essas famílias mudaram-se para a Suíça, Rússia, Londres e Amesterdão. [...] As famílias desses grupos tendem para o gnosticismo (também conhecido como luciferianismo) e para cultos que são desvios “cristãos” anormais.»

Springmeier diria mais: «Não receio que os Illuminati se apoderem deste país e acabem com a Constituição, porque eles apoderaram-se deste país há muito tempo, e a Constituição não se encontra tecnicamente em vigor em virtude de decretos presidenciais de emergência desde a II Guerra Mundial (e antes disso também). Não se pense por um momento que podemos votar e correr com os Illuminati seja de que cargo for. Eles controlam os partidos políticos maiores e menores. Eles controlam o processo de governo, controlam o processo de fluxo de informação, controlam o processo de criação de dinheiro e, finalmente, controlam a cristandade. (Porém, Deus controla os corações do Seu povo.)»

Springmeier explica que, durante os últimos séculos, tem existido um programa organizado para ocultar as linhagens das famílias illuminati. «Este programa inclui: conceções secretas, crianças trocadas à nascença, gémeos criados separada e secretamente, crianças de linhagem adotadas em famílias illuminati e não-illuminati, alteração de apelidos e de genealogia, e registos públicos manipulados, linhagens transmitidas por via materna e, finalmente, famílias de criação especiais que são usadas para criar as linhagens

de elite em segredo. Estes esquemas implicam que, mesmo que seja reunido algum material genealógico útil, este poderá não refletir a realidade oculta que é mantida registada nos livros genealógicos ocultos dos próprios Illuminati.»

Sob o nome de Cisco Wheeler, uma desertora professa dos Illuminati é Linda Anderson, que, com Springmeier, é coautora de *The Illuminati Formula Used to Create an Undetectable Mind Controlled Slave*. Este livro relata como técnicas de condicionamento e controlo mental de base traumática, como as usadas pela CIA no Projeto Monarch, foram usadas para criar escravos illuminati. Ambos afirmam que esta atividade é praticada pelas famílias illuminati.

«O meu pai vinha de uma família satânica transgeracional. A minha vida foi planeada de acordo com uma estrutura específica, desde o início, visto que o meu pai era programador para os Illuminati e para o governo dos EUA», disse Wheeler numa entrevista de rádio. «[O meu] tio-avô era o general Earl Grant Wheeler, um descendente direto de Ulysses Grant. O general Earl Wheeler era o responsável pelas forças armadas americanas na Guerra do Vietname. Ele era chefe de Estado-Maior, pelo que tínhamos um histórico político muito forte. O meu pai também era um grão-mestre no seio dos Illuminati. Ele trabalhou na Costa Oeste durante a Guerra do Vietname com o tio, que estava à frente das forças armadas, para introduzir drogas neste país e criar uma cultura da droga. O objetivo era destruir a estrutura da unidade familiar. A cultura da droga era o verdadeiro objetivo por trás da Guerra do Vietname.»

Wheeler afirmava ter passado anos em terapia e a ajudar outros sobreviventes do controlo mental dos Illuminati, mas que nunca se conseguira libertar completamente. «Somos continuamente assediados por ameaças externas. Recebemos muitos telefonemas, balas nas janelas, carros empurram-nos para fora da estrada, recebemos cartas, temos pessoas que nos abordam no supermercado e nos ameaçam. Eles fazem-me saber, à sua maneira discreta, que sabem onde estou, o que estou a fazer e o que estou a preparar, e que isto só acaba quando eles disserem que acabou. São

eles que decidem», disse ela.

Segundo Wheeler, o seu condicionamento teria começado antes sequer de ela sair do útero, e foi facilitado por um «Dr. Green», que ela mais tarde ficaria a saber que era o famoso criminoso de guerra nazi Dr. Josef Mengele. «Eles sabiam de A a Z o que queriam fazer com a minha vida e como a queriam estruturar, o que queriam que eu fosse e no que queriam que eu me tornasse. Isto é escravidão. Eu tive de tratar o corpo, a alma e o espírito, porque todas as partes de mim foram violadas. Tenho de lidar continuamente com memórias; com questões espirituais; problemas dentro de mim — da minha programação; como eles me desumanizaram; como eles me envergonharam; como eles me traumatizaram a ponto de eu nem saber quem era, o que era, para onde ia. Eu nem sabia que era uma menina em certos momentos da minha traumatização», explicou ela.

Olhando para o futuro, Wheeler disse: «Acredito que as pessoas vão acordar um dia muito em breve e perceber que a Bolsa de Valores foi ao fundo, que o mundo foi financeiramente esmagado. Vão perceber que os seus alimentos e cereais foram contaminados, que o campo médico foi dominado pela força médica dos Illuminati porque estes se infiltraram em todos os aspetos da nossa vida. Vão perceber que não temos sequer a liberdade de falar pelos nossos filhos, que o governo tem mais a dizer em relação aos nossos filhos do que nós, que pode pegar neles e controlá-los a qualquer momento. Vamos perceber que as igrejas não são o que pareciam ser — que as igrejas foram infiltradas. Não restou nada. Não há nada que não tenha sido tocado pelos Illuminati e pela sua família. [...] Eles já conseguiram isso [...] ao privar-nos dos nossos direitos constitucionais [...] ao criar um governo dentro do governo, como uma caixa dentro de outra caixa. Ao criar a fome, guerras e rumores de guerras, ao privar o povo estado-unidense e o povo canadiano das liberdades que antes eram suas.»

Outros indivíduos vieram a público anonimamente com alegações semelhantes. Uma enfermeira de meia-idade que usa o pseudónimo *Svali* alegava ter escapado aos Illuminati depois de trabalhar durante

anos como programadora e instrutora de alto nível. Seria a autora de algumas das revelações mais pormenorizadas e fascinantes a respeito dos Illuminati modernos.

Svali disse que a mãe e o padrasto eram membros dos Illuminati. Segundo ela, os Illuminati têm seis presidências no seu «conselho de mestres ascensos»: Ciências, Governo, Liderança, Erudição, Espiritual e Militar. Segundo ela, a mãe pertencia a um conselho regional da área de Washington, D. C., na qualidade de presidente espiritual.

A partir de 2000, *Svali* iniciou um *site* mensal na Internet dedicado aos sobreviventes do abuso ritual dos Illuminati. Este esforço público levou o editor da CentrExNews.com, H. L. Springer, a entrar em contacto com ela e organizar uma entrevista em dezoito partes, na qual ela pormenorizou a organização de um grupo de Illuminati, que, segundo ela, podia ser encontrado em todas as grandes cidades dos Estados Unidos. «Estou convencido de que ela é genuína», escreveria Springer mais tarde. «Retransmiti-lhe pessoalmente várias mensagens de *e-mail* de outros membros — pessoas vítimas de abuso ritual, lavagem cerebral, violação, abuso sexual, é só escolher —, alguns deles confirmando a história dela. Como tal, não tenho absolutamente nenhuma dúvida de que a *Svali* faz parte dos Illuminati desde a infância.»

Svali explicou que os Illuminati estão envolvidos numa fé luciferiana conhecida como «iluminação». Ensina aos seus seguidores que as suas raízes remontam às antigas religiões dos mistérios da Babilónia, Egito e druidismo celta. «Eles pegaram no que consideram o “melhor” de cada uma, as práticas fundacionais, e juntaram-nas numa disciplina fortemente ocultista. Muitos grupos, ao nível local, adoram divindades antigas como El, Baal e Astarte, assim como Ísis, Osíris e Set. [...] Eu sei que essas pessoas ensinam e praticam o mal», afirmou ela.

Num aparte interessante, foi anunciado que na primavera de 2016 seria construída uma reprodução de um Templo de Baal na Times Square de Nova Iorque e outra na Trafalgar Square de Londres. As

reproduções do arco de quinze metros que formava a entrada do templo seriam alegadamente uma homenagem à estrutura de dois mil anos destruída na cidade síria de Palmira pelo Estado Islâmico [ISIS] em 2015, enfurecendo estudiosos de todo o mundo. Todavia, depois de o projeto do referido templo ser divulgado nos média, observou-se que, de acordo com a Bíblia (Jeremias 19:46), o Templo de Baal era o local onde crianças eram sacrificadas pelo fogo. A oposição pública cresceu, levando a uma mudança de planos: as reproduções seriam do Arco do Triunfo de Palmira, também destruído por fanáticos muçulmanos. O autor e editor cristão Michael T. Snyder atribuiu esta surpreendente mudança de planos à reação pública negativa. «Não devemos, é claro, subestimar as orações do povo de Deus. Assim que esta história se tornou viral, cristãos de toda a América começaram a rezar contra este arco. Por experiência pessoal, sei que as orações de homens e mulheres justos são extremamente poderosas, e talvez nunca venhamos a saber o impacto que tiveram nesta situação. Como tal, celebremos esta vitória, mas entendamos também que o que este país tem pela frente não vai mudar fundamentalmente, a menos que se dê um genuíno arrependimento. Porque, embora um monumento a Baal não venha a ser erigido na cidade de Nova Iorque no mês que vem, enquanto nação, continuamos a seguir os caminhos de Baal.»

A delatora *Svali* descreve os Illuminati modernos como um sádico culto satânico liderado pelas pessoas mais ricas e poderosas do mundo. Segundo ela, a Ordem está cheia de homossexuais e pedófilos e os Illuminati trabalham em conjunto com a CIA e a Maçonaria para controlar o tráfico mundial de drogas, armas, pornografia e prostituição. Acusá-los-ia mesmo de ser o poder por trás do assassinio político e do «terrorismo», incluindo os acontecimentos de 11 de setembro de 2001. «O testemunho corajoso de *Svali* explica por que motivo os nossos filhos já não aprendem valores cívicos, por que motivo estão a ser habituados à homossexualidade e à violência e por que motivo a nossa “cultura” está a descer ao niilismo e à depravação sexual», comentou um

investigador.

Svali disse não ser verdade que Adam Weishaupt fundou os Illuminati na Alemanha em 1776. «[Eles] escolheram-no como figura de proa e disseram-lhe o que escrever. Os financeiros, que remontam aos banqueiros dos tempos dos Cavaleiros Templários que financiaram os primeiros reis da Europa, criaram os Illuminati. Weishaupt era o “mandarete” deles, quem fazia o que eles queriam», afirmou.

Relativamente à crença dos Illuminati na «iluminação», *Svali* explicou que: «existem 12 etapas, também conhecidas como “as 12 etapas da disciplina”, e eles também ensinam a viajar no plano astral, as viagens no tempo e outros fenómenos metafísicos. As pessoas fazem-no realmente ou é uma alucinação induzida por drogas? Não sei dizer. Vi coisas que acredito não poderem ser racionalmente explicadas quando estava neste grupo, coisas que me assustaram, mas só posso dizer que podia ser uma combinação de um culto de controlo mental, consumo de drogas, hipnose e alguma atividade demoníaca genuína. Quanto de cada, não consigo sequer imaginar. Mas sei que estas pessoas ensinam e praticam o mal.

Nos níveis mais altos, o grupo já não é uma questão de gente com túnicas a cantar à volta de fogueiras. Os conselhos da liderança têm administradores que tratam das finanças (e, acredite em mim, este grupo ganha muito dinheiro. Só isso seria suficiente para o manter, mesmo que o resto não passasse de tretas religiosas). Os níveis de liderança incluem empresários, banqueiros e líderes das comunidades locais. Eles são inteligentes, instruídos e ativos nas suas igrejas. Acima dos conselhos de liderança locais estão os conselhos regionais, que dirigem os grupos abaixo, ajudam a definir as políticas e agendas de cada região e interagem com os conselhos de liderança locais.»

Ela disse que os Illuminati são internacionais e financiados por pessoas ricas. À semelhança dos Illuminati da Baviera, a palavra de ordem é o sigilo. «A primeira coisa que uma criança aprende com a “família”, ou a “Ordem”, como lhe chamam, é que “A primeira regra da

Ordem é o sigilo”. É por isso que não se ouve falar de mais sobreviventes que tenham escapado», explicou ela. «O que este grupo está disposto a fazer para aterrorizar os seus membros e mantê-los calados é inacreditável. [...] Experimente ser enterrado num caixote de madeira durante um período de tempo (pode ser alguns minutos, mas para uma criança de quatro anos é uma eternidade) e, então, quando a tampa é levantada, dizerem-lhe: “Se alguma vez abrires a boca, metemos-te aí dentro para sempre.” A criança grita histericamente que NUNCA, NUNCA [ênfase no original] contará nada a ninguém. Eu era essa criança e agora estou a quebrar essa promessa feita sob coação psicológica. Porque não quero que outras crianças passem pelo que eu passei, ou vi fazer a outras.» *Svali* apresentou a seguinte imagem dos atuais empreendimentos dos Illuminati:

Os Illuminati estão presentes em todos os grandes centros metropolitanos dos Estados Unidos. Dividiram os EUA em sete grandes regiões, e cada uma tem um conselho regional, ao qual respondem os chefes dos conselhos locais. Eles reúnem-se de dois em dois meses e em ocasiões especiais. [...] Também têm excelentes advogados que são bem pagos para ajudar a encobrir o seu rasto. Também há pessoas nos média pagas de modo a impedir que certas histórias sejam publicadas. Sei de três pessoas em São Diego que trabalhavam para o *Union Tribune* e eram fiéis iluministas, e que também escreviam artigos frequentes em que atacavam os terapeutas locais que trabalhavam com sobreviventes de AR (abuso ritual). Lembro-me de a liderança se gabar de ter «corrido com fulano-de-tal da cidade» por causa de um ataque nos média, e estavam muito contentes com isso.

Os Illuminati acreditam no controlo de uma área por meio dos seus bancos e instituições financeiras (adivinha quantos pertencem a direções bancárias? Não lhe passa pela cabeça). Governo local: adivinha quantos são eleitos para os conselhos municipais locais? Direito: as crianças são incentivadas a seguir direito e medicina. Os média: outras são encorajadas a seguir jornalismo e os membros ajudam a financiar jornais locais.

Segundo *Svali*, os líderes dos conselhos nacionais dos Illuminati respondem a um Conselho Mundial Supremo, que não é mais do que um protótipo daquele que governará quando a Nova Ordem Mundial for instaurada. «Ele reúne-se regularmente para discutir finanças, direção, política, etc., e resolver as dificuldades que surgem», disse

ela. «Mais uma vez, estes líderes são chefes no mundo financeiro, dinheiro antigo da banca. A família Rothschild na Inglaterra, e em França, ocupa lugares decisórios. Um descendente da dinastia Habsburgo ocupa um lugar há gerações. Outro das famílias reais de Inglaterra e França tem um lugar há gerações. A família Rockefeller nos EUA ocupa outro.» Acrescentou que a liderança dos Illuminati acredita descender de linhagens reais, bem como de um legado oculto ininterrupto. Explicou a estrutura de controlo no interior dos Illuminati do seguinte modo:

Tanto quanto sei, os descendentes de Hanôver/Habsburgo dirigem na Alemanha o Bruderheist. Também são considerados uma das linhagens mais fortes em termos do oculto. A linhagem britânica encontra-se logo abaixo deles, com a família real. Definitivamente, eles dirigem o ramo britânico sob o reinado oculto dos Rothschild, embora, às claras, seja o parlamento que governa o país. Em França, mais uma vez, descendentes das famílias reais também se encontram ocultos no poder, mas os Rothschild franceses mantêm o domínio sobre todos eles. Os EUA são considerados um ramo inferior e mais jovem do que os europeus. É por isso que os filhos dos líderes são SEMPRE enviados para a Europa como parte da sua formação: a educação é considerada melhor e as famílias americanas querem renovar a sua afiliação com os antepassados europeus [Bill Clinton, do Arkansas, recebeu uma bolsa da Fundação Rhodes para frequentar a Universidade de Oxford].

As revelações mais chocantes de *Svali* dizem respeito a um colapso económico próximo, seguido de lei marcial em algumas partes dos Estados Unidos. Segundo ela, cada região do país possui recintos e bases militares ocultas em áreas remotas e isoladas ou em grandes propriedades privadas. «Essas bases são usadas intermitentemente para ensinar e treinar gerações de Illuminati em técnicas militares, combate corpo a corpo, controlo de multidões, uso de armas e todos os aspetos da guerra militar. Porquê? Porque os Illuministas acreditam que o nosso governo, como o conhecemos, e os governos da maioria das nações do mundo estão destinados a entrar em colapso», escreveu ela, acrescentando que serão colapsos planeados e terão lugar das seguintes formas:

Os Illuminati planearam primeiro um colapso financeiro que fará a Grande Depressão parecer um piquenique. Isso irá acontecer por meio de manobras dos

grandes bancos e instituições financeiras do mundo, da manipulação de ações e de alterações nas taxas de juro. A maioria das pessoas ficará endividada com o governo federal por meio de dívidas bancárias e de cartões de crédito, etc. Isto causará um pânico financeiro generalizado, que ocorrerá simultaneamente em todo o mundo, visto que os Iluministas acreditam firmemente no controlo das pessoas através das finanças.

Não parece agradável, pois não? Não sei a data exata para tudo isto e nem gostaria de adivinhar. A boa notícia é que, se alguém estiver livre de dívidas, não deve nada ao governo nem tiver contraído empréstimos e puder ser autossuficiente, pode sair-se melhor do que a maioria. Eu investiria em ouro, não em ações, se tivesse rendimentos para isso. O ouro vai voltar a ser o padrão mundial e os dólares não servirão para nada (lembra-se de como foi depois da Guerra Civil? O nosso dinheiro valerá tanto como o dinheiro confederado após o colapso).

Em seguida, dar-se-á uma aquisição militar, região por região, quando o governo declarar o estado de emergência e a lei marcial. As pessoas terão entrado em pânico, a anarquia há de reinar na maioria das localidades e o governo justificará a sua atitude como necessária para controlar os cidadãos em pânico. Os líderes militares treinados pelo culto e as pessoas sob a sua direção usarão armas e técnicas de controlo de multidões para implementar este novo estado de coisas. [...] Bases militares serão montadas em cada localidade (na realidade, elas já existem, mas são secretas). Durante os próximos anos, elas hão de ser reveladas. Cada localidade terá bases e líderes regionais aos quais terá de prestar contas. A hierarquia refletirá de perto a atual hierarquia secreta.

Svali disse também que as Nações Unidas foram criadas para ajudar a ultrapassar uma das maiores barreiras a um governo mundial: o nacionalismo ou orgulho nacional. Todavia, após o colapso global, serão os líderes dos Illuminati, e não a ONU, que governarão a Nova Ordem Mundial.

Ela deixou igualmente bem claro que a agenda dos Illuminati não é uma conspiração judaica. «Sim, existem alguns judeus muito poderosos neste grupo. Por exemplo, a família Rothschild literalmente administra o império financeiro na Europa (e indiretamente nos Estados Unidos) e é uma família judia bem conhecida. Também conheci pessoas cujos pais eram comerciantes judeus de diamantes, no grupo e em todos os níveis. Mas, para chegar ao poder nos Illuminati, um judeu seria forçado a renunciar à sua fé e a entregar a sua lealdade a Lúcifer e às crenças dos Illuminati», explicou ela. Acrescentou ainda: «Todavia, eu sempre perguntei a mim mesma por

que motivo algumas das famílias financeiras mais bem posicionadas no grupo [...] são judias, quando o grupo advoga o ódio à raça judaica.» Isto pode ser porque os sionistas dedicados, em grande parte asquenazes, desprezam os judeus ortodoxos, que se opõem largamente ao sionismo.

Segundo *Svali*, os Maçons e os Illuminati trabalham em conjunto. «Quero lá saber se isto pisar alguns calos; é um facto. O templo maçónico de Alexandria, Virgínia (a própria cidade recebeu o nome da cidade egípcia e é um viveiro de atividade illuminati), é um centro de erudição e ensino dos Illuminati na área de Washington, D. C. Levavam-me lá regularmente para testes, para subir de nível, para estudar e para cerimónias superiores. Os líderes deste grupo maçónico também eram iluministas. Isto aplica-se a todas as grandes cidades em que vivi. Os maçons de topo também eram os iluministas de topo.» Mas ela explicou que nem todos os maçons são Illuminati. «Especialmente nos níveis mais baixos, acredito que eles não sabem nada sobre as práticas que têm lugar a meio da noite nos templos maiores. Muitos são provavelmente bons empresários e cristãos. Mas nunca conheci um do 32.º grau ou superior que não fosse Illuminati, e o grupo ajudou a criar a Maçonaria como uma “fachada” para as suas atividades.»

Svali descreveu os Illuminati como um grupo «muito político e traiçoeiro, uma mentalidade de “vale tudo”; todos querem subir. NÃO se trata de gente simpática e eles usam e manipulam os outros cruelmente. São capazes de arrancar os próprios dentes em troca de estatuto, poder e dinheiro. Nunca divulgam abertamente a sua agenda ou atividades de culto, e é com frequência que se mostram amnésicos nesse campo. Trata-se de respeitados líderes aparentemente “cristãos” da comunidade. A imagem na comunidade é muito importante para um iluminista; eles fazem o que for preciso para manter uma fachada normal e respeitada e DETESTAM [ênfase no original] ser o centro das atenções». A cultura *pop* — especialmente a TV e o *rock* — é usada como uma ferramenta para influenciar as massas, disse *Svali*. «Não pode criar uma mudança

total de personalidade no cidadão comum, mas pode dessensibilizar-nos cada vez mais e levar-nos à violência, à pornografia e ao ocultismo, e influenciar a percepção das crianças pequenas.» Ela disse também que os Illuminati mantiveram o seu segredo intacto porque o público simplesmente se recusa a acreditar que isto possa estar a acontecer. «Sou [agora] uma cristã forte, e no Apocalipse diz que, pouco antes da segunda vinda de Jesus, as pessoas estarão a comportar-se como se nada tivesse acontecido, como se tudo fosse normal, apesar das provas em contrário», disse ela. «Podíamos mostrar às pessoas um vídeo de um ritual e elas haviam de dizer: “Tem de ser falso; as pessoas simplesmente não fazem estas coisas.” Podíamos mostrar-lhes um lugar com pentagramas, ossos enterrados e outras evidências, e elas diriam: “Oh, isso são só adolescentes a divertir-se.” [...] Podíamos mostrar-lhes as cicatrizes no corpo de um sobrevivente, de queimaduras de cigarro na infância, e velhas marcas de chicotadas que cicatrizaram nas costas, e a pergunta seria: “Tem a certeza de que não foram autoinfligidas?”

As provas estão lá, mas, na minha opinião, a pessoa comum não quer saber e, mesmo quando confrontada com elas, prefere olhar para o outro lado. O caso Franklin [um escândalo de 1988 que envolveu abuso infantil, satanismo e homicídio no Nebraska] é um exemplo. Quantas provas foram divulgadas? Ou os documentos do MK-Ultra [o programa de controlo mental da CIA] aos quais foi retirada a confidencialidade, que foram apresentados como sendo reais e as pessoas ignoram-nos. [...] Nós, como seres humanos, queremos acreditar no melhor da nossa raça, não no pior.»

Outro delator anónimo vindo do interior da elite entrou no fórum AboveTopSecret no outono de 2008 com o avatar *Hidden Hand* (Mão Oculta). Este *Hidden Hand* afirmou ser membro da «Família», um grupo de elitistas alinhados com extraterrestres. São alternadamente chamados Illuminati, Nephilim, Custodians, Watchers e Advanced Beings, e todos são produto de distintas linhagens que transmitiram riqueza e poder ao longo das gerações.

«Sou um membro geracional de uma Família da Linhagem

Reinante», afirmou *Hidden Hand*. «A nossa linhagem pode ser seguida até para lá da Antiguidade. Desde os primeiros tempos da vossa “História” registada e mais além, a nossa Família tem estado a “dirigir” a “peça” nos bastidores, de uma forma ou de outra. Antes da ascensão e queda da Atlântida (sim, foi sem dúvida perfeitamente real). Nós “nascemos para liderar”. Faz parte dos desígnios do paradigma atual. [...] Existem 13 linhagens originais “básicas” ou “nucleares”. Todavia, existem muitas, muitas outras linhagens que brotam delas, assim como os rios dos oceanos. Se imaginarem as 13 linhagens originais como cores primárias, que podem ser misturadas para criar uma vasta gama de outras cores, terão alguma compreensão. Mais uma vez, não existe concorrência, apenas família.»

Hidden Hand também contradisse a crença do autor britânico David Icke de que esta família estava cheia de criaturas reptilianas. «É claro que não somos reptilianos», afirmou. «E não existe nada de remotamente reptiliano nas Linhagens do Verdadeiro Poder.» Afirmou também que a realeza britânica não é a linhagem mais poderosa. «Existem outros acima destas linhagens na hierarquia», explicou. «Não haveis de saber os nomes dessas linhagens.» Icke explicava que o criador dos Illuminati não é o «diabo» nem «Satanás», mas sim «Lúcifer, o Portador da Luz». Trata-se na realidade de uma alma «coletiva» ou «Complexo de Memória Social». «Nós (as nossas Famílias da Linhagem), enquanto Alma Coletiva ou Complexo de Memória Social (Lúcifer), estávamos à beira da Ascensão da Sétima Densidade, embora neste nível, antes da Colheita, tenhamos a opção de progredir mais alto ou voltar para ajudar outras pessoas de densidades mais baixas na sua própria evolução, transmitindo o nosso conhecimento e Sabedoria (Luz) àqueles que nos pedem ajuda, com o seu próprio Livre-Arbítrio», disse ele. Observou que, sem a polaridade, opostos derivados do Livre-Arbítrio, existe apenas a Unidade de Amor e Luz, e nenhuma opção para experienciar algo diferente. «Como tal, nós [a alma coletiva luciferiana] devíamos ser o Catalisador da mudança, a fim de permitir essa escolha, trazendo

assim a polaridade. Yahweh [a divindade dos antigos Israelitas] concordou que apresentássemos o conceito do Livre-Arbítrio aos habitantes da Terra, oferecendo-lhes uma escolha inicial, se eles a “queriam” ou não. Daí, a Árvore do Conhecimento do “Bem e do Mal” (ou mais precisamente, o conhecimento da Polaridade, do Positivo ou Negativo). Yahweh leva os seus habitantes para um novo “jardim” e diz-lhes que podem fazer tudo o que quiserem, exceto uma coisa, criando assim o desejo de fazer a única coisa que lhes é dito não poderem fazer. Ou seja, uma “Escolha”. Nós providenciamos o Catalisador ao explicar-lhes os benefícios da obtenção do conhecimento, eles comem da árvore e o resto é história.» *Hidden Hand* também explicava o estado atual da humanidade e avisava:

O pensamento é energia criativa, concentrada. Recebemos exatamente aquilo que oferecemos. Porque é que vos parece que os média são tão importante para nós? Vocês (enquanto sociedade), no vosso estado de coma hipnotizado, têm dado o vosso consentimento ao estado em que o vosso planeta se encontra hoje. Saturam a vossa mente com os pratos doentios servidos nas televisões nas quais estão viciados, violência, pornografia, ganância, ódio, egoísmo, incessantes «más notícias», medo e «terror». Quando foi a última vez que pararam, pensaram em algo bonito e puro? O planeta está como está por causa dos vossos pensamentos coletivos a respeito dele. Vocês são cúmplices na vossa inação, sempre que «olham para o outro lado» quando veem uma injustiça. O vosso «pensamento» para o Criador ao nível subconsciente da criação é a vossa permissão para que estas coisas aconteçam. Ao fazer isso, estão a servir o nosso propósito. É muito importante para nós que a Polarização deste planeta seja Negativa por altura da Grande Colheita. Isto significa um Serviço do Eu, em oposição ao Serviço dos Outros, que é Positivo. Nós precisamos de uma Colheita Negativa, e vocês estão a fazer um bom trabalho ao ajudar-nos a atingir o nosso objetivo. Estamos muito gratos.

Questionado sobre o papel que Deus desempenha no esquema dos Illuminati, *Hidden Hand* respondeu:

A religião é de facto criada ou, pelo menos, fortemente influenciada por nós. Não existe «deus». «Deus» é um conceito humano, que é um mal-entendido do conceito original de «Criador». Isto torna-se ainda mais confuso porque existem muitos Criadores de nível macrocósmico, ou Logos. [...] «Deus» implica alguma entidade separada que se encontra «fora» de nós, à qual devemos suplicar e adorar. O nosso Criador Infinito Único, e quase todos os nossos Logos e sub-Logos, não quer a vossa adoração. Eles querem que vocês entendam a Criação, e o vosso lugar nela, como

Cocriadores. Em última instância, existe um «Ser Supremo», na forma do Criador Infinito Único, mas todos somos parte d'Ele, e não seus súbditos. Nenhum dos nomes dados a este «Ser Supremo» pelas vossas religiões é o nome verdadeiro, mas elas não deixam de estar certas, visto que existe um Ser Supremo, ou seja, o Criador Infinito. Elas apenas têm conceitos diferentes d'Ele, que derivam dos textos nos quais a sua religião se baseia. Não «adorem» o vosso Infinito Criador, antes vivam num estado de Graças e de Serviço a Ele, por vos ter trazido à Existência, e por este incrível Jogo que Ele Criou, no qual podemos esquecer quem realmente somos, a fim de nos recordarmos e reconhecermos de novo como o Criador.

Os *posts* de *Hidden Hand* foram compilados e publicados por Michael E. Salla, fundador do Exopolitics Institute, que estuda a política do impacto da vida extraterrestre na humanidade. Em 2004, Salla foi afastado do seu cargo no Center for Global Peace da American University de Washington em virtude das suas investigações sobre óvnis. Salla interpretou as comunicações de *Hidden Hand* como uma sugestão de que existe uma «alma coletiva luciferiana que se encontra ativa na nossa Galáxia e que estabeleceu poder não só no nosso planeta, mas em outros mundos. Os mundos reptilianos sob a influência da Família, ou entidade luciferiana, seriam tão manipulados como o nosso por linhagens extraterrestres».

«Isto parece estranhamente semelhante à saga da *Guerra das Estrelas*, em que um grupo de entidades espirituais das trevas chamadas Sith se infiltra secretamente e apodera de organizações políticas e espirituais da Galáxia», observou Salla. «Se *Hidden Hand* e os seus pares luciferianos pertencem a algo semelhante aos Sith, existirá um equivalente positivo semelhante aos Cavaleiros Jedi? É assim que *Hidden Hand* descreve o equivalente moderno dos Cavaleiros Jedi — uma “Família” de polaridade positiva.»

De acordo com *Hidden Hand*, todas as crianças nascidas em famílias illuminati são cuidadosamente educadas nas áreas militar, governamental, espiritual, académica, da liderança e das ciências. «[Nós] ocupamos posições-chave em todas essas principais áreas de importância», disse ele. «Com a adição de uma máquina mediática cúmplice e a propriedade das vossas instituições financeiras, todas as bases estão cobertas.» Após os *posts* de *Hidden Hand*, o *site*

AboveTopSecret depressa se encheu de gritos de «Embuste!» e «desinformação». Mas, depois de estudar os longos diálogos com *Hidden Hand*, Salla concluiu: «Na minha opinião, é uma revelação genuína de um membro pertencente a uma organização chamada “A Família” que possui membros humanos e extraterrestres. A Família tem estado secretamente envolvida no governo da Terra e de outros planetas por meio de elites altamente posicionadas em instituições políticas e sociais importantes.»

Outro alegado desertor bem posicionado nos Illuminati é Leo Lyon Zagami, um ex-grão-mestre da Ordo Illuminatorum Universalis (Ordem Universal dos Illuminati), com sede em Florença, Itália, e considerado por alguns como o lado bom dos Illuminati no Vaticano. Zagami é um ex-membro do Comitato Esecutivo Massonico (Comissão Executiva Maçónica) de Monte Carlo e um maçom do 33.º grau. Era um membro superior da infame Loja P2, que na década de 1980 foi denunciada como uma organização sediciosa que envolvia figuras ligadas aos Maçons, ao Vaticano e à CIA, e tentava criar um estado fascista em Itália. Zagami afirmava descender de uma linhagem aristocrática escocesa-siciliana dos Illuminati e esteve envolvido na Ordem Illuminati desde a infância.

Em 2016, Zagami publicou um livro intitulado *Confessions of an Illuminati*, no qual descrevia rituais, ritos e a sua perspetiva da «teia de engano e controlo total do mundo». Afirmava que a sua confissão era «uma tentativa de trazer à luz uma realidade infelizmente considerada inexistente pela maioria, e até mesmo objeto de escárnio dos chamados académicos, frequentemente controlados e manipulados pelas próprias sociedades secretas, que conseguem silenciar a verdade na fonte, em nome da elite». Descrevia «os grupos de poder ocultos e milenares constituídos por sociedades mais ou menos secretas, que governam o mundo desde o início da civilização».

«De facto, embora seja verdade que a Ordem dos Illuminati da Baviera, criada por Adam Weishaupt, aparentemente teve uma vida breve entre os sistemas ocidentais de iniciação, é igualmente verdade

que era apenas mais uma representante da mesma escola de mistério de tempos idos, uma escola de pensadores “iluminados”, que existe desde os dias da lendária Atlântida e estava presente na Escola de Mistérios do Egito, a chamada “Escola do Olho Direito de Hórus” em Alexandria, Egito», escreveu ele. «Foi confirmado por muitos historiadores e estudiosos da Maçonaria que, nas décadas seguintes ao desaparecimento oficial dos Illuminati da Baviera, muitas outras células desta organização foram de tempos a tempos reativadas na Maçonaria, mas raramente se denominando de acordo com a tradição de Weishaupt. Nos EUA, temos a Skull and Bones, criada na prestigiada Universidade de Yale em 1832, e o Bohemian Club na Califórnia, fundado em 1872, para evitar a perseguição pelo crescente movimento antimacônico nos EUA.»

Zagami referia que em 1973 tivera lugar em Liège, na Bélgica, um importante Congresso do Sínodo Mundial dos Bispos da Sucessão e Comunhão Gnósticas. Ali se reuniram representantes de algumas das muitas organizações derivadas dos Illuminati. Zagami apresentava uma lista desses grupos pouco conhecidos:

- O Mosteiro dos Sete Raios
- A Ecclesia Gnostica Spiritualis
- O Rito de Memphis Misraim
- A Ecclesia Gnostica Ophitica
- A Federação Martinista Universal de Iniciados
- O Rito Gnóstico Albigense do Haiti
- Os Cristãos Gnósticos e Mágicos
- A Ontologia Gnóstica e Teúrgica
- O Rito Esotérico da Rose-Croix
- A Igreja da Mandala de Giordano Bruno
- A Fraternitas Hermetica
- O Sínodo Americano dos Bispos Gnósticos
- A Igreja Alquimista QBLH [Cabalística]
- A Ordem Martinista dos Iniciados Rose-Croix e Adelphe
- O Sinuário Interior dos Elus Cohens

- A Irmandade Gnóstica Naasseniana de Iniciados e Adeptos.

Zagami referia que não é clara qual a ligação que estas organizações possam ter com os Illuminati da Baviera, visto que a maioria era desconhecida antes de 1973. Também ilustrava como algumas organizações ocultistas podem ser infiltradas e levadas a seguir diferentes direções. Segundo ele, apenas alguns meses após o congresso de 1973, «vários membros do Mosteiro dos Sete Raios adotaram a Lei de Thelema de [Aleister] Crowley [...] [que] é o momento-chave para a conversão secreta de um mosteiro católico localizado em Espanha numa seita mágica homossexual». Zagami atribuía esta alteração a Michael P. Bertiaux, um ex-ministro episcopaliano de Seattle que estabeleceu uma igreja vodu e era um membro de longa data da Ordo Templi Orientis Antiqua, uma ordem gnóstico-mágica pseudoiniciática alegadamente fundada no Haiti em 1921. Zagami dizia que os ensinamentos de Bertiaux eram derivados de «fontes gnósticas, Bon'pa [uma seita tibetana], tântricas, vodu, cabalísticas e até extraterrestres».

A seguinte explicação do iluminismo moderno era apresentada por Zagami:

As seitas illuminati que operavam nos círculos da magia oculta e sexual uniam pessoas que vão desde o ex-terrorista ao católico fundamentalista, prontas para manipular seitas, novas religiões, segredos de Estado e qualquer outra coisa a que possam deitar a mão para obter lucro e poder. *Os dois grandes intervenientes, o Vaticano de um lado e o lóbi judeu do outro, jogam diariamente uma partida de xadrez com o destino de toda a humanidade* [ênfase no original]. [...] Muitas das seitas da rede illuminati [...] usam o ocultismo para enriquecer à custa dos pobres e ignorantes que caem na sua armadilha. Há também aqueles imersos em práticas demoníacas, as quais, em alguns casos, levam os adeptos a promover o sacrifício humano. Embora sejam uma minoria, as organizações deste tipo (as que praticam sacrifícios humanos) são geralmente constituídas por membros muito influentes da alta sociedade, pessoas que nunca serão processadas por atos tão horríveis.

No seu livro denso e minucioso, Zagami designava Aleister Crowley e a sua O. T. O. como um ponto de convergência do misticismo dos Illuminati, e explicava que nas publicações do dito Crowley «encontramos as iniciais A. A., de acordo com o costume

maçónico de abreviar certas palavras com as suas iniciais, seguidas de três pontos dispostos num triângulo equilátero». Segundo ele, estas iniciais representam uma «seita ultrassecreta de poderosos telepatas conhecidos como Argentium Astrum ou Estrela de Prata de Sirius [...] porque está ligada às próprias origens da nossa espécie: os Annunaki».

Outra delatora dos Illuminati, que alguns consideram simplesmente uma ex-mulher descontente, é Katharine «Kay» Griggs, uma cristã devota que foi casada durante onze anos com o coronel da Marinha dos EUA George Raymond Griggs. Ela alega ter ouvido o marido falar, geralmente quando estava bêbado, de esquadrões militares homicidas, tráfico de drogas, venda ilegal de armas e perversões sexuais — tanto entre os militares como no governo federal — ligadas a sociedades secretas.

«Tornei-me uma delatora e recebi ameaças de morte», explicou Griggs numa entrevista. «Por razões de segurança, acabei por ir viver com a Sarah [McClendon], líder do Corpo de Imprensa da Casa Branca, que esteve com todos os presidentes desde FDR, passou pelos serviços de informações e também era filha de um advogado do Texas.» Depois do 11 de Setembro, da guerra no Iraque, dos atentados bombistas de Londres e do medo do terrorismo, ela acrescentaria que «o povo americano está pronto e disposto a ouvir a verdade».

«O meu ex-marido, George, que é um assassino treinado, chama às pessoas com quem está envolvido os membros da Firma ou da Irmandade. Quem faz parte do bando está acima da lei e literalmente pode escapar impune, até de um homicídio. Durante anos, principalmente quando estava a beber, contou-me como ele e outros membros daquele grupo militar de elite matavam pessoas», disse Griggs, que referiu vários nomes de destaque como responsáveis por perversão sexual, assassinio, lavagens ao cérebro e controlo mental. Segundo ela, todas estas atividades contam com a sanção, participação e tolerância de um grupo da elite militar e política que segue os mesmos princípios dos Illuminati.

Disse também que o ex-marido afirmara que A Irmandade contém muitos membros de sociedades secretas, como a Cap and Gown de Princeton e a Skull and Bones de Yale. Em entrevistas, Griggs revelaria que os membros da Irmandade operam num mundo de traição, logro, mentira, homicídio, tráfico de drogas, escravidão sexual e venda ilegal de armas, tudo em nome da formação de uma Nova Ordem Mundial. «De um modo geral, são filhos de alemães de primeira geração, principalmente os que mandam nas coisas das forças armadas por meio de estreitas amizades feitas na Europa e em academias militares. As Psyops [operações psicológicas] são um grupo de controlo e o Paul Wolfowitz [ex-vice-secretário da Defesa e presidente do Banco Mundial] é uma figura-chave, assim como os muitos sionistas deste lado do Atlântico.

Quanto ao número de pessoas envolvidas nestas sociedades secretas, é difícil dizer. Mas baseiam-se em velhas amizades, relações dos tempos da faculdade e dos colégios, que encobrem segredos e perversões sexuais. O meu marido falou-me de todos os rituais sexualmente pervertidos, como sexo anal e oral em caixões durante festas de bebedeira e corridas em pelo na floresta no Bohemian Grove», acrescentou ela, descrevendo estes membros como «um grupo muito, muito pequeno e bastante homogeneizado de sionistas existencialistas e socialistas. Em suma, nazis que vieram para os EUA quando Hitler, o seu menino, se virou contra eles em 1933.

Depois do que ouvi todos aqueles anos e colocando-o agora em perspetiva depois do 11 de Setembro, acho que eles estão a tentar destruir a América. Para eles, é tudo uma questão de guerra, venda de armas e criação de uma sociedade militarista. Sei em primeira mão porque o ouvi do meu marido que eles farão qualquer coisa — qualquer coisa, incluindo homicídio — para conseguir o que querem.»

Com base em conversas que ouviu entre o marido e outras pessoas, Griggs disse: «Tenho a certeza de que o 11 de Setembro foi uma operação militar conjunta e combinada, com recurso a rapazes recrutados pela rede israelita de A[bdul] Q[adeer] Khan no Paquistão

e na África do Sul por intermédio de sionistas em Hamburgo. Acredito que certos sionistas britânicos do MI6 [...] também estariam envolvidos no financiamento e no recrutamento desses indivíduos. Foi uma operação grande cuja montagem foi demorada e envolveu muitos sionistas da CIA e muito dinheiro de origem duvidosa.»

Após várias entrevistas, Kay Griggs desapareceu dos radares e, em meados de 2016, a questão de ela ainda estar viva ou não continuava a ser tema de controvérsia na Internet.

Têm surgido outras pessoas, sempre anónimas, que alegam pertencer aos Illuminati e as suas revelações variam desde o ridículo ao sublime.

Uma delas, nunca identificada, mas cuja história foi repetida em vários *sites*, era um homem que contava como tinha sido recrutado quando ainda era estudante em Harvard, no início da década de 1960. «Fui membro dos Illuminati durante 47 anos. Fui recrutado aos 19», afirmava ele. «A informação que estou prestes a partilhar é muito reveladora e muito perigosa. Sou uma das sete pessoas na história dos Illuminati que efetuaram o “Ritual de Partida”. Percebi que tinha de sair quando algo me foi revelado numa reunião em junho de 2010. Durante anos, alinhei com as crenças, motivos e ações dos Illuminati, mas, recentemente, tornou-se demasiado para mim e eu tive de extinguir o meu contrato sagrado.»

Este autodenominado delator falou sobre conspirações que vão ao encontro das opiniões de muitos internautas: voos espaciais secretos, mísseis nucleares em bases lunares, *bunkers* subterrâneos reservados para os mais ricos, Abraham Lincoln teria sobrevivido e passado os seus últimos anos num *bunker* mexicano, os Illuminati teriam provocado o furacão Katrina e o derramamento de petróleo no Golfo do México, Israel é «o grande estado-fantoches dos Illuminati», algumas epidemias (incluindo a gripe espanhola de 1918) foram na realidade projetadas pelos Illuminati, e «cientistas que trabalham para os Illuminati encontraram uma maneira de “desligar” o Sol», destruindo toda a vida na Terra no espaço de nove anos. Até acusou Alex Jones, o popular radialista anti-*establishment*, de ser

secretamente um membro dos Illuminati.

Não obstante toda a imprensa negativa a respeito dos Illuminati, registaram-se algumas tentativas recentes para ressuscitar os aspetos benéficos da antiga Ordem. Uma delas tem o nome de Iluminismo Congressional, exposto numa trilogia intitulada *Spirit Builders* de Tau Palamas, que supostamente usa o nome do monge Gregório Palamas do século XIV, um santo da Igreja Ortodoxa Oriental. Os livros apresentam uma síntese de muitas práticas esotéricas derivadas de uma variedade de práticas ocultistas.

Segundo Palamas, o Iluminismo Congressional é «uma abordagem não hierárquica e não autoritária à espiritualidade. Essencialmente, trata-se de uma organização espiritual sem um sacerdote. Sem grandes cargos, sem dirigentes secretos, sem líder abençoado e sem chefe. O grupo é composto por indivíduos que procuram facilitar o desenvolvimento espiritual de terceiros. Pessoas unidas num objetivo comum de crescimento espiritual e comunhão».

Pelo menos um escritor, com um historial de trabalho credível, ofereceria algum consolo aos sombrios investigadores da conspiração. Benjamin Fulford vê os Illuminati modernos em debandada. Fulford trabalhou no Japão como correspondente da Knight Ridder, da *International Financing Review*, da edição inglesa da *Nihon Keizai Shimbun* e do *South China Morning Post* antes de se mudar para a revista *Forbes*, onde foi diretor do Gabinete Asiático entre 1998 e 2005. Começou então a dedicar-se ao iminente colapso do esquema de controlo mundial dos Illuminati, prevendo uma revisão completa do sistema financeiro global. Segundo ele, os planos dos Illuminati para uma Nova Ordem Mundial estão a implodir, graças às revelações agora disponíveis na Internet e às contramedidas dos chineses ricos da Sociedade do Dragão Branco (White Dragon Society — WDS).

Fulford afirmou que a escalada dos acontecimentos mundiais «levou a família Rothschild, o partido comunista chinês, os Illuminati gnósticos, o Pentágono e outros a enviar representantes para negociar com a Sociedade do Dragão Branco» e que ele, graças ao

seu conhecimento e experiência na Ásia, foi escolhido como porta-voz desta sociedade. Desde então, tem publicado uma série de previsões e análises de acontecimentos que descreve como um plano em curso para quebrar o poder centralizado daquilo a que chamou «sindicato do crime khazariano» ou «nazionistas», uma cabala de nazis, sionistas e da elite abastada da Europa e da América. Segundo ele, a contramedida consiste em desenvolver um novo sistema financeiro global.

«Existem indícios rapidamente crescentes de que o sindicato do crime khazariano que ilegalmente tomou o poder nos Estados Unidos e em muitos países europeus está a ser sistematicamente desmantelado», escrevia ele em 2015. Citava vários fatores que indicavam este desmantelamento da conspiração illuminati, incluindo um parecer do tribunal de Nova Iorque segundo o qual os membros do governo de George W. Bush podiam ser processados e enfrentar acusações criminais (especialmente em relação aos ataques do 11 de Setembro), um membro da família Rothschild interrogado por questões de fraude pela polícia francesa, a morte prematura de mais de uma dúzia de banqueiros da JP Morgan e as repentinas demissões de várias centenas de CEO corporativos nos últimos anos.

«Apesar de todos os números aldrabados, das manobras de fumo e espelhos dos governos ocidentais, o sistema financeiro ocidental (o Conselho da Reserva Federal) já está falido», afirmava ele. «A subsidiária corporativa da Reserva, a United States of America Corporation, liderada pelo “presidente em funções” Barack Obama, tem vindo a divulgar dados financeiros falsos há anos para criar a aparência de que tudo está bem.»

Segundo Fulford, a criação de um Banco Asiático de Investimento em Infraestruturas, juntamente com a recente formação de um banco de desenvolvimento dos BRICS [Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul], constituirá uma alternativa para o atual sistema financeiro dos Illuminati, liderado pelos Rothschild. Todavia, alertava ele, esta jogada está a ser acompanhada por uma grande guerra cibernética. «Uma grande parte está a ser apresentada nos média corporativos

sob a forma de histórias de dados roubados a todos os funcionários federais dos EUA, etc. [...] abundantes provas informais sugerem que a guerra cibernética real está a desenrolar-se entre as redes financeiras mundiais. [...] Nada disto é oficial, mas o facto de os mais de 50 banqueiros que, nos últimos tempos, morreram súbita e misteriosamente serem, na sua maioria, especialistas em TI revela que a guerra cibernética financeira está a extravasar os limites do ciberespaço.»

Para corroborar a referência de Fulford à morte súbita de vários banqueiros, temos um artigo do *site* SecretsOfTheFed.com que, em 2015, apresentava uma lista dos principais banqueiros, bem como cientistas e jornalistas de investigação, que morreram, muitos em circunstâncias invulgares, naquele mesmo ano. «As mortes de 48 banqueiros de alto nível durante o último ano tornam-se ainda mais bizarras em virtude do grande número e das características das mesmas. Quais são as probabilidades de esses banqueiros multimilionários de alto perfil, geralmente descritos como pessoas felizes, se suicidarem da forma mais estranha possível? Estes banqueiros estão a ser mortos para impedir uma ação judicial por parte dos bancos? Todo o nosso sistema monetário não passa de um esquema de Ponzi, os grandes bancos receiam que um delator se chegue à frente e revele toda a corrupção, levando a uma perda de confiança e a um colapso do sistema?», perguntava este *site*.

«O facto é que os BRICS sabem que o tempo está do seu lado, porque os países ocidentais já não têm a base industrial ou de recursos necessária para apoiar o seu domínio mundial. Por outras palavras, já não existe realidade suficiente para suportar a sua ilusão monetária. É por isso que os sistemas económicos e financeiros ocidentais controlados pela máfia khazariana estão a implodir lentamente. Isto pode ser visto na queda dos mercados de ações, dos preços dos produtos básicos, etc., e na desesperada mudança para taxas de juros negativas», explicou Fulford.

«Os Ingleses, os Suíços, os Alemães, os Franceses e o Vaticano já abandonaram os khazarianos e juntaram-se à aliança WDS-BRICS»,

disse Fulford. «O colapso do seu regime global de escravatura da dívida está a acelerar e a sua imunidade nos processos por homicídio em massa está a evaporar-se juntamente com o seu *funny money*³.»

A visão otimista de Fulford encontra um eco em David Wilcock, autor e conferencista da «New Age», que alguns afirmam ser a reencarnação do famoso «profeta adormecido» do início do século xx Edgar Cayce. Wilcock referiu um plano que «tem vindo a ser meticulosamente seguido há pelo menos 300 anos».

«Os problemas económicos, políticos e sociais com os quais atualmente nos debatemos são o resultado de um plano sistematicamente posto em prática desde 1776, com a fundação da Ordem dos Illuminati na Baviera. Este grupo integrou, infiltrou, consolidou e pôs em prática planos que estavam a postos há muito mais tempo. Eles criaram a infraestrutura oculta, o sigilo, a afiliação, a documentação e os projetos necessários para levar a cabo o que esperavam que fosse um domínio global — na esperança de declarar uma Nova Ordem Mundial.»

Wilcock disse que vem tendo há muitos anos centenas de sonhos nos quais vê «uma denúncia e detenção maciças e sem precedentes desta cabala, a um nível mundial, [...] que realmente trará um benefício tremendo, positivo e sem precedentes a toda a humanidade».

Mas também disse que era necessário conquistar a vontade das pessoas de bem para pôr fim ao governo dos Illuminati. Segundo ele, um plano para a detenção em massa dos culpados no governo e no mundo corporativo encontra-se em desenvolvimento desde o golpe de 1963: o assassinio do presidente John F. Kennedy. «Este plano requer a vontade do povo para ser bem-sucedido», explicou. «Caso contrário, os nossos apoiantes nas forças armadas e no sistema de justiça não terão o precedente legal para levar a cabo tais ações. Passados muitos anos, a indignação pública atingiu agora o nível necessário para que a vontade do povo se torne mais do que suficiente para dar esses passos. Elementos dos nossos setores civil e militar já estão fartos — e estão a tomar uma posição. Agentes do

Departamento de Justiça e de outras agências dos EUA efetuarão as detenções, com a assistência de militares — para o caso de distúrbios imprevistos. Ao auxiliar desta forma uma operação civil legal, os militares estarão a seguir o seu juramento: proteger e defender a Constituição dos EUA contra todos os inimigos, estrangeiros e domésticos. Este será um ponto sem retorno para a cabala [...] as detenções em massa gerarão uma situação da qual não há regresso para a cabala. Uma vez exposta a verdade, não haverá mais muros de sigilo atrás dos quais eles se possam esconder. É por isso que estão tão apavorados agora.»

Mas não eram apenas os sistemas financeiros e corporativos que revelavam as maquinações de agentes dos Illuminati em fosse qual fosse a sociedade secreta à qual pertenciam. Wilcock e Fulford viam a influência dos Illuminati infiltrar-se em todas as formas de entretenimento público. «Tanto o espetáculo do intervalo do Super Bowl [XLIV] como a cerimónia dos Grammy Awards de 2016 [...] apresentavam rituais luciferianos flagrantes», escreveu Wilcock.

Outros delatores que alegam ter sido membros dos Illuminati incluem John Todd, Arizona Wilder, Bill Schnoebelen, Joseph «Doc» Marquis, Mark Cleminson e Carolyn Hamlett. Embora de um modo geral não possuam documentação nem provas concretas, as suas histórias são geral e notavelmente consistentes. Todavia, existe uma sociedade secreta conhecida do público, frequentemente referida por autoproclamados iniciados dos Illuminati, que foi definitivamente associada aos Illuminati da Baviera: a Skull and Bones da Universidade de Yale.

SKULL AND BONES

A Skull and Bones é mais do que uma fraternidade. É uma sociedade secreta que evoluiu de um grupo de estudantes seniores da Universidade de Yale. O seu aparato e ritos são tão próximos dos dos Illuminati que há quem acredite tratar-se de uma reencarnação moderna da Ordem. À semelhança dos Illuminati, esta sociedade é

por vezes encarada como um interveniente fundamental nas conspirações globais que visam dominar o mundo. Anualmente, apenas 15 juniores de Yale são selecionados para a Skull and Bones durante o seu último ano. Além de um sigilo extraordinário — os membros da Skull and Bones são obrigados a sair da sala se alguém referir o grupo —, a Ordem tem as suas próprias designações para os membros. O neófito é chamado Cavaleiro, ao jeito de anteriores sociedades secretas, como os Cavaleiros Templários, Cavaleiros de Malta ou Cavaleiros de São João. Uma vez membro de pleno direito, ele passa a ser conhecido como Patriarca e honrado como pai fundador. Os «estranhos» são depreciativamente chamados «gentios» ou «vândalos».

Antony Sutton, autor de *America's Secret Establishment: An Introduction to the Order of Skull & Bones*, referia que os membros ativos da Skull and Bones vêm de um «grupo nuclear de talvez 20 a 30 famílias. [...] Primeiro, encontramos famílias americanas antigas que chegaram à Costa Leste no século xvii, por exemplo, Whitney, Lord, Phelps, Wadsworth, Allen, Bundy, Adams e assim por diante», escreveu ele. «Depois, encontramos famílias que enriqueceram nos últimos cem anos, enviaram os seus filhos para Yale e, com o tempo, tornaram-se famílias quase antigas, como os Harriman, Rockefeller, Payne, Davison.»

O fluxo do poder financeiro nem sempre era canalizado por meio de uma afiliação direta à Skull and Bones. «A Ordem controla a substancial riqueza de Andrew Carnegie, mas nenhum Carnegie alguma vez foi membro da Ordem», escreveu Sutton. «A Ordem usou a riqueza dos Ford tão flagrantemente contra a vontade da família Ford que dois Ford se demitiram da direção da Ford Foundation. Nenhum Ford foi membro da Ordem. O nome Morgan nunca constou das listas de membros, embora alguns dos sócios da Morgan façam parte do núcleo interno, por exemplo, [Henry P.] Davison e [John] Perkins.»

Esta ordem, uma ordem fraternal extremamente secreta que, aparentemente, apenas existe em Yale, tem sido a origem de um

número inaudito de funcionários do governo que promoveram os objetivos globalistas dos seus irmãos noutros grupos secretos, como o Wolf's Head e o Scroll and Key. Segundo os investigadores da conspiração, qualquer indivíduo do Eastern Establishment que não pertença à Skull and Bones quase de certeza pertence a um destes outros grupos. Mas nenhum tem as comprovadas ligações da Skull and Bones em termos de sangue e riqueza. Os veteranos de Yale fundaram a organização em 1832 como forma de demonstrar a sua resistência às sociedades de debate da universidade: Linonia, Brothers in Unity e Calliopean Society. Variavelmente conhecida como Chapter 322 (Capítulo 322), Brotherhood of Death (Irmandade da Morte), The Order (A Ordem), ou mais popularmente como Skull and Bones (Caveira e Ossos), ou simplesmente Bones, a ordem foi levada da Alemanha para Yale em 1832 pelo general William Huntington Russell e por Alphonso Taft.

O primo de Russell, Samuel Russell, estivera envolvido nas Guerras do Ópio de inspiração britânica na China. Taft, secretário da Guerra e procurador-geral durante o mandato do presidente Ulysses S. Grant e embaixador dos EUA na Áustria-Hungria e Rússia com o presidente Chester A. Arthur, seria o pai de William Howard Taft, a única pessoa a ocupar os lugares de presidente e de Chefe de Justiça do Supremo Tribunal dos Estados Unidos. Outro membro destacado da Bones foi W. Averell Harriman, embaixador dos EUA na Rússia durante a II Guerra Mundial e que teria um importante papel no estabelecimento do império americano.

Um panfleto de 1876 que pormenorizava uma investigação sobre a Skull and Bones, levada a cabo por uma sociedade secreta rival, declarava: «[...] o seu fundador [Russell] esteve na Alemanha antes do último ano e formou uma calorosa amizade com um importante membro de uma sociedade alemã. Trouxe consigo a autoridade para fundar um capítulo aqui. [...] Assim foi fundada a Bones.»

A sociedade secreta alemã não pode ter sido outra senão os infames Illuminati. Ron Rosenbaum — um ex-aluno de Yale e um dos poucos jornalistas que estudaram seriamente a Skull and Bones —

observou que o seu emblema oficial da caveira e ossos cruzados, a insígnia naval dos Cavaleiros Templários, também era um ícone dos Illuminati. Num artigo de investigação da revista *Esquire*, Rosenbaum escreveu: «Parece que deparei com elos definitivos, ainda que esqueléticos, entre as origens dos rituais da Bones e as dos notórios Illuministas da Baviera [...] [que] realmente existiram [...] entre 1776 e 1785 e foram uma sociedade secreta esotérica com as lojas de livre pensamento mais místicas da Maçonaria alemã.»

Rosenbaum indicava que outra fraternidade lhe deu um dossiê sobre os rituais da Bones, o qual revelava que um iniciado da Bones é metido num caixão e levado para uma área central do seu edifício, chamada «o Túmulo». Ao som de cânticos, este novo homem é proclamado «renascido» para a sociedade depois de ser retirado do caixão e recebe vestes cobertas de símbolos. «Um osso com o nome dele é lançado no monte de ossos no início de cada reunião [e] os iniciados mergulham no monte de lama», declaram as notas referidas por Rosenbaum. O autor acrescenta que parte da cerimónia de iniciação «é exclusivamente dedicada às histórias sexuais. Eles não deixam nada de fora nos dias de hoje. [...] [O] material sexual é completamente explícito e há menos necessidade de inventar proezas para preencher o tempo previsto. A maioria das [...] sessões começa com conversas sobre masturbação no colégio e não para enquanto os pormenores íntimos das delícias dos sábados à noite não forem revelados».

Outras semelhanças entre a Skull and Bones e os Illuminati de Weishaupt incluem uma lista de leitura de livros venerados por ambas as ordens. Um deles, *The Life and Opinions of Tristram Shandy*, envolve uma personagem chamada Uncle Toby, o mesmo nome dado ao membro da Bones que dirige as cerimónias de iniciação da ordem. Como os Illuminati, os membros da Bones recebem nomes de código baseados em figuras históricas ou míticas. «George H. W. Bush (turma de 1948) era supostamente *Magog*», referiu o autor Melanson. «Averell Harriman (1913), *Thor*; Charles Seymour (1908), *Maquiavel*. Alguns dos pseudónimos recorrentes ao longo dos anos, como *Dr.*

Slop, *Yorick* e *Sancho Pança*, também podem ser atribuídos a personagens e referências do romance de Laurence Sterne, *Tristram Shandy*, de 1760.»

Como nos antigos Illuminati, os membros da Bones são obrigados a manter diários pessoais, chamados «Histórias de Vida», para registrar as suas experiências diárias, pensamentos e sentimentos mais profundos. Além destes diários, acessíveis aos superiores da Bones, cada membro deve apresentar-se diante dos restantes e confessar os seus segredos mais íntimos, incluindo a sua história sexual. Isto é feito na frente de uma pintura de uma mulher intitulada *Connubial Bliss* e é registado pelo *Uncle Toby*.

Obviamente, estas questões particulares registadas nesta ordem podem ser usadas em qualquer data posterior para tirar partido dos membros, quando não mesmo para os chantagear. Uma outra ligação ainda pode ser encontrada numa descrição feita há anos por uma sociedade secreta rival, chamada File and Claw, cujos membros invadiram o Túmulo dos Bones para descobrir os seus segredos. Na sua documentação, «eles descrevem um *slogan* alemão pintado “em paredes acima da abóbada” da sala sagrada da 322», referia Rosenbaum. «O *slogan* surge acima de uma pintura de caveiras cercada por símbolos maçónicos, uma imagem que se diz ser “um presente do capítulo alemão”. “*Wer war der Thor, wer Weiser, Bettler oder Kaiser? Ob Arm, ob Reich, im Tode gleich*”, diz o *slogan*, ou “Quem era o tolo, quem era o sábio, mendigo ou rei? Pobre ou rico, tudo é igual na morte.” Imaginem a minha surpresa quando dei com este mesmo *slogan* numa obra anti-Illuminista escocesa de 1798, reimpressa em 1967 pela John Birch Society. A obra (*Proofs of a Conspiracy*, de John Robison) inclui supostos excertos de manuais de rituais iluministas alegadamente confiscados pela polícia da Baviera quando a ordem secreta foi banida em 1785.» Segundo a US News & World Report, uma das canções tradicionais da Bones é cantada ao som do hino nacional alemão, *Deutschland Uber Alles*.

Outros investigadores concordam que A Ordem não é mais do que os Illuminati disfarçados, uma vez que emblemas maçónicos,

símbolos, o *slogan* alemão e até a organização da sua sala iniciática — tudo é idêntico ao que se podia encontrar nas lojas maçônicas da Alemanha associadas aos Illuminati. «A Skull & Bones é um ponto de entrada para os Illuminati», declarou Fritz Springmeier, autor do volumoso *Bloodlines of the Illuminati*, que segue as famílias «de linhagem» ao longo dos anos. «Os investigadores repararam na Skull & Bones, mas existem muitas outras organizações que são pontos de entrada. Os Rhodes Scholars, um grupo de Oxford [...] existe toda uma série de organizações fraternas diferentes. A Skull & Bones não é a única — mas é aquela para a qual George Bush entrou. Há também a Scroll & Key, a Berzelius e algumas outras organizações fraternas [como a Wolf's Head, Book and Snake e muitas outras].»

Os investigadores também detetaram «passagens» entre a Skull and Bones e a CIA. Além do referido ex-presidente George H. W. Bush, nomeado diretor da CIA em 1976 pelo presidente Gerald Ford, e do seu filho George W. Bush, que se tornou presidente em 2001, encontramos McGeorge Bundy (The Order, 1940), consultor de segurança nacional, e William Bundy (1939), analista de longa data da CIA. Outros homens da Bones que se tornaram oficiais da CIA incluíam o diretor de pessoal F. Trubee Davison (1918); James Buckley, chefe da delegação da CIA em Beirute (1944); o bolseiro da Fundação Rhodes e vice-diretor Hugh Cunningham (1934), e o poeta Archibald MacLeish (1915), que ajudou o diretor do Gabinete de Serviços Estratégicos (Office of Strategic Services — OSS), William Donovan, a formar a CIA no final da década de 1940. «Yale influenciou a CIA mais do que qualquer outra universidade, dando-lhe assim a atmosfera de uma reunião de turma», afirmou Gaddis Smith, professor de História de Yale. Rosenbaum fez questão de mencionar que a gíria de Yale para um membro da sociedade secreta é *spook*, o mesmo termo usado na CIA para um agente secreto.

De referir também que esta sociedade produziu líderes nacionais e formadores de opinião muito acima da norma estatística. Entre os membros incluíam-se homens extremamente poderosos, como Henry Stimson, secretário de Guerra do presidente Franklin D. Roosevelt e

descrito como «um homem no centro do centro da classe governativa americana»; o editor Henry Luce; o autor e comentarista William F. Buckley Jr.; e J. Richardson Dilworth, gestor de longa data da fortuna Rockefeller.

O anteriormente referido Jacob Schiff financiou a aquisição da Union Pacific para o magnata dos caminhos de ferro Edward H. Harriman, cujo controlo sobre os custos do transporte ferroviário ajudou John D. Rockefeller a monopolizar a indústria do petróleo no final do século XIX. Ele é o pai do membro da Bones e estadista mundial W. Averell Harriman, que teve um papel de destaque na ascensão do comunismo na Rússia, antes e depois da II Guerra Mundial. Os dois filhos do Harriman mais velho frequentaram Yale e foram iniciados na Skull and Bones: William Averell (1913) e Edward Roland Noel (1917). Durante a década de 1930, a firma bancária de W. Averell, W. A. Harriman & Company, fundiu-se com a firma bancária internacional privada Brown Brothers, criando a Brown Brothers, Harriman & Company, da qual um sócio de longa data seria Prescott Bush (1917), pai de George H. W. Bush e avô de George W. Bush. Os Harriman eram mentores da família Bush.

Uma outra sociedade secreta moderna com ligações aos Illuminati que tem sido acusada de ter mais alcance e poder do que o seu reduzido tamanho deveria ditar é a dos Cavaleiros de Malta.

CAVALEIROS DE MALTA

Outra sociedade secreta moderna, ligada aos Cavaleiros Templários e, como tal, aos Illuminati, é a dos Cavaleiros de Malta, supostamente uma das mais poderosas das sociedades modernas, com membros nos mais altos níveis do catolicismo, dos governos e das agências de informações.

Estes Cavaleiros sobreviveram à perseguição medieval aliando-se ao Vaticano e até participando na perseguição aos inimigos deste. De igual forma, muitas das famílias reais europeias, usurpadoras dos tronos dos Merovíngios e de outros, trabalharam em parceria com o

Vaticano para manter o *statu quo*. Estes membros da realeza são conhecidos como «Nobreza Negra». Com a condenação papal dos Cavaleiros Templários, iniciada em 1307, muitos deles limitaram-se a livrar-se dos seus característicos mantos com uma cruz vermelha e esconderam-se noutras ordens, como os Cavaleiros de Cristo, os Cavaleiros Teutónicos, ou os Hospitalários, uma ordem que se transformaria nos Cavaleiros de Malta.

Os Hospitalários começaram por volta de 1070 quando um grupo de mercadores italianos criou um hospital em Jerusalém dedicado a São João, muito antes da Primeira Cruzada. Depois de os Cruzados tomarem a cidade em 1099, os Hospitalários reorganizaram-se como uma ordem e um grão-mestre foi escolhido. Embora inicialmente não se tratasse de uma ordem militar, os Cavaleiros de São João foram-se tornando mais militantes à medida que os Templários se destacavam. Após a destruição destes últimos, os Hospitalários adquiriram grande parte das suas propriedades, o que apenas dilatou a sua Ordem, já então próspera e poderosa. Com a perda da Terra Santa, os Hospitalários recuaram para o Chipre juntamente com os Templários. Mais tarde, foram forçados a recuar para Rodes. Quando um terceiro cerco turco finalmente tomou a ilha em 1522, a ordem transferiu-se para a ilha de Malta, onde se tornaria a Ordem Soberana e Militar Hospitalária de São João de Jerusalém, de Rodes e de Malta, ou simplesmente os Cavaleiros de Malta.

Atualmente, os Cavaleiros de Malta encontram-se sediados em Roma sob a supervisão direta do papa e são reconhecidos por mais de 40 países como uma nação soberana. Uma ramificação inglesa, conhecida como os Cavaleiros de São João de Jerusalém, é uma ordem protestante com sede em Londres e chefiada pela rainha. Entre os estado-unidenses preeminentes ligados aos Cavaleiros de Malta incluem-se os ex-diretores da CIA William Casey e John McCone, o ex-presidente da Chrysler Lee Iacocca, o colunista William F. Buckley, Joseph P. Kennedy, o embaixador dos EUA no Vaticano William Wilson, Clare Boothe Luce e o ex-secretário de Estado dos EUA Alexander Haig. O Dr. Luigi Gedda, chefe da Ação Católica, foi

condecorado pelos Cavaleiros de Malta pelo seu trabalho de ligação entre o Vaticano, a CIA e o Movimento Europeu de Joseph Retinger, o «pai dos Bilderbergers». Crê-se que os Cavaleiros de Malta sejam um dos principais canais de comunicação entre o Vaticano e a CIA. Os Cavaleiros de Malta, os Hospitalários, os Cavaleiros de São João, a Maçonaria e a Rosa-Cruz, e talvez outros, todos identificam como origem da sua linhagem os Cavaleiros Templários, com o seu conhecimento esotérico recuperado do Templo de Salomão.

Os escândalos ligados aos Cavaleiros de Malta remontam aos tempos de John J. Raskob — um dos 13 fundadores da Ordem Americana dos Cavaleiros de Malta —, o qual esteve envolvido no golpe abortado contra o presidente Roosevelt no início da década de 1930, apenas frustrado porque o major-general dos Marines Smedley Butler denunciou o plano.

Durante a administração Reagan, os Cavaleiros de Malta estiveram envolvidos no infame escândalo da Loja P2, no qual esta organização maçónica tentou subverter o governo da Itália. A Propaganda Masonica Due (2), mais conhecida como Loja P2, fora fundada em Itália em 1877 para servir os maçons italianos em visita a Roma.

Segundo o *site* de Robert Anton Wilson, os Cavaleiros de Malta funcionam atualmente como mensageiros entre o Vaticano e a CIA. «De acordo com o *Covert Action Information Bulletin*, membros recentes dos Cavaleiros de Malta teriam sido: Franz von Papen, que persuadiu Von Hindenburg a renunciar e fazer de Hitler chanceler da Alemanha; o general Reinhard Gehlen, chefe de informações de Hitler e, mais tarde, chefe do departamento de penetração russa da CIA; o general Alexander Haig, principal arquiteto da política externa durante os mandatos de Nixon e Reagan; Alexandre de Marenches, ex-diretor dos serviços de informações franceses; William Casey, à frente da CIA durante a conspiração Irão-Contra; Otto von Habsburg, também membro dos Bilderbergers e parte da linhagem merovíngia... e Licio Gelli, Roberto Calvi e Michele Sindona, líderes da conspiração P2 em Itália.»

Segundo o delator Zagami, os Cavaleiros de Malta são «o grupo

mais poderoso de que há conhecimento». Ele afirmou: «Se acham que são os Illuminati e os Maçons que governam o nosso mundo, é melhor consultarem outra vez os vossos livros de história real. Quem são os Cavaleiros de Malta? Eles são a vossa CIA, os vossos políticos, os vossos lobistas, os vossos presidentes, anteriores, presentes e futuros. A família Médicis, que produziu quatro papas para a Igreja do Vaticano, não é apenas poderosa, é a família relacionada com o Papa Negro. O Papa Negro é o papa mais poderoso do mundo. Se acham que o vosso [papa] comum é o papa principal, então, estão muito enganados. Se o papa branco, o vosso papa comum dos média é o CEO, então, o Papa Negro é o presidente da empresa, que tem autoridade para despedir o CEO.»

Tendo em conta o que um professor universitário alemão alcançou no século XVIII, torna-se claro por que motivo os recentes escritores da conspiração se mostram preocupados com o que os Illuminati modernos poderiam levar a cabo se estivessem armados com tecnologia e influência sobre os grandes meios de comunicação. Também é bastante claro que o número de líderes de governos mundiais e corporativos produzidos pelos Cavaleiros de Malta, pela Skull & Bones e por outras sociedades secretas ultrapassa de maneira improvável o reduzido tamanho destas.

«Embora os Illuminati tenham desaparecido da vista do público, é possível que o aparelho monolítico posto em ação por Weishaupt ainda exista», comentou o jornalista William T. Still. «Certamente, os objetivos e métodos de operação ainda existem. O facto de o nome Illuminati ainda existir ou não é, na realidade, irrelevante.»

Curiosamente, uma das pessoas frequentemente referidas como um luminar dos Illuminati, o ex-CEO da Chase Manhattan Corporation e banqueiro David Rockefeller, parecia apoiar nas suas *Memórias* de 2003 a visão conspiratória de alguns quando escreveu: «Durante mais de um século, extremistas ideológicos de ambos os polos opostos do espectro político apoderaram-se de incidentes bem divulgados, como o meu encontro com Castro, para atacar a família Rockefeller pela influência desmesurada que, segundo eles, nós

exercemos sobre as instituições políticas e económicas americanas. Alguns até acreditam que fazemos parte de uma cabala secreta em ação contra os melhores interesses dos Estados Unidos, caracterizando a minha família e eu como “internacionalistas” que conspiram com outras pessoas de todo o mundo para construir uma estrutura política e económica global mais integrada — um único mundo, se assim lhe quiserem chamar. Se a acusação é essa, sou culpado e orgulho-me disso.»

Não menos importante é uma declaração atribuída a Rockefeller na reunião do Bilderberg de 1991, na qual ele é citado como tendo dito: «Estamos gratos ao *Washington Post*, ao *New York Times*, à revista *Time* e a outras grandes publicações cujos diretores participaram nas nossas reuniões e cumpriram as suas promessas de discrição durante quase 40 anos. [...] Teria sido impossível desenvolver o nosso plano para o mundo se tivéssemos estado sujeitos às luzes da publicidade durante estes anos. Mas o mundo está mais sofisticado e preparado para marchar rumo a um governo mundial. A soberania supranacional de uma elite intelectual e de banqueiros mundiais é certamente preferível à autodeterminação nacional praticada nos séculos passados.»

Como tal, deve ficar claro que o antigo sonho de dominar o mundo — seja por conquista militar ou domínio corporativo — ainda se encontra bem vivo, especialmente no coração dos indivíduos que praticam a doutrina do iluminismo.

John Coleman, o controverso autor de *Conspirators' Hierarchy: The Story of the Committee of 300* e de *The Tavistock Institute of Human Relations: Shaping the Moral, Spiritual, Cultural, Political and Economic Decline of the United States of America*, afirmava ter pertencido aos serviços de informações ingleses, dos quais tinha um conhecimento interno, mas alguns autores da conspiração acusaram-no de plágio. Como autor e conferencista, ele tem descrito em pormenor alguns dos objetivos dos Iluministas modernos. Assemelhando-se assustadoramente aos muito criticados *Protocolos*, Coleman enumerou alguns dos objetivos dos atuais Illuminati, que

são essencialmente a criação de um Governo Único Mundial ou Nova Ordem Mundial, para gerir uma igreja e um sistema monetário unificados.

Segundo ele, isto pode ser precipitado pelo caos político causado pelo colapso total das economias mundiais, algo que tem como base o antigo lema maçónico da «ordem saída do caos». Este caos exigiria a eliminação de toda a soberania, identidade e orgulho nacionais.

Os Illuminati apoiarão uma «libertação religiosa» em todo o mundo para minar todas as religiões existentes, mas especificamente o cristianismo, que eles pretendem substituir pelo luciferianismo humanista, de acordo com Coleman. Ele acrescentou que o iluminismo apoia totalmente as instituições supranacionais, como as Nações Unidas, o Fundo Monetário Internacional, o Banco de Pagamentos Internacionais e o Tribunal Mundial, e espera que estas organizações substituam as instituições locais, eliminando-as gradualmente ou colocando-as sob o manto da ONU. O sistema educacional será controlado e eventualmente destruído por programas de «Educação Baseada em Resultados», como o No Child Left Behind e o Common Core.

Coleman afirmou que os Illuminati pretendem pôr fim a toda a industrialização, com exceção das indústrias informáticas e de serviços. Todas as indústrias dos EUA serão exportadas para países do Terceiro Mundo. «Os desempregados dos EUA, na sequência da destruição industrial, tornar-se-ão viciados em ópio e/ou cocaína, ou estatísticas no processo de eliminação do “excesso populacional” que hoje conhecemos como Global 2000 [um relatório presidencial de 1980 que alertava para as crescentes alterações climáticas e fome nos próximos anos, e defendendo uma redução de 100 milhões na população dos EUA até 2050]. Todo o desenvolvimento científico que possa interferir na agenda de “recursos naturais limitados” dos Illuminati será suprimido, incluindo a energia nuclear e outras fontes alternativas.»

A fibra moral das nações será enfraquecida e o desemprego em massa desmoralizará a classe trabalhadora. Coleman explicou que, à

medida que os empregos forem diminuindo em virtude das políticas pós-industriais de crescimento zero introduzidas pelo Clube de Roma, os trabalhadores desmoralizados e desanimados hão de recorrer ao álcool e às drogas, aumentando o crime e a necessidade de forças policiais. «Os jovens serão incentivados, por meio do *rock* e das drogas, a revoltar-se contra o *statu quo*, minando e acabando por destruir a unidade familiar», observou ele.

Acrescentou também que, para impedir que as pessoas decidam o seu próprio destino, crises sucessivas serão criadas com a ajuda da administração governamental «para confundir e desmoralizar a população a tal ponto que, perante um excesso de opções, o resultado seja uma apatia em grande escala».

Qualquer um que preste atenção às manchetes das notícias sem dúvida terá visto estes objetivos manifestados no mundo de hoje.

RESUMO

Foi demonstrado como os princípios dos Illuminati continuaram a prosperar muito após o desaparecimento da Ordem da Baviera.

O assassinio do arquiduque Francisco Fernando da Áustria-Hungria, que precipitou a I Guerra Mundial, tem sido atribuído à Maçonaria Iluminada europeia, cujos seguidores começaram a planejar a guerra antes de 1912. O autor maçónico Albert Pike, um ex-general confederado, teria previsto três guerras mundiais, embora esta alegação tenha sido contestada. Como referido anteriormente, a Maçonaria estava envolvida em práticas como a veneração de Lúcifer, chamado o Portador da Luz, o Iluminado, tal como admitido por Pike. O que não é contestado é o facto de sociedades secretas antagónicas terem provocado a II Guerra Mundial, vista por muitos como uma mera extensão da I Guerra Mundial. Muitos livros e artigos foram escritos sobre o envolvimento dos nazis no ocultismo e na busca de artefactos místicos. Como qualquer outro, o culto nazi via os cultos concorrentes como seus inimigos. E o culto do nacional-socialismo (nazi) emergiu de grupos mais antigos, incluindo os

Illuminati da Baviera, a Germanenorden, a Maçonaria, os Cavaleiros Teutônicos e outros.

Um dos instigadores do nazismo seria Dietrich Eckart, um editor responsável pela circulação d'Os *Protocolos dos Sábios de Sião* e fundador do Partido dos Trabalhadores Alemães, que viria a transformar-se no Partido Nacional dos Trabalhadores Socialistas Alemães, os seja, os nazis. Eckart também se encontrava entre os membros mais destacados da Sociedade Thule — um grupo de ricos aristocratas alemães ligados ao culto dos Assassinos —, a qual colocou um dos seus membros, Adolf Hitler, no poder. Hitler pode constituir ainda uma outra ligação com os Illuminati e o sionismo. Um relatório dos serviços de informações dos EUA, da autoria do Dr. Walter C. Langer e confirmado pelo sobrinho inglês de Hitler, William Patrick Hitler, afirmava que o pai de Hitler era o filho ilegítimo de Maria Anna Schicklgruber, a qual, quando concebeu o filho, estava a trabalhar como cozinheira em casa de Salomon, barão de Rothschild, em Viena. A ser verdade, isto significa que o Führer do Terceiro Reich tinha ascendência judaica e estava ligado aos Rothschild. Pelo menos um investigador acreditava que esta ligação poderia explicar o considerável apoio que Hitler recebeu desde cedo de bancos em Paris, Londres e Nova Iorque. Tendo em conta os resultados da II Guerra Mundial, os Illuminati teriam alcançado os seus objetivos: as nações da Alemanha, Itália e Japão, bem como as respetivas economias, foram devastadas e a população mundial reduzida em cerca de 60 milhões. O Holocausto judeu levaria ao estabelecimento de um projeto dos Rothschild chamado Israel. Todas as nações envolvidas, sufocadas por dívidas, foram facilmente levadas para as recém-formadas Nações Unidas. Os Illuminati poderão ter usado os nazis para alterar substancialmente a nossa música. Antes de 1939, o tom preferido para a música era de 432 hertz (Hz). Esta frequência foi encontrada nas flautas mais antigas do mundo, algumas datando da pré-história. É sabido de que modo o tom e a frequência da música podem afetar a mente e as emoções do ser humano. Foi demonstrado que até as plantas se desenvolvem ou definham ao som

de vários tipos de música.

O trabalho de John Calhoun Deagan — que desenvolveu muitos dos instrumentos de percussão ainda hoje em uso —, juntamente com a psicologia freudiana, demonstrou que um tom alterado, 440 Hz, era capaz de substituir sentimentos de altruísmo e compaixão pelos do nacionalismo, narcisismo e agressão. Em 1939, o British Standards Institute adotou o padrão de 440 Hz para todos os músicos que tocavam na Europa. Esta medida seria aprovada com relutância no final de 1939, apesar de os nazis usarem este tom básico na sua música marcial e de pouco tempo antes Hitler ter invadido a Polónia. As frequências sonoras, agora e no passado, têm sido usadas como armas. O bíblico Josué derrubou as muralhas de Jericó com trompas e tambores. Atualmente, o Departamento de Defesa dos EUA está a desenvolver ativamente canhões sónicos e outras armas auditivas. O som também afeta a população civil. O dilúvio diário de música de 440 Hz, juntamente com a constante programação radiofónica e televisiva que promove o consumismo, a hipersexualidade (indústria pornográfica), o consumo de álcool e drogas e a matança virtual diária por meio de videojogos, dessensibiliza a população e provoca doenças físicas e mentais generalizadas. Com os Estados Unidos a assemelharem-se cada vez mais à Rússia socialista e a economia debilitada desta a causar o colapso do comunismo, os globalistas dos Illuminati começaram a dar o passo seguinte para um socialismo mundial: a criação da União Europeia. Também tiveram início as tentativas de criação de uma União Norte-Americana, composta pelo Canadá, Estados Unidos e México. Estes planos estão a ser implementados por intermédio dos chamados acordos de comércio livre sancionados por entidades não-governamentais, como o Acordo de Comércio Livre da América do Norte (NAFTA), o Acordo de Comércio Livre da América Central (CAFTA), a Parceria de Segurança e Prosperidade da América do Norte (SPP) e a proposta Parceria Transpácífica (TPP).

Atualmente, muita da informação relativa às atividades das operações relacionadas com os Illuminati chega-nos por meio de

delatores, os quais afirmam que ainda existe uma versão dos Illuminati. Um cartão de membro não verificado dos Illuminati, datado de 1903, sugere que alguma espécie de organização que usava este nome se encontraria ativa naquele ano.

Outras alegações de atividade dos Illuminati não apresentam provas tão sólidas. Num *site* que surgiu em 2005, uma tal Mimi L. Eustis afirmava que o seu pai, Samuel Todd Churchill, era membro da Cowbellion de Rakin Society, uma ordem secreta do Mardi Gras de Nova Orleães ligada aos Illuminati. Com base nas notas e gravações deixadas pelo pai moribundo, Eustis ficaria a saber que os agentes dos Illuminati envenenaram fatalmente os presidentes William Henry Harrison e Zachary Taylor. Também envenenaram o presidente James Buchanan em 1857, mas este sobreviveu. Segundo ela, estes três presidentes estavam a bloquear os planos dos Illuminati e da Casa de Rothschild para a Guerra Civil dos EUA. Acrescentou também que a Cowbellion estava ligada à sociedade Skull and Bones da Universidade de Yale, que não é mais do que um ramo dos Illuminati. Disse que tudo teria começado como uma fachada para as atividades dos maçons Albert Pike, Judah Benjamin e John Slidell, que se tornariam líderes da Confederação. Eustis parecia estar a repetir as palavras do chanceler alemão Otto von Bismarck, o qual afirmara que a dinastia bancária da Casa de Rothschild, com receio de que os Estados Unidos comessem a imprimir o seu próprio dinheiro e criassem um banco central não associado aos Rothschild, haviam recorrido a uma sociedade secreta, os Cavaleiros do Círculo Dourado, para criar conflitos nos EUA, os quais resultariam na Guerra da Secessão. Ela também afirmou que 13 famílias de linhagem tinham estabelecido uma sociedade secreta elitista com o objetivo de governar toda a Terra por intermédio de uma Nova Ordem Mundial. Como em muitas outras histórias sobre os Illuminati, Eustis não apresentou nenhuma confirmação de terceiros para as suas alegações. De igual modo, Bill Ryan, um fundador do Projeto Camelot, não teve como verificar as alegações de um autoproclamado membro anónimo de uma elite globalista, conhecido

apenas como *Charles*. Segundo este, um grupo de 33 indivíduos reúne-se regularmente para tomar decisões relativas ao controlo do mundo. Poderiam ser comparados ao conselho de administração de qualquer grande corporação, disse ele, acrescentando que, comparados com este grupo, os Illuminati são uma sociedade de nível inferior. *Charles* referiu que este pequeno grupo considerava ser sua responsabilidade «gerir» o planeta Terra. Parte do seu controlo deve-se ao seu conhecimento da história oculta por trás dos acontecimentos mundiais, graças à posse de documentos e artefactos antigos, muitos dos quais se encontram na Biblioteca do Vaticano. Referiu igualmente que este grupo se dedica a projetos de longo prazo e não vê o tempo como nós. «Atrasar qualquer coisa um ano, ou uma década, ou cem anos, significa muito pouco. Eles não funcionam segundo um calendário. Apenas segundo o desenrolar dos acontecimentos.»

O controverso autor de *Bloodlines of the Illuminati*, Fritz Springmeier, embora não seja um delator, ofereceu uma abundância de informações sobre os Illuminati. Algumas delas corroboram as de *Charles*. À semelhança de Mimi Eustis, Springmeier afirma que os Illuminati modernos são liderados por 13 famílias preeminentes, incluindo nomes como Astor, Bundy, Collins, DuPont, Freeman, Kennedy, Li, Onassis, Rockefeller, Rothschild, Russell e Van Duyn. Springmeier disse não recear que os Illuminati dominem os Estados Unidos porque já assumiram o controlo há muito tempo, além de que a Constituição já não está em vigor desde os decretos presidenciais da II Guerra Mundial. Explicou também como a linhagem destas famílias tem sido ocultada com estratégias como trocar crianças à nascença, engravidar criadas, criar gémeos separadamente, alterar registos genealógicos e públicos, e até o recurso a famílias especiais para criar os filhos da linhagem. Linda Anderson, sob o nome de Cisco Wheeler, é outra delatora autoproclamada que, com Springmeier, foi coautora de um livro intitulado *The Illuminati Formula Used to Create an Undetectable Mind Controlled Slave*. Neste livro, ela descreve como foi criada numa «família satânica transgeracional»

em que o seu pai, um grão-mestre dos Illuminati, era um programador mental. Wheeler afirma que a sua programação começou ainda em criança e foi conduzida por um «Dr. Green», que ela mais tarde ficaria a saber tratar-se do famoso criminoso de guerra nazi Dr. Josef Mengele. Segundo ela, o trauma da sua vida resultou em anos de terapia. «Tive de tratar o corpo, a alma e o espírito, porque todas as partes de mim foram violadas.»

A crer nas suas palavras, um dia, muito em breve, a população mundial ficará a saber que nada — as escolas, igrejas, governos, medicamentos, comida e água — escapou ao toque dos Illuminati.

Outra delatora anónima que usa o pseudónimo de *Svali* é uma enfermeira que afirma ter escapado dos Illuminati depois de passar anos como «programadora e instrutora de nível superior». Segundo ela, os Illuminati têm seis presidências no seu «conselho de mestres ascensos»: Ciências, Governo, Liderança, Erudição, Espiritual e Militar. A mãe dela pertencia a um conselho regional da área de Washington, D. C., na qualidade de presidente espiritual. *Svali* explicou que os Illuminati se encontram envolvidos numa fé luciferiana conhecida como «iluminação», a qual ensina que as suas raízes remontam às antigas religiões de mistério da Babilónia, Egito e do druidismo celta. Alguns grupos adoram divindades antigas, como El, Baal, Astarte, assim como Ísis, Osíris e Set. Importa referir que um pequeno escândalo teve lugar na primavera de 2016, quando foi anunciado que um arco que reproduzia o Templo de Baal seria erguido na Times Square de Nova Iorque. Quando a história se tornou viral na Internet, referindo o sacrifício de crianças a Baal, o projeto foi alterado para uma reprodução do Arco do Triunfo de Palmira.

A descrição de *Svali* dos Illuminati como um culto satânico liderado pelos indivíduos mais ricos e poderosos do mundo foi corroborada por outros investigadores que viram no seu testemunho uma possível explicação para que os valores cívicos já não sejam ensinados às crianças. Ela alegou que Adam Weishaupt não criou os Illuminati, sendo antes apenas uma figura de proa escolhida por financeiros

europeus cuja linhagem remontava aos Cavaleiros Templários e mais além. Apresentou informações pormenorizadas sobre as regiões e os conselhos, o Supremo Conselho Mundial, a estrutura geral dos Illuminati, que, segundo ela, têm representantes em todas as grandes cidades. Também revelou a base do sigilo imposto pelos Illuminati: a primeira coisa que é ensinada a uma criança dos Illuminati é o sigilo, geralmente por meios aterradores. «É por isso que não se ouve falar de mais sobreviventes que tenham escapado», explicou. Como outros ex-membros, *Svali* disse que a liderança dos Illuminati é composta por dinheiro bancário antigo, incluindo os Rothschild em Inglaterra e em França, juntamente com as famílias reais, um membro da dinastia Habsburgo e os Rockefeller nos Estados Unidos. E previu um iminente colapso económico generalizado, que precipitaria a lei marcial em algumas regiões da América. Após este colapso global, ela disse que seriam os Illuminati, não as Nações Unidas, quem governaria a Nova Ordem Mundial. Os Illuminati farão tudo isto em estreita colaboração com a Maçonaria, acrescentou.

Para dar mais força à bizarra história de *Svali* surgiria o relato de outro delator anónimo que, em 2008, começou a publicar as suas experiências com os Illuminati no fórum AboveTopSecret. Usando o nome de código *Hidden Hand*, esta pessoa afirmava vir de um grupo simplesmente chamado «A Família»: 13 famílias de linhagem do núcleo central cujas origens estariam para lá da Antiguidade e alinhadas com extraterrestres alternadamente chamados Illuminati, Nephilim, Custodians, Watchers e Advanced Beings.

Hidden Hand afirmava que muitos outros indivíduos e famílias relacionados com a linhagem haviam derivado das 13 famílias originais. Ao contrário de alguns críticos da Nova Ordem Mundial, *Hidden Hand* dizia que nenhum dos membros da sua «Família» era um alienígena «reptiliano». Segundo ele, na realidade tratava-se de uma «Alma Coletiva» luciferiana que decidira descer a este plano terrestre de menor densidade para ajudar na evolução da espécie humana, transmitindo o seu conhecimento e sabedoria. Ele explicou que os problemas do mundo se devem à polaridade (opostos

derivados do Livre-Arbítrio) vivida pelos seres humanos. Acrescentou que, sem polaridade (positivo *versus* negativo), haveria apenas a Unidade de Amor e Luz sem oportunidade de experienciar mais nada. Esta fonte também previa problemas terríveis para a humanidade num futuro próximo, mas acrescentou que a raça tem a opção de escolher entre servir-se a si mesma ou servir os outros, viver com medo e terror ou viver com amor e liberdade. Disse que a sua «Família» sabe que existe um Criador Universal do qual todos fazemos parte, mas que a ideia de uma entidade divina exterior a nós foi inventada pelos seres humanos no passado e usada como mecanismo de controlo. Michael E. Salla é fundador do Exopolitics Institute, uma organização sem fins lucrativos dedicada ao estudo da vida extraterrestre. Após um exame do testemunho de *Hidden Hand*, Salla concluiu que a sua história era «uma revelação genuína de um membro». Acrescentou que aquela descrição se parecia estranhamente com o enredo da saga *Guerra das Estrelas*, no qual um grupo de entidades espirituais sombrias chamadas Sith se infiltra secretamente e se apodera de organizações políticas e espirituais da Galáxia. «Se *Hidden Hand* e os seus pares luciferianos pertencem a algo semelhante aos Sith, existirá um equivalente positivo semelhante aos Cavaleiros Jedi?» perguntava Salla.

Depois, temos Leo Lyon Zagami, um ex-grão-mestre da Ordo Illuminatorum Universalis [Ordem Universal dos Illuminati], com sede em Florença, Itália. No seu livro de 2016, intitulado *Confessions of an Illuminati*, Zagami descrevia pormenores de rituais, ritos e a sua perceção da «rede de enganar e controlo total do mundo» dos Illuminati. Também afirmava que as sociedades secretas governavam o mundo desde antes do início da civilização humana. Descrevia os Illuminati da Baviera como nada mais do que uma breve organização de livres-pensadores «iluminados», que mantinham vivo o conhecimento e as tradições secretamente transmitidas desde antes da época da Atlântida. Depois de enumerar várias organizações que são consideradas ramificações dos Illuminati, Zagami afirmava que as ligações entre estes grupos e os antigos Illuminati não são claras,

mas que parecem estar entrelaçadas com as doutrinas do iluminismo, incluindo práticas ocultistas. Acrescentava que, embora sejam bastante minoritários, estes grupos geralmente incluem membros ricos e influentes da alta sociedade. Também associava a origem da humanidade aos Anunnaki viajantes do espaço, descritos pelos antigos Sumérios. Outra pessoa que reivindica um conhecimento interno das atividades modernas dos Illuminati é Katharine «Kay» Griggs, uma cristã devota casada durante onze anos com um coronel dos Marines dos EUA, que, segundo ela, lhe descreveu atividades ilegais com um grupo militar ligado ao governo e a sociedades secretas. Segundo ele, esse grupo era conhecido como «A Firma» ou «A Irmandade», estava acima da lei e recorria a homicídios. Ela afirmava que o marido, em estado de embriaguez, falava sobre esquadrões homicidas, tráfico de drogas, venda ilegal de armas e perversões sexuais no governo militar e federal, tudo isto conduzido e tolerado por um grupo da elite militar e política que operava segundo os mesmos princípios que os Illuminati.

Griggs caracterizava-os como «um grupo muito, muito pequeno e bastante homogeneizado de sionistas existencialistas e socialistas. Em suma, nazis que vieram para os EUA quando Hitler, o seu menino, se virou contra eles em 1933».

Em 2016, a veracidade dos relatos de Griggs, bem como a questão de ela ainda estar viva ou não, continuava a ser tema de controvérsia na Internet.

Outro delator anónimo, nunca identificado, mas publicado em vários *sites*, era um homem que alegava ter sido recrutado pelos Illuminati quando ainda era estudante em Harvard, no início da década de 1960. Essa pessoa afirmava ter servido fielmente os Illuminati durante anos até que «se tornou demais para mim», pelo que tinha participado num «Ritual de Partida». As suas alegações iam do ridículo ao sublime: voos espaciais secretos, mísseis nucleares em bases lunares, Abraham Lincoln teria vivido no México após o seu assassinio, os Illuminati teriam criado o furacão Katrina e o derramamento de petróleo no Golfo do México, os Illuminati planeiam

«desligar» o Sol, e Alex Jones, a estrela dos média alternativos, é um membro secreto dos Illuminati. Outros delatores que alegam ter sido membros dos Illuminati incluem John Todd, Arizona Wilder, Bill Schnoebelen, Joseph «Doc» Marquis, Mark Cleminson e Carolyn Hamlett. Embora quase sempre falte documentação ou provas concretas, as suas histórias são geral e notavelmente consistentes. Uma recente encarnação dos Illuminati considerada benéfica é uma ideologia chamada Iluminismo Congressional, apresentada em pormenor numa trilogia intitulada *Spirit Builders* de Tau Palamas, um pseudónimo inspirado no monge Gregório Palamas do século XIV, da Igreja Ortodoxa oriental. Assemelhando-se estranhamente à descrição de *Hidden Hand*, Palamas escreveu que o Iluminismo Congressional é composto por indivíduos com o objetivo comum de facilitar o desenvolvimento espiritual de terceiros.

Benjamin Fulford, ex-diretor do Gabinete Asiático da revista *Forbes*, não é um delator, mas um jornalista que afirma estar em contacto com a secreta e chinesa Sociedade do Dragão Branco. Ele afirma trazer uma mensagem de esperança ao referir indícios de que aquilo que descreveu como «o sindicato do crime khazariano» — ou os «nazionistas» que tomaram o poder nos Estados Unidos e em muitos países europeus — está a ser sistematicamente desmantelado. Como prova desta alegação, Fulford apontou indícios de um recuo da conspiração dos Illuminati, os quais incluíam uma recente decisão do tribunal de Nova Iorque segundo a qual os membros da administração George W. Bush podem ser processados e enfrentar acusações criminais em relação aos ataques do 11 de Setembro, o facto de um membro da família Rothschild ter sido interrogado por fraude pela polícia francesa, e a morte prematura de mais de uma dúzia de banqueiros do JP Morgan, juntamente com as repentinas demissões de várias centenas de CEO corporativos nos últimos anos.

Segundo ele, a criação de um Banco Asiático de Investimento em Infraestruturas, juntamente com a recente formação de um banco de desenvolvimento dos BRICS [Brasil, Rússia, Índia, China e África do

Sul], constituirá uma alternativa ao atual sistema financeiro dos Illuminati, liderado pelos Rothschild, embora tenha desencadeado uma grande guerra cibernética entre nações. As recentes quedas nos mercados de ações e nos preços dos produtos básicos, juntamente com a passagem para taxas de juros negativas, são vistas por Fulford como sinais de que os sistemas económico e financeiro ocidentais estão a implodir lentamente.

«Os Ingleses, os Suíços, os Alemães, os Franceses e o Vaticano já abandonaram os khazarianos e juntaram-se à aliança WDS-BRICS. O colapso do seu regime global de escravatura da dívida está a acelerar e a sua imunidade nos processos por homicídio em massa está a evaporar-se juntamente com o seu *funny money*», disse Fulford.

Este otimismo encontra um eco no autor e conferencista da «New Age» David Wilcock, que afirmou que as preocupações económicas, políticas e sociais de hoje são o resultado de um plano sistematicamente posto em prática desde 1776, com a fundação da Ordem dos Illuminati na Baviera. Wilcock disse que, em centenas de sonhos, viu «uma denúncia e detenção maciças e sem precedentes desta cabala, a um nível mundial, [...] que realmente trará um benefício tremendo, positivo e sem precedentes para toda a humanidade». Acrescentou igualmente que a indignação pública em relação a este plano atingiu o nível necessário para permitir uma ação declarada contra aqueles que tentam controlar o mundo.

Se existe um grupo moderno que pode ser diretamente ligado aos antigos Illuminati da Baviera, esse grupo é a fraternidade Skull and Bones da Universidade de Yale, cujos membros ativos têm origem num núcleo de 20 a 30 famílias ricas, principalmente da Costa Leste, o chamado «Dinheiro Antigo» dos Estados Unidos. Conhecida como Chapter 322, Brotherhood of Death, The Order, ou mais popularmente como Skull and Bones, ou simplesmente Bones, esta Ordem foi levada da Alemanha para Yale em 1832 pelo general William Huntington Russell e Alphonso Taft. Segundo consta, Russell teria recebido a autorização de uma sociedade secreta alemã para formar um capítulo em Yale.

Num artigo de investigação da revista *Esquire*, Ron Rosenbaum referia ter descoberto «elos definitivos, ainda que esqueléticos, entre as origens dos rituais da Bones e as dos notórios Iluministas da Baviera». Até os livros da sua lista de leitura, os *slogans* alemães nas paredes e as músicas que se ouvem na sua sede, conhecida como «Túmulo», são idênticos aos que se podia encontrar nos antigos Illuminati.

O artigo de Rosenbaum descrevia rituais de iniciação bizarros da Skull and Bones, como membros sujeitos a banhos de lama e metidos em caixões onde são forçados a revelar todos os pormenores íntimos da sua vida sexual, um esquema visto como uma fonte de material para chantagem futura.

O autor Fritz Springmeier escreveu que, juntamente com outros grupos, como os Rhodes Scholars, Wolf's Head e Scroll & Key, a «Skull & Bones é uma entrada dos Illuminati». É verdade que os presidentes George H. W. Bush e o seu filho George W. Bush eram membros da Bones, e que um número inaudito de membros da ordem alcançou posições de destaque nas agências governamentais, particularmente na CIA.

Os Cavaleiros de Malta são outra sociedade moderna composta por membros preeminentes e abastados que detêm algumas das mais altas posições em governos e serviços de informações. Outrora ligados aos Templários, os Cavaleiros de Malta sobreviveram à perseguição ao tornarem-se aliados do Vaticano, e muitos ex-templários limitaram-se a «desaparecer» nas fileiras dos Cavaleiros de São João, criados em 1099 como uma ordem na recém-capturada cidade de Jerusalém. Embora não tenham sido fundados como uma ordem militar, os Cavaleiros de São João, popularmente conhecidos como Hospitalários, acabariam por se tornar tão militantes como os Templários. Expulsos do Médio Oriente pelos muçulmanos, os Cavaleiros de Malta acabariam por estabelecer a sua sede em Roma, sob a supervisão direta do papa. Entre os estado-unidenses preeminentes ligados aos Cavaleiros de Malta incluem-se os ex-diretores da CIA William Casey e John McCone, o ex-presidente da

Chrysler Lee Iacocca, o colunista William F. Buckley, Joseph P. Kennedy, o embaixador dos EUA no Vaticano William Wilson, Clare Boothe Luce, e o ex-secretário de Estado dos EUA Alexander Haig. O Dr. Luigi Gedda, chefe da Ação Católica, foi condecorado pelos Cavaleiros de Malta pelo seu trabalho de ligação entre o Vaticano, a CIA e o Movimento Europeu de Joseph Retinger, o «pai dos Bilderbergers». Os Cavaleiros de Malta viram-se alvo de vários escândalos, incluindo a denúncia da Loja Maçónica P2 de Itália, que conspirou contra o governo italiano durante os anos Reagan. O delator Zagami afirma que os Cavaleiros de Malta são «o grupo mais poderoso de que há conhecimento», composto pela «vossa CIA, os vossos políticos, os vossos lobistas, os vossos presidentes, anteriores, presentes e futuros».

Segundo muitos teóricos de hoje, embora os Illuminati da Baviera possam ter desaparecido, os seus objetivos e doutrinas permanecem por intermédio de vários indivíduos e grupos que pretendem controlar o mundo.

O preeminente banqueiro David Rockefeller terá aparentemente admitido isso mesmo quando escreveu nas suas *Memórias* de 2003: «Alguns até acreditam que fazemos parte de uma cabala secreta em ação contra os melhores interesses dos Estados Unidos, caracterizando a minha família e eu como “internacionalistas” que conspiram com outras pessoas de todo o mundo para construir uma estrutura política e económica global mais integrada — um único mundo, se assim lhe quiserem chamar. Se a acusação é essa, sou culpado e orgulho-me disso.»

Com comentários como este, vindos de pessoas que sabem do que falam, juntamente com a investigação agora disponível, não admira que o nome dos Illuminati surja com bastante frequência na cultura popular.

Expressão usada em referência a dinheiro cujo valor foi aumentado artificialmente ou que não vale tanto quanto parece. (*N. do T.*)

X

CULTURA POP

Tendo em conta as controvérsias existentes e a extensa literatura em torno dos Illuminati, não é nenhuma surpresa que esta Ordem infame surja continuamente na ficção popular, seja em livros, bandas desenhadas, ou até como tema do enredo em programas de televisão e filmes.

Assim como no mundo real, os Illuminati são por um lado incongruentemente retratados nos média como uma organização sinistra empenhada na conquista do mundo, mas, por outro, surgem como uma paródia à custa de ideias de conspiração paranoica.

Um dos primeiros, e ainda dos melhores, exemplos desta Ordem na ficção é *The Illuminatus!*, uma trilogia sarcástica, mas essencialmente verdadeira e extremamente divertida, escrita por Robert Shea e Robert Anton Wilson em 1975. Foi merecidamente considerada leitura obrigatória para qualquer fã da conspiração.

A série é humoristicamente surreal e leva o leitor numa viagem desvairada pelo mundo dos Illuminati. A história começa em *The Eye in Pyramid*, continua em *The Golden Apple* e finalmente termina em *Leviathan*. O leitor instruído sabe que deu um passo rumo ao abismo desde a primeira frase do primeiro livro: «Era o ano em que eles finalmente imanentizaram o Eschaton.» *Eschaton* apenas significa tentar provocar o fim do mundo como o conhecemos e foi popularizado pelo conservador William F. Buckley e usado por rebeldes manifestantes antiguerra na década de 1960.

A partir deste começo desconcertante, o enredo continua a ser impregnado em mistério e conspiração — muito apropriado para um livro sobre os Illuminati. O leitor é apresentado a um par de detetives da polícia de Nova Iorque, Barney Muldoon e Saul Goodman. Eles são destacados para deslindar um ataque «terrorista» aos escritórios

de uma revista de esquerda chamada *Confrontation*. Encontrar o editor da revista — um homem chamado Joe Malik, que desapareceu misteriosamente — é uma parte fundamental do mistério. À medida que se entranham neste caso obscuro, Muldoon e Goodman rapidamente descobrem que a redação do *Confrontation* estava a investigar a fundo alguns dos assassinios mais debatidos do século xx, incluindo os do presidente John F. Kennedy e do líder de direitos civis Martin Luther King Jr. As pistas levam-nos não a atiradores solitários e desequilibrados, mas aos Illuminati.

Esta conclusão tem pontos de contacto com o mundo real. Kris Milligan, filho de um funcionário da CIA e editor da TrineDay Books, escreveu: «Uma rede com quatro níveis de interesses de poder foi responsável pela morte do rei de Camelot, com o olho-que-tudo-vê dos Illuminati no topo da pirâmide. Suspensos nos cordelinhos dos Illuminati estão os Maçons, a Máfia e outras sociedades secretas, seguidas pelo aparelho/subcultura de segurança nacional do Estado. Uma galeria de vários parceiros comerciais, ideológicos, políticos e burocráticos preenche os alicerces desta conspiração.»

O leitor é em breve apresentado ao mundo dos Discordians, um grupo que adora Eris, ou Discórdia, a deusa grega do conflito e do caos. No mundo real, o discordianismo surgiu em 1963, graças a dois jovens radicais da década de 1960, Kerry Thornley e o seu amigo de infância Greg Hill.

Esta dupla criou o discordianismo como uma religião da contracultura. Usando os pseudónimos de Malaclypse, o Novo, e Omar Khayyam Ravenhurst, Thornley e Hill publicaram em 1963 o seu livro «sagrado», intitulado *Principia Discordia*, que propunha três princípios essenciais: o princípio anerístico, interpretado como ordem aparente; o princípio erístico, desordem aparente; e a ideia de que ambos são conceitos criados pelo Homem para mascarar o puro caos. Como se estas noções misteriosas não fossem suficientemente incompreensíveis, todos os exemplares da edição original foram feitos numa máquina Xerox no escritório de Jim Garrison, o promotor público de Nova Orleães que, em 1968, tentou levar à justiça os

assassinos do presidente John F. Kennedy. Numa outra reviravolta, Thornley escrevera em 1962 um manuscrito chamado *The Idle Warriors*, baseado na vida de um dos seus colegas nos Marines: Lee Harvey Oswald.

No argumento de Shea-Wilson, os Discordians são liderados por Freeman Hagbard Celine, um homem que viaja pelo planeta num submarino feito de ouro. O seu objetivo? Pôr fim às atividades de manipulação do mundo dos Illuminati. Acrescenta-se um pouco de pânico do antraz em Las Vegas (matizes dos ataques com antraz após o 11 de Setembro), a aparência do lendário monstro fictício de H. P. Lovecraft, Yog-Sothoth, sacrifícios humanos e uma surpreendente reviravolta no final, e temos um dos exemplos mais impressionantes de uma mistura de factos e ficção dos Illuminati na cultura popular. A trilogia *Illuminatus!* influenciou bastante muitos autores modernos, músicos e até criadores de jogos. Em 1982, a Steve Jackson Games lançou o *Illuminati*, um jogo de cartas que prestava homenagem à trilogia. Seguir-se-iam outros jogos baseados na Ordem, uma série de cromos chamada *Illuminati: New World Order*, e um jogo intitulado *Illuminati: Crime Lords*.

Como se Steve Jackson tivesse algum conhecimento prévio dos planos dos Illuminati, o seu jogo de 1995, *Illuminati: New World Order*, continha cartas que representavam claramente explosões no World Trade Center de Nova Iorque e o Pentágono em chamas. Indicando que não se tratava apenas de um palpite com seis anos de antecedência, no fundo da carta das torres gémeas encontra-se um edifício com o olho-que-tudo-vê dos Illuminati inserido no símbolo da pirâmide. O nome da carta refere um «Ataque Nuclear Terrorista» e, embora oficialmente nenhum dispositivo nuclear tenha estado envolvido nos ataques ao Trade Center, um número crescente de investigadores acredita agora que um pequeno dispositivo nuclear nas caves pode ter desintegrado as quarenta e sete vigas centrais das torres. Em 1983, Robert Shea escrevia a apresentação de um jogo, afirmando: «Talvez os Illuminati estejam por trás deste jogo. Devem estar — por definição, eles estão por trás de tudo.»

Um romance sobre os Illuminati particularmente divertido e que dá que pensar é *O Pêndulo de Foucault*, do filósofo italiano Umberto Eco, publicado em 1988. O excelente enredo gira em torno das atividades de três amigos, Diotallevi, Casaubon e Belbo. Não sendo apenas amigos, todos trabalham no campo da escrita e da publicação. Depois de digerir demasiados manuscritos com temas de conspiração escritos por candidatos a autores, eles decidem aligeirar a situação criando a sua própria conspiração ficcional conhecida simplesmente como O Plano. À semelhança de *Illuminatus!*, combinam de uma forma nitidamente satírica acontecimentos históricos com histórias inventadas.

Mas O Plano atrai mais do que alguns teóricos da conspiração e, em breve, até os inventores começam a acreditar que a sua criação é demasiado real. O Plano também atrai poderosos e cruéis membros da sociedade secreta que veem Diotallevi, Casaubon e Belbo como uma ameaça. De repente, os três são confrontados com a morte, ritos ocultistas, rituais sinistros e personagens perigosas, incluindo o lendário conde de Saint-Germain. Um conto emocionante, o *Pêndulo de Foucault* demonstra o que pode acontecer se nos aproximamos demais de certas verdades sombrias da História.

Mais recentemente, o romance de 2003 do autor Dan Brown, *O Código Da Vinci*, que foi transformado num filme protagonizado por Tom Hanks em 2006, provavelmente terá feito mais para trazer os Illuminati à atenção do público do que qualquer outra iniciativa. A história de Brown, com o professor Robert Langdon que descobre tramas insidiosas que ligam o Vaticano, os Templários e a Ordem, alcançou milhões em todo o mundo, ofuscando o trabalho de Eco, Shea e Wilson. Também chamou a atenção do público para o romance de Brown de 2000, *Anjos e Demónios*, que foi transformado em filme em 2009, novamente com Hanks no papel principal.

A intrigante trama de *Anjos e Demónios*, como nos anteriores trabalhos sobre os Illuminati, combinava factos históricos com uma história fantasiosa de conspiração, homicídio e até um mistério da ciência. Na história de Dan Brown, os Illuminati têm em seu poder um

recipiente roubado de antimatéria, o qual vai detonar — com uma intensidade próxima à de uma arma atômica — dentro de 24 horas. Pior ainda, o recipiente encontra-se algures na Cidade do Vaticano. Cabe a Langdon e a Vittoria Vetra, especialista em antimatéria e funcionária do CERN, o Laboratório Europeu de Física de Partículas, resolver a situação. Rico em simbolismo, segredos do Vaticano e homicídio a sangue frio, *Anjos e Demónios*, tanto em livro como em filme, expôs milhões de leitores e espectadores ao mundo sombrio dos Illuminati.

O escritor Michael Romkey é o autor de vários romances temáticos de vampiros, incluindo *I, Vampire*; *The Vampire Virus*; *The London Vampire Panic*; e *American Gothic*. Romkey deu uma nova volta aos Illuminati quando os apresentou como figuras-chave na existência secreta dos vampiros. No mundo de Romkey, existem vampiros maus e vampiros bons, como os que pertencem aos Illuminati, cujos membros incluem Beethoven e Mozart. É realmente uma visão alternativa dos Illuminati.

Até as bandas desenhadas se voltaram para os Illuminati, pelo menos no nome, como enredo, e até os associaram ao reino dos super-heróis. A Ordem apareceu pela primeira vez em *Novos Vingadores* da Marvel Comics em julho de 2005 e muito mais discretamente em *Novos Vingadores: Illuminati* em maio de 2006. Esta atualização dos membros dos Illuminati inclui Thunderball, Mad Thinker e Enchantress, ao passo que os membros anteriores eram o Capitão América, o Homem de Ferro e o Professor X, dos famosos X-Men. Os Illuminati da Marvel, como a sua contrapartida da vida real, operam estritamente em segredo, furtivamente e nos bastidores.

Uma versão cómica de Adam Weishaupt como George Washington apareceu no alegórico romance gráfico de Dave Sim, *Cerebus the Aardvark*. Em 2014, Tom A. Hidell publicou *Adam Weishaupt and the Secrets of the Bavarian Illuminati*, em papel e *online*, bem como uma ambiciosa história ilustrada da Ordem, simplesmente intitulada *Illuminati*. Mais pormenores sobre a conspiração e os Illuminati podem ser encontrados no *site* de Hidell: www.illuminatirex.com/.

Blue Exorcist é um romance gráfico japonês que se estreou em 2009 nas páginas da revista japonesa *Jump SQ*. A história fala da True Cross Order, um grupo supervisionado pelo Vaticano cujo papel é acabar com demónios letais que aterrorizam a Terra. Os membros da True Cross Order têm não só de combater o sobrenatural, como também os Illuminati, que estão a tentar trazer demónios à Terra para criar um mundo de pesadelo governado pelo próprio Diabo. Os Illuminati também apareceram em filmes. A atriz Angelina Jolie cruzou-se com a Ordem no seu papel como Lara Croft no filme de 2001 *Lara Croft: Tomb Raider*. Nesta história, Croft frustra uma conspiração dos Illuminati, que pretendem apoderar-se de impressionantes e misteriosos poderes no auge de um alinhamento planetário que só acontece uma vez em cada cinco mil anos durante um eclipse solar. Naturalmente, ela leva a melhor sobre os abertamente chamados Illuminati.

Outros filmes, embora não tenham referido especificamente a Ordem, possuem não obstante definitivas conotações dos Illuminati. Algumas delas incluem *V de Vingança*, *Ficheiros Secretos*, *Cidade Misteriosa*, o clássico *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro* de George Orwell, *Matrix*, *O Advogado do Diabo*, *Eles Vivem* e até a saga *Guerra das Estrelas*, na qual um político sem escrúpulos cria um plano secreto para derrubar a Velha República e instalar uma ditadura imperial.

Os Illuminati chegaram até a ser tema de comédia, como no episódio de fevereiro de 2007 da série animada da Fox *American Dad!*. Com o título de «Black Mystery Month», o episódio não se centra nos Illuminati, mas sim nos «Illuminutty». Neste cenário absurdo, Steve Smith e o seu pai Stan (o American Dad) estão a estudar a vida do botânico George Washington Carver, quando Steve dá com o «segredo mais perigoso da história americana»: a manteiga de amendoim foi realmente uma ideia de Abraham Lincoln, não de Carver.

Seja em comédia, drama ou ficção, o nome dos Illuminati continua a aparecer nos média populares, em alguns casos com implicações

sérias. Muitas pessoas, especialmente os cristãos conservadores, veem a influência dos Illuminati em praticamente tudo, em particular no mundo do entretenimento. Entre os filmes que alguns afirmam ter incorporado símbolos dos Illuminati encontra-se a série *Harry Potter* (que, seja como for, envolve magia e bruxaria), *O Feiticeiro de Oz*, o já referido filme de Stanley Kubrick, *De Olhos Bem Fechados*, e antigos clássicos de Walt Disney como *Fantasia*, *O Aprendiz de Feiticeiro* e *Alice no País das Maravilhas*.

O autor e conferencista Jordan Maxwell encarava quase toda a indústria cinematográfica como uma plataforma para o simbolismo dos Illuminati. «As varinhas mágicas sempre foram feitas da madeira de azevinho (*holly wood*, em inglês). Hollywood é um estabelecimento druídico, e os símbolos, as palavras, os termos, as histórias são intencionais», acusava ele. Outros afirmam que a estatueta do Óscar da Academia deve o seu nome a Ausar ou Osíris, o deus egípcio, sempre retratado como uma figura dourada, de pé, com os braços cruzados sobre o peito e segurando um cetro.

Andrew Dilks, colaborador do *site* whatculture.com, enumerou vários filmes recentes e populares que alegadamente contêm simbolismo dos Illuminati. Incluem-se aqui *Capitão América: O Soldado do Inverno*, *A Casa na Floresta*, *Parnassus — o Homem que Queria Enganar o Diabo*, *O Amigo Oculto*, *Mestres da Ilusão*, e o clássico de Kubrick *Laranja Mecânica*. Segundo ele:

Os Illuminati. É um nome que causa medo e pavor no coração de alguns e riso e alegria em outros, mas, seja qual for a sua opinião sobre a realidade desta organização decididamente sinistra, não há como negar que se tornou parte da paisagem cultural.

Embora não haja como negar a existência histórica da Ordem dos Illuminati, estabelecida por Adam Weishaupt na Baviera em 1776, as provas da sua existência continuada até hoje são bastante mais difíceis de encontrar. Talvez seja irrelevante que exista ou não sob este título — tornou-se um termo conveniente para muitos no que diz respeito ao sombrio grupo de indivíduos poderosos no centro dos interesses bancários, políticos e corporativos que exercem o seu controlo sobre grande parte do mundo.

A existência ou não dos Illuminati não impediu muitas pessoas de ver a sua presença nos filmes de Hollywood. Ao avaliar a «marca dos Illuminati» nos filmes,

muitas vezes basta que algo oculto ou esotérico seja apresentado — uma pirâmide aqui, um olho-que-tudo-vê acolá — e os teóricos da conspiração logo declaram tratar-se da obra desta organização sombria. Naturalmente, é igualmente provável que sejam os cenógrafos quem inclui estas imagens porque fazem sentido no filme, ou até só para enervar aqueles que veem sinais dos Illuminati em tudo o que é filme.

Todavia, os espectadores veem continuamente sinais e símbolos dos Illuminati no mundo do entretenimento. Geoffrey Grider, ao escrever para o *site* religioso Nowtheendbegins, fazia referência à frase que James Paul Warburg, o «pai» do Sistema da Reserva Federal, teria dito a respeito da inevitabilidade do governo mundial. Warburg disse: «Teremos um Governo Mundial, quer nos agrade quer não. A única questão é se este Governo Mundial será alcançado por conquista ou por consentimento.» Grider escreveu: «Chamem-lhes o que quiserem — Nova Ordem Mundial, os Illuminati, Bilderberg, CFR —, eles são todos iguais e todos pretendem alcançar o mesmo objetivo. A citação de James Warburg ilustra-o perfeitamente. Um Governo Mundial Único, liderado por um único indivíduo, é exatamente o que a Bíblia dizia que aconteceria no fim dos tempos. Dos nossos tempos. O que todos estes grupos estão a fazer é preparar a cena para a vinda do Anticristo, que enganará o mundo inteiro e o obrigará a aceitar a sua marca. Eles têm como meio de comunicação preferido para transmitir pistas sobre os seus planos o complexo industrial dos média de Hollywood, que tem produzido “entretenimento” de Programação Preditiva nos últimos 50 anos, com mais pistas do que vocês possam imaginar.»

Esta programação preditiva foi definida como uma forma subtil de condicionamento psicológico fornecido pelos média com o fim de condicionar o público para acontecimentos e mudanças sociais planeados pelos globalistas e frequentemente atribuídos aos Illuminati. Desta maneira, quando os ditos acontecimentos ou mudanças tiverem lugar, o público já estará familiarizado com essa perspectiva e oferecerá menos resistência. Esta programação deve ser encarada como uma forma velada de manipulação em massa antecipada ou controlo mental.

«Um excelente exemplo da programação preditiva de Hollywood [é] fazer com que os que procuram a verdade pareçam maníacos da conspiração e pintar os orquestradores da Nova Ordem Mundial como os bons da fita», disse Grider. «Na Alemanha nazi de Hitler, eles adoravam atormentar as suas vítimas num jogo satânico do gato e do rato; dava-lhes imenso prazer que as vítimas soubessem o que as esperava antes que realmente acontecesse. De uma forma praticamente idêntica, esta gente da NOM-Illuminati-CFR está a fazer a mesma coisa...»

Alguns investigadores particularmente desconfiados veem simbolismo dos Illuminati até nos logótipos corporativos. Estas ideias predominam entre aqueles que veem a Ordem por trás do corporativismo global, aquilo a que eles chamam Nova Ordem Mundial.

No mundo da música, o *site* The Vigilant Citizen referia a 23 de fevereiro de 2016 o modo como a família Jackson reflete a influência dos Illuminati na indústria musical: «O vídeo de 1984 dos Jacksons, “Torture”, é uma representação de um pesadelo misturada com um monte de simbolismo de controlo mental dos Illuminati. Será que o vídeo revela simbolicamente a vida secreta dos Jacksons, em especial a do membro mais famoso da família, Michael?»

Outro *site* aponta a queda de Justin Bieber com asas de anjo numa sátira da Comedy Central como uma referência «illuminati satânica» à queda de Satanás do Céu. Bieber é até acusado de fazer com que as raparigas se magoem para lhe chamar a atenção. Estas e outras alegações fizeram com que Bieber, num vídeo do YouTube, apresentasse o triângulo de duas mãos dos Illuminati ao mesmo tempo que afirmava: «Eu não estou nos Illuminati.»

Outras celebridades, como Rihanna, Madonna, Lady Gaga, Katy Perry e Beyoncé, contribuíram para as alegações de uma infiltração illuminati na indústria do entretenimento ao deixarem-se retratar com palavras e símbolos dos Illuminati. Sempre que uma celebridade morre inesperadamente, como Heath Ledger e Michael Jackson, os esquivos Illuminati são responsabilizados. Outros dão a entender que

a sua vida é controlada pela Ordem.

Beyoncé admitiu em entrevistas ser orientada por uma personalidade separada chamada Sasha Fierce. Numa entrevista, explicou que as suas mãos num gesto com a forma de uma pirâmide eram o sinal «Roc-A-Fella». Este seria explicado por Shawn «Jay Z» Carter — artista de *hip-hop*, marido de Beyoncé e produtor de Rihanna — como sendo o sinal da sua Roc-A-Fella Records. Muitos acreditaram que Jay Z estava ligado aos Illuminati quando se deixou fotografar com uma camisola preta com as palavras «Do what thou wilt», a máxima dos Assassinos que, por intermédio dos Illuminati, passou para a O. T. O. de Aleister Crowley.

Alguns chegaram mesmo a afirmar (talvez por brincadeira) que eram membros ou tinham um conhecimento íntimo dos Illuminati. Madonna, por exemplo, tem sido frequentemente acusada de pertencer à Ordem. Numa entrevista à revista *Rolling Stone* depois de lançar um disco intitulado «Illuminati», Madonna afirmaria que: «Sou frequentemente acusada de pertencer aos Illuminati, mas a verdade é que eu sei quem são os verdadeiros Illuminati.»

A cantora Katy Perry disse à *Rolling Stone* que considerava um elogio ser incluída entre os membros da Ordem. «Imagino que tu a modos que triunfaste se eles pensam que estás nos Illuminati!», disse ela, acrescentando que se mostrava tolerante para com as pessoas que queriam acreditar na sua ligação aos Illuminati porque «eu acredito em alienígenas».

Vários sinais manuais usados pelos antigos Illuminati são frequentemente imitados não só por celebridades do entretenimento, mas por figuras do desporto e políticos. Estes sinais incluem o polegar e o indicador de ambas as mãos a formar um triângulo ou pirâmide, e um punho fechado com o indicador e o dedo mínimo esticados (um símbolo satânico de chifres ou, no Texas, o sinal de «Hook'em, Horns», que traduz o apoio à equipa dos Longhorns da Universidade do Texas). Quem fecha o polegar e levanta dois dedos está a fazer o familiar símbolo de «Vitória», popularizado pelo mestre maçon Winston Churchill durante a II Guerra Mundial. Ou será que,

como pretendem alguns, Churchill aprendeu este sinal, que alegadamente representa a sombra do diabo ou de um deus cornudo, durante a sua iniciação na Antiga Ordem dos Druidas de Ox, em 1908? Outro sinal é formado tocando com o polegar no dedo indicador, definindo um círculo. Os outros dedos levantados formam assim a «haste» de três 6, ou o número bíblico da Besta ou Anticristo: 666. Ou, também, este sinal pode apenas simbolizar um «okay».

Para uma pessoa comum, torna-se difícil saber quando um gesto é inocente, uma coincidência ou um sinal dos Illuminati. Por vezes, acontece letras de músicas e símbolos ocultistas serem fruto do acaso, como o símbolo da Universidade do Texas, «Hook'em, Horns», interpretado como uma saudação satânica semelhante.

Às vezes, uma pirâmide é apenas uma pirâmide. É como ver animais nas nuvens. O que alguns podem considerar símbolos dos Illuminati pode existir simplesmente nos olhos do observador. E, às vezes, os símbolos vistos nos média são apenas piadas intencionais. Tal foi o caso de um artista gráfico que até há pouco tempo criava desenhos standardizados que depois eram usados por afiliadas da NBC, ABC, CBS, FOX e noticiários locais. Numa conversa anónima com a escritora Gabriella Garcia, o artista explicou como injetava intencionalmente símbolos ocultos em alguns desenhos.

Quando eu estava a trabalhar para um grande conglomerado de emissoras, passava o tempo a esconder símbolos de culto nos desenhos dos noticiários das suas afiliadas. Francamente, nem sei porque fazia isto. Talvez porque me divirto com facilidade [...] eu encontrava uma maneira de incluir qualquer coisa nos desenhos, geralmente pequena e que não desse nas vistas — talvez uma referência aos Illuminati ou à Maçonaria —, apenas para lixar aqueles que o percebessem. Também gostava de usar símbolos criados por John Dee, alquimista e ocultista do século XVI, como o esotérico *Monas Hieroglyphica*, ou apenas coisas simples, mas conhecidas, como o pentagrama ou o olho na pirâmide. Eu não estava a fazer isto porque os noticiários eram obviamente de direita, mas fazia-me sentir um pouco melhor comigo mesmo ao fim do dia, porque estava a trabalhar para uma empresa que era diametralmente oposta aos pontos de vista essencialmente esquerdistas, pró-direitos humanos, que me dizem alguma coisa.

Tive de fazer um desenho para uma promoção «As nossas notícias percorrem o mundo», que tinha três cometas vermelhos a voar sobre o mundo e, pois, só tive de fazer com que eles formassem um gigantesco «A» de Anarquia. Quando tive de fazer

uma promoção do Halloween, simplesmente não consegui resistir a incluir um olho da pirâmide maçónica numa das lápides, você sabe, só para manter atentas as pessoas que andam à procura deste tipo de coisas. Havia algumas referências discordianas que eu colocava, como a maçã e o pentágono do Sacred Chao, o que apenas seria óbvio para quem conhecesse a trilogia *Illuminatus!* de Robert Anton Wilson.

Embora o artista nunca tenha sido chamado à atenção por causa destas suas «inserções», alguém (dentro dos Illuminati?) deve ter reparado porque ele acabou por ser demitido. «Aparentemente, alguém reclamou que eu tinha escarafunchado o nariz durante uma reunião. Esta é realmente toda a informação que recebi aquando da minha rescisão; quando cheguei à minha secretária, o meu computador já tinha sido retirado e, em seguida, vi-me embaraçosamente forçado a pedir dinheiro para o autocarro à pessoa que me demitiu, porque tinha ido de boleia para o trabalho naquela manhã», recorda ele.

Além de interpretações erróneas e piadas, um método infalível para desviar a atenção do público de um assunto sério é torná-lo objeto de ridículo. Por exemplo, durante a Páscoa de 2016, o humorista britânico John Oliver, galardoado com um Emmy, criou um solilóquio divertido, mas condescendente e depreciativo, em relação aos vídeos da conspiração que encontramos no YouTube. Entre tantas coisas possíveis, resolveu afirmar que os Creme Eggs da *Cadbury* eram uma sombria conspiração dos Illuminati. Com grande entusiasmo, Oliver explicava:

Um Creme Egg da *Cadbury* médio pesa 34 gramas, o mesmo número da rua do filme *Miracle on 34th Street* (*De Ilusão Também Se Vive*, em Portugal). Este é um dos filmes de Natal mais amados de todos os tempos; coincidentemente, a canção de Natal «12 Days of Christmas» refere os «cinco anéis de ouro» como um dos presentes de Natal ideais. A Alemanha tem a maior reserva de ouro da Europa e os Creme Eggs da *Cadbury* são fabricados no Reino Unido — por outras palavras, apenas à distância de um voo rápido e acessível. Todavia, esta ligação é realmente apenas mais uma distração; a «verdade» está no facto de os Creme Eggs da *Cadbury* serem originalmente chamados Fry Creme Eggs. Porquê mudar-lhes o nome? Talvez porque «Fry» é uma palavra de três letras — o mesmo número que os lados de um triângulo. E se cortarmos um Creme Egg ao meio e o pusermos no topo de um triângulo, o resultado assemelha-se bastante à pirâmide dos Illuminati. Pronto: os Creme Eggs da

Cadbury são um instrumento dos Illuminati.

Mas, como foi demonstrado nas páginas anteriores, os Illuminati — e especialmente a teologia dos Illuminati — não têm nada de divertido.

Enquanto continuam a circular as controvérsias e alegações públicas a respeito do envolvimento de algumas celebridades com os Illuminati, e enquanto acusadores e defensores se enfrentam nos média sociais, as filosofias da Ordem continuam a disseminar-se discretamente.

CONCLUSÕES

Primeiro, há que reconhecer que os Perfectibilistas, ou a Ordem dos Illuminati da Baviera, enquanto organização alemã coesa já não existe.

Mas, em segundo lugar, deve-se entender que as doutrinas e filosofias apresentadas pela Ordem antecederam os Illuminati da Baviera em milénios. A origem destas tradições e crenças pode ser traçada, por intermédio dos Maçons, Rosacrucianos, Cavaleiros Templários, Escolas de Mistérios da Grécia e do Egito, até à antiga Suméria e às suas descrições dos possivelmente extraterrestres Anunnaki.

Estas teologias subsistem hoje sob a forma da doutrina do iluminismo, que é simplesmente mais um «ismo», semelhante ao capitalismo, socialismo, comunismo, sionismo, liberalismo, feminismo e nazismo. Trata-se de uma filosofia, de uma mentalidade.

Uma busca minuciosa aos bolsos de Hillary Clinton e Dick Cheney não revelará um cartão de sócio dos Illuminati. Eles podem até nem reconhecer este nome. Mas ambos praticam o iluminismo. Ambos deram provas de que aceitam a máxima dos Illuminati: «O fim justifica os meios.» E vimos as consequências desta doutrina quando os nazis a levaram ao seu extremo lógico. Convém igualmente saber que Clinton participava em reuniões do secreto grupo Bilderberg já em 1997.

À semelhança de muitas organizações históricas, os nacional-socialistas alemães (nazis) começaram com planos que pretendiam tornar o seu país um lugar melhor. Sob o comando de Hitler, foi construído um sistema nacional de autoestradas (as *Autobahnen*), as primeiras leis de controlo da poluição entraram em vigor, e procedeu-se a um registo nacional de assistência médica e de armas. O próprio Hitler era o epítome de muitos liberais de hoje: vegetariano, amigo dos animais, ambientalista, não bebia e não fumava.

Mas, com o poder centralizado e concentrado que Hitler adquiriu

como *führer* (líder) do seu país, veio a corrupção, o compadrio e o desprezo pelos direitos humanos básicos. Com o seu empenho em impingir a sua ideologia a populações inteiras, os nazis provocaram a II Guerra Mundial, com a sua inimaginável quantidade de morte e destruição. Seria um exemplo clássico de altruísmo corrompido pelo desumano credo dos Illuminati de que «o fim justifica os meios» e pela demanda de um poder e controlo totais.

Vimos o mesmo processo desalojar outros movimentos promissores — desde a queda dos impérios romano e britânico ao socialismo russo, até à atual perda de liberdade individual na democracia estado-unidense.

Ao longo dos tempos, sempre houve aqueles que se consideravam «iluminados» e que tentaram livrar-se das restrições impostas por terceiros. Uma vez que esta postura não é vista com bons olhos pela elite religiosa e política estabelecida, este livre pensamento, por uma questão de necessidade, foi forçado a tornar-se secreto, a esconder-se.

Hoje, o termo «Illuminati» tornou-se ambíguo. Significa coisas diferentes para pessoas diferentes. «Existe uma infinidade de diferentes versões no que respeita àquilo que os Illuminati são exatamente, mas a maioria dos investigadores concorda que o grupo é constituído essencialmente pela camada superior da elite financeira e política do mundo. De um modo geral, é usado como um termo genérico para descrever os “Um por Cento”, os oligarcas, os plutocratas ou a classe dominante cuja riqueza e poder combinados influenciam todos os aspetos da nossa vida diária», escreveu Tom Hidell em Illuminatirex.com.

Atualmente, um número crescente de pessoas está a aperceber-se de que praticamente um punhado de banqueiros e financeiros internacionais — aqueles que definem as regras das instituições financeiras e as taxas de juros do mundo — controla a economia global e, como tal, a maioria dos governos. Mas foi sob a forma dos Illuminati da Baviera que, pela primeira vez na história moderna, homens «iluminados», que se consideravam superiores às massas,

criaram um movimento unificado contra a Igreja e o Estado para derrubar a velha ordem e controlar nações inteiras.

Embora os Illuminati da Baviera tenham sido esmagados, o iluminismo viria posteriormente a disseminar a sua influência em todo o mundo. Isto foi feito sem grande dificuldade, porque, muito antes da chegada dos Illuminati, algumas ricas e poderosas famílias «de linhagem» — cuja ganância, engenho e ausência de compaixão lhes haviam dado um controlo económico indescritível — tinham sabido manipular os acontecimentos mundiais desde os tempos dos deuses do céu da Mesopotâmia, os Anunnaki. Para mais pormenores sobre os Anunnaki, consultar o livro de 2013 deste autor, *Our Occulted History*. Depois, temos a questão da interpretação. Começando com as tiradas anti-Illuminati dos escritores cristãos setecentistas Augustin Barruel e John Robison, até Nesta Webster e Texe Marrs, foram vários os autores que viram o iluminismo claramente como um ataque satânico ao cristianismo e ao Estado.

Outros tinham uma visão mais compreensiva. O Pai Fundador Thomas Jefferson talvez refletisse as intenções mais antigas e verdadeiras dos Maçons, e até dos Illuminati, quando escreveu na Declaração de Independência: «Consideramos estas verdades evidentes por si mesmas, que todos os homens são criados iguais; que eles são dotados pelo seu Criador de direitos inerentes e inalienáveis; que entre eles estão a Vida, a Liberdade e a procura da Felicidade; que, para assegurar esses direitos, Governos são instituídos entre os Homens, obtendo os seus justos poderes do consentimento dos governados; que, sempre que qualquer Forma de Governo se torne destrutiva destes fins, é direito do Povo alterá-la ou aboli-la e instituir um novo Governo, fundamentando-o em princípios e organizando os seus poderes segundo a forma que lhe pareça mais provável de concretizar a sua Segurança e Felicidade.»

Mas, como em muitos casos no passado, verdades básicas como estas são manipuladas e distorcidas por indivíduos sedentos de poder, membros de sociedades secretas e hipócritas que dizem uma coisa, mas praticam algo completamente diferente.

Assim como os Estados Unidos parecem ter atualmente perdido a sua anterior crença na liberdade individual, bem como o espírito igualitário dos seus Pais Fundadores, os Illuminati perderam de vista os seus objetivos originais em favor dos seus membros mais limitados e manipuladores. Perto do seu fim, a Ordem seria governada por uma elite interna, que alguns acreditam ter estado na sua origem, a qual distorceu as suas atividades em benefício próprio, assim como os Estados Unidos são hoje governados por uma elite sombria e não eleita de pessoas extremamente ricas, muitas delas de famílias de linhagem.

E não são apenas os excêntricos teóricos da conspiração que pensam assim. Numa carta de 1932 a Sigmund Freud, Albert Einstein referia que também ele entendia que o mundo era governado por um pequeno, mas poderoso grupo. Nas suas palavras: «... a atual classe dominante tem as escolas e a imprensa, a Igreja também de um modo geral, sob o seu controlo. Isto permite-lhe organizar e influenciar as emoções das massas, e fazer delas o seu instrumento.»

Mas Einstein não soube reconhecer o mal nestes governantes, culpando as vítimas. Escreveu: «Todavia, nem mesmo essa resposta nos dá uma solução completa. Outra pergunta surge: como é que estes esquemas conseguem tão bem levar as pessoas a um entusiasmo tão desregrado, a ponto de sacrificarem a sua própria vida [em guerras]? Apenas uma resposta é possível: porque as pessoas têm dentro de si um desejo de ódio e destruição. Em tempos normais, esta paixão existe num estado latente, apenas emerge em circunstâncias invulgares; mas é relativamente fácil pô-la em ação e elevá-la ao poder de uma psicose coletiva.»

Em 1932, Einstein não tinha como imaginar que, na segunda década do século XXI, praticamente todas as notícias e informações apresentadas ao público estado-unidense, incluindo publicações, filmes, música, televisão e redes, seriam controladas pelos poucos proprietários de apenas seis corporações multinacionais. Estes seis conglomerados são a General Electric (NBC), a Time Warner, a Disney, a News Corporation, a Bertelsmann da Alemanha e a Viacom

(ex-proprietária da CBS). Este monopólio dos média pode não dizer ao público como pensar, mas não tenhamos dúvidas de que decide em que é que deve pensar. O monopólio cria uma «matriz» eletrónica que nos rodeia.

Temas como as alterações climáticas, a ambiguidade da identidade de género, a legislação antiarmamento, medicamentos e vacinas prejudiciais e organismos geneticamente modificados (OGM), enchem continuamente os média que são propriedade desses gigantes corporativos apenas porque estas questões mantêm a sociedade dividida e em conflito, o que serve para desviar a atenção do público para longe de quem realmente governa o mundo.

Nas palavras do comentarista da Internet Rich Scheck: «Independentemente de lhe chamarmos a Nova Ordem Mundial, o Estado Profundo, o Complexo Militar-Industrial ou O Mundo Huxwelliano de 2016, como eu, uma análise cuidadosa da paisagem atual demonstra claramente que somos governados por uma “elite de poder” constituída por oligarcas corporativos e banqueiros globais que dominam o processo decisório por intermédio dos seus lobistas, do controlo de representantes eleitos seja qual for a sua afiliação partidária, e da propriedade dos meios de comunicação.»

Os investigadores encontraram demasiadas ligações e coincidências, juntamente com declarações de líderes mundiais, para que possamos simplesmente rejeitar a ideia de uma tentativa de controlo global por parte de um grupo pequeno, mas empenhado. «Quando observamos honestamente as maquinações que atualmente têm lugar nesta esfera a que chamamos planeta Terra, torna-se óbvio que este embuste é o resultado de um esforço cuidadosamente planeado e coordenado, posto em prática por líderes de alto nível em muitos governos importantes de todo o mundo», observou o Dr. John Reizer, fundador do *site* NoFakeNews, acrescentando que a maioria dos cidadãos não consegue compreender a ideia de um poderoso controlo central sobre a Terra, «não porque são indivíduos estúpidos [mas] essencialmente porque a maioria das pessoas, bem como o seu entendimento da vida e da estrutura social, se encontram muito

distantes do que realmente está a acontecer no mundo. [...] Assim que obtemos o controlo e influenciamos diretamente a perspetiva da realidade que uma civilização adota por meio de um conteúdo mediático estrategicamente apresentado, controlamos tudo para todos os fins e efeitos».

O comentarista Henry Makow refletia: «Faz-nos pensar num soldado a marchar fora do compasso numa parada, mas que tem o *chutzpah*, o dinheiro e os média para convencer os restantes de que são eles que estão fora do compasso. Se extrapolarmos esta imagem para um nível cósmico, podemos entender a Nova Ordem Mundial.»

Qualquer pessoa de uma cidade pequena entende o conceito de «ordem hierárquica», que um ou alguns homens podem definir a agenda de toda a comunidade. Pode ser o editor de jornais, o principal banqueiro ou o empresário mais próspero. E estes líderes não precisam de dar ordens. Basta-lhes divulgar a sua vontade para que os subordinados procurem alinhar-se com ela. Esta mesma estrutura pode ser aplicada a nações inteiras. Mas, embora a maioria das pessoas possa entender esta estrutura numa escala pequena, essas mesmas pessoas recusam-se a pensar que ela possa existir em grande escala. Embora seja uma parte vital da teologia dos Illuminati, o segredo não é o objetivo final, o qual consiste em garantir que o plano se mantém «inacreditável» aos olhos do público. O controlo sobre os grandes meios de comunicação desempenha aqui um papel importante. Para avaliar o sucesso deste objetivo, basta perguntarmos aos nossos amigos e vizinhos o que é que eles pensam sobre os Illuminati. O mais provável é que eles não saibam do que é que estamos a falar, e muito menos que tenham opiniões específicas sobre a questão. Também há que reconhecer que a conspiração das sociedades secretas, «iluminadas» ou não, não é o produto de alguma conspiração judaica. Embora o sionismo, como foi demonstrado, tenha desempenhado um importante papel na manipulação das sociedades secretas, os judeus devotos têm sido mais frequentemente as vítimas de tais maquinações.

Parece existir algo mais sombrio por trás do esforço de subjugar a

humanidade e destruir o ambiente do que a simples ganância corporativa ou política. Até os animais sabem que não podem sujar o seu próprio ninho. Porque é que os líderes corporativos querem matar a galinha dos ovos de ouro, ao envenenar a Terra e matar os seus habitantes?

Os autores Gardiner e Osborn referiram que tudo parece remontar ao conhecimento dos antigos deuses do céu. Desde os Illuminati, Cavaleiros de Malta, Opus Dei e o atual grupo Bilderberg, passando pelos Maçons, Rosacruzianos, Cavaleiros Templários e pelos antigos Mistérios da Grécia, do Egito e da Suméria, «todas elas [as sociedades secretas] surgiram essencialmente do mesmo centro ou tronco: a Igreja Católica, que por sua vez, em nossa opinião, remonta à antiga Suméria e aos Cintilantes», observaram eles.

«Encontrámos os Cintilantes em todas as culturas do mundo durante um período que remonta aos dias da antiga Suméria e do Egito. [...] Descobrimos que, ao longo dos tempos, muitas organizações, por mais aparentemente diferentes e contraditórias, haviam todas sido diversas fachadas ou derivações dos Cintilantes», acrescentaram.

Após anos de estudo, o Dr. Reizer diria ter chegado à mesma «desconfortável conclusão» que Gardiner e Osborn, a saber, que o controlo da Terra está a ser exercido por pessoas que não são deste planeta. Segundo ele, a resposta para a Grande Questão de quem ou o quê realmente controla este planeta é que, seja quem ou o que for, não é, «muito honestamente, *deste mundo!*» [ênfase no original].

Na década de 1920, Charles Fort tinha passado 27 anos no Museu Britânico e na Biblioteca Pública de Nova Iorque a investigar revistas científicas antigas, periódicos e recortes de jornais. Em 1919, Fort publicou *The Book of the Damned* (ou seja, aqueles que foram excluídos do verdadeiro conhecimento). Nele, apresentava esta surpreendente conclusão:

Penso que somos propriedade.

Diria antes que pertencemos a algo:

Que há muito, muito tempo, esta terra era uma Terra de Ninguém, que outros

mundos exploraram e colonizaram, e lutaram entre si pela sua posse, mas agora é possuída por alguma coisa. Que algo é dono desta terra — todos os outros foram afugentados [...] que tudo isto é do conhecimento, talvez há eras, de certos seres nesta terra, um culto ou ordem, cujos membros agem como mensageiros para o resto de nós, ou como escravos superiores ou capatazes, dirigindo-nos de acordo com instruções recebidas — de algum outro lugar — para nossa misteriosa utilidade.

Esta conclusão surpreendente é apoiada pelo trabalho recente de Chris Hardy, doutorado em antropologia psicológica e ex-investigador dos Laboratórios de Investigação Psicológica de Princeton. Depois de estudar de perto as tradições sumérias por intermédio de muitas fontes, Hardy ficou convencido de que os antigos Anunnaki, ou deuses do Céu, ou Cintilantes, são as próprias «forças que nos queriam manter como bestas de carga — produzindo riquezas e metais dos quais poderiam dispor, sem sequer pagar por eles ou pelo trabalho —, esses poderes ocultos tomaram todas as medidas possíveis para impedir que alcançássemos este conhecimento, e, quando algumas pessoas perspicazes o fizeram, não perderam tempo a silenciá-las em nome da razão e do bom senso, das estatísticas e das leis da física do século XIX, ou da incompatibilidade religiosa com os seus dogmas e visões de mundo».

O interesse por estranhos que visitam a Terra não se limita aos fãs e fantasistas da série *Star Trek*. Muitas pessoas com conhecimentos e credibilidade são conhecidas do público. Paul T. Hellyer, um engenheiro aeronáutico que foi ministro da Defesa do Canadá entre 1963 e 1967, declarou: «Eles visitam o nosso planeta há milhares de anos.» Segundo ele, foram eles que nos deram tecnologia avançada, como o *microchip*, a visão noturna e o *Kevlar* dos coletes à prova de bala, embora «grande parte dos média não toque nesse assunto».

O falecido Edgar Mitchell, o sexto homem a pisar a Lua, estava convencido de que extraterrestres tinham visitado a Terra. Mitchell, que fundou o Instituto de Ciências Noéticas em 1973, também disse que obtivemos tecnologia das naves despenhadas dos alienígenas, mas que os governos, particularmente o governo dos EUA, encobrem este facto há muitos anos.

Se os relatos dos deuses do céu anunnaki são de algum modo

verdadeiros, os primeiros seres humanos eram governados por astronautas extraterrestres. Assim sendo, o que foi feito deles, uma vez que não se fazem ver atualmente? Todos eles abandonaram a Terra a dada altura ou será que pelo menos alguns ainda estão cá?

A resposta pode ser encontrada numa simples revisão da História humana. É-nos ensinado que os seres humanos evoluíram lentamente de caçadores-recoletores para agricultores, que se juntaram em cidades-estados, as quais se tornaram nações e impérios. Todavia, um exame minucioso da História também nos fala de lendas de maravilhosas civilizações perdidas, de artefactos incríveis, e de relatos vindos de todo o mundo em que os deuses voavam nos tempos antigos: os dragões voadores dos Chineses, as *vimanas* dos Hindus, os barcos voadores dos Egípcios, os escudos voadores dos Romanos, as aeronaves do século XIX e os óvnis de hoje. Alguém tem estado connosco durante toda a História registada. Ficou demonstrado que um mero punhado de indivíduos de linhagem, escondidos atrás de fachadas corporativas, fundações e burocratas do governo, está a tentar controlar a riqueza e o conhecimento do planeta. Aqui, parecem existir apenas três possibilidades: a elite dominante está a usar a tecnologia moderna num esforço para contactar os deuses antigos; esta elite já entrou em contacto com os deuses antigos e está a ser orientada ou controlada por eles; ou a dita elite são os deuses antigos, os Anunnaki, os Seres Avançados, os Cintilantes da Antiguidade.

O estado atual do nosso mundo pode muito bem ter sido descrito num *site* que afirma ter informações canalizadas de uma entidade chamada *Matthew*, cujas palavras soam bem verdadeiras:

A liberdade arde no coração da Humanidade, mas só raramente os povos da Terra viveram em liberdade. Durante longos períodos, homens fortes [de «origens exteriores ao planeta»] aumentaram as suas propriedades e poder por meio de uma brutal conquista — as tropas foram forçadas a combater; quantidades inauditas foram mortas, capturadas ou vendidas como escravos; e todos, exceto os poucos privilegiados, viviam ao nível da mera subsistência. Depois de os sistemas de governo serem rotulados, os Illuminati zombaram da democracia ao apresentar os que pertenciam às suas fileiras como candidatos; viciando eleições; e subornando,

chantageando, ameaçando ou assassinando membros de governos. Eles declaravam qual o país que devia ser combatido para *nos* manter a salvo *daquele* tipo de governo ou *daquela* ideologia [ênfase no original], e iniciaram guerras civis e internacionais.

À semelhança dos seus antepassados, eles prosperaram com a guerra. Ao produzir armas, munições e outras máquinas de guerra para ambos os lados, lucraram muito. Ao estabelecer novas fronteiras nacionais ou simplesmente ao dominar um país e subjugar a sua população, continuaram a expandir o seu império. Ao infiltrar-se em governos, forças militares, agências de informações, sistemas judiciais e económicos, religiões, educação, média, comércio, corporações multinacionais, área médica, indústria cinematográfica e locais de entretenimento, eles acabaram por controlar tudo o que afeta a vida no vosso mundo. Ao criar infatigavelmente o medo, a tristeza, a injustiça e a pobreza, condições que produzem a energia que os alimenta, eles mantiveram o vosso mundo nas suas garras.

Hoje, a tentativa de controlo global vem mais da manipulação financeira do que da religião, pelo menos nos países ocidentais. No Terceiro Mundo, o despotismo e o fanatismo religioso ainda reinam. Este controlo financeiro tem como centros menos de duas dúzias de bancos multinacionais pertencentes a um mero punhado de indivíduos. Estas pessoas têm de ser identificadas e abordadas. Felizmente para a Humanidade, a consciencialização está a aumentar em todo o mundo. Cada vez mais pessoas estão a tornar-se mais cientes das realidades da vida na Terra nos dias de hoje. Em grande parte, isto deve-se à constante expansão da Internet. Com a comunicação entre as populações, o pensamento tradicional está a desmoronar-se numa vasta variedade de campos — desde a política partidária e o governo centralizado à religiosidade dogmática e às nossas opiniões sobre as origens do Homem. Tendo em conta as ligações anteriormente descritas entre determinadas famílias ricas — particularmente os Rockefeller e os Rothschild, que têm demonstrado tanto interesse pelo saber e pelos artefactos sumérios —, a ideia de que pelo menos alguns membros da elite dominante podem não ser inteiramente humanos não deve ser sumariamente descartada. Afinal, pode ser claramente demonstrado que as políticas e práticas destas famílias e das suas empresas não parecem representar o melhor interesse dos cidadãos nem do meio ambiente deste mundo. As provas de uma visita antiga e não-humana são convincentes,

quase esmagadoras. Desenhos rupestres, tabuinhas de pedra cuneiformes, descrições bíblicas, escritos antigos e artefactos anómalos um pouco por todo o mundo, atestam a realidade dessa presença ao longo da História. Uma vez que foi demonstrado que apenas um mero punhado de indivíduos de linhagem, escondidos atrás de fachadas corporativas, está a tentar controlar a riqueza e o poder do nosso planeta, talvez esteja na altura de perguntarmos com toda a seriedade: será que eles sequer serão «uns dos nossos»?

Qualquer que seja a resposta, seja ela o iluminismo, seja ela a teologia do engano e da busca de poder, este é o fio que liga os astronautas de antanho e os seus conhecimentos aos Illuminati da Baviera e às organizações iluminadas de hoje. E é a esta filosofia do iluminismo, não apenas às sociedades e ordens que a servem, que devemos resistir em prol da paz, harmonia e verdadeira liberdade individual.

Os antigos Illuminati já não existem, mas o iluminismo ainda projeta a sua sombra sobre todo o mundo.

LEITURA COMPLEMENTAR

- Adachi, Ken. «The New World Order (NWO): An Overview.» *Educate Yourself*. <http://educate-yourself.org/nwo/>. (Consultado a 12 de dezembro, 2016.)
- «Adam Weishaupt.» Biblioteca Pleyades. http://www.bibliotecapleyades.net/sociopolitica/esp_sociopol_illuminati_0a.htm. (Consultado a 2 de março, 2017.)
- «All Roads Lead to Babylon.» Above Top Secret, 2 de janeiro, 2012. <http://www.abovetopsecret.com/forum/thread792178/pg1>.
- Allen, Gary. *None Dare Call It Conspiracy*. Seal Beach, CA: Concord Press, 1971.
- «The All-Seeing Eye.» Grand Lodge of British Columbia and Yukon. <http://freemasonry.bcy.ca/symbolism/eye.html>. (Consultado a 8 de março, 2017.)
- Antelman, Marvin S. *To Eliminate the Opiate, Volume II*. Jerusalém, Israel: Zionist Book Club: 2002, p. 121.
- Baigent, Michael, Richard Leigh, & Henry Lincoln. *Holy Blood, Holy Grail*. Nova Iorque: Dell Publishing, 1983, p. 368. [O Sangue de Cristo e o Santo Graal, Lisboa, Livros do Brasil, 2003.]
- . *The Messianic Legacy*. Nova Iorque: Dell Publishing, 1986.
- Barrett, David V. *A Brief History of Secret Societies*. Londres: Constable & Robinson, 2007, pp. xiii-xiv.
- Barruel, Augustine. *Mémoires pour servir à l'histoire du Jacobinisme* («Memoirs Illustrating the History of Jacobinism»). Fraser, MI: American Council on Economics and Society, 1995, p. 441.
- «The Bavarian Illuminati.» Masonic Dictionary. <http://www.masonicdictionary.com/illuminati.html>. (Consultado a 4 de março, 2017.)
- Bierce, Ambrose. «Freemasons.» The Devil's Dictionary. www.thedevilsdictionary.com/?f=#!. (Consultado a 7 de março, 2017.)
- «Bilderberg's Silent Takeover of Britain's \$60bn Defense Budget.» *RT*, 16 de maio, 2014.
- Bollyn, Christopher. «Iraqis Robbed.» *American Free Press*, 21 de abril, 2003.
- Brecher, Edward M., e os editores de *Consumer Reports, Licit and Illicit Drugs*. Mount Vernon, NY: Consumers Union, 1972.
- Brzezinski, Zbigniew. «America and Europe.» *Foreign Affairs*, outubro, 1970, p. 29.
- . *Between Two Ages: America's Role in the Technetronic Era*. Nova Iorque: Viking, 1970, p. 9.
- Bullamore, George W. «The Beehive of Freemasonry.» Grand Lodge of British Columbia and Yukon. <https://www.freemasonry.bcy.ca/aqc/beehive.html>. (Consultado a 15 de novembro, 2016.)
- Butler, Trent C., (ed.), *Holman Bible Dictionary*. Nashville, TN: Holman Bible Publishers, 1991, p. 992.
- Carr, William Guy. *Pawns in the Game*. Willowdale, Ontario: Federation of Christian Laymen, 1958, p. 2.
- . *Satan, Prince of this World*. (manuscrito inacabado, publicado pelo seu filho, W. J. Carr, Jr. em 1966), pp. 15-16.

Carroll, Robert Todd. «Illuminati, The New World Order & Paranoid Conspiracy Theorists (PCTs).» The Skeptic's Dictionary. <http://skeptdic.com/illuminati.html>. (Consultado a 2 de fevereiro, 2017.)

Chamish, Barry. «Chamish — Rabbi Antelman Is Back.» Rense.com, 10 de março, 2002. <http://www.rense.com/general20/rabb.htm>.

Childress, David Hatcher. *Technology of the Gods: The Incredible Sciences of the Ancients*. Kempton, IL: Adventures Unlimited Press, 2009, pp. 231-232.

Churchill, Winston. *The World Crisis*. Nova Iorque: Scribner's Sons, 1949, p. 300.

———. «Propaganda in the Next War.» What Really Happened. http://whatreallyhappened.com/WRHARTICLES/PROPAGANDA_IN_THE_NEXT_WAR_F (Consultado a 22 de janeiro, 2017.)

———. «Zionism versus Bolshevism.» *Illustrated Sunday Herald*, 8 de fevereiro, 1920, p. 5. <http://www.fpp.co.uk/bookchapters/WSC/WSCwrote1920.html>.

Cirucci, Johnny. «Illuminati Unmasked: Everything You Need to Know about the “New World Order” and How We Will Beat It.» JohnnyCirucci.com. (Consultado a 20 de novembro, 2016.)

Coghlan, Andy, & Debora MacKenzie. «Revealed—The Capitalist Network That Runs the World.» *New Scientist*, 19 de outubro, 2011. <https://www.newscientist.com/article/mg21228354.500-revealed-the-capitalist-network-that-runs-the-world>.

Cook, Nick. *The Hunt for Zero Point*. Londres: Century, 2001, p. 164.

Coppens, Philip. «Best Evidence?» Philip Coppens. <http://philipcoppens.com/bestvidence.html>. (Consultado a 1 de março, 2017.)

Cuddy, Dennis L. «The Illuminati.» *Kjos Ministries*, 17 de janeiro, 2012.

———. «The Illuminati: Part 6.» News with Views, 10 de janeiro, 2011. <http://www.newswithviews.com/Cuddy/dennis198.htm>.

Daraul, Arkon. *Secret Societies*. Nova Iorque: MJF Books, 1961, p. 226.

«Dead: 125 Scientists, 75 High-Level Bankers, & 3 Investigative Journalists within 24 Hours.» SecretsoftheFed.com. <http://www.secretsofthefed.com/dead-125-scientists-75-high-level-bankers-and-within-24-hours-3-investigative-journalists/>. (Consultado a 4 de março, 2017.)

«Decoding Illuminati Symbolism.» IlluminatiWatcher.com, 19 de agosto, 2014. <http://illuminatiwatcher.com/decoding-illuminatisymbolism-the-all-seeing-eye/>.

Dubay, Eric. *The Atlantean Conspiracy: Exposing the Global Conspiracy from Atlantis to Zion*. AtlanteanConspiracy.com, 2015.

Durden, Tyler. «Deep State: Inside Washington's Shadowy Power Elite.» ZeroHedge, 30 de janeiro, 2016. <http://www.zerohedge.com/news/2016-01-30/deep-state-inside-washingtons-shadowy-power-elite>.

Dwilson, Stephanie Dube. «Edgar Mitchell & Aliens: 5 Fast Facts You Need to Know.» Heavy.com, 5 de fevereiro, 2016. <http://heavy.com/news/2016/02/edgar-mitchell-ufo-aliens-exist-are-real-ed-et-roswell-conspiracy-coverup-cover-up-died-noetics-esp/>.

Easen, Nick. «New Technology from “Black World.”» CNN.com, 8 de setembro, 2003. <http://www.cnn.com/2003/TECH/09/05/wow.tech.black.world/>.

Eddy, Patricia G. *Who Tampered with the Bible?* Nashville, TN: Winston-Derek Publishers, 1993, pp. 222-223.

Elinoff, Jonathan. «33 Conspiracy Theories That Turned Out to Be True, What Every Person

- Should Know...» Infowars, 6 de janeiro, 2010. <http://www.infowars.com/33-conspiracy-theories-that-turned-out-to-be-true-what-every-person-should-know/>.
- Epperson, A. Ralph. *Masonry: Conspiracy against Christianity*. Tucson, AZ: Publius Press, 1997, pp. 18-19.
- . *The New World Order*. Tucson, AZ: Publius Press, 1990, pp. 33, 56.
- . *The Unseen Hand: An Introduction to the Conspiratorial View of History*. Tucson, AZ: Publius Press, 1985, p. 7.
- Eringer, Robert. *The Global Manipulators*. Bristol, Reino Unido: Pentacle Books, 1980, p. 61.
- Evans, Medford. *The Assassination of Joe McCarthy*. Los Angeles: Western Islands, 1970, p. 113.
- Farmer, John. *The Ground Truth: The Untold Story of America Under Attack on 9/11*. Nova Iorque: Riverhead Books, 2009, pp. 2, 4.
- Ferguson, Niall. *The House of Rothschild*. Nova Iorque: Viking, 1998, p. 9.
- Fest, Joachim C. *Hitler*. Nova Iorque: Harcourt Brace Jovanovich, 1974.
- «The First Encounters.» Biblioteca Pleyades. http://www.bibliotecapleyades.net/sitchin/divine_encoun/divine_encounters01.htm. (Consultado a 10 de dezembro, 2016.)
- Fisk, Robert. «Robert Fisk: A Civilisation Torn to Pieces.» Information Clearing House, 13 de abril, 2003. <http://www.informationclearinghouse.info/article2908.htm>.
- Ford, Brian. *German Secret Weapons: Blueprint for Mars*. Nova Iorque: Ballantine Books, 1969, p. 22.
- «Former Illuminist Witch Reveals Strong Witchcraft Tie to Freemasonry: Doc Marquis, Former Illuminist Witch, Answers the Top 25 Questions He Receives during His Seminars on Illuminati, Witchcraft, and Freemasonry.» Cutting Edge Ministries. <http://www.cuttingedge.org/free14.html>. (Consultado a 23 de outubro, 2016.)
- Freedman, Benjamin H. «Benjamin H. Freedman 1961 Speech.» YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=x8OmxI2AYV8>. (Consultado a 3 de novembro, 2016.)
- «The French Revolution.» The Judeo-Masonic Conspiracy. <http://judeo-masonic.blogspot.com/2010/02/5-french-revolution.html>. (Consultado a 23 de fevereiro, 2017.)
- Fulford, Benjamin. «Benjamin Fulford: Bush, Rothschild Prosecutions, New Disclosures, Greece, All Signs of Accelerating Cabal Take Down.» The Event Chronicle. <http://www.theeventchronicle.com/intel/benjamin-fulford-bush-rothschild-prosecutions-new-disclosures-greece-all-signs-of-accelerating-cabal-take-down/#>. (Consultado a 3 de março, 2017.)
- . «Benjamin Fulford Update—March 1, 2016.» Ascension with Mother Earth and Current State of Affairs, 29 de fevereiro, 2016. <http://www.ascensionwithearth.com/2016/02/benjamin-fulfordupdate-march-1-2016.html>.
- Garcia, Gabriella. «I Hid Illuminati Symbols in Broadcast News Graphics Because I Was Bored.» *Hopes and Fears*. <http://www.hopesandfears.com/hopes/now/media/214739-illuminati-conspiracynews-hidden>. (Consultado a 10 de fevereiro, 2017.)
- Gardiner, Philip, & Gary Osborn. *The Shining Ones: The World's Most Powerful Secret Society Revealed*. Londres: Watkins Publishing, 2006, pp. 86, 250, 265.
- Gardner, Laurence. *Bloodline of the Holy Grail*. Rockport, MA: Element Books, 1996.
- . *Genesis of the Grail Kings*. Londres: Bantam Press, 1999, pp. 219-220.

- . *The Shadow of Solomon: The Lost Secret of the Freemasons Revealed*. Londres: Harper Element, 2005, pp. 43, 116.
- Gilliland, James. *Anunnaki Return, Star Nations and the Days to Come*. Trout Lake, OR: ECETI, 2016, p. 16.
- Glancy, Josh. «Chaim Weizmann and How the Balfour Declaration Was Made in Manchester.» *The JC*, 1 de novembro, 2012. <http://www.thejc.com/lifestyle/lifestyle-features/89026/chaim-weizmann-and-how-balfour-declaration-was-made-manchester>.
- Glass, Sandra. «The Conspiracy.» *Teenset*, março, 1969, pp. 34-40.
- «The Global Propaganda Arm of the New World Order.» Zona de Livre. <http://myspacegabyven.fullblog.com.ar/the-global-propaganda-armof-the-new-world-order-791213437632.html>. (Consultado a 10 de fevereiro, 2017.)
- Goldwater, Barry. *With No Apologies*. Nova Iorque: William Morrow and Company, 1979, p. 278.
- Good, Timothy. *Alien Contact*. Nova Iorque: William Morrow, 1993, p. 143.
- Greer, John Michael. *The Element Encyclopedia of Secret Societies*. Londres: HarperElement, 2006, pp. 360-361.
- Griffin, G. Edward. *The Creature from Jekyll Island*. Westlake Village, CA: American Media, 1994.
- Hale, William Harlan. «When Karl Marx Worked for Horace Greeley.» *American Heritage*, 8:1 (abril, 1957). <http://www.americanheritage.com/content/when-karl-marx-worked-horace-greeley>.
- Hall, Manly P. *America's Assignment with Destiny*. Los Angeles: The Philosophical Research Society, 1951, pp. 49-50.
- . *What the Ancient Wisdom Expects of Its Disciples*. Los Angeles: The Philosophical Research Society, 1982, p. 23.
- . *The Secret Teachings of All Ages*. Los Angeles: The Philosophical Research Society, 1988, p. 76.
- Harbinson, W. A. *Inception*. Nova Iorque: Dell Publishing, 1991, p. xi.
- Hardy, Chris H. *Wars of the Anunnaki: Nuclear Self-Destruction in Ancient Sumer*. Rochester, NY: Bear & Company, 2016, p. 5.
- Harrison, Elizabeth. «9 Things You Didn't Know about the Declaration of Independence.» History.com, 4 de julho, 2012. <http://www.history.com/news/9-things-you-may-not-know-about-the-declaration-of-independence>.
- Healey, Denis, citado em <http://www.goodreads.com/quotes/40800world-events-do-not-occur-by-accident-they-are-made>. (Consultado a 4 de fevereiro, 2017.)
- Healthzombie, «Reality Check — America's Destiny, Part 6.» Calling Yisrael, 27 de outubro, 2012. <https://israelinprophecy.wordpress.com/2012/10/27/reality-check-america-as-destiny-part-6/>.
- Heiden, Konrad, *Der Fuehrer*. Boston: Houghton Mifflin Company, 1944.
- Heller, Steven. «The Secret History of Secret Societies.» *The Atlantic*, 26 de abril, 2012. <https://www.theatlantic.com/entertainment/archive/2012/04/the-secret-history-of-secret-societies/256392/>.
- Hill, Miriam Joan. «Everything Is Under Control: The Encyclopedia of Conspiracy Theories.» The Robert Anton Wilson Website. <http://www.rawilson.com/undercontrol.html>. (Consultado a 3 de março, 2017.)

Hitler, Adolf. *Mein Kampf*. Nova Iorque: Houghton Mifflin Company, 1940, p. 424.

«Hoodoo Dreams 10: Work Begins with Spirit Builders.» The Art of Stealing fire: Trickster as Magician. <https://theartofstealingfire.wordpress.com/2015/08/20/spirit-builders-the-work-begins/>. (Consultado a 9 de março, 2017.)

Horn, Arthur David. *Humanity's Extraterrestrial Origins*. Mount Shasta, CA: A & L Horn, 1994. p. 104.

Horowitz, Mitch. «The Illuminati Rules?: Sorry, Conspiracy Theorists, but "Secret Societies" Do Not Run the World.» *Salon*, 31 de janeiro, 2016. http://www.salon.com/2016/01/31/the_illuminati_rules_sorry_conspiracy_theorists_but_sec_not_run_the_world/.

«How the Pyramid Side of the Great Seal Got on the One-Dollar Bill in 1935.» Great-Seal.com. <http://greatseal.com/dollar/hawfdr.html>. (Consultado a 13 de outubro, 2016.)

«How to Join the Illuminati.» IlluminatiRex. <http://www.illuminatirex.com/join-illuminati/>. (Consultado a 9 de março, 2017.)

Hudson, David. «Superconductivity and Modern Alchemy: Has the Philosopher's Stone Been Found?» *SubtleEnergies*. <http://www.subtleenergies.com/ormus/presentations/Dallas1.htm>. (Consultado a 15 de outubro, 2016.)

«Hylan Takes Stand on National Issues.» *The New York Times*, 27 de março, 1922, p. 3.

«The Illuminati.» Promise of His Coming. <http://www.promiseofhiscoming.com/r134illuminati.htm>. (Consultado a 4 de março, 2017.)

«Illuminati Conspiracy Part One: A Precise Exegesis on the Available Evidence.» Conspiracy Archive. <http://www.conspiracyarchive.com/2014/01/29/illuminati-conspiracy-part-one/>. (Consultado a 1 de novembro, 2016.)

«The Illuminati-Freemason Connection.» Biblioteca Pleyades. http://www.bibliotecapleyades.net/sociopolitica/illuminati/svali2_04.htm. (Consultado a 12 de fevereiro, 2017.)

«The Illuminati: Subverting the Body Politic.» Meta Religion. <http://www.crossroad.to/articles2/2012/cuddy/illuminati-1.htm>. (Consultado a 8 de março, 2017.)

«The Illuminati Symbol, the Great Seal and the One Dollar Bill.» IlluminatiRex.com, 22 de abril, 2014. <http://www.illuminatirex.com/illuminati-symbol-great-seal-one-dollar-bill/>.

«The Illuminati — Triumph of Treachery.» Biblioteca Pleyades. <http://www.bibliotecapleyades.net/sociopolitica/signscorpion/signscorpion02.htm>. (Consultado a 5 de janeiro, 2017.)

Inquire Within, Light-Bearers of Darkness. TGS Publishing, 2006.

«The Ismaili Community.» The Ismaili. <http://www.theismaili.org/community>. (Consultado a 1 de março, 2017.)

«I Was in the Illuminati... Now I Am Telling All (Obama, Space Flights, Denver, Aliens).» AnonyMags, 24 de fevereiro, 2015. <http://www.anonymousmags.com/illuminatinow-telling-obamaspace-flights-denver-aliens/>.

Jason. «With Loving Greetings from All Souls at This Station, This Is Matthew.» Ashtar Command Tribe, 22 de abril, 2016. <http://www.ashtarcommandcrew.net/forum/topics/with-loving-greetings-from-all-souls-at-this-station-this-is>.

«Jedediah Morse and the Illuminati.» Grand Lodge of British Columbia and Yukon.

- <http://freemasonry.bcy.ca/anti-masonry/morse.html>. (Consultado a 20 de novembro, 2016.)
- «Jefferson on Weishaupt.» Grand Lodge of British Columbia and Yukon. <http://freemasonry.bcy.ca/anti-masonry/jefferson.html>. (Consultado a 2 de março, 2017.)
- «Jewish Attitudes toward Non-Jews.» Judaism 101. <http://www.jewfaq.org/gentiles.htm>. (Consultado a 8 de março, 2017.)
- Jiang, Peter & Jenny Li, «Scientists Confirm Extraterrestrial Genes in Human DNA.» *The Canadian*, 26 de janeiro, 2007. <http://www.agoracosmopolitan.com/home/Frontpage/2007/01/26/01340.html>.
- Johannsen, R. W., (ed.) *The Lincoln-Douglas Debates of 1858*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1965.
- «John F. Kennedy Speeches: The President and the Press: Address before the American Newspaper Publishers Association, April 27, 1961.» John F. Kennedy Presidential Library and Museum. https://www.jfklibrary.org/Research/Research-Aids/JFK-Speeches/American-Newspaper-Publishers-Association_19610427.aspx. (Consultado a 3 de janeiro, 2017.)
- Jones, E. Michael. *The Jewish Revolutionary Spirit and Its Impact on World History*. South Bend, IN: Fidelity Press, 2008, p. 255.
- . *Libido Dominandi: Sexual Liberation & Political Control*. South Bend, IN: St. Augustine's Press, 1999, pp. 11-12.
- «Justifications for War against Iraq.» Mt. Holyoke. <https://www.mtholyoke.edu/acad/intrel/bush/iraqjust.htm>. (Consultado a 22 de fevereiro, 2017.)
- Kakutani, Michiko, «It's a Plot! No It's Not: A Debunking.» *New York Times*. 15 de fevereiro, 2010.
- Kant, Immanuel. «What Is Enlightenment?» Columbia University Sources of Medieval History. <http://www.columbia.edu/acis/ets/CCREAD/etscc/kant.html>. (Consultado a 15 de dezembro, 2016.)
- Kaplan, Karen. «DNA Ties Ashkenazi Jews to Group of Just 330 People from Middle Ages.» *Los Angeles Times*, 9 de setembro, 2014. <http://www.latimes.com/science/sciencenow/la-sci-sn-ashkenazi-jews-dna-diseases-20140909-story.html>.
- «Karl Marx — Evil's Idol.» Biblioteca Pleyades. <http://www.bibliotecapleyades.net/sociopolitica/signscorpion/signscorpion03.htm>. (Consultado a 8 de março, 2017.)
- Katz, Jacob. *Jews and Freemasonry in Europe*. Boston: Harvard Press, 1970, p. 246. <https://historyofconspiracy.wordpress.com/2011/10/19/1782congress-of-wilhelmsbad/>.
- Kirchubel, Michael A. *Vile Acts of Evil, Volume 1: Banking in America*. CreateSpace, 2009, pp. 101-102.
- Kiyosaki, Robert. «Illuminati History in 6 Minutes.» *The Financial Armageddon*. (Consultado a 13 de janeiro, 2017.)
- Knight, Christopher. *The Hiram Key*. Nova Iorque: Barnes & Noble, 1998, p. 240.
- Koestler, Arthur. *The Thirteenth Tribe: The Khazar Empire and Its Heritage*. Nova Iorque: Random House, 1976, p. 136.
- Langer, Walter C. *The Mind of Adolf Hitler: The Secret Wartime Report*. Nova Iorque, Londres: Basic Books, 1972.

- Lett, Donald G. Jr. *Phoenix Rising: The Rise and Fall of the American Republic*. Bloomington, IN: Authorhouse, 2008.
- Levenda, Peter, *Unholy Alliance*. Nova Iorque: Avon Books, 1995.
- Levy, Joel. *The Little Book of Secret Societies: 50 of the World's Most Notorious Organizations and How to Join Them*. Nova Iorque: Metro Books, 2012, p. 15.
- Livingston, David. «The Shabbatean Frankists.» Conspiracy School. <http://www.conspiracyschool.com/illuminati>. (Consultado a 22 de outubro, 2016.)
- Luchet, Jean-Pierre-Louis de. *Essai sur la secte des illuminés*. [França], 1789.
- Luckert, Steven. *Jesuits, Freemasons, Illuminati, and Jacobins: Conspiracy Theories, Secret Societies, and Politics in Late Eighteenth-Century Germany*. Binghamton, NY: State University of Nova Iorque, 1993.
- Lukas, J. Anthony. «The Council on Foreign Relations—Is It a Club? Seminar? Presidium? “Invisible Government”?» *New York Times Magazine*, 21 de novembro, 1971, p. 125.
- Mackey, Albert G., «Comte de Virieu: 1782 Congress of Wilhelmsbad, The Illuminati-Masonic Alliance.» *History of Conspiracy*, 19 de outubro, 2011.
- . *Encyclopedia of Freemasonry*. Richmond, VA: Macoy Publishing, 1966, p. 1099.
- . *The History of Freemasonry*. Nova Iorque: Gramercy Books, 1996, p. 236.
- Mackey, Albert Gallatin, Edward L. Hawkins & William James Hughan, *An Encyclopedia of Freemasonry and Its Kindred Sciences, Volume 2*. Nova Iorque: The Masonic History Company, 1919.
- Makow, Henry. «Illuminati Defector Details Pervasive Conspiracy.» HenryMakow.com. 14 de outubro, 2002. <http://www.henrymakow.com/141002.html>.
- . «The Illuminati: The Cult That Hijacked the World.» AntiMatrix. http://antimatrix.org/Convert/Books/Henry_Makow/Henry_Makow_Illuminati_The_Cult_that (Consultado a 14 de novembro, 2016.)
- . «Independent Historian Unveils Cabalist Conspiracy.» HenryMakow.com, 1 de setembro, 2007. <http://www.henrymakow.com/002159.html>.
- . «Jacob Schiff Ordered Czar and Family Murdered.» HenryMakow.com, 9 de julho, 2011. http://www.henrymakow.com/jacob_schiff_ordered_murder_of.html.
- . «Meditation on “The Jewish Revolutionary Spirit” by E. Michael Jones.» HenryMakow.com, 27 de junho, 2008. http://www.henrymakow.com/meditations_on_the_jewish_revo.html.
- . «USSR—Illuminati Experiment Was “Social Catastrophe.”» HenryMakow.com, 20 de maio, 2009. http://www.henrymakow.com/ussr_-_a_social_catastrophe_bu.html#sthash.55ig3ICF.dpuf.
- . «Was Hitler an Illuminati Agent?» HenryMakow.com, 12 de janeiro, 2016. <http://henrymakow.com/001399.html>.
- . «Were Illuminati Jews behind the Nazis?» HenryMakow.com, 4 de março, 2015. http://henrymakow.com/were_illuminati_jews_responsib.html.
- Marchetti, Victor & John D. Marks. *The CIA and the Cult of Intelligence*. Nova Iorque: Dell Publishing, 1974, p. 267.
- Marrs, Jim. «All Roads Lead to Sumer.» <http://astroeth.atspace.org/digitalsea/web/all-roads-lead-to-sumer.html>. (Consultado a 1 de março, 2017.)
- . *Circle of Intrigue*. Austin, TX: Living Truth Publishers, 1995.
- . *Dark Majesty*. Austin, TX: Living Truth Publishers, 1992, p. 101.

- . «Illuminati Mystery Babylon.» Power of Prophecy. http://www.texemarrs.com/082003/illuminati_mystery_babylon.htm. (Consultado a 22 de janeiro, 2017.)
- . «The Murder of America.» Power of Prophecy, 1 de agosto, 2006. http://www.texemarrs.com/082006/murder_of_america.htm. (Consultado a 17 de novembro, 2016).
- Maxwell, Jordan. *Matrix of Power: How the World Has Been Controlled by Powerful People without Your Knowledge*. Escondido, CA: The Book Tree, 2000.
- «Maxwell Taylor: "Write Off a Billion."» *Executive Intelligence Review*, 22 de setembro, 1981, p. 56.
- Mazza, Ed. «John Oliver Exposes the Dark Illuminati Conspiracy behind Cadbury Cream Eggs.» *The Huffington Post*, 29 de março, 2016. http://www.huffingtonpost.com/entry/john-oliver-cadbury-creme-eggsilluminati_us_56f8caaee4b0a372181a4474.
- McIlhany, William, «A Primer on the Illuminati.» *The New American*. 12 de junho, 2009. <http://www.thenewamerican.com/culture/history/item/4660-a-primer-on-the-illuminati>.
- McKeown, Trevor. «A Bavarian Illuminati Primer.» Grand Lodge of British Columbia and Yukon. <http://Freemasonry.bcy.ca/texts/illuminati.html>. (Consultado a 1 de março, 2017.)
- «Meaning of Numbers in the Bible: The Number 13.» BibleStudy.org. <http://www.biblestudy.org/bibleref/meaning-of-numbers-in-bible/13.html>. (Consultado a 7 de janeiro, 2017.)
- Melanson, Terry. «Albert Pike to Mazzini, August 15, 1871: Three World Wars?» Conspiracy Archive, 10 de janeiro, 2015. <http://www.conspiracyarchive.com/2015/01/10/albert-pike-to-mazziniaugust-15-1871-three-world-wars/>.
- . «Masonic Congress of Wilhelmsbad.» Conspiracy Archive, 11 de agosto, 2008. <http://www.conspiracyarchive.com/2015/07/06/masonic-congress-of-wilhelmsbad/>.
- . «Owl of Wisdom: Illuminati, Bohemian Club, Schlaraffia, James Gordon Bennet Jr.» Conspiracy Archive, 18 de abril, 2015. <http://www.conspiracyarchive.com/2015/04/18/owl-of-wisdom-illuminati-bohemian-club-schlaraffia-james-gordon-bennett-jr/>.
- . *Perfectibilists: The 18th Century Bavarian Order of the Illuminati*. Waltherville, OR: Trine Day, 2009.
- Meyer, Edgar & Thomas Mehner. *Das Geheimnis der deutschen Atombombe*. Rottenburg, Alemanha: Kopp Verlag, 2001, p. 122.
- Michel, Jean. *Dora: The Nazi Concentration Camp Where Space Technology Was Born and 30,000 Prisoners Died*. Nova Iorque: Holt, Rinehart and Winston, 1980, pp. 290, 296-297.
- Miller, Edith Starr (com o pseudônimo Lady Edith Queenborough). *Occult Theocracy* [publicação póstuma], 1933.
- Moe, «The Illuminati Hand Sign of the Pyramid.» *Gnostic Warrior*, 9 de junho, 2015. <http://gnosticwarrior.com/illuminati-hand-sign.html>.
- Molinet, Jason. «Worldwide "Cabal" of Leaders Is Covering Up Aliens: Pol.» *New York Daily News*, 23 de abril, 2015. <http://www.nydailynews.com/news/world/world-wide-cabal-leaderscovering-aliens-pol-article-1.2195513>.
- Morris, Wayne, «Cisco Wheeler Interview.» The Forbidden Knowledge. http://www.the-forbiddenknowledge.com/hardtruth/cisco_wheeler_interview.htm. (Consultado a 24 de fevereiro, 2017.)
- Moscow, Alvin. *The Rockefeller Inheritance*. Garden City, NY: Doubleday & Company, 1977,

p. 225.

Müller, W., G. Haffelder, A. Schlotmann, A. T. Schaefer & G. Teuchert-Noodt. «Amelioration of Psychiatric Symptoms through Exposure to Music Individually Adapted to Brain Rhythm Disorders — A Randomised Clinical Trial on the Basis of Fundamental Research.» *Cognitive Neuropsychiatry*, 2014, 19(5): 399-413. <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24460405>.

Myers, Gustavus. *History of the Great American Fortunes*. Nova Iorque: Random House, 1936.

Nataf, Andre. *The Wordsworth Dictionary of the Occult*. Hertfordshire, R. U.: Wordsworth Reference, 1994, p. 37.

Oglesby, Carl. *The Yankee and Cowboy War*. <http://educationforum.ipbhost.com/index.php?showtopic=22107>. (Consultado a 23 de outubro, 2016.)

Penre, Wes. «Dialogue with “Hidden Hand,” Self-proclaimed Illuminati Insider.» *Illuminati News*. 27 de dezembro, 2008. <http://illuminati-news.com/00363.html>.

«The Philosopher’s Stone.» *Library of Alexandria*. <http://www.halexandria.org/dward483.htm>. (Consultado a 3 de dezembro, 2016.)

Picknett, Lynn & Clive Prince. *The Templar Revelation*. Nova Iorque: Touchstone, 1997, p. 142.

Pike, Albert. «Instructions to the 23 Supreme Councils of the World», as recorded by Abel Clarin de La Rive. *La Femme et l’Enfant dans la Franc-maçonnerie Universelle*. 1894, p. 588.

———. *Morals and Dogma of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry*, Washington, D. C.: The Roberts Publishing Company, 1871, pp. 839-840.

Poisuo, Pauli & M. Asher Cantrell. «5 Ridiculous Origins of Famous Urban Legends.» *Cracked*, 2 de maio, 2012. http://www.cracked.com/article_19800_5-ridiculous-origins-famous-urban-legends_p2.html.

«Prologue: Genesis.» *Mars-Earth Connection*. <http://www.mars-earth.com/12planet.htm>. (Consultado a 15 de fevereiro, 2017.)

The Protocols as Historic Truth: Konrad Heiden, Der Fuehrer. Boston: Houghton Mifflin Company, 1944.

Protocols of the Learned Elders of Zion, publicação original, 1903, CreateSpace Independent Publishing Platform, 2014.

Prouty, L. Fletcher. *The Secret Team: The CIA and Its Allies in Control of the United States and the World*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1973, pp. 2-3.

«Putin: First Soviet Government Was Mostly Jewish.» *Times of Israel*, 19 de junho, 2013. <http://www.timesofisrael.com/putin-first-sovietgovernment-was-mostly-jewish/>.

Quigley, Carroll. *Tragedy and Hope: A History of the World in Our Time*. Nova Iorque: MacMillan, 1966, p. 290.

Ravenscroft, Trevor. *The Spear of Destiny*. York Beach, MA: Samuel Weiser, Inc., 1973.

Reed, Douglas. *The Controversy of Zion*. Torrance, CA: The Noontide Press, 1985, p. 163.

Reizer, John. «The Big Picture: Who or What Really Controls This Planet?» *NoFakeNews.net*, 17 de julho, 2013. <https://nofake-news.net/2013/07/17/the-big-picture-who-or-what-really-controlsthis-planet/>.

Reynolds, John Lawrence. *Secret Societies: Their Mysteries Revealed*. Chichester, West Sussex: Summersdale Publishers, 2006, p. 61.

- Rivera, David Allen. *Final Warning: A History of the New World Order*. Oakland, CA: IntelliBooks Publishing, 2004, pp. 36-37.
- Robison, John. *Proofs of a Conspiracy Against All the Religions and Governments of Europe*. Nova Iorque: George Forman, 1798.
- Rose, Mark. «Interviews: A Conversation with Matthew F. Bogdanos.» Archaeology Archive, 16 de outubro, 2003. <http://archive.archaeology.org/online/interviews/bogdanos/>.
- Rosenbaum, Ron. «The Last Secrets of Skull and Bones.» *Esquire* (setembro, 1977), pp. 87-88.
- Ryan, Bill, «Welcome to Project Avalon.» Project Avalon, 29 de janeiro, 2017. <http://www.projectavalon.net/>. (Consultado a 4 de fevereiro, 2017.)
- Sachar, Howard. *A History of the Jews in America*. Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1992, p. 92.
- Salla, Michael E. «Antarctica's Secret History — Extraterrestrial Colony Created Elite Bloodline Rulers.» Exopolitics.org, 1 de março, 2017. <http://exopolitics.org/author/dr-michael-salla/>.
- Schoenman, Ralph. «The Hidden History of Zionism.» Reds-Die Roten. <http://www.marxists.de/middleast/schoenman/ch06.htm>. (Consultado a 4 de março, 2017.)
- Sepher, Robert. *Redemption through Sin*. Encino, CA: Atlantean Gardens, 2015, p. 15.
- Shearer, S. R., «The Origins of the Illuminist Myth: The Fabrication of the Protocols of the Learned Elders of Zion.» Antipas Ministries. <http://www.antipasministries.com/html/file0000130.htm>. (Consultado a 13 de fevereiro, 2017.)
- Silver Bear, Johnny. «The Illuminati and the House of Rothschild.» Red Ice Creations, 23 de agosto, 2005. <http://www.redicecreations.com/specialreports/2005/08aug/redshield.html>.
- Sitchin, Zecharia Sitchin. *The 12th Planet*. Nova Iorque: Avon Books, 1976, p. 381.
- Sklar, Dusty. *The Nazi's and the Occult*. Nova Iorque: Thomas Y. Crowell Company, 1977.
- Smith, Sally Bedell. «Empire of the Sons.» *Vanity Fair*, janeiro, 1997, p. 102.
- Speer, Albert. *Infiltration: How Heinrich Himmler Schemed to Build an SS Industrial Empire*. Nova Iorque: Macmillan, 1981, pp. 207-208.
- Spencer, John (ed.). *The UFO Encyclopedia*. Nova Iorque: Avon Books, 1991, p. 103.
- Springmeier, Fritz. *Bloodlines of the Illuminati*. Austin, TX: Ambassador House, 2002.
- Stamp, Jimmy, «American Myths: Benjamin Franklin's Turkey and the Presidential Seal.» Smithsonian.com, 25 de janeiro, 2013. <http://www.smithsonianmag.com/artsculture/american-myths-benjamin-franklins-turkey-and-the-presidential-seal-6623414/?no-ist>.
- Stauffer, Vernon L. «The European Illuminati.» Grand Lodge of British Columbia and Yukon. <http://freemasonry.bcy.ca/anti-masonry/stauffer.html>. (Consultado a 15 de novembro, 2016.)
- . «The European Order of the Illuminati.» Conspiracy Archive. http://www.conspiracyarchive.com/NWO/Stauffer_Illuminati.htm. (Consultado a 16 de novembro, 2016.)
- . *New England and the Bavarian Illuminati*. Nova Iorque: Columbia University: 1918.
- Still, William T. *New World Order: The Ancient Plan of Secret Societies*. Lafayette, LA: Huntington House Publishers, 1990, p. 108.
- Sullivan, Martin E. «Martin Sullivan's Letter of Resignation as Chairman of the President's Advisory Committee on Cultural Property.» *Washington Report on Middle East Affairs*, 14

- de abril, 2002. <http://www.wrmea.org/2003-june/letter-of-resignation.html>.
- Sutton, Anthony C. *America's Secret Establishment: An Introduction to the Order of Skull & Bones*. Billings, MT: Liberty House Press, 1986.
- Sutton, William Josiah. *The Illuminati 666*. Brushton, NY: TEACH Services, 1983.
- Swift, Art. «Majority in U.S. Still Believe JFK Killed in a Conspiracy.» *Gallup*, 15 de novembro, 2013. <http://www.gallup.com/poll/165893/majority-believe-jfk-killed-conspiracy.aspx>.
- Szymanski, Greg. «Kay Griggs, Former Marine Colonel's Wife, Talks Again about Military Assassin Squads, Drug Running, Illegal Weapon Deals and Sexual Perversion Deep within the Highest Levels of U.S. Military and Government.» *Arctic Beacon*, 25 de julho, 2005. <http://www.arcticbeacon.com/articles/25-Jul-2005.html>. (Consultado a 15 de janeiro, 2017.)
- «“Torture”: A Creepy Video about the Jacksons Being Subjected to Mind Control.» *The Vigilant Citizen*, 23 de fevereiro, 2016. <http://vigilantcitizen.com/musicbusiness/torture-creepy-video-jacksons-subjected-trauma-based-mind-control/>.
- Tsarion, Michael. *The Irish Origins of Civilization*. <http://www.irishoriginsofcivilization.com/>. (Consultado a 6 de março, 2017.)
- Vesco, Renato & David Hatcher Childress. *Man-Made UFOs: 1944-1994 50 Years of Suppression*. Kempton, IL: Adventures Unlimited Press, 1994, p. 225.
- Vey, Gary, «It Hertz So Bad: Are We All Listening to Nazi-engineered Music?» *View-zone*, 2014. <http://www.viewzone.com/432hertz.html>. (Consultado a 4 de março, 2017.)
- Von Ward, Paul. *We Have Never Been Alone*. Charlottesville, VA: Hampton Roads Publishing Company, 2011, p. 285.
- Waite, Arthur Edward. *A New Encyclopedia of Freemasonry*. Nova Iorque: Wings Books, 1996, p. 386.
- Warburg, James Paul. [Depoimento perante a Comissão do Senado dos EUA para as Relações Exteriores.] 17 de fevereiro, 1950.
- Washington, George. *The Writings of George Washington, Volume 14: 1798-1799*. Nova Iorque: G. P. Putman's Sons, 1893.
- Weber, Mark. «The Jewish Role in the Bolshevik Revolution and Russia's Early Soviet Regime.» *Institute for Historical Review*. http://www.ihr.org/jhr/v14/v14n1p-4_Weber.html. (Consultado a 3 de fevereiro, 2017.)
- Webster, Nesta H. *Secret Societies and Subversive Movements*. Palmdale, CA: Omni Publications, 1924, p. iv.
- . *World Revolution: The Plot against Civilization*. Boston: Small, Maynard & Company, 1921, p. 37.
- «Who Are the Illuminati and What Do They Control?» *The Week*, 7 de julho, 2016. <http://www.theweek.co.uk/62399/who-arethe-illuminati-and-do-they-control-the-music-industry>.
- «Who Was Albert Pike?» *Three World Wars*. <http://www.threeworldwars.com/albert-pike2.htm>. (Consultado a 3 de dezembro, 2016.)
- Wilcock, David. «Financial Tyranny: Defeating the Greatest Cover-Up of All Time.» *Divine Cosmos*, 13 de janeiro, 2012. <http://www.divinecosmos.com/start-here/davids-blog/1023-financial-tyranny?start=1>.
- . «Major Event: Liens Filed against All 12 Federal Reserve Banks.» *Divine Cosmos*, 13 de abril, 2012. <http://www.divinecosmos.com/start-here/davids-blog/1047-liens>.

- Wildie, Duane L. *Government: A Christian's Civic Responsibility*. Bloomington, IN: Westbow Press, 2014.
- Wilmshurst, Walter Leslie. *The Meaning of Masonry*. Nova Iorque: Bell Publishing Company, 1980, p. 173.
- Wilson, Derek Wilson. *Rothschild: The Wealth and Power of a Dynasty*. Nova Iorque: Charles Schribner's Sons, 1988, p. 11.
- Wilson, Robert Anton. *Cosmic Trigger: Final Secret of the Illuminati*. Nova Iorque: Pocket Books, 1977, pp. xvi-xvii.
- Winrod, Gerald B. *Adam Weishaupt — A Human Devil*. Wichita, KS: Defender Publishers, 1935, p. 9.
- «Winston Churchill on Rosa Luxemburg, Jews and “The Worldwide Conspiracy for the Overthrow of Civilization.”» Rosaluxemburgblog, 23 de julho, 2012. <https://rosaluxemburgblog.wordpress.com/2012/07/23/churchill-on-rosa-luxemburg-2/>.
- Wisse, Ruth. «Was Lenin Jewish?» My Jewish Learning. <http://www.myjewishlearning.com/article/was-lenin-jewish/>. (Consultado a 4 de março, 2017.)
- Witkowski, Igor. *Truth about the Wunderwaffe*. Varsóvia: European History Press, 2003, p. 184.
- Wurmbrand, Richard. *Marx & Satan*. Crossway Books, 1986.
- Zagami, Leo Lyon. *Confessions of an Illuminati*. San Francisco, CA: Consortium of Collective Consciousness Publishing, 2016.
- . «Confessions of an Illuminati.» Just Energy Radio, 24 de dezembro, 2015. <http://justenergyradio.com/confessions-illuminatileo-lyon-zagami/>.